

# iscte



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Museus de favela e dinheiro são “palavras rivais”? Dinâmicas do financiamento para projetos comunitários no período de 2015 a 2019**

Márcia Regina Lopes

Doutoramento em Estudos Urbanos

Orientadoras:

Dra. Teresa Maria Madeira da Silva, Professora Associada do  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Ista  
Instituto Universitário de Lisboa – Iscte

Dra. Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta, Professora do  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – Iesp  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

dezembro, 2021

# iscte



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Museus de favela e dinheiro são “palavras rivais”? Dinâmicas do financiamento para projetos comunitários no período de 2015 a 2019**

Márcia Regina Lopes

Doutoramento em Estudos Urbanos

Júri:

Dra. Teresa Costa Pinto, Professora Associada, Instituto  
Universitário de Lisboa (Presidente)

Dr. Paulo Peixoto, Professor Associado com Agregação,  
Universidade de Coimbra

Dr. Octávio Ribeiro Raposo, Professor Auxiliar Convidado,  
Instituto Universitário de Lisboa

Dr. Luís Vicente Baptista, Professor Catedrático, Universidade  
Nova de Lisboa

Dra. Eugênia Motta, Professora Associada, Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro

dezembro, 2021

*Para Maitê, na esperança de um mundo melhor.*



## **Agradecimento**

Agradeço à minha família por suas preciosas lições de vida. Agradeço principalmente a minhas irmãs Daniella e Dayana. Sejam as três Marias.

Agradeço à Josie, ao Júnior, ao Calebe, ao Matt, à Ariane por estarem onde era necessário quando eu mais precisei. Vocês, em diferentes épocas, por alguma estranha razão ficam quando todos desaparecem. Eu quero registrar isso, como uma forma de monitoramento da amizade. O certificado da amizade pra vocês.

No trabalho, tanta gente a agradecer: Sol, Paty, Henrique, Márcia, Marayane, Fabi, Vivi, Ivy, Sônia, Thiago, Daniela, Sandra, Nívea. Eu agradeço pelo incentivo.

Agradeço ao suporte institucional de inúmeras bibliotecas, do Iscte, do Iesp-UERJ, da Clac-UFRJ, do Peses-UnB, e, principalmente, ao suporte do Ibram, sem o qual esta pesquisa não seria possível.

Agradeço por todos os participantes desse estudo por compartilharem um pouco da sua bagagem comigo. Eu os tenho como heroínas e heróis.

Seria impossível transitar na cidade do Rio de Janeiro sem a solidariedade irreverente dos cariocas. Torço por dias melhores sempre para a cidade de paisagens espetaculares.

Por fim, agradeço a minhas orientadoras, Teresa e Eugênia. Duas grandes intelectuais. Tive muita sorte.

## Resumo

O Programa Cultura Viva (PCV) e o Programa Pontos de Memória (PPM) objetivam democratizar os direitos culturais. Primeiramente, buscou-se saber como as equipes dos museus de favela avaliaram os programas e saber sua importância para a viabilidade e sustentabilidade dos museus no período 2015-2019. Em segundo lugar, buscou-se saber como foi o desempenho dos programas durante esses cinco anos. Análises de documentos, de dados estatísticos e orçamentários, da literatura que tangencia o objeto de estudo bem como das entrevistas e observações integraram o arcabouço teórico-metodológico para sistematizar as conclusões. Um dos principais achados sobre os programas foi suas transformações em políticas públicas de Estado. O PPM representou reais ganhos principalmente simbólicos para comunidades não representadas, como moradores de favela, e comunidades mal representadas, como as populações indígenas, nos museus tradicionais. Mas, os programas sofreram considerável desvalorização no período, assim como sofreram o Ministério da Cultura (MinC) e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Ainda que gestores tivessem apontado que recursos dos programas foram estratégicos para a criação dos museus, estes vivem graças às suas próprias características sinérgicas como as parcerias e a atuação em rede revelam. Os apoios federais importantes principalmente antes de 2015 nunca chegaram a ser suficientes. No período estudado, o principal interlocutor contou no nível federal com recursos de emendas parlamentares individuais, pois o teto dos gastos públicos inviabilizou editais de fomento. Editais de outras esferas de governo e doações internacionais foram os apoios mais relevantes no período de 2015 a 2019.

Palavras-chave: museus de favela, financiamento, Programa Cultura Viva, Programa Pontos de Memória, memória social, arquivos.



## **Abstract**

The Living Culture Program (PCV) and the Memory Spots Program (PPM) aim to democratize cultural rights. Firstly, this study sought to know how the teams of favela museums evaluated the programs and their importance for the viability and sustainability of museums in the years 2015-2019. Secondly, it sought to know how the programs performed during these five years. Analysis of documents, statistical and budget data, literature that touches the object of study, as well as interviews and observations, were part of the theoretical-methodological framework to systematize the conclusions. One of the main findings about the programs was their transformations into State public policies. The PPM represented mainly symbolic gains for unrepresented communities, such as favela dwellers, and poorly represented communities, such as indigenous populations, in traditional museums. However, the programs suffered considerable devaluation during this years, as did the Ministry of Culture (MinC) and the Brazilian Institute of Museums (Ibram). Although museum managers had pointed out that the PCV resources were strategic for the creation of museums, they live thanks to their own synergistic characteristics, as partnerships and networking reveal. Important federal support, even before 2015 was never sufficient. During the time of this study, the main interlocutor obtained from the federal government resources coming from individual parliamentary amendments, as the ceiling on public spending made calls for funding unfeasible. Funding opportunities from other spheres of government and international donations were the most relevant sources of financial support from 2015 to 2019.

Key-words: favela museums, funding, Living Culture Program, Memory Spots Program, social memory, archives.

## **Índice**



Agradecimento.....	iii
Resumo.....	v
Abstract .....	vii
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 – QUATRO VARIAÇÕES EM TORNO DOS MUSEUS AFILIADOS À NOVA MUSEOLOGIA E À MUSEOLOGIA SOCIAL .....	18
1.1 Introdução.....	19
1.2 Iniciativas afiliadas à Museologia Social nos editais do Prêmio Pontos de Memória.....	19
1.2.1 “Do objeto” .....	21
1.2.2 “Das condições para participação” .....	24
1.2.3 “Das condições para participação” e “Da etapa de avaliação e seleção” .....	29
1.2.4 As listas de selecionados .....	35
1.2.5 O valor do prêmio .....	39
1.2.6 Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social e outros atores.....	42
1.3 Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social em números.....	45
1.3.1 Organizações da sociedade civil e o financiamento público .....	50
1.3.2 Qual a participação do financiamento público? .....	56
1.4 Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social no pensamento museológico.....	63
1.4.1 A apropriação de conceitos da Nova Museologia e Museologia Social na América Latina ..	65
1.5 Os museus para membros das equipes.....	79
1.5.1 O Museu da Maré segundo as entrevistas com a equipe.....	82
1.5.2 O Museu das Remoções segundo Nice .....	90
1.5.3 O Museu de Favela na fala do núcleo de turismo .....	97
1.6 Conclusão .....	102
CAPÍTULO 2 – O PAPEL DAS PARCERIAS COM PESQUISADORES NA VIABILIDADE DOS MUSEUS DE FAVELA – UM EXAME BIBLIOMÉTRICO .....	107
2.1 Introdução.....	107
2.2 Uma análise bibliométrica da literatura produzida no período 2006 a 2019.....	113
2.3 Museu da Maré: do que fala a literatura?.....	128
2.4 O que diz a literatura do Museu da Maré sobre parcerias e redes com pesquisadores .....	130
2.5 Museu das Remoções: do que fala a literatura? .....	135
2.6 O que diz a literatura do Museu das Remoções sobre parcerias e redes com pesquisadores.....	137
2.7 Museu de Favela: do que fala a literatura? .....	140
2.8 O que diz a literatura do Museu de Favela sobre parcerias e redes com pesquisadores.....	142
2.9 Conclusão .....	146
CAPÍTULO 3 – MUSEUS DE FAVELA E DINHEIRO SÃO “PALAVRAS RIVAIS”: DINÂMICAS DO FINANCIAMENTO PÚBLICO FEDERAL PARA PROJETOS COMUNITÁRIOS NO PERÍODO DE 2015 A 2019 .....	152
3.1 Introdução.....	152
3.2 Quanto os museus receberam no período 2015 a 2019? .....	154
3.3 Repasses para OSCs no período 2015 a 2019.....	155
3.4 Repasses da pasta da cultura no período de 2015 a 2019 .....	161
3.5 Os relatórios de monitoramento do PNC e o PCV: o baixo desempenho da Meta 23 e da Ação 21G5 ..	163
3.6 Os relatórios de gestão do Ibram dos anos 2015 a 2019: os cortes de orçamento e a falta de editais para o PPM .....	171
3.7 Como os gestores dos museus avaliam a importância desses recursos para a execução das suas programações? .....	177
3.8 “Dinheiro” e “edital” na fala da equipe do Museu da Maré .....	178

3.9	“Dinheiro” na fala de Nice.....	199
3.10	“Dinheiro” na fala de Erato do Museu de Favela .....	207
3.11	Como os especialistas avaliam os programas PCV e PPM no período 2015-2019?.....	214
3.12	Houve mudanças nas exigências e requisitos dos mecanismos de apoio direto? .....	221
3.13	Conclusão .....	226
CAPÍTULO 4 – AS NOTÍCIAS DISSERAM QUE O INCÊNDIO NO MUSEU NACIONAL QUASE LEVOU O IBRAM ÀS CINZAS. MAS DIZER SÓ ISSO NÃO É SUFICIENTE. ....		231
4.1	Introdução.....	231
4.2	Que mídias mais publicaram sobre o Ibram no período de 2015 a 2019 .....	233
4.3	O Ibram na mídia em 2015.....	241
4.4	O Ibram na mídia em 2016.....	245
4.5	O Ibram na mídia em 2017.....	248
4.6	O Ibram na mídia em 2018.....	252
4.7	O Ibram na mídia em 2019.....	267
4.8	Há relação entre o retrato apresentado pelas notícias para o Ibram e a real atuação do alto escalão do Ibram, dos ministros e secretários especiais de cultura e daqueles que passaram pela presidência da república? .....	275
4.9	Conclusão .....	281
CONCLUSÃO .....		284
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		294
ANEXOS.....		<b>ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.</b>
7.1	Fichas catalográficas com o GSRank 200 do Museu da Maré .....	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
7.2	Fichas catalográficas com o GSRank 200 do Museu das Remoções.....	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
7.3	Fichas catalográficas com o GSRank 200 do Museu de Favela.....	<b>Error! Bookmark not defined.</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - O objeto nos editais do PPM .....	21
Tabela 2 - Categorização de grupos identitários nos editais do PPM.....	25
Tabela 3 - Categorias definidas nos editais da premiação do PPM .....	29
Tabela 4 - Critérios de seleção e pontuação dos editais do PPM.....	31
Tabela 5 - Distribuição dos museus na região Sudeste (estados e capitais).....	44
Tabela 6 - Distribuição dos museus no estado do Rio de Janeiro segundo a natureza jurídica .....	48
Tabela 7 - Distribuição dos museus na cidade do Rio de Janeiro segundo a natureza jurídica.....	48
Tabela 8 - Quadro comparativo características físico-espaciais das autourbanizações e sua relação com as remoções e obras de infraestrutura .....	79
Tabela 12 – Total de recursos federais captados pelo Ceasm no período 2015-2019 .....	154

## Índice de Figuras

Figura 1 - Investimentos no setor museal comparado ao orçamento da premiação do PPM (2011-2016) .....	40
Figura 2 - Distribuição das OSCs na região Sudeste .....	52
Figura 3 - Distribuição das OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 1980-2018 .....	53
Figura 4 - Quantidade de OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 2018 .....	54
Figura 5 - Distribuição das OSCs por área de atuação na cidade do Rio de Janeiro .....	55
Figura 6 - Origem dos recursos das OSCs no estado do Rio de Janeiro - 2015-2018 .....	57
Figura 7 - Origem dos recursos das OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 2015-2018 .....	58
Figura 8 - Transferências federais para OSCs no estado do Rio de Janeiro - 2015-2018 .....	59
Figura 9 - Transferências federais para OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 2015-2018 .....	60
Figura 10 - Valor total e valor captado por projetos das OSCs no país - 2015-2019 .....	61
Figura 11 - Interface de pesquisa do Publish or Perish .....	108
Figura 12 – Ficha catalográfica .....	112
Figura 13 - A produção bibliográfica do GSRank 200 dos três museus no período 2006-2019 .....	114
Figura 14 – Distribuição dos registros por ano - 2006-2019 .....	115
Figura 15 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2006-2009 .....	118
Figura 16 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2010-2013 .....	119
Figura 17 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2014-2017 .....	120
Figura 18 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2018-2019 .....	121
Figura 19 - A produção bibliográfica do Museu das Remoções por tipologia documental no período 2016-2019 .....	123
Figura 20 - A produção bibliográfica do Museu de Favela por tipologia documental no período 2008-2011 .....	125
Figura 21 - A produção bibliográfica do Museu de Favela por tipologia documental no período 2012-2015 .....	126
Figura 22 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2016-2019 .....	127
Figura 23 - Repasses de todos os ministérios para OSCs no período 2016-2019 .....	157
Figura 24 - Repasses para OSCs através do convênio - 2015-2019 .....	158
Figura 25 – Repasses para OSCs através de termo de fomento no período de 2015 a 2019 .....	159
Figura 26 - Repasses da pasta da cultura para OSCs - 2015 a 2019 .....	162
Figura 27 - Ação 215G de acordo com o ciclo orçamentário e os estágios da despesa no período de 2016 a 2019 .....	166
Figura 28 - Ciclo orçamentário das ações do MinC voltadas para os pontos de cultura - PPA 2004-2007 a PPA 2016-2019 .....	168
Figura 29 - Ciclo orçamentário da ação 20ZF (MinC) - PPA 2012-2015 a PPA 2016-2019 .....	170
Figura 30 - Ação 20ZF de acordo com os estágios da despesa no período de 2015 a 2019 .....	175
Figura 31 - Panfleto do Ibram .....	185

## Glossário de siglas

Aba	Associação Brasileira de Antropologia
Abong	Associação Brasileira de ONGs
Abram	Agência Brasileira de Museus
Abremc	Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários
AECID	Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento
Ancine	Agência Nacional do Cinema
BRT	Ônibus de Transporte Rápido
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cempre	Cadastro Central de Empresas
CNAE 2.0	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNM	Cadastro Nacional de Museus
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
Comuse	Coordenação de Museologia Social e Educação
Concla	Comissão Nacional de Classificação
DAS	Direção e Assessoramento Superior
Demu	Departamento de Museus e Centros Culturais
Desemec	Departamento de Serviços Educativos, Museus Escolares e Comunitários
DPMus	Departamento de Processos Museais
EC	Emenda Constitucional
Faperj	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
Fasfil	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos
Feambra	Federação dos Amigos de Museus do Brasil
FNC	Fundo Nacional de Cultura
FNM	Fórum Nacional de Museus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
Icom	Conselho Internacional de Museus
Inah	Instituto Nacional de Antropologia e História
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPP	Instituto Pereira Passos
MAM	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MAR	Museu de Arte do Rio de Janeiro
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Masp	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
Minom	Movimento para a Nova Museologia
MP	Medida Provisória
Mrosc	Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil
MUF	Museu de Favela
Nimesc	Núcleo Interdisciplinar de Subjetividade, Memória e Cultura
OEI	Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
ONGs	Organizações não Governamentais
OSCs	Organizações da Sociedade Civil
OSCIPs	Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público
PAC-Favelas	Programa de Aceleração do Crescimento para Favelas

PCV	Programa Cultura Viva
PEC	Projeto de Emenda à Constituição
PIB	Produto Interno Bruto
PNC	Plano Nacional de Cultura
PNM	Política Nacional de Museus
PNSC	Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM)
PPDM	Política Pública de Direito à Memória
PPM	Programa Pontos de Memória
Prodefem	Programa para o Desenvolvimento da Função Educativa dos Museus
Pronasci	Programa Nacional de Segurança com Cidadania
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
Rem	Rede de Educadores em Museus
Remus-RJ	Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Sesc	Serviço Social do Comércio
Sesi	Serviço Social da Indústria
Siconv	Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse
SIOP	Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento
SNC	Sistema Nacional de Cultura
Sniic	Sistema de Indicadores de Informações Museais
SRF	Secretaria da Receita Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRO	Universidade Federal de Rondônia
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UPP	Unidade da Polícia Pacificadora
Versalic	Portal de Visualização do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo



## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa foram as dinâmicas do financiamento para museus de favela no período 2015 a 2019. Para isso, a pesquisa se concentrou em duas frentes. Primeiramente, saber como os gestores dos museus interlocutores avaliavam o Programa Cultura Viva (PCV) e o Programa Pontos de Memória (PPM), quem eram seus principais apoiadores e saber que importância as parcerias adquiriam na viabilidade e sustentabilidade dos museus. Nas observações e entrevistas, notou-se que nas escolhas dos principais interlocutores para endereçar as questões propostas – que iam mais no sentido de explorar a sustentabilidade financeira – havia muito preocupação em explicar o que caracterizava um museu de favela. As parcerias apareciam como um elemento estrutural e recorrente dos museus interlocutores sendo acionadas para conceituá-lo e distingui-lo de um museu tradicional. Por isso, o primeiro capítulo buscou explorar o conceito de museu afiliado à Nova Museologia e à Museologia Social. Depreendeu-se desse esforço que as parcerias não são exatamente uma novidade e contribuem para a sustentabilidade de diversas formas, quer envolvam recursos financeiros, quer não.

Inicialmente, os dados seriam coletados em dois museus de favela localizados na cidade do Rio de Janeiro. Devido a limitações encontradas no trabalho de campo, optou-se por incluir um terceiro museu. Esperava-se passar mais tempo com cada uma das duas equipes, um arranjo que não se mostrou adequado. Por isso, acrescentar outro museu permitiria não apenas conhecer mais uma experiência e constatar no que se aproximavam e se distanciavam, mas passar mais tempo com as equipes. Não se tratou exatamente de um estudo comparado, porque faltam elementos para estabelecer uma boa comparação, mas na medida do possível buscou-se estabelecer possíveis padrões de comparabilidade entre os museus. É bom que se diga que o tempo destinado à coleta de dados, observações e entrevistas fora distribuído de forma bastante irregular, por isso a equipe do Museu da Maré se tornou a principal interlocutora ao possibilitar uma vivência mais longa com sua rotina. Mantidos anônimos, através da atribuição de pseudônimos, integrantes das equipes do Museu da Maré, do Museu das Remoções e do Museu de Favela acolheram o estudo e contribuíram de maneira zelosa para o acúmulo de conhecimento sobre as Organizações da Sociedade Civil (OSCs).

Em segundo lugar, desdobrando o objeto de estudo, a pesquisa objetivava saber como o PCV e o PPM se consolidavam ao longo do período. Não só os programas são novidades no contexto das políticas públicas, mas a própria criação de um órgão voltado exclusivamente para a gestão das políticas museais é um ganho recente e uma sofisticação presente em poucos países latino-americanos. A criação do Ibram em 2009 foi bastante aplaudida por estudiosos e



trabalhadores de museus e a ameaça de extingui-lo levou a crer que não só os programas eram uma exceção nas políticas públicas mas também a institucionalidade dos órgãos públicos de cultura era uma novidade na administração pública. Nesse sentido, o principal argumento defendido é que, no nível federal, houve sucateamento desse modelo participativo de conduzir política pública que prima em garantir tanto a democratização do consumo quanto do próprio fazer cultural, apesar de algumas apropriações e melhoramentos dos programas terem sido documentadas nos últimos anos com o espalhamento da sua sensibilidade para governos dos estados e municípios, provavelmente através da sua estadualização e municipalização.

Sendo as favelas áreas negligenciadas nas cidades e um fenômeno tão comum nos países em desenvolvimento, identificar os incentivos para a criação de museus que dialogam com o direito à cidade pareceu fundamental e um compromisso inadiável. Nesse sentido, espera-se que a pesquisa tenha permitido novas facetas, ângulos e perspectivas sobre o financiamento das OSCs a partir do caso dos museus de favelas. Obter uma visão panorâmica dos recursos que viabilizam os projetos culturais de favela também é crucial para vislumbrar alternativas de sustentabilidade e identificar os elementos que barram ou incentivam a democratização cultural e a tolerância essenciais à convivência democrática. É fundamental a injeção de recursos nas áreas empobrecidas da cidade. Investir nos museus de favela é apenas uma dessas possibilidades. Acredita-se que outros mecanismos devem agir concomitantemente como o estímulo ao empreendedorismo, a execução de obras infraestruturais, a implementação de mecanismos de regularização fundiária e, como a pandemia de Covid-19 tem ilustrado, os investimentos na saúde pública a partir de critérios de territorialização.

O primeiro capítulo procurou apresentar os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social através de quatro instâncias que de variadas formas ajudam a compreender como essas instituições têm se configurado no país. A primeira seção analisou os quatro editais organizados pelo Ibram para a premiação dos pontos de memória. Antes da premiação houve através de um processo completamente diferente a implantação dos chamados “doze pontos de memória pioneiros”. Foram frutos da parceria entre ministério da justiça, Ibram e a Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). Os doze pontos foram projetos de Museologia Social desenvolvidos em periferias e favelas de 12 capitais que deveriam antes da implantação manifestar interesse em memória social. Nesses moldes, o projeto vigorou através de diferentes fases até 2017. Após uma série de avaliações, o Ibram optou por continuar a experiência através de um arranjo novo com menos compromissos por parte do Instituto, mas também oferecendo aos proponentes melhores condições de prestação de contas. Tal decisão fez multiplicar a quantidade de iniciativas em memória social no país. A seção buscou compreender como esses sentidos da Nova Museologia e da Museologia Social são transferidos para os

editais das premiações. Esmiuçou partes específicas dos editais, vendo principalmente permanências e ligeiras modificações ao longo dos anos, acompanhando o trabalho argumentativo de transformar princípios políticos em regras que não conflitassem com os preceitos da administração pública. De maneira geral, pôde-se afirmar que embora discursivamente os instrumentos convocatórios tenham despendido esforços para manterem-se sintonizados com as vertentes críticas da museologia, os editais privilegiaram a viabilidade dos planos de trabalhos que deveriam, antes de tudo, primar por uma característica quista pela administração pública, que é a exequibilidade.

Os editais estabeleceram um sistema de seleção para evitar situações muito conflituosas. Tentaram construir parâmetros de comparabilidade e classificação fazendo prevalecer princípios como moralidade e imparcialidade. Explicaram como tornar coisas incomensuráveis se postas justas em coisas que para serem postas juntas deveriam apresentar muita coisa em comum. A padronização dos formulários, a estipulação de limites para a argumentação, as condições de inscrição são alguns desses exemplos. Por sua vez, os resultados dos processos de avaliação conduzidos por técnicos – cujas indicações também estiveram sujeitas a regras – fixaram significados, transformaram candidaturas em exemplares dos sentidos políticos das museologias críticas. Sendo bastante parecidos nas quatro edições agiram aumentando a segurança dos candidatos a apoios. Mas, o valor da Nova Museologia e da Museologia Social não deveria passar apenas pelo rigor e seriedade do processo seletivo. Nesse sentido, a seção comentou que o aporte dos editais somados ou calculado por ano correspondeu a valores módicos. Desse modo, não seria falso afirmar que em termos econômicos o PPM está em desvalorização passando de um programa que envolveu uma logística e investimentos consideravelmente generosos para pequenos prêmios pulverizados e finalmente para a ausência de editais. Essa desvalorização não se circunscreveu apenas ao PPM. O Ibram foi extinto e recriado em 2018, e o ministério da cultura (MinC) foi extinto e recriado em 2018 para ser novamente extinto em 2019.

É bom que se diga que o setor público não é o único atuando com os parâmetros da Nova Museologia e da Museologia Social. A seção também destacou que mapeamentos paralelos ao monitoramento dos museus pelo Ibram têm acontecido através de outros atores. Pesquisadores e programas de pesquisas têm produzido estatísticas e estudado as inovações proporcionadas por essas instituições. A Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (Abremc) além de agir no interesse dos museus também produz estudos, eventos e publicações especializados. Os primeiros museus afiliados à Nova Museologia existem no país desde o final da década de 1970. Ainda que esses museus encontrem melhores condições para prosperarem a partir de 2000 possuem uma trajetória ligada aos movimentos internacionais e um acúmulo de

bagagem dignos de nota para qualquer pessoa interessada em conhecer a história das correntes críticas.

A segunda seção analisou dados do Cadastro Nacional de Museus (CNM) e do Mapa das Organizações da Sociedade Civil, uma plataforma criada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Assim como os museus se concentram no Sudeste, as OSCs também tendem a se concentrarem no Sudeste. Assim, como as OSCs cresceram na primeira década do século, os museus também cresceram na primeira década do século. Isso também é verdade no caso dos museus interlocutores: o Museu da Maré surgiu em 2006 e o Museu de Favela surgiu em 2008. Uma vez que o objetivo do capítulo foi desvendar nuances na definição dos museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social, coube-lhe identificar que tipo de organizações no ordenamento jurídico brasileiro são os museus interlocutores. O Museu de Favela e o Ceasm, organização responsável pelo Museu da Maré, são associações privadas sem fins lucrativos. O Museu das Remoções não possuía Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) durante o período da pesquisa, mas se fosse formalizado provavelmente seria dentro da mesma tipologia. Segundo o CNM a maioria dos museus brasileiros são públicos e o mesmo pode ser dito sobre os museus na cidade do Rio de Janeiro, onde representam 57,3% enquanto as associações correspondem a modestos 10,3% do total de museus. No que se refere à participação do setor público no financiamento das OSCs, os dados do Mapa revelaram que os repasses públicos chegam a uma quantidade muito pequena de OSCs tendo havido uma mudança no perfil das OSCs financiadas principalmente a partir de 2016. Nesse sentido, os museus interlocutores pareceram estar em ligeira vantagem na captação de recursos públicos quando comparados a outras OSCs, mas em um cenário de piora nesses três anos.

A terceira seção fez uma revisão da literatura para compreender como os museus são conceituados por autores que estudaram o assunto. Essa produção científica fez ressaltar que apesar de as políticas de museus terem se consolidado na última década com o surgimento da PNM e de outros instrumentos de gestão como o Estatuto de Museus e de sua institucionalidade ter sido ampliada com a transformação do Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu), um departamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em Ibram, há um processo internacional de discussão sobre o papel dos museus na sociedade que se fortaleceu a partir da década de 1970 encontrando em diferentes contextos como o México, o Chile, o Canadá, a França e finalmente o Brasil condições para seu desenvolvimento. As próprias trajetórias das autoras evidenciaram essa complexidade. Por exemplo, Marcele Pereira estudou na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), um importante centro difusor da Museologia Social ou Sociomuseologia, e foi coordenadora da Coordenação de Museologia Social e Educação (Comuse). Patrícia Oliveira atua na Abremc e mantém contatos com a

experiência de museus comunitários no México e no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, onde a atuação dos museus é reconhecidamente forte. Suzy Santos também atua na Abremc tendo trabalhado nos mapeamentos recentemente produzidos pela associação e pelo departamento de museologia na Universidade de São Paulo (USP). Aline Portilho é produtora cultural e funcionária pública transitando com facilidade tanto nos assuntos referentes ao financiamento quanto nos referentes à institucionalidade das políticas públicas de museus. São mulheres envolvidas com o fortalecimento da institucionalidade das museologias críticas em diferentes partes do país, desenvolvendo pesquisas na área e atuando em favor da sua visibilidade política.

Oliveira (2015) analisou documentos que trataram dos processos institucionais que embora emanados de órgãos públicos como o Instituto Nacional de Antropología e História (Inah) no México foram gradualmente apropriados por diferentes grupos populacionais no país dando origem em diversas regiões a museus comunitários ainda durante os anos de 1970 a 1990 sendo o primeiro país na América Latina a desenvolver projetos dessa ordem. Pereira (2018) analisou e avaliou os documentos que trataram da implantação dos doze pontos de memória pioneiros na busca de suas potencialidades “decoloniais”. Como comentado, o projeto foi uma iniciativa que partiu do ministério da justiça através do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), que viabilizou os recursos, e do Demu, detentor do conhecimento na área de museus, e executado pelos consultores contratados pela OEI. O Pronasci tinha interesse em agir em áreas de risco sociais para prevenir o envolvimento com o crime organizado. Segundo Pereira, os projetos que utilizavam metodologias experimentais em memória social e processos participativos seriam implantados em comunidades que tivessem recebido obras do Programa de Aceleração do Crescimento para urbanização de favelas (PAC-Favelas). A museóloga, que foi coordenadora da Comuse, nas visitas aos doze pontos pôde acompanhar o processo de apropriação dos projetos nas diferentes comunidades sendo uma entusiasta do assunto.

A dissertação de Santos (2017) foi um grande esforço de sistematização de informações sobre os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social, por isso, seus dados são utilizados em diferentes seções deste estudo. A museóloga reuniu informações de bancos de dados do Ibram, de universidades bem como realizou ela mesma incursões no sentido de identificar no Brasil, os museus que vivenciam em seus processos os princípios das correntes críticas. A autora também identificou, a exemplo de Oliveira (2015) e Pereira (2018), eventos como a Mesa Redonda de Santiago ocorrida no Chile em 1972 e autores como o francês Hugues de Varine-Bohan como contribuidores na consolidação dos principais conceitos que diferenciam os museus afiliados à Nova Museologia dos museus tradicionais. Boa parte do seu trabalho refletiu sobre a criação e os significados de termos como “ecomuseu” e “museu comunitário” dentro

das correntes críticas defendendo que não basta, por exemplo, autodenominar-se um ecomuseu para se diferenciar de um museu tradicional.

Por fim, a tese de Portilho (2016), por apresentar um caso particular de museu de favela, auxiliou a compreender a articulação entre território-patrimônio-população no contexto dos museus de favela. Dentre diversos elementos levantados pela pesquisa, Portilho identificou que a equipe do museu atuou na fabricação de entidades espaciais. Embora seja esperado de todo museu afiliado às correntes críticas a realização de um trabalho fortemente engajado com o território e inventariação de novos patrimônios, essa característica é ainda mais marcante no contexto dos museus de favelas. As autourbanizações formam territórios por muito tempo marginalizados, vistos como “anti-cidade” e em direta confrontação com o poder público (Freire-Medeiros, 2006, p. 57). A equipe participou nisso tanto no desempenho dos papéis de inventariação por muito tempo reservado para profissionais das áreas de história e antropologia, quanto através do exercício dos direitos de moradores da favela. Segundo Portilho, em dados momentos a equipe do museu interlocutor promoveu deliberadamente uma terminologia que em consonância com as orientações dos escritórios do PAC-Favelas objetivava unificar o território das três favelas através do emprego do termo “complexo” – ou seja, em consonância com o entendimento do poder público agiu no sentido de fabricar uma nova entidade espacial que dirimia especificidades do pertencimento em favor da adoção de um vocabulário capaz de promover a união desejada pelos moradores. Portanto, é no sentido captado por Portilho que se entende que os museus localizados nas favelas, dentre todos os demais afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social, melhor capturaram as contradições da fabricação do espaço no contexto do Rio de Janeiro e do mundo em desenvolvimento.

A última seção analisou o que são os museus na opinião das equipes entrevistadas. Foi utilizado *software* de pesquisa qualitativa para mapear a frequência de palavras. No conjunto das entrevistas constatou-se que mesmo sem excluir as chamadas *stop words*, a palavra “museu” foi uma das mais articuladas aparecendo sempre entre as 10 palavras mais citadas. Alguns dos trechos em que a palavra apareceu foram analisados e os mais significativos foram comentados à luz das observações de campo. Alguns sentidos para conceituar os museus merecem menção. Por exemplo, Ísis, coordenadora do Museu da Maré, comentou que foi o recurso oriundo do primeiro edital federal do PCV que possibilitou a criação do museu entre os anos 2004 e 2006. Mas, foi o sucesso do museu que inspirou a criação do PPM. Os pontos de cultura poderiam ser projetos em qualquer área da cultura enquanto o PPM foi uma iniciativa que buscou fomentar projetos exclusivamente na área de memória social.

Apesar de a expressão “ponto de memória” já contemplar na sua conceituação o vínculo com a Museologia Social, isso não significou que escapou ao fato de advir do poder público e

fazer publicidade da atuação pública. Além disso, os projetos não são financiados apenas pelo Ibram, e outros financiadores também buscam dos projetos selecionados sintonia com seus princípios e valores tendo, portanto, os mesmos direitos de reivindicarem dos projetos selecionados a divulgação de suas marcas. Ísis então admoesta que o museu não adotou na sua definição os nomes “ponto de cultura” e “ponto de memória”, uma opção abraçada por outros projetos. Ísis explicou que, além de museu, o projeto é também um ponto de cultura e um ponto de memória, mas a equipe prefere que seja chamado por “Museu da Maré”. Outro elemento interessante na definição do museu é que embora apresente sintonia com os princípios da Nova Museologia e da Museologia Social, funciona num edifício e possui um acervo de objetos. Por isso, Atena, voluntária do museu, comentou que falta a dimensão territorial para que seja um ecomuseu ou um museu de território. Então, o Museu da Maré é um museu de favela e um museu comunitário congregando moradores, dentre seus quase 140 mil habitantes, e atuando em redes para a defesa de seus interesses.

As entrevistas com Nice no Museu das Remoções destacaram que, diferentemente do Museu da Maré, o território da comunidade da Vila foi musealizado. A Vila era uma pequena favela habitada por cerca de 600 famílias. Por causa das obras para os megaeventos de 2014 e 2016 sua população foi quase toda removida. As cerca de 20 famílias que resistiram à remoção junto com os apoiadores, geralmente pesquisadores vinculados a universidades, vivenciaram e documentaram esse processo – que demorou sete anos. O material e o próprio território carregam as marcas dolorosas da remoção e demolição da infraestrutura construída pelos moradores ao longo de 60 anos e constituem o acervo e a paisagem patrimonializada do museu. Por isso, o vocabulário para definir o museu nas falas da diretora perpassam nomes como “museu de território” e “ecomuseu”. Além do aspecto territorial, a gestão é outro caracterizador do pertencimento às correntes críticas sendo exercida praticamente pelo conjunto das 20 famílias remanescentes e pelos apoiadores, que são membros externos à comunidade.

A entrevista com Erato no Museu de Favela enfocou a sustentabilidade visionada a partir do Núcleo do Turismo, mas o museu tanto poderia abordar sua definição a partir do núcleo de memória social quanto poderia abordar a sustentabilidade a partir do núcleo de captação de recursos. A localização do museu desempenha papel importante nas suas possibilidades de obter o autossustento através do turismo, o que talvez não fosse possível para os demais interlocutores, por isso foi importante ouvir sua opinião. As atividades do turismo se dão a partir de roteiros de visita com pontos de destaque e parada em diversos locais espalhados pelas comunidades. Pressupõem a constante interação entre moradores, guias e visitantes o que é feito através de um protocolo de condutas. Os pontos de parada destacam infraestruturas apontadas durante a inventariação do patrimônio como significativas para a história das comunidades.

Durante os *tours*, os visitantes são incentivados a apreciarem o empreendedorismo local, comprando nos estabelecimentos mapeados pela equipe. Os visitantes podem ainda adquirir *souvenirs* dos artesãos que em parceria com a equipe gestora produz e disponibiliza sua produção na lojinha física e virtual do museu. Desse modo, os *tours*, que foram feitos com gestores, permitiram abstrair duas características do museu que o associam à Nova Museologia e à Museologia Social, a saber a musealização do território e a gestão comunitária e através de parcerias.

Para o segundo capítulo, havia a expectativa de observar na prática o papel das parcerias na sustentabilidade dos museus de favela. Mas, as observações não permitiam acumular conhecimentos suficientes para uma abordagem mais abrangente dessa particularidade. Esse interesse em sistematizar o que os pesquisadores tinham abordado na sua produção, ou seja, de situar o estado da arte tinha sido estimulado pelo fato de a equipe do Museu de Favela ter disponibilizado em seu *site* uma lista dos trabalhos – dissertações, teses, artigos etc. – feitos em interlocução com a equipe e facilmente acessíveis *online*. Além de transparente, esse ato de compartilhar poupou muito tempo na identificação dos pesquisadores relevantes. Então, essa facilidade motivou realizar o mesmo levantamento nos outros dois museus. O Museu das Remoções não tem uma sede própria, por isso, os trabalhos compartilhados ficam arquivados nas casas dos gestores. De posse da família de Nice, havia teses, dissertações, TCCs e brochuras, guardadas com todo o cuidado e que foram apresentados sem qualquer imposição de regras, mas a família não poderia afirmar se os trabalhos mais relevantes para este estudo estavam ali, visto que nem todos os estudiosos retornam com seus trabalhos prontos.

O Museu da Maré tem um arquivo que guarda, dentre outros documentos, trabalhos acadêmicos que ou tratam do museu ou das comunidades que formam a Maré. Esses trabalhos pareceram ser no primeiro dia de pesquisa no arquivo os produzidos pela rede significativa para minha interlocutora, mas nos próximos dias pareceram apenas os trabalhos que estavam mais acessíveis no arquivo. Não havia uma lista com as referências bibliográficas dos trabalhos já feitos sobre o museu como no Museu de Favela. Há uma rede em formação envolvendo a extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e os pesquisadores moradores das comunidades da Maré, que foi possível acessar comparecendo a uma das reuniões em janeiro de 2019, mas essa inserção não foi adiante. À época da coleta dos dados, o Museu da Maré também estava organizando uma biblioteca de pesquisa sobre favelas no Rio de Janeiro, mas o espaço ainda não estava pronto e o acervo era sobre favelas de um modo geral e não exclusivamente sobre o museu.

Desse modo, cada museu a seu modo tinha uma resposta para endereçar essa demanda da pesquisa. Apesar disso, os recursos não permitiam utilizar exatamente os mesmos parâmetros de coleta. Essa limitação foi vencida com o uso do *software* de levantamento de literatura

Harzing's Publish or Perish. A partir de expressões-chave foi possível armazenar um banco de dados com aproximadamente mil entradas para cada expressão de busca. Desses conjuntos de documentos foram escolhidos os 200 para cada museu identificados pelo *software* como os mais relevantes (GSRank 200). Esses documentos foram acessados e os resumos ou, na falta desse, outros trechos que citavam a expressão-chave foram selecionados e inseridos em fichas catalográficas (ver anexos). Nos arquivos dos resumos e trechos selecionados foi conduzida análise de conteúdo com *software* de análise qualitativa.

A primeira seção do capítulo é um exame bibliométrico dos cerca de 600 documentos. Analisou a distribuição desses documentos entre os anos 2006, quando o Museu da Maré é inaugurado, e 2019, o último ano do período estudado. Os dados apresentam a evolução da divulgação científica sobre cada museu, permitindo comparar os dados ou apenas observar os lapsos temporais nos quais essa produção acumulada é mais abundante. Possibilitou ainda identificar que formato é o mais comum para essa literatura. As próximas seções identificaram o campo disciplinar de onde provêm os trabalhos e possibilitaram circunscrever as diferentes apropriações argumentativas pelas quais passaram os museus. Apesar de os três projetos serem identificados na literatura como representantes da Nova Museologia e da Museologia Social, eles passam a ser associados com outras questões contextuais que tem a ver principalmente com as condições que ocasionaram seu surgimento e com os tipos de parcerias e diálogos disciplinares que cada projeto estimula e promove.

Por exemplo, o Museu da Maré sendo o primeiro dos museus de favela apareceu num conjunto documental que ainda tinha que justificá-lo como legítimo representante de museu popular dedicado a criar contra-narrativas ao que a mídia e a história oficial propagam sobre as auturbanizações. Já o Museu de Favela dialogou com as infraestruturas para favelas testadas recentemente como obras do PAC-Favelas e de segurança pública. Além disso, o estímulo ao turismo ocasionado pela expectativa dos megaeventos e pela sua localização suscitaram interesse pelo turismo como mecanismo para garantir a sustentabilidade do museu e fazer a favela conhecida. O Museu das Remoções dialogou com as políticas de remoção, o lado mais tenebroso das obras de preparação da cidade para os eventos desportivos Copa Fifa de Futebol e Jogos Olímpicos de Verão e obteve grande interesse da mídia desde que a escolha do Rio de Janeiro para sediar os eventos passou a mexer com a rotina dos moradores da comunidade a partir de 2007.

Mas essas seções principalmente analisaram como as parcerias e redes com pesquisadores são objeto de reflexão nas agendas de pesquisa. A preocupação em criar um vínculo de confiança com os participantes dos projetos do museu ou com a equipe gestora transpareceu por exemplo através da busca de métodos que favorecessem a polifonia e a compreensão da



construção discursiva da favela em trabalhos sobre o Museu da Maré. Mas houve também referência a projetos que se aproximaram com mais perfeição do aspecto que este estudo gostaria de abordar. Na produção examinada, houve menção a um projeto envolvendo pesquisadores de diversos países que em parceria com o museu desenvolveram pesquisa sobre o uso das tecnologias sociais no enfrentamento de questões de racismo estrutural. Outro projeto de pesquisa foi possível pela parceria entre órgãos públicos, participantes de projetos do museu e o pesquisador que juntos trabalharam na mensuração das características ecológicas da Maré. Por fim, as parcerias também apareceram em projeto de saúde pública que mapeou e envolveu organizações não governamentais (ONGs), equipamentos públicos e pesquisadores em diversas favelas da cidade. Nesse recorte geográfico as OSCs e órgãos públicos na Maré ganharam destaque, porque suas organizações comunitárias são bastante atuantes e porque em suas proximidades se localizam órgãos públicos de proeminência nacional em questões de saúde e controle epidemiológico como a FioCruz.

No conjunto de documentos referente ao Museu de Favela, os exemplos são ainda mais frequentes revelando que as parcerias ao mesmo tempo resultaram em pesquisa acadêmica e no compartilhamento de tecnologias com a equipe do museu e outros moradores. Houve o caso do projeto em memória social que produziu a capacitação de moradoras para a escuta de memórias, uma publicação divulgando a metodologia, uma tese de doutorado relatando a experiência e uma exposição homenageando moradoras da favela. Houve ainda o caso do projeto de comunicação que resultou no mapeamento de hábitos digitais dos moradores da favela e na construção de recursos comunicacionais do museu, como um *hotsite* e uma revista eletrônica. Os bolsistas de extensão envolvidos na parceria treinaram a equipe do museu para darem continuidade aos números da revista e atualizarem as mídias digitais e em contrapartida aprofundaram seus conhecimentos sobre a gestão de projetos culturais nas favelas. É comum que estudantes também escrevam TCCs e dissertações a partir dessas experiências na extensão. Os resultados do mapeamento foram integrados numa pesquisa internacional, da qual a professora condutora do curso de extensão fazia parte, sediada no Reino Unido sobre os hábitos digitais em outros quatro países além do Brasil.

Entre as referências do Museu das Remoções, muitos documentos relataram a parceria que resultou na construção do plano de urbanização popular – e não a experiência com o museu. Segundo um desses estudos, a comunidade apesar de ter em diversas instâncias do poder público o direito de permanecer na área ocupada reconhecido e disciplinado se viu numa disputa com a prefeitura quando foi anunciada a intenção de removê-la segundo calendário que previa a remoção de diversas outras autourbanizações da região. Em consequência, a associação de moradores procurou um núcleo de planejamento urbano da UFRJ que a assessorou no

desenvolvimento dos documentos apresentados como contraproposta ao plano da prefeitura (Tanaka *et al.*, 2018). Outro trabalho, uma tese de doutorado, abordou o processo de construção do museu que foi um projeto desenvolvido com o apoio da extensão universitária de uma instituição privada. Outras publicações relataram experiências similares de envolvimento com a comunidade deixando prognosticar que parcerias e redes integram a definição dos museus e produziram resultados confortadores em contextos de maior estresse para a comunidade.

O terceiro capítulo em suas primeiras seções analisou o financiamento público federal para os museus de favela a partir de dados abertos do Portal da Transparência, do Portal de Visualização do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo (Versalic) e do Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse (Siconv). A terceira e quarta seções continuaram essa análise através do exame dos relatórios de monitoramento do Plano Nacional de Cultura (PNC), dos relatórios de gestão do Ibram para os anos 2015 a 2019 e de dados do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP). A quinta seção analisou a partir da frequência de palavras as referências aos vocábulos “dinheiro” e “edital” nas entrevistas com os gestores para sondar a importância dos apoios federais e de outras estratégias de ordem econômica para a viabilidade dos museus. As últimas seções analisaram se houve avaliação dos programas principalmente do PPM e as principais conclusões que apontaram e, por fim, discorreram sobre mudanças nas exigências e requisitos de financiamento.

Na primeira seção foi apresentado um quadro com as informações levantadas no Portal da Transparência das transferências feitas para os museus de favela nos anos 2015 a 2019. Nesse período de cinco anos o principal interlocutor, que é o Museu da Maré, recebeu menos de 500 mil reais, um aporte que não seria suficiente para sequer arcar com metade dos gastos de um museu menor em um ano. Excetuando as premiações do PPM, do edital de 2014, os apoios, mesmo para o edital da Remus-RJ de 2016 provieram de emendas parlamentares individuais e não da programação orçamentária ordinária.

A segunda seção analisou as tendências dos repasses para as OSCs. Dois elementos devem ser destacados para compreender esses dados. O primeiro é a entrada em vigor do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (Mrosc) que ajustou os instrumentos de repasse para as OSCs. Segundo a Associação Brasileira de ONGs (Abong) (2017), a modalidade mais comum dentre os instrumentos de repasse até o Mrosc era o convênio, entretanto, o convênio é muito exigente na prestação de contas, o que seria injusto para as pequenas OSCs que, por exemplo, podem não possuir setores profissionais de contabilidade. Então os dados até 2015 seguem as modalidades de repasse anteriores ao Mrosc e a partir de 2016 seguem o Mrosc e nesse novo cenário o termo de fomento e o termo de colaboração passaram a ser acrescentados dentre os instrumentos evidenciando que setores públicos, como os órgãos da cultura,

incorporaram orientações do Mrosc. O segundo é o fim da vigência do Plano Plurianual (PPA) 2012-2015 e a entrada em vigor do PPA 2016-2019. Mas, além disso, em 2016 houve o impedimento de Dilma Rousseff e a chegada ao poder de Michel Temer que estabeleceu através da Emenda Constitucional (EC) nº 95, de 15 de dezembro de 2016, teto para os gastos públicos gerando efeitos sobre os orçamentos dos ministérios e consequentemente sobre os editais do PPM.

Os primeiros dados englobaram todos os repasses através de todos os instrumentos, ou seja, repasses de todos os ministérios. Então, não ajudaram a observar as dinâmicas nem do PCV nem do PPM. Para melhorar esse alcance foi necessário examinar somente os repasses feitos pela pasta da cultura nos referidos anos. O problema então foi a localização dos dados. Durante esses anos o MinC foi transformado em secretaria especial de cultura (Secult) e a pasta saiu do ministério da cidadania para o ministério do turismo, através do Decreto nº 10.359, de 20 de maio de 2020. Restava saber onde estavam os dados do extinto ministério, nos anos de 2015 a 2019: se nos dados referentes ao ministério da cidadania, ao ministério do turismo, ou distribuídos em diferentes ministérios a depender do ano. No SIOP os dados estavam com o ministério responsável pela pasta naquele ano. No Siconv a maioria constava no ministério onde a pasta estava naquele ano. Mas, algumas informações foram sistematizadas nas outras pastas. Sendo uma quantidade pequena foi possível analisá-la manualmente. Os dados confirmaram a tendência anterior de piora no desempenho dos repasses no período de 2015 a 2017, mas não possibilitaram identificar especificamente a performance do PCV.

A terceira seção buscou lidar com essa lacuna analisando os relatórios de monitoramento do PNC e os dados do SIOP. Embora especialistas apontem que entender o PCV envolve acompanhar como o programa é apropriado pelos governos estaduais e municipais, é importante acompanhar seu percurso no nível federal.<sup>1</sup> Já o PPM mesmo tendo sido adotado em um dos

---

<sup>1</sup> Boa parte dos dados financeiros obtidos através da antiga Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC) são dados de convênios com os estados e municípios.

estados brasileiros, é praticamente um programa federal. A meta 23 é uma das 53 metas que monitoram o PNC – o planejamento de longo prazo para as políticas de cultura (2010-2020) – e voltado especificamente para o acompanhamento da implantação do PCV. Os relatórios apontaram que em todos os anos do intervalo estudado, a meta 23 teve desempenho aquém do esperado. Para complementar essa constatação, buscou-se identificar se a meta havia ensejado uma ação orçamentária específica. Ao que parece a ação orçamentária 215G que aparece nos dados do orçamento nos anos 2016 a 2019 foi pensada para esse fim. Não aparece nos dados de 2015 possivelmente porque a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV) ainda que criada pela Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, teve sua regulamentação inicial, a Instrução Normativa (IN) nº 01, de 07 de abril de 2015, revogada, dando lugar a nova regulamentação através da IN nº 08, apenas em 11 de maio de 2016. Desse modo, entrou no PPA do período 2016-2019, mas não no orçamento de 2015. Os dados da ação revelaram a execução módica de recursos para os anos em questão.

A próxima seção analisou os relatórios de gestão do Ibram e esse exame revelou que o teto dos gastos públicos praticamente inviabilizou as atividades finalísticas e os editais da jovem autarquia, que priorizou as despesas de pessoal e os contratos continuados. Segundo esses documentos a ação orçamentária 20ZF é um dos dispositivos utilizados para executar os recursos para o PPM. Foi possível acompanhar os estágios da despesa referentes à ação nos relatórios de 2015 a 2017 e para todo o intervalo de 2015 a 2019 no SIOP. Para todo o período, os valores empenhados foram baixos, com os piores resultados nos anos 2016 e 2018. O contingenciamento também afetou as transferências dos apoios obtidos por emendas parlamentares individuais, que foram pagos em atraso.

A seção seguinte analisou no conjunto das entrevistas algumas das referências vocabulares para os termos de interesse da pesquisa. Foram escolhidas menções às palavras “dinheiro” e “edital” nas entrevistas com a equipe do Museu da Maré, “dinheiro” nas entrevistas com Nice, do Museu das Remoções e na entrevista com Erato, do Museu de Favela. O objetivo foi identificar a importância dos recursos financeiros e apoios para os trabalhos dos museus. Alguns recursos foram citados por Ísis como bastante significativos para a viabilidade do museu, como os recursos recebidos do primeiro edital do PCV com o qual o museu foi criado. Mas, os apoios federais ainda que importantes não são a principal fonte de recursos dos museus e os recursos provêm de fontes diversificadas como comentado no primeiro capítulo. Recentemente, em 2019, Ísis apontou as doações de ONGs estrangeiras como dinheiros estratégicos, por terem garantido a documentação para transferência dos direitos de propriedade das instalações do museu para o Ceasm. O museu enfrentou em 2014 uma ação de despejo e as ONGs se sensibilizaram com sua história. Como o Museu das Remoções não possui CNPJ, a equipe conta com

financiamentos pequenos e pontuais da sua rede de contatos e apoiadores. Nice destacou a liberdade de não ter de prestar contas através de uma burocracia paralisante como principal vantagem desse arranjo. Com Erato o enfoque foi o seu trabalho no núcleo de turismo. Para a diretora, o turismo cultural de base comunitária faz parte de um projeto que busca garantir ao museu a autossustentabilidade, mas o cenário atual é de encolhimento do setor do turismo de maneira geral. Além disso, as parcerias seguem acontecendo e os gestores trabalham juntos escrevendo projetos para captação de recursos via editais não apenas federais, mas de outros níveis de governo e de outras OSCs.

A penúltima seção buscou identificar como os principais atores do setor avaliaram o desempenho do PPM. Uma parte da seção analisou como os autores levantados pelo *Google Scholar* avaliaram o programa. Os autores destacaram que o PPM foi importante na consolidação de direitos culturais de grupos minoritários. O exemplo lembrado é o incentivo à criação de museus indígenas que se opõem aos museus indigenistas e colonialistas. Há outros exemplos de museus periféricos que colocam em xeque o alcance do programa revelando públicos não captados pelas políticas públicas. Também através do exame de literatura levantada pelo *Google Scholar* e outros cruzamentos de referências, a última seção analisou as mudanças nos requisitos dos editais no período tentando priorizar os anos 2015 a 2019. A novidade referente ao PPM correspondeu a sua transformação em política pública de Estado em 2017, o que aconteceu com o PCV entre os anos 2014 e 2016. As apropriações do PPM e do PCV nos estados e municípios, que não foram objeto de estudo da pesquisa, apresentaram inovações bastante comemoradas como aportes em valores crescentes, comitês de avaliação formados por pares, condições facilitadas de inscrição e prestação de contas através da diversificação dos instrumentos de repasse e bonificação na classificação para projetos de áreas urbanas marginalizadas.

O último capítulo analisou um conjunto de 207 notícias retornadas pelo motor de busca *Google Search* para os anos 2015 a 2019: 22 das notícias se referiram ao ano 2015, 23 se referiram a 2016, 25 se referiam a 2017, 62 se referiam a 2018 e 75 se referiam a 2019. Na primeira seção do capítulo foram mapeadas as mídias que publicaram notícias sobre o Ibram. No geral, o Instituto foi noticiado principalmente pelo portal aberto G1, que pertence ao grupo O Globo. As seções seguintes identificaram os assuntos para os grupos de notícias de cada ano. Constatou-se que os eventos nacionais coordenados pelo Ibram Semana Nacional de Museus e Primavera de Museus monopolizaram o interesse das mídias. Essas notícias divulgaram as programações de museus principalmente localizados nas regiões Sudeste e Sul. Houve poucas exceções à regra, dentre elas esparsas notícias que relataram a situação de precariedade dos museus, mas raramente abordaram que os limites orçamentários nas políticas públicas para os museus fizeram reduzir a quantidade de editais para projetos infraestruturais. Não houve, por exemplo,

menções ao processo e posterior impedimento de Dilma Rousseff nem à extinção e recriação do MinC nos primeiros dias do governo provisório de Michel Temer – fatos que certamente geraram apreensão entre os servidores públicos.

O padrão comunicativo seguiu sem grandes novidades até dia 02 de setembro de 2018, quando ocorreu o incêndio do Museu Nacional (MN). Na busca por responsabilização, as notícias relataram que o Ibram estava no centro da polêmica numa mistura que envolveu desconhecimento e oportunismo político. Ao que pareceu o Ibram foi apontado como um dos responsáveis pelo destino trágico do museu. Poucos dias após o incêndio, quando as notícias ainda especulavam o que o teria provocado e quais eram as condições de outros museus de destaque nacional, o presidente Michel Temer publicou, no dia 10, a medida provisória (MP) nº 850 criando a Agência Brasileira de Museus (Abram) e extinguindo o Ibram. As notícias passaram a avaliar a MP acrescentando para isso depoimentos de autoridades e expertos, como um ex-presidente do Instituto e representantes dos seus servidores. Até o final do ano, o incêndio, a criação da Abram e extinção do Ibram detiveram a atenção da mídia evidenciando uma tendência a destacar eventos espetaculares que causam grande repercussão ao invés de, por exemplo, acompanhar com sobriedade, profundidade e senso crítico o desdobramento dos fatos.

Em 2019, apesar de haver muito mais notícias sobre o Ibram, o interesse da mídia retornou ao padrão dos anos 2015-2017, ou seja, voltou a noticiar os eventos nacionais orquestrados pelo Ibram. Exceção ao padrão, foram as notícias sobre recordes de visitação, apresentados como possível reação da sociedade contra o descaso com os museus, e as notícias sobre a pesquisa do Instituto Oi, que revelou a opinião de brasileiros de todas as regiões sobre as instituições museais. Poucas notícias acompanharam o desdobramento da MP, o rebaixamento do MinC à condição de secretaria especial na reorganização ministerial do recém-empossado governo de Jair Bolsonaro, ou sua indicação para presidência do Ibram, validando a percepção de que as notícias levantadas pelo motor de pesquisa não relacionaram os fatos políticos e econômicos importantes do período 2015-2019 com o que se passava com o Ibram.

Para suprir essa lacuna, a próxima seção buscou elucidar se esse retrato desenhado na análise das 207 notícias correspondeu a “real atuação” das instâncias decisivas do Ibram, do MinC, posteriormente Secult, e mesmo da presidência da república. Nesse sentido, entendeu-se que há instâncias capazes de prover condições de verificabilidade do que se aceita como verdade. A produção acadêmica e os meios de comunicação podem validar as interpretações e estabelecer consensos. As publicações acadêmicas escolhidas possuem limitações como deterem-se no exame das políticas públicas de cultura no nível do ministério/secretaria especial e o jornalismo pesquisado de concentrar-se nos aspectos da cultura de maior visibilidade. Mas, revelaram que o Estado brasileiro deixou de ser um Estado que fortalece e expande a institucionalidade da

cultura e os direitos culturais preconizados na Constituição Federal para um Estado que quer retornar às condições anteriores a 2003, encolhendo sua estrutura, gerando instabilidade nos cargos decisivos e deixando a fatia lucrativa da cultura nas mãos do mercado, para chegar por fim a um Estado de tendência anticultural. A face mais visível desses fenômenos no Ibram, que foi também observada no ministério, e posteriormente na Secult, foi a instabilidade política com intensa rotatividade dos ocupantes da cadeira de presidente. Esse fenômeno foi mais intenso no Ibram, no período de 2015-2019, nos anos correspondentes à gestão Temer, que é também o maior período observado no estudo. 2018 pareceu ser o ano em que o Instituto correu risco real de ser extinto. E foi a imposição do teto nos gastos públicos em 2016 que antes de tudo impuseram limites visíveis ao PCV e ao PPM na esfera federal.

Metodologicamente, houve um evento durante a coleta de dados que ilustra bem a natureza do trabalho ora apresentado. Por algumas vezes, visitou-se o Instituto Pereira Passos (IPP) para coletar dados sobre a urbanização das favelas de acesso mais dificultado. A biblioteca do IPP fica num pequeno e reservado espaço do edifício localizado em Laranjeiras. Logo na entrada, há uma prateleira de material apostilado referente a um projeto de urbanização específico, o Favela-Bairro. Cada agrupamento de papel traz em letras garrafais o nome da favela que documenta. Mas, há um grande problema com os arquivos: embora boa parte deles esteja disposta nas prateleiras, eles não estão todos visíveis. Dadas as dimensões do ambiente, eles também não estão todos dispostos nas prateleiras, mas acondicionados em caixas longe do olhar curioso dos visitantes e certamente não tão esteticamente apreciáveis quantos aquelas pilhas cuidadosamente organizadas.

A questão é quem tem interesse no assunto normalmente já chega com um conjunto de referenciais para o material a ser manuseado durante o período de visita e não sofre tanto. Quem deseja fazer apenas uma visita exploratória para a partir do conjunto dos documentos escolher uma abordagem de examinação deparar-se-á com um fato, completamente banal, mas intrigante: o leque daquilo que se pretende analisar na verdade depende daquilo que é possível vislumbrar, das combinações possíveis para o que está visível. De outra forma, não é possível inquirir a funcionária que media a relação entre pleiteante e arquivos para averiguar todas as combinações que passam na mente no momento em que se inicia a pesquisa exploratória, porque ela não está ali para atender apenas um usuário e nem para atender um usuário por vez. Além disso, o arquivo fecha religiosamente às 17h, por isso, também não é possível ler mais que algumas dezenas de páginas por turno. Isso sem contar o fato que, como alerta a agradável funcionária, sistemas eletrônicos de gestão dos arquivos sofrem panes e bancos de dados inteiros podem ficar indisponíveis ou perdidos.

Como nenhum arquivo é total, metodologicamente, essa pesquisa enfatizou que nossa capacidade de examinar depende do formato e do tamanho dos dados. Depende também da capacidade de encontrar o que pesquisar e de pesquisar o que se encontra (Foucault, 1987; Le Goff, 1996; Lemov, 2018). Por exemplo, quem tem à disposição um sistema como o Hadoop pode analisar bancos gigantescos de dados estruturados e não estruturados. Outros *softwares* de coleta possuem limitações muito mais modestas. Harzing's *Publish or Perish*, o *software* utilizado para coletar os dados bibliográficos para o segundo capítulo, por exemplo, é configurado para levantar no máximo mil fontes a partir de um conjunto limitado de sistema de gerenciamento de textos acadêmicos. No último capítulo não se utilizou *software* de análise qualitativa de dados, devido ao formato dos arquivos, que estariam em Portable Document Format (PDF) e imiscuídos em publicidade. Até que ponto “limpar” ou preparar os dados não é também interferir nos dados mesmos? – é outra questão a pensar.

Longe de colocar em xeque a viabilidade na pesquisa, trata-se de afirmar em que medida ou de que forma os arquivos e a cultura material constituem-se fontes mais estáveis de informações. Diferentemente da fala, que é afetada pelo contexto, pelo canal, pela competência linguística dos interlocutores, os registros escritos física ou virtualmente são mais solenes, formais e estáveis. Além da vontade, há necessidade de saber. A falta da perspectiva nativa foi o grande motivador para buscar registros capazes de situar durante a pesquisa de campo dados que pareciam se desmanchar ao gosto de interpretações de momento. Houve um momento no qual, um interlocutor apontou para uma área ao redor de uma igreja e perguntou qual era o nome daquele bairro. Aquilo que a mim não suscitava dúvidas, pois o nome da área era o nome dado àquele lugar, era o nome do bairro, não era a verdade para ele. Para ele, aquele lugar tinha outro nome antes de ser atravessado pela rodovia e esse nome antigo continuava significativo, apesar do governo tentar apagar essa história criando uma nova divisão geopolítica. Por isso, a estabilidade dos sentidos teria que ser averiguada através de outras fontes. Não exclusivamente por isso, como já argumentado, mas também por isso a necessidade de saber foi endereçada através da busca por informações documentais.

Nas próximas páginas, inicia-se o primeiro capítulo adentrando a conceituação dos museus a partir da análise dos editais da premiação dos pontos de memória entendidos como dispositivos técnico-administrativos que fornecem importantes elementos conceituais mobilizados na seleção pública. O capítulo ainda aborda a forma jurídica que essas instituições assumem no ordenamento das OSCs, seu desenvolvimento no campo da museologia a partir de autoras comprometidas com a implementação dessas políticas e conclui explorando como as equipes dos museus de fato vivem e aprimoram esse arranjo.



**Capítulo 1 – QUATRO VARIAÇÕES EM TORNO DOS MUSEUS AFILIADOS À NOVA MUSEOLOGIA E À MUSEOLOGIA SOCIAL**

## 1.1 Introdução

A metodologia utilizada envolveu analisar diferentes grupos de documentos como editais públicos, estatísticas de portais de dados abertos, literatura acadêmica, entrevistas semiestruturadas com gestores dos museus e observações de campo. Na primeira seção, são analisados seções dos quatro editais da premiação do PPM para descobrir como os princípios da Museologia Social são transportados para um documento técnico e instrucional como um edital público. Através dos editais o Ibram estaria definindo e fomentando iniciativas sintonizadas com as correntes críticas da museologia. A segunda seção analisa principalmente dados do Mapa das Organizações da Sociedade Civil, uma plataforma desenvolvida pelo Ipea, e objetiva apresentar a forma jurídica que os museus interlocutores e as iniciativas premiadas pelo Ibram geralmente adquirem no ordenamento jurídico brasileiro. Nesse sentido, os museus interlocutores passam a ser agregados nas estatísticas de museus do CNM e nas estatísticas das OSCs para analisar tendências observadas entre as organizações da sociedade civil.

A terceira seção fez uma revisão da literatura recente que aborda os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social de maneira histórica e analítica. A maioria dessas pesquisas são documentais, embora também utilizem técnicas qualitativas como observações e entrevistas. As autoras também possuem envolvimento marcantes com sua institucionalidade no campo das políticas públicas e sua defesa política através da participação em movimentos associativos revelando que, muito mais que políticas nacionais, trata-se de políticas cujos desenvolvimentos e apropriações em muitos sentidos são compartilhados por grupos sociais em diferentes países. Sua produção são testemunhos do desenvolvimento das correntes críticas na América Latina. A última seção analisa os dados das entrevistas com gestores dos museus. Com o uso de *software* de pesquisa qualitativa mapeou-se a frequência de palavras no conjunto das entrevistas. Constatou-se que mesmo sem eliminar *stop words*, o termo “museu” aparecia entre as dez palavras mais frequentes. O próximo passo foi analisar manualmente os sentidos que tais recorrências adquiriram nas falas. Os museus interlocutores são organizações que se influenciam mutuamente, mas também se diferenciam em muitos aspectos. A seção também contribuiu para perceber em que medida os museus são estruturados em diálogo com as características dos lugares onde se localizam e com as questões que se sobressaem dessa localização.

## 1.2 Iniciativas afiliadas à Museologia Social nos editais do Prêmio Pontos de Memória

Esta seção propõe-se a analisar como princípios da Museologia Social foram transpostos para dispositivos técnico-administrativos, nomeadamente os editais e os resultados das seleções da premiação do PPM. Nos editais, a análise é feita em itens comuns a todos os chamamentos, que são as seções “Do objeto”, “Das condições para participação”, “Da etapa de avaliação e seleção” (no edital de 2011 a seção que trata da avaliação chama-se “Da avaliação”) e “Dos prêmios”.<sup>2</sup> Objetiva-se identificar como os editais tentam conciliar os conceitos e princípios da Museologia Social às características da administração pública preservando os significados políticos dessa corrente crítica. A seção ainda busca responder se é possível mensurar a importância da Museologia Social para o Ibram através dos editais ou se os editais são um bom parâmetro para avaliar a importância da Museologia Social para o Instituto.

Houve três editais federais do PPM e um edital que embora executado pelo Ibram foi regionalizado e contemplou somente os pontos de memória do estado do Rio de Janeiro. Houve editais em 2011, 2012 e 2014 e o edital da Remus-RJ aconteceu em 2016. Os prêmios dos editais de 2014 e 2016 foram pagos durante o período abrangido por este estudo, ou seja, nos anos de 2015 a 2019. As informações analisadas são as disponibilizadas no *site* do Ibram no menu

---

<sup>2</sup> O edital de 2011 tem as seguintes seções: “Do objeto”, “Dos recursos orçamentários”, “Das condições para participação”, “Do prêmio”, “Do prazo e condições para inscrição”, “Da habilitação”, “Da comissão de seleção”, “Da avaliação”, “Da documentação complementar”, “Das obrigações” e “Das disposições gerais”. No anexo constam os seguintes formulários: Plano de Trabalho/Projeto, Declaração da Entidade, Declaração da Inexistência de Dívida, Formulário de Recurso e Termo de Responsabilidade.

O edital de 2012 tem as seguintes seções: “Do objeto”, “Dos recursos orçamentários”, “Das condições para participação”, “Dos prêmios”, “Do prazo e condições para inscrição”, “Da etapa de admissibilidade das inscrições”, “Da comissão de seleção”, “Da etapa de avaliação e seleção”, “Da documentação complementar”, “Das obrigações” e “Das disposições finais”. No anexo constam os seguintes formulários: Plano de Trabalho, Declaração de Funcionamento Regular, Declaração de Inexistência de Dívida, Declaração de Conformidade de Participação, Formulário de Recurso, Termo de Responsabilidade, Relatório do Plano de Trabalho Executado, Relatório de Comprovação de Gastos e Termo de Cessão de Uso.

O edital de 2014 tem as seguintes seções: “Do objeto”, “Dos recursos orçamentários”, “Das condições para participação”, “Dos prêmios”, “Do prazo e condições para inscrição”, “Da etapa de admissibilidade das inscrições”, “Da comissão de seleção”, “Da etapa de avaliação e seleção”, “Da documentação complementar”, “Das obrigações” e “Das disposições finais”. No anexo constam os seguintes formulários: Formulário de Apresentação de Iniciativa, Plano de Trabalho, Declaração de Funcionamento Regular, Declaração de Inexistência de Dívida, Declaração de Conformidade de Participação, Formulário de Recurso, Termo de Responsabilidade, Relatório de Plano de Trabalho Executado, Relatório de Comprovação de Gastos e Termo de Cessão de Uso.

O edital da Remus-RJ de 2016 tem as seguintes seções: “Do objeto”, “Dos recursos orçamentários e vigência”, “Das condições para participação”, “Dos prêmios”, “Do prazo e condições para inscrição”, “Da etapa de admissibilidade das inscrições”, “Da comissão de seleção”, “Da etapa de avaliação e seleção”, “Da documentação complementar” e “Das disposições finais”. No anexo constam os seguintes formulários: Formulário de Apresentação da Ação, Declaração de Funcionamento Regular, Declaração de Conformidade de Participação, Formulário de Recurso e Termo de Cessão de Uso.

referente ao Fomento e Financiamento.<sup>3</sup> Antes da premiação, o programa existia numa proposta bastante ousada e inovadora que selecionou comunidades de periferias e favelas em doze capitais para que fossem desenvolvidas propostas de Museologia Social. Os projetos foram conduzidos onde havia obras do PAC-Favelas em parceria com a OEI e com o Pronasci do ministério da justiça. Foi iniciada ainda a partir do Demu em 2008 e, posteriormente, sua gestão teve como herdeiro natural o Ibram.

### 1.2.1 “Do objeto”

Os editais normalmente se iniciam mencionando as prerrogativas legais de quem faz o chamamento para em seguida declarar seu objeto. Abaixo encontram-se as descrições dos objetos nos quatro editais analisados.

Tabela 1 - O objeto nos editais do PPM

	<b>OBJETO</b>
<b>Edital 2011</b>	“1.1. [...] selecionar e premiar 48 iniciativas dedicadas à construção de memória social e a práticas museais desenvolvidas por grupos, povos e comunidades em âmbito nacional e por comunidades de brasileiros no exterior” (Ibram, 2011a, p. 1).
<b>Edital 2012</b>	“1. [...] selecionar e premiar 60 iniciativas de memória e museologia social visando reconhecer, incentivar e fomentar a continuidade e sustentabilidade na perspectiva do Programa Pontos de Memória, sendo: a) 50 (cinquenta) desenvolvidas por grupos, povos e comunidades em âmbito nacional, e b) 10 (dez) planos de trabalho de brasileiros no exterior que se caracterizam por ações de registro e representação da sua memória” (Ibram, 2012, p. 1).

<sup>3</sup> Para verificar possíveis discrepâncias nos valores executados, na quantidade de iniciativas premiadas é importante considerar a origem dos dados sendo analisados. Até a penúltima vez que o *site* do Ibram foi acessado, em junho, os editais de todos os anos estavam disponíveis no menu Editais de Fomento, através do link <<https://www.museus.gov.br/fomento-e-financiamento/>>. Entretanto, em setembro, foi anunciado sua migração para o Portal Único do Governo Federal, fato que se concretizou em outubro. O novo endereço *online* do Ibram é <<https://www.gov.br/museus/pt-br>> Na nova roupagem do sítio eletrônico ainda não constam as informações sobre os editais, embora tenha sido anunciado que todas as informações migrariam para o novo endereço. O referido menu pôde ser acessado, porque o antigo *site* ainda não foi desativado. Para acessá-lo, Cf. Instituto Brasileiro de Museus. (n.d.). *Fomento e Financiamento*. Retrieved December 7, 2021 from <https://antigo.museus.gov.br/fomento-e-financiamento/>.

<b>Edital 2014</b>	“1.1. [...] selecionar e premiar 47 ações desenvolvidas por iniciativas de memória e museologia social, visando reconhecer, incentivar e fomentar a continuidade e sustentabilidade na perspectiva do Programa Pontos de Memória sendo: a) 44 (quarenta e quatro) ações desenvolvidas por grupos, povos e comunidades em âmbito nacional, e b) 3 (três) ações desenvolvidas por brasileiros residentes no exterior que se caracterizam por ações de registro e representação da sua memória” (Ibram, 2014a, p. 1).
<b>Edital Remus-RJ 2016</b>	“1.1. [...] selecionar e premiar 6 (seis) ações desenvolvidas por iniciativas de memória e museologia social no Estado do Rio de Janeiro” (bram, 2016a, p. 1).

Fonte: Elaboração a partir dos editais do prêmio PPM.

Apesar de os editais de 2011 e 2012 falarem em “iniciativas” e os editais de 2014 e da Remus-RJ de 2016 falarem em “ações desenvolvidas por iniciativas”, os documentos dão a entender que embora em cada edital tivesse havido maior ou menor ênfase na descrição do proponente, todos tiveram de apresentar um plano de trabalho descrevendo atividades, custos, etc. Os trechos juntos passam a impressão de que quando o objeto se tratasse de uma ação, o candidato deveria escrever um plano de trabalho contemplando os itens do edital concebendo um evento ou um trabalho em memória social e quando fosse uma iniciativa o candidato deveria apresentar a organização responsável pelas ações de memória social. No primeiro caso, a iniciativa poderia já ter desenvolvido a ação cabendo-lhe relatar essa experiência segundo os critérios previstos no edital ou estar iniciando uma atuação nessa área, o que também deveria ser explicado segundo os formulários fornecidos.

As iniciativas, por sua vez, podem ser “desenvolvidas por grupos, povos e comunidades em âmbito nacional” ou “desenvolvidas por brasileiros residentes no exterior”. Apenas o edital da Remus-RJ de 2016, por razões óbvias, não trabalhou essa clivagem e declara apenas que seu objeto são “ações desenvolvidas por iniciativas de memória e museologia social no Estado do Rio de Janeiro”. Ainda sobre “Do objeto”, os editais de 2011, 2012 e 2014 fazem menção a “grupos, povos e comunidades” para identificar quem pode se candidatar no Brasil enquanto para candidatos do exterior resolvem esse dilema substituindo a expressão “grupos, povos e comunidades” pela menção somente a “comunidades de brasileiros no exterior” (2011), “brasileiros no exterior” (2012) e “brasileiros residentes no exterior” (2014). Os editais destrincham a identidade brasileira a partir da menção a subcategorias de pertencimento. Ao fazer a subclassificação, o setor público dos museus está reconhecendo nuances do pertencimento e endossando sensibilidades advindas da Museologia Social que se preocupa em democratizar os processos museais tornando-os participativos e a serviço de grupos que historicamente não controlaram

instituições museais. Não se pode perder de vista que muitas iniciativas querem reconhecimento ainda que suas memórias tragam à tona situações nas quais grupos minorizados (“grupos, povos e comunidades”) estiveram ou estão em oposição a setores do poder público como povos indígenas e políticas para a agricultura e moradores de favela e políticas de urbanização das cidades.

Desse modo, então, já no início dos editais, a transposição dos princípios da Museologia Social para os editais toca na questão do pertencimento e traduz o sentimento de que as comunidades são imaginadas (Anderson, 1991; Beck, 2011). Por isso, talvez seja esperado das candidaturas de brasileiros residindo no exterior que diferenças regionais, étnico-raciais ou sociais façam menos sentido, sejam menores que a nacionalidade, o status migratório ou a língua materna. Dito de outra forma, diferenças regionais, sociais ou étnico-raciais fariam mais sentido para as “iniciativas em âmbito nacional”, não para “brasileiros residindo no exterior” que balizariam o pertencimento a partir de variáveis externas ao contexto brasileiro. Nesse sentido, ficou a critério tanto das candidaturas quanto das comissões de seleção lidarem com a limitação. Algumas iniciativas/ações no exterior selecionadas nos editais de 2011 e 2012 aludem à continuidade de categorias de pertencimento, corroborando o entendimento de que permanecem significativas aos brasileiros no exterior. É o caso da “Batuque – Uruguai” do edital de 2011 e de “O universo negro brasileiro: sinergias e convergências das culturas negras no Brasil e Barcelona”, “Mandou me chamar, eu vim! Religiões brasileiras de matriz negro-africana em Portugal: historicidade, performance e repertório musical” e “Museu da Emigração dos tchecos para o Brasil” no edital de 2012.

Destacam-se nessas candidaturas selecionadas a matriz africana da cultura brasileira. Em uma delas, por exemplo, busca-se não apenas reforçar o elo com outros afro-brasileiros morando no exterior, mas o diálogo com outras manifestações de mesma origem no continente europeu. É o caso de “O universo negro brasileiro: sinergias e convergências das culturas negras no Brasil e Barcelona” que busca pontos comuns entre experiências da diáspora africana. Nesse sentido, um questionamento seria as categorias de pertencimento nacionais não obterem um equivalente para o pertencimento de brasileiros no exterior nas regras dos editais. Mas, o resultado do edital, evidenciou que as comissões de seleção puderam exercer controle nesse sentido e selecionar candidaturas que também primassem pela validade de categoriais identitárias que tanto fazem sentido para os brasileiros vivendo no país quanto para residentes no exterior.

Percebeu-se esforço para transpor os conceitos das correntes críticas em regras compatíveis com os princípios da administração pública. A seção seguinte analisa exigências para participar do processo seletivo contrastando as condições para proponentes no Brasil e residindo no exterior.

### 1.2.2 “Das condições para participação”

Em todos os editais, “grupos, povos e comunidades em âmbito nacional” só podem se candidatar na qualidade de pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos. O texto a seguir descreve esse e outros requisitos como o tempo de envolvimento com atividades correlatas. Os candidatos deveriam ser:

[P]essoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, de natureza cultural e que tenham participado do desenvolvimento de ações de memória social e processos museais com atuação comprovada de no mínimo 3 (três) anos. (Ibram, 2014a, p. 1)

Já “brasileiros no exterior” poderiam se candidatar como:

[P]essoa física, brasileira nata, equiparada ou naturalizada, maior de 18 (dezoito) anos, com residência comprovada no exterior de, no mínimo 3 (três) anos, tempo que deverá ser membro de associação ou entidade comunitária de brasileiros no exterior, e que desenvolva iniciativa que se caracterize por realizar ações de registro e representação da memória da comunidade brasileira no exterior. (Ibram, 2014a, p. 1–2).

Há mais exigências a candidaturas para pontos de memória no Brasil e são quase incompatíveis com a definição de “grupos, povos e comunidades”. No exterior, pessoas físicas podem se candidatar aos prêmios enquanto somente pessoas jurídicas podem propor candidaturas no Brasil. Diversas seções preocupam-se em descrever conceitos e categorias. Além de aparecer na seção “Do objeto”, “grupos, povos e comunidades” é uma das categorias definidas na seção “Das condições para participação”. Aparece nos editais de 2011 e 2012, enquanto o edital de 2014 e da Remus-RJ de 2016 não os mencionam. Em vez disso, o edital de 2014 define “entidade comunitária”. O edital da Remus-RJ ao invés de dizer que as iniciativas devem ser de grupos identitários minoritários diz que devem ser para a valorização das memórias desses grupos identitários.

Esses documentos oficiais estão impregnados por uma linguagem característica do “do-in antropológico” das políticas culturais do governo Lula, posteriormente transformadas em políticas públicas de Estado (Barbalho, 2017; Sader, 2013; Turino, 2010). As classificações devem ser mobilizadas pelos proponentes para, como define O’Dwyer (2019, p. 302), “filtrar suas experiências”. Como a tabela a seguir mostra, as OSCs proponentes devem saber transitar entre exigências jurídico-contabilísticas e conceituações de feito antropológico. Os editais puderam se movimentar com equilíbrio através dessas exigências porque os órgãos de cultura já tinham experiências com o PCV – um processo seletivo em termos similares. Mas, também por isso não poderia se livrar da crítica que o PCV sofreu principalmente no que tange às prestações de contas.

Tabela 2 - Categorização de grupos identitários nos editais do PPM

<b>Edital 2011</b>	<p><b>Define “grupos, povos e comunidades em âmbito nacional”:</b></p> <p>3.3.2. os grupos, povos e comunidades tradicionais que se diferenciam culturalmente e se reconhecem enquanto tais; que possuam formas próprias de organização social; que utilizem os territórios e seus recursos para sua manutenção, articulando suas práticas, conhecimentos e inovações, a exemplo de ribeirinhos, indígenas, quilombolas, ciganos, afrodescendentes, litorâneos, periféricos, rurais, urbanos, entre outros (Ibram, 2011a, p. 2).</p>
<b>Edital 2012</b>	<p><b>Define “grupos, povos e comunidades em âmbito nacional”:</b></p> <p>3.3.2. os grupos, povos e comunidades que se diferenciem culturalmente e se reconhecem enquanto tais, que possuam formas próprias de organização social; que utilizem os territórios e seus recursos para sua manutenção, articulando suas práticas, conhecimentos e inovação, a exemplo de ribeirinhos, indígenas, quilombolas, ciganos, afrodescendentes, litorâneos, periféricos, rurais, urbanos, entre outros (Ibram, 2012, p. 2).</p>
<b>Edital 2014</b>	<p><b>Define “entidade comunitária”:</b></p> <p>3.3.2. entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, de caráter cultural e social, de gestão comunitária, composta por número ilimitado de associados e constituída pela união de moradores e representantes de entidades da comunidade (Ibram, 2014a, p. 2).</p>
<b>Edital Remus-RJ 2016</b>	<p>Não destina um item do edital para definir “grupos, povos e comunidades” como os demais editais. Porém, no item anterior (3.2.) ao definir “iniciativas de memória e/ou museologia social” destina um pequeno trecho para explicar essas categorias nos seguintes termos:</p> <p>“3.2. [...] à valorização e à proteção da memória social de grupos, de povos e de comunidades que se diferenciam por características históricas e culturais” (Ibram, 2016a, p. 1).</p>

Fonte: Elaboração a partir dos editais do prêmio PPM.

“[G]rupos, povos e comunidades” para se candidatarem devem possuir características culturais que os diferenciam dos demais brasileiros. A lista envolve exemplos como indígenas, quilombolas, ciganos e periféricos. Enfatiza que há categorias sociais que não participam completamente do sentido convencional da brasilidade mesmo estando no território do Brasil.

A não participação ou a participação precária na cidadania brasileira poderia dificultar o cumprimento dos requisitos jurídico-contabilísticos pressupostos para que a candidatura seja homologada. Todavia, não é esse o entendimento expresso nos instrumentos convocatórios, dado que se espera desses “grupos, povos e comunidades” que já estejam em plena posse dos direitos e obrigações civis e organizativas. O edital de 2011, mais tolerante nas exigências aos candidatos, ainda assim estabelece como condição o seguinte requisito desdobrado em sub-requisitos:



3.6. Poderão participar desta seleção pública pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, que desenvolva atividades referentes ao objeto deste Edital, há pelo menos 03 (três) anos, a serem comprovados por meio de seu ato constitutivo ou documento equivalente, e não ter, em suas relações anteriores com a União, *incorrido em pelo menos uma das seguintes condutas* (grifo meu):

3.6.1. omissão no dever de prestar contas;

3.6.2. descumprimento injustificado do objeto de convênios, contratos de repasse ou - termos de parceria;

3.6.3. desvio de finalidade na aplicação dos recursos transferidos;

3.6.4. ocorrência de dano ao Erário; ou

3.6.5. prática de outros atos ilícitos na execução de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria (Ibram, 2011a, p. 2).

Ou seja, as candidaturas deveriam ser propostas por entidades formalmente constituídas, que exercessem atividades na área objeto dos editais há pelo menos três anos. No caso de já terem celebrado parceria com o poder público, as propostas não poderiam ter incorrido em, ou se incorrido já deveriam ter sanado, problemas relacionados à prestação de contas e à execução do objeto da parceria. Aos candidatos não se exigiu o cumprimento de todos os itens, bastando apenas que não incorressem em pelo menos um dos cinco problemas de conduta descritos.

Mas, essas exigências se tornaram mais importantes quando um mesmo proponente premiado se inscreve mais de uma vez. Os candidatos além de deverem ser organizações formais da sociedade civil, deveriam manter suas contas e obrigações com o poder público acertadas dentro de prazos rigorosos. Com a seleção no edital, passaram a também incorporar aquelas resultantes especificamente do relacionamento com o Ibram. Nesse sentido, o edital de 2012 diz o seguinte:

3.6. É vedada a participação de pessoa física que esteja em débito com a União, que possuam dívida com o Poder Público e que esteja inscrita [em] banco de dados públicos ou privados de proteção ao crédito, conforme dispõe a Portaria Interministerial CGU/MP/MF nº 507/2011.

[...]

3.8. É vedada a participação de pessoas jurídicas de direito privado que tenham pendências com o Instituto Brasileiro de Museus, relativas a relatórios técnicos e prestação de contas decorrentes de outras iniciativas apoiadas por Editais publicados por este Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (sic) (grifo meu);

3.9. Poderão participar desta seleção pública pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, que desenvolva atividades referentes ao objeto deste Edital, há pelo menos 03 (três) anos, a serem comprovados por meio de seu ato constitutivo ou documento equivalente, e não ter, em suas relações anteriores com a União, *incorrido em pelo menos uma das seguintes condutas* (grifos meus):

3.9.1. omissão no dever de prestar contas;

3.9.2. descumprimento injustificado do objeto de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria;

3.9.3. desvio de finalidade na aplicação dos recursos transferidos;

3.9.5. prática de outros atos ilícitos na execução de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria [...] (Ibram, 2012, p. 2).

A participação em editais anteriores também poderia ter ocasionado pendências na prestação de contas, mudanças no objeto acordado no plano de trabalho ou o uso dos recursos para finalidades, ainda que legítimas, fora do escopo acordado. A incorporação desse item significou que pendências deveriam ser evitadas ou resolvidas em curtos lapsos temporais, não superiores àqueles que possibilitariam a recandidatura no próximo edital. Por isso, pode-se afirmar que as exigências para a segunda participação são mais rigorosas, porque sendo posteriores à inauguração da relação com o Ibram estariam contaminadas pela primeira experiência. Isso tem peso positivo, no caso do cumprimento acordado, ou um peso negativo, no caso de ter gerado pendências. Não ter pendências de editais anteriores também contaria consolidando uma reputação para a iniciativa proponente. Ser selecionado uma ou mais vezes significaria que a iniciativa conseguiu com êxito cumprir todas as exigências pactuadas anteriormente, gerando expectativas positivas para novas candidaturas.

No edital de 2014, as condições são praticamente as expressas no edital de 2012, exceto pelo retorno do subitem que trata de causar dano ao Erário. Essas exigências se desdobram da seguinte forma:

3.6. É vedada a participação de pessoa física que esteja em débito com a União, que possua dívida com o Poder Público e que esteja inscrita em bancos de dados públicos ou privados de proteção ao crédito, conforme dispõe a Portaria Interministerial CGU/MP/MF nº 507/2011.

[...]

3.8. É vedada a participação de pessoas jurídicas de direito privado que tenham pendências com o Instituto Brasileiro de Museus, relativas a relatórios técnicos e prestação de contas decorrentes de outras iniciativas apoiadas por Editais publicados por este Instituto ou, anteriormente, pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

3.9. Poderá participar deste Chamamento Público pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, que desenvolva atividades referentes ao objeto deste Chamamento Público, há pelo menos 03 (três) anos, a serem comprovados por meio de seu ato constitutivo ou documento equivalente, e não ter em suas relações anteriores com a União incorrido em, pelo menos, uma das seguintes condutas:

3.9.1. omissão no dever de prestar contas;

3.9.2. descumprimento injustificado do objeto de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria;

3.9.3. desvio de finalidade na aplicação dos recursos transferidos;

3.9.4. *ocorrência de dano ao Erário* (grifo meu); ou

3.9.5. prática de outros atos ilícitos na execução de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria (Ibram, 2014a, p. 2).

O edital de 2014 é o último de abrangência nacional e por isso esperava-se que ele tivesse consolidando, a partir das experiências com as edições anteriores, qual seria a linha de exigências

do Ibram. Por outro lado, o edital da Remus-RJ de 2016 por abranger as iniciativas do estado do Rio de Janeiro poderia ter incorporado tanto as experiências dos editais nacionais como acrescentado novidades advindas do diálogo com experiências resultantes da capilarização do PCV. Como será argumentado, a cidade do Rio de Janeiro concentra mais museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social que qualquer outra capital e essa importância geográfica poderia ter ocasionado ganhos significativos quanto ao desempenho da política. O que se observa, no entanto, quanto às condições para participação é um texto bastante similar aos seus predecessores ficando a novidade política concentrada no fato de que se tratou de edital possível graças à mobilização pelos recursos através da Remus-RJ (Veiga, 2017). O trecho a seguir foi reproduzido para comparação:

3.4. É vedada a participação de pessoas jurídicas de direito privado que tenham pendências com o Instituto Brasileiro de Museus, relativas a relatórios técnicos e prestação de contas decorrentes de outras iniciativas apoiadas por Editais publicados por este Instituto ou, anteriormente, pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

3.5. Poderá participar deste Chamamento Público pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, que desenvolva atividades referentes ao objeto deste Chamamento Público, há pelo menos 03 (três) anos, a serem comprovados por meio de seu ato constitutivo ou documento equivalente, e não ter suas relações anteriores com a União incorrido em, pelo menos, uma seguintes condutas:

3.5.1. omissão no dever de prestar contas;

3.5.2. descumprimento injustificado do objeto de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria;

3.5.3. desvio de finalidade na aplicação dos recursos transferidos;

3.5.4. *ocorrência de dano ao Erário* (grifo meu); ou

3.5.5. prática de outros atos ilícitos na execução de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria (Ibram, 2016a, p. 2–3).

Provavelmente, não houve novidade nesse aspecto no edital regionalizado, porque ele foi organizado pelo Ibram, ainda que os recursos das premiações tenham advindo da mobilização da Remus-RJ junto a parlamentares da bancada do estado. Os recursos provieram de emenda parlamentar individual. É uma experiência que evidencia como a sociedade civil organizada pode impactar nas decisões orçamentárias. No caso, além de provocar a descentralização de recursos, todo o processo teve também o papel de endossar ou corroborar o entendimento do Ibram delineado nos editais do PPM sobre os sentidos para Museologia Social.

Os editais não adentram as condições de participação para as candidaturas de pessoas físicas no exterior, passando a se concentrar apenas nas candidaturas nacionais. Via de regras, aos grupos identitários cujo usufruto dos direitos de cidadania e dos direitos culturais se dão de forma precária no país cabem como a qualquer outra organização da sociedade civil seguir os regulamentos que vigoram na administração pública. As observações evidenciaram que as

equipes dos museus conhecem as críticas surgidas principalmente da experiência de prestação de contas dos pontos de cultura – em implantação desde 2004. Segundo as avaliações do PCV feitas pelo Ipea, questionou-se o nível de burocracia para organizações que não têm condições de suprir exigências contábilísticas (Barbosa, Frederico & Calabre, Lia, 2011). Os entrevistados não criticaram os processos de prestação de contas, mas comentaram sobre suas dificuldades em conseguir contadores voluntários que orientassem os gestores na execução dos planos de trabalho.

Até agora na análise dos editais, não se falou sobre o plano de trabalho proposto. Tudo circulou em torno de algumas condições para a participação que antecedem o plano de trabalho. Apenas abordou-se quem poderia participar como candidato. O próximo item busca identificar como esses segmentos identitários organizados em pessoas jurídicas de reputação ilibada propõem planos de trabalho em sintonia com os princípios da Museologia Social modulados nos editais.

### 1.2.3 “Das condições para participação” e “Da etapa de avaliação e seleção”

A análise de “Das condições para participação” e “Da etapa de avaliação e seleção” aborda outro trabalho conceitual realizados nos chamamentos. Entende-se que essas passagens expressam com mais ênfase a transposição dos princípios das correntes críticas. Os editais de 2011 e 2012 preocuparam-se em definir respectivamente “atividades museais” e “processos museais” enquanto o edital de 2014 definiu “iniciativas de memória e/ou museologia social” e “entidade comunitária” e o edital da Remus-RJ 2016 definiu “iniciativas de memória e/ou museologia social”. A Museologia Social objetiva democratizar os processos museais. Nesse sentido, busca-se saber se a ênfase nos processos museais ou nas organizações comunitárias teria algum efeito sobre a distribuição da pontuação nos critérios classificatórios. Ou seja, diante dessas categorias, os candidatos deveriam enfatizar nos planos de trabalho mais os processos museais ou a caracterização de organização da sociedade civil proponente? Diante de uma ou outra categoria, as candidaturas deveriam ser mais pragmáticas e procedurais – ressaltando a utilização das técnicas da museologia – ou mais discursivas – concentrando-se nos elementos históricos, geográficos e antropológicos das iniciativas? A tabela abaixo colocou juntos os conceitos trabalhados nos editais.

Tabela 3 - Categorias definidas nos editais da premiação do PPM

<b>Edital 2011</b>	<b>Define atividades museais:</b>
--------------------	-----------------------------------

	<p>3.3.1. atividades museais - aquelas relacionadas à memória social e à valorização, pesquisa, preservação, conservação, comunicação e sustentabilidade dos bens culturais de natureza material e imaterial de comunidades e localidades; que tenham como consequência o respeito à diversidade cultural, a promoção da dignidade humana, o protagonismo cidadão, o direito à cultura, à memória e ao desenvolvimento social (Ibram, 2011a, p. 2).</p>
<b>Edital2012</b>	<p><b>Define processos museais:</b></p> <p>3.3.1. processos museais - aqueles relacionados à memória social e à valorização, pesquisa, preservação, conservação, comunicação, acessibilidade e sustentabilidade dos bens culturais (de natureza material e imaterial) e ambientais de comunidades e localidades que tenham como consequência: o respeito à diversidade cultural, a promoção da dignidade humana, o protagonismo cidadão, o direito à cultura, à memória e ao desenvolvimento socioambiental (Ibram, 2012, p. 3).</p>
<b>Edital 2014</b>	<p><b>Define iniciativas de memória e/ou museologia social:</b></p> <p>3.3.1. iniciativas de memória e/ou museologia social - núcleos constituídos pela sociedade civil, de forma autônoma do poder público e geridos de forma participativa no seio das próprias comunidades para a identificação, pesquisa e promoção de seu patrimônio material e imaterial, por meio da museologia social, visando ao reconhecimento, à valorização e proteção da memória social de grupos, de povos e de comunidades que se diferenciam por características históricas e culturais (Ibram, 2014a, p. 2).</p> <p><b>Define entidade comunitária:</b></p> <p>3.3.2. entidade comunitária – entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de duração indeterminada ou determinada, de caráter cultural ou social, de gestão comunitária, composta por número ilimitado de associados e constituída pela união de moradores e representantes de entidades da comunidade (Ibram, 2014a, p. 2).</p>
<b>Edital Remus-RJ 2016</b>	<p><b>Define iniciativas de memória e/ou museologia social:</b></p> <p>3.2. Para efeitos deste Chamamento Público, entende-se por Iniciativas de memória e/ou museologia social - núcleos constituídos pela sociedade civil, de forma autônoma do poder público, geridos de forma participativa pelas próprias comunidades para a identificação, pesquisa e promoção de seu patrimônio material e imaterial, e que utilizam-se de metodologias da museologia social, visando ao conhecimento, à valorização e à proteção da memória social de grupos, de povos e de comunidades que se diferenciam por características históricas e culturais (Ibram, 2016a, p. 1).</p>

Fonte: Elaboração a partir dos editais do prêmio PPM.

No edital de 2014 e no edital da Remus-RJ de 2016 na seção “Das condições para participação”, “memória e/ou museologia social” são definidas da mesma forma. Nos editais de 2011 e 2012, não se definem memória e museologia social, mas “atividades museais” e “processos museais”.

Esses conceitos são articulados de forma quase idêntica, tendo o edital de 2012 acrescentado duas novas referências. A primeira à “acessibilidade” e a segunda a bens “ambientais”.

Isso dito, cabe então analisar o grupo de categorias definidas à luz do sistema de pontuação. A tabela a seguir apresenta os critérios de seleção e as pontuações correspondentes em cada edital.

Tabela 4 - Critérios de seleção e pontuação dos editais do PPM

<p><b>Edital 2011</b></p>	<p>8.1 Serão adotados os seguintes critérios de seleção para avaliação e pontuação das propostas:</p> <p><b>8.1.1 Da Iniciativa:</b></p> <p>8.1.1.1 identificação com a museologia social (Item eliminatório);  8.1.1.2 caráter comunitário no exercício cidadão do direito à memória (0 a 30 pontos);  8.1.1.3 regularidade da programação mantida pela iniciativa (0 a 20 pontos);  8.1.1.4 caráter inovador das atividades e metodologias desenvolvidas (0 a 20 pontos); e  8.1.1.5 relevância, alcance e impacto da iniciativa em âmbito local (0 a 30 pontos).</p> <p><b>8.1.2 Do Plano de Trabalho</b></p> <p>8.1.2.1 adequação ao subitem 4.3.1 (item eliminatório);<sup>4</sup>  8.1.2.2 viabilidade de execução do Plano de Trabalho (0 a 40 pontos);  8.1.2.3 caráter comunitário das atividades previstas (0 a 30 pontos); e  8.1.2.4 caráter inovador das atividades e metodologias previstas (0 a 30 pontos) (Ibram, 2011a, p. 5).</p>
<p><b>Edital 2012</b></p>	<p><b>8.2.1 Da Iniciativa:</b></p> <p>8.2.1.1 identificação com a museologia social (0 a 30 pontos);  8.2.1.2 caráter comunitário no exercício cidadão do direito à memória (0 a 30 pontos);  8.2.1.3 relevância, alcance e impacto social da iniciativa em âmbito local (0 a 20 pontos);  8.2.1.4 caráter inovador das atividades e metodologias desenvolvidas (0 a 10 pontos); e  8.2.1.5 regularidade da programação mantida pela iniciativa (0 a 10 pontos);</p> <p><b>8.2.2 Do Plano de Trabalho:</b></p> <p>8.2.2.1 viabilidade de execução do Plano de Trabalho (0 a 40 pontos);  8.2.2.2 caráter comunitário das atividades previstas (0 a 30 pontos);</p>

<sup>4</sup> O item 4.3.1. diz o seguinte: “4.3.1. Os recursos do prêmio deverão ser utilizados, exclusivamente, com atividades e projetos relacionados ao desenvolvimento do Ponto de Memória, devendo ser aplicados em um ou mais dos itens abaixo indicados” (Ibram, 2011a, p. 3).

	8.2.2.3 caráter inovador das atividades e metodologias previstas (0 a 30 pontos) (Ibram, 2012, pp. 5–6).
<b>Edital 2014</b>	<p><b>Quanto à iniciativa proponente (0 a 40 pontos):</b></p> <p>8.2.1.1 Realização de atividades relacionadas à memória e/ou museologia social, nos últimos 03 (três) anos. (0 a 10 pontos)</p> <p>8.2.1.2 Participação ativa nos últimos 03 (três) anos em curso, oficinas, palestras, simpósios, seminários, conferências, encontros e fóruns relacionados à memória e museologia social. (0 a 10 pontos)</p> <p>8.2.1.3 Participação ativa em conselhos, cooperativas, associações, sindicatos, redes e fóruns de cultura ou outras entidades relacionadas à área temática de abrangência do objeto deste Chamamento Público. (0 a 10 pontos)</p> <p>8.2.1.4 A iniciativa de memória e/ou museologia social é gerida de forma participativa e mantém vínculo com a comunidade local. (0 a 10 pontos)</p> <p><b>8.2.2 Quanto à ação desenvolvida (0 a 60 pontos):</b></p> <p>8.2.2.1 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social tem caráter comunitário. (0 a 10 pontos)</p> <p>8.2.2.2 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social promoveu a difusão e valorização da memória local de grupos, povos e comunidades representativos da diversidade cultural brasileira. (0 a 20 pontos)</p> <p>8.2.2.3 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social contribuiu para o fortalecimento das tradições locais, da identidade e dos laços de pertencimento da comunidade. (0 a 10 pontos)</p> <p>8.2.2.4 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social contribuiu para gerar outras ações de memória e museologia social a partir de seus resultados. (0 a 10 pontos)</p> <p>8.2.2.5 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social contribuiu para o desenvolvimento sustentável da localidade através da valorização do potencial local, impulso do turismo e/ou da economia local. (0 a 10 pontos) (Ibram, 2014a, pp. 5–6).</p>
<b>Edital Re-mus-RJ 2016</b>	<p>8.2 Serão adotados os seguintes critérios de seleção para avaliação e pontuação da iniciativa proponente e da ação desenvolvida.</p> <p><b>8.2.1 Quanto à iniciativa proponente (0 a 30 pontos):</b></p> <p>8.2.1.1 Realização de atividades relacionadas à memória e/ou museologia social, nos últimos 03 (três) anos no estado do Rio de Janeiro. (0 a 20 pontos)</p> <p>8.2.1.2 Participação ativa nos últimos 03 (três) anos em cursos, oficinas, palestras, simpósios, seminários, conferências, encontros e fóruns relacionados à memória e museologia social, preferencialmente envolvendo a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro. (0 a 10 pontos);</p> <p><b>8.2.2 Quanto à ação desenvolvida (0 a 70 pontos):</b></p> <p>8.2.2.2 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social promoveu a difusão e valorização da memória local de grupos, povos e comunidades representativos da diversidade cultural brasileira. (0 a 50 pontos)</p>

8.2.2.3 A ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social contribuiu para gerar outras ações de memória e museologia social a partir de seus resultados. (0 a 20 pontos) (Ibram, 2016a, p. 4).
--

Fonte: Elaboração a partir dos editais do prêmio PPM.

Relembrando, os editais de 2011 e 2012 definem “atividades museais” e “processos museais” respectivamente. Já o edital de 2014 e o edital da Remus-RJ de 2016 definem ambos o conceito de “iniciativas de memória e/ou museologia social”, sendo que o edital da Remus-RJ também define “entidade comunitária”. Quanto à distribuição da pontuação, os editais de 2011 e 2012 criaram duas categorias: “Da iniciativa” e “Do plano de trabalho” e a cada atribuiu 100 pontos. O edital de 2014, por sua vez, dividiu a pontuação de 100 pontos em dois blocos, sendo o primeiro referente a “Quanto à iniciativa proponente” e o segundo a “Quanto à ação desenvolvida” e atribuiu-lhes 40 e 60 pontos, respectivamente. O edital da Remus-RJ de 2016 usou os mesmos dois blocos do edital de 2014, ou seja, “Quanto à iniciativa proponente” e “Quanto à ação desenvolvida”, mas dividiu a pontuação em dois blocos de 30 e 70 pontos, respectivamente. Os blocos de pontuação trabalhavam os blocos de conceitos apresentados.

Embora os sistemas de avaliação dos editais de 2011 e 2012 tenham atribuído a mesma pontuação à iniciativa e ao plano de trabalho, a viabilidade dos planos de trabalho – que aparece como um subitem dentro de “Do plano de trabalho” – corresponde à maior pontuação, 40 pontos em cada um dos dois instrumentos. Dentro dos subitens, os editais de 2014 e da Remus-RJ 2016 atribuíram mais importância à “ação desenvolvida pela iniciativa de memória e/ou museologia social promoveu a difusão e valorização da memória local de grupos, povos e comunidades representativos da diversidade cultural brasileira”, visto que esse critério recebeu 20 e 50 pontos dos 60 e 70 pontos do bloco “Quanto à ação desenvolvida” nos editais de 2014 e Remus-RJ 2016, respectivamente. Ou seja, também atribuíram mais peso ao plano de trabalho. Depende-se dessa escolha que o manejo do conceito de memória social e/ou museologia social deve contemplar as exigências feitas aos entes públicos ou aos prestadores de serviços contratados pela administração pública, porque ao atribuir mais pontos à iniciativa proposta sobressai-se o critério da exequibilidade – ou seja, uma ação passível de ser concluída –, e da mensurabilidade – a capacidade de ainda que apenas como ação planejada (e não executada) poder ser completamente visualizada. O subitem destaca que a ação proposta deve ter grande poder de comunicação e favorecer a replicação de projetos similares. Deve potencializar de maneira eficiente os benefícios dos recursos investidos.

A preocupação de explicar os conceitos como “atividades museais” e “processos museais” ou “iniciativas de memória e/ou museologia social” é notável em todos os editais e os tornam



mais didáticos que outras chamadas. Como se tem comentado, ainda que em função da capacidade de ser expressa e executada através da burocracia de prestação de contas e de outras obrigações administrativas e contabilísticas, essas categorias perpassam todas as seções dos editais e seus formulários. De maneira geral, a articulação desses conceitos e a disponibilização dos formulários – desde os modelos para o plano de trabalho até para apresentação de recursos – podem ser compreendidas como gestos através das quais o Ibram demonstra suas aspirações de promover um processo seletivo justo, democrático e acessível.

A respeito dos formulários e das tecnologias utilizadas para o preenchimento e envio da documentação, Ísis, coordenadora do Museu da Maré, teceu algumas considerações:<sup>5</sup>

Inicialmente, lá em 97, 98... 2000... a gente apresentava projetos em formulários próprios. Nós criávamos os formulários e mandávamos os projetos. E nisso, houve uma mudança logo em seguida, porque em dois mil e alguma coisa, dois mil e o quê? 2003, 4, já não era mais assim. Começou a mudar e aí começaram a ter os próprios formulários de quem estava promovendo o edital, podia ser poder público ou instituição privada. Eles começaram a oferecer os próprios formulários (...) e tinha que mandar pelos Correios, gastavam uma nota incrível, um dinheirão [...] (Ísis – Diretora – 21-11-2019).

E aí, agora, é tudo *online*. A gente preenche *online* e envia. Então, a gente não gasta mais dinheiro com os Correios (Ísis – Diretora – 21-11-2019).

As exigências de criar padrões de comparabilidade passaram a impactar na formulação das candidaturas exigindo que fossem preparadas nos formulários fornecidos. Ísis comenta que a popularização da internet também contribuiu para transformar a dinâmica da candidatura, poupando tempo e livrando os proponentes dos custos com o envio da documentação antes feito pelos correios.

Os resultados da padronização dos formulários a que se referiu Ísis, portanto, refletem no caso do PPM ambições ideais do Ibram de estimular uma museologia democrática, capaz de

---

<sup>5</sup> Todos os nomes são fictícios. Os nomes escolhidos para os interlocutores foram inspirados em personagens da mitologia grega. Não se procurou com isso sinalizar quaisquer traços de personalidade dos participantes.

acionar cadeias produtivas da economia da cultura em diálogo com a sustentabilidade e com poder de difusão e educação emanados de quem conhece suas localidades em níveis impossíveis para o alcance das políticas públicas de cultura até então e ainda assim primando pela excelência no uso dos recursos públicos (Turino, 2005, 2010a, 2010b). Essa preocupação do Ibram equiparia os proponentes candidatos para o cumprimento das obrigações resultantes do exercício de direitos culturais, como prevê a Constituição Federal.

A distribuição da pontuação tendeu ao longo do tempo a privilegiar a viabilidade dos planos de trabalho. Depreende-se dessa escolha que o manejo das conceituações que viabilizam projetos de Museologia Social na premiação do PPM misturam-se com exigências administrativas que não estão especificamente relacionadas à museologia, das quais sobressaem o critério da exequibilidade. As avaliações e seleções só acontecem para candidaturas homologadas. Antes disso acontecer, as candidaturas devem cumprir outros requisitos, como estar em dias com a prestação de contas e apresentar documentos comprobatórios da inexistência de dívida. Ou seja, devem comprovar que na execução de ações anteriores, cumpriu o trâmite administrativo previsto. Durante a execução mudanças no plano de trabalho devem ser previamente comunicadas e aprovadas. Finalizada sua execução, a iniciativa estará apta a recandidaturas. Essa é a primeira forma de compreender como Museologia Social passa a ganhar forma nos editais. As ações e iniciativas candidatas devem cumprir requisitos anteriores aos que as caracterizariam como representativas da Museologia Social.

A próxima seção analisa como a Museologia Social, ou seja, as iniciativas selecionadas, ganham sentido nos resultados da avaliação e seleção. Conforme argumentado anteriormente, é o trabalho das comissões que complementa lacunas argumentativas dos editais, como a questão do pertencimento identitário revelou e serão as comissões que terão a palavra final na construção das candidaturas mais representativas dos sentidos da Museologia Social para o Ibram. Obviamente, há espaço para recursos e outros questionamentos ao longo do processo de inscrição, seleção, avaliação e prestação de contas, mas nos poucos editais que houve as comissões tiveram considerável controle sobre as decisões. Essa análise, entretanto, foge ao escopo deste estudo.

#### **1.2.4 As listas de selecionados**

A segunda forma de compreender como os editais definem Museologia Social é através do resultado da seleção. Os editais desempenham o papel de estabelecer equivalências na acepção de Boltanski e Thévenot (1999). Os autores analisaram situações singulares relativamente informais nas quais surgiram conflitos e a necessidade de dirimi-los e reestabelecer a normalidade.

O escopo analisado não ultrapassou situações corriqueiras conflituosas que não envolveram o uso da violência. Os autores não defendem um universalismo formal, mas uma versão moderada de relativismo chamado de “pluralismo limitado”, ou seja, com princípios aplicáveis contextualmente, o que tornaria possível um acordo.

Os editais, pelo contrário, têm o propósito de prevenir situações conflituosas que ferem o bem-estar comum através de uma agenda de formalidade que se pretende ampla (Pellegram, 1998). São os editais manuais que tentam idealmente acima de tudo zelar pelos princípios que regem a administração pública – legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Esses princípios se contrapõem a práticas históricas tais como nepotismo, apadrinhamento e outras formas de personalismos questionados pelo debate público contemporâneo. Se os editais realmente dirimem esses conflitos que atentam contra o interesse público e coletivo é assunto para mais ponderações. Parte-se aqui do princípio de que primeiro eles explicam como tornar coisas que poderiam ser incomensuráveis e, portanto, com potencial para serem mais conflitivas se postas juntas – dada a quantidade limitada de prêmios –, em coisas que para serem postas juntas devem apresentar muitas similaridades. Padronizar formulários, estipular regras de elegibilidade seriam formas de diminuir conflitos e zelar pelos princípios da administração pública, especialmente pelos princípios da moralidade e da impessoalidade.

As definições e regras expressas em edital são mecanismos que dizem previamente que narrativas, pessoas, e objetos podem ingressar numa dada “ordem de grandeza”. Por exemplo, as iniciativas “em âmbito nacional” devem ser pessoas jurídicas, capazes de comprovar – através de vídeos, fotos, reportagens – atuação em projetos de memória social “nos últimos 03 (três) anos” e devem também encaminhar toda a documentação solicitada na forma solicitada conforme os modelos disponibilizados. Diante, então, de uma gramática comum, a comissão pode fazer seu trabalho de separar candidaturas válidas das inválidas; avaliar as candidaturas válidas e, ao final, apresentar uma lista de ações/iniciativas listadas por ordem decrescente de classificação. O resultado, por sua vez, é publicado no *site* e os participantes podem consultá-lo. Ao fim, esse trabalho legitima as candidaturas representativas ou exemplares dos significados construídos para a Museologia Social nos editais. Não seria exagero afirmar que o primeiro classificado gozaria do status de corresponder mais fielmente ao sentido estipulado pelo edital e pela comissão de avaliação e seleção – o exemplar mais paradigmático da consecução dos ideários da corrente crítica. O primeiro classificado gozaria do status de corresponder mais fielmente ao sentido estipulado pelo edital.

Esse rito não passa isento de perturbações, dado que candidaturas inválidas ou desclassificadas podem recorrer das decisões através do mecanismo do recurso. Queixas sobre burlas nos processos seletivos não são incomuns e provêm tanto de comissões de avaliação e seleção

quanto das candidaturas. Décadas atrás, comentava-se à boca pequena que num certo departamento um membro de banca de seleção do mestrado muito preocupado em garantir a seu favorito uma bolsa de estudos – possível apenas aos primeiros colocados – cobrou na avaliação escrita de todos os candidatos a bibliografia que seu pupilo dominava. Desse modo, o processo seletivo manteve uma aparência universalista formal, mas no fundo defendeu um pluralismo limitado. Isso acontece com muita frequência, uma vez que é praticamente impossível rastrear como as relações pessoais e de afeto afetam a formulação de regras públicas que pretendem ser impessoais (Coelho, 2019).

Nesse sentido, a similaridade entre os textos dos editais das quatro edições do PPM estabilizou a gramática de equivalências e aumentou a segurança dos candidatos em relação às suas regras. Quanto aos descontentes dos processos seletivos de um modo geral – e não particularmente no que alude aos editais do PPM – apontam a ambiguidade das regras, a insuficiência das regras, ou mesmo o conhecimento limitado expresso no edital acerca de uma dada realidade jurídica. O que se percebe como prática nos recursos dos editais de 2011, 2012 e 2014 é via de regra a opção pela manutenção do indeferimento. Nesses casos, a comissão de avaliação e classificação informa que houve o descumprimento de itens do edital e suas decisões são soberanas. Como justificativa há razões aceitáveis como ausência de assinatura em um documento a outras mais intoleráveis como a falta de um documento.

De todo modo, defende-se que ter o nome estampado no topo da lista de seleção e posteriormente acessar esses recursos são formas das mais eficazes de entender o significado atribuído pelo Ibram a iniciativas afiliadas à Museologia Social. Antes disso, já se colocam em suspenso variáveis sociais importantes reduzindo os participantes nesse jogo a apenas formulários, documentos comprobatórios e diante deles os membros da equipe de seleção. Os editais não explicitam como as comissões selecionam e classificam as candidaturas. Não indicam se todos os membros analisam as documentações de todos os candidatos ou se são divididos em blocos. Também não explicam se os documentos são anonimizados ou consideram que seria difícil construir anonimato etc. Ainda que parentesco com algum dos candidatos seja fator impeditivo para participar da comissão de seleção, os editais não explicam como possíveis simpatias ou antipatias são expostas ou resolvidas no processo de seleção. Após a seleção, na divulgação dos resultados novamente a relação entre comissão de seleção e candidatos é mediada através das coisas, precisamente através do computador e da lista de divulgação de resultados disponível no *site* do Instituto. Mas, é uma lista validada por um intenso processo social com poder de corroborar os entendimentos manifestados em candidaturas e editais sobre a Museologia Social.

O Instituto ministra oficinas de orientação a candidaturas aos editais, criando sua própria cultura de estímulo à participação. Por exemplo, essa oficina costuma acontecer nos fóruns que

são eventos consolidados no campo ou sob demanda, entrando em contato com o setor competente. De modo geral – e não especificamente sobre os editais em análise – falta divulgação das melhores práticas de candidaturas. Alguns governos principalmente municipais têm desenvolvido estratégias para tornar os procedimentos de inscrição mais acessíveis. Isso é especialmente relevante para organizações que pretendem submeter suas primeiras candidaturas. Ísis, coordenadora do Museu da Maré, teceu um comentário acerca das estratégias desenvolvidas por equipes gestoras do PCV na cidade do Rio de Janeiro:

Eu não sei se isso acontece em todos os lugares, mas aqui no Rio – isso também já deve ter dançado com o novo governo – quando tem algum edital eles pedem para as pessoas interessadas fazerem... tem um dia: “Ô, dia tal vamos em tal lugar para capacitar as pessoas para preencherem os formulários”. Então, por exemplo, eles já fizeram apesar de a gente até saber como preencher o formulário, eles pediram para fazer aqui que era um lugar mais central para chamar do entorno. Aí, até que veio, assim, eu acho que vieram umas cinco iniciativas assim para fazer isso. A gente até participou também. Mas, eles vieram com alguém mesmo da secretaria de cultura do município – acho que também teve do estado, se eu não me engano. Aí, eles fazem uma capacitação de um dia para as pessoas daquela iniciativa preencherem os formulários para apresentar o projeto. Eu acho que é justamente para evitar que se profissionalize, para não ter a profissionalização disso. Deve ser. (Ísis – Diretora – 21-11-2019).

Ou seja, o Rio de Janeiro parece estar na vanguarda do financiamento de projetos de base comunitária, tendo desenvolvido estratégias para alcançar indivíduos ou OSCs que poderiam se interessar pela participação se fossem minimamente familiarizados com os trâmites e exigências dos editais. A diversidade de candidaturas, do mesmo modo, poderia ocasionar inovações ao entendimento de Museologia Social. Outra boa prática relatada pelos participantes envolve incentivar que premiados participem em comissões de seleções de editais segundo regramentos. Desse modo, conhecem os dois lados do processo de seleção e são capazes de melhorar suas respostas a partir das duas experiências.

Inicialmente os editais do PCV, como será visto à frente, apoiaram os projetos de museus comunitários que, por sua vez, inspiraram novas políticas públicas, como o PPM. Como outros mecanismos implementados, consolidam e oficializam o entendimento do poder público acerca da natureza dos museus afiliados à Museologia Social. Mas, os museus aprimoram essas definições através da vivência e práticas cotidianas. Por isso, essas definições são circulares e contextualizadas. Quando obtêm visibilidade política, ocupando posições decisivas, as equipes podem endereçar suas agendas mais apropriadamente e produzir efeitos sobre as definições. Alguns museus têm conseguido com sucesso galgar posições decisivas. Por exemplo, membros do Museu da Maré já ocuparam posições importantes nas associações de museus, na gestão de políticas públicas e em comissões de seleção. A experiência com a criação do museu foi fundamental

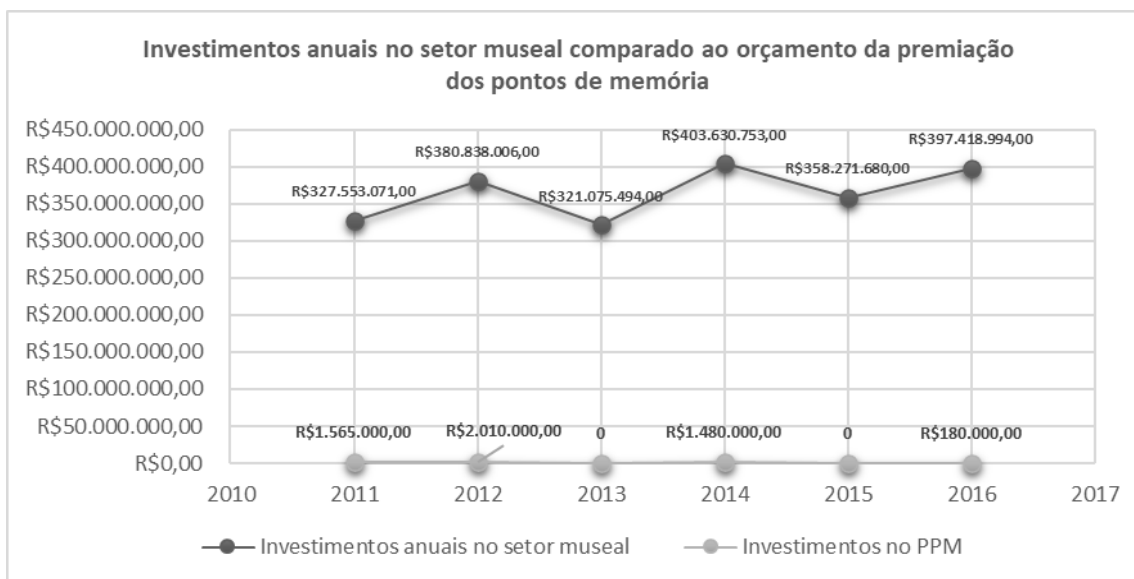
para a criação do PPM. Além disso, o edital da Remus-RJ foi possível graças ao trabalho em rede das iniciativas no estado do Rio de Janeiro, dentre elas o Museu da Maré e o Museu de Favela, que conseguiram destinar verbas aos projetos pelo trabalho de sensibilização parlamentar. Esse é um dos aspectos mais impactantes quando se pensa no poder que as iniciativas podem ter na condução da política.

### **1.2.5 O valor do prêmio**

Nos editais apareceram menções apenas à Museologia Social, mas é inegável que tanto a Nova Museologia quanto a Museologia Social têm lugar nas políticas públicas museais. Em 2012, o evento mais conhecido no campo museal, o Fórum Nacional de Museus (FNM), celebrou os 40 anos da Mesa Redonda de Santiago, a Comuse tem um quadro de pessoal trabalhando exclusivamente com as correntes críticas e o PPM expandiu sua atuação através da internacionalização e estadualização. Entretanto, sua importância pode também ser mensurada no aporte de recursos à premiação para o PPM. Longe de defender que são os editais o melhor parâmetro para aferi-la, porque se sabe que o Instituto investe em outras frentes, cabe dizer que os recursos destinados aos editais de fomento aos museus de maneira geral são insuficientes e irregulares. Portilho (2016), por exemplo, comenta que o orçamento anual de um museu de favela menor que o Museu da Maré em 2014 demandaria recursos da ordem de 500 mil reais. A premiação mais expressiva dos pontos de memória foi pulverizada para 60 selecionados, com prêmios nacionais de 30 mil reais, que somados corresponderam a pouco mais de 2 milhões de reais à época.

Os cortes no orçamento federal e a imposição do teto nos gastos públicos praticamente inviabilizaram setores não priorizados como o de museus. Ademais, a perda de servidores por aposentadoria ou para carreiras mais atraentes precarizaram o desenvolvimento das políticas. Ainda que os pontos de memória participem e sejam selecionados em outros editais, nem essa participação nem a quantidade de prêmios do PPM e seu valor monetário individual traduz as reais demandas das organizações comunitárias. Nesse sentido, defende-se que o dinheiro se constitui num bom parâmetro para mensurar a importância do programa (De Lastic, 2014). O gráfico abaixo compara o investimento feito na premiação do PPM aos investimentos totais na pasta da cultura no período de 2011 a 2016 especificamente para os museus. Os investimentos totais são compostos por todos os empenhos orçamentários realizados pelos órgãos que compõem o sistema de cultura e pelos recursos obtidos através do incentivo fiscal em cada ano.

Figura 1 - Investimentos no setor museal comparado ao orçamento da premiação do PPM (2011-2016)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da DEM/CES/DDFEM (2017).<sup>6</sup>

No período de 2011 a 2016 ocorreram os quatro editais do Prêmio Pontos de Memória. Em 2013 e 2015 não houve chamadas para a premiação. Dos quatro editais, três foram realizados com recursos do Fundo Nacional de Cultura (FNC) e o edital da Remus-RJ foi financiado com recursos de uma emenda parlamentar (Veiga, 2017). Os efeitos da crise internacional atingiram o país em 2013 e 2014, talvez por isso 2013 tenha sido o ano em que o setor obteve menos interesse de investidores e recebeu o menor aporte orçamentário. Os recursos que fomentaram os projetos de Museologia Social através de edital do PPM chegaram a no máximo 0,53% dos investimentos totais no setor museal, feito alcançado no edital de 2012. Portanto, mesmo que os investimentos no setor museal sejam aquém do necessário, uma fatia muito diminuta dos recursos chega até os museus de favela e a melhor inovação nesse sentido foi a implantação descontinuada dos pontos de memória pioneiros.

<sup>6</sup> Os elaboradores do documento informaram que houve uma mudança na metodologia, mas não a natureza dessa modificação (se no tratamento dos dados no SIMINC ou na CES/DDFEM). Os valores dos investimentos refletem os recursos provenientes do FNC e do Tesouro Nacional, do Monumenta e do Incentivo Fiscal. Os valores foram corrigidos pelo INPC/IBGE (INPC Acumulado). Para acessar o documento, Cf. Instituto Brasileiro de Museus (2017). *Investimentos no setor museal 2017 – DEM/CES/DDFEM*. Retrieved December 7, 2021 from <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/Investimentos-no-Setor-Museal-2017-final-ASCOM.pdf>.

O orçamento da premiação dos pontos de memória representou 0,48% do total de recursos investidos no setor museal em 2011 e 0,37% em 2014. O edital da Remus-RJ de 2016 estadualizado e via recursos de emenda parlamentar representou apenas 0,05%. No período 2011-2016, não havendo editais nem em 2013 e nem em 2015, o investimento na premiação representou modestos 0,0023% do montante de mais de 2 bilhões de reais. Os valores das premiações foram o mesmo em todas as edições: 30 mil reais para os pontos “em âmbito nacional” e 50 mil reais para os pontos “no exterior”. O total investido variou ao longo das edições, bem como a quantidade de prêmios. Ao todo, as edições envolveram um aporte de cerca de 5,2 milhões de reais. Em 2011, o edital disponibilizou R\$ 1.565.000,00 para 45 pontos nacionais e três no exterior. Em 2012, a premiação contou com R\$ 2.010.000,00 e concedeu 60 prêmios, 50 em âmbito nacional e 10 no exterior. Foi a maior premiação do PPM. Em 2014 o aporte de recursos foi de R\$ 1.480.000,00 para 44 prêmios no Brasil e três prêmios no exterior. Em 2016 o edital da Remus-RJ premiou nove pontos no estado do Rio de Janeiro com recursos de uma emenda parlamentar individual do deputado Chico Leite num total de R\$ 180.000,00. Comparados aos investimentos feito nos doze pontos pioneiros, a premiação teve pretensões mais modestas, com a vantagem de premiar mais ações/iniciativas e atingir projetos comunitários localizados fora das capitais.

O Instituto concedeu, segundo os resultados dos processos seletivos divulgados no *site*, 164 prêmios no país e no exterior. O edital da Remus-RJ de 2016 falava em distribuir seis prêmios, mas o resultado, divulgado no *site*, estendeu os selecionados até a 9ª posição. Esse edital foi financiado com recursos de uma emenda parlamentar individual. Antes desses editais houve o processo iniciado ainda no Iphan em parceria com o ministério da justiça e a OEI que trabalhou com a implantação dos doze primeiros pontos de memória em capitais – todas em áreas periféricas ou em favelas (Pereira, 2018, 2020). Desse modo, o universo em exame é formado pelos 164 prêmios nacionais e no exterior e pelos 12 pontos pioneiros.<sup>7</sup> Isso não quer dizer que se formaram 176 museus, primeiramente porque os editais premiaram ações e iniciativas. Então, para usar a terminologia criada pelo Ibram, há 176 pontos de memória (premiações e pontos pioneiros), porque o proponente pode em diferentes editais encaminhar candidaturas de diferentes ações ou propor a continuação de uma ação anteriormente premiada. Por exemplo, dez proponentes foram premiados tanto no edital de 2011 quanto no edital de 2012. No edital de 2014, um ponto pioneiro também foi contemplado com a premiação para um projeto específico

---

<sup>7</sup> Quanto ao total de museus, buscou-se informações sobre iniciativas da sociedade civil que estivessem defendendo seus interesses anteriormente ou paralelamente ao Instituto. Foi nesse sentido, que a ABREMC foi contatada. Algumas referências informavam que a Associação estava realizando um mapeamento. Pelo Facebook, um dos membros da ABREMC recomendou ler a dissertação de Suzy Santos (2017).



naquele ano. Premiados em outras edições do PPM também foram premiados pelo edital da Remus-RJ de 2016.

Todos os editais para museus foram mais frequentes nos primeiros anos do Ibram, e as chamadas nacionais do PPM não ocorrem desde 2014. Isso não significa afirmar que cessaram os investimentos nos pontos de memória, porque o programa atua em outras frentes como a assessoria técnica. Além disso, os pontos de memória premiados e pioneiros também participam dos editais não restritos ao seu perfil obtendo bons resultados. De maneira geral, houve diminuição nas chamadas públicas nos últimos anos: em 2011 e 2012 houve quatro editais, em 2013 e 2014 houve dois editais, em 2015 houve três editais, em 2016 houve apenas o edital da Remus-RJ, em 2017 não houve chamadas. Nos anos de 2018 e 2019 houve apenas dois editais em cada ano. O exame do quadro geral de editais sugere que a redução das chamadas tem relação com as limitações de orçamento da autarquia. Se mesmo em 2015, o Instituto já sofria com reduções orçamentárias, no período posterior esse cenário foi ainda mais tenso. Nesses anos, as OSCs apontaram que os recursos federais não constituíram sua única fonte de receitas. Fomentos de outros níveis de governo, doações de dinheiro e trabalho e a busca pelo autossustento diversificaram as opções das iniciativas.

### **1.2.6 Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social e outros atores**

Há outros atores importantes no cenário da Nova Museologia e da Museologia Social nacional. Além do Ibram, por exemplo a Abremc, criada em 2004, antes mesmo do Ibram que surgiu em 2009, tem exercido importante papel como representante dos interesses dos museus comunitários, museus de território, ecomuseus, museus de favela etc. realizando eventos, reunindo a comunidade e mapeando as organizações. Linhas de pesquisas nas universidades também já realizavam trabalhos compreensivos com estatísticas e pesquisas em diversos níveis abrangendo as experiências do país. Suzy Santos (2017) em sua dissertação de mestrado trouxe um mapeamento dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros. Ao todo a museóloga catalogou 196 museus. Dentre esses museus, cerca de 40 coincidem com as ações/iniciativas premiadas pelo Ibram através do PPM e com os 12 pontos pioneiros.<sup>8</sup> Os outros 156, se somados às 176 ações/iniciativas premiadas e pontos pioneiros, representam um universo de 332 ações e museus que desenvolvem processos afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social.<sup>9</sup> O mapeamento de Santos pôde resgatar a trajetória de museus consolidados e alguns deles são

---

<sup>8</sup> Alguns dados não são precisos o suficiente para identificar se se tratam das mesmas organizações.

<sup>9</sup> O PPM tornou-se uma política pública museal com a publicação da Portaria nº 315, de 06 de setembro de 2017.

da década de 1970, ainda que a maioria tenha surgido a partir de 2000. As estatísticas de Santos (2017) refletem tanto a atuação da Abremc quanto do departamento de museologia da USP para conhecer os museus.

Algumas das organizações catalogadas por Santos constam também no sistema de dados museais geridos pelo Ibram – o *Museusbr*. A plataforma é um recurso associado ao Sistema de Indicadores Informações Museais (SNIIC) que foi fruto da parceria do Ibram, extinto MinC, e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e já mapeou 3.928 museus.<sup>10</sup> É georreferenciada, atualizada com relativa frequência, colaborativa e permite exportar os dados em diferentes formatos.<sup>11</sup> A colaboração se sobressai quando o assunto é a disponibilização dos dados e o Ibram não detém o controle sobre as informações publicadas. Caso seja decisão dos responsáveis pelo museu é possível acessar a plataforma e realizar o registro ou a atualização dos dados *online*. Foi feita pesquisa na plataforma em junho de 2020 a partir das palavras “ecomuseus” e “museus de território” e a busca retornou uma lista contendo 98 museus cadastrados. Desses 98, 25 coincidem com os museus catalogados por Santos (2017). A próxima tabela buscou colocar juntos esses mapeamentos para efeitos de comparabilidade.

---

<sup>10</sup> Plataforma Museusbr (n.d.). Retrieved December 7, 2021 from <https://bit.ly/31BGgMT>.

<sup>11</sup> A colaboração também pode ser um recurso pouco útil para pesquisas mais interessadas no levantamento ou sistematização de dados a partir de muitos referentes comuns.

Tabela 5 - Distribuição dos museus na região Sudeste (estados e capitais)

	Brasil	São Paulo Estado	%	São Paulo Cidade	%	Rio de Janeiro Estado	%	Rio de Janeiro Cidade	%	Espírito Santo	%	Vitória	%	Minas Gerais	%	Belo Horizonte	%
<b>Pontos Pioneiros</b>	12	1	8	1	100	1	8	1	100	1	8	1	100	1	8	1	100
<b>Editais de 2011, 2012 e 2014*</b>	139	10	7	3	30	18	13	11	61	0	0	0	0	19	14	7	37
<b>Museusbr (jun2020)</b>	98	14	14	1	7	18	18	15	83	3	3	0	0	13	13	3	23
<b>Suzy Santos (2017)</b>	196	19	10	5	26	30	15	20	67	2	1	2	100	9	5	2	22

Fonte: Elaboração própria.

\*Os dados não incluem os pontos de memória no exterior.

Não excluindo os dados sobrepostos, a tabela pretende apenas apresentar como os diferentes mapeamentos distribuem os museus/iniciativas afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social na região Sudeste. A mesma tendência de concentração das iniciativas na cidade do Rio de Janeiro é verificada nos diferentes mapeamentos. Mas, quanto a essa distribuição, era esperado que os diferentes mapeamentos indicassem a concentração no estado e na cidade de São Paulo porque são o estado e a capital mais populosos do país. Entretanto, eles aparecem principalmente no estado e na cidade do Rio de Janeiro. Em todos os mapeamentos a cidade do Rio de Janeiro apresenta números iguais ou superiores de pontos pioneiros/ações premiadas/museus que todo o estado de São Paulo. Além disso, 61% dos pontos de memória premiados no estado do Rio de Janeiro concentram-se na capital. Em Minas Gerais, estado que se aproxima do cenário visto no Rio de Janeiro, há mais capilarização pelo interior do estado.

A plataforma *Museusbr* integra as estratégias do Ibram para produzir estatísticas oficiais sobre museus com a vantagem de ser colaborativa. A premiação dos pontos de memória é a implementação de uma política pública. Já a dissertação de Santos (2017) é um exemplo dos esforços dos pesquisadores das universidades na área de museologia refletindo também o trabalho desenvolvido pela Abremc.

A próxima seção analisa a forma que os museus assumem enquanto OSCs. Apresenta essas organizações primeiramente no quadro geral dos museus brasileiros mapeados e em seguida adentra o universo das entidades sem fins lucrativos. Tanto o Museu de Favela quanto o Museu da Maré são pontos de memória e pontos de cultura. O Museu da Maré é um dos inúmeros projetos do Ceasm, constituído juridicamente em 1996, e o Museu de Favela formalizou-se em 2008. Mesmo não sendo o Museu das Remoções uma pessoa jurídica ainda, todos os três projetos são exemplos paradigmáticos de museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social. É importante ter em mente, que nessa construção de sentidos novas terminologias e novos sentidos vão sendo criados ampliando o campo semântico das iniciativas no Brasil.

### **1.3 Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social em números**

Em 2012, o Ibram disponibilizou uma publicação, em formato impresso e *e-book*, que divulgava a primeira grande sistematização estatística dos museus brasileiros. Essa sistematização resultou do trabalho iniciado em 2006 através do CNM. O Ibram não existia ainda. Sua criação, assim como o crescente estímulo à produção de informação sobre os museus, faz parte da mesma onda que estimulou a capilarização dos sistemas de cultura e museal e a regulamentação dos

direitos culturais.<sup>12</sup> O CNM surge de uma parceria entre o extinto MinC e o IBGE firmada em 2004 e o Ibram surge anos mais tarde, em 2009. A publicação, inicialmente pensada para ocorrer a cada três anos, foi gradualmente assumindo a forma virtual, de modo que até 2020 somente a primeira edição foi impressa – o que ocorreu em 2011. Os dados de quase uma década atrás informavam então que existiam 3.025 museus no Brasil, embora cadastrados no CNM fossem apenas 1.500 instituições.

Com a implantação da plataforma Mapa da Cultura de mapeamentos das instituições culturais, esses dados passaram a ter o caráter colaborativo, abertos e disponíveis em tempo real. Os dados de junho de 2020 apontaram que havia cadastrados 3.861 museus. Desse universo, 43,46%, isto é, 1.678 museus localizavam-se no Sudeste. O estado do Rio de Janeiro contava com 330 instituições museais e a cidade do Rio de Janeiro com 164 dessas instituições. São Paulo, o estado com mais museus no país, contabilizava mais que o dobro disso sendo lar de 674 museus. Desse modo, confirma-se também no setor de museus a tendência de concentração nas metrópoles.<sup>13</sup>

O CNM trabalha com o seguinte conceito de museu:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único – Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009).

Portanto, os projetos comunitários interlocutores enquadraram-se na definição trazida pelo Estatuto de Museus. Na época do cadastro, dos 3.118 museus identificados, 1.500 responderam ao convite encaminhado pela equipe do CNM e cobriram o período até 2009. Dentre eles, dois dos museus interlocutores: o Museu da Maré e o Museu de Favela. Portanto, os dados também agregaram informações dos museus identificados com as correntes críticas, sendo condição para a participação estatística o preenchimento dos documentos encaminhados pelo CNM.

Os dados da publicação impressa revelam que a partir de 1970 os museus apresentaram crescimento significativo. De 1971 a 1980 surgiram 187 novos museus, de 1981 a 1990 surgiram

<sup>12</sup> A produção de dados cada vez mais interativos também pode ser atribuída à crescente importância das tecnologias digitais na gestão pública.

<sup>13</sup> Mapa da Cultura (n.d.). Retrieved December 7, 2021 from <https://bit.ly/30CaaxQ>.

outros 272, de 1991 a 2000 surgiram 377 e no período mais recente, isto é, de 2001 a 2009 surgiram 352 novos museus (Ibram, 2011b, p. 59). Ainda que sem esmiuçar os dados segundo a natureza jurídica dessas instituições, nota-se que a tendência de crescimento iniciada nos anos 1970 alcançou seu ápice na década de 1991 a 2000, quando surgiram 377 museus. Estando a década seguinte incompleta, não é possível afirmar se o seu crescimento superou o crescimento da década anterior (Ibram, 2011b, p. 59). Segundo o CNM, os museus brasileiros podem ser públicos ou privados. As classificações da natureza jurídica são bastante complexas e se dividem em cinco grandes grupos.<sup>14</sup> Os museus públicos podem pertencer às três esferas de governo (federal, estadual ou municipal). Os museus privados, por sua vez, podem ser associações, empresas, fundações e sociedades (cooperativas). Além dessas classificações mais frequentes, o CNM identificou as seguintes categorias: organizações religiosas, partidos políticos, entidades sem fins lucrativos (OSCIPs) e museus particulares (sem personalidade jurídica). Esses grupos pulverizados foram agregados na categoria “Outra” (Ibram, 2011b, pp. 62–63). A tabela a seguir apresenta esses dados.

A maioria dos museus cadastrados pelo CNM são municipais (41,1%), seguidos dos estaduais (14,3%) e federais (11,8%). Ou seja, a maioria são instituições públicas e somam 67,2% do universo dos museus. Para Myrian Santos (2011), essa é uma tendência no campo museal brasileiro onde há forte atuação do poder público no financiamento e na construção das narrativas museais. Os outros 32,8% são museus privados: associações (9,8%), empresas (3,7%), fundações (6,9%), sociedades (1,7%) e outros (10,8%) (Ibram, 2011b, p. 63). Ainda segundo a publicação impressa, no estado do Rio de Janeiro a situação mudou com a prevalência dos museus federais (33,9%), seguida dos museus municipais (22,6%) e por fim dos museus estaduais (12,2%). Dentre os museus privados as associações (9,6%) eram o grupo mais numeroso, seguidos das fundações (3,5%), empresa (1,7%) e sociedade (1,7%). A categoria “outra” (14,8%) contou dados de organizações religiosas, partidos políticos, museus sem personalidade jurídica de outras entidades sem fins lucrativos (OSCIPs) (Ibram, 2011b, p. 64). Somados, os museus federais, estaduais e municipais corresponderam a 68,7% dos museus do estado. Os museus que se encaixaram na categoria de entidades empresariais, como empresa e sociedade, juntos correspondem a 3,4% dos museus. 13,1% dos museus mapeados pelo CNM são OSCs do tipo associações privadas e fundações privadas.

---

<sup>14</sup> A Comissão Nacional de Classificação (Concla) divide a natureza jurídica em cinco grandes grupos, sendo eles: Administração Pública, Entidades Empresariais, Entidades Sem Fins Lucrativos, Pessoas Físicas, Organizações Internacionais e Outras Organizações Extraterritoriais. Para acessar essas informações, Cf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). Tabela de Natureza Jurídica 2018: Estrutura Detalhada (códigos e denominações). Retrieved December 7, 2021 from <https://concla.ibge.gov.br/estrutura/natur-estrutura/natureza-juridica-2018.html>.

Consta na publicação que o estado do Rio de Janeiro tinha 254 museus e a cidade do Rio de Janeiro contava com 124 museus. Os dados do Mapa da Cultura de junho de 2020 informavam que havia 330 museus no estado e 164 museus na cidade do Rio de Janeiro.

Tabela 6 - Distribuição dos museus no estado do Rio de Janeiro segundo a natureza jurídica

Natureza Jurídica	Natureza Jurídica Detalhada	Quantidade	Porcentagem (Natureza Jurídica Detalhada)	Porcentagem (Natureza Jurídica)
<b>PÚBLICOS</b>	Federais	87	26,3	60
	Estaduais	31	9,3	
	Municipais	80	24,2	
<b>PRIVADOS</b>	Associações	28	8,4	27,5
	Empresas	6	1,8	
	Fundações	7	2,1	
	Particulares	3	0,9	
	Religiosos	4	1,2	
	Outros	3	0,9	
	Sem Informação	40	12,1	
<b>SEM INFORMAÇÃO</b>	Sem Informação	41	12,5	12,5
<b>Total</b>		330	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Mapa da Cultura.<sup>15</sup>

No estado do Rio de Janeiro museus de natureza pública, federais, estaduais e municipais, somam 60% do total dos museus. No grupo de museus privados, prevalecem os museus pertencentes a OSCs especialmente as do tipo associações e fundações.

Na cidade do Rio de Janeiro, segundo o mapa da cultura, havia 164 museus cadastrados. Como se sabe o Rio é uma das cidades mais importantes do país, por isso concentra museus históricos federais como o MN, o Museu da República e o Museu Histórico Nacional. A cidade também abriga outros museus administrados pelo Ibram e museus OSCs como o Museu do Amanhã, o Museu Casa do Pontal e o Ecomuseu de Santa Cruz. Quanto à natureza jurídica, os museus da cidade cadastrados no Mapa da Cultura estão distribuídos da seguinte forma:

Tabela 7 - Distribuição dos museus na cidade do Rio de Janeiro segundo a natureza jurídica

<sup>15</sup> Mapa da Cultura (n.d.). Retrieved December 7, 2021 from <http://mapas.cultura.gov.br/>.

Natureza Jurídica	Natureza Jurídica Detalhada	Quantidade	Porcentagem (Natureza Jurídica Detalhada)	Porcentagem (Natureza Jurídica)
<b>PÚBLICOS</b>	Federais	59	35,9	57,3
	Estaduais	18	10,9	
	Municipais	17	10,3	
<b>PRIVADOS</b>	Associações	17	10,3	35,9
	Empresas	5	3,0	
	Fundações	4	2,4	
	Particulares	2	1,2	
	Religiosos	3	1,8	
	Outros	2	1,2	
	Sem informação	26	15,85	
<b>SEM INFORMAÇÃO</b>	Sem informação	11	6,8	6,8
<b>Total</b>	-	164	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Mapa da Cultura.

Na capital fluminense, os museus públicos somam 94 dos cadastrados e nesse grupo destacam-se, como era de se esperar, os museus federais. Ainda que falte qualidade aos dados, dada a quantidade de campos deixados sem preenchimento, os museus privados são predominantemente associações privadas. Correspondem à 10,3% dos museus cadastrados – o mesmo percentual de museus municipais.

Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social na cidade do Rio de Janeiro são predominantemente OSCs em que prevalecem as associações privadas. As estatísticas desses museus, apresentados na seção anterior, cobrem principalmente os resultados dos editais do PPM, dos registrados na plataforma *Museusbr* e os sistematizados no mapeamento de Santos (2017). Esses mapeamentos revelaram que os museus afiliados às correntes críticas se concentram no Sudeste e na cidade do Rio de Janeiro. Possivelmente isso se deu não por causa da riqueza e dos altos padrões de desenvolvimento experimentados na região, mas por causa das disparidades socioeconômicas observadas e responsáveis por grandes polarizações no Sudeste.

É sabido que as associações e fundações privadas sem fins lucrativos podem ser tanto organizações de base comunitária, como os museus interlocutores, quanto museus que, ainda de propostas arrojadas, inovadoras, apreciadas pelo grande público, integram estratégias questionáveis de requalificação urbana e do uso dos recursos públicos (Gutterres, 2016; Pires, 2014; Santos, 2011). Quando florescem? Onde se concentram? Que tendências seguem no Sudeste, no estado e na cidade do Rio de Janeiro? A seguir, busca-se responder a essas e outras



indagações tentando compreender o papel do financiamento público na sua sustentabilidade. Ainda é comum ouvir que as ONGs sobrevivem graças aos recursos públicos. Seria essa declaração que soa mais como uma crítica inteiramente verdadeira?

É preciso ter em mente também que subjaz a essas questões uma percepção positiva acerca das diversas maneiras pelas quais os governos inovam na gestão do orçamento. Nesse sentido, faz-se fundamental dizer que décadas atrás orçamentos participativos eram uma inovação implementada por alguns governos locais e levantavam a curiosidade acerca da possibilidade de replicação dessas práticas que teriam o importante papel de dar um significado mais profundo à democracia. A democratização do fazer cultural, mais do que a democratização do consumo cultural, através de programas como o Cultura Viva com a proposta de financiamento de organizações de base comunitária, foi percebida como mais uma inovação que lembra a sensibilidade do orçamento participativo. À época também se questionava se o crescimento das ONGs representavam o encolhimento do Estado no suprimento dos bens e serviços públicos em setores nevrálgicos como a educação e a saúde. Também se interrogava como o Estado brasileiro poderia garantir a universalização dos direitos constitucionais sem envolver outros atores da sociedade. Não é objetivo nem do capítulo nem da seção atualizar como o tempo tem respondido as preocupações da literatura – porque serão devidamente consideradas em momento oportuno. Por enquanto, objetiva-se não as perder de vista na análise de informações que são principalmente de natureza estatística.

### 1.3.1 Organizações da sociedade civil e o financiamento público

Para analisar onde se concentram, quando florescem e qual a participação do financiamento público nas OSCs foram examinados dados do Mapa das Organizações da Sociedade Civil – uma plataforma *online* do Ipea. Os museus interlocutores são associações privadas sem fins lucrativos. De acordo com a Concla, a natureza jurídica das entidades no país não é um dado fixo. Depende das mudanças no ordenamento jurídico e das dinâmicas na sociedade que podem extinguir ou fazer surgir novas formas legais de se organizar. Segundo a tabela de natureza jurídica de 2018, as entidades podem pertencer a cinco grupos: administração pública, entidades empresariais, entidades sem fins lucrativos, pessoas físicas, organizações internacionais e outras instituições extraterritoriais.<sup>16</sup>

---

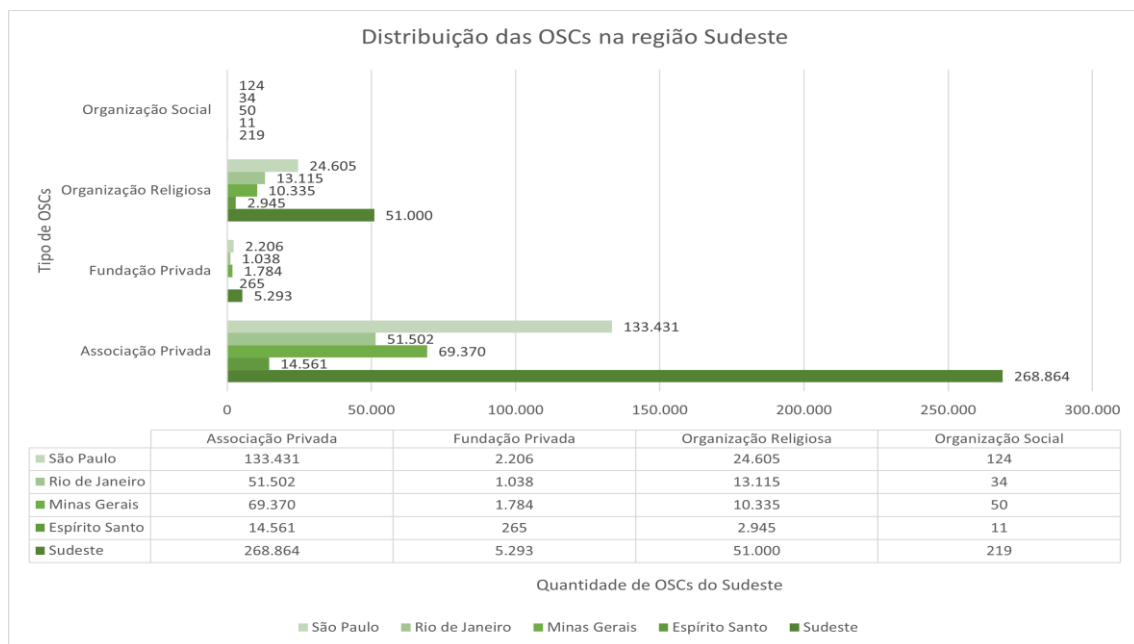
<sup>16</sup> A classificação mais recente da natureza jurídica (2018) pode ser consultada no site do IBGE, Cf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). **Tabela de Natureza Jurídica 2018: Estrutura Detalhada (códigos e denominações)**. Retrieved December 7, 2021 from <https://concla.ibge.gov.br/estrutura/natjur-estrutura/natureza-juridica-2018.html>.

A seguinte definição de organizações da sociedade civil presente na publicação *Perfil das Organizações da Sociedade Civil no Brasil* (2018), também publicada pelo Ipea, descreve suas principais características:

- a) são privadas e não estão vinculadas jurídica ou legalmente ao Estado;
- b) não possuem finalidades lucrativas, ou seja, não distribuem o excedente entre proprietários ou diretores e, se houver geração de superávit, este é aplicado em atividades-fim da organização;
- c) são legalmente constituídas, ou seja, possuem personalidade jurídica e inscrição no CNPJ;
- d) são autoadministradas e gerenciam suas próprias atividades de modo autônomo;
- e) são constituídas de forma voluntária por indivíduos, e as atividades que desempenham são de livre escolha por seus responsáveis (Ipea, 2018, pp. 15–16).

O Ipea, tanto nas publicações especializadas quanto no Mapa *online*, classifica como OSCs associações e fundações privadas, organizações religiosas e organizações sociais. O gráfico a seguir traz informações sobre a distribuição das OSCs na região Sudeste. O IBGE e o Ipea utilizam diferentes metodologias para produzir esses dados. Optou-se por apresentar somente os dados do Ipea, porque o órgão também mapeou as fontes de recursos obtidos pelas OSCs. Seus dados provêm da Secretaria da Receita Federal (SRF) através do acesso aos CNPJs e da Relação Anual de Informações Sociais (Rais). A Rais coleta informações sobre postos de trabalho criados e extintos, trabalhadores contratados e demitidos de todos os setores até mesmo das OSCs. O gráfico a seguir distribuiu as OSCs da região Sudeste. Quando a análise é feita apenas sobre os dados da SRF, o universo das OSCs se expande, porque todas as organizações empregadoras e não empregadoras têm seus dados disponibilizados, enquanto só entram nos dados da Rais as OSCs empregadoras.

Figura 2 - Distribuição das OSCs na região Sudeste

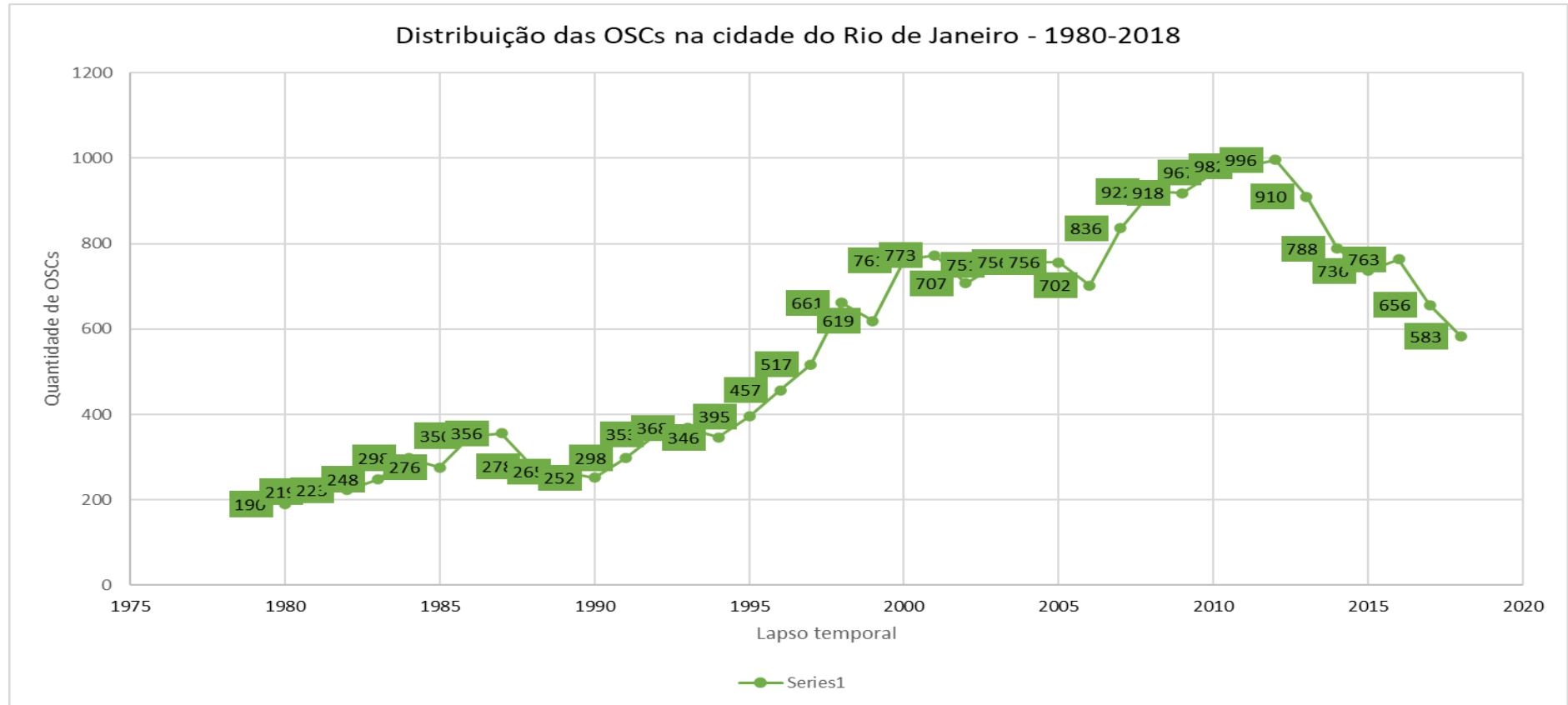


Fonte: Lopez (2018, p. 48).

Dentre as regiões brasileiras, o Sudeste concentra o maior número de OSCs e São Paulo seguido de Minas Gerais são os estados mais representativos dessa concentração. O Rio de Janeiro aparece em terceiro lugar. Dentre as OSCs, as associações privadas e as organizações religiosas são as mais comuns. Havia em 2016, ano a que se referem os dados da publicação, 13.115 organizações religiosas e 51.502 associações privadas no estado do Rio de Janeiro. O Ceasm, responsável pelo Museu da Maré, e o Museu de Favela se encaixam na tendência verificada nos dados. Ou seja, localizam-se no Sudeste e são também associações privadas.

Na cidade do Rio de Janeiro havia até 2018 24.986 OSCs. De 1980 a 2018 o surgimento de novas OSCs em cada ano apresentou a evolução representada no gráfico seguinte.

Figura 3 - Distribuição das OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 1980-2018

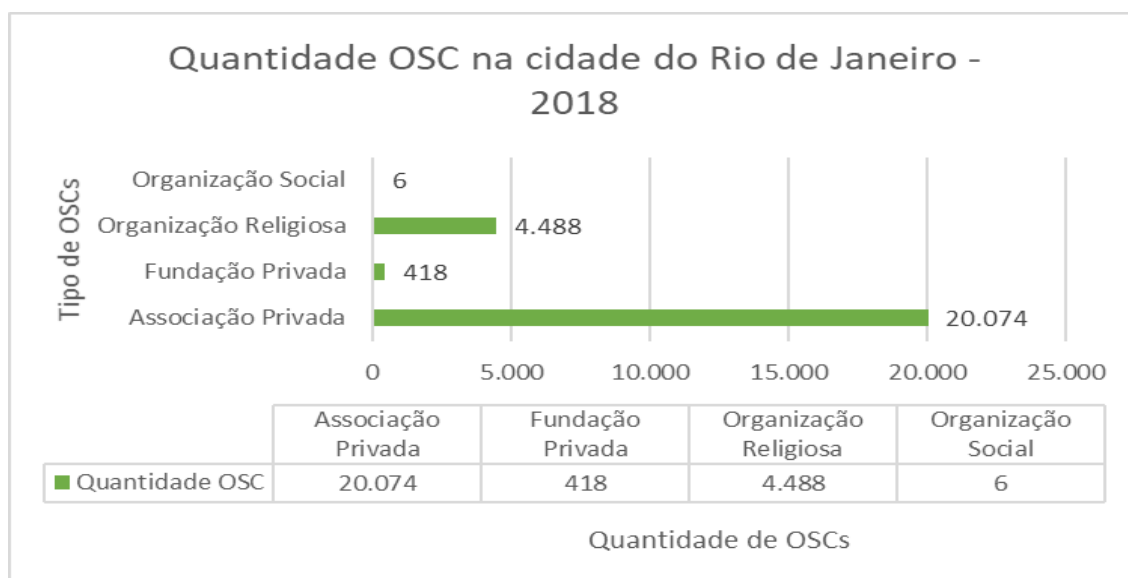


Fonte: Mapa das OSCS (Ipea).<sup>17</sup>

<sup>17</sup> INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (2021). Mapa das OSCs. Retrieved December 7, 2021 from <https://mapaosci.ipea.gov.br/base-dados.html>.

Em 2018 as 24.986 OSCs existentes na cidade estavam distribuídas da seguinte forma.

Figura 4 - Quantidade de OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 2018

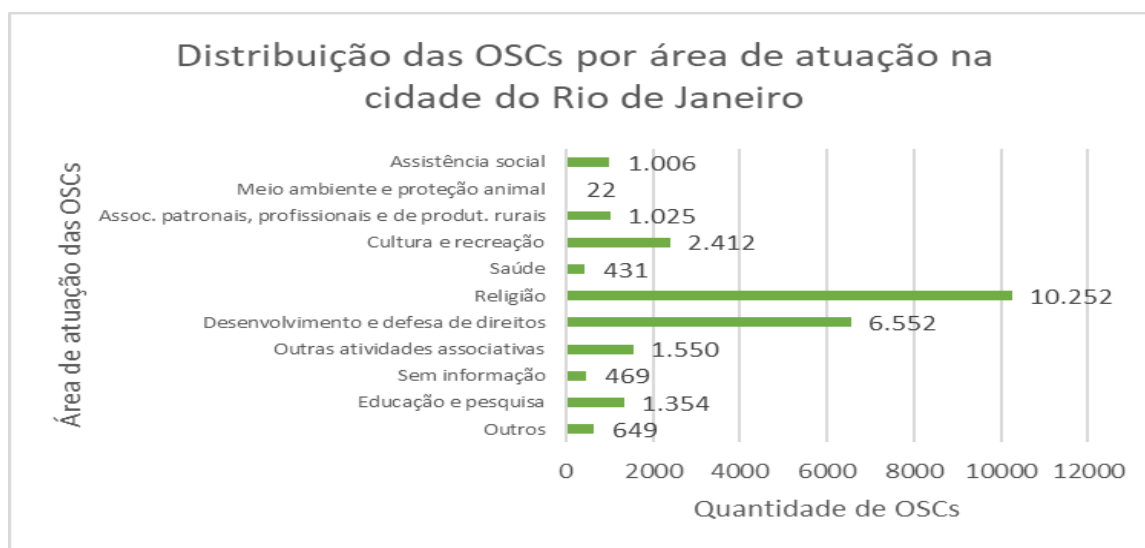


Fonte: Mapa das OSCs (Ipea).

Como se vê, as associações privadas são o tipo de OSCs mais comuns na cidade perfazendo 20.074 instituições. Organizações sociais são OSCs, geralmente associações privadas com uma qualificação extra para que possam desempenhar atividades do setor público. Em termos legais, através da pactuação contratual, do controle social e da transferência de recursos públicos as organizações sociais substituem o governo na execução de políticas públicas. As organizações religiosas, como o nome sugere, são associações que desempenham atividades relacionadas à vivência religiosa. As associações privadas reúnem membros da sociedade civil para atividades livremente decididas entre os membros. As fundações privadas se iniciam de um instituidor, físico ou jurídico, que destina um patrimônio para a consecução de finalidades de interesse público. Todas as OSCs são amparadas por mecanismos de proteção comuns – como o Mrosc – e de legislações específicas. No estado e na cidade do Rio de Janeiro a maioria dos museus são públicos. Depois dos museus públicos, o grupo mais frequente são as associações privadas, que é também o caso do Ceasm, responsável pelo Museu da Maré, e do Museu de Favela.

Além disso, as OSCs podem exercer atividades em diferentes áreas. O gráfico a seguir exhibe as informações referentes à sua atuação na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 5 - Distribuição das OSCs por área de atuação na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Mapa das OSCs (Ipea).

Segundo os dados, a maioria das OSCs na cidade desenvolvem atividades ligadas à religião, 10.252 OSCs têm atuação nessa área. Essas informações são obtidas através da consulta ao CNPJ. Cada comprovante de inscrição exibe os ramos de atividades que o responsável pelo cadastro indicou. Normalmente, há mais de uma atividade cadastrada, mas os dados do Mapa não detalham se foram contadas apenas a atividade principal ou se contaram também as atividades secundárias. O Ceasm inscreveu-se nas atividades de defesa de direitos, nas atividades ligadas à cultura e à arte e em outras atividades. O Museu de Favela inscreveu-se em atividades ligadas à cultura e à arte e em outras atividades. Segundo os dados, as organizações de defesa de direitos são o segundo grupo mais numeroso e as organizações ligadas à cultura e à arte formam o terceiro grupo mais comum.

Programas como o PCV e o PPM transformados em políticas públicas de Estado, em 2014 e 2017, têm a importância de atualizar alguns entendimentos acerca do papel do poder público e do terceiro setor no suprimento dos bens e serviços. Dentro das OSCs com as mesmas qualificações ou com qualificações similares, por um lado, há organizações como a administradora do Museu do Amanhã, que tem a certificação de organização social e administra grandes orçamentos sendo também bem-sucedidas na captação de recursos através do incentivo fiscal. Por outro lado, há organizações pequenas que desempenham atividades comunitárias como o Museu de Favela e que não conseguem captar pelas leis de incentivo. Os programas foram pensados para reverter essa tendência de financiar apenas projetos hegemônicos e antenados com as demandas da indústria cultural. O ideal dos programas é possibilitar que grupos minorizados organizados em pequenas associações comunitárias possam não apenas consumir, mas principalmente

produzir cultura a partir dos seus próprios referenciais. Entretanto, como se vê as possibilidades para organizações do mesmo tipo são muito diferenciadas, havendo idealmente o direito de os museus de favela competirem pelos recursos disponíveis pelo incentivo fiscal, mas não na prática. Portanto, suas demandas são canalizadas para os mecanismos de apoio direito que no nível federal estiveram praticamente suspensos nos anos 2015-2019. Ainda que os programas PCV e PPM não tenham atingido a capilaridade pretendida, eles não objetivam substituir o Estado na execução de políticas públicas, mas deixar que grupos minorizados diga como quer consumir e produzir cultura (Lima Filho *et al.*, 2016).

Segundo Santos (2011), o crescimento do setor museal e o fortalecimento das OSCs coincidem com a democratização do país. Reformas na administração pública e a abertura da economia tornaram o momento propício para o surgimento dessas organizações. Esse contexto também tornou viável o surgimento de museus sejam eles públicos ou de outra natureza. Pelo menos o principal interlocutor tem uma história paralela ao avanço das políticas neoliberais do governo Fernando Henrique Cardoso; dois deles sobreviveram à crise econômica de 2013-2014; e o terceiro é resultante das reações contra o planejamento da cidade do Rio para o recebimento do Campeonato Mundial de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Dois deles sobreviveram ao *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, e todos eles ao governo de Michel Temer, à subida ao poder de Jair Bolsonaro e mostraram sua força mesmo durante a pandemia de Covid-19. Mas, esses dados e outros mais à frente também revelam que o período 2016-2019 não foram os mais férteis para as atividades da cultura. Ainda é preciso analisá-los considerando os repasses federais às OSCs e o desempenho das ações orçamentárias especificamente pensadas em prol da gestão do PCV e do PPM para formar uma imagem consistente dessa estagnação e observar seus efeitos nos museus e nas políticas públicas de cultura.

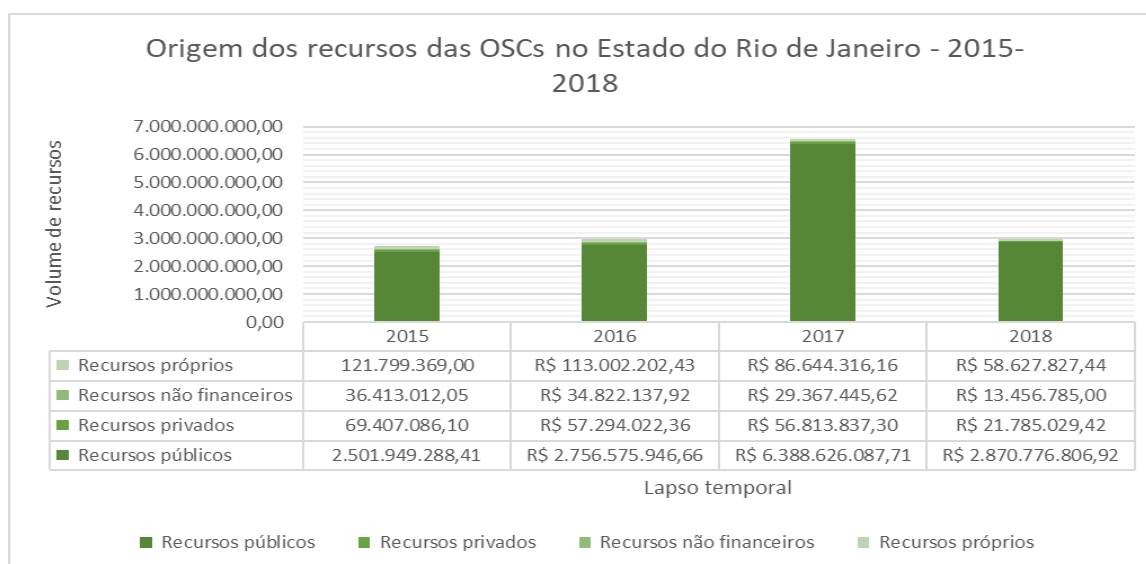
### **1.3.2 Qual a participação do financiamento público?**

A exemplo do Mapa da Cultura, o Mapa das OSCs foi criado de maneira colaborativa, preenchido tanto por responsáveis das OSCs quanto pela equipe do Ipea. Segundo o Mapa, os recursos das OSCs podem ser provenientes de variadas fontes. Da análise dos bancos de dados, repasses federais, acordos com governos estrangeiros, acordos com organismos multilaterais, bens recebidos em direito de uso, doações de pessoas físicas, doações de pessoas jurídicas, empresas estrangeiras, empresas públicas ou sociedades de economia mista, empresas privadas brasileiras, imunidades, isenções, mensalidades ou contribuições de associados, parcerias com o governo estadual, parcerias com o governo municipal, parcerias com OSCs brasileiras, parcerias com organizações religiosas brasileiras, parcerias com organizações religiosas estrangeiras, parcerias

com OSCs estrangeiras, prêmios recebidos, prestações de serviço, rendimentos de fundos patrimoniais, rendimentos financeiros de reservas ou contas correntes próprias, repasses do governo federal, venda de bens e direitos, venda de produtos e voluntariado são as fontes de recursos mais comuns. Segundo uma sistematização realizada pela equipe do Mapa em 2019, das 820 mil OSCs no país, apenas 2,7% receberam recursos federais no período 2010 a 2018. Isso correspondeu a 22 mil OSCs que receberam 118,5 bilhões – valor que corresponde a 0,5% do PIB anual do Brasil.<sup>18</sup>

O próprio Mapa analisou alguns desses dados para o estado e cidade do Rio de Janeiro, como se verifica nos gráficos seguintes. Permanece o problema de não haver dados a partir de 2018, desse modo 2019, o último ano abrangido pelo estudo, ficou de fora.<sup>19</sup>

Figura 6 - Origem dos recursos das OSCs no estado do Rio de Janeiro - 2015-2018



Fonte: Mapa das OSCs (Ipea).

<sup>18</sup> A sistematização está disponível no Mapa das OSCs, Cf. Ipea (2021). Mapa das OSCs. Retrieved December 7, 2021 from <https://mapaosc.ipea.gov.br/localidade/33>.

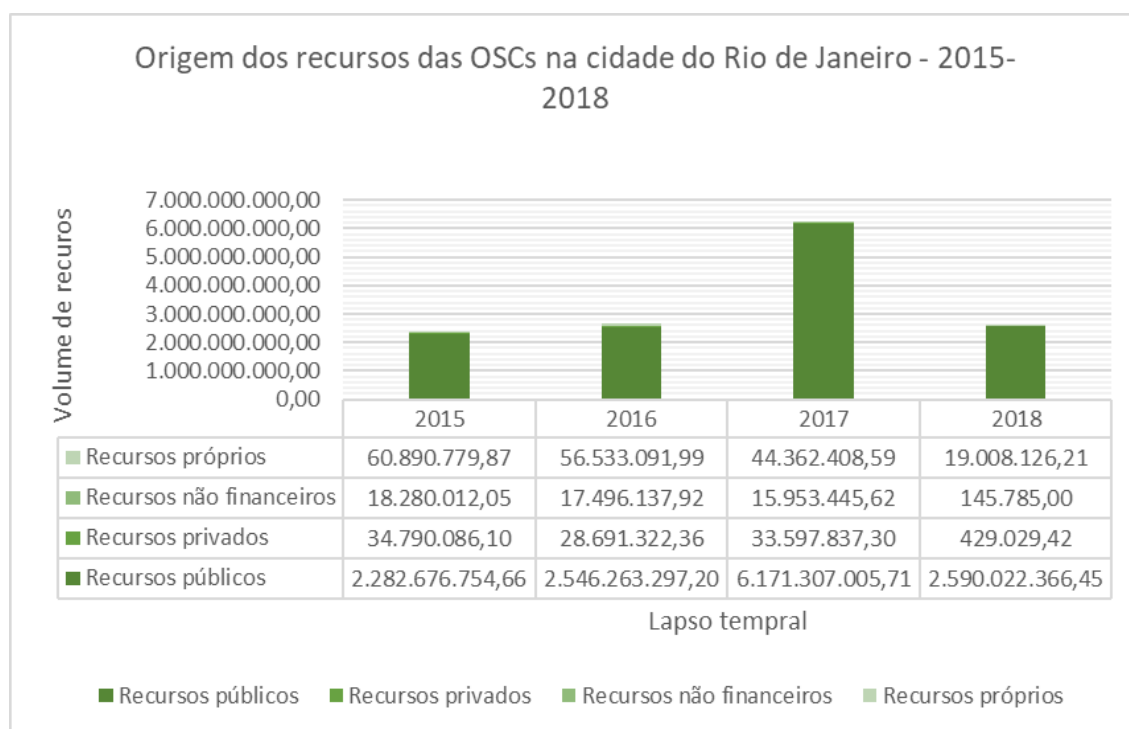
<sup>19</sup> O Mapa informa que esses dados referentes à origem dos recursos foram fornecidos pelos próprios representante de OSC, pois a plataforma é colaborativa, e os números se referem aos valores correntes. Além das informações fornecidas pelos representantes das OSCs, constam também dados do portal SIGA Brasil coletados em dezembro de 2018. Em e-mail a equipe do Mapa disse que não tem informações sobre os recursos das parcerias entre OSCs e governos municipais e estaduais. Portanto, é facultado às OSCs disponibilizar essas informações ao participarem do Mapa. Já os dados exclusivamente para as transferências federais foram coletados no portal Siga Brasil e foram deflacionados para dezembro de 2018.



Segundo o Mapa, ainda que seja o terceiro na quantidade de OSCs no país, o Rio de Janeiro é o segundo estado que mais recebe repasses perdendo apenas para São Paulo. A média por ano é de R\$ 572.499.613,83. A média para São Paulo é de R\$ 658.177.675,09 enquanto a média nacional é de apenas R\$ 10.976.634,48.<sup>20</sup>Os recursos das OSCs no estado do Rio de Janeiro são principalmente de origem pública. Uma fatia bem menor corresponde às demais fontes como recursos próprios e privados. Como recursos públicos contam os advindos do governo federal, estadual e municipal. Em 2017, os recursos públicos obtiveram o melhor desempenho perfazendo um total de R\$ 6.388.626.087,71. Nos demais anos, estiveram praticamente no mesmo patamar não ultrapassando a casa dos 2,8 bilhões de reais. Os recursos próprios vêm ocupando o segundo lugar dentre as fontes e nos anos de 2015 e 2016 apresentaram os melhores resultados perfazendo R\$ 121.799.369,00 e R\$ 113.002.202,43, respectivamente. Como os dados estão agregados não é possível acessar sua distribuição entre os diferentes tipos de OSCs.

O próximo gráfico apresenta os dados para a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 7 - Origem dos recursos das OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 2015-2018



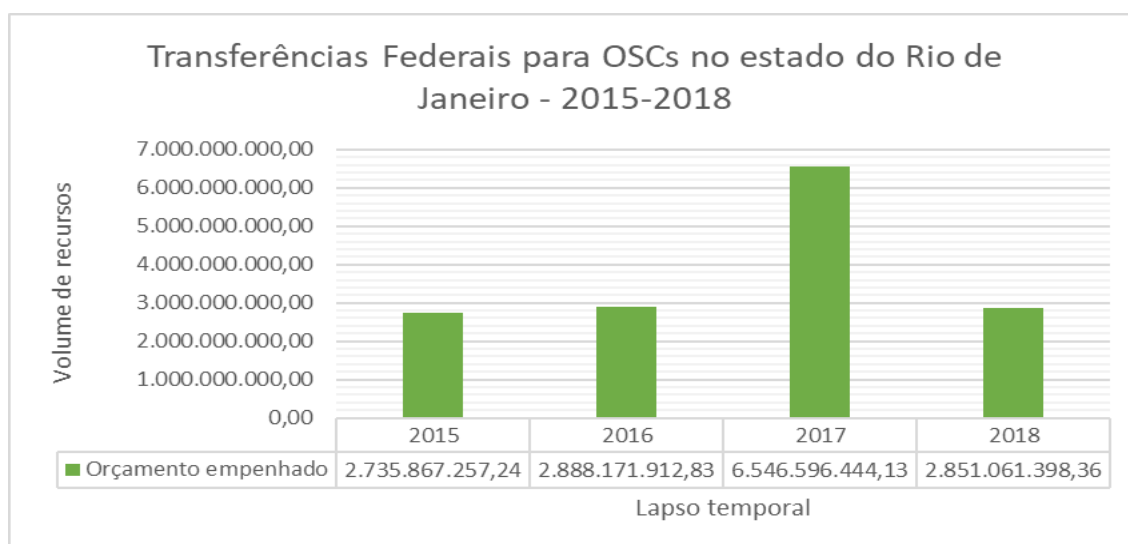
Fonte: Mapa das OSCs (Ipea).

<sup>20</sup> O lapso temporal analisado foram os anos 2010-2018.

Percebe-se que a maior parte dos recursos mapeados no estado ficam com as OSCs na cidade do Rio de Janeiro. Em todos os aspectos o comportamento dos dados no município espelha o comportamento no estado. Percebe-se ainda que os recursos públicos são os mais relevantes para as organizações, seguidos dos recursos próprios, dos recursos privados e por fim dos recursos não financeiros (também expressos em números). Em 2017 houve um volume de recursos públicos superior aos demais anos do período, totalizando R\$ 6.171.397.005,71. Os demais anos, ou seja, 2015, 2016 e 2018 apresentaram resultados bastante parecidos e os recursos públicos não contribuíram com mais de 2,5 bilhões de reais. Novamente, os dados estão agregados dificultando perceber como foi o financiamento das associações privadas como o Museu da Maré e o Museu de Favela, apesar de haver muita diferença entre totais e origem dos recursos que podem ser potencialmente obtidos entre mesmos tipos de organizações.

Os próximos dois gráficos têm o objetivo de apresentar a contribuição dos repasses federais para as OSCs, ficando de fora a participação dos estados e municípios. Sabe-se que a estadualização e municipalização principalmente do PCV tornaram os dados dos outros níveis de governo mais interessantes para acompanhar o financiamento público das políticas culturais, mas esses e dados análogos não estão disponíveis para a equipe do Mapa, sendo facultado aos representantes das OSC que colaboram com a plataforma disponibilizá-las. Primeiramente são apresentados os números sobre o estado e em seguida sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 8 - Transferências federais para OSCs no estado do Rio de Janeiro - 2015-2018



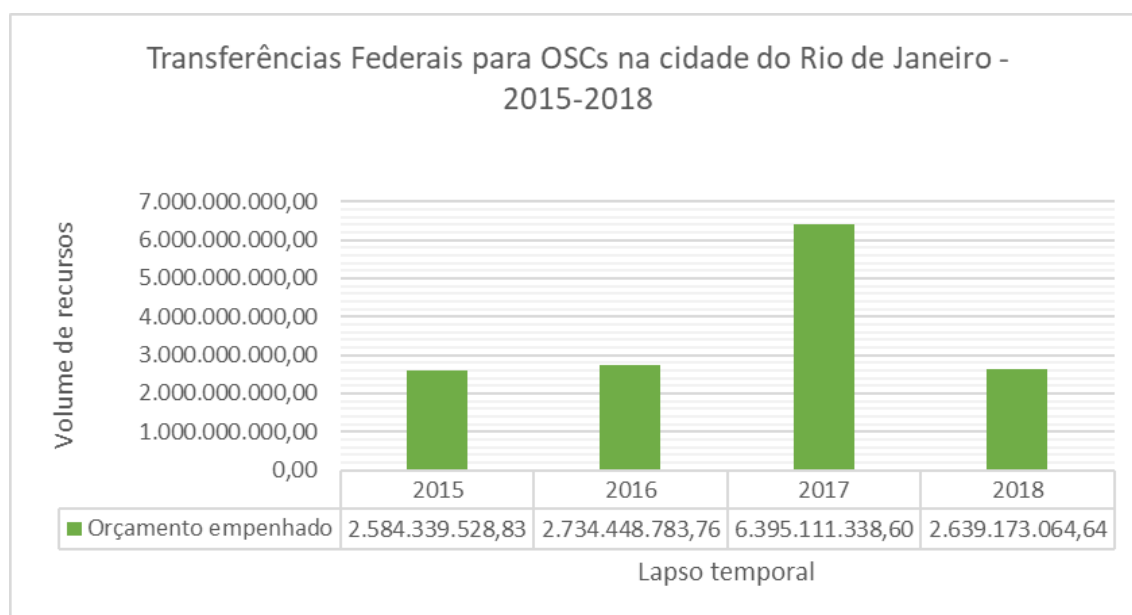
Fonte: Mapa das OSCs (Ipea).<sup>21</sup>

<sup>21</sup> O Mapa das OSCs (Ipea) informa que esses dados foram obtidos do portal SIGA Brasil para o período 2010-2018 e que os valores foram deflacionados para dez/2018 (IPCA-IBGE 2018).

Como se vê, sendo os recursos federais os mais expressivos dentre os recursos públicos o gráfico se parece ao anterior retratando a evolução dos recursos segundo a origem dos recursos das OSCs no estado. Os valores são quase idênticos em todos os períodos, exibindo as mesmas tendências de crescimento e decréscimo. Houve um volume maior de recursos para as OSCs em 2017 de cerca de 6,5 bilhões de reais com os demais anos estagnados na casa dos 2 bilhões de reais.

Para finalizar, cabe examinar os números para a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 9 - Transferências federais para OSCs na cidade do Rio de Janeiro - 2015-2018



Fonte: Mapa das OSCs (Ipea).

Novamente, como o município do Rio de Janeiro concentra a maior parte dos recursos da OSCs, seu gráfico é um reflexo do gráfico do estado. Nesse sentido então, tem-se um volume consideravelmente maior de recursos empenhados em 2017 da ordem mais de 6,3 bilhões de reais enquanto os demais anos da série exibem valores muito parecidos, na casa de 2 bilhões de reais. Estando os dados agregados, não é possível entender a dinâmica do financiamento dos museus considerando apenas esses valores – exame que ficará reservado ao terceiro capítulo.

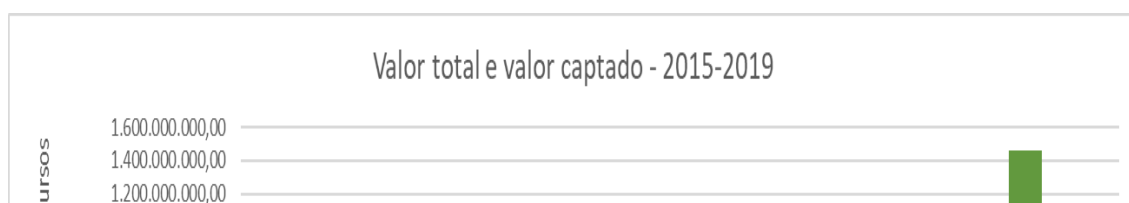
O estudo dos pesquisadores do Ipea (Lopez, 2018, pp. 132-133, 135-136), referido anteriormente, que acompanhou a evolução dos dados no período 2010-2017 e o estudo mais recente que atualizou a análise com informações de 2018 (Mello *et al.*, 2019) revelaram que o perfil das OSCs que mais recebem transferências voluntárias mudou consideravelmente em 2016. Antes de 2016 as OSCs menores, principalmente sem vínculos de trabalho, recebiam cerca de 30% das transferências. As maiores, com mais de 100 trabalhadores, recebiam cerca de 50% das

transferências. O fenômeno se explica pela manutenção das transferências para as OSCs que são organizações sociais de atuação na área de saúde, no aumento das transferências para OSCs do tipo fundações privadas (também com atuação principalmente na área da saúde) e na redução das transferências para as OSCs de atuação na área de “desenvolvimento e defesa de direitos e interesses”, onde atuam as OSCs menores. Por exemplo, uma das áreas de atuação do Museu da Maré é a defesa de direitos. Nesse sentido, ao invés de os recursos para saúde serem transferidos para o Sistema Único de Saúde (SUS), passaram a ser transferidos para organizações sociais – que são OSCs qualificadas pelo Estado para o exercício de atividades de interesse público – ou para fundações privadas com atuação na área da saúde. A crítica vê em tal transferência um encolhimento do papel do Estado em suprir serviços públicos que adotou uma postura mais afeita ao gosto neoliberal na gestão pública da saúde além de apontar uma série de desvios na forma como os contratos são firmados e geridos (Conselho Nacional do Ministério Público, 2019; Contreiras & Matta, 2015).

Mesmo as associações privadas com área de atuação em defesa de direitos e em arte e cultura, como o Museu da Maré e o Museu de Favela, têm características diferentes e podem acessar diferentes mecanismos de financiamento. O principal recurso de financiamento das políticas de cultura é o incentivo fiscal. Apesar de o Ceasm já ter tido um dos seus projetos parcialmente financiado pela lei de incentivo federal, essa reconhecidamente funciona melhor para outros setores da cultura como as artes visuais. No caso dos museus, funciona melhor para os mais famosos como os grandes museus de arte. Mesmo os museus federais não têm obtido recursos através do mecanismo. Isso não é tudo. Proponentes bem-sucedidos na captação podem obter percentuais e não os valores totais necessários para execução dos projetos. Desse modo, para organizações como os museus de favela o leque de opções pode ser bastante diferente daquele disponível para museus de apelo mercadológico e principalmente para outros setores da cultura.

A tabela a seguir objetiva fornecer um panorama da captação de recursos pelas leis de incentivo ao possibilitar comparar os valores totais necessários para a execução de alguns projetos e os valores de fato captados. O recorte é de projetos iniciados e terminados no mesmo ano, mas há projetos cuja execução é de médio prazo (três a cinco anos). Os dados são nacionais, não permitindo analisar a situação particular do estado e da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 10 - Valor total e valor captado por projetos das OSCs no país - 2015-2019



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Mapa das OSCs (Ipea).

Os dados revelam que as OSCs de todo o país que submeteram projetos para captação através da lei de incentivo fiscal federal conseguiram captar pouco mais que metade dos recursos necessários para a execução dos projetos no período 2015-2019. Os piores resultados foram obtidos nos anos 2016 e 2018 que apresentaram números consideravelmente mais baixos tanto nos valores totais pleiteados através do mecanismo quanto nos valores captados. Nesses anos foram captados apenas R\$ 44.763.957,42 e R\$ 27.554.733,48, e foram pleiteados R\$ 68.139.341,72 e R\$ 52.688.554,00, respectivamente. É interessante notar que a diminuição nos números não aconteceu apenas do lado do patrocinador que ofereceu suporte menor que nos outros anos do período analisado, também houve demanda das OSCs expressa em valores mais modestos.

Portanto, o setor público é o maior financiador das OSCs no estado e na cidade do Rio de Janeiro e, certamente, é também o maior financiador das OSCs no país, apesar de esses recursos chegarem a uma quantidade pequena de organizações. O incentivo fiscal, principal mecanismo de financiamento das áreas de arte e cultura, costuma patrocinar projetos de apelo mais mercadológico e financia com limitações, visto que os projetos não chegam a captar mais que 50% dos recursos necessários para sua execução. Desse modo, o financiamento direto através de editais como o PPM se faz realmente necessário para os projetos comunitários, mas o teto dos gastos públicos e a falta de prioridade da pasta da cultura – assunto do terceiro e do último capítulo – emperram o orçamento para a continuidade das edições. Entretanto, o cenário de contenção nos gastos se consolida juntamente com a transformação do PPM em política pública de Estado com a publicação da portaria nº 315, de 06 de setembro de 2017 e com o endosso de um compromisso mais forte com a Museologia Social.

#### 1.4 Os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social no pensamento museológico

Esta seção aborda alguns elementos das apropriações dos princípios da Nova Museologia e da Museologia Social no contexto brasileiro com alguma contribuição do contexto latino-americano, particularmente a experiência mexicana. Inicia-se situando a emergência da Nova Museologia e da Museologia Social no contexto profissional internacional da museologia e, posteriormente, no contexto das apropriações brasileiras. A implementação dessas diretrizes deu origem a uma variedade de nomenclaturas que capturam nuances dos ideais presentes nos documentos definidores desses movimentos. Busca-se compreender de maneira geral o que são os museus afiliados às correntes críticas e, dentre eles, os museus de favela. A abordagem escolhida para a seção foi sistematizar principais pesquisas sobre o assunto nos últimos anos. No próximo capítulo será feita uma análise bibliométrica da literatura identificando que campos disciplinares mais dialogam com cada museu e abordando a questão das redes e parcerias para compreender melhor o trabalho dessas instituições.

Para analisar sua institucionalidade, parte-se do pressuposto de que, como sugerem Souza, Lima & Castro (2015), o Estado é um “feixe de relações” e as políticas públicas que parecem completamente nacionais “são geradas, financiadas e avaliadas fora das fronteiras estritas de seus territórios por feixes de agências e agentes, princípios e práticas que os trespassam” (2015, p. 38 e 35–36). Por exemplo, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) por décadas colabora em várias frentes com o governo, com as OSCs e com o setor privado brasileiros em questões como patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento econômico (Marcelo, 2011). Similarmente, a OEI foi parceira do Ibram na implantação dos 12 pontos de memória pioneiros (OEI-Ibram, 2016). O Movimento para a Nova Museologia (Mimom) e a pós-graduação na ULHT surgem em Portugal, mas constituem centros irradiadores da Nova Museologia e da Museologia Social no Brasil. Cidades como Santiago, no Chile, Québec, no Canadá foram locais onde se produziram as declarações de Santiago e de Québec que até hoje orientam as políticas dos museus do mundo. Desse modo, os fluxos da institucionalidade das políticas públicas de cultura exemplificam imbricados relacionamentos entre instâncias nacionais e internacionais. Foi a partir de processos como esses que, inspirado pelo exemplo primeiro do Museu da Maré, surgiu o PPM.

Os museus públicos brasileiros, como museus no mundo, não apenas salvaguardam patrimônios através dos processos museais (tradicionais ou participativos), mas são também centros de produção de conhecimento. Basta lembrar que o primeiro curso de museologia funcionou no

Museu Histórico Nacional. Por isso, seria difícil, senão contraproducente, imaginar lugares a salvo para o pensamento museológico, no qual poderia florescer livre da vida política e, conseqüentemente, dos constrangimentos do poder público, da agenda dos movimentos sociais, de catástrofes naturais, dos efeitos das grandes obras de urbanização ou de pandemias. O que se percebe a esse respeito é que intelectuais, docentes, consultores, gestores dos museus e gestores públicos nacionais e internacionais compartilham muitos espaços nos quais o pensamento museológico é atualizado e ganha uma feição que se espera comprometida com a resolução dos dilemas latino-americanos e brasileiros.

A seguir, a seção passa a contextualizar o surgimento da Nova Museologia e da Museologia Social. Objetiva situar “ecomuseus”, “museus comunitários” e, ultimamente, “museus de favelas” e explicar como se tornaram metonímias desses movimentos. Ou seja, a literatura aponta que essas expressões abrigam algumas das diferenças entre museus tradicionais e processos museais participativos como os que se esperam das candidaturas às premiações do PPM. Espera-se também responder as seguintes questões: como as diretrizes da Nova Museologia contribuíram para o surgimento dos museus afiliados às correntes críticas na América Latina? Como se relacionam com o poder público no decorrer de sua história? Como os conceitos de “território” e “comunidade” do tripé “território-comunidade-patrimônio” aparecem para esses autores (Varine, 2014)? Como se articula o conceito de participação nos museus segundo as estudosas comentadas?

Essas questões serão respondidas a partir dos trabalhos das museólogas Marcele Pereira (2018), Suzy Santos (2017), da pedagoga Patrícia Oliveira (2015) e da produtora cultural Aline Portilho (2016). Em comum as pesquisadoras têm o cuidado de apresentar suas pesquisas situando nelas interfaces profissionais e acadêmicas que mantêm com os museus afiliados às correntes críticas, embora esse comprometimento seja menos notado em Pereira (2018) e Santos (2017). Não passa despercebido que Pereira, atualmente docente na Universidade Federal de Rondônia (UFRO), foi coordenadora da Comuse do Ibram no período 2009-2012. Oliveira foi vice-presidente da Abremc além de ter participado da gestão das políticas públicas de cultura no Rio Grande do Sul. Portilho foi funcionária pública federal e atualmente é docente num instituto federal no estado do Rio de Janeiro.

Em comum também as pesquisadoras mantêm a forte ênfase na pesquisa arquivística e realizam o profícuo e também inevitável trabalho de avaliação e sistematização das políticas museais recentes atravessando fronteiras nacionais. Pereira revisita os arquivos da cooperação técnica entre Pronasci, Iphan (e posteriormente Ibram) e OEI que resultou nos pontos de memória pioneiros. Santos acessa bancos de dados do Ibram, da Abremc, de universidades e dos museus para produzir seu próprio mapeamento e realizar importantes sistematizações sobre a

Nova Museologia e a Museologia Social. Portilho analisa dispositivos como leis, estatutos, programas e publicações governamentais para acompanhar as referências à Nova Museologia e à Museologia Social. Ela também destaca choques de institucionalidades que transparecem nos esforços para compatibilizar gestão pública e interesses do museu de favela com o qual trabalhou em sua tese. Desse modo, ou seja, valendo-se das vantagens das suas inserções acadêmico-profissionais podem contribuir com o campo da museologia de forma inovadora e profunda.

#### **1.4.1 A apropriação de conceitos da Nova Museologia e Museologia Social na América Latina**

Na dissertação de mestrado de Oliveira (2015), o Conselho Internacional de Museus (Icom), o Minom, o Inah bem como os encontros e seus documentos, ou seja, os bancos de dados oficiais, são instituições respeitadas e os profissionais citados são personagens-chave do desenvolvimento dessa museologia na Europa e na América Latina. Seu trabalho aborda as primeiras apropriações dos princípios e diretrizes da Nova Museologia implementados na América Latina – as experiências do México.

Segundo Oliveira, desde 1958 o Icom tem apresentado preocupações acerca da função educativa dos museus entendendo que este deveria manter uma relação dialógica com seu entorno e contribuir com o desenvolvimento da sua comunidade de forma mais significativa. Tratava-se do conceito de museu integral, próximo a seu contexto geográfico, ainda que uma instituição do poder público gerida pelo governo. Entretanto, é a partir de 1972, com a *Mesa Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus*, ocorrida na capital chilena, que, segundo Oliveira, inauguraram-se oficialmente os princípios do que vem sendo chamado de Nova Museologia. O evento seguinte, de 1984, ocorrido em Québec os endossou com a proposta de criar uma organização que congregasse os profissionais simpáticos aos ecomuseus e museus comunitários na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos. Oliveira ressalta que boa parte desses eventos aconteceram nos países signatários da Organização das Nações Unidas (ONU) na América Latina. Oliveira lembra que a Nova Museologia tornou-se oficial em dois eventos fora dos países centrais: o primeiro no Chile (1972) e o segundo no México (1984). O evento do México foi organizado pela Secretaria de Desarrollo Urbano y Ecología, um órgão do governo local, e não pelo Icom sediado em Paris – como era de se esperar.

A ênfase da pesquisa de Oliveira está nos encontros na América Latina e na apropriação dos conceitos pelos profissionais mexicanos. De acordo com a pedagoga, o México desenvolveu dois programas congruentes aos princípios da Nova Museologia. Nesse cenário destacam-se Mário Vasquéz, Teresa Morales Lersch e Cuauhtémoc Camarena Ocampo e instituições do governo



federal mexicano como o Inah. O primeiro deles, o Programa para o Desenvolvimento da Função Educativa dos Museus (Prodefem), vigorou de 1983 a 1992, através do Inah e reuniu duas experiências anteriores: La Casa Del Museo (1972-1980) e o Projeto Museus Escolares (1972-1976). O segundo deles foi o programa de Museus Comunitários e aconteceu de 1993 a 2000 quando Lersh e Ocampo deixaram de atuar no projeto. A primeira experiência, ou seja, La Casa Del Museo, foi a resposta ao compromisso assumido por Mário Vasquéz durante o evento de Santiago para implementar os princípios da Nova Museologia. Segundo Oliveira, La Casa Del Museo era uma espécie de filial do Museu Nacional de Antropologia. No projeto trabalharam também Mirian Arroyo Kerriou e Cristina Antúñez e dele, segundo Oliveira, teriam surgido metodologias para implementação de museus comunitários. Nesse sentido, as pessoas entrevistadas por Oliveira defenderam que o projeto primava pela experimentação, verificando que estrutura seria apropriada para um museu integral. Mas, por falta de pessoal e de recursos foi encerrado em 1980.

Oliveira comenta que o Projeto Museus Escolares teve uma existência ainda mais curta (1972-1976) e foi envolto em polêmicas quanto à natureza da participação das populações locais na gestão dos museus. Por exemplo, arqueólogos não concordavam que peças fossem manuseadas por crianças e questões menores como essa evidenciavam as tensões e hierarquias mantenedoras dos papéis autorizados e não autorizados. Em 1983, não mais o Museu Nacional de Antropologia, mas o Inah nas figuras de Mirian Arroyo e Cristina Urrutía, faziam um inventário de museus quando o Instituto criou o Departamento de Serviços Educativos, Museus Escolares e Comunitários (Desemec) com a missão de desenvolver a função social de museus. A metodologia prevista baseava-se na outrora desenvolvida pela La Casa Del Museo. A autora comenta que os documentos analisados enfatizam os esforços feitos para consolidar processos museais participativos e o envolvimento das populações locais na gestão.

Os idealizadores do projeto à época já se preocupavam com a desconcentração e descentralização administrativas presentes no fato de os arranjos partirem do governo central em direção às localidades atendidas. Firmando parcerias com os governos locais distribuía a gestão em diversos níveis hierárquicos. O incentivo à autogestão deveria resultar, de acordo com Oliveira, na gradual transformação para o formato museu comunitário, ou seja, com a transferência da gestão dos projetos para as populações locais. Como destaca a autora, era de se esperar que o convívio com diferentes grupos étnicos, tivesse exercido influência sobre os profissionais do Inah. Embora os idealizadores do programa tivessem conhecido a educação popular freiriana talvez melhor que os próprios brasileiros, o envolvimento com esses princípios não chegou a transformar os critérios político-administrativos do programa. Por exemplo, nunca envolveu

eleição direta para os cargos de gestão, para a qual pudessem concorrer indivíduos da população local, respaldando as hierarquias já existentes.

Ademais, o programa previa que os trabalhadores dos museus – professores por formação – não seriam necessariamente pessoas oriundas da população local e sequer seriam escolhidos em processos nos quais a população receptora participasse. No que aparece do relato de Oliveira, o próprio programa é desenhado sem a participação da população local, todavia, talvez seja precipitado afirmar que houve falta de interlocução retroalimentando os idealizadores. Essas não eram as únicas falhas do programa. Para firmar acordos, o governo central teria que compreender que os governos locais desenvolviam arranjos de gestão próprios e encontravam barreiras ideológicas tanto porque os técnicos não compreendiam os pressupostos político-administrativos do programa quanto porque não concordavam com eles. Apenas dois dos cinco convênios previstos saíram do papel. De modo geral, no entanto, Oliveira vê que esse trabalho alcançou bons resultados alçando o México à condição de vanguarda da Nova Museologia na América Latina. Por exemplo, demorou-se mais de três décadas para que o PCV surgisse no Brasil e quase quatro décadas para que fosse criado o PPM, ainda que experiências isoladas tenham existido no país desde a década de 1970. Em termos numéricos, o programa de museus escolares criou cinquenta e cinco museus comunitários abrangendo sessenta e uma comunidades.

De acordo com Oliveira, o Prodefem reuniu as duas experiências e funcionou de 1983 a 1992 e o Programa de Museus Comunitários e Ecomuseus o sucedeu, iniciando atividades em 1993. Todos são herdeiros da experiência de Oaxaca. Por exemplo, Teresa Morales Lersh e Cuauhtémoc Camarena Ocampo também trabalharam na sua coordenação entre 1993-1996 quando é criada a União Nacional de Museus Comunitários (1994) e contribuíram na escrita do programa. Mesmo após sua saída, esses profissionais envolveram-se na criação da Rede de Museus Comunitários das Américas (2000). A formação de redes, segundo Oliveira, foi o passo mais avançado no reconhecimento de similaridades e desenvolvimento de objetivos comuns. Fica evidente, a partir de Oliveira, que, unificadas por um projeto comum, as populações locais poderiam finalmente aperfeiçoar estratégias de gestão mais compatíveis com suas experiências históricas. Os entrevistados destacaram que a Nova Museologia no México tinha pressupostos muito mais profundos que aqueles apresentados nos encontros e isso parece verdadeiro no relato de Oliveira considerando a riqueza da herança pré-colombiana para a sociedade mexicana.

Enquanto a Declaração de Santiago no Chile ficou engavetada por décadas no Brasil, no México dos anos 1990, década em que foi criada a rede nacional de museus comunitários, já se havia acumulado extensa bagagem sobre o assunto. Para Oliveira, ainda que em linhas gerais, tivesse havido respeito pelos documentos dos encontros organizados pelo Icom, os programas mexicanos ora se aproximaram ora se distanciaram dessas diretrizes e mesmo das orientações

do Minom. Isso significou na visão da autora a busca por caminhos próprios a partir dos dilemas com os quais a sociedade mexicana se deparava. O estudo de Oliveira adentra o contexto do país latino-americano a partir dos documentos institucionais e por isso torna difícil a tarefa de especular em que medida foram os museus afiliados à Nova Museologia apropriados pelas populações locais. Mas, a criação das redes indica uma gradual conquista popular.

A autora não se detém a definir museus comunitários, museus escolares e ecomuseus enfatizando que os nomes são aspectos menos relevantes à compreensão da sua apropriação popular ou da sua democratização. Projetos que se iniciavam a partir de uma predefinição poderiam facilmente se transformar em algo novo. Fato é que a capilarização da estrutura governamental é apresentada à medida que os diferentes programas se sucedem temporalmente evidenciando tratar-se de arranjos institucionais que partiram do governo central para os demais níveis de governo. Eventualmente, os diferentes tipos de experiências museais que surgiram venceram o isolacionismo e o particularismo com a criação das redes nacional e supranacional no início dos anos 2000 como tem acontecido no Brasil décadas mais tarde.

A tese de Marcele Pereira (2018) está organizada em quatro capítulos nos quais analisa os arquivos referentes à implantação dos pontos de memória pioneiros em doze capitais no período compreendido entre 2008 e 2017. A ex-coordenadora da Comuse doutorou-se pela ULHT sob a orientação de Mário Chagas. Passaram-se quase quatro décadas entre a experiência mexicana e a fase inicial de implantação de políticas públicas federais em memória social no Brasil. Pereira comenta que o PPM, inaugurado em 2008, foi uma parceria proposta pelo ministério da justiça ao Demu do Iphan e executada através de consultorias feitas pela OEI. Segundo Pereira, o Pronasci havia mapeado doze cidades com áreas de alto risco social e como estratégia para o enfrentamento do crime organizado, propôs a parceria envolvendo metodologias de memória social. Tratava-se de um contexto de experimentação e inovação especialmente no campo identitário e das políticas participativas e o modelo desenvolvido mantinha diálogo com as demais políticas culturais do governo Lula, principalmente com o PCV.

O objetivo de Pereira é sobretudo avaliar o PPM e identificar suas potencialidades a partir de uma abordagem que destaca dimensões políticas, pedagógicas e poéticas. O primeiro capítulo analisa a contribuição e trajetórias de mulheres latino-americanas no campo da museologia apresentando a partir do exame de suas trajetórias a compreensão do papel do museu no endereçamento da questão social. Dentre os vários nomes por ela lembrados, Mirian Arroyo – também citada por Oliveira (2015) –, Marta Arjona Pérez, Waldisa Rússio e Maria Célia Teixeira Santos se destacam tanto pelo incansável trabalho de consolidar o campo em seus países quanto pela contribuição no desenvolvimento de metodologias participativas e de base comunitária. O segundo capítulo aborda a institucionalização das políticas públicas museais de maneira geral e

das fases de implantação do PPM, de maneira específica. O terceiro capítulo destaca os diferentes caminhos percorridos pelos pontos de memória na implementação da metodologia participativa. O último capítulo é dedicado às suas reflexões e para o endereçamento das ponderações políticas, poéticas e pedagógicas. Pereira atenta-se a aspectos que define como “insurgentes” e “descolonizadores” gestados pelas iniciativas reconhecendo também que no período houve um contexto institucional favorável a experimentações em políticas públicas no país.

Pereira inicia avaliando sua própria relação com o programa, sua proximidade com o objeto, visto que foi uma idealizadora do PPM e atuou na Comuse por quatro anos (2009-2012). Metodologicamente, selecionou 111 produtos do conjunto de 236 documentos produzidos pelos trinta e quatro consultores da OEI. Destaca que o primeiro desses produtos foi responsável pelo escopo conceitual de uma iniciativa até então inédita no país. A primeira fase do trabalho dos consultores ocorreu de 2009 a 2011. Em 2011 os parceiros criaram um arranjo institucional para a contratação de consultores residentes nas doze localidades. Essa foi talvez a experimentação mais interessante do programa, porque viria no sentido de responder a uma das críticas aos projetos da Nova Museologia implementados no México, que apontaram não ter havido um esforço incisivo para eleger gestores locais ou selecionar professores das comunidades que receberam os museus. O programa foi implantado em quatro etapas (2009, 2010-2011, 2012-2013 e 2014-2017) e posteriormente descontinuado. Pereira comenta que o Ibram desde o início esteve insatisfeito com o ministério da justiça que foi inflexível a seu entendimento de que os pontos de memória não deveriam ser projetos impostos às comunidades receptoras. Para o Instituto, os projetos deveriam ser desenvolvidos nas comunidades que tinham real interesse em museologia participativa.

Para Pereira, Nova Museologia e Museologia Social não correspondem ao mesmo fenômeno. Esses dois movimentos pertencem a momentos históricos diferentes e não compartilham os mesmos valores. Mas, concorda que as correntes críticas têm como marco a Mesa de Santiago, pelo ineditismo num contexto histórico de intensos questionamentos que nas Américas se estendiam desde a década de 1960 com o movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos. A museóloga comenta que vê no contexto de crescente institucionalização do setor museal, iniciado em 2003, o momento no qual a Museologia Social contribuiu para a reinvenção dos museus a partir do programa. Destaca que o cenário desses museus ao receber o acréscimo das experiências dos pontos de memória torna-se o prosseguimento em termos de importância para o setor equivalente ao encontro internacional de ecomuseus ocorrido em 1992 no Rio de Janeiro. Ou seja, é um marco na trajetória das correntes críticas no país.

Na próxima discussão fala sobre o pensamento decolonial entre os latino-americanos e portugueses. Discorre acerca de teorizações do sociólogo Boaventura de Souza Santos

associando-os às atividades desenvolvidas pelas equipes dos pontos de memória que estariam atualizando conceitos como “museu”, “musealidade”, “musealização”, “acervo” e “participação”. Chama isso de “desobediência epistêmica” (Pereira, 2018, p. 88). De maneira geral, Pereira percebe que termos como “museus comunitários”, “museus sociais”, “museus inclusivos” e “ecomuseus” não são suficientes para avançar a decolonialidade da museologia, porque podem ser palavras vazias de significados participativos. Desse modo, processos decoloniais podem estar presentes em outros fenômenos fora do escopo historicamente associado às correntes críticas da museologia como em “museus indígenas” que apresentariam entendimentos realmente renovados e provocadores de mudanças epistemológicas. Portanto, não são os nomes que indicam se o museu é decolonial, mas seus processos de produção cultural.

No segundo capítulo, Pereira perpassa a história das políticas de cultura brasileiras destacando nesse exercício o contexto favorável da gestão de Gilberto Gil para a capilarização do Sistema Nacional de Cultura (SNC) e a mudança do público-alvo das parcerias com o poder público que deixava de ser unicamente artistas renomados e passava a abarcar um amplo mosaico da população. Nesse cenário a criação do Ibram e da Rede de Educadores em Museus (Rem), ambas em 2009, não poderiam deixar de ser mencionadas. Por exemplo, a equipe do Demu é lembrada como responsável pela criação do Instituto e pelo fortalecimento de políticas como a que abriga o PPM, a Política Pública de Direito à Memória (PPDM). Desse modo, os primeiros desenvolvimentos do PPM resultaram do trabalho do Demu (2007-2008) e envolveram o planejamento e a formalização das parcerias com a OEI e o Pronasci. A gestão ficou a cargo do Ibram a partir de 2009. O PPDM objetivava identificar iniciativas em memória social em curso e fortalecer processos colaborativos. Alguns museus e redes ligadas às correntes críticas já se destacavam nessa época como o Museu da Maré, o Museu de Favela (MUF), a Rede de Museus, Memória e Movimentos Sociais, o Museu Vivo de São Bento e o Ecomuseu da Amazônia.

Segundo Pereira, o Ibram tinha interesse em continuar trabalhando com os ecomuseus que o Demu havia mapeado anos atrás, mas diante da irredutibilidade do ministério da justiça viu-se obrigado a manter a parceria com a OEI e o Pronasci ao mesmo tempo em que articulava o diálogo com os projetos que o interessava em outras instâncias. Passou a ter duas missões então: mapear as iniciativas já existentes e despertar a vocação para o trabalho com a memória social nas áreas abrangidas pela parceria. Pereira destaca a dificuldade em desenvolver a metodologia nas comunidades identificadas, sugerindo que esse trabalho demanda fluidez e reciprocidade sendo errado que departa unilateralmente e desencadeado a partir do Estado. Segundo Pereira o Prodoc foi pensado para vigorar até 2012. Entretanto, ao ser reformulado, o Ibram resolveu aumentar esse prazo. Ganhou novos ares pela incorporação da experiência acumulada o que levou também a incrementar o programa com a dimensão de rede similar ao PCV.

O terceiro capítulo apresenta cada um dos pontos pioneiros destacando a experiência do MUF. Na narrativa de Pereira, a equipe do museu realmente se esforçou para implantar a metodologia do PPM especialmente suas instâncias participativas – um dos aspectos mais centrais do programa – como o conselho comunitário e as instâncias deliberativas. Por fim, no último capítulo apresenta suas dimensões avaliativas. No aspecto político, ela destaca os problemas como discordâncias internas, constantes rotatividades na gestão, reflexos do não estabelecimento de responsabilidades e seus efeitos na formalização de parcerias fundamentais. No aspecto pedagógico, comenta os ganhos na produção de conhecimento gerada de processos como criar parcerias e a realizar inventários participativos em territórios ditos violentos. A pedagogia dizia respeito principalmente aos processos envolvidos na produção das narrativas museais. O aspecto poético contemplou os produtos de difusão, que foram as exposições. As exposições seriam então a expressão da capacidade organizativa das equipes, da capacidade de externalizar os sonhos de melhorias, a afetividade e as indignações.

Para concluir, Pereira em “pontos de (in)conclusão” (2018, p. 289), constata que a estrutura do PPM não permite desafiar o status quo ou promover mudanças sociais significativas. Espera-se que do acúmulo de conhecimento gerado com a implementação inicial do programa surja o suporte às iniciativas premiadas em sua segunda fase sem perder de vista que a lógica da eficácia e dos resultados nem sempre será apropriada para avaliar o sucesso dessas políticas. Nesse sentido, a museóloga fala sobre reconhecer a validade dos novos conhecimentos produzidos na implementação dos pontos. A formação, vista como um processo que envolve identificar lideranças, desenvolver pedagogias e apostar na disseminação do conhecimento, também suscita ponderações para a autora. Um dos pontos mais pertinentes da sua avaliação é reconhecer que práticas participativas num país acostumado a tradições autoritárias são desafiadoras e, portanto, é louvável que o Ibram tenha se proposto a experimentar. Ainda aponta que não houve integração entre os pontos pioneiros e premiados, mas não se detém na identificação das oportunidades de intercâmbio das iniciativas, destacando apenas que interessava mais ao Instituto trabalhar num contexto de maiores afinidades relativizando o compromisso de democratizar os direitos culturais e universalizar o acesso às políticas públicas, porque a participação não poderia ser impositiva. A autora ainda aponta que, por um lado, no Ibram houve diminuição da equipe que gerenciava o programa, por outro, nos pontos, houve conflitos sobre autoridade e legitimidade, falta de articulação nas instâncias deliberativas e desconfiança sobre os interesses do governo.

Santos (2017) em sua dissertação aborda o fenômeno dos museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social no Brasil a partir do mapeamento de principais autores, conceitos e do levantamento estatístico dos museus que seriam identificados com as correntes críticas da

museologia. Como costumam fazer os profissionais da museologia, Santos também adentra o universo das declarações na sua narrativa. Aponta a Mesa Redonda de Santiago (1972) como o marco inicial da Nova Museologia. Concordando com Oliveira (2015), Santos também destaca o evento de Québec (1984), no qual as experiências de mais de uma década de ecomuseus e museus comunitários são reconhecidas, o evento no México (1984) e a criação do Minom (1985) como marcos dessa corrente. Segundo Santos, Nova Museologia é uma expressão comumente utilizada pelos europeus, embora haja intelectuais brasileiros que também a utilizem. Já Museologia Social é uma expressão popular no Brasil e em Portugal surgida no contexto acadêmico da ULHT. Inicialmente havia um curso de especialização em Museologia Social que passou a ser um curso de pós-graduação *stricto sensu*. Criou-se também um centro de estudos e uma famosa publicação na área museológica, os *Cadernos de Sociomuseologia*. O primeiro documento conceitual foi um artigo escrito pelo museólogo Mário Moutinho intitulado “Sobre o Conceito de Museologia Social” em 1993. Então, além de diferenças conceituais há diferenças históricas visto que mais de duas décadas separam o surgimento de um conceito do outro.

Para Pereira (2018, 2020), mesmo que Nova Museologia e Museologia Social sejam expressões comumente intercambiáveis, esta apresenta compromissos políticos mais fortes que aquela. Nesse sentido, Pereira destaca que a Museologia Social atua contra opressões e isso significa afirmar que mesmo museus tradicionais com propostas museográficas que questionam opressões, como as de gênero e de raça, também poderiam ser contados entre seus adeptos. Tanto Santos (2017) quanto Pereira (2018, 2020) concordam que somente com o fim das ditaduras houve na América do Sul condições favoráveis ao surgimento dos museus afiliados às correntes críticas. Constitui-se, portanto, num cenário diferente daquele que se desenvolveu no México, onde desde a década de 1970 os princípios da Nova Museologia e do museu integral têm ajudado a organizar diversas experiências com museus. Só a partir da década de 1980 haveria condições para surgir museus afiliados à Nova Museologia e, posteriormente à Museologia Social no Brasil. Então, há maior proximidade do PPM com a Museologia Social, visto que é a expressão utilizada nos editais e presente no próprio nome da coordenação que gerencia o programa.

Poder-se-ia pensar que os museus de favela são museus comunitários, ecomuseus ou museus de território. Para Santos, ecomuseus e museus comunitários a princípio não traduzem o mesmo fenômeno. Ecomuseu, termo criado ao acaso pelo museólogo francês Hugues de Varine-Bohan, foi apresentado oficialmente no Colóquio Internacional Museus e Meio Ambiente organizado pelo Icom em 1972. Inicialmente, denotava museus com forte vínculo territorial preocupado com relações entre humanos e bens inalienáveis, com a patrimonialização de bens

tangíveis e intangíveis a esse universo associado e com a sustentabilidade econômica de suas populações.

As experiências no México bem como as diversas menções nos textos da museologia aos *neighborhood museums* de Nova York e Washington ajudam a compreender o museu comunitário como uma organização mobilizada para os interesses da população que o rodeia, podendo funcionar centralizado num edifício como museus tradicionais e não necessariamente musealizando um território. Entende-se a partir de Santos (2017) que os museus comunitários não necessariamente terão a dimensão territorial e exterior dos ecomuseus, embora muitos museus comunitários sejam também ecomuseus. Além disso, no contexto brasileiro ecomuseus mais antigos, criados ainda na década de 1970, são iniciativas do poder público enquanto os museus comunitários, que são as iniciativas mais recentes, são projetos da sociedade civil. Ecomuseus no contexto mais recente podem ser tanto iniciativas do poder público, como o Museu a Céu Aberto da Providência, quanto OSCs, como o Museu de Favela e o Museu das Remoções. No contexto mexicano abordado por Oliveira (2015), todavia, tanto ecomuseus quanto museus comunitários criados desde a década de 1970 são iniciativas do poder público que passam por reapropriações pelas populações locais. Nesse estudo, entende-se que a questão territorial não é o fator mais decisivo para compreender os museus afiliados às correntes críticas, porque os museus são iniciativas contextuais e nem sempre é possível percorrer o território como num museu de percurso. Mais importante para compreender museus como os museus de favela interlocutores são seus processos participativos e o endereçamento que farão da questão do direito à cidade.

Santos (2017) busca mapear todos os museus que potencialmente são identificados com as correntes críticas. Para isso vale-se dos bancos de dado do Ibram, nomeadamente do CNM, da Abremc, de universidades, de ferramentas de busca na internet e de contatos com profissionais e pesquisadores do campo da museologia. Para classificação dos museus defende o valor da autodeclaração e os *sites* e perfis nas redes sociais são seus dados principais. Adverte que nas autodescrições foi comum encontrar práticas associadas ao universo dos ecomuseus e museus comunitários ainda que em nenhum momento esses registros utilizassem os termos “ecomuseu” e “museu comunitário”. Do mesmo modo, muitos museus se autodenominaram ecomuseus, mas suas práticas lembravam museus tradicionais. Ao que parece então, identificar um ecomuseu ou um museu comunitário envolve tanto respeitar a autodeclaração quanto a *expertise* dos profissionais da museologia capazes de identificar os processos museológicos participativos da Nova Museologia e Museologia Social.

Em suma, esses museus são experiências que seguem os princípios contidos em importantes documentos da museologia profissional. Um dos primeiros documentos surgiu do evento



Mesa Redonda de Santiago em 1972. Segundo Oliveira (2015), no contexto da América Latina, as primeiras experiências são ainda da década de 1970 e surgem no México. Em mais de três décadas diferentes formatos de programas públicos se sucedem e são capilarizados para os governos regionais fazendo surgir já em 1994 a rede nacional de museus comunitários e ecomuseus no país. No Brasil, o primeiro programa em moldes parecidos surge com o Demu em 2008 com a implantação dos 12 pontos de memória pioneiros. A experiência no Brasil é relatada como um desdobramento do PCV voltada exclusivamente para iniciativas de memória social para a qual contou muito a experiência do Museu da Maré. Dessa experimentação em política pública no Brasil trata a tese de Pereira (2018). Santos (2017) lembra que os museus afiliados às correntes críticas, no caso à Nova Museologia, surgem no Brasil ainda na década de 1970, mas seu florescimento está associado com as condições políticas do país. Nesse sentido, a democratização na década de 1980 preparou o terreno para o florescimento da Museologia Social a partir de 2000. Santos (2017), diferentemente de Oliveira (2015) e Pereira (2018), lembra que há outros atores importantes no cenário dos museus no contexto brasileiro. Por exemplo, os primeiros ecomuseus são, em questão de décadas, anteriores à implantação dos primeiros pontos de memória. A Abremc surgiu antes do Ibram. Ou seja, a sociedade civil antes do setor público já zelava pelos interesses dessas organizações.

Em termos conceituais, esses museus têm desenvolvido seu vocabulário através das suas vivências Grosso modo, pode-se dizer que são projetos que se distinguem dos museus tradicionais por buscar representar populações normalmente não representadas nos museus, por modificar os processos museais através da participação social e muitas vezes por abranger a dimensão territorial. Ou seja, são museus que estão em constante diálogo com o território, com as redondezas, com seu entorno e, portanto, também em diálogo com fenômenos que tangenciam questões como urbanização, infraestrutura, habitação e direito à cidade. Nesse sentido, há uma expressão comumente utilizada pelas correntes críticas para explicar essa relação que é a seguinte: um museu afiliado às correntes críticas retira a atenção do tripé edifício-coleção-público e a coloca no trinômio território-patrimônio-população (Varine, 2014). Como será abordado, nenhuma das diversas tipologias que buscam enquadramento das correntes críticas expressa melhor essa mudança de sentido que os museus de favela.

Uma boa forma de compreender o tripé território-patrimônio-população contraposto ao tripé edifício-coleção-público utilizado para explicar diferenças entre o museu tradicional e o “novo museu” seria através do museu-monstro de Pires (2014). Segundo Pires, a patrimonialização evidencia um compromisso elitizado com a história, porque é uma maneira artificial de salvaguardar versões oficiais dos eventos, portanto, de cristalizar um *ethos* que retira a fluidez dos acontecimentos. Ao invés de criar mais patrimônios, de totemizá-los, todos deveriam estar

engajados com a salvaguarda do comum, dos bens comuns. Pires comenta também que numa sociedade pactuada para gerenciar os bens comuns lugares especiais ou lugares de memória dariam vez a lugares comuns. Do mesmo modo, a obra de arte, objeto de contemplação em muitos museus e galerias, deixaria de ter as características que tem atualmente para adquirir aspectos ainda desconhecidos.

Os problemas com a patrimonialização no museu tradicional são muitos. Por exemplo, a patrimonialização geralmente demanda dimensões fisicamente cabíveis nos edifícios assim como tenta manter o status quo a partir da disseminação de práticas e conceitos historicamente datados e geograficamente situados. Pires diz que por causa da governabilidade o museu tenta particularizar os bens comuns. Segundo ele, o museu não seria o arranjo físico nem institucional mais apropriado para gerenciar a monstrosidade, a indivisibilidade, a fluidez e a circularidade dos bens comuns. Sua regulação ultrapassaria os limites das instituições museais como conhecidas.

Embora os museus de favela não sejam problematizados no trabalho de Pires, o museólogo pontualmente comenta que esses museus exploram relações mais simbióticas entre território e população, através de inventários participativos, nos quais uma comunidade aponta que bens lhe são significativos e isso outorga ao processo legitimidade. Ou seja, as equipes dos museus comunitários e ecomuseus não abandonaram os processos museais e as teorias da patrimonialização; mas os tornaram participativos. E o patrimônio não está materializado apenas em objetos ou a numa coleção. Está também na configuração de paisagens significativas para grupos de pares ou uma comunidade. O museu passou a contemplar um dimensionamento espacial mais ajustado ao formato daquilo que faz sentido e não à sua estrutura predial.

Aline Portilho (2016) aborda a questão do território no tripé território-população-patrimônio em sua tese sobre um museu de favela. Seu trabalho está dividido em duas partes. Na primeira ela trata dos antecedentes fora do contexto brasileiro no qual surge a Museologia Social nas décadas de 1980 e 1990, resgatando eventos e documentos que sistematizaram princípios e vocações. Vê-se que ela não retoma a Nova Museologia ainda na década de 1970 diferindo-se das demais autoras. No segundo capítulo ela trabalha a apropriação desses conceitos nos instrumentos de gestão das políticas públicas de museus brasileiras a partir de 2009. Os dois capítulos finais são dedicados a tratar da implantação do MUF, que foi fruto da articulação entre moradores de favela, o escritório social do PAC-Favelas que se instalou durante as obras de infraestrutura nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e do programa que criou os 12 pontos de memória pioneiros. Nesse sentido, para dar continuidade à discussão sobre o elemento território no tripé território-patrimônio-população, a aproximação com a obra de

Portilho se dará pelos capítulos finais, nos quais comenta como o museu esteve envolvido na produção do espaço.

Segundo a autora, projetos de desenvolvimento urbano recentes, como o PAC-Favelas, interessaram-se por projetos sociais com enfoque na memória dos moradores afetados. Ela vê nisso esforços para ressignificar a favela e salvaguardar informações históricas que deixariam de ter referenciais com as requalificações. Nesse sentido, moradores, que antes do PAC-Favelas já desenvolviam projetos sociais nas comunidades e muitos deles na perspectiva histórica demonstraram interesse em criar um museu e contaram com recursos do legado social do PAC-Favelas para darem o pontapé inicial na sua formalização em 2008.

Portilho comenta que algumas escolhas da equipe do museu estiveram em sintonia com os entendimentos dos escritórios do PAC-Favelas. Por exemplo, ela cita que alguns materiais criados pela equipe do museu para divulgar o principal percurso utilizavam noções espaciais respaldadas pelo projeto de infraestrutura. Ao falar sobre isso, a equipe tinha em mente valorizar um certo entendimento para as divisões do território, que não seria formado apenas por três grandes favelas ou por um grande conglomerado autourbanizado, mas por microáreas possuidoras de status social diferenciado. Para os idealizadores do PAC era interessante que os moradores utilizassem o termo “complexo” para nomear o conjunto de comunidades sobre os maciços ao invés de reforçar diferenças existentes entre elas. As ocupações se iniciaram em décadas diferentes e os moradores possuem origem geográfica diferentes – os mais antigos nasceram no Rio de Janeiro e os mais recentes são originariamente nordestinos. A partir da década de 1980 foram controladas por diferentes facções do crime organizado o que reforçou, segundo Portilho, divisões consoantes aos vários comandos do tráfico de drogas. Quando esse controle foi unificado as antigas divisões deram lugar à visão que veio a coincidir com a do PAC-Favelas. Grosso modo, a equipe do museu reforçou a visão governamental a favor da unificação utilizando o termo “complexo” em diversas ocasiões, abandonando a proposta de evidenciar outras clivagens do pertencimento.

Mas, essa não é única forma mobilizada pelo museu para trabalhar o território. Segundo Portilho, a base administrativa é sediada em uma das favelas do complexo e só esse fato já gera bastante estresse entre os membros da equipe, porque hora ou outra alguém lembra que o Cantagalo é mais privilegiado que o Pavão-Pavãozinho, ainda que o museu seja de percurso e perpassa as três comunidades. No caminho escolhido várias famílias cederam ao museu o direito de usar suas fachadas como suportes para os *graffitis* que recontam episódios marcantes da história local coletados a partir de entrevistas com alguns dos moradores mais antigos. Ou seja, em alguns materiais do museu a equipe utilizou terminologias que coadunavam não apenas com os princípios da equipe, mas que se mostravam congruentes com outros atores sociais

exercendo influência e trabalhando nas comunidades. Portilho explica que o museu tem um trabalho fortemente centrado em trazer à tona memórias comuns às favelas. Ao produzir material e dialogar problematizando diferentes visões sobre a formação e status social das comunidades, a equipe entende que prima pela união e pela percepção de uma história comum fortalecendo os vínculos que, por circunstâncias excedentes à vontade da maioria dos moradores, não puderam, ao longo do tempo, ser endereçados e tornando essas memórias comuns a seu conjunto.

Nesse sentido, embora todos os museus afiliados às correntes críticas entendam e promovam noções de musealização e de patrimonialização que não abrangem apenas objetos, mas também paisagens culturais, revelando e promovendo relações entre território e comunidade, esses sentidos são intensificados para equipes de museus de favela. Isso acontece, porque geralmente as favelas são áreas informais ou territórios de potencialidades, ainda não completamente disciplinados pela legislação de ordenamento territorial. Por muito tempo, as populações de favelas foram taxadas de promover a ocupação irregular do solo e o Estado responsabilizado pela ação ou inação que abandonou parte das habitantes da cidade à informalidade. Desse modo, as equipes inauguram entendimentos que tendem a se tornar oficiais, porque seguiram um disciplinamento modulado pelo diálogo com os moradores das comunidades e pela parceria com as políticas públicas. Ainda que salvaguardem ou criem versões de eventos que podem potencialmente se tornar rançosas e inflexíveis, como alerta Pires (2014), é importante não perder de vista que o direito à memória, a nutrir referenciais culturais é um direito constitucional que deve ser garantido ao conjunto da população. Por muito tempo, as políticas de patrimônio salvaguardaram um patrimônio pouco significativo para o mosaico que forma o povo brasileiro. É ainda o caso de defender o direito dos habitantes das autourbanizações a lembrarem ou construir seus próprios referenciais históricos e de compreenderem como se relacionam com a história da cidade do Rio de Janeiro e com formação da nação brasileira.

Nos dois primeiros capítulos, Portilho apresenta o trabalho do Icom, os encontros e sublinha a importância da Mesa Redonda de Santiago para a Nova Museologia. Situa o surgimento da Museologia Social, não entendida como sinônima de Nova Museologia, na década de 1980. De maneira geral, o caminho de análise proposto em Portilho enlaça a institucionalidade da Museologia Social nos campos de atuação profissional, da disciplina acadêmica e, principalmente, da política pública brasileira. No campo acadêmico e profissional, o surgimento da pós-graduação *stricto sensu* na ULHT a partir da década de 1990 e as relações do programa com personalidades do campo da política pública brasileira é notável e merece menção. A ULHT, por exemplo, concedeu o título de doutor *Honoris Causa* ao então ministro da cultura, Gilberto Gil, e pelo menos metade dos docentes do programa em Museologia Social é brasileira. Desde a década de

1990, segundo Portilho, destacam-se dois profissionais na Museologia Social: o português Mário Moutinho e o brasileiro Mario Chagas. Mário Moutinho fundou o programa da ULHT, sendo o atual reitor da universidade. Mario Chagas participou da criação do Ibram, dirigindo neste o Departamento de Processos Museais (DPMus) e sendo atualmente diretor do Museu da República além de docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

No primeiro capítulo ela também analisa a produção bibliográfica do periódico *Cadernos de Sociomuseologia* mapeando como a expressão “museologia social” aparece nos arquivos da publicação. Esse tom documental continua no segundo capítulo quando examina as normativas do setor destacando nelas a institucionalidade das políticas públicas voltadas para Museologia Social. Nesse exame de institucionalidade, o Demu, que se tornaria o Ibram, é a referência mais emblemática na gestão das políticas museais, visto que do seu pessoal surgiria a força motriz responsável pela criação do Ibram. Por fim, ela analisa como a Museologia Social passa a ganhar espaço na pauta dos fóruns. Ainda nesse capítulo, Portilho aponta que houve um período propício às políticas museais, como a congregação de pessoas com experiências estratégicas no país e nas organizações multilaterais como a OEI e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID). Esse contexto institucional favorável, por exemplo, possibilitou que representantes dos museus de favela ocupassem posições nos órgãos deliberativos como no Conselho Gestor do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) e que profissionais/acadêmicos do campo, como Mario Chagas na diretoria do DPMus e Marcele Pereira na coordenação da Comuse, criassem um clima favorável para demandas dos museus – apesar das críticas à frágil institucionalidade da Museologia Social comentada até mesmo por Pereira em ocasiões.

Enfim, para sintetizar, as pesquisadoras apresentadas na seção ao destacarem marcos do surgimento da Nova Museologia e da Museologia Social também enunciaram os próprios compromissos políticos com os museus. Marcele Pereira e Patrícia Oliveira talvez sejam os casos mais emblemáticos uma vez que a primeira foi coordenadora da Comuse no Ibram e doutorou-se pela ULHT com projeto sobre os pontos de memória pioneiros. Patrícia Oliveira tem estado envolvida com a Abremc e com redes de museologia surgidas no contexto mexicano mas que reúnem diversos países latino-americanos. Suzy Santos realizou um trabalho extensivo e qualitativo lembrando seu público que pesquisas acadêmicas também logram êxitos e reúnem informações-chave impedindo o monopólio dos órgãos públicos tanto sobre informações museais quanto sobre o controle de metodologias e produção de estatísticas. Isso é interessante especialmente para a calibragem do acesso e controle das informações. Aline Portilho, por sua vez, apresentou sua narrativa acerca de um período bastante profícuo para se compreender as dinâmicas urbanas na cidade do Rio de Janeiro, uma cidade deparando-se com sua dívida histórica com as populações vivendo em favelas através da urbanização provocada pelo PAC-Favelas.

Ajudou a compreender como equipes de museus de favela atuam de maneira mais profunda que outros museus afiliados às correntes críticas com o elemento território do tripe território-população-patrimônio (Varine, 2014), por inaugurarem a relação entre populações de favela e as políticas públicas de memória e patrimônio.

Organizações da sociedade civil afirmam que existem doze museus de contra narrativas na cidade do Rio de Janeiro. A próxima seção apresentará como membros das equipes de três dessas organizações definem seus museus. Vale lembrar que trabalhar a definição dos museus afiliados às correntes críticas não estava entre os objetivos deste estudo. Foi o fato de alguns interlocutores darem tanta atenção a esse aspecto que motivou dedicar um capítulo ao assunto. É um exemplo de pesquisar o que encontrar e de diferenciar a agenda de pesquisa daquilo que interlocutores apontam como relevante.

### 1.5 Os museus para membros das equipes

Segundo dados do Data Rio, há 1.018 favelas no Rio de Janeiro, onde vivem 1.439.975 pessoas, o que corresponde a 22% da população carioca. Arquitetos que desenvolvem projetos de urbanização propuseram classificá-las segundo critérios físicos-espaciais. Essa classificação parece ressoar com as maneiras pelas quais o espaço é invocado pela equipes dos museus. Elas podem ser: a) favelas isoladas em áreas planas; b) favelas isoladas em morros e encostas, c) complexos de favelas em áreas planas; e, d) complexos de favelas em áreas de morros e encostas. Ao que parece, áreas planas são relativamente raras e, por isso, se transformam e se tornam objeto de especulação fundiária com muito mais frequência que as áreas elevadas. A seguir, um quadro com as características das favelas onde se localizam os museus foi criado para compreender como as comunidades têm sido afetadas pelas dinâmicas de urbanização e como respondem a elas.

Tabela 8 - Quadro comparativo características físico-espaciais das autourbanizações e sua relação com as remoções e obras de infraestrutura

<b>Características</b>	<b>Surgimento</b>	<b>População</b>	<b>Relação com as remoções</b>	<b>Relação com obras de infraestrutura</b>
<b>Vila Autódromo</b>  Favela isolada em área plana	1960	Antes da remoção cerca de 3 mil habitantes e atualmente cerca de 20 famílias	Recebeu moradores de favelas removidas e passou por remoção	Afetada por obras de infraestrutura tendo as últimas resultado na remoção massiva dos moradores para um conjunto habitacional financiado

				pelo Minha Casa Minha Vida.
<b>Cantagalo e Pavão-Pavãozinho</b>  Complexo de favelas em áreas de morros e encostas	1910	Mais de 10 mil habitantes	Não passou por remoção nem recebeu moradores de favelas removidas.	Recebeu obras de infraestrutura em anos recentes e recebeu Unidade da Polícia Pacificadora (UPP).
<b>Maré</b>  Complexo de favelas em áreas planas	1940	Cerca de 140 mil habitantes	Recebeu moradores removidos de outras favelas	Afetado por obras de reconversão urbana há várias décadas, como construção de rodovias. É formada por autourbanizações e conjuntos de casas e apartamentos de políticas habitacionais públicas.

Fonte: Elaboração própria.

Como se depreende do quadro, mesmo sendo um complexo de favelas em área de morros e encostas centenário, o Cantagalo e Pavão-Pavãozinho não foi afetado por grandes obras de infraestrutura. Houve obras no complexo há quase uma década atrás, mas não transformaram significativamente os padrões de urbanização e mobilidade. O Complexo da Maré foi consideravelmente afetado por obras de infraestrutura, como aberturas de vias expressas que alteraram os padrões de circulação, aterramentos, implantação de barreiras acústicas e construção de núcleos tecnológicos em suas proximidades. A Vila Autódromo surgida na década de 1960 foi demolida para dar lugar as estruturas dos megaeventos de 2014 e 2016. A maioria dos moradores aceitou um acordo de financiamento para um conjunto de apartamentos construído numa área desurbanizada relativamente próxima. Mas, algumas famílias por resistirem a esse processo de transferência foram duramente reprimidas por agentes do poder público.

A equipe do Museu da Maré foi a principal interlocutora e com ela foi possível realizar dez entrevistas. No Museu de Favela e no Museu das Remoções houve uma entrevista formal em cada. A entrevista com a diretora do Museu das Remoções aconteceu em pelo menos três sessões conduzidas em datas diferentes. As sessões de entrevista foram sucedidas por sessões de edição, de modo que o trabalho levou alguns meses para ser concluído. Já a diretora do Museu de Favela concedeu uma sessão de entrevista de noventa minutos fora do ambiente do museu, em sua casa. Nas semanas seguintes, houve outros dois encontros em sua casa para editar a

entrevista – o que nunca aconteceu, porque outros assuntos relacionados monopolizaram as conversas. Além disso, houve participação em *tours* pelo percurso musealizado. No Museu da Maré, as sessões de edição foram propostas, mas nenhum participante se mostrou interessado em revisar as falas. Além das entrevistas, foram feitas observações participantes e não participantes em diversas visitas, de modo que foi possível observar o trabalho de cada equipe por alguns poucos meses.

No Museu da Maré, praticamente toda a equipe que trabalha exclusivamente no projeto se dispôs a participar. As entrevistas foram arranjadas pessoalmente e aconteceram no espaço do museu. Os roteiros juntamente com o formulário de consentimento informado foram encaminhados com alguma antecedência para que cada participante pudesse organizar sua linha de pensamento e selecionar, se preferissem, tópicos pertinentes. Como o roteiro era extenso e a equipe trabalha em áreas específicas nem todos os blocos de perguntas endereçavam os assuntos que poderiam falar com propriedade. Por isso, cada participante informou previamente quais blocos/questões gostaria de tratar em sua fala. O formulário de consentimento informava que a duração máxima da entrevista proposta era de sessenta minutos, o que em geral correspondeu à duração média.

Com o propósito de dar continuidade a esse processo de condução da pesquisa, a cada entrevistado foi proposta uma segunda entrevista abordando os tópicos que emergiram durante a primeira interação. As transcrições da primeira entrevista juntamente com os segundos roteiros foram encaminhados com a intenção de motivar a continuação da conversa formal. Entretanto, mesmo que nenhum dos entrevistados tenham abertamente dito que não se interessava em participar, nenhuma das segundas entrevistas aconteceram. As questões propostas na segunda rodada de entrevistas foram respondidas nas interações informais e durante as observações. Para analisá-las, primeiramente as entrevistas foram organizadas em blocos tendo sido formado um conjunto de documentos para cada museu. Nessa aproximação, o intuito foi identificar aspectos comuns ou destoantes nas entrevistas e a partir de uma leitura geral observar temáticas recorrentes e caracterizações que ajudariam a compreender os sentidos atribuídos aos museus. Isso não significou o emprego da abordagem comparativa, embora colocados juntos os documentos tenham feito ressaltar elementos relevantes para compreender como os museus diferem entre si ou se parecem. São dez entrevistas no Museu da Maré e apenas um entrevistado nos demais museus. Desse modo, não se tem suficiente material para um exame comparativo.

Posteriormente, foi conduzida análise de conteúdo nos blocos de documentos. Desse trabalho resultou uma lista com as dez palavras mais pronunciadas nas interações. Mas, escolher uma das palavras mais frequentes e abordar seus sentidos não adveio dessa constatação. Na



verdade, o percurso até chegar na definição de “museu” partiu da constatação de que embora o roteiro das entrevistas enfocasse a questão do financiamento, principalmente com a equipe do Museu da Maré, os participantes falaram muito sobre as características do museu em si. Essa não era uma demanda da pesquisa, mas se tornou relevante por ter sido enfatizada pelos participantes do estudo. A frequência de palavras permitiu identificar que “museu” aparece entre as palavras mais usadas nas entrevistas. Em seguida, a palavra “museu” foi analisada em contexto e trechos que pareceram mais significativos numa escolha subjetiva e manual foram apresentados para serem discutidos à luz do que vem sendo tratado no capítulo, que são os sentidos para museus afiliados às correntes críticas da museologia.

Antes de continuar, cabe sintetizar algumas informações gerais sobre os museus participantes. O Museu da Maré não é uma OSCs independente. É um projeto do Ceasm, que é uma associação privada criada em 1996 – talvez seu projeto mais famoso. O museu foi criado entre os anos 2004 e 2006 e inaugurado em 2006. Ou seja, em 2019 completou 13 anos de existência. Localiza-se na Maré – um complexo de favelas, assentamentos e outros projetos habitacionais públicos, numa área relativamente plana. O Museu das Remoções existe na área onde antes havia a Vila Autódromo, uma pequena favela isolada numa área plana. Até 2019 não era uma organização formalizada e uma das razões que explica isso é ser o museu um projeto recente, criado em 2016 quando as 20 famílias foram reassentadas no conjunto de casas – também chamada Vila Autódromo – construídas pela prefeitura numa fração da área onde antes havia a comunidade. O Museu de Favela fica num conglomerado de favelas numa área de morro e encosta. Tinha 11 anos de existência em 2019 e foi formalizado em 2008. Mesmo com acesso dificultado, especialmente na estação chuvosa quando costuma ocorrer perda de estruturas elétricas e de internet, o Museu de Favela tem conseguido manter-se ativo. Dos museus participantes, o Museu das Remoções é o que tem acesso mais facilitado, ainda que a depender do ponto de partida, envolva um percurso de 2-3 horas de viagens feitas em vários modais (trem, metrô, BRT e linhas de ônibus regulares). Embora a Maré e o Cantagalo e Pavão-Pavãozinho se situem próximos a transportes de massa, como o trem e o metrô, transitar pela Maré e pelo Cantagalo e Pavão-Pavãozinho ainda é uma atividade arriscada – e no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho é também dificultosa por causa da topografia. A próxima seção analisa especificamente os contextos nos quais aparecem a palavra “museu” nos blocos de entrevistas.

### **1.5.1 O Museu da Maré segundo as entrevistas com a equipe**

A análise de conteúdo das entrevistas com a equipe do Museu da Maré retornou 398 referências à palavra “museu” em contexto. Optou-se por abordar algumas das menções que pareceram

mais significativas para compreender os significados atribuídos ao museu e complementá-las com trechos escolhidos manualmente.

Inaugurado em 2006, o museu surgiu antes mesmo do Ibram – criado em 2009 – e, por isso, manteve diálogo estreito ainda com o pessoal do Demu. Essa história lhe garante uma bagagem política e histórica reveladora da sua importância no cenário dos museus afiliados às correntes críticas e dos museus na cidade do Rio de Janeiro. Ísis, sua atual coordenadora, nas duas entrevistas concedidas comenta que foi um recurso de edital do PCV que possibilitou ao Ceasm propor como plano de trabalho a criação do museu que seria um dos primeiros do seu tipo. O sucesso da iniciativa pouco tempo depois inspirou a criação de um programa apenas para projetos em memória social que foi o PPM. Consolida-se como um projeto de sucesso selecionado em editais públicos e apoiado com recursos de doações de indivíduos e até mesmo de ONGs internacionais.

Com isso em mente, a coordenadora não deixou de articular uma definição do museu a partir dos programas de política pública. Em alguns momentos disse que o museu é o “ponto de cultura Museu da Maré” e o “ponto de memória Museu da Maré”. Ao usar esses vocábulos, afirma sua validade para definir os museus afinados com as correntes críticas da museologia. Ou seja, os sentidos normatizados nos editais encontram lugar nas vivências do museu – e vice-versa. Desse modo, palavras como “ponto de cultura” e “ponto de memória” passam a ser integradas ao campo semântico dos museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social, da mesma forma como ecomuseu, museu comunitário, museu de favela etc. Isso não significa que o uso dessas terminologias impediram o museu de manter-se afinado com sua própria definição, com seu próprio sentido e de tornar-se cada vez mais representativo de si mesmo (Boltanski & Thévenot, 2007). A fala de Ísis a seguir bem como as observações indicam que há limites na aceitação de definições exteriores à equipe. Isso significa que o museu não é apenas ponto de cultura ou ponto de memória, porque recebe recursos de outros financiadores e porque os recursos dos programas não cobrem todos os projetos do museu.

[O] museu é um ponto de cultura, é um ponto de memória, mas não é só, porque o museu recebe também outras... tem outros projetos que não são cobertos. Por exemplo, o museu tem um nome: ponto de cultura, ponto de memória. Tá. Mas, as verbas que vieram não foram, não atenderam o museu como um todo. Então, tem outras iniciativas que não são cobertas pela verba do ponto de cultura/ponto de memória. (Ísis - Diretora - 21-11-2019, Pos. 119).

Porque o ponto de memória, na verdade, quando a gente fez, foi mais um prêmio do que propriamente desenvolver uma atividade como era um ponto de cultura. “Ah, vocês já desenvolvem atividade, então, para reforçar essa atividade vocês vão fazer um plano de trabalho e aí apresentar”. Okay. (Ísis - Diretora - 21-11-2019, Pos. 119).

Embora essas definições não sejam recusadas pela equipe, elas não são frequentemente acionadas no dia a dia, preferindo visitantes, parceiros e equipe utilizar o nome do museu. “Museu da Maré” e vocabulários que aludem às características do conjunto de favelas e projetos habitacionais públicos que formam o bairro atendem ao propósito de reforçar um projeto identitário que busca vencer a fragmentação do território e fazer destacar uma origem e identidade comuns. Recriar essa “thick description” que o museu promove a partir da sua comunidade imaginada dificulta até mesmo garantir o anonimato dos participantes por ser muito “situada”, mas isso é um dos elementos centrais para compreender seus objetivos (Anderson, 1991; Geertz, 1973; Gutierrez, 2016; Haraway, 1988). As estratégias de comunicação foram bem-sucedidas em desenvolver uma marca distintiva para o projeto tornando a tarefa de imaginá-lo um museu de favela genérico quase uma atividade injusta retirando dele suas qualidades de ser particularmente memorável e incomum (Clifford, 1997).

Isso certamente se insere naquilo que os autores têm identificado como construção de lugares de memória (Nora, 1993). Pires (2014) tece críticas pertinentes sobre a importância do esquecimento na ressignificação dos lugares transformando-os em bens comuns. Mas, diante do acesso assimétrico às informações e do controle e da vigilância sobre as ditas minorias, faz todo sentido que a equipe mantenha um projeto identitário forte e coeso e tenha controle sobre as informações que lhes dizem respeito exercendo essa atividade livre de constrangimentos. (Bengfort & Kim, 2016; Foucault, 1987; Lemov, 2018).

Embora seja um museu de favela e dialogue com as políticas habitacionais e de urbanização, não reclama para si o conceito de museu de território. Essa definição não foi acionada em nenhuma entrevista. Uma das interlocutoras sugeriu não se ater à definição do tipo de museu. Sua fala sugeriu que o museu desenvolve processos condizentes com sua história e com os arranjos possíveis (Brulon, 2015).

Mas, eu acho que falta ainda, para englobar a questão do território. Mas, eu não definiria o museu como nada por enquanto. Não acho saudável isso, eu acho que é muito academicista fazer isso. É uma tentativa de botar em caixinhas para você poder dar uma definição. Mas, não acho que o museu se enquadre em nada disso. As pessoas podem falar: “Ah, mas ele é tradicional”. “Você pode dizer que é, mas não conhece nenhum museu tradicional como o Museu da Maré. (Atena – Voluntária – 10-07-2019, Pos. 68).

O território da Maré é formado por autourbanizações e por projetos habitacionais públicos surgidos em diferentes épocas com uma população de quase 140 mil habitantes. Como se não bastasse, o complexo foi fragmentado por diversas facções do crime organizado e das milícias. Ou seja, há outros projetos identitários opostos aos interesses de criar uma identidade comum que colocaria o pertencimento à Maré, e não a uma comunidade ou a um conjunto de comunidades

em particular, acima de qualquer outro. Um museu de território pressupõe o direito de transitar pelo território, o que não é possível na Maré (Raposo, 2013). Ou seja, o museu desenvolve processos museais condizentes com suas possibilidades.

Mas, o território não é entendido pela equipe como as delimitações físico-espaciais quer trabalhadas pelo museu quer com estas conflitando. Território é visto como a abrangência que as práticas de comunicação do museu adquirem. Esse território amplia-se quando se encontra com outras realidades e quando sua mensagem ressoa criando uma comunidade dialógica. Por isso, as falas também destacam que a sinergia provocada pelas redes como de pontos de cultura e pontos de memória rompe o isolamento e criam novos espaços de atuação e de compartilhamento. Ou seja, ampliam o território e a comunidade.

Então, eu acho que o fato de o museu criar instrumentos de comunicação com outras realidades eu acho que isso é um ponto favorável. (Ísis – Diretora – 24-09-2019, Pos. 27).

Eu acho que se a gente não conhecesse tantas pessoas, não tivesse esse trabalho, né, de militância da memória dos moradores de favela reconhecido, porque a gente recebeu apoio de vários outros museus e isso de receber emenda parlamentar também é uma forma de reconhecimento do trabalho que o museu faz. (Atena – Voluntária – 10-07-2019, Pos. 72).

Mas, esse conceito de território ele vai mudando, né, porque se a gente tem uma visão muito restrita do território como só o espaço físico onde a gente está, com a rede dos pontos a gente consegue ampliar isso também como um território também cultural, de iniciativas que têm coisas em comum – e às vezes não. Mas, que podem trocar. Então, a gente acaba tendo uma, digamos, uma penetração maior. Então, eu acho que o território deixa de ser apenas um espaço físico, um lugar físico que a gente ocupa. E passa a ser algo mais amplo de troca de experiências entre essas iniciativas. Eu acho isso, no caso da rede, eu acho isso legal. (Ísis - Diretora - 21-11-2019, Pos. 120).

Desse modo, a equipe trabalha o território por dentro, defendendo uma identidade, que é a de pertencer à Maré, uma das maiores favelas da cidade, ou seja, de pertencer a uma população de impacto na conformação do Rio de Janeiro. E trabalha o território por fora, identificando semelhanças históricas, construindo parcerias e sendo respaldada por diversos setores da sociedade e isso gera efeito interno num ciclo virtuoso de fortalecimento.

Embora os exemplos mais paradigmáticos sejam propostas emanadas do poder público tanto no Brasil quanto no México, a literatura revisada destaca que os museus afiliados às correntes críticas da museologia lutam pela autodeterminação e por tornar esses programas mais participativos ocupando espaços nas estruturas de governança das políticas públicas e trabalhando em rede. (Oliveira, 2015; Pereira, 2018; Santos, 2017). Nesse sentido, uma característica que se destaca na definição dos museus é a gestão de base que cria um sentido de comunidade

e é por essa comunidade gerida. Os museus em consideração são projetos endógenos às comunidades, concebidos e viabilizados a partir de confluências políticas dialógicas e administrados de forma democrática e compartilhada (Doerfel *et al.*, 2017).

A equipe do museu trabalha a partir de diversos arranjos de empregabilidade e há divisão do trabalho de acordo com funções mais ou menos estabelecidas. Entretanto, é comum perceber no dia a dia que todos em um momento ou outro desempenham mais que suas funções iniciais extrapolando suas áreas de atuação. A jovem Atena, que é parente de Ísis, tem formação em restauração e conservação, mas voluntariou-se para organizar a sala que será a biblioteca de pesquisa. Para isso, teve que limpá-la e fazer pequenos consertos nos móveis, além de higienizar os livros, classificá-los – segundo critérios estabelecidos em reunião de equipe – e armazená-los. Não trabalhou sozinha: a monitora e os bolsistas de iniciação científica, assim como quem estivesse disposto a ajudar naquele momento, também auxiliaram.

Métis e Tália são trabalhadoras assalariadas contratadas pelo Ceasm, mas ambas possuem razões políticas bastante fortes, como suas ligações com a narrativa fundacional no museu, para se identificarem com o projeto museológico. O arranjo via carteira de trabalho garante as duas, por exemplo, direitos sociais como aposentadoria e indenizações no caso de desemprego enquanto essas garantias podem ser mais instáveis no caso dos trabalhadores autônomos. Tália cuida da limpeza e conservação enquanto Métis cuida da lojinha, da recepção e secretaria Ísis. Na entrevista e mesmo no cotidiano observado, Tália levanta importantes questionamentos sobre a divisão das tarefas, porque ainda que contratada para o fim específico de cuidar da limpeza costuma também desempenhar um pouco de cada função do museu inclusive a mediação, mas continua executando sozinha tarefas como a limpeza dos banheiros. Mesmo que aprecie a aprendizagem advinda do desempenho de outras funções no museu e de estar aprendendo a utilizar o computador, reclama de cuidar sozinha de tarefas socialmente desagradáveis.

Durante as observações, foi possível ouvi-la reclamando enquanto executava suas demandantes atividades diárias. Por exemplo, ela é a primeira e uma das últimas pessoas a deixarem o museu todos os dias. Mesmo nos finais de semana, quando os demais integrantes da equipe podem revezar o cumprimento do horário e tirar o dia de folga, Tália e Métis cumprem horários religiosamente. O banheiro interno costuma ficar limpo por dias, porque sabendo das reclamações de Tália, cada usuário cuida de mantê-lo limpo após o uso. A grande questão é os banheiros externos, mais utilizados pelos visitantes, para os quais a equipe ainda não planejou uma campanha de educação para o uso dos ambientes comuns.

Chegou um gringo. Eu tive que levar ele ao museu. Eu não sei falar outra língua, né. Eu vim aqui no armário da Íris, peguei o caderno, mandei ele assinar o caderninho. Ele foi lendo e vendo a história. Quero dizer, eu faço um pouco de tudo. Eu não tenho estudo, eu não tenho nível

superior. Mas, eu faço de tudo. Eu sempre falo, só falta... tenho que aprender a mexer no computador, porque o resto eu faço tudo. Dou palpite, quando eu não gosto das coisas eu falo com meus coordenadores. Falo a verdade, porque eu sou língua solta. É o meu jeito. (Tália - Zeladoria - 10-07-2019, Pos. 83).

Eu sempre falo uma coisa: eu atendo o telefone, eu atendo quem vem de fora, mas ninguém vai limpar o museu para mim, se eu não estiver. Entendeu? Eu faço o serviço de algumas pessoas, e outros não fazem o meu. E assim a gente vai levando. (Tália - Zeladoria - 10-07-2019, Pos. 94-95).

De modo geral, os bolsistas de iniciação científica parecem os mais tocados pelo sentimento de injustiça nessas divisões. Além de manterem o banheiro limpo após o uso, também costumam realizar pequenas tarefas normalmente desempenhadas apenas por Tália, como lavar as louças de seus lanches e zelar para que as regras de conservação dos espaços sejam cumpridas, como reclamar se algum desprevenido adentra espaços como arquivos carregando lanches ou garrafinhas de água.

Foi comentado que uma forma de compreender a diferença entre o museu tradicional e os museus das correntes críticas consiste em substituir o tripé edifício-coleção-público pelo tripé território-patrimônio-população (Varine, 2014). Mas, a equipe em vários momentos nas entrevistas identifica elementos que ora aproximam, ora distanciam o museu do tripé do museu comunitário ou ecomuseu presente na literatura. Por exemplo, o museu tem um acervo de objetos como museus tradicionais. Mas, esse fato não o torna menos comprometido com processos de musealização transformadores, porque os objetos circulam através de um marcador que é a memória social dos setores habitacionais autourbanizados. Ou seja, a coleção integra uma narrativa em diálogo com legados desautorizados na história da urbanização e da habitação na cidade do Rio de Janeiro (Gonçalves, 2007; Gondim, 2005; Motta, 2019; Valladares, 2000; Vargas, 2006).

Maia no trecho a seguir comenta sua mediação da exposição permanente e as reações que recebe dos visitantes.

[V]ocês vão conhecer o Museu da Maré que conta a história dos avós de vocês. Vocês não vão encontrar a coroa aqui dentro desse museu. Você vão encontrar objetos que pertenceram às bisavós de vocês, ou aos avós, os pais de vocês. E essas crianças saem daqui e vão conversar com os pais, vão conversar com os avós. E chegavam, até o ano passado, chegavam: “Tia Maia, eu conversei com minha vó, minha vó disse que carregou água naquele objeto que tem lá: o rola-rola”. (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 81).

Em sua mediação destaca que o acervo não é composto por objetos de alto valor econômico, como as joias reais que integram as coleções de museus históricos, mas proporcionam o reconhecimento da própria história não representada em outros meios até pouco tempo atrás.

Aquela história de autourbanização não é mais a história dos atuais jovens da favela, mas suas origens não podem ser esquecidas e as peças criam essa conexão. Então, mesmo que o museu tenha um acervo de objetos, esses objetos são ressignificados e passam a integrar uma contra-narrativa de questionamento das políticas públicas de urbanização e habitação.

A relação com a população local é outro aspecto corroborando a afiliação do museu à Nova Museologia e à Museologia Social. Além de ser um projeto criado por moradores da Maré, moradores são os visitantes mais assíduos e o público-alvo de todos os projetos. O espaço é compartilhado com outras atividades comunitárias como o grupo de capoeira e o grupo de teatro. A equipe também desenvolve projetos de educação científica para jovens moradores e atende turmas das escolas públicas do complexo através das visitas mediadas. Há também uma parceria com centros de educação infantil. Através do projeto de leitura e contação de história, professores parceiros levam suas turmas periodicamente ao museu.

O projeto de iniciação científica feito em parceria com uma professora de uma universidade pública remunera jovens estudantes do ensino médio moradores da Maré e os capacita para uma futura vida acadêmica. Os estudantes trabalham na produção de eventos e atualizam conteúdos nas mídias sociais do museu. Eles também participam da formatação das programações mensais e da execução das tarefas de cada evento. Esse trabalho é feito com o acompanhamento de monitoria qualificada. Em 2019, a monitora dos estudantes de iniciação científica era uma doutoranda em educação e também moradora de um dos setores habitacionais que formam a Maré. No último período, os estudantes desenvolvem pesquisa individual e a apresentam em evento público, no formato de banca examinadora. Nesse evento já estão presentes os novos bolsistas, que a cada ano e meio reiniciam o ciclo.

A apresentação é o ritual que encerra a vigência da bolsa de uma turma e dá oficialmente as boas-vindas à turma sucessora. Após o encerramento oficial, os relatórios de acompanhamento dos bolsistas são preenchidos pelos orientadores e encaminhados à FAPERJ – órgão que no estado acompanha e regulamenta todas as atividades de pesquisas acadêmicas mesmo as de iniciação científica. Essa parceria é talvez a mais interessante em curso, visto que estudantes locais são preparados para o ensino superior trabalhando principalmente as habilidades que facilitam o desenvolvimento de uma rotina de estudos, ou seja, aprendem a aprender, a estudar. Isso é bastante considerável especialmente em casos onde são os primeiros de suas famílias a ingressarem no ensino superior. Essa experiência primordial tanto possibilita a formação de uma rede local de pares, advindos da mesma origem quanto dá acesso a acadêmicos que podem funcionar como mentores durante os primeiros anos acadêmicos.

Dionísio, ex-bolsista de iniciação científica, foi posteriormente contratado para trabalhar em projeto do setor educativo. Antes de se tornar bolsista frequentava o grupo de teatro. Ou seja, é o exemplo de jovem para quem o Ceasm e o museu exerceram influência.

Mas, o museu me abriu os olhos para várias coisas, né. Primeiro, porque aqui é um lugar de encontro, né, é um lugar de afeto. E, para além disso, o pertencimento ao espaço – que eu não tinha –, a questão de se reconhecer como favelado, de dar uma outra interpretação para esta palavra “favela”, que é uma palavra muito estigmatizada. Então, a ressignificação da palavra “favela” é que favela é resistência, a favela é potência, porque quem constrói a favela somos nós moradores. (Dionísio – Setor Educativo – 11-10-2019, Pos, 34-35).

Dionísio pretende se dedicar à carreira acadêmica. Além de frequentar a universidade estuda línguas estrangeiras. Em breve, haverá nas universidades docentes originários das favelas e com vínculos nos projetos de base comunitária. Esses futuros professores poderão impactar as agendas das pesquisas e contribuir para a formação de profissionais cada vez mais interessados nas questões de urbanização e habitação, de modo que a universidade futura poderá estar muito mais comprometida com a resolução dos problemas da sociedade brasileira.

Portanto, a gestão democrática e a participação da população se dão em diversas instâncias ainda que haja moradores que circunscrevam esse envolvimento a visitar as exposições de maneira pontual. O projeto tem um compromisso profundo com a melhoria das condições de vida e de representação dos moradores da Maré e trabalha para isso em diversas frentes em constante expansão. Ter o museu inspirado a criação do PPM e ser um projeto conhecido e aplaudido pela comunidade museológica internacional são fatos que falam por si só no sentido de reconhecê-lo como representante da Nova Museologia e da Museologia Social.

Para resumir, ser um projeto tornado real com o apoio do PCV em 2004, ser um ponto de cultura e um ponto de memória não diz tudo sobre o museu. Isso não significa recusar as novas terminologias advindas de uma onda favorável para projetos culturais comunitários iniciada por volta dessa mesma época. Significa que o projeto tem uma variedade de financiadores e deve respeitar regras de efeito similar provenientes dos que contribuem para sua continuidade. Além disso, utilizar o próprio nome mostra o compromisso com sua comunidade e é um reflexo da sua autonomia. Portanto, esses termos no contexto brasileiro passaram a integrar o vocabulário associados às correntes críticas da museologia, mas a equipe acredita que manter o próprio nome é mais coerente com compromissos de fortalecer os vínculos com os moradores da Maré.

Outro elemento importante para compreendê-lo como um museu contra-hegemônico é não perder de vista que os museus afiliados às correntes críticas, como sugere Brulon (2015), são projetos contextuais, são museus das suas possibilidades. Por isso, mesmo não sendo um ecomuseu exibe um forte compromisso com o território. É um museu que funciona num edifício



como os museus tradicionais, mas sua narrativa se contrapõe aos discursos oficiais sobre a alteridade da favela. É um museu que tem um acervo de objetos, mas formado através de inventários participativos. Com o advento das redes de museologia e de outras parcerias, território deixa de ser uma circunscrição geográfica e passa a ser um ambiente extraterritorial habitado por pessoas que compartilham histórias similares e exibem compromissos políticos da mesma ordem. Então, a equipe encontra terreno para desenvolver potencialidades elusivas ao território a partir das redes – e as tecnologias digitais contribuem grandemente para tornar esses arranjos cada vez mais possíveis.

Uma terceira característica observada foram arranjos mais horizontais de trabalho. Isso não quer dizer que os cargos hierárquicos não são respeitados. Observou-se que todos os integrantes da equipe, num momento ou outro, desempenham funções que não são oficialmente as suas. Até limpeza e a conservação são atividades em alguma medida compartilhadas, mesmo sendo as críticas de Tália bastante compreensíveis. Uma das características que mais se sobressai na compreensão do projeto é sua ligação com os moradores da Maré evidente no uso dos espaços. Diversos projetos da própria comunidade, alguns mais permanentes outros mais temporários, utilizam os espaços do museu criando um conjunto de atividades paralelas à visita ao circuito expositivo. Um dos projetos mais importantes no sentido de fortalecer os vínculos com os moradores é a iniciação científica que possibilita ao grupo de bolsistas desenvolver habilidades de pesquisa e participar da criação das programações.

### **1.5.2 O Museu das Remoções segundo Nice**

O museu surgiu da iniciativa da comunidade da Vila Autódromo em parceria com uma turma de extensão do curso de arquitetura e urbanismo de uma universidade privada. Surgiu em 2016 quando a comunidade foi reassentada no pequeno conjunto de casas construído onde antes havia a favela. A comunidade enfrentou um tenso processo de remoção e a favela foi demolida para que fossem erguidas estruturas para os Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Ofendidos pela falta de diálogo e de respeito, os moradores remanescentes documentaram as investidas de remoção tanto para embasar os processos na justiça contra a prefeitura quanto para mobilizar a opinião pública. Esse material adquiriu outra simbologia passando a constituir-se em acervo e a área onde ficava a pequena favela foi musealizada em 2016 oficializando o museu que já dava sinais de que viria a existir anos antes através das atividades culturais como as ocupações que se davam no terreno sendo transformado.

Mas, como Nice costuma destacar, o museu é uma “ferramenta de luta”. Ou seja, a preocupação com a cultura e patrimonialização estão condicionadas e a serviço de uma outra causa,

que é essencialmente social. O museu surgiu como uma forma de permanecer vigilante a potenciais investidas de setores do poder público e do setor privado contra o direito de continuar lutando por melhorias na urbanização da vila. Nesse sentido, o museu está em diálogo com as novas possibilidades de engajamento social a partir da pauta da cultura. Pode também ser visto como parte da “cultura de resiliência” apontada por Gonçalves (2017). Embora estratégias de pequenas comunidades não seja seu enfoque, o autor comenta que a resiliência é a capacidade das comunidades se recuperarem de rupturas. O museu constitui-se como um recurso de reavaliação do passado que permite continuamente identificar e classificar situações normais e de crise.

Ele tem ajudado a comunidade a se reposicionar após o processo de remoção tanto documentando e reelaborando os eventos passados quanto articulando-se com outros atores sociais comprometidos com a questão da urbanização e dos direitos habitacionais como comunidades que enfrentam processos similares em outros estados e até fora do país. A diretora comenta que a história da Vila e da luta da sua família já lhe rendeu contatos com ativistas e pesquisadores das dinâmicas urbanas pelo Brasil e mesmo no exterior, tendo ela já visitado países como a Colômbia e os Estados Unidos.

[E]le já tem assim uma visibilidade boa lá fora. Ele já esteve em Portugal, ele já esteve na... França... Nova Iorque. Teve outro lugar em que a Urânia foi, que agora eu esqueci lá fora também. Já esteve também na Colômbia. Então, o museu está sendo conhecido, ele está se conectando para fora. (Nice - Diretora - 28-10-2019, Pos. 68-69).

A gente está fazendo, por exemplo, a gente já esteve em algumas comunidades. Quando teve o evento de favelas, por exemplo, eu participei. Eu fui em Salvador. Visitei outras comunidades, a gente fala da luta. Agora há pouco tempo eu estive em São Paulo. Eles fizeram um projeto igual aqui do plano popular. É uma comunidade... que está lutando para permanecer no espaço em que ela já está. (Nice - Diretora - 31-07-2019, Pos. 74).

No Brasil, a equipe tem estabelecido contato com outras comunidades enfrentando processos similares. As remoções são práticas comuns nas políticas de urbanização e bastante praticadas em outras capitais, por isso, a periferização da pobreza é um fenômeno tão visível nas cidades brasileiras. Os moradores da Vila Autódromo, juntamente com os apoiadores, ao apresentarem um plano popular de urbanização se opôs a essa tendência para impedir sua perpetuação. As remoções para assentamentos públicos não costumam romper com os padrões de acesso assimétrico à cidade criando novas áreas desurbanizadas e mais distantes dos locais onde a população periferizada trabalha.

As atividades do museu são promovidas principalmente através de parcerias entre moradores e apoiadores. Como no caso da experiência com os museus no México, onde a unificação

numa rede nacional em 1994 e posteriormente latino-americana foram passos na autodeterminação dos museus, as redes têm tido papel fundamental para a organização e atuação dos movimentos sociais contemporâneos. A Primavera Árabe e o Occupy Wall Street foram exemplos dessa importância (Oikonomakis & Roos, 2016). Muito das estratégias desenvolvidas pela comunidade na luta pela permanência foram criadas em consonância com essa nova realidade tendo havido ocupações (“Occupy”) na favela enquanto duraram despejos e demolições arbitrárias. O museu foi herdeiro dessa herança política e continuou sendo organizado através das mesmas estratégias. Portanto, suas atividades são geralmente orquestradas através das redes de parceiros ocorrendo no território musealizado, em universidades, nos encontros dos movimentos sociais e em outros museus.

O Museu da Maré é um dos interlocutores do projeto e Nice o destaca como exemplo na luta contra a invisibilidade social das favelas. Do mesmo modo, por diversas ocasiões Ísis aparecia no Museu da Maré vestindo a camiseta do Museu das Remoções. O Museu das Remoções, e os museus de favela como um todo, evidenciam o lado negligenciado nas políticas de urbanização destacando seus efeitos sobre as políticas habitacionais públicas mostrando que o habitante das favelas no Rio, como em outras regiões do globo, está disposto ao diálogo com outros setores da sociedade desde que seja respeitado e possa enunciar seus pontos de vista. Sem se ater a uma possível classificação dessas parcerias segundo o grau de envolvimento nos projetos, Nice comenta que a presença de representantes de outros museus nos eventos organizados pelo Museu das Remoções, os encontros entre equipes em eventos fora dos museus como seminários em universidades, ou a participação em fóruns próprios como os organizados pelas redes enriquecem as experiências por proporcionar intercâmbios e sinergias e o desenvolvimento de campanhas comuns (Loitz *et al.*, 2017). Além de elos com outros museus de favela, a diretora cita parceiros como os museus federais e museus que são também OSCs como o Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR).

A gente visita outros museus e outros museus visitam a gente. E essas trocas vão passando, experiências que a gente vai aprendendo. É uma troca de verdade, né. Cada encontro em que a gente vai num museu, outro museu vem aqui, outras pessoas vêm aqui, é essa troca que a gente vai fazendo e aumenta o afeto, vêm novas pessoas. (Nice - Diretora - 04-11-2019, Pos. 47).

Aqui a gente acaba se interligando, né. Como o Museu da República... ele continua dando apoio, apoiando a gente aqui, sendo parceiro da gente. Tem também o MAR, que é também parceiro da gente, a Diretora ..., que é outra apoiadora do museu. Nós temos também o Museu Nacional que pegou um acervo do Museu das Remoções. É também um outro parceiro. O Museu da Maré, que a gente está sempre – quando tem

uma atividade – a gente está junto e tal. (Nice - Diretora - 31-07-2019, Pos. 60).

Portanto, as parcerias são um ponto forte da atuação do museu e remontam o período anterior a ele, os vários anos nos quais os residentes da pequena favela decididos a permanecerem onde a comunidade surgiu mobilizaram-se em diversas frentes para apresentar alternativas ao plano oficial da prefeitura. O caso da favela repercutiu na imprensa internacional e muitos pesquisadores brasileiros e estrangeiros de diversas áreas passaram a apoiar sua causa. Nice comenta que em torno do museu e da sua razão de ser – que é a luta contra a remoção e o questionamento das práticas de urbanização e a reivindicação pela conclusão do projeto da Vila – reúnem-se moradores e apoiadores.

Nesse sentido, as atividades orquestradas pela comunidade, e por setores da sociedade que lhe são simpáticos, buscam uma vivência mais significativa com a democracia ajustando-a às necessidades identificadas na comunidade, e não o contrário. O plano de habitação popular foi sintomático disso. As mobilizações continuaram e a última conhecida envolveu dar mais visibilidade ao conjunto residencial, uma vez que isolado entre uma rodovia e uma lagoa numa área cujas distâncias não são para serem feitas a pé, e distantes de quaisquer outros conjuntos habitacionais populares, o pequeno bloco de casas perde-se entre vegetação e a infraestrutura drasticamente refeita pelas obras de requalificação urbana. Por isso, reivindicavam a mudança do nome da estação de Ônibus de Transporte Rápido (BRT) próxima – feito finalmente alcançado em 2020. A comunidade entende que o anonimato e o isolamento geográfico são fatores de risco e sabedores de que em outros momentos de sua história promessas de não remoção ainda que endossadas pela força da lei foram descumpridas, desfeitas a canetadas dos prefeitos, cumpram a tarefa de se manterem mobilizados e visíveis.

Como o roteiro estava voltado para a elucidação das perguntas de pesquisa, Nice em diversas passagens comenta a falta de estrutura esperada para um projeto que está iniciando, como o museu, que existe há apenas quatro anos. Por exemplo, ela destaca que a internet utilizada para as atividades é de seu próprio pacote de dados familiar. Do mesmo modo, os apoiadores que participam da gestão do museu desenvolvem suas atividades utilizando seus próprios recursos e em lugares fora do museu, porque ainda não há uma sede que concentre suas atividades administrativas. Por isso, de certo modo, o museu partiu de um modelo de sustentabilidade no qual os recursos financeiros não são os mais importantes. Entretanto, à medida que novas demandas surgem, vê-se que, por exemplo, ter um espaço para abrigar a administração do museu parece uma prioridade. Basta lembrar que a lojinha fica na igreja e o arquivo espalhado pelas casas dos diretores. E nem igrejas escapam da ação de vândalos. Por volta do Natal de 2019,

aproveitando-se de uma obra em andamento no teto da edificação, ladrões adentraram o templo católico e levaram parte do material de construção e mesmo as portas dos banheiros.

Ainda no que tange à visitação do percurso, ela destaca uma possível diferença na forma como a visitação é compreendida. Diferentemente de outros museus de favela, como o Museu de Favela, no qual o turismo tem sido trabalhado como estratégia econômica que poderia vir a responder ao problema da sustentabilidade, no Museu das Remoções não se entende a visitação como atividade que renderia algum retorno financeiro ao projeto. Então, não há visitas que sejam principalmente para acomodar o interesse turístico. A visitação está associada à forma como estudantes potenciais pesquisadores e futuros apoiadores são iniciados nas questões envolvendo remoção na cidade do Rio de Janeiro, tendo a experiência da antiga favela como estudo de caso. E o museu funciona principalmente para organizar a luta da comunidade contra a remoção.

Desse modo, Nice esforça-se para articular a questão do roteiro que é sobre turismo para os termos mais próximos à realidade do museu, que é a visitação do percurso.

Então, as pessoas que têm interesse vão vir e eu acho que, claro, que é importante ter visitas, claro que é importante o turismo. Mas, só vem fazer visita no museu quem realmente ouviu falar dele, né. Porque ele é um museu diferenciado. Ele não é um museu que tem uma sede. Ele é um museu de território onde as pessoas vêm. Não tem muito material palpável, digamos assim. O nosso material é muito verbal, é mais falas, é mais fotografias, é vídeos. Então, o museu não tem essas coisas. Então, quem vem no museu é quem tem realmente interesse em remoção, tem interesse em museu social. (Nice - Diretora - 28-10-2019, Pos. 43).

Quando Nice fala em visitação tem como referencial o tripé que caracteriza o museu tradicional formado por edifício-coleção-público. A visitação retomaria a questão do público, ou seja, pessoas que simplesmente visitam o museu por interesse contemplativo ou cultural, mas que não estão comprometidos com o fazer museal, nem com a agenda dos movimentos contrário à remoção, tampouco são moradoras do território musealizado. Está dizendo que visitação nesses moldes acontece, mas não é comum e corresponderia a um entendimento de museu circunscrito ao percurso musealizado. Isso não quer dizer que um museu de território não possa ser visitado como um museu tradicional é visitado. Visitação como nos museus tradicionais acontece em todos os três museus, mas não é importante para definir a natureza do museu nem para compreender como desenvolvem os processos museais, porque museu não se resume ao percurso, a uma exposição ou a um evento.

Por essa ocasião, ao abordar a questão da visitação, Nice também aborda os outros dois importantes elementos frequentemente utilizados para explicar a diferença entre o museu e um museu tradicional, que são território e patrimônio. Quando explicou uma das formas pelas quais o museu dialoga com a Nova Museologia e com a Museologia Social, Nice o definiu como “museu

de território” e “museu social”. Em outros momentos, define-o como um ecomuseu. Então, parte do acervo são paisagens culturais formadas pelos escombros das demolições, pelos vestígios materiais dos antigos moradores, como suas plantas e seus quintais. Tais características explicam a interligação entre território e patrimonialização nos museus afiliados às correntes críticas. Mas, isso não significa que o ecomuseu ou o museu de território não tenha um acervo tangível. Outra parte do acervo é o material produzido para documentar resistência e as práticas invasivas de remover os antigos moradores e gradualmente tomar o território através do avanço das demolições.

Como a visita não é sempre possível o mundo digital e online é acionado para que alcance eventuais interessados ainda que distantes geograficamente. Por isso, os moradores ao longo dos anos buscaram na produção audiovisual evidenciar e registrar o impacto das obras na comunidade e a continuidade da vida pós-rupturas. Ainda em janeiro de 2020, um evento apresentou uma série de documentários produzidos por estudantes de arquitetura enfocando a (falta de) integração com os condomínios mais próximos. Um desses curtas acompanhou Dona Hesíquia, moradora da Vila e catadora de material reciclável. O vídeo enfocava seu trajeto não feito para pedestre, cortado por avenidas de alta velocidade, por amplas distâncias feitas para serem cumpridas de automóvel, as grades e sistemas de vigilância acessíveis apenas aos moradores das torres residenciais que, não fosse sua presença constante e já familiar nesses ambientes, tornariam sua subsistência a partir desses locais de coleta bem mais marcada por esperas e inspeções (Hara & Pochapski, 2021).

Diz que o museu tem servido como um laboratório no qual moradores e apoiadores buscam desenvolver pesquisas e produzir materiais que articulam seus objetivos mantendo a comunidade sintonizada com possíveis ofensivas contra os direitos adquiridos e buscando novas conquistas de urbanização do conjunto de casas, como as promessas que permanecem no papel. O museu compromete-se a salvaguardar as reminiscências, o legado dos moradores da antiga favela, com ênfase nos vestígios materiais e semióticos do processo de remoção.

Então, eu acho que é um pouco isso. Eu vejo com esse olhar. E o museu ele ajuda a gente. Porque o museu está guardando a memória de todo morador que foi embora. (Nice - Diretora - 28-10-2019, Pos. 51).

Porque é um entendimento do museu e eu como favelada e que passei por um processo de remoção, ninguém tem de ser removido, ninguém é lixo. A moradia é sagrada. Ela tem de ser respeitada. E a gente tem que ter voz. Esse museu é isso. É dar voz, porque ele está nessa construção para ter voz. (Nice - Diretora - 31-07-2019, Pos. 27).

A grande maioria dos moradores da antiga favela foi removida em 2014 após anos de batalha pela permanência. Apenas algumas famílias resistiram às investidas de remoção, que num amplo arsenal não deixaram de abranger o uso da força. A partir do percurso é possível mesmo

para leigos verificar a operacionalização conduzida pelos funcionários da prefeitura contra a permanência da comunidade. Em outras passagens nas suas sessões de entrevista, Nice explica que, passada a ameaça da remoção, e estando os moradores mais aguerridos habitando suas novas casas, a musealização da área modificou o sentido existencial de habitar porque àquele território acrescentou-se valores de ordem simbólica – uma história de luta e de reconhecimento (Desvallées & Mairesse, 2013).

Quanto à formalização, Nice comenta que o museu ainda não é uma pessoa jurídica e destaca que criar um novo ente envolve lidar com burocracias desnecessárias. Entretanto, também lembra que o formato atual é capaz de funcionar para o cumprimento do principal objetivo, que é a atenção constante contra as políticas de remoção.

Agora, sim, para edital nós temos um problema que é nós não temos ainda CNPJ. Então, fica difícil para a gente se lançar. A gente faz editais que não pedem isso. Nós já nos inscrevemos em alguns pequenos editais, mas, assim, ainda não fomos contemplados porque também nós não temos CNPJ. É mais complicadinho. (Nice - Diretora - 28-10-2019, Pos. 13).

[C]omo nós não trabalhamos com dinheiro e as parcerias são geralmente verbais e são diferenciadas (também), porque nós trabalhamos no sentido de coletivo e no sentido, assim, são trocas na verdade que nós fazemos. O apoiador ele vem e começa um trabalho voluntário. Ninguém tem dinheiro, ninguém recebe nada. (Nice - Diretora - 28-10-2019, Pos. 8).

Os arranjos informais funcionam bem para a equipe não exigindo dedicação exclusiva dos parceiros que trabalham de forma coletiva e sinérgica. O trabalho é voluntário, mas em contrapartida os envolvidos externos à comunidade têm a oportunidade de desenvolver uma agenda de pesquisa comprometida com dilemas centrais ao desenvolvimento brasileiro como a questão fundiária e o impacto dos grandes projetos infraestruturais. Então, como no caso do Museu da Maré, suas atividades lembram que os arranjos dos museus de favela são contextuais e se adequam às condições existentes. Mas ao falar sobre formalização, ela o faz com o entusiasmo de que é algo que a equipe enxerga com bons olhos, como algo necessário e até mesmo inevitável.

Nice assegura que apesar da indiferença social para a questão das favelas, as dinâmicas urbanas só podem ser compreendidas se o binômio cidade (formal) e favela (cidade informal) estiver correlacionado. Em termos sociais, todos estão implicados na configuração da cidade atual. Passados os anos de luta visceral contra a remoção, que acabou se concretizando para a maioria dos habitantes da antiga favela, entende que cabe ao museu salvaguardar essa memória. Cumprir esse objetivo é para Nice uma força motriz.

Então, para resumir, as parcerias e o trabalho em rede contribuem para compreender sua ligação com a Nova Museologia e Museologia Social. Já existiam antes, nos anos em que a

comunidade da Vila Autódromo lutava pela permanência, e continuaram existindo até darem origem ao museu mantendo-se, obviamente que com esperados revezamentos, desde 2016. Envolvem os apoiadores, que são a equipe do museu não moradora da Vila, museus públicos, museus de favela, universidades, movimentos sociais e comunidades passando ou que passaram por remoções tanto no contexto internacional quanto no país. Parte da área onde existia a antiga favela foi musealizada constituindo um museu de território ou um ecomuseu. Mas, no decorrer do processo os moradores foram criando um banco de registros audiovisuais que tornou-se seu acervo material. Como Nice costuma dizer, o museu é uma “ferramenta de luta”. Então, a patrimonialização e todas as dinâmicas culturais só fazem sentido se atuarem como estratégia para a comunidade manter-se atenta contra a perda de direitos adquiridos e lutando pela conquista de direitos que por enquanto existem só no papel. Por isso Nice também o chama de museu social. Diferentemente do Museu da Maré, praticamente todos os moradores da Vila participam da gestão do museu e habitam o território musealizado não fazendo sentido que venham visitá-lo. O turismo não é um potencial explorado através do museu. Então visitaçãõ é geralmente feita por interessados em desenvolver pesquisa sobre dinâmicas urbanas. É uma iniciação na questão das remoções como políticas de governo para as cidades.

### **1.5.3 O Museu de Favela na fala do núcleo de turismo**

A análise de conteúdo da palavra “museu” em contexto retornou uma tabela com 36 referências. Como nos casos anteriores, essas menções foram analisadas manualmente e as mais relevantes para caracterizar o museu foram comentadas tendo por base também as observações de campo. Em 2019, a diretora do núcleo de turismo era Erato. O Museu de Favela surgiu em 2008 período em que o complexo recebia obras de infraestrutura e mobilidade do PAC-Favelas. O Pronasci do ministério da justiça já estava trabalhando com o Ibram numa parceria para implantar projetos de memória social em 12 comunidades de capitais brasileiras onde houvesse obras do PAC-Favelas. E no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho um grupo de moradores já havia estabelecido contato com o escritório do legado social do PAC chamado PAC-Social. Desse contexto, surgiu o museu. Erato não faz parte do grupo de moradores fundadores; na verdade, ela é moradora de um dos bairros nobres próximos com trânsito na favela, ambiente com o qual convive há algum tempo. Foi convidada para integrar a equipe do museu no período após a paralisação das obras do PAC-Favelas e após os Jogos Olímpicos de 2016.

Para Erato, o turismo tem importância na sustentabilidade do museu e poderia garantir-lhe maior autonomia sobre os projetos, porque o Rio de Janeiro é um dos roteiros turísticos mais conhecidos da América Latina (Ibram, 2014c). Segundo O’Donnell (2011), os bairros balneários



cariocas atraem turistas nacionais e internacionais pelo menos desde a década de 1940. Além disso, as praias têm considerável importância para os moradores do complexo como alternativa de lazer e como expressão das suas escolhas de vida, mas principalmente como local de trabalho, onde costumam executar o trabalho ambulante. Com a diversificação das programações turísticas, a proximidade entre complexo e praias incentivaria turistas que hospedados nos bairros praianos ou mesmo no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho poderiam se dedicar a explorar espaços poucos conhecidos da cidade, tais como vivenciar o cotidiano das favelas e relacionar a história local com outros eventos significativos de suas experiências de viagem (Stock & Lucas, 2012; Freire-Medeiros, 2006).

Embora o setor público seja o principal financiador das OSCs, esse financiamento não garante sustentabilidade. Os prêmios são distribuídos pontualmente e os editais não têm tido regularidade. A equipe tem consciência das limitações impostas sobre editais, pois é um dos pontos de memória pioneiros e um ponto de memória premiado no edital do PPM de 2014 e da Remus-RJ de 2016, então tem acompanhado a suspensão da premiação nos últimos anos. Ainda assim, a captação através de editais constitui-se na principal fonte de recursos do museu havendo um núcleo dedicado a organizar essa participação. Durante as observações, os gestores mostraram o calendário de chamadas em monitoramento, a divisão das tarefas para a inscrição nos editais, as planilhas de cálculos dos custos etc. Havia um grande número de chamadas que não são do setor público para as quais a equipe planejava encaminhar candidaturas. Mas, Erato não poderia deixar de atribuir centralidade econômica ao seu núcleo. Ao não mencionar as chamadas, sinaliza a busca pela diversificação das estratégias de captação. Desse modo, a equipe não confia ou aposta todas suas fichas em uma única frente.

A diretora, que é guia de turismo, define o Museu de Favela como um museu de território e ressalta que parte dos visitantes são moradores dos bairros caros das redondezas que apesar da proximidade geográfica nunca ou pouco se aventuraram a visitar as comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.

Quando você entra no *site* do Museu de Favela, você entende o que é o turismo de favela e eles vêm motivados pela curiosidade de ser um museu territorial. Eles querem saber o que que é, na íntegra, o que é um museu territorial. Eles têm essa curiosidade. Temos também alguns turistas do próprio bairro ao redor [...]. "Poxa, eu moro na Zona Sul há anos", eu escuto muito isso: "eu nunca subi essa favela. Eu a vejo da minha janela e eu nunca entrei aqui". (Erato Diretora - 10-01-2019, Pos. 32).

Experiências de visitação nas favelas costumam vir acompanhadas de justificativas como morar tão próximo e ter passado a vida toda sem ter se disposto a subir o morro ou reconhecer a convivência com os moradores das favelas em outros contextos enquanto empregadores ou

colegas de trabalho, mas nunca terem visitado suas casas. Outro grupo de visitantes são moradores de outras favelas e turistas brasileiros de outros estados que buscam conhecer melhor a história carioca a partir de experiências negligenciadas na historiografia. Durante uma visita técnica – uma das modalidades de visita – foi possível acompanhar uma estudante de graduação, moradora do Complexo do Alemão, conduzindo pesquisa sobre o empreendedorismo de favelas. Na entrevista, Erato associa o Museu de Favela a outros museus de favelas ou ecomuseus evidenciando que o entende pertencendo a um conjunto específico de OSCs, sendo ora definido como museu de território, ora como museu de favela (Brulon, 2015). Contrapõe-se a propostas de turismo que apresentam leituras desumanizadas da urbanidade das favelas (Cejas, 2006; Freire-Medeiros, 2009). Esse aspecto é ilustrativo das razões pelas quais foi escolhida como gestora do núcleo de turismo, embora não seja moradora das comunidades.

Mantendo diálogo com residentes dos bairros próximos, cada gestão convida para integrar a diretoria um morador de fora das favelas. Erato diz que no seu caso isso foi motivado, porque há pelo menos uma década participa da vida do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, frequentando a capoeira e buscando bens e serviços competitivos na favela.

Entrei [...]. Fui ficando, ficando, ficando. Quando eu vi já estava há 10, 15 anos lá dentro. E fui convidada para o Museu de Favela. Por quê? Porque eles viram que eu já tinha uma outra mentalidade..., uma outra convivência, uma outra maturidade com relação à comunidade. Que apesar de eu ser daqui de baixo eu já tenho uma outra cabeça, já funciono de uma outra forma, já livre desse tipo de preconceito social. (Erato Diretora - 10-01-2019, Pos. 100).

As características da gestão são também explicadas na entrevista. Segundo Erato há escolha de direção a cada dois anos. Como comentado a partir do exame da literatura e das entrevistas, práticas democráticas de gestão são também aspectos que definem os museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social. Práticas mais democráticas diferenciam os museus de favela de museus conservadores em termos gerenciais. A cada dois anos são escolhidos novos gestores prioritariamente dentre fundadores moradores do complexo de favelas. Mas, o membro da diretoria externo às comunidades, caso de Erato, é convidado (e não eleito) a exercer seu cargo. Ou seja, a escolha é feita através do consenso consoante regras de sucessão anteriormente estabelecidas e o museu já realizou esse processo por quatro vezes.

Quando as visitas aconteceram no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, a infraestrutura de mobilidade integrando as comunidades e os bairros próximos recém-construída já mostrava sinais de abandono. Mas, os relatos do período das obras, ou seja, de 2007 a 2016, falam que havia considerável dinamismo vindo de fora para dentro do complexo. Percebe-se que romper com os padrões que constroem a alteridade da favela passa por investir em obras infraestruturais o que estimula as atividades econômicas locais e a circulação de pessoas nos dois sentidos – já

que os moradores de favela circulam por toda a cidade, mas os moradores da cidade formal não costumam circular pelas favelas. Erato entende que essa dinâmica de fora para dentro modifica o senso comum, e o turismo corrobora ou reforça esse papel de transformar o senso comum. Mas, faltando o estímulo de projetos de urbanização, Erato e a equipe são exceções à regra sem maiores condições de provocar as mudanças que entendem fundamentais como potencializar as cadeias produtivas da cultura existentes na favela (Ibram, 2014b; Cogan, 2018).

Erato menciona a existência de normativas para a condução das visitas que primam pelo respeito aos moradores principalmente das áreas dos *tours*, com os quais estão em constante diálogo e ajustamento de condutas (Moraes, 2016).

Mas, foram feitas várias reuniões com todas essas instituições e organizações do Morro para que todos soubessem que esse *tour* ia ser realizado e que nós entraríamos com pessoas dentro da comunidade para não se tornar uma coisa invasiva, né. E as pessoas não se sentirem invadidas, né. (Erato Diretora - 10-01-2019, Pos. 39).

Então, foi autorizado. Todos sabem que o Museu de Favela faz *tour*. E foram estipuladas determinadas regras para... para o convívio... saudável entre todas as entidades e entre os moradores do Morro. E isso possibilitou que o Museu de Favela continuasse até hoje fazendo seus *tours*. (Erato Diretora - 10-01-2019, Pos. 40).

Em contexto fora da entrevista, Erato criticou o uso de câmeras fotográficas superpotentes e ângulos invasivos a colocar em risco a segurança das visitas. Falou também sobre o receio de crianças serem fotografadas ou filmadas sem a autorização dos responsáveis. Ou seja, a equipe já acumulou experiências suficientes para lidar bem com situações que colocam em risco essas orientações. Segundo Erato, os protocolos de visita são comunicados antes do início dos *tours*. Normalmente os mais curiosos cedem aos primeiros apelos dos mediadores não tendo havido incidentes sérios nesse sentido.

A diretora comenta que o museu desenvolveu parcerias locais e cita o caso da venda da produção artesanal na lojinha do museu. É um arranjo que se ajusta à busca de melhores alternativas para o artesão, geralmente são artesãs, morador das favelas. De modo que o parceiro pode a qualquer momento retirar seu trabalho do museu ou supri-lo com novas peças. Esses produtos são também anunciados no *site*, ou seja, não estão circunscritos à aquisição nas visitas. Economicamente, a venda do artesanato não representa uma fonte substancial de recursos. Mas, o arranjo econômico foi elaborado considerando as características e o contexto do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho mostrando a criatividade na busca de soluções para dinamizar o artesanato como atividade econômica através da parceria com o museu. Nesse sentido, portanto, a equipe pensou o museu como dinamizador do empreendedorismo local, acionado tanto para suprir os visitantes com bens e serviços – a exemplo do que acontece nos museus

tradicionais que contam com restaurantes, lojas de *souvenirs* e editoras – quanto como razão para envolver moradores nos projetos do museu.

Nós temos uma lojinha que só tem trabalho manual dos próprios moradores e a verba, quando é vendido, vai (...) para o artesão, que deixou consignado ali. Como também ele tem a liberdade de ir lá e pegar o material dele a hora que ele quiser e vender em outro lugar: "Ah, eu vou, vou lá para praia, vou vender... meu produto que eu estou sem". Aí, ele passa lá no Museu: "Olha, eu vou pegar". Aí, ele pega, leva para a praia e vende, porque não vendeu lá em cima, ele vende em outro lugar. (Erato Diretora - 10-01-2019, Pos. 40).

A equipe trabalha em prol do desenvolvimento do empreendedorismo e da distribuição dos efeitos da atividade turística de base comunitária nas cadeias criativas locais. Erato apresentou como os *tours* mobilizam os produtores de artesanato, mas as visitas também estimulam o comércio local, como restaurantes, *hostels*, escolas de samba além de envolver outras ONGs e projetos sociais existentes no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.

Diferentemente do Museu da Maré e do Museu das Remoções, o museu pode investir nas potencialidades turísticas da região e buscar diversificar na captação de recursos. É um exemplo de como um museu de percurso, ecomuseu ou museu de território pode ser visitado por um público sem prévio envolvimento com o fazer museal ou com a sociabilidade das comunidades e que, portanto, vai entender o museu como principalmente um conjunto de paisagens culturais como entenderia o percurso de um *tour* convencional. Isso se dá porque essa característica não conflita com o que define um museu afiliado às correntes críticas. Visitação não equivale ao elemento popula o do tripé território-patrim nio-popula o. Certamente pode ser um percurso transformador e pedagógico e a equipe trabalha para que proporcione experiência memoráveis. Um museu afiliado às correntes críticas   principalmente sintonizado com as reais possibilidades e potencialidades do seu território,   gerido de forma democrática e participativa, mas tem a sua comunidade como principal beneficiada da sua atua o. O Museu de Favela incentiva que pessoas de fora das comunidades participem da vida local como fazem em outras áreas da cidade desestimulando padrões de convivência e habita o segregacionistas.

Nesse sentido, Erato tem uma missão mais difícil que gestores do turismo em administra es anteriores, porque não conta com as expectativas positivas de que os megaeventos aumentariam o fluxo turístico para o Rio de Janeiro ou de as obras do PAC-Favelas melhoraria consideravelmente a qualidade de vida os habitantes dos morros. Como o museu surgiu nesse contexto tem condi o de refletir sobre as circunstâncias históricas e a singularidade dos anos que prepararam a cidade do Rio de Janeiro para os eventos desportivos e de se ajustar e desenvolver estratégias cada vez mais sintonizadas com os objetivos de fortalecer os vínculos entre os moradores do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e de seus visitantes.

Para resumir, a entrevista e as observações permitem ensaiar definições para o Museu de Favela a partir de um ângulo bem específico que é a atividade de turismo cultural de base comunitária. De acordo com Erato, o turismo foi pensado para realizar três propósitos. Primeiramente, para estimular a economia das comunidades, trazendo fregueses para restaurantes, mercadinhos, salões de beleza, escolas de samba, etc. A parceria com os artesãos que consigam a produção na lojinha do museu também funciona com esse propósito de proporcionar uma logística de venda do artesanato local. Em segundo lugar, foi pensado para que grupos sociais como turistas, moradores dos bairros caros próximos e moradores de outras favelas cujos contatos costumam acontecer em outros locais da cidade, pudessem também se dar no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Por fim, ao fazer a roda da economia girar, distribuindo os frutos da atividade turística entre empreendedores locais, o museu estaria criando condições para sua própria sustentabilidade. As taxas dos *tours* seriam pagas para a equipe e os visitantes ao invés de se valerem de serviços proporcionados nos bairros tradicionais destinações turísticas comprariam nos estabelecimentos das comunidades.

A visitas se dão no percurso musealizado e para que aconteçam sem afetar as rotinas dos moradores, há sempre esforços no sentido de ajustar as condutas. A equipe mantém contato com outras ONGs atuando nas comunidades e com instituições públicas para monitorar as condições de visitação e desde os primeiros anos elabora protocolos para guiar o desenvolvimento da atividade turística (Moraes, 2011; Rodrigues, 2015). Erato define o museu como um museu de território e em vários momentos o associa aos demais museus de favela existentes na cidade do Rio. Como é residente de um bairro próximo, foi convidada como membro da equipe não moradora. Cada gestão escolhe alguém com bom trânsito nas comunidades para representar sua intenção de manter o diálogo com as redondezas. As eleições para escolha dos diretores são bianuais e constituem mais uma das formas pelas quais a equipe mostra sua aproximação com as correntes críticas da museologia.

## **1.6 Conclusão**

O capítulo pretendeu caracterizar e conceituar os museus de favela localizando-os dentre das correntes críticas da museologia. Cada uma das suas seções dedicou-se a desvendar particularidades que tangenciam a definição dos museus. A primeira seção analisou os quatro editais da premiação do PPM, que são de 2011, 2012, 2014 e a edição regionalizada da Remus-RJ de 2016. Os museus interlocutores formalizados, Museu da Maré através do Ceasm e Museu de Favela, receberam recursos da premiação em 2014 e 2016. Revelou que os editais mobilizam com propriedade categorias de pertencimento ao ressaltarem clivagens regionais, sociais, étnico-raciais

para os pontos de memória no território nacional, mas deixando a questão do pertencimento não problematizada no caso dos pontos internacionais. Essas características identitárias são endereçadas juntamente com exigências de ordem contabilística e jurídica pressupondo que as candidaturas mesmo pertencendo a grupos historicamente excluídos devem partir de indivíduos que já exercem adequadamente seus direitos e deveres civis cuja não efetividade é razão para existência do PPM antes de tudo. Consequentemente, processos e atividades museais comunitários ou afiliadas à Museologia Social têm também o dever de primar por qualidades administrativas como a exequibilidade e capacidade de prestar contas.

Com pequenas variações de teor ao longo das edições, os editais objetivaram disciplinar o processo de seleção e criar condições de comparabilidade. As padronizações dos formulários atuaram nesse disciplinamento. Os resultados por sua vez, como todo processo classificatório, comunicaram e afirmaram o que os comitês de seleção estabeleceram como candidaturas que representam os ideais da Nova Museologia e da Museologia Social para o PPM. Embora o processo seletivo seja criterioso e rigoroso, a premiação envolveu valores monetários com baixo impacto na sustentabilidade das iniciativas, portanto, possuíram mais valor simbólico e de reconhecimento, ainda que sua existência tenha sido grandemente comemorada pelo setor dos museus. Nesse sentido, a seção também lembrou que há outros atores atuando com as correntes críticas além do Ibram e que são em alguns casos até mesmo anteriores ao surgimento do Instituto e não raro transcendendo a institucionalidade das políticas públicas nacionais.

A segunda seção analisou dados do CNM e do Mapa das Organizações da Sociedade Civil e objetivou apresentar a forma jurídica que os museus interlocutores e as iniciativas premiadas pelo Ibram adquirem no ordenamento jurídico brasileiro. Os museus de favela foram agregados a dois grupos estatísticos: aos dados do CNM e aos dados das OSCs. Dentre numerosas tipologias, os museus de favela formalizados são associações privadas sem fins lucrativos. Como a maioria das OSCs e dos museus estão localizados no Sudeste brasileiro e como a maioria das iniciativas em Nova Museologia e Museologia Social estão na cidade do Rio de Janeiro. Como são poucas as OSCs que contam com recursos públicos para se manterem, os dois museus formalizados integram um grupo de organizações relativamente restrito, visto que costumam obter apoios públicos. Mas, como as demais OSCs que recebem recursos públicos, os aportes transferidos são pontuais, como no caso das premiações do PPM. No caso de recursos captados pela lei de incentivo, os valores obtidos geralmente não cobrem mais de metade dos totais necessário para a realização do projeto e os museus quase nunca captam por esse mecanismo.

A terceira seção visitou pesquisas recentes com concentração nas correntes críticas da museologia. Essa produção tratou do desenvolvimento de iniciativas em memória social de base comunitária. Oliveira (2015) falou sobre a primeira experiência com museus que se enquadram

dentro da Nova Museologia no contexto latino-americano. No México, essas experiências são conhecidas desde o final da década de 1970 enquanto as experiências com a Museologia Social no Brasil se fortaleceram a partir de 2006. Pereira (2018) fala sobre a implantação dos pontos de memória pioneiros em doze capitais brasileiras a partir de 2008. O projeto foi desenvolvido pela parceria entre o Pronasci, do ministério da justiça, Ibram e OEI e antecedeu os editais de premiação do PPM. Como apresentado, o projeto nos moldes dos doze pontos pioneiros que exigia mais engajamento do Ibram e muito mais recursos foi descontinuado gerando descontentamento e debates sobre o futuro das iniciativas. Pereira é uma defensora das potencialidades decoloniais do PPM no sentido de entender que o programa tinha estabelecido bases para a capilarização das políticas públicas pavimentando o caminho para a democratização das manifestações culturais não hegemônicas.

Santos (2017) mapeou juntamente com a Abremc e sua linha de pesquisa na USP os museus comunitários no país. Valeu-se de diferentes bases de dados, dentre elas do CNM, e sistematizou as nuances de sentidos que diferentes terminologias adquiriram. Por fim, Portilho (2016) acompanhou a equipe do Museu de Favela abordando sua relação o projeto de infraestruturas PAC-Favelas nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Identifica esse contexto de movimentação e engajamento com as favelas como importantes para dinamizar as comunidades. Ganhou destaque para Portilho o envolvimento da equipe com a construção de paisagens culturais e inventariação que ressaltassem elementos comuns na história das três comunidades que compartilham a mesma área geográfica um entendimento que estava em harmonia com os escritórios do PAC-Favelas.

A última seção possivelmente foi a mais esperada, porque abordou as definições dos museus a partir dos próprios gestores. Ísis, coordenadora do Museu da Maré, destacou que o museu é um ponto de cultura e um ponto de memória, mas não é só isso. É principalmente um museu de favela. Atena, voluntária do museu, acrescentou que falta a dimensão territorial para que o museu seja um ecomuseu ou um museu de território, embora dialogue com as políticas de habitação e urbanização da cidade, visto que funciona num edifício e mantém um acervo principalmente de objetos. Mas, essas são as únicas características que o aproximam de um museu tradicional. A gestão do museu é conduzida através de diversos arranjos e parcerias que envolvem desde moradores, escolas públicas, a iniciação científica universitária, outras OSCs, movimentos sociais etc.

A fala de Nice, do Museu das Remoções, também destinou grande consideração para os apoiadores que trabalham com a comunidade desde antes de o museu ser criado participando de ocupações culturais, barricadas, protestos, campanhas de sensibilização da opinião pública em prol da permanência da comunidade no local de origem e denunciando o processo de

remoção conduzido de forma autoritária pela prefeitura. Parte da área onde existia a favela demolida foi musealizada confirmando o entendimento de que se trata de um museu de território e Nice menciona esse termo e “ecomuseu” algumas vezes para defini-lo.

Erato, do Museu de Favela, destacou os significados do museu a partir do núcleo do turismo. O turismo é uma das principais atividades econômicas dos bairros onde ficam o Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e o núcleo foi pensado como estratégia que diversificaria as fontes de recursos do museu. Além de diversificar as alternativas de sustentabilidade, possibilitar a convivência entre moradores e visitantes que de outra forma dificilmente optariam por conhecer uma favela, foi pensado para estimular a economia local. Então, nesse sentido as redes com o comércio local e com os artesãos foram os aspectos observados durante os *tours* e objetivam fortalecer os vínculos de solidariedade entre os moradores. A diretora também utiliza a expressão “museu de território” para se referir ao museu. Os *tours* são conduzidos por guias credenciados que podem ser moradores da comunidade, Erato, e alguns outros integrantes da equipe. O percurso perpassa diferentes comunidades e há no decorrer pontos que são referenciais na história da comunidade. Durante o percurso, os visitantes são instruídos na história do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, incentivado a consumir no comércio local e convidado a participar das atividades existentes nas comunidades.

Os três museus em diferentes graus demonstram sua sintonia com as correntes críticas através do desenvolvimento de arranjos participativos de gestão do museu e do trabalho com forte ênfase na valorização das experiências dos moradores de favela. Surgem num momento de fortalecimento da democracia quando cresce o número de organizações da sociedade em diversas áreas de atuação. O Museu da Maré vem de um grupo político forte atuando na Maré pelo menos desde 1990 e dialoga com políticas de democratização da cultura cujo exemplo é o PCV. O Museu de Favela surge de um grupo de moradores atuantes no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho que pôde participar dos ganhos de legitimidade ocasionados pelo sucesso da experiência com o Museu da Maré, visto que é um dos doze pontos de memória pioneiros, encontrando apoio e suporte financeiro no legado social do PAC-Favelas e no PPM. O Museu das Remoções surge da luta dos moradores da Vila Autódromo contra a remoção e mesmo sem suporte das políticas de fomento instrumentaliza a musealização como “ferramenta de luta”. Os três museus travam diálogos imprescindíveis com as políticas de urbanização da cidade do Rio de Janeiro e conseguem congregiar setores políticos influentes através de diversas alianças e parcerias. De diferentes modos têm suas trajetórias impactadas pelas obras de preparação da cidade do Rio de Janeiro para os megaeventos esportivos. Pode-se dizer que de forma positiva, no caso do Museu de Favela, ou de forma negativa, no caso do Museu das Remoções, as



obras foram fatores que desencadearam um processo que levou ao surgimento dos museus como forma de canalizar demandas pelo direito à cidade.

## **Capítulo 2 – O PAPEL DAS PARCERIAS COM PESQUISADORES NA VIABILIDADE DOS MUSEUS DE FAVELA – UM EXAME BIBLIOMÉTRICO**

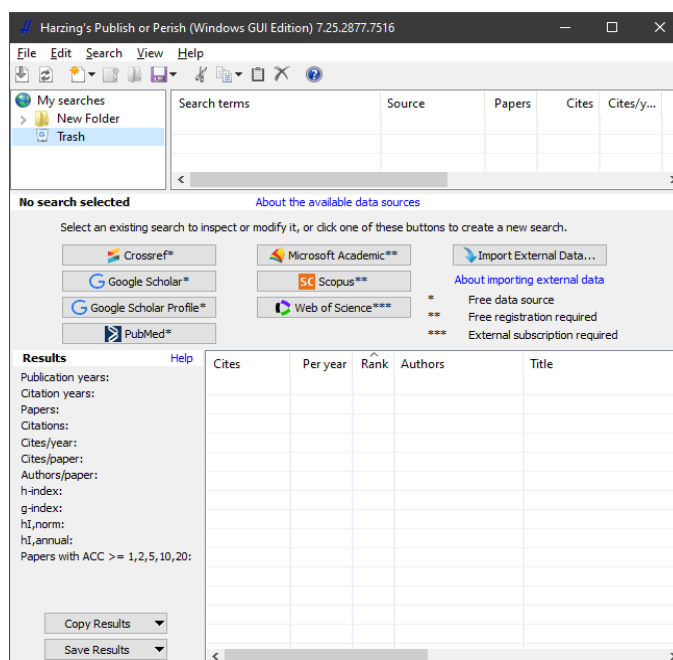
### **2.1 Introdução**

Inicialmente, havia o intuito de a partir das observações e vivências nos espaços dos museus gradativamente conhecer possíveis colegas pesquisadores e num momento oportuno convidá-los para um bate-papo ou uma entrevista. Por diversas questões, bem como devido ao curto tempo da pesquisa de campo, optou-se por acessar e mapear a produção acadêmica dos pesquisadores que publicaram trabalhos sobre os museus e dela extrair possíveis respostas às perguntas de pesquisa. De maneira geral, defende-se que muitas vezes suas opiniões estão mais bem sistematizadas nesses trabalhos. Além disso, são informações consolidadas que já passaram pelo crivo de editores e revisores de modo que o processo de produção dá, se não legitimidade, mais formalidade ao seu teor. Portanto, seria também um caminho seguro e de fácil acesso. Com um bom sinal de internet e acesso aos bancos de dados, poderiam ser pesquisados

a qualquer momento e de qualquer lugar. Instituições de arquivo são mais burocráticas e controlam o acesso ao material consultado de maneira burocrática. Ademais, no contexto da pandemia de Covid-19 esses espaços estiveram fechados.

Em termos de metodologia o Harzing's *Publish or Perish*, um mecanismo de *web scrapping*, pareceu ser um recurso adequado para fazer o levantamento da literatura sobre os três museus participantes. A versão utilizada do *software* levanta até 1 mil entradas segundo opções de busca pré-estabelecidas e permite exportar os dados em planilhas Excel em diversos formatos de referência bibliográfica. Permite consultar os bancos de dados: *Crossref*, *Google Scholar*, *Google Scholar Profile*, *PubMed*, *Microsoft Academic*, *Scopus* e *Web of Science*. A maioria deles é de acesso gratuito, ainda que a *Web of Science* requeira que o pesquisador tenha uma conta. Naturalmente, isso pode ser feito através das assinaturas providas pela instituição de ensino onde se está matriculado. Inicialmente, buscou-se levantar a literatura no Scopus, mas a pesquisa retornou um número muito pequeno de referências. Por isso, dada sua abrangência, o levantamento foi feito no *Google Scholar*. A figura a seguir apresenta a interface do *Harzing's Publish or Perish*.

Figura 11 - Interface de pesquisa do *Publish or Perish*



Fonte: Harzing's *Publish or Perish*.

A diferença fundamental entre a pesquisa pelo *Publish or Perish* ou pelo próprio *Google Scholar* é o aplicativo, desenvolvido por Anne-Wil Harzing, permitir exportar os dados – o que pode ser feito em diversos formatos de arquivos. Outro atrativo é ser um *software* gratuito. Por sua vez,

os dados levantados pelo *Google Scholar* são em sua maioria de *open access* – o que facilitou enormemente o acesso aos documentos.<sup>22</sup>

Foram feitas três buscas e em cada uma delas foi utilizada expressão-chave nome do museu. A busca por “Museu da Maré” retornou 997 registros, por “Museu de Favela” retornou 999 registros e por “Museu das Remoções” retornou 942 registros, embora seja o mais novo. A primeira seleção feita nos resultados foi reordená-los tendo como critério o *Google Scholar Rank* (GSRank). O GSRank retorna os resultados mais próximos dos parâmetros de busca e foram relativamente acurados. Entretanto, em alguns casos, muitas referências elencadas mesmo possuindo pelo menos uma das palavras-chave em seu título não se referiam exatamente aos termos de busca. Em outros casos, o recurso conseguiu identificar referências importantes ainda que não tivessem as palavras-chaves no título ou em campos como o *abstract*.

---

<sup>22</sup> Enquanto periódicos americanos e ingleses são de grandes editoras os periódicos brasileiros, e mesmo ibéricos, estão relacionados a programas de pós-graduação. Tanto periódicos de universidades públicas quanto universidades privadas são normalmente de acesso aberto.

Identificou pertinência através de palavras pertencentes ao mesmo campo semântico como “patrimônio”, “projeto social”, “cidadania”, “memória social” dentre outras. De maneira geral, a percepção de pertinência e acuidade do arquivo depende do conhecimento disponível sobre sua abrangência total. Ao escolher apenas 200 documentos num conjunto de praticamente 1 mil registros foi possível ver nitidamente quais documentos ficaram dentro e fora. Importantes referências da museologia ficaram de fora enquanto documentos de menor relevância para o campo ou para o estudo ficaram bem posicionados no *ranking*.

Mesmo consciente da limitação, optou-se por selecionar e trabalhar apenas com o *ranking* dos 200 registros mais pertinentes aos termos de busca. O limite do que é mais pertinente pode ser bastante elástico e, a menos que se utilizasse uma análise com inteligência artificial, tivesse muito tempo disponível ou estivesse numa equipe com diversos colegas pesquisadores, uma análise dos quase 3 mil resultados não seria possível. Diante dessa constatação, foram criadas novas planilhas Excel contendo apenas o GSRank 200 de cada museu. A partir dos *links* disponibilizados na planilha exportada do *Publish or Perish* foi possível acessar cada documento e analisar referência por referência. Por fim, os registros foram classificados em três grupos: o grupo das referências mais relacionadas, o grupo das referências sobre outros museus e o grupo das referências fora do escopo. Esse trabalho permitiu primeiramente entender como o *software* identifica pertinência e, portanto, validá-lo como um recurso adequado para o levantamento da bibliografia. Além disso, possibilitou fazer a identificação da tipologia documental e realizar uma primeira aproximação ao conteúdo.<sup>23</sup> Ao final, foi possível classificar os registros por ano de publicação e segundo o tipo de documento.

---

<sup>23</sup> O *Publish or Perish* possibilita retirar dos resultados das buscas “stray citations”, ou seja duplicatas de outros documentos já retornados (Harzing & Alakangas, 2016). Entretanto, pareceu mais adequado examinar cada suposta duplicata para confirmar se eram meras duplicatas ou representavam outro tipo de situação. Essa análise também foi feita sobre o GSRank 200 de cada museu. De fato, algumas vezes as duplicatas eram citações dos documentos retornados nas buscas. Outras vezes, aludiam a diferentes tipologias documentais de mesmo título. Um exemplo disso foi uma tese escrita em 2012 e um artigo de mesmo título publicado em 2017. Outros exemplos similares são: dissertações e comunicações em eventos de mesmo título e mesmo ano; o mesmo documento depositado em diferentes repositórios; *paper* de mesmo título apresentado em diferentes eventos (em estados diferentes); mesmo título para documentos similares, como planos de trabalho de diferentes anos; livros e suas resenhas publicadas em periódicos científicos e ainda mesmo título para artigo e capítulo publicado em livro. Nesses casos, os documentos foram contados duas ou mais vezes, a depender da situação. Porém, nos casos em que as duplicatas se referiam a citações, os documentos foram contados uma única vez compreendendo-se a importância que as citações têm para mapear a história de um argumento e, dessa forma, para explicitar o estado da arte num dado contexto disciplinar.

A primeira seção do capítulo destrincha os registros documentais dos três museus. Primeiramente, apresenta a distribuição dos documentos do GSRank 200 dos três museus no período de suas existências (2006-2019) tentando descobrir o período mais profícuo para a divulgação científica e que museu teria recebido mais atenção da academia. Em seguida, a seção conta os registros acumuladamente – ou seja, somando o registros dos três museus em cada ano do intervalo 2006-2019 –, para verificar se houve um intervalo temporal mais produtivo. Por fim, analisa a distribuição dos registros segundo as tipologias documentais para os três museus separadamente, a fim de identificar que formato tem de destaque na divulgação científica.

As próximas seções adentram o conteúdo da literatura examinando separadamente os documentos do GSRank 200 de cada museu. Uma preocupação da pesquisa é diferenciar a agenda dos dados coletados da agenda deste estudo. Esse exercício possibilita identificar as situações nas quais há aproximações ou divergência entre agendas. Por isso, as seções se sucedem ora destacando do que tratam os conjuntos documentais, ora identificando em que medida se relacionam com os interesses do estudo. Um dos objetivos do capítulo é continuar mapeando o estado da arte para identificar a importância das parcerias e redes com pesquisadores na viabilidade e sustentabilidade dos museus. A metodologia utilizada para realizar essa análise foi construída com base no trabalho *Complexo do Alemão: uma bibliografia comentada* (Pinheiro *et al.*, 2017) que mapeou em diferentes repositórios e comentou a produção acadêmica que aborda o Complexo do Alemão. O trabalho de Pinheiro *et al.*, por sua vez, encontrou inspiração na pesquisa de Valladares e Medeiros documentada em Valladares (2000).

Através dos *links* disponibilizados nas planilhas Excel, foi possível acessar cada documento e selecionar os resumos. Nos documentos em que não constavam resumos nem palavras-chave, foi realizado mapeamento (leitura *scanning*) das aparições dos termos de pesquisa no texto. No GSRank 200 do Museu da Maré, pesquisou-se a expressão “Museu da Maré”. Pelo menos um dos trechos que mencionavam a expressão foi selecionado e copiado. O mesmo procedimento foi realizado no conjunto dos documentos referentes ao Museu de Favela e Museu das Remoções nos quais foram pesquisadas as expressões “Museu de Favela” e “Museu das Remoções”, respectivamente. Os resumos e excertos foram organizados em fichas num documento Word para controle dos metadados, como o exemplo a seguir. Por fim, a partir desse arquivo outro documento foi gerado contendo apenas o número da ficha e o resumo e/ou trecho. Esse arquivo foi analisado com *software* de pesquisa qualitativa, com o propósito de descobrir os conteúdos que se sobressaíam nos resumos/excertos e verificar as menções às parcerias com pesquisadores – o que é, de fato, o interesse do capítulo.

Figura 12 – Ficha catalográfica

Nº	39
Referência	Simões, D 2017, 'Museus comunitários no Brasil: descolonizando o pensamento museológico', <i>RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos ...</i> , periodicos.claec.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre os museus de comunidade brasileiros, tratando esses como possíveis descolonizadores de um pensamento museológico. Com isso, busca-se fazer uma contextualização histórica sobre a constituição de um fazer museológico colonialista em contraste com a chamada Nova Museologia e os museus de comunidade. Dessa oposição procura-se conectar a Museologia às discussões das Ciências Sociais em três pontos: a crítica à construção da identidade nacional junto aos museus, a desconstrução dessa identidade a partir dos museus de comunidade e, com isso, a descolonização do pensamento museológico, e os pontos de influência da democracia participativa junto à prática da participação social desses novos modelos museológicos
Palavras-chave	Descolonização; identidade; museus de comunidade; participação; representação
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/605/327">https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/605/327</a>
Observações	

Fonte: Adaptação do modelo Pinheiro *et al.* (2017, p. 39).

Segundo o dicionário eletrônico Priberam “parceria” pode ser “a relação de colaboração entre duas ou mais pessoas com vista à realização de um objetivo comum”.<sup>24</sup> Por sua vez, “rede”, que aparece junto com o adjetivo “social”, quer dizer “conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que compartilham interesses, que funcionam na sua maioria através de plataformas da Internet”. “Parcerias”, “redes”, “intercâmbios”, “trocas”, “colaboração” são termos que traduzem algumas das relações que se dão entre os participantes dos museus. Como discutido no primeiro capítulo, as parcerias e redes são parte fundamental na viabilidade dos projetos, estando no âmago da definição de um museu afiliado às correntes críticas. Moradores criaram os museus e os administram através de processos democráticos e participativos assentados em parcerias e colaborações. Para complementar a análise da literatura iniciada no primeiro capítulo, será apresentado o exame bibliométrico da produção levantada no *Google Scholar* identificando como a produção evoluiu no tempo levando em conta também as tipologias documentais, antes de focar a formação de redes e parcerias através da análise de conteúdo, que será feita através da leitura e análise de alguns desses documentos.

<sup>24</sup> Vebetes “parceria”, Cf. Dicionário Eletrônico Priberam da Língua Portuguesa (2021) Retrieved December 7, 2021 from <https://dicionario.priberam.org/PT>.

## 2.2 Uma análise bibliométrica da literatura produzida no período 2006 a 2019

É importante lembrar que a literatura não abrange tudo o que foi publicado sobre os museus. Nem mesmo todo o conjunto documental encontrado pelo *Harzing's Publish or Perish*, mas apenas uma pequena parcela dos documentos levantados pelo *software*. Algumas das publicações não sendo exclusivamente sobre uma das experiências museais interlocutoras ao mencionarem um dos museus também mencionavam os outros dois (ou mesmo museus de favela não participantes do estudo) como exemplos do mesmo tipo de organização da sociedade civil que incorpora os princípios da Nova Museologia e da Museologia Social. Isso pode ter acontecido porque são exemplos, mas sobretudo são definidores da natureza dos museus que ocasionaram rupturas significativas no pensamento patrimonialista e museal quando o assunto é a natureza dos museus, os parâmetros do que pode ou não pode ser patrimônio e a quem cabe decidir o que é patrimônio. Portanto, optou-se por manter no GSRank 200 de cada museu registros que aludiam a outros museus de favela. Dos 586 documentos referentes ao GSRank 200 dos três museus somadas, 12 são comuns ao GSRank 200 dos 3 museus, 3 aparecem no GSRank 200 do Museu da Maré e do Museu das Remoções, 15 aparecem no GSRank 200 do Museu das Remoções e do Museu de Favela e 35 aparecem no GSRank 200 do Museu da Maré e do Museu de Favela.<sup>25</sup>

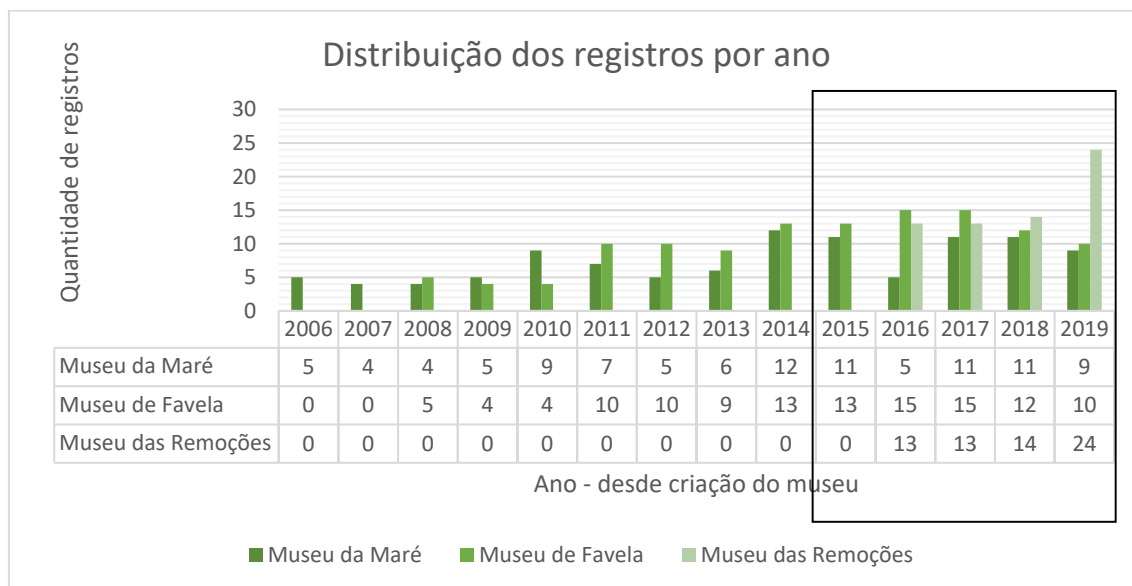
Os gráficos a seguir apresentam a distribuição dos registros por ano de publicação. Foram feitos dois recortes temporais. O primeiro é o ano de fundação dos museus: o Museu da Maré foi inaugurado em 2006, o Museu de Favela foi formalizado em 2008 e o Museu das Remoções foi criado no Dia Internacional dos Museus em 2016. O segundo recorte temporal é o ano final do período analisado, que corresponde a 2019. Foi definido por delimitar o período da pesquisa, que são os anos 2015 a 2019.

---

<sup>25</sup> O GSRank 200 dos três museus somados não corresponde a 600 registros como é de se supor. Isso se deu porque o *ranking* do Museu das Remoções não tem todas as posições até a 200ª posição. Nele, constam apenas 184 referências.



Figura 13 - A produção bibliográfica do GSRank 200 dos três museus no período 2006-2019



Fonte: Elaboração própria.

Com a chegada do Museu das Remoções em 2016, o período mais recente (2016-2019) se tornou o mais produtivo para a divulgação científica. Ao considerar os pioneiros, Museu da Maré e Museu de Favela, há uma tendência de crescimento das publicações até 2017 seguido por um período de ligeira diminuição de produções nos anos 2018 e 2019 – mas, como já explicado, essa contagem traz muitos sobreamentos.

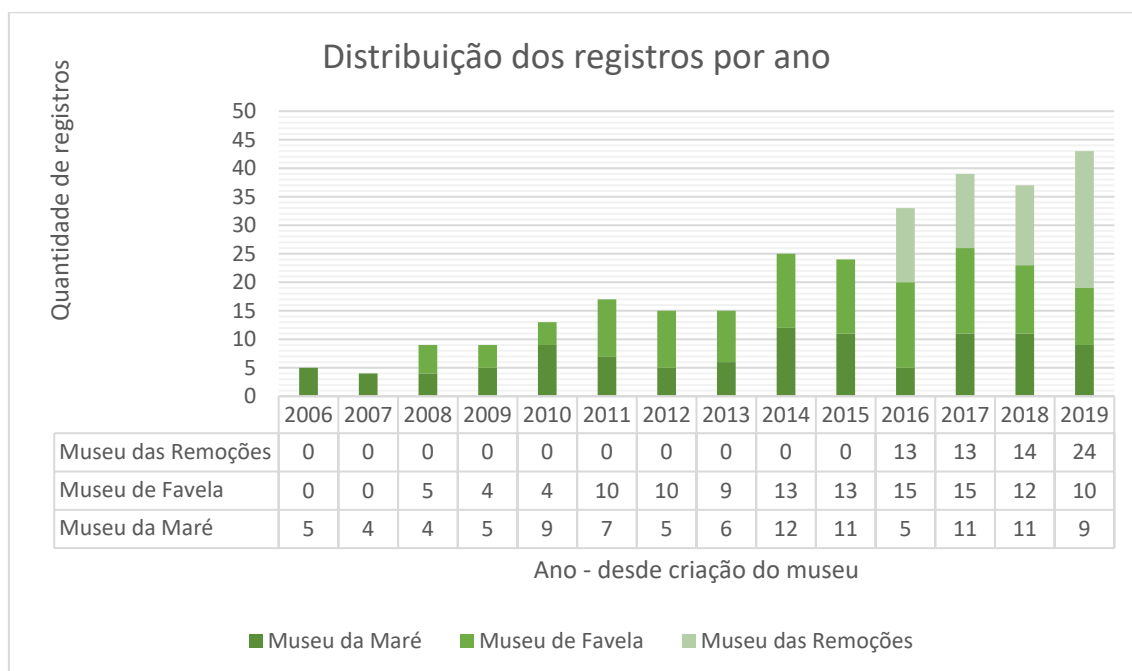
Percebeu-se também através da “leitura” (*skimming* e *scanning*) inicial das publicações que os três museus são objeto de estudo ou de apreciação dos mesmos campos disciplinares, ainda que haja diferenciação considerável, como os estudos enfocando o turismo a partir da experiência do Museu de Favela (Fagerlande, 2015, 2017; Moraes, 2010b, 2010a; Moraes, 2011; Silva, 2012). De maneira muito geral, pode-se dizer que os autores afiliados à museologia, grandes nomes da museologia que circula no Brasil e na península ibérica falaram sobre o Museu da Maré (Abreu, 2007, 2012; Borré & Chagas, 2019; Chagas, 2007, 2011; Chagas *et al.*, 2018; Chagas & Abreu, 2008; Vieira *et al.*, 2010). Mas, mais recentemente essa atenção tem sido compartilhada com o Museu das Remoções, embora a partir de outros expoentes do pensamento museológico como Diana Bogado da Silva (2017a). Intelectuais importantes também falaram do Museu de Favela, mas a partir de campos disciplinares como a psicologia, a produção cultural, a comunicação e o turismo (Carvalho, 2015; Machado, 2017b; Moraes, 2011; Portilho, 2016). Exceção à regra, foi a tese de Pereira (2018) que se afilia à Museologia Social.

As primeiras publicações discorreram sobre que museu era legítima e autenticamente museu de favela em comparações envolvendo o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência e o

Museu da Maré (Chagas & Abreu, 2007; Freire-Medeiros, 2006; Menezes, 2008; Vieira, 2008b, 2008a). Publicações que mantêm interface com a fala de Erato, do Museu de Favela, destacam e analisam fatores que podem contribuir para a sustentabilidade da atividade turística nas favelas ou do museu e das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho (Fagerlande, 2015, 2017; Freire-Medeiros, 2009; Rego-Fagerlande, 2018). Dentre fatores que contribuíram sobremaneira para o sucesso do projeto estão as obras do PAC-Favelas, sobre as quais Portilho (2016) também apresenta críticas pertinentes em sua tese de doutorado, e o PPM, sobre o qual discorre Pereira (2018). No Museu das Remoções, a literatura criticou o padrão internacional de requalificação e reconversão urbana, baseado na experiência de Barcelona, adotado pela prefeitura do Rio de Janeiro na preparação da cidade para os megaeventos desportivos de 2014 e 2016. Além disso, apontou a mobilização dos moradores da Vila Autódromo e os protestos de junho de 2013 como algumas das críticas mais expressivas contra o padrão de gestão urbana para os eventos (Soares, 2019; Ewbank, 2019; Sibylla & Chagas, 2018; Silva, 2017b).

O gráfico a seguir apresenta a soma das produções bibliográficas elencadas nos GSRank 200 dos três museus distribuídas por ano.

Figura 14 – Distribuição dos registros por ano - 2006-2019



Fonte: Elaboração própria.

Os dados acumuladamente indicam crescimento no interesse de pesquisa e editorial por assuntos que abrangem os museus de favela, quer como elemento principal da narrativa científica, quer como aspecto secundário da produção. Deve-se considerar que há um lapso temporal

entre pesquisa e publicação dos resultados. Possivelmente, os dados de 2018 e 2019 se referem a pesquisas de anos anteriores, com sorte, do período imediatamente anterior, ou seja, 2015 a 2017.

Muitos fatores confluem para explicar o interesse científico pelos museus e suas comunidades. Algumas dinâmicas envolvem as políticas dos programas de pós-graduação, dos periódicos e de instituições que passaram a estar mais alinhadas com os interesses políticos dos moradores de favelas. Além disso, é provável que o surgimento das políticas de identidade e ações afirmativas tenham modificado o perfil dos estudantes universitários afetando mesmo os espaços mais elitizados como a pós-graduação *stricto sensu* e repercutindo nos interesses de pesquisas nas últimas duas décadas. Outras dinâmicas são motivadas pelas próprias equipes e suas redes de colaboração, visto que parcerias com pesquisadores externos além de resultarem na construção de novos conhecimentos com a comunidade dos museus são divulgadas pelas publicações científicas e se tornam referência para interessados em temáticas que tangenciam as favelas. Por fim, mas não menos importante, os membros das equipes dinamizam essas engrenagens e nos três casos examinados, gestores dos museus também estiveram envolvidos na produção de conhecimento acadêmico. Muitos dos artigos, livros, comunicações, dissertações, teses capítulos de livros que apareceram no GSRank dos museus são trabalhos dos próprios gestores.

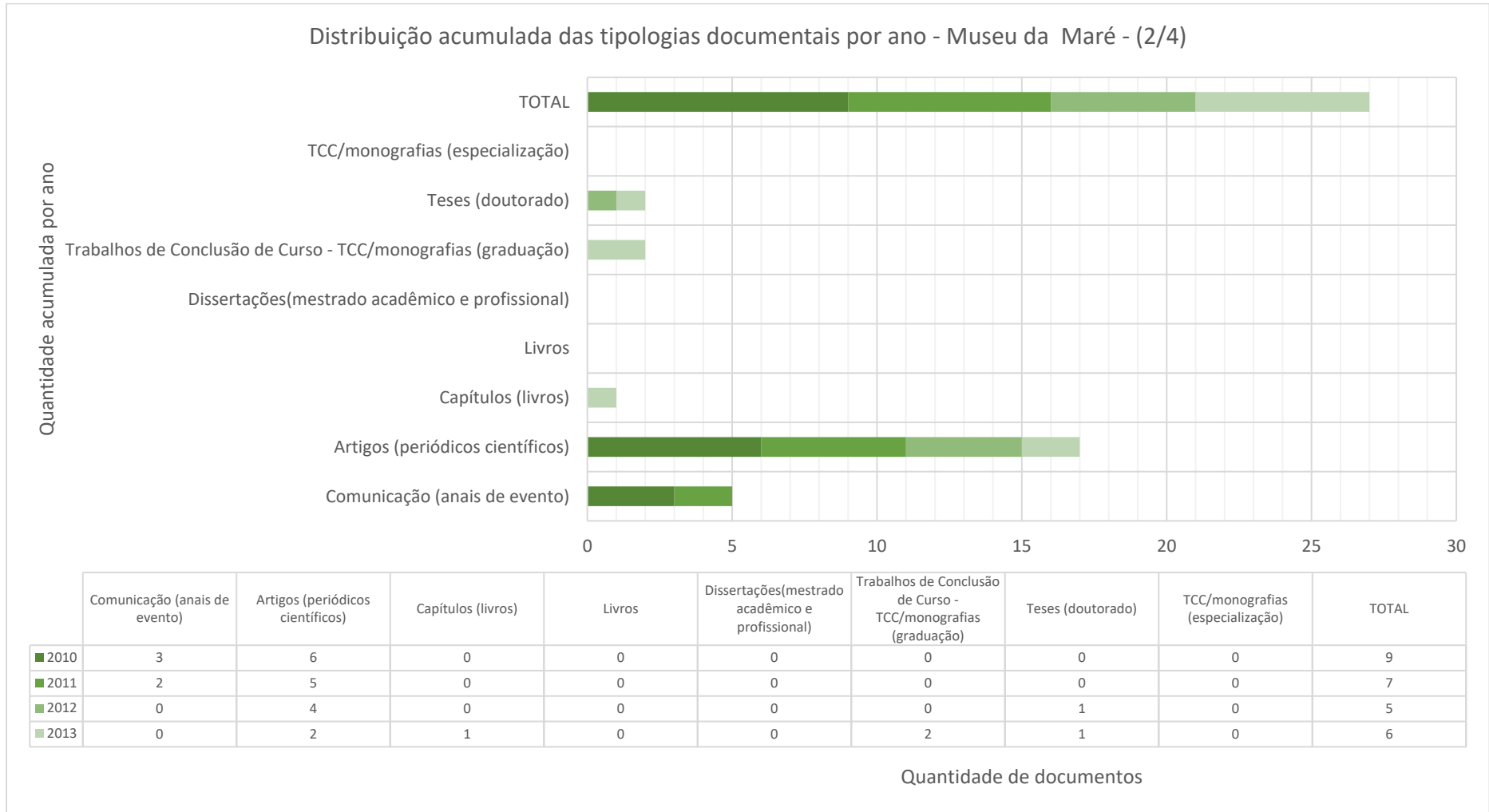
Além disso, há motivações externas às dinâmicas das instituições de pesquisa e das equipes dos museus. Por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro esteve no centro das atenções durante um longo período e boa parte dos processos em curso afetaram as favelas. As vitórias das candidaturas do Brasil e do Rio de Janeiro para sediar a Copa do Mundo Fifa de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão de 2016 foram anunciadas em 2007 e 2009, dando início aos preparativos de infraestrutura para receber os eventos. O PAC-Favelas iniciou-se em 2007 e as Unidades da Polícia Pacificadora (UPP) foram instaladas a partir de 2008 e nesse ínterim houve também intervenção militar na Maré em 2014. A pactuação da rede estadual dos pontos de cultura aconteceu em 2007 e da rede municipal em 2009. O primeiro edital para pontos de cultura da rede municipal foi publicado em 2013. Muitos eventos e pesquisas avaliando esses programas também aconteceram no período iniciado em 2007, como as contribuições de Pereira (2018) e Pereira & Gouveia (2016) que não só estiveram em estreito diálogo com os pontos de memória pioneiros, mas também consolidaram parte do conhecimento disponível sobre a iniciativa do Ibram. Portanto, as favelas estiveram no centro das atenções e isso certamente repercutiria na produção do conhecimento sobre os museus.

A produção bibliográfica sistematizada está distribuída nas seguintes tipologias documentais: TCCs ou monografias de especialização (pós-graduação *lato sensu*), teses de doutorado, TCCs de graduação, dissertações (mestrado acadêmico e profissional), livros, capítulos de livros,

artigos em periódicos científicos e comunicações apresentadas em eventos acadêmicos. O período de abrangência dos dados varia, consequência do fato de terem sido fundados em anos ou mesmo décadas diferentes. Por isso, os dados do Museu da Maré correspondem ao período de 2006 a 2019, do Museu das Remoções ao período 2016 a 2019 e do Museu de Favela ao período 2008 a 2019.

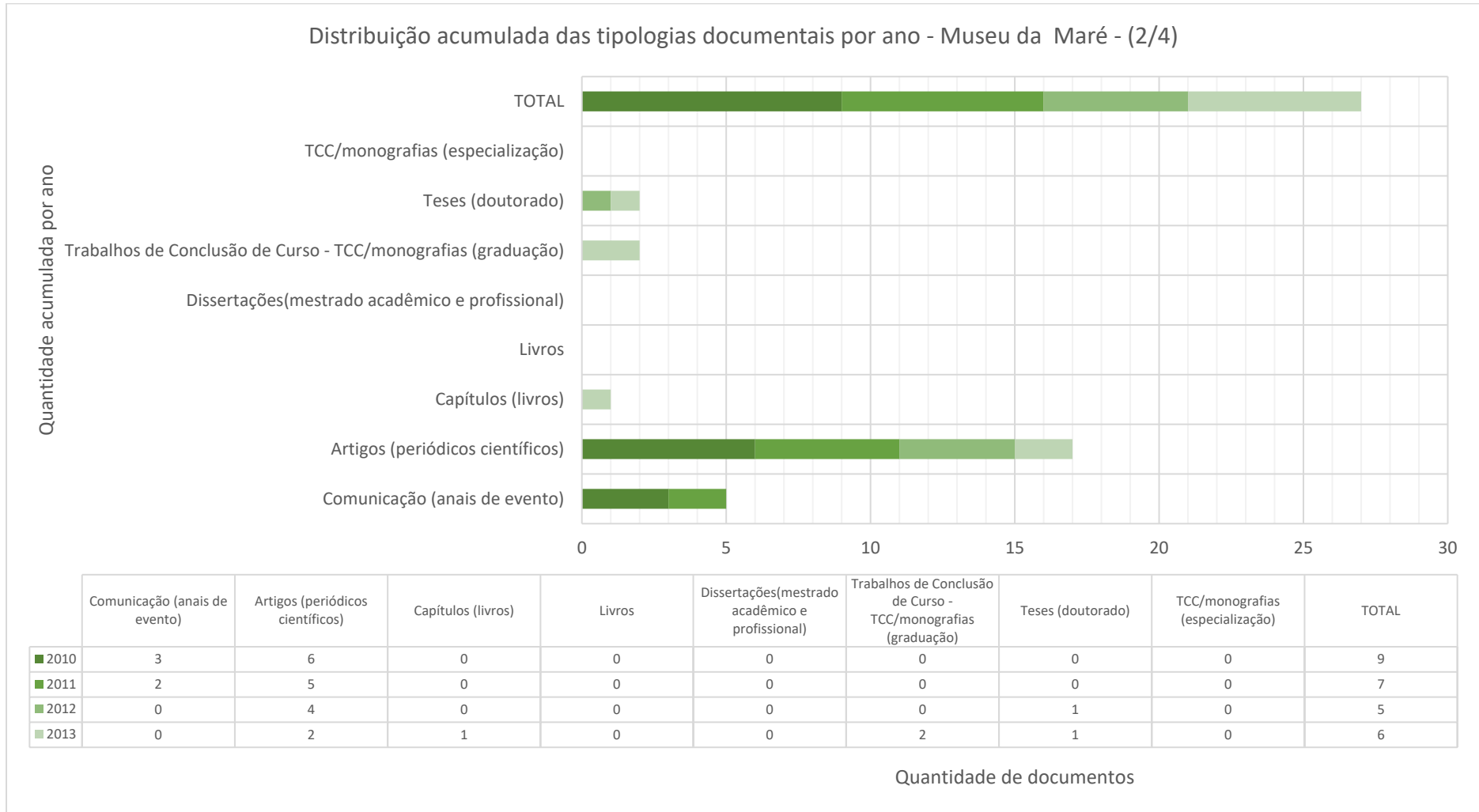
A seguir são exibidos gráficos com a distribuição dessa produção para cada museu. Primeiramente, são apresentados os dados do Museu da Maré, em seguida, os dados do Museu das Remoções e por fim, os dados do Museu de Favela.

Figura 15 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2006-2009



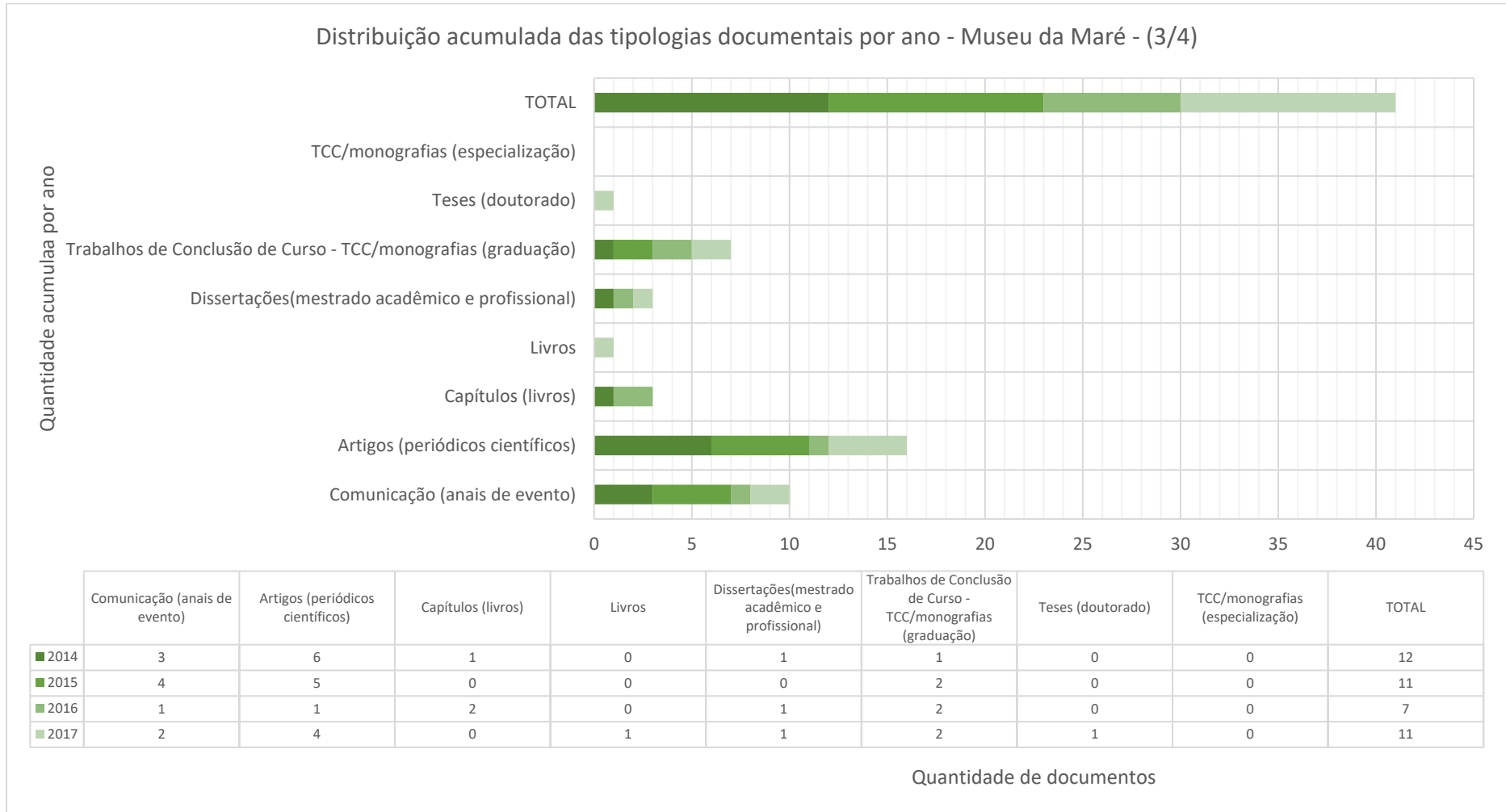
Fonte: Elaboração própria.

Figura 16 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2010-2013



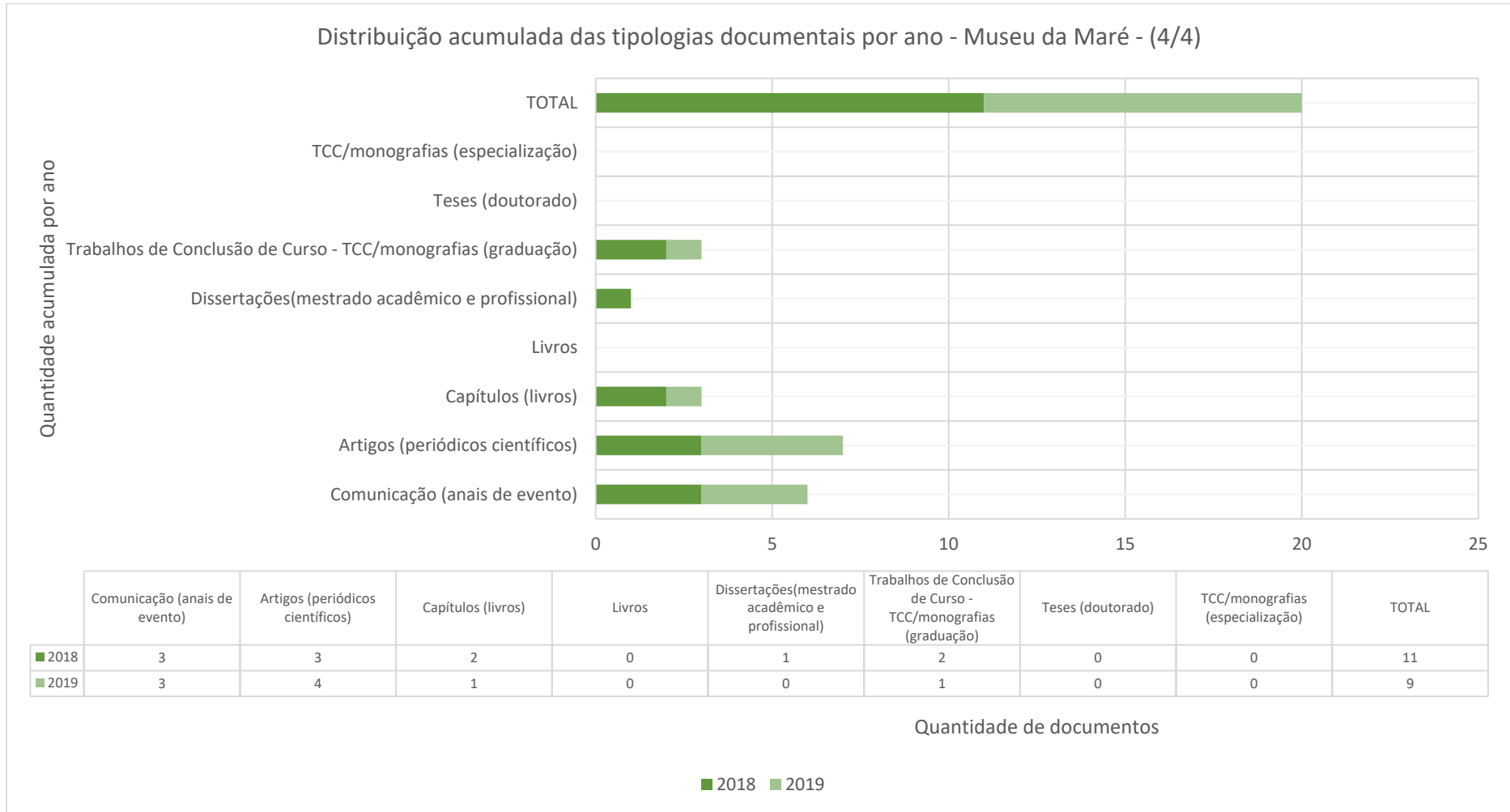
Fonte: Elaboração própria.

Figura 17 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2014-2017



Fonte: Elaboração própria.

Figura 18 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2018-2019



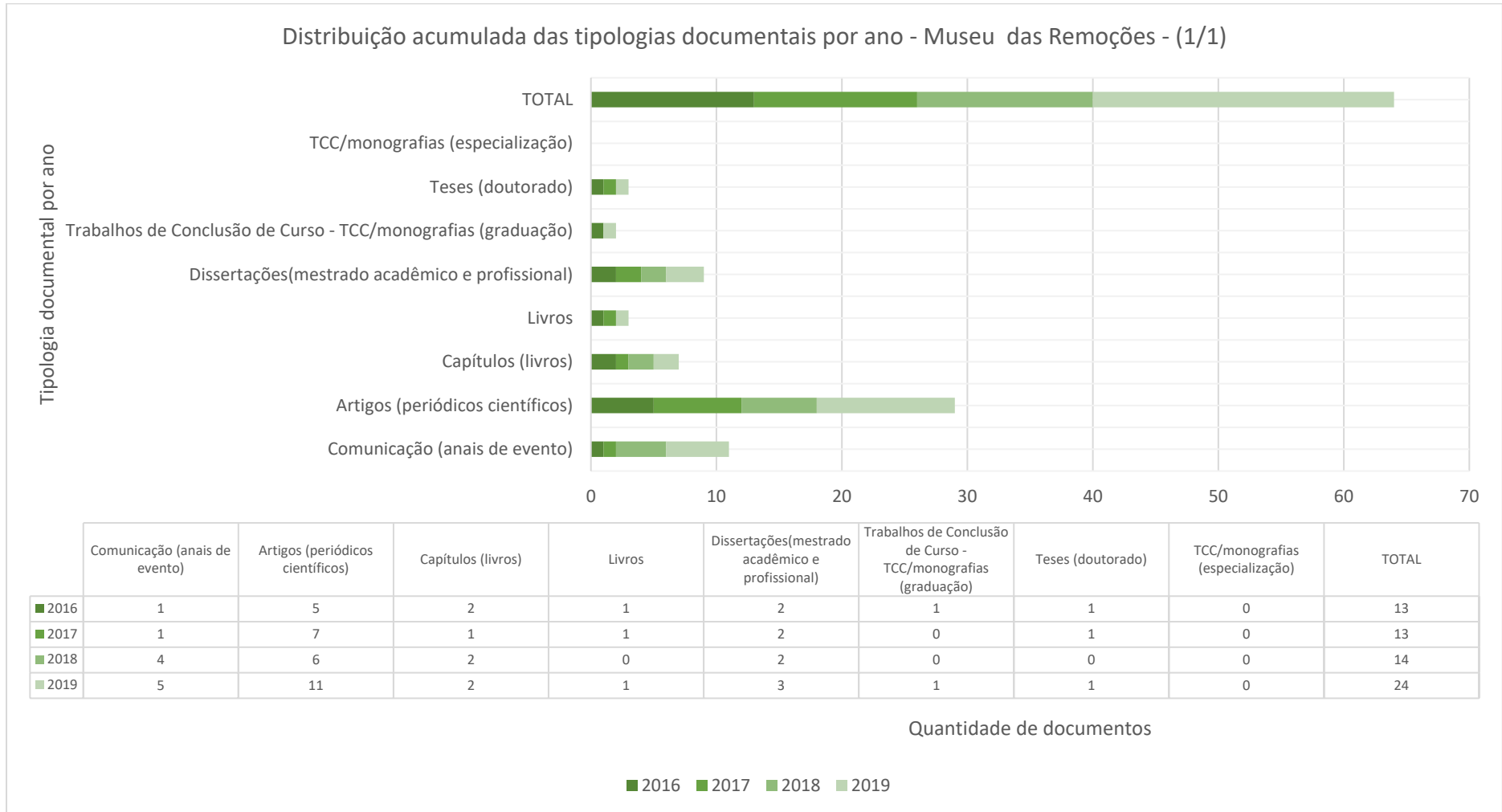
Fonte: Elaboração própria.



No período de 2006 a 2009 essa produção é modesta oscilando entre 6 e 4 documentos, dentre os quais prevalecem os artigos seguidos pelas dissertações. No período de 2010 a 2013 a quantidade cresce e fica entre 9 e 5 produções, prevalecendo os artigos e as comunicações publicadas em anais de eventos. Duas teses de doutorado aparecem entre os registros. No período de 2014 a 2017 houve entre 7 e 12 documentos que são principalmente artigos e comunicações. Nos anos 2018 e 2019 houve 11 e 9 documentos, com destaque também para artigos e comunicações. A predominância de artigos é um bom sinal. Evidencia que as pesquisas passaram por várias fases de validação e pelo crivo mais rigoroso dos comitês editoriais vindo a integrar a pauta dos periódicos e obter relevância acadêmica.

A seguir são apresentados gráficos referentes à produção bibliográfica produzida sobre o Museu das Remoções.

Figura 19 - A produção bibliográfica do Museu das Remoções por tipologia documental no período 2016-2019

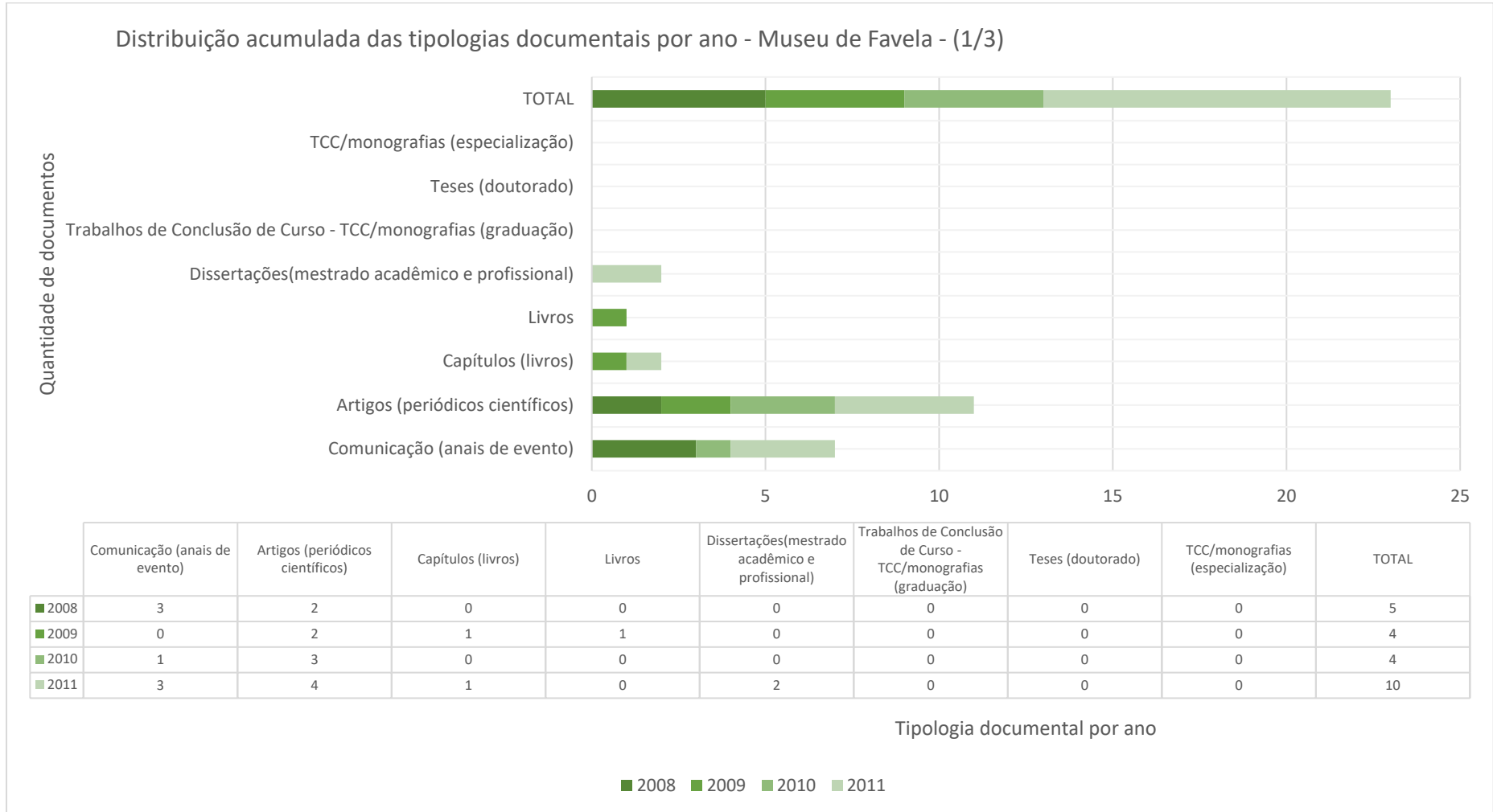


Fonte: Elaboração própria.

O Museu das Remoções é o mais novo dos três interlocutores, por isso o período considerado abrange somente os anos 2016 a 2019. Entretanto, os dados revelam uma abundante produção bibliográfica associada ao museu e à sua comunidade, oscilando entre 13 e 24 registros. Dentre eles, destacam-se artigos e comunicações. Há também importantes livros e capítulos de livros que remetem ao processo de remoção enfrentado pela Vila Autódromo e à construção do museu. Além disso, há considerável internacionalização dessa produção (Bogado *et al.*, 2019; Escudero, 2018; Simon & Braathen, 2019; Talbot, 2019a). O caso da Vila é muito emblemático, visto que estava entre as comunidades que a prefeitura mapeou para serem removidas para as obras de infraestrutura dos jogos e de mobilidade urbana, caso da implantação do sistema BRT. Boa parte dos documentos listados no GSRank 200 do museu trataram da proliferação da tática de remover populações pobres para áreas mais periféricas como consequência da preparação para os jogos em várias capitais brasileiras. No Rio de Janeiro, as remoções tinham dado lugar à urbanização das favelas e foi retomada no contexto dos eventos. Como a gestão de preparação da cidade foi baseado em metodologia internacional, inspirado no modelo implantado em Barcelona, houve muito interesse em saber como seria seu desdobramento no Brasil. Os relatos da inadequação para o contexto brasileiro, cujo símbolo máximo foram os protestos de 2013, repercutiram no interesse sobre o que se passavam com os afetados pelas obras, como os moradores da Vila Autódromo. Isso, além das razões anteriormente apontadas, deve explicar a relevância da comunidade e do museu na produção acadêmica.

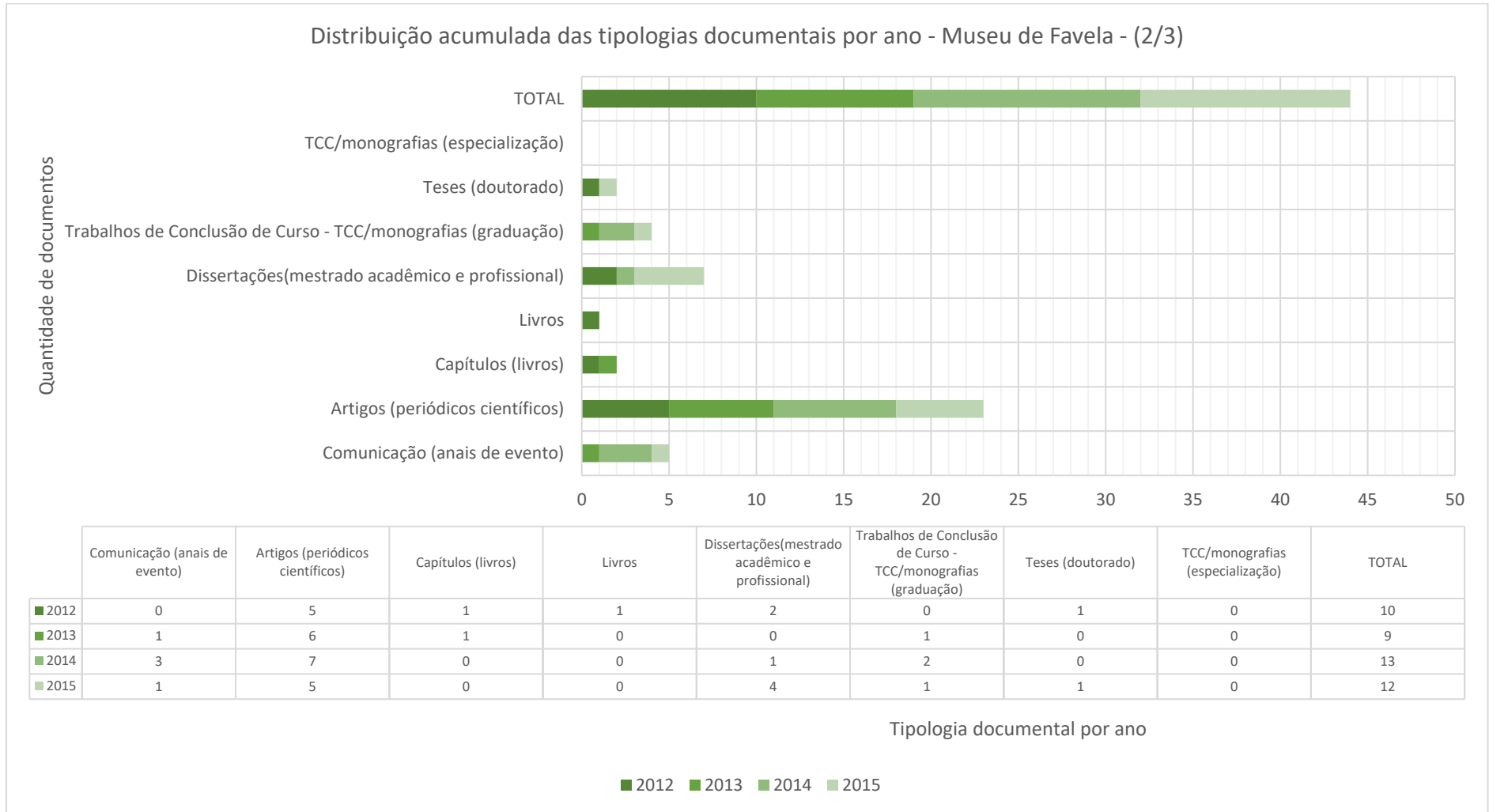
O último conjunto documental analisado é referente ao Museu de Favela. Como já mencionado, a intenção não é criar uma comparação, mas perceber possíveis correlações e nexos existentes entre os conjuntos de registros. Ajudam a criar um retrato mais fidedigno dos museus interlocutores – sem esse recurso uma tarefa mais difícil para uma pesquisadora não nativa.

Figura 20 - A produção bibliográfica do Museu de Favela por tipologia documental no período 2008-2011



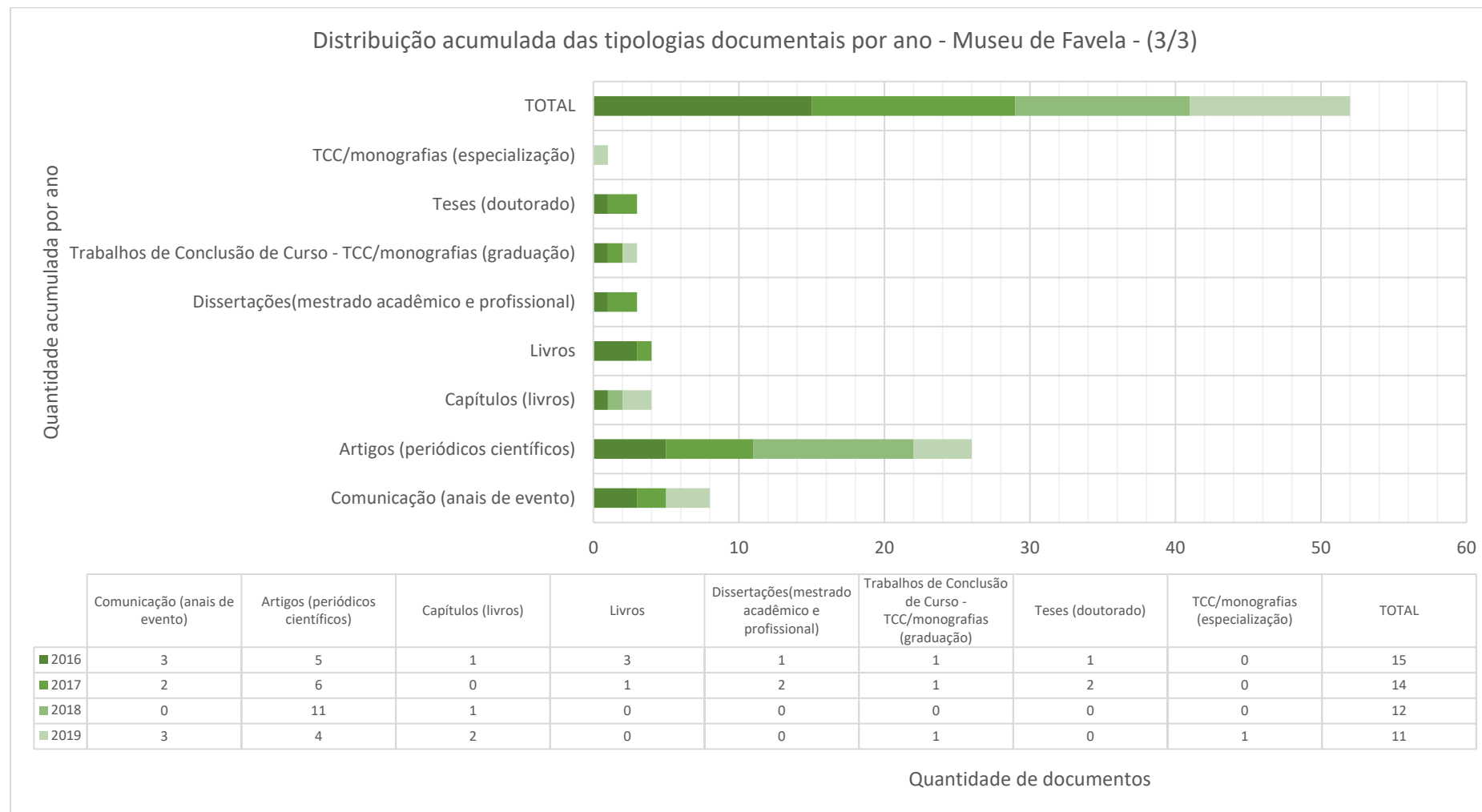
Fonte: Elaboração própria.

Figura 21 - A produção bibliográfica do Museu de Favela por tipologia documental no período 2012-2015



Fonte: Elaboração própria.

Figura 22 - A produção bibliográfica do Museu da Maré por tipologia documental no período 2016-2019



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, o conjunto de documentos referentes ao Museu de Favela no período de 2008 a 2011 fica entre 4 e 10 produções e se destacam as mesmas tipologias documentais, ou seja, artigos e comunicações. No período de 2012 a 2015 houve entre 9 e 13 documentos, para os quais contam principalmente artigos e dissertações. O último período, de 2016 a 2019, é o mais produtivo. Nele foram publicados entre 11 e 15 documentos predominando artigos e comunicações. Desde 2011 há crescimento na quantidade de publicações, para o qual se atribui a causalidade já esboçada nos parágrafos anteriores.

Portanto, parece ter havido aumento no interesse de pesquisa e no interesse editorial pelas populações de favelas. Nesse sentido, por exemplo, seria oportuno pesquisar se surgiram novos periódicos dedicados à pauta das periferias e favelas porque indicariam uma atenção mais permanente para essas agendas. Há razões que contribuem para o surgimento dessas publicações nas dinâmicas dos programas de pesquisa, nas parcerias entre as equipes e pesquisadores e dentro das próprias equipes dos museus, visto que em todos eles há profícuos pesquisadores e autores. Além dessas dinâmicas houve crescente interesse pelas iniciativas de base comunitárias acontecendo em favelas e periferias urbanas, com a implantação de programas como o PCV e o PPM no nível federal e de programas e editais similares nos estados e municípios. Por fim, a cidade do Rio de Janeiro foi alvo de uma série de transformações provocadas pela preparação da cidade para os megaeventos e que afetaram diversas favelas, como práticas de remoção, criação de infraestruturas através do PAC-Favelas e de experimentações em segurança pública através da implantação das UPPs e da intervenção militar, criação da infraestrutura de mobilidade como o BRT, teleféricos, elevadores, passarelas etc. A cidade esteve por pelo menos uma década nos holofotes nacionais e internacionais e isso ocasionaria reflexos na divulgação científica. Possivelmente, os estudos sobre as últimas fases desse período de efervescência foram publicados nos últimos dois anos, portanto, seus resultados ainda estão sendo sentidos.

### **2.3 Museu da Maré: do que fala a literatura?**

Relembrando, então, a expressão de busca para o levantamento da literatura foi o nome do museu. Optou-se por uma expressão abrangente para diferenciar a agenda da produção da agenda deste estudo. Esses 200 documentos foram divididos em três grupos: o grupo que se referia exclusivamente aos termos de busca, o grupo que se referia a outros museus de favela e o grupo de documentos julgados fora do escopo. Os documentos analisados são os do primeiro

e segundo grupos e resultaram num conjunto de 129 resumos e excertos.<sup>26 27</sup> Esse arquivo foi analisado com o *software* de pesquisa qualitativa. Os registros referentes ao GSRank 200 do Museu da Maré são formados por documentos provenientes principalmente da museologia, história e memória social com contribuições significativas de áreas como as ciências sociais, a antropologia, a arquitetura e o urbanismo, a educação, as artes e a comunicação social.

Sem a intenção de esgotar todos os tópicos surgidos na literatura, a leitura dos documentos do primeiro grupo exclusivamente sobre o museu, projetos parceiros e projetos precursores permitiu identificar cinco temáticas. A maioria dos textos apresenta mais de uma temática, por isso, em grande medida as referências se repetem. Um dos assuntos de maior interesse dos trabalhos foi o processo de criação do museu. Ser o museu um projeto da sociedade civil organizada abraçando os princípios da Nova Museologia e da Museologia Social foi uma inovação sem precedentes na história dos museus (Chagas, 2007; Chagas, Viktor, 2007; Freire-Medeiros, 2006; Ribeiro, 2008; Vieira, 2007, 2006; Vieira *et al.*, 2010). E essa foi a primeira temática surgida. A descolonização dos museus aparece como a segunda temática da bibliografia (Abreu, 2007, 2008, 2012; Amaral, 2019; Chagas & Abreu, 2008; Chagas, Viktor, 2007; Corrêa, 2011; Costa, 2010; Pires, 2014; Possamai, 2010; Seldin, 2013; Versiani, 2015; Vianna, 2014, 2017).

Não foram incomuns trabalhos tratando de pesquisas conduzidas com projetos parceiros do museu evidenciando uma das características dos museus afiliados às correntes críticas da museologia, que é ocasionar o máximo de sinergia possível. Esses trabalhos foram agrupados na terceira temática (Abreu, 2007; Amaral, 2019; Andrade & Pereira, 2011; Barbosa & Giffin, 2007; Boghossian, 2009; Dias *et al.*, 2018; Marteleto & Stotz, 2009; Medrado *et al.*, 2018; Raposo, 2013, 2015; Seldin, 2008; Souza, 2014; Trombini, 2016; Wasen, 2015). A quarta temática tratou de projetos precursores do museu, como os projetos encabeçados pelo Ceasm, que adquiriram independência e maturidade, a exemplo da Rede Memória e o Jornal “O Cidadão”, ou mesmo de experimentações com a TV Maré – que antecedeu o próprio Ceasm (Boghossian, 2009; Chagas, Viktor, 2007; Honorato, 2009; Oliveira, 2019; Raposo, 2013, 2014; Rennó, 2015; Ribeiro, 2006; Sancho, 2017; Seldin, 2008; Silva, 2006; Souza, 2014; Vianna, 2014; Vieira, 2008a). Por fim, a quinta temática enfocou a relação estreita entre o museu e a educação, ora tratando do efeito museu em comunidades escolares, ora tratando dos efeitos dos educandos sobre o projeto do

---

<sup>26</sup> Eventuais menções a termos capazes de identificar os interlocutores foram tratados através de atribuição de pseudônimos.

<sup>27</sup> Algumas tipologias documentais retornadas pelo *Publish or Perish* não foram analisadas por não se enquadrarem aos critérios estabelecidos pela pesquisa. São elas: discursos, resenhas (*book reviews*), cartas abertas, notícias de jornais e relatos de pesquisa que não foram publicados na forma de artigo ou de outro documento em análise no estudo. Também não foram analisadas duplicatas do mesmo trabalho, que contaram como apenas um documento, excetuando as situações já expostas anteriormente.



museu (Araújo, 2012, 2017; Cândido, 2018; Chagas, Viktor 2007; Ferreira, 2017; Lopes & Cortês, 2014; Medrado *et al.*, 2018; Miranda & Araújo, 2019; Pereira & Miranda, 2014; Santos, 2017; Silva & Peregrino, 2014; Vianna, 2014, 2017; Vieira *et al.*, 2010).

#### **2.4 O que diz a literatura do Museu da Maré sobre parcerias e redes com pesquisadores**

Termos relacionados aos objetivos do capítulo, que é entender como pesquisadores contribuem para a viabilidade dos museus, também aparecem na análise dos resumos e excertos. “Pesquisar”, por exemplo, apareceu 54 vezes ocupando a 15ª posição no *ranking* de frequência de palavras. Outros termos como “pesquisadores”, “universidades”, “extensão”, “apoiar”, “parceria”, “redes”, “participação”, “participativo”, “projeto”, “pesquisa”, “trabalho” e “estudar” também figuram com diferentes frequências. A frequência de palavras deve ser entendida levando-se em conta que todos os processos museais são de natureza participativa. Embora, não sejam vocábulos isolados que constroem o sentido de parcerias, o contexto enunciativo associado a essas palavras permite compreender sentidos para as parcerias. Então, de diversas formas essas parcerias se apresentam no conjunto documental referente ao GSRank 200 do Museu da Maré e a mera aparição de palavras não esgota seus significados que podem também estar presentes no sentido geral do texto, na descrição de uma situação, como pressuposto não explicitado e assim por diante. Todavia, destacou-se a frequência de palavra para manter um enfoque e criar um parâmetro porque é um conjunto extenso de documentos. Desse modo, uma parte da análise dos textos foi feita tendo em consideração a frequência de palavras e uma outra foi feita a partir da análise manual e subjetiva dessas referências com o propósito de assegurar que os entrevistados tivessem suas opiniões representadas de forma adequada.

Diante de limitações próprias a análises dessa qualidade, a opção escolhida a seguir foi apresentar apenas alguns resultados para o termo “pesquisar” lematizado.<sup>28</sup> Há muitas formas

---

<sup>28</sup> Lematizar significa representar palavras de mesma raiz ou de mesmo radical através do infinitivo, no caso dos verbos, e do masculino singular, no caso dos substantivos e adjetivos (forma canônica).

de verificar a participação dos pesquisadores na viabilidade do museu a partir dos trechos selecionados. Uma delas é através da agenda de pesquisa. Esse exame poderia ser feito, por exemplo, através da análise do referencial teórico, da metodologia utilizada, da escolha do objeto de estudo e dos interlocutores. Os estudos que serão apresentados foram analisados através de três fios condutores. Primeiramente, de maneira geral, percebe-se desses estudos a busca por ouvir e compreender os discursos emanados das populações de favelas e o desejo de divulgá-los potencializando-os ou fortalecendo-os. Outros trabalhos além de compartilharem o mesmo objeto também trazem à tona a importância de haver investimento em agendas de pesquisa desse feitio sinérgico, explicitando isso nos textos. Por fim, o conjunto de documentos revelou trabalhos que foram resultado de parcerias envolvendo pesquisadores, OSCs, moradores de favelas de maneira geral e da Maré e órgãos públicos.

O primeiro trabalho analisado foi a tese de Araújo (2012). A construção do seu objeto de estudo, do referencial teórico e dos seus procedimentos metodológicos já mostram o compromisso com uma agenda de pesquisa sintonizada com o fortalecimento identitário dos moradores de favela, porque se preocupa em captar o que públicos emblemáticos como os pescadores e públicos mais frequentes como os estudantes das escolas municipais identificam como contribuição do museu. Por exemplo, além de entrevistar membros da equipe, consegue manter diálogo com a comunidade de pescadores da Maré acompanhando-os em suas primeiras visitas ao museu. Observa principalmente os grupos mais assíduos, tentando representar sua visão sobre o projeto museográfico. Por isso adentra os livros de Assinaturas e Depoimentos para entender como estudantes meninas constroem sentido para suas visitas. Uma das questões principais do seu trabalho perpassa compreender como locais nos quais se sobressaem a educação não formal – entendida como diferente tanto da educação formal e escolar quanto da educação informal – transparece na história do museu. Outra questão trabalhada é a problematização das identidades representadas no projeto museográfico. Araújo leva a compreender que o projeto identitário envolve também aprofundar o entendimento do que são museus comunitários e eco-museus. Ou seja, de como esses dois conceitos são trabalhados pelos participantes do estudo. Nesse sentido, conclui que o museu não representa todas as identidades presentes na Maré e nem pretende representá-las. Por fim, Araújo comenta que seu projeto esteve associado a uma parceria entre o museu, a UERJ e a Secretaria de Meio Ambiente chamada Projeto DaMaré sem aprofundar em que consistiu exatamente.

A dissertação de Viktor Chagas (2007) aborda através da pesquisa qualitativa como uma “comunidade de *experts*” composta principalmente por ativistas nascidos na região onde surgiram as primeiras habitações do que se tornou a Maré criou um projeto identitário ou uma identidade comum para uma população de mais de 130 mil habitantes fracionados em 16

comunidades. Em 2011, sua dissertação foi publicada pelo periódico *Cadernos de Sociomuseologia*, Com formação em jornalismo busca identificar como ser “mareense” aparece nos meios de comunicação em apropriação pelo grupo desde o início da década de 1980. Analisa o surgimento de rádios, jornais e da TV Maré e um capítulo é dedicado ao museu. A referência ora utilizada é a que trata do capítulo sobre a experiência com a linguagem televisiva. Segundo Chagas, depois de seu trabalho sobre os impactos das tecnologias digitais como o *blog* na produção jornalística era tempo de se familiarizar com as ciências sociais e com movimentos organizativos de base comunitária numa das maiores regiões de favelas cariocas. As primeiras aproximações foram mediadas por seu pai, Mario Chagas, e por encontros em ambientes frequentados em comum com integrantes do Ceasm e Museu como a pós-graduação. Defende que o museu continuou o discurso da tevê, constituindo-se em um meio de comunicação como o jornal “O Cidadão” e a TV Maré.

A comunicação de Lopes & Cortês (2014) fala sobre uma experiência com a pesquisa colaborativa. A proposta previa envolver estudantes da pós-graduação da disciplina Práticas Participativas nas Artes Sonoras e os bolsistas da FAPERJ que atuam no museu e são moradores da Maré. Além de divulgada no trabalho acadêmico, resultou numa exposição e num passeio sonoros por tradicionais bairros cariocas. A metodologia teve como referência proposta similar desenvolvida pelo Metropolitan Art Centre na cidade de Belfast na Irlanda do Norte estando no Brasil sob a supervisão do professor Pedro Rebelo. Segundo o relato, as oficinas que inicialmente foram mais restritas à participação dos estudantes da pós-graduação foram gradualmente sendo apropriadas pelos bolsistas da FAPERJ. Por se tratar de metodologia colaborativa, sua proposta não estava fechada e foi incorporando as sugestões surgidas ao passo em que as aulas e oficinas se desenrolavam. Passaram a contar com entrevistas com moradores, leituras de reportagens sobre a ocupação militar em curso na Maré, oficinas de brincadeiras lembradas pelos participantes nas entrevistas e almoços com os familiares dos bolsistas. Por fim, a exposição que durou três meses integrou a exposição permanente do museu e dentre os muitos aspectos trabalhados esteve compreender os sons cotidianos que remetiam tanto ao universal quanto ao particular de morar na Maré.

Na sequência, Abreu (2012) também sinaliza experimentação metodológica que identifica como “etnografia dos percursos” num artigo que observa como os museus criam novas paisagens e conectam e acendem contextos apagados. No Rio de Janeiro, os lugares dificilmente carregam somente os registros históricos mais aparentes. Por isso, caberia interrogar que história dos lugares contam os museus ou que paisagens relevam em suas narrativas. A “etnografia dos percursos” é abordagem inspirada no *flâneur* benjaminiano, e nela o etnógrafo pode verificar como os museus contam a história de si e dos seus arredores. A pesquisa foi selecionada num

edital da Faperj para estudos em sustentabilidade. As instituições visitadas integram uma amostra com museus de todas as regiões do Rio de Janeiro. À época havia no estado cerca de 300 museus e mais da metade se concentrava na cidade do Rio. Abreu mobilizou uma variedade de profissionais e pesquisadores que utilizando a etnografia criou uma série de produtos, dentre eles um guia virtual dos museus tanto do estado quanto da cidade do Rio de Janeiro reunindo um banco de dados certamente importante para quem busca informações sobre museus. Uma das organizações visitadas foi o Museu da Maré, projeto no qual a autora participa orientando alguns dos bolsistas de iniciação científica. De acordo com Abreu, projetos museológicos como do Museu da Maré e do Museu Vivo de São Bento em Duque de Caxias são propostas sobretudo dedicadas ao propósito de conectar contextos apagados que potencializam a identificação positiva dos moradores com seus lugares. Destaca que as equipes dos museus visitados promovem a ressignificação espacial e um “futuro de memória” para lugares que seriam de outra forma inexistentes.

A comunicação de Medrado *et al.* (2018) é um exemplo no qual universidades, pesquisadores e membros da sociedade civil organizada confluem numa agenda comum de atenção a populações minoritárias através de uma parceria internacional. Financiada pelo Conselho de Pesquisas em Artes e Humanidades do Reino Unido, o caso em exame reuniu pessoas do Reino Unido, Brasil e Quênia em um projeto que promoveu a incorporação de ferramentas digitais em atividades contra violações de direitos humanos. No Brasil, congregou pesquisadores da Universidade Federal Fluminense e “mediativistas”, expressão utilizada pelas autoras para designar os participantes de organizações como Maré Vive, Coletivo Papo Reto e o próprio Museu da Maré (Medrado *et al.*, 2018, p. 4). Em 2019, foi possível atender a um encontro do projeto no museu. Além de visitar a exposição produzida pelas jovens quenianas “Retratos de Marielle” foi possível presenciar intercâmbios entre comunidades africanas e da diáspora africana mediados pelo projeto.

O trabalho de conclusão de curso de Cândido (2018) não se distancia muito em teor do exemplo acima. Focada nos direitos humanos, a autora aponta a importância de desenvolver um ferramental teórico e prático para que direitos positivados se concretizem na vida cotidiana. Sua perspectiva, que ela identifica herdada dos docentes de postura crítica do seu departamento de direito, passou por autores que entendem a educação emancipadora e a arte engajada como partes fundamentais nesse processo. A teoria tradicional sugere a existência dos direitos antes de haver condições de exercê-los, mas Cândido compreende que os direitos são conquistas cotidianas que dependem das ações e escolhas que são em última instância de ordem prática. O projeto de extensão foi uma continuação de um anterior que mapeou as iniciativas envolvendo arte e direito na cidade do Rio de Janeiro. Foi um projeto do Laboratório de

Direitos Humanos da UFRJ e o relato de Cândido se refere às atividades desenvolvidas em 2017. A parceria com o Museu da Maré, objetivou criar diálogos e construir o conhecimento de forma colaborativa com bolsistas da Faperj e outros jovens moradores da Maré com idades entre 13 e 18 anos. Foi pensado para que instrumentos do cotidiano da juventude pudessem contribuir na garantia efetiva de direitos. Um desdobramento do segundo aspecto analisado na literatura em estudo, que foi o desenvolvimento de agendas de pesquisa, o exemplo se enquadra no terceiro e último aspecto analisado por se tratar do resultado de uma parceria. Projetos com a extensão universitária, moradores, órgãos públicos e ONGs são arranjos bem comuns utilizados na Maré para endereçar as demandas das comunidades.

A comunicação de Pereira & Andrade (2011) também se refere às parcerias, desta vez envolvendo a Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro e associações locais. A pesquisa fez parte do treinamento de 44 jovens de 16 a 22 anos moradores da Maré para atuarem como agentes comunitários socioambientais. Desse total, 40 participantes foram indicados pelas associações de moradores e da pesca, 2 foram indicados pela escola onde aconteceu o curso e 2 foram indicados pelo Museu da Maré. O relato da pesquisa traduz uma das formas mais eficazes de sinergia entre diferentes setores, como órgãos do poder público e entidades da sociedade civil organizada com atuação na Maré. Sua potência reside no fato de contar com a participação de atores locais, principalmente jovens – apontados pelas agências de desenvolvimento como personagens-chave para o endereçamento correto dos desafios sociais nas próximas décadas.

Por fim, o livro organizado por Marteleto & Stotz (2009) reuniu textos teóricos, metodológicos e relatos de dois grupos de pesquisa. O grupo em antropologia da informação do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (Ibict) que trabalhou em parceria com a Escola de Comunicação (ECO/UFRJ) e depois com a Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG) e o grupo em educação, saúde e cidadania do Núcleo de Estudos Locais em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz). Embora publicado em 2009, reuniu narrativas de experiências de anos anteriores. Essa característica torna a obra uma das mais interessantes por já naquela época compreender a importância das articulações em rede para o fortalecimento da sociedade civil – uma tendência que só se acentuou nos anos seguintes. Os vários autores que contribuíram com o trabalho falam sobre os entraves burocráticos e institucionais na consolidação de sistemas de informação colaborativos e democráticos e na primazia de haver outras instâncias de validação do conhecimento que não as alicerçadas apenas na academia. Compreendem que o conhecimento em saúde deve integrar a pesquisa e o ensino universitários, serviços de saúde e a sociedade. Nesse sentido, percebe-se que alguns dos principais autores estavam à

época envolvidos com movimentos reivindicatórios nas comunidades da Maré, como o Ceasm, que é a OSC responsável pelo Museu da Maré, e a Rede Maré Jovem.

O GSRank 200 do Museu da Maré e as observações evidenciaram que há pelo menos três grupos de pesquisadores que contribuem para a viabilidade do museu. O primeiro grupo é formado por gestores do museu. Boa parte da literatura estudada e que apareceu no mecanismo de busca foi produzida pelos próprios gestores. É possível que esses sejam a rede à qual se referiu Ísis, principal interlocutora, durante uma das conversas no museu. Quase todos os trabalhos que estavam no Arquivo Dona Orosina Vieira também foram levantados pelo *Harzing's Publish or Perish*. Um segundo grupo seria formado por pesquisadores moradores da Maré. Sabe-se que sua existência é incentivada no museu – e também no Ceasm –, visto que faz um trabalho de fortalecer o sentimento de pertença à Maré com jovens estudantes universitários moradores do bairro. Seu próprio trabalho com os jovens de iniciação científica do ensino médio vai nesse sentido, como Dionísio exemplifica.

Um terceiro grupo são de pesquisadores parceiros externo ao contexto da Maré. Foram os trabalhos mais comuns levantados na pesquisa. Corresponderam ao grupo de documentos escolhidos para exemplificar a importância dos pesquisadores na viabilidade do museu. Alguns desses estudos mostram esse compromisso através da escolha do objeto de estudo, da metodologia, dos procedimentos de coleta de dados e do próprio conjunto de dados estudado. Contribuem para a viabilidade do museu principalmente produzindo discursos respaldados pela comunidade acadêmica legitimando-o como um museu popular de contra-narrativas. Outros desses estudos além de terem como objeto de investigação assuntos relacionados à pauta do museu, como questões identitárias, falam de investimentos e do fortalecimento dentro da pesquisa universitária de setores simpáticos aos projetos populares. Por fim, há pesquisas que se dedicaram a abordar a atuação em rede geralmente envolvendo moradores, organizações da Maré, de outras favelas e órgãos públicos abrangendo temáticas de interesses comuns como a saúde coletiva.

## **2.5 Museu das Remoções: do que fala a literatura?**

Como no caso do Museu da Maré, a bibliografia analisada compreendeu o grupo de registros mais relacionados aos termos de busca (o nome do museu) e o grupo dos registros sobre outros museus de favela. Foram criados dois arquivos Word, o primeiro administrando os metadados e o segundo contendo apenas os resumos e números de suas respectivas fichas. Este serviu para a análise de conteúdo realizada pelo *software* de pesquisa qualitativa. O arquivo de resumos

resultou em 92 fichas. O conjunto documental se refere ao período 2016-2019. 2016 é o ano de criação do museu e 2019 é o último ano do intervalo de tempo coberto pelo estudo.

Essa literatura é proveniente principalmente da antropologia, ciências sociais e sociologia; da museologia; e da arquitetura e urbanismo. Há ainda relevantes trabalhos da história, memória social e patrimônio; da geografia e do planejamento urbano; e das artes. Da análise de conteúdo pode-se afirmar que, como no caso do Museu da Maré, termos como “parcerias”, “parceiros”, “redes”, “colaboração” e “participativo” não são tão frequentes quanto “museu”. Entretanto, seus sentidos envolvem todas as atividades e projetos do museu e mesmo sua semântica. Nesse sentido, convém mencionar que um dos principais trabalhos sobre o museu é de uma das suas “apoiadoras” e também fundadora. Corroborando esse entendimento, em diversas passagens da entrevista, Nice destacou o papel preponderante desses atores na viabilidade das ações que por fim culminaram na criação do museu.

Uma análise exclusivamente da literatura que enfocou o museu e o processo de remoção evidenciou onze temáticas recorrentes, muitas vezes sobrepostas, nos registros do GS Rank 200 do museu. Sobrepostas porque um mesmo trabalho costuma estabelecer relações com diferentes assuntos. A primeira temática aborda o processo de criação do museu destacando seu papel de resistência e crítica ao planejamento da cidade no contexto de preparação para os megaeventos de 2014 e 2016 (Chagas *et al.*, 2018; Ewbank, 2019; Reis, 2019; Saladino, 2018; Santos, 2019; Seldin *et al.*, 2019; Silva, 2017a; Simon & Braathen, 2019; Soares, 2019). Um desdobramento da primeira, a segunda temática explora os valores que orientaram o planejamento urbano da cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1990 conectando como as administrações de César Maia e Eduardo Paes retomaram as principais reformas urbanas ocorridas na cidade do Rio, cujo exemplo paradigmático é a Reforma Pereira Passos (1903-1906) (Ferreira, 2018; Silva, 2017a; Talbot, 2019). O papel da extensão universitária e das redes, como era de se esperar, foi assunto bastante presente principalmente nos trabalhos que tiveram como objeto de estudo a criação do museu constituindo-se na terceira temática identificada (Carvalho, 2019; Reis, 2019; Seldin *et al.*, 2019; Silva, 2017a). Nesse sentido, é importante considerar que mesmo não sendo objeto de interesse desta pesquisa, o plano de urbanização popular apresentado como contraproposta à sua remoção foi fruto da parceria entre a associação de moradores e alguns centros de pesquisa em planejamento urbano de importantes universidades públicas localizadas na cidade como o trabalho de Tanaka *et al.*(2018) documenta.

A quarta temática foi o processo de remoção perpetrado contra os moradores da Vila Autódromo. Esses documentos descrevem a apreensão gerada desde anunciada a vitória do Rio de Janeiro para sediar os megaeventos de 2014 e 2016 até as táticas utilizadas pela prefeitura e seus agentes contra os afetados para gradativamente se apoderar de porções cada vez maiores

do território às margens da Lagoa de Jacarepaguá (Bogado *et al.*, 2019; Ceia & Vasques, 2017; Ferreira, 2018; Liguori & González, 2018; Silva, 2017a). Muita atenção foi dada à descolonização dos museus e ao papel da museologia social nessa empreitada, sendo compreendida como a quinta temática dos registros (Chagas, 2019; Chagas *et al.*, 2018; Murta, 2019; Pires, 2016, 2017; Santos, 2019; Silva, 2017a; Simões, 2017; Simon & Braathen, 2019; Venâncio & Barros, 2019). A apropriação da arte como estratégia de resistência, o que envolveu os “ocupas” e outras manifestações organizadas pela comunidade e seus apoiadores, é a sexta temática presente. Nesse sentido, a arte foi inquirida a tornar-se “ferramenta de luta” – nos termos de Nice (Carvalho, 2019; Pires, 2017; Santos, 2019; Silva, 2017a).

A preocupação com a disseminação do conhecimento acumulado com a experiência de remoção e resistência dos moradores da Vila também foi perceptível nos documentos constituindo-se na sétima temática explorada na bibliografia (Bogado, 2019; Carvalho, 2019). Muito se falou acerca de legado s benéficos das grandes obras para os moradores da cidade, como salienta Lima (2013), e a crítica a esse suposto legado é a oitava temática abordada (Nunes, 2016; Talbot, 2019). Fazendo justiça à fama de cidade maravilhosa, segundo a literatura em exame, a preparação do Rio de Janeiro mobilizou as tecnologias de comunicação como nunca antes. Os trabalhos que enfocaram nas estratégias de comunicação integram a nona temática (Aguiar, 2018; Barre, 2016; Carvalho, 2019). A décima temática explorou a relação entre colonialismo, antropologia e museus (Lima Filho *et al.*, 2016; Vieira, 2019). Por fim, a décima primeira temática referiu-se ao cuidado com o outro e o contexto-limite das remoções foi o cenário escolhido pela autora para realizar algumas ponderações na perspectiva dos Women’s Studies (Ribas, 2018).

Desse modo, não sem novidades o museu passa a integrar uma museologia política que antes dos megaeventos já questionava as políticas de urbanização e habitação e via no controle dos processos museais uma forma de fortalecer os vínculos com sua comunidade e de valorizar suas memórias. A resistência à remoção e documentação das táticas infligidas pelo poder público constituem-se no maior legado de um dos mais novos espaços museais insurgentes no contexto carioca.

## **2.6 O que diz a literatura do Museu das Remoções sobre parcerias e redes com pesquisadores**

Os registros também abordam o conteúdo de interesses deste estudo, ou seja, comentam a importância dos pesquisadores na viabilidade do museu e da sua missão institucional. Termos como “pesquisa”, “pesquisadores”, “universidades”, “extensão”, “apoio”, “parceria”, “redes”, “participação”, “participativa”, “projeto”, “pesquisar”, “trabalho” e “estudo” apareceram com



relativa frequência. “Pesquisar”, “estudar” e “projeto” aparecem bem posicionadas no *ranking* demonstrando que foram mencionadas no conjunto de registros reiteradas vezes. “Pesquisar” apareceu 41 vezes ocupando a 24ª posição no *ranking*. Os trechos selecionados abaixo se referem a menções para os termos “pesquisa” e “pesquisador”.

Verifica-se a contribuição ou participação dos pesquisadores a partir de várias frentes que antecedem a criação do museu. Nesse sentido, o envolvimento com o museu é herdeiro da mobilização em prol da permanência da Vila durante os anos anteriores que foram os de preparação da cidade para os megaeventos. Mas, entende-se que a simples escolha do objeto de estudo que busca criar interlocução com os moradores de favela e descrever suas perspectivas contribuiu para a viabilidade do museu. Entretanto, nada impede o compromisso de ir além. Nesse sentido, os documentos apresentados revelam tanto abordagens imersivas como a pesquisa-ação e a etnografia quanto abordagens panorâmicas como a geográfica e a estatística. Mas, isso não quer dizer que perspectivas imersivas como a pesquisa-ação não foram também panorâmicas. Nesse pequeno conjunto de referências, tanto abordagens imersivas quanto panorâmicas foram empregadas por pesquisadores com grau forte de envolvimento com o museu ou com as correntes críticas da museologia.

Na introdução de sua tese Silva (2017) destaca a relevância da Museologia Social e das metodologias de pesquisa participativas. Graças à junção entre as duas foi possível realizar seu trabalho na Vila Autódromo. A tese aborda o processo de criação do Museu das Remoções e as mudanças na gestão das cidades que, no caso do Rio de Janeiro, culminaram com a realização dos eventos Copa Fifa de Futebol de 2014 e Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Nesse sentido, sua abordagem é bastante histórica e panorâmica ao explicar como as transformações tardias no capitalismo mudaram o paradigma de governo das cidades e como esse movimento se manifestou em países como o Brasil. Da mesma forma, é também imersiva por resultar de um trabalho participativo no qual a extensão universitária exerceu um papel importante. A proposta do museu vincula-se à Museologia Social porque se insere dentre os museus de contranarrativas, como vêm sendo identificados os museus localizados em favelas ou em locais onde comunidades disputam a posse da terra muitas vezes com o próprio poder público. Além disso, Mário Moutinho participou da banca de defesa de Silva juntamente com Mario Chagas, de modo que a vinculação com a Museologia Social ou Sociomuseologia, como no caso de Pereira (2018), é bastante evidente.

No capítulo sobre a metodologia, a autora questiona a pretensão de neutralidade científica e defende a conexão da pesquisa com a vida cotidiana, de onde acredita surgir aprendizagens verdadeiramente duradouras e compromissadas com a vida. Por isso, define sua pesquisa como pesquisa-participativa e pesquisa-ação na qual prevaleceram processos horizontais de produção

de conhecimento. Temporalmente, foi conduzida durante o período de preparação da cidade para os eventos tendo como terreno a Vila Autódromo, sendo o primeiro estudo sobre o museu. Como hipóteses de pesquisa Silva defende, dentre outras, que as lutas sociais contemporâneas se destacam pelo uso intensivo da criatividade e pela organização em redes. Defende ainda que a luta dos moradores da Vila Autódromo é um exemplo da resistência contra o modelo de urbanização hegemônica das cidades.

Em seu artigo, ao fazer suas perguntas de pesquisa, na relação que estabelece com seu principal interlocutor e sua abordagem metodológica, Carvalho (2019) deixa explícito uma tomada de posição a favor da expressão de sujeitos cujas existências foram dramaticamente estremecidas pelos preparativos para os megaeventos. No início do texto, comenta que ficou sabendo da luta dos moradores da Vila através dos perfis do *Facebook* de amigos apoiadores do museu e explica como gradativamente se tornou ela também uma eventual colaboradora. Pôde a autora através da etnografia trabalhar sua pesquisa destacando o uso político de meios comunicacionais e problematizando o processo de criação das narrativas imagéticas como a fotografia. Documentou a preparação colaborativa da exposição itinerante “Imagens de Memória e de Luta” a partir dos registros audiovisuais de um dos diretores do museu e questionou o “público” da sua curadoria compreendendo por fim que tinha por propósito circular entre grupos igualmente afetados por processos de remoção de modo a criar solidariedade e redes de apoio mútuo. Foi uma pesquisa que destacou a tomada do protagonismo autoral através do controle do conhecimento técnico-artístico acompanhando o diretor no processo de tornar-se fotógrafo e criador de registros audiovisuais.

A comunicação de Aguiar (2018), que resulta da pesquisa para seu TCC em geografia, fala sobre uma psicosfera descendente criada durante os anos de preparação para os megaeventos responsável por criar uma aura de legitimação para o planejamento urbano em curso no período - uma aura de justificação resultante do avanço informacional recente. Recursos informacionais foram espetacularmente mobilizados por setores hegemônicos do poder público e entre as grandes empreiteiras, costumazes beneficiárias da especulação imobiliária. Já afetados pelas remoções, como os moradores da Vila Autódromo, teriam acesso desigual aos meios de representação. Por isso, produziram informação através de círculos ascendentes, incorporando conquistas comunicacionais como o uso de *blogs* e das redes sociais sem abdicarem de meios mais tradicionais de fazer pressão política como a organização de passeatas e protestos em vias públicas e a confecção de jornais comunitários. O surgimento do próprio museu teria o propósito de dar visibilidade para o que se passava com a comunidade. A seu acervo foram sendo acrescentados os registros audiovisuais criados ao longo desse processo. Aguiar comenta que seu contato com a equipe do museu esteve associado às atividades do Programa de Educação

Tutorial (PET) do seu departamento que promoveu visitas aos eventos da Vila Autódromo criando as oportunidades para que viesse a desenvolver sua pesquisa junto à equipe do museu.

A participação dos pesquisadores na viabilidade do museu pode ser identificada de diversas formas. Como no caso do Museu da Maré, as observações indicaram que pesquisadores podem ser os gestores moradores que têm publicado sobre a experiência de resistência contra a remoção e sobre o trabalho que conduzem no museu. Há pelo menos o caso de uma moradora da Vila que é diretora do museu e também autora. Podem ser também apoiadores membros da equipe não moradores e podem ser apoiadores eventuais que contribuem com a viabilidade do museu principalmente através da sua pauta de pesquisa. Nas observações, foi possível acompanhar duas pesquisadoras apoiadoras eventuais que promoviam uma tarde de autógrafos de uma obra recém-publicada que questionava o plano estratégico da prefeitura para a preparação dos megaeventos. Os recursos arrecadados foram destinados aos projetos do museu. Ao promoverem a publicação em evento do museu, como faria em algum espaço acadêmico ou numa livraria de renome, reforçaram-no como lugar de cultura. Ainda que o dinheiro das vendas seja importante para a viabilidade das atividades do museu, as autoras contribuem com o projeto principalmente por endossarem o discurso dos moradores afetados pelo planejamento urbano recente e por fazerem esse discurso circular através dos espaços de divulgação científica e entre formadores de opinião.

Durante as entrevistas, Nice aludiu a vários nomes de apoiadores do museu. Alguns deles apareceram também no conjunto documental GSRank 200. A coordenadora da extensão cofundadora do museu estava entre esses nomes. O caso mais emblemático da importância dos pesquisadores está na assessoria do núcleo de planejamento urbano que criou com a associação de moradores o plano popular de urbanização da vila, fundamental para entender como as políticas de urbanização podem ser mais participativas e comprometidas com a ética nos gastos públicos (Tanaka *et al.*, 2018). Contribuições mais modestas não são menos significativas. Estudos validados pela comunidade científica que com justiça promovem a polifonia contribuem para romper a invisibilidade dos afetados pelos projetos de desenvolvimento, muitas vezes, silenciados diante da aceitação irrefletida de que uma minoria não pode interferir nos ganhos da maioria. Nesse sentido, o conjunto documental faz justiça no retrato que cria para a comunidade da vila e sua luta pelo direito de habitar com dignidade e pelo direito a ter voz.

## **2.7 Museu de Favela: do que fala a literatura?**

O GSRank 200 do Museu de Favela resultou num conjunto de 132 resumos/excertos. É formado por documentos de autores oriundos principalmente da museologia, antropologia, sociologia e ciências sociais; da arquitetura e urbanismo; e da história. Há ainda contribuições relevantes do turismo, da psicologia, do design e da comunicação social. Como era de se esperar, “museu” é a palavra mais frequente correspondendo a 2,51% do total de palavras mapeadas. Pela primeira vez um dos termos de interesse do capítulo aparece entre as 10 palavras mais mencionadas ocupando a 8ª posição juntamente com a palavra “comunidade”. “Morador” também foi palavra bastante frequente, mas dessa vez não consta no *ranking*. Aparece na 13ª posição seguida por “turismo” no 14º lugar.

A análise manual dos documentos ressaltou assuntos recorrentes no arcabouço bibliográfico especificamente sobre o museu que podem ser vistos a partir de dez temáticas, não sendo incomum que mais de uma temática se fizessem presentes nos registros. Os primeiro aspecto enquadrado foi o consumo digital tanto a partir do estudo dos hábitos digitais de moradores do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho quanto da incorporação dos seus achados aos recursos tecnológicos disponibilizados pelo museu (Machado, 2017b, 2017a; Machado & Soares, 2018). A segunda temática destacou o processo de criação do museu e suas características como ser o primeiro museu de território num conjunto de favelas e ter como principal acervo painéis de *graffiti* (Moraes, 2011; Nakato & Jorente 2017; Portilho, 2016; Rodrigues, 2015; Santos, 2014; Silva & Pinto, 2012). A terceira temática envolve o interesse central do capítulo, que são as redes e parcerias firmadas com o museu (Carvalho, 2015; Carvalho, & Souza, 2017; Ferreira, 2014; Gamba Júnior, & Coutinho, 2015; Joseph, 2012; Machado, 2017b; Machado & Soares, 2018; Moraes, 2011; Rodrigues, 2015; Santos, 2014).

Uma das características que diferencia o museu dos demais interlocutores é sua proposta de turismo integrada ao projeto museológico. O projeto de turismo cultural de base comunitária foi a quarta temática identificada na bibliografia (Fagerlande, 2015, 2017; Moraes, 2010b, 2010a; Rego-Fagerlande, 2018; Silva, 2012). Os trabalhos com a rede de artesãs envolvendo o design participativo é a quinta temática de destaque (Coutinho, 2016; Gamba Júnior & Coutinho, 2015). As obras do PAC-Favelas e outras obras de infraestrutura nas comunidades são talvez um dos assuntos mais pertinentes para entender a história recente do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e a sinergia envolvida na criação do museu. A urbanização das favelas foi então enquadrada como a sexta temática da bibliografia (Moraes, 2011; Portilho, 2016). A sétima temática ressaltou que mesmo tendo o Circuito das Casas-Telas ganhado destaque pela relação que o projeto museológico tem com o turismo, alguns autores destinaram o enfoque de seus trabalhos exclusivamente para a relação entre *graffiti* e patrimonialização (Rodrigues, 2013, 2015; Silva & Pinto, 2012). A oitava temática explora nuances da metodologia utilizada pela equipe e

parceiro nos projetos de memória social a partir da Premiação Anual Mulheres Guerreiras (Carvalho, 2015; Carvalho & Souza, 2017; Coutinho, 2016). A nona temática lembra que mesmo sendo a Museologia Social exaustivamente referenciada nos textos lidos, alguns dos trabalhos refletiram somente sobre seu florescimento no Brasil (Almendra, 2016; Possamai, 2010; Simões, 2017). Por fim, a décima temática explora como a pauta das questões identitárias como as sexualidades não normativas foram incorporadas à agenda do museu (Baptista & Boita, 2017).

## **2.8 O que diz a literatura do Museu de Favela sobre parcerias e redes com pesquisadores**

“Pesquisar” apareceu 109 vezes ocupando a 8ª posição no *ranking* e o vocábulo será examinado a partir de sete aparições. Os trechos selecionados, de maneira geral, falam sobre desenvolver pesquisas colaborativas ou participativas expressando desejo de ouvir e compreender através de posturas ativas e compromissadas. Abordam ainda a opção por objetos de estudos em crescente apreciação crítica como o *graffiti*, que embora viva um processo de artificação, não está totalmente consolidado no mundo das artes (Liebaut, 2012; Shapiro & Heinich, 2013). Ou seja, adotam esses pesquisadores atitudes políticas que valorizam a experimentação metodológica e quebram paradigmas na maioria dos campos do conhecimento.

O primeiro exemplo é a comunicação de Langone *et al.* (2015). O texto relata um dos trabalhos realizados através de parceria entre gestores do museu e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) através do Núcleo Interdisciplinar de Subjetividade, Memória e Cultura (Nimesc). O projeto previa o desenvolvimento de produtos artesanais a serem postos à venda na lojinha do museu. A metodologia utilizada integra o chamado *design* colaborativo. Ou seja, as oficinas não foram realizadas para transmissão técnica, porque o processo de criação sendo participativo deve absorver contribuições de todos os envolvidos e os profissionais do *design* seriam facilitadores desse processo de compartilhamento do conhecimento. Os autores comentam que os produtos vendidos na loja embora uma produção dos artesãos locais poderiam incorporar mais identificação com o circuito expositivo do museu e a parceria com o Nimesc contribuiria no processo de identificar signos visuais para a produção. Para a comunicação, os autores apresentaram o exemplo da caixa d’água. O objeto escolhido por participantes das oficinas através da “metodologia de percurso” é bastante visível na favela e foi associado à origem de parte dos moradores das comunidades – os migrantes nordestinos. A caixa d’água passou então a ser representada no trabalho dos artesãos como um símbolo da identidade do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.

A comunicação de Fagerlande (2016) não é especificamente sobre o museu. O arquiteto argumenta que as obras de infraestrutura tiveram impactos positivos nas comunidades. Refere-

se principalmente às estruturas de mobilidade, o arruamento e o elevador-mirante acrescentadas as já existentes. Nesse sentido, interroga se facilidades de acesso fizeram aumentar a estrutura turística nas favelas. Dados do autor, que são de 2014, revelaram que havia 19 albergues na área do PPG. Desses, 12 estavam localizados no interior das comunidades e 7 se localizavam na Rua Saint Romain, que é sua a via de acesso mais tradicional e margeia o Pavão-Pavãozinho. Os albergues surgidos no interior seguiam a mesma tendência de localização desse tipo de estabelecimento nas demais áreas do Rio, ou seja, estavam próximos às principais vias internas garantindo ligação rápida ao elevador-mirante e ao elevador do CIEP.

Fagerlande também está interessado em saber se a estrutura turística recém-criada é de iniciativa dos moradores das comunidades ou se são de investidores externos. Revela que tudo levava a crer que boa parte desses estabelecimentos foram investimentos dos próprios moradores, que seriam também beneficiados com a incorporação das comunidades na atividade turística. A localização, a vista das paisagens marítimas e o convívio social com os moradores são apontados como fatores que levariam turistas a escolher hospedagem nas comunidades. A literatura trabalhada pelo autor diz que a incorporação das favelas nos roteiros turísticos se dá desde a época da ECO-92 e que a participação das próprias comunidades nas atividades sempre foi uma expectativa. Cita o caso do projeto desenvolvido pelo MUF como exemplo bem-sucedido de turismo cultural de base comunitária. Entretanto, apesar do crescimento, conclui que a atividade turística ainda não garante geração de renda significativa.

A comunicação de Coutinho & Gamba Junior (2018) é ainda sobre a parceria com o Nimesc que congregou tanto pesquisadores de psicologia quanto de arte e design da PUC-Rio, mas agora desenvolvia para outra ação do museu. O projeto, que também foi objeto de estudo da dissertação de mestrado de Coutinho, resultou no material expositivo da premiação anual Mulheres Guerreiras promovida pela equipe do museu para homenagear mulheres moradoras das comunidades. No *paper* os autores abordam que o processo de criação foi realizado em 17 oficinas organizadas nas fases conceitual, prática, prototipagem, materialização, mutirão de confecção e entrega da exposição. Segundo os autores, a metodologia utilizada, como no projeto anterior, envolveu elementos colaborativos incorporando os “repertórios” culturais das artesãs que escolheram os assuntos representados e exploraram suas dimensões estéticas através de técnicas como o fuxico, o bordado, a colagem etc.

O artigo de Machado (2015), por sua vez, relata a experiência com o curso de extensão sobre consumo digital desenvolvido nos anos 2012 e 2013 através do Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada (Lupa) da Eco-UFRJ. Chamado Rio Geração Consciente foi multisituado acontecendo simultaneamente na Maré, no Cantagalo e em Manguinhos. Contou com as parcerias da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (Sedes), da Fundação

Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do Pronasci. Em cada localidade houve uma organização comunitária anfitriã. No Cantagalo foi o Museu de Favela. Além de desenvolver uma proposta teórica com os extensionistas que colocou em diálogo a comunicação e a antropologia, a pesquisa mapeou no PPG os hábitos digitais de 400 moradores com idade de 18 a 30 anos.

O objetivo principal foi conhecer o cotidiano de consumo digital para melhorar o relacionamento do museu com os moradores jovens. A pesquisa constatou que a comunidade estava em crescente processo de inclusão digital. Nesse sentido, o fechamento das *lan houses* coincidia com a popularização do acesso ao *smartphone* e do acesso à internet. De posse dos dados, o projeto propôs ao museu o desenvolvimento de alguns recursos digitais como criação do perfil e de *hashtags* no Twitter e Instagram. O perfil no Instagram foi idealizado para tornar as práticas de memória mais colaborativas incorporando registros fotográficos e narrativas da juventude. Os extensionistas também trabalharam na construção da revista digital e do *hotsite* do museu e na transferência do conhecimento para que a equipe desse continuidade ao trabalho de comunicação digital. Os dados de Machado integraram uma pesquisa maior coordenada pelo antropólogo inglês Daniel Miller sobre hábitos digitais de populações em Trinidad e na Inglaterra, Indonésia e China.

A tese de Carvalho (2015) é de forma paradigmática uma reflexão sobre questões teóricas-metodológicas presentes nas pesquisas em ciências humanas com ênfase em memória coletiva. Uma boa parte do seu trabalho, que a psicóloga define como uma pesquisa-intervenção, é dedicado a mostrar a complexidade envolvendo criar a parceria entre Nimesc e museu. Nesse sentido, uma das questões mais ilustrativas desse esforço foi a expectativa de financiamento do projeto e a previsão da remuneração do pessoal necessário para conduzi-lo. Trouxe importantes ponderações sobre formas pelas quais se perpetuam as hierarquias sociais quando nos critérios se sobressaem elementos como a formação acadêmica e profissional. O trabalho que resultou na tese foi conduzido ao longo de dois anos. Primeiramente, a equipe do Nimesc acompanhou a abordagem da curadora de memórias para a edição do prêmio Mulheres Guerreiras de 2012 para, por fim, em 2013 trabalharem juntas numa nova metodologia de coleta dos relatos das mulheres participantes da premiação. Carvalho discorre sobre diversos desafios de adotar uma postura aberta aos acontecimentos, construtivista e colaborativa revelando em muitos momentos os conflitos daí surgidos. Como resultado da parceria houve a Premiação Mulheres Guerreiras de 2013 e a confecção da exposição temporária a partir do design colaborativo que foi documentado por Coutinho & Gamba Junior (2018). Resultou também no livro impresso e no *audiobook* compartilhando a metodologia do trabalho que é certamente um divisor de águas (Carvalho *et al.*, 2016).

No artigo de Rodrigues (2013) o objeto de estudo é o emprego do *graffiti* no percurso expositivo do museu. A autora enfocou a associação entre turismo e *graffiti* apresentando seu uso nas revitalizações urbanas e nos circuitos culturais das cidades. Entrevistou artistas de cidades do Rio de Janeiro e traçou um perfil do estilo de vida dos adeptos. A autora, que foi extensionista no projeto de turismo do museu, retornou no ano seguinte ainda como bolsista de graduação no PET para desenvolver atividades extracurriculares e deu continuidade a esse envolvimento com a pesquisa de mestrado financiada pela Capes. Por um lado, vê-se que seu envolvimento com os projetos do museu encontrou respaldo na estrutura de financiamento tanto da graduação quanto da pós-graduação. Por outro lado, percebe-se um aprofundamento na relação que desenvolve junto aos moradores das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e à equipe do museu.

De maneira geral, percebe-se que o arranjo de parcerias no conjunto documental levantado sobre o Museu de Favela é bastante referenciado levando a crer que fazem parte da sua institucionalidade. Essas parcerias envolvem dinâmicas como tornar possível a reutilização das tecnologias adquiridas, possibilitar o intercâmbio de experiências e maximizar o uso dos recursos disponíveis. Nesses arranjos, percebe-se uma grande importância atribuída aos processos de produção do conhecimento. Ainda que nenhum projeto pudesse ser plenamente realizado sem aportes de recursos de ordem financeira – e a equipe parece estar bastante consciente disso –, o capital humano certamente se sobressai. Além disso, esse modelo permite conduzir com graus elevados de pertinência tanto para a agenda das políticas públicas quanto para a agenda da pesquisa e da extensão universitária, estudos em profundidade sobre grupos sociodemográficos dificilmente acessados de outra forma.

De acordo com as observações, a entrevista com Erato e os documentos analisados, como no Museu da Maré e no Museu das Remoções, pesquisadores autores podem ser membros da equipe gestora do museu, parceiros nos projetos não moradores e pesquisadores que escolheram o museu, um de seus projetos ou a comunidade como objeto de estudo sem desenvolver parcerias com a equipe. Diferentemente dos casos anteriores, optou-se por destacar principalmente os trabalhos de pesquisadores parceiros não moradores, porque o estímulo para analisar como contribuem para a viabilidade do museu surgiu das visitas ao projeto no PPG. Conforme já comentado, a equipe disponibilizou no *site* uma relação dos trabalhos produzidos sobre e também em parceria com o museu. Além disso, desde o início os projetos com a extensão universitária são significativos para compreender o sucesso da equipe rendendo resultados produtivos e multiplicadores.



## 2.9 Conclusão

O capítulo buscou identificar o estado da arte sobre os museus no aspecto importância das parcerias com pesquisadores para a viabilidade e sustentabilidade dos museus. Para isso, a metodologia adotada passou por dois momentos. O primeiro foi o exame bibliométrico da produção acadêmica sobre os museus interlocutores e o segundo foi a análise que privilegiou o conteúdo dessa bibliografia. Utilizando o *software Harzing's Publish or Perish* foi possível formar um banco de dados com quase três mil registros para as expressões-chave. Haver tanta publicação sobre os museus e assuntos correlatos foi uma surpresa, especialmente porque o Museu das Remoções tinha apenas quatro anos de existência quando o levantamento foi feito. Utilizando o critério de relevância, foram selecionados os documentos até a 200ª posição mais relacionados aos termos de busca para cada museu no universo de quase três mil registros. Cada grupo de documentos foi chamado de GSRank 200.

A primeira seção do capítulo abordou a distribuição desses documentos ao longo do período 2006, ano de inauguração do Museu da Maré, a 2019, último ano a que se refere a pesquisa. Os dados foram apresentados de modo a ressaltar o ritmo da publicação ano a ano, a evolução das publicações somadas dos três museus a cada ano e as tipologias documentais que com mais frequência tinham os termos de pesquisa como assunto. As seções seguintes buscaram descobrir qual era a agenda de pesquisa desses três conjuntos de documentos. Com uma base parcial na metodologia desenvolvida em Pinheiro *et al.* (2017), cada documento foi acessado nos repositórios. O resumo ou, na falta deste, trechos que aludiam ao museu foram copiados. Esses dados foram inseridos numa ficha catalográfica contendo informações como título do documento, disciplina, tipologia documental, dentre outros. A partir desse arquivo Word criou-se outro contendo apenas a numeração de cada ficha e o resumo. Esse arquivo foi analisado com *software* de análise qualitativa para que fossem mapeados os conteúdos a partir da frequência de palavras.

Do conjunto documental do Museu da Maré, constatou-se que a maior parte da produção era proveniente das áreas museologia, história e memória social. Em termos de conteúdo, trabalhos como o de Viktor Chagas (2007) em boa medida destacou que o museu comunica uma versão da história discordante da história oficial sobre a Maré, estando muitas vezes a função de comunicar antes da função de preservar. Outros trabalhos, como o de Freire-Medeiros (2006), Chagas e Abreu (2007) e Vieira (2007), ressaltaram o protagonismo dos moradores na construção do museu legitimando-o como verdadeiro museu de favela e diferenciando-o de outras iniciativas que seriam *top-down* e uma imposição do poder público. A agenda dos pesquisadores autores revelou a vontade de fortalecer o projeto do museu e ao serem publicadas ou

disponibilizadas contribuíram para esse fortalecimento tornando os discursos emanados das organizações e dos moradores das favelas mais legítimo.

Desse modo, a importância das parcerias e redes com pesquisadores para a viabilidade e sustentabilidade do museu através de recursos como frequência de palavras não retornou resultados muito contundentes, pois seus sentidos podem não aparecer concentradas no pequeno contexto onde está o vocábulo ou pode aparecer através de vários outros termos além de “pesquisa”, que foi a escolha efetuada. Podem também não aparecer concentradas nos resumos ou trechos selecionados sendo seu sentido apreendido no texto como um todo. Entretanto, houve trechos que consoante esses critérios mereceram atenção e mostraram compromissos das pesquisas com a viabilidade do museu. Por exemplo, alguns pesquisadores deixaram bem claro que pretendiam contribuir para encontrar vozes dissidentes e abordagens que fizessem compreender como o museu participava na desconstrução do discurso oficializado sobre a favela e que isso poderia passar por questões como a escolha dos métodos de pesquisa (Araújo, 2012, 2017). Houve um documento, por exemplo, que revelou pesquisadores buscando produzir não apenas para a divulgação científica, mas também para a apreciação de públicos não acadêmicos criando uma exposição e um “passeio sonoro” percorrendo bairros do Rio de Janeiro (Lopes & Cortês, 2014). Desse modo, mesmo pesquisadores parceiros eventuais que não são nem da equipe nem moradores contribuíram em diversas gradações com a viabilidade dos museus ao endossarem suas pautas e ao destacarem a relevância social do seu surgimento.

Outra passagem foi na mesma direção ao comentar um projeto financiado com recursos do Reino Unido para pesquisas sobre o uso das tecnologias digitais que problematizaram a marginalização social no Brasil, no Quênia e no próprio Reino Unido (Medrado *et al.*, 2018). Ainda houve resumos/excertos que falaram sobre parcerias entre pesquisadores, órgãos públicos e moradores participantes dos projetos do museu que tinham como finalidade o diagnóstico das condições ambientais e ecológicas na Maré. Esse mesmo tipo de parceria apareceu em outro resumo que explicou a formação de redes na área de saúde pública envolvendo ONGs, como o museu, pesquisadores, órgãos públicos e moradores de diversas favelas na mesma região da Maré (Marteleto & Stotz, 2009).

O conjunto documental referente ao Museu das Remoções se localizou principalmente nas disciplinas antropologia, museologia, ciências sociais, sociologia e arquitetura e urbanismo. Parte da literatura falou sobre as remoções e não exatamente sobre o museu, destacando a relação entre o despertar da política da remoção e a preparação das cidades para os megaeventos de 2014 e 2016. As remoções foram a política posta em prática para lidar com as autourbanizações em diversas capitais. Ainda que no caso do Rio de Janeiro estivessem dormentes dando lugar ao entendimento de que as favelas deveriam ser urbanizadas ao invés de removidas e

demolidas, foram retomadas pela prefeitura. Mas, a literatura também falou sobre o museu associando-o aos movimentos Nova Museologia e Museologia Social. Ressaltou que o museu é resultado da luta pela permanência e os moradores seus criadores são elogiados por tomarem para si a responsabilidade de salvaguardar a memória do processo de remoção num contexto tão marcante quanto a Reforma Pereira Passos no século XX (Silva, 2017a).

Os vocábulos manejados para endereçar a importância das parcerias e redes com pesquisadores na viabilidade e sustentabilidade do museu apareceram bem posicionados na frequência de palavras. Os autores utilizaram um vocabulário em muitos sentidos similar ao que vem sendo utilizado neste estudo, ainda que as referências às redes e parcerias ou as conotando excedam o exame estatístico da frequência de palavras. Os poucos trechos selecionados revelaram por um lado abordagens imersivas como a pesquisa-ação (Silva, 2017a) e a etnografia (Carvalho, 2019) e por outro lado abordagens mais panorâmicas (Aguar, 2018). Em todos os casos a escolha do objeto de estudo endossou o intuito de garantir o direito de setores não representados a utilizar ferramentas como a tecnologia museu e a comunicação para denunciar assimetrias de poder envolvidas quando confrontam o Estado e populações que estariam contrariando o interesse público (Lima, 2013). O que se viu foi a pesquisa não ensimesmada e desconectada das reais demandas sociais do presente divagando sobre assuntos que só fazem sentido para restritos grupos, mas a pesquisa em sintonia e a serviço das demandas de um país em desenvolvimento. Desse modo, houve um compromisso mais geral comum aos autores comentados de endossar as reivindicações canalizadas pelo museu através da pesquisa. E além desse compromisso, houve também o de autores que são participantes do projeto, ainda que não moradores da Vila Autódromo, como a arquiteta e urbanista cofundadora do museu que utilizou a pesquisa-ação como abordagem.

As observações feitas no museu permitem afirmar que os pesquisadores não apenas aparecem esporadicamente, coletam dados, escrevem textos herméticos divulgados para a comunidade científica e retornam para suas rotinas nas universidades. Boa parte dos pesquisadores que escreveram sobre o museu é também apoiador do museu, fundador do museu, esteve na linha de frente do trabalho pela permanência urbanizando a vila, ocupando-a com atividades, denunciando abusos, auxiliando na construção do plano popular de urbanização da comunidade, aparecendo em passeatas e protestos em frente à prefeitura e ajudando no trabalho de convencimento das instâncias decisivas (Tanaka *et al.*, 2018).

O conjunto documental do Museu de Favela provém principalmente das disciplinas museologia, antropologia, sociologia, ciências sociais, arquitetura e urbanismo e história. Um primeiro grupo de estudos destacou exatamente as parcerias entre universidade, gestores do museu e moradores das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho (Santos, 2014). Houve

ainda produções que abordaram como a implantação da UPP, as obras de infraestrutura e a preparação para os megaeventos contribuíram para a existência do museu. Dentre os trabalhos, alguns abordaram especificamente a relação entre esse conjunto de obras públicas e o surgimento do seu projeto de turismo comunitário do museu e outros sugeriram que as obras de infraestrutura contribuíram para dinamizar setores econômicos existentes nas favelas como a infraestrutura turística (Fagerlande, 2015, 2016; Moraes, 2011; Rego-Fagerlande, 2018).

As pesquisas sobre parcerias entre universidades, equipe do museu e moradores abundaram e foram essas experiências conhecidas durante os meses iniciais do trabalho de campo que motivaram escrever um capítulo sobre o assunto a partir do exame da literatura. O Museu de Favela mantém no seu *site* uma lista dos trabalhos realizados com/sobre o museu. A leitura desse material sugeriu que os arranjos produzidos ali poderiam explicar parte das suas dinâmicas de redes e parcerias e tais arranjos poderiam se repetir nos demais museus interlocutores. Os fatos mostraram que não estando essa suposição exatamente errada, os arranjos de parcerias nos museus podem se dar em diferentes formatos, intensidades e níveis.

Uma dessas publicações tratou da parceria com o núcleo de publicidade de uma universidade. Um dos passos da pesquisa foi sondar os hábitos de consumo digital de cerca de 400 moradores das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Esses resultados ajudaram tanto a desenvolver produtos de comunicação e publicidade do museu como a alimentar uma pesquisa maior sobre o mesmo assunto envolvendo o Brasil e outros quatro países. O arranjo foi estabelecido via extensão universitária e a coordenadora do projeto trabalhou nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e em outras favelas da cidade. Além de obterem resultados concretos como o *hotsite* e a revista digital, os gestores do museu tiveram acesso a novas ferramentas de comunicação e boa parte dessa experiência foi relatada em publicações científicas (Machado, 2017b, 2017a).

Outra publicação resultou da parceria com o Nimesc da PUC-Rio. Atendendo uma demanda identificada pela equipe do museu, as pesquisadoras desenvolveram com as participantes do projeto o trabalho de registrar histórias de vida de outras mulheres. Como resultado, surgiu a edição de 2013 do prêmio anual Mulheres Guerreiras, foi escrita uma tese de doutorado relatando a experiência e a curadora de memória do museu juntamente com as pesquisadoras escreveram um livro compartilhando a metodologia (Carvalho *et al.*, 2016; Carvalho & Souza, 2017). Por fim, houve um exemplo similar envolvendo a mesma parceria, mas dessa vez com pesquisadores do design e a rede de artesãos do museu que juntos desenvolveram produtos explorando possíveis ícones espaciais do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. A produção foi posta à venda na loja do museu e o trabalho documentado em artigos e numa dissertação de mestrado (Coutinho, 2016; Gamba Júnior & Coutinho, 2015). Todos esses casos seguiram uma estrutura

que perpassou fases como formalização das parcerias com os professores e estudantes da graduação e pós-graduação, o desenvolvimento dos projetos com resultados positivos para os todos os envolvidos, dentre eles a publicação de pesquisas, algumas assinadas em coautoria com membros da equipe do museu.

Desse modo, no que tange aos principais interlocutores, a equipe do Museu da Maré, o capítulo enfocou principalmente a contribuição dos pesquisadores parceiros eventuais na viabilidade dos museus examinando a literatura publicada que mencionou os arranjos que tornaram possíveis as pesquisas. Mesmo nessas parcerias, os moradores são para os autores atores paradigmáticos e fundamentais. Isso significa dizer que houve um grande interesse pela opinião dos moradores de favela e considerável preocupação em representá-la de maneira fidedigna. Portanto, os pesquisadores compartilham com as equipes o mesmo ethos de tornar os discursos sobre as favelas mais plurais desenvolvendo metodologias colaborativas, flexíveis e ajustáveis às demandas surgidas durante o percurso de produção do conhecimento.

Esse ethos é intrínseco a todos os projetos, mas é um aspecto que merece destaque principalmente no Museu da Maré, porque é a grande referência da Museologia Social nacional (quicá internacional), é o museu-mãe dos demais e porque é herdeiro das práticas de educação do Ceasm. Tal constatação não advém somente da literatura, mas também das observações e entrevistas. Por exemplo, o museu desenvolve com estudantes do ensino médio um projeto de iniciação científica e um dos seus egressos, atualmente estudante da graduação, foi contratado para trabalhar num dos projetos do museu e futuramente pretende abraçar a carreira acadêmica. Pesquisadores parceiros eventuais não são menos importantes, mesmo que o compromisso com o projeto não chegue, por tantas razões, a uma relação longa. Também desempenham elas e eles o papel de endossar os museus e suas visões de mundo junto à opinião pública.

A literatura sobre o Museu de Favela possibilitou enxergar de maneira mais sistemática o arranjo das parcerias, deixando perceber como funcionam bem para o compartilhamento do conhecimento. Foi como se uma lupa tivesse sido utilizada para destacar somente seu funcionamento na gestão do museu. Por sua vez, a literatura sobre o Museu das Remoções evidenciou como as parcerias podem ser viscerais e mexer com o senso de justiça de maneira imediata diante de uma comunidade ameaçada pela remoção.



### Capítulo 3 – MUSEUS DE FAVELA E DINHEIRO SÃO “PALAVRAS RIVALS”: DINÂMICAS DO FINANCIAMENTO PÚBLICO FEDERAL PARA PROJETOS COMUNITÁRIOS NO PERÍODO DE 2015 A 2019

#### 3.1 Introdução

O desenho metodológico levado a cabo na primeira seção foi analisar a partir de bancos de dados públicos abertos como o Portal da Transparência e o Versalicy os repasses federais feitos aos museus interlocutores. Constatou-se que os apoios recebidos no período de 2015 a 2019 provieram das premiações do PPM reguladas pelo edital de 2014 e pelo edital da Remus-RJ de 2016, na forma de termos de fomento e convênios, e de emendas parlamentares individuais. De fato, enquanto os recursos para o edital do PPM de 2014 provieram do FNC, os recursos do edital da Remus-RJ também provieram da emenda parlamentar individual – nesse caso, do deputado Chico Leite (Santos, 2017, p. 245). Mesmo estando os recursos das emendas sujeitos ao teto dos gastos públicos, os valores foram pagos integralmente, o que não aconteceu nos anos subsequentes. Mas, segundo pesquisadores do Ipea, só os repasses federais são insuficientes para compreender o financiamento dos museus, das OSCs da cultura e principalmente para compreender o quadro geral do financiamento público para as OSCs no país (Lopez, 2018, p. 124). Nesse sentido, basta lembrar que o PCV, pioneiro no fomento às iniciativas comunitárias, teve sua gestão compartilhada com estados e municípios. Para driblar a falta de orçamento, o governo federal buscou com os demais níveis de governo financiar o Cultura Viva, pois ainda que arcasse com a fatia maior do acordo, estados e municípios pactuados também entrariam com recursos.

Desse modo, dinheiro que poderia ir para editais federais foi para os governos subnacionais. Poucos anos após a criação do PCV, considerado uma inovação nas políticas públicas, o governo federal já não tinha condições para manter o programa centralizado. Outros fatores também contribuíram para sua descentralização. Por exemplo, especialistas apontaram que isso facilitaria gerenciar a relação com os pontos de cultura dada a amplitude territorial do Brasil. Portanto, retomando a argumentação dos especialistas do Ipea, embora o governo federal seja o principal financiador das OSCs, os recursos das OSCs não provêm unicamente dessas parcerias – que se dão através dos instrumentos analisados a seguir.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> O termo “parceria” aqui coaduna com o entendimento expresso no Mrosc, Cf. Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014, atualizado pela Lei nº 13.204, de 14 de dezembro de 2015. Para acessá-la, Cf. Presidência da República (2015). Retrieved December 8, 2021 from [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/L13019compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/L13019compilado.htm).

Mas, as parcerias são importantes para compreender aspectos do financiamento federal e se constituem na forma como os recursos são transferidos para os museus interlocutores. Mesmo havendo a experiência do estado do Espírito Santo, o PPM é um programa que funciona no nível federal. Isso pode ser visto como um facilitador no relacionamento com algumas OSCs, pois não são incomuns que populações marginalizadas sejam hostilizadas por setores do poder público, como testemunha a comunidade da Vila Autódromo, muito embora seu projeto museal não tenha sido beneficiário de fomento federal no período do estudo.

Para compreender o financiamento dos museus de favela interlocutores, buscou-se informações sobre os repasses para OSCs no período de 2015 a 2019 consultando o portal do Siconv. Por esses dados serem muito abrangentes foi necessário afunilar a análise detendo atenção exclusivamente aos repasses da pasta da cultura. Nesses anos, a pasta esteve com o extinto MinC até o final de 2018 e com o ministério da cidadania em 2019. Mas, quando os dados foram coletados, já estava com o ministério do turismo. Esse exame, por sua vez, embora fundamental para eliminar possibilidades, mostrou-se incompleto, pois historicamente tende-se a financiar grandes e consagradas instituições de cultura (privadas ou públicas) e estando os dados agregados não foi ainda possível compreender os baixos repasses aos museus de favela.

Por isso, os próximos passos envolveram analisar os relatórios que acompanharam o alcance das metas do PCV no PNC, um planejamento de longo prazo com vigência de 2010 a 2020. Em anos anteriores, o programa foi ator importante para a trajetória dos museus de favela, principalmente para o Museu da Maré, porque seu projeto foi uma iniciativa premiada pelo primeiro edital do PCV em 2004. Além disso, como já mencionado, o museu foi a inspiração para que surgisse o PPM. Por fim, foram considerados os dados que tangenciam o PPM, através da análise dos relatórios de gestão do Ibram dos anos de 2015 a 2019. Os documentos revelaram forte controle de despesas, ficando o Instituto na situação de paralisar suas atividades finalísticas, dentre elas os editais de apoio do PPM. Para completar essa análise também se levantou informações orçamentárias disponíveis no SIOP. O quadro de restrição explicaria os baixos repasses aos museus e a resposta da equipe do Museu da Maré de acionar deputados garantindo verbas pela via federal através de emendas parlamentares individuais.

Em sequência, o capítulo volta-se através da análise de conteúdo e da análise temática à compreensão dos sentidos que as palavras “dinheiro” e “edital”, termos relacionados à sustentabilidade, adquirem na fala dos gestores dos museus de favela. Os dados examinados foram as entrevistas e os excertos apresentados foram subjetivamente escolhidos entre as ocorrências listadas pelo *software* vistos à luz das entrevistas e das observações.

A penúltima seção retorna à discussão a partir de escala mais ampla, analisando principalmente a relação entre avaliação e contexto histórico através da identificação de principais atores



avaliadores ou “especialistas” e de suas contribuições para a compreensão das novidades situáveis nos anos 2015 a 2019. Compreender a contribuição dos teóricos do campo da museologia para a avaliação do PPM foi possível através do exame da produção bibliográfica mais recente. Essa literatura examinada é principalmente a retornada pelo *Google Scholar* para a expressão-chave “Programa Pontos de Memória”. Analisa também outros materiais bibliográficos que se mostraram relevantes durante a análise e interpretação dos dados. Por fim, a última seção do capítulo busca responder se houve mutação nas exigências para acessar os apoios. Para isso, é acessada a produção bibliográfica retornada para a expressão “fomento à cultura no Brasil” e a produção de teóricos-chave para a compreensão do PPM.

### 3.2 Quanto os museus receberam no período 2015 a 2019?

Segundo os dados do Portal da Transparência, o Museu da Maré obteve recursos federais para financiamento de seus projetos no total de R\$ 460.000,00 no período de 2015 a 2019, conforme tabela a seguir. Um orçamento anual para museu de menor porte consultado no Versalich custaria cerca de 800 mil reais e Aline Portilho apontou em sua tese de doutorado que o orçamento anual do Museu de Favela estaria à época na casa de 500 mil reais (Portilho, 2016, p. 220). Isso significa que os recursos federais são importantes, mas insuficientes. Nesse cenário, os museus conseguem com visíveis limitações desenvolver outras estratégias para manter suas atividades. Os instrumentos de repasse quando identificáveis foram o termo de fomento e convênio.

Tabela 9 – Total de recursos federais captados pelo Ceasm no período 2015-2019

Instrumento	DATA	LOCALIZADOR DO GASTO	FASE	Unidade Orçamentária	Órgão Superior	VALOR
<b>Premiação (Edital 2014)</b>	01/07/2016	0001 – NACIONAL	Pagamento	FNC	Ministério do Turismo	30.000,00
<b>Premiação Premiação (Edital 2016)</b>	18/08/2017	0033 - NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Pagamento	INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS	Ministério do Turismo	30.000,00
<b>Convênio (2017)</b>	09/04/2018	3341 - Sem informação	Pagamento	INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS	Ministério do Turismo	168.480,00

<b>Termo de Fomento (2018)</b>	21/05/2019	0033 - NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Pagamento	INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS	Ministério do Turismo	100.000,00
<b>Convênio (2017)</b>	04/11/2019	3341 - Sem informação	Pagamento	INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS	Ministério do Turismo	131.520,00
<b>TOTAL</b>						460.000,00

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Portal da Transparência.

A história da participação do Ceasm nos chamamentos públicos de financiamento de projetos das OSCs não é recente. Data de pelo menos início dos anos 2000. No período correspondente à pesquisa, no nível federal a organização obteve recursos principalmente de emendas parlamentares individuais. Exceção à regra foi a premiação do edital do PPM de 2014, paga em 01 de julho de 2016 com recursos do FNC. Além desses 30 mil reais, o projeto do museu rendeu outro prêmio ao Ceasm, dessa vez no edital regionalizado da Remus-RJ de 2016, cujos recursos também vieram de emenda parlamentar individual pago em 18 de agosto de 2018. Os outros repasses tiveram vigência a partir do final de dezembro dos anos 2017 e 2018, em 27 de dezembro de 2017 e 31 de dezembro de 2018, mais precisamente. O primeiro foi o convênio pago em 09 de abril de 2018 (parcela no valor de R\$ 168.480,00) e em 04 de novembro de 2019 (parcela no valor de R\$ 131.520,00). O segundo foi o termo de fomento pago integralmente em 21 de maio de 2019.

Para o Museu de Favela no intervalo da pesquisa consta apenas o recebimento da premiação do edital da Remus-2016 no valor de R\$ 30.000,00. O Museu das Remoções passou a existir em 2016 e não sendo ainda pessoa jurídica não poderia se candidatar à maioria dos chamamentos públicos de fomento de projetos.

### 3.3 Repasses para OSCs no período 2015 a 2019

Com a entrada em vigor do Mrosc os instrumentos de repasse mudaram. Concretizado através da Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014, o Mrosc entrou em vigor na esfera federal em janeiro de 2016 e representou a adoção de um novo regime jurídico para as OSCs (Abong, 2017, pp. 12–13; Mello & Andrade, 2019, p. 34). Os instrumentos de repasse a partir dele são termo de fomento, convênio, contratos de repasse, termo de colaboração e termo de parceria e antes dele eram apenas contrato de repasse, convênio e termo de parceria. Essa diversificação foi benéfica para o enquadramento administrativo de situações como as premiações do PPM e do PCV,

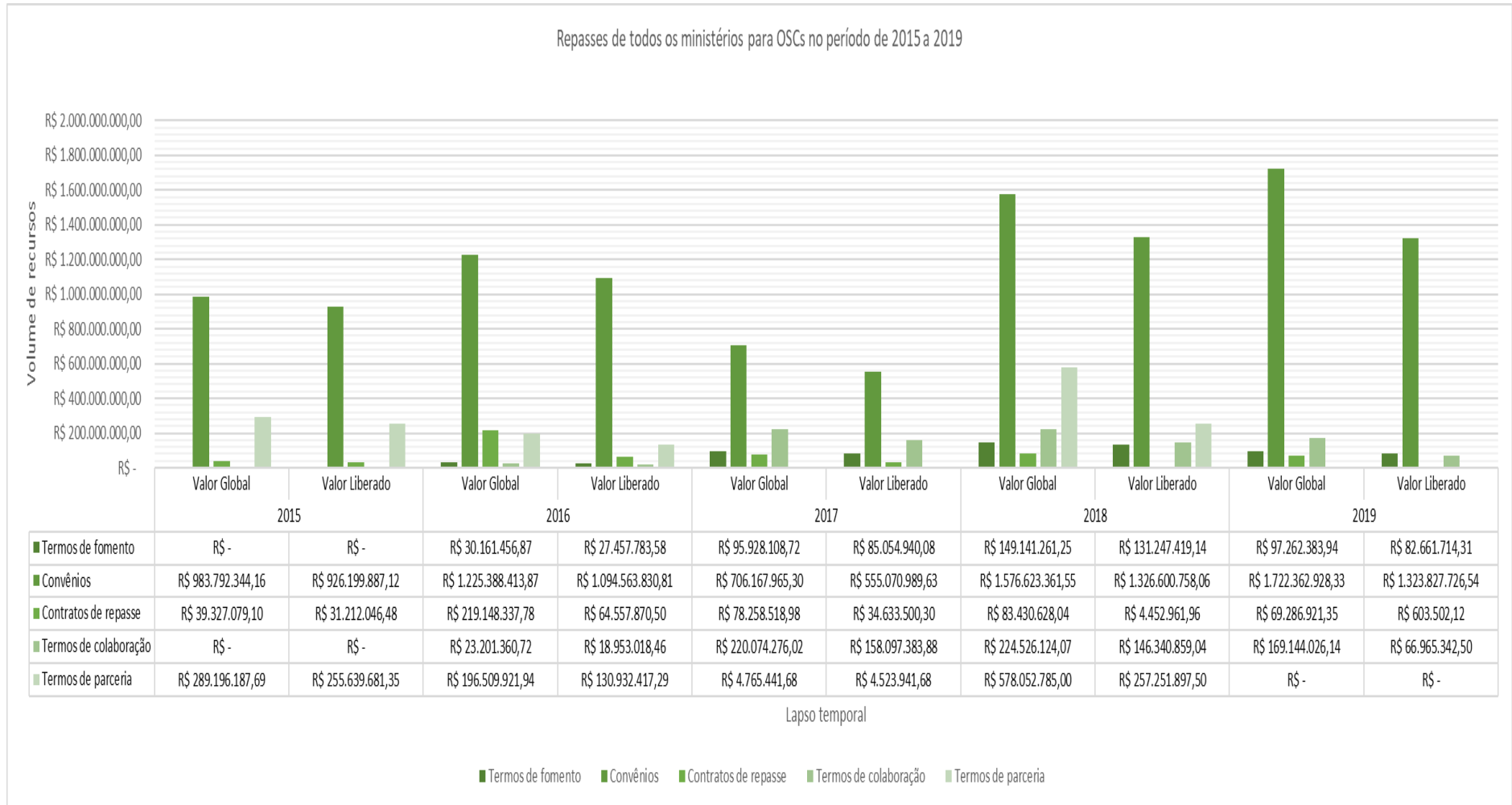
porque a princípio vieram para possibilitar regras de prestação de contas facilitadas para repasses envolvendo quantias menores. O ano de 2017 registrou o pior desempenho dos repasses do período 2015-2019.<sup>30</sup> No ano, os repasses tiveram o valor global de R\$ 1.105.194.310,70 e valor liberado R\$ 837.380.755,57.<sup>31</sup> Esses valores corresponderam a todas os instrumentos de repasse somados para OSCs em todo o território nacional. O gráfico a seguir apresenta esses e outros dados referentes aos repasses.

---

<sup>30</sup> Segundo informações constantes no Siconv, a Lei nº 13.019/2014, conhecida como Mrosc entrou em vigor em 01/01/2016, ajustando o PPA de 2016-2019, Cf. Plataforma Mais Brasil (16, May 3). MROSC tem nova data para entrar em vigor. Retrieved December 8, 2021 from <http://plataformamaisbrasil.gov.br/comunicados/mrosc-tem-nova-data-para-entrar-em-vigor>.

<sup>31</sup> Os valores liberados devem ser entendidos considerando que os instrumentos de repasse preveem um cronograma para a liberação dos recursos. Por isso, é de se esperar que instrumentos firmados no período mais recente, ou seja, em 2019, revelem valores liberados menores. Isso não necessariamente deve ser entendido como refletindo contingenciamentos ou atrasos. Poderia estar simplesmente refletindo o calendário de liberação das verbas. Portanto, as análises que destacam os valores liberados são mais seguras para o período de 2015-2017.

Figura 23 - Repasses de todos os ministérios para OSCs no período 2016-2019

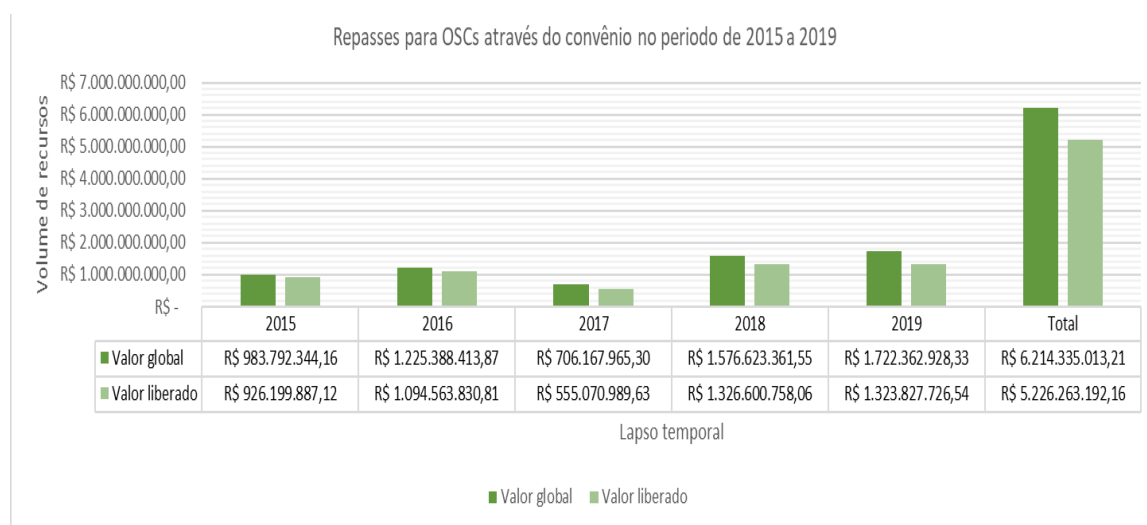


Fonte: Elaboração própria com dados do Siconv.

Segundo os dados, o convênio ainda é o instrumento de repasse mais frequente (Abong, 2017). Além disso, foi o instrumento que mais transferiu recursos: movimentou em valores globais R\$ 6.214.335.013,21 e em valores liberados R\$ 5.226.263.192,16 entre 2015 e 2019. O segundo instrumento mais utilizado, o termo de parceria, registrou em valores globais R\$ 1.068.524.336,31 e em valores liberados R\$ 648.347.937,82. Ou seja, montantes em valores globais quase cinco vezes menos expressivos, mais ainda assim relevantes. Além disso, os convênios foram os instrumentos de repasse mais pactuado em todos os anos mesmo com o surgimento do termo de fomento e do termo de colaboração. Contratos de gestão são instrumentos para transferência de recursos para organizações sociais e termos de parceria para OSCIPs. Essas duas denominações não se referem a tipos de OSCs diferentes das que vêm sendo apresentadas. Correspondem a outorgas e certificações diferentes disponíveis para as mesmas OSCs. Então, antes do Mrosc na falta de um instrumento mais adequado, os repasses para os museus interlocutores se davam através do convênio e depois dele as opções aumentaram. Nos dados apresentados anteriormente para o Museu da Maré, houve repasses tanto através de termos de fomento quanto de convênios ainda que os recursos fossem provenientes de emendas parlamentares individuais. Nesse sentido, é interessante notar que as emendas parlamentares também desempenharam um papel importante nos repasses. Por exemplo, em 2017 quando os repasses atingiram os valores mais baixos do período, os dados revelam que entraram em vigor 1.306 convênios, dentre eles 1.058 contaram e apenas 248 não contaram com verba provenientes das emendas.

O gráfico abaixo enfoca somente o repasse de recursos através do convênio no período de 2015 a 2019.

Figura 24 - Repasses para OSCs através do convênio - 2015-2019

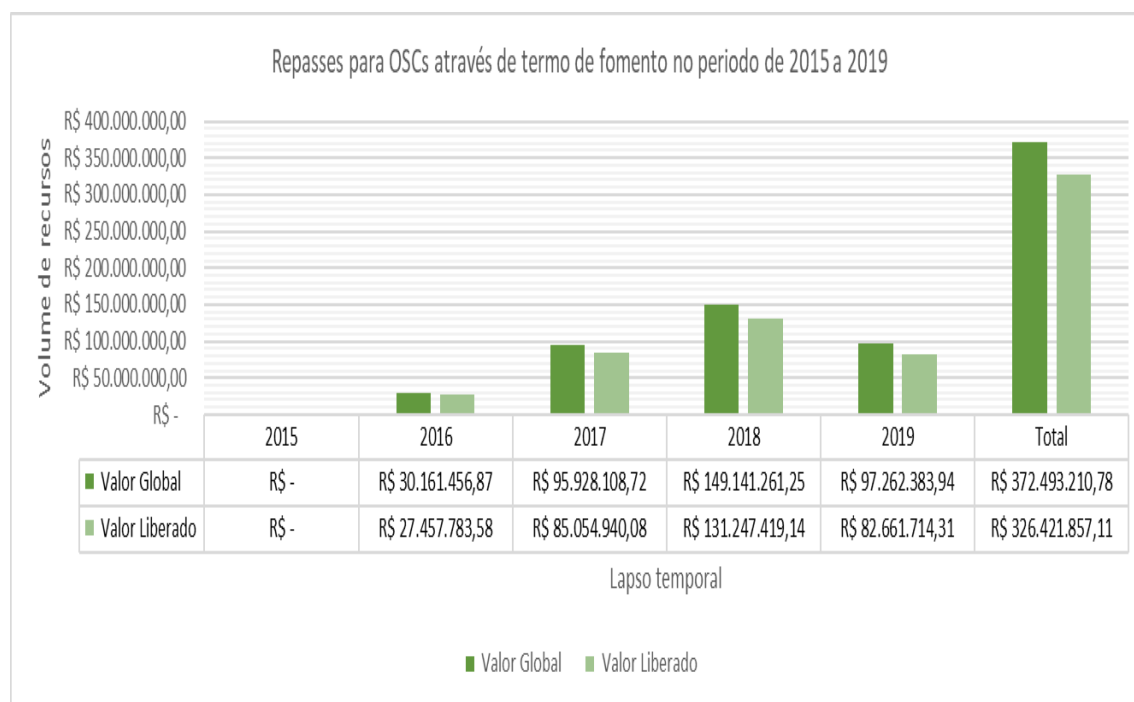


Fonte: Elaboração própria com dados do Siconv.

Não houve variação considerável no período com exceção de 2017, ano em que se registrou volume menor de recursos nos repasses através do convênio com valores globais de R\$ 706.167.965,30 e valores liberados de R\$ 555.070.989,63. É possível que essa diminuição dos valores dos repasses em 2017 tenha sido ocasionada pela EC nº 95 que entrou em vigor em 15 de dezembro de 2016. Pode-se dizer de maneira geral que seria esperado de 2016, por causa da mudança de governo gerada pelo impedimento de Dilma Rousseff e da entrada em vigor do PPA de 2016-2019, e de 2017, por causa do teto dos gastos públicos, apresentarem performances piores que os outros anos. Mas, esses dados apontaram que o intervalo de pior desempenho nos repasses não se concentra apenas nesses dois anos, estão no intervalo 2015-2017, com 2017 apresentando o menor volume de repasses.

O gráfico a seguir enfoca também a partir do anterior, a distribuição dos recursos através de termo de fomento. De acordo com a Abong (2017) esse instrumento seria mais adequado para as relações entre Estado e OSCs, mas dentro da burocracia pública parece ser mais adequado para repasses que envolvem poucos volumes de recursos.

Figura 25 – Repasses para OSCs através de termo de fomento no período de 2015 a 2019



Fonte: Elaboração própria com dados do Siconv.

O ano de 2016, o segundo da série, apresenta o menor volume de repasses ficando o valor global em R\$ 30.161.456,87 e o valor liberado em R\$ 27.457.783,58. O valor liberado em 2016 é quase cinco vezes menor que o valor liberado em 2018. O crescimento observado em 2018 não se

confirmou em 2019, quando a situação volta a se parecer com a registrada em 2017, com um volume de repasses em valores liberados na casa de 85 milhões de reais. Apesar de talvez ainda ser cedo para realizar afirmações mais fortes sobre a performance dos repasses em 2019, é possível observar que os valores globais, ou seja, os valores acordados são de um cenário que lembra mais 2017 que 2018. Os dados se comportaram como o esperado para o cenário político-econômico de 2016 e 2017. Mas, nesse caso pode não ter havido exatamente um desempenho pior em 2016, porque é o primeiro ano do instrumento. Com a sua incorporação, passou a haver um fracionamento dos convênios, instrumento que antes do Mrosc abrigava as situações que passaram a ser enquadradas nos termos de fomento.

Mas, como era esse cenário em 2015? Analistas identificaram que houve crise econômica nos anos de 2013-2014. Aparentemente, o Brasil conseguiu lidar bem com os efeitos prolongados da recessão que abateu os Estados Unidos em 2008, mas essa fragilidade da economia mundial associada a um cenário interno pessimista para a petista Dilma Rousseff ocasionaram agitações político-econômicas resultando no seu impedimento em 31 de agosto de 2016 (Friedrich Ebert Stiftung, 2016). Com isso, chegou ao poder seu vice, Michel Temer (Barbalho, 2017, 2018). Nesse cenário o orçamento de 2015 para a pasta da cultura estava prejudicado e o hoje extinto MinC à época já sofria com cortes de recursos.

Em 2015, os convênios eram a modalidade de transferências com uso mais disseminado e envolvia basear a relação entre poder público e OSCs mais na lógica que rege as relações entre entes públicos que na lógica que rege as relações entre entidades do setor privado. Isso ocasionava tensionamentos principalmente, mas não exclusivamente, na adoção de princípios de execução e prestação de contas nos quais ficavam em desvantagem organizações menores como o Museu da Maré ou o Museu de Favela, que são pequenas associações privadas sem fins lucrativos. Os convênios em 2015 tiveram desempenho parecido ao desempenho dos convênios no período de 2016 a 2019, mas por concentrarem tanto os dados dos repasses que de qualquer forma se dariam por tal modalidade quanto dos que se tornariam termos de fomento, tiveram um desempenho pior que em 2016.

Ademais, esses dados referem-se a todos os repasses para OSCs no período, o que envolve desde as organizações sociais da área de saúde, passando por associações privadas na área de segurança e tecnologia, fundações ligadas às universidades até pequenas associações privadas como o Museu de Favela. Portanto, poderiam não explicar o cenário enfrentado pelos OSCs atuando em parceria com a pasta da cultura e poderiam não explicar a situação dos museus de favela, que receberam apoios pequenos nos anos 2015-2019. O Museu da Maré recebeu mais recursos do governo federal nos anos de 2017 a 2019 que nos anos 2015 e 2016, mas não a partir de um movimento iniciado no Ibram através de mais editais do PPM ou de outros editais

de fomento dos museus. Então, teria havido interferência significativa das emendas parlamentares nos repasses.

### **3.4 Repasses da pasta da cultura no período de 2015 a 2019**

Esse cenário que indica o ano de 2018 com performances melhores que os anos de 2015-2017 e 2019 pode não ser verdadeiro para o setor da cultura. Por isso, convém analisar os totais dos repasses da pasta da cultura para as OSCs. Cabe lembrar que esses dados são totais, não discriminando as diversas tipificações que formam o setor e nem outras características importantes para a compreensão do cenário das transferências, como abordado no primeiro capítulo (Mello & Andrade, 2019; Secretaria-Geral da Presidência da República, 2012). No próximo gráfico constam os números relativos aos repasses da pasta da cultura nos anos de 2015 a 2019. Esses dados foram sistematizados com ligeiras variações a depender do banco de dados, mas no geral, foram registrados na pasta da MinC até 2018 e com sua extinção na pasta do ministério da cidadania e por fim do ministério do turismo.<sup>3233</sup> No caso dos dados do Siconv, pareceu que estavam espalhados nos três ministérios, por isso, foi feita uma análise manual para selecionar os documentos especificamente da cultura considerando a descrição do objeto dos repasses. Pode ser que um repasse ou outro tenha sido equivocadamente deixado de fora ou acrescentado aos dados, mas, entende-se que, no geral, os números servem para explicar uma tendência para o período, mesmo que não sejam os mais fidedignos. Como explicado, a entrada em vigor do Mrosc modificou os instrumentos de repasse acrescentando o termo de colaboração e o termo de fomento.

Nos dados do Siconv parece ter havido adesão mais acentuada ao Mrosc na pasta da cultura que nos demais ministérios. Nesse sentido, pode não ter havido uma padronização mais rigorosa quando se analisa informações de vários bancos de dados abertos.

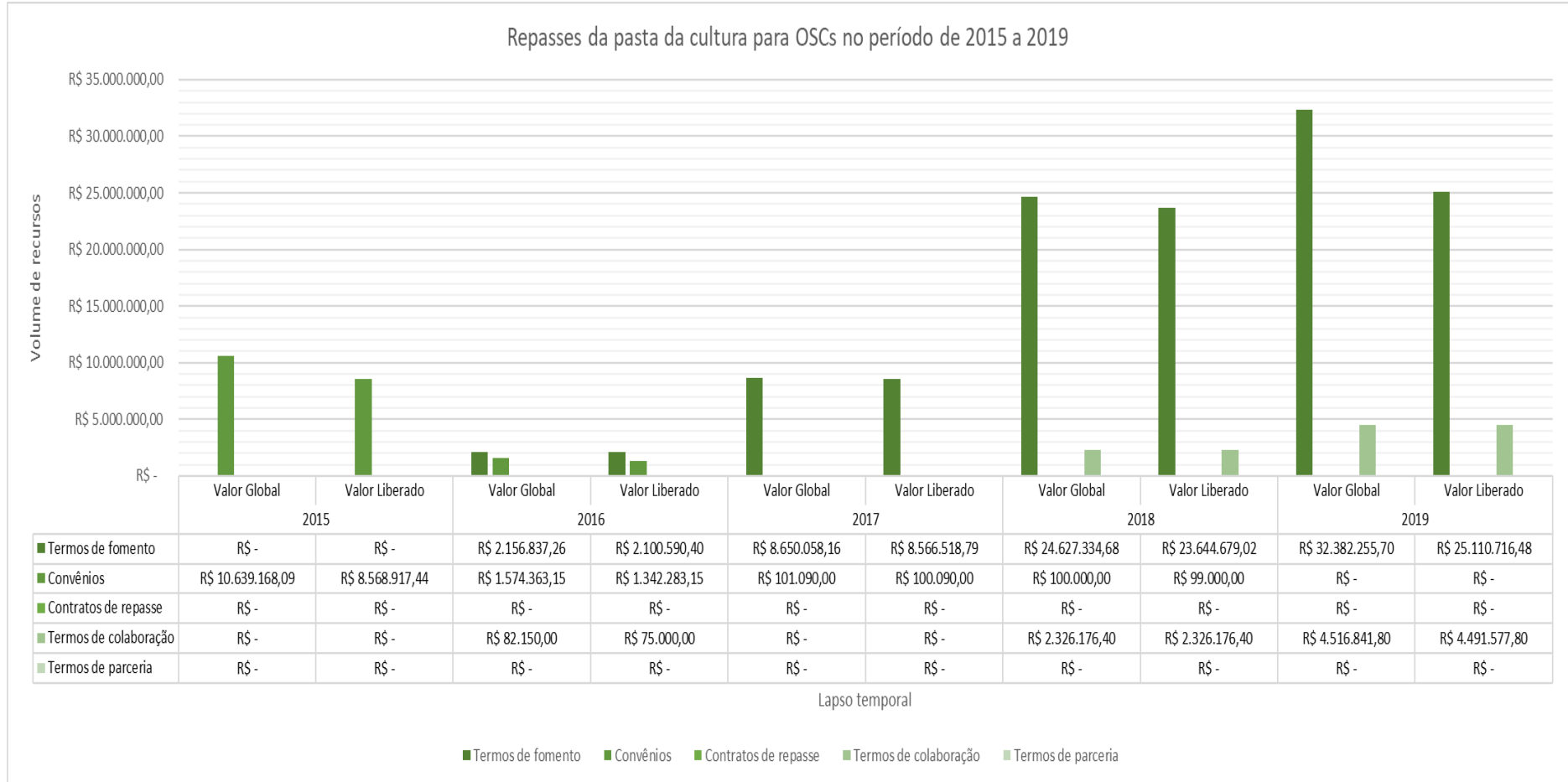
---

<sup>32</sup> Os dados foram selecionados para a vigência a partir de cada ano do intervalo da pesquisa sem especificar a vigência final.

<sup>33</sup> Os dados foram coletados em 2021.



Figura 26 - Repasses da pasta da cultura para OSCs - 2015 a 2019



Esses dados indicam a gradual adoção do termo de fomento como instrumento para realizar os repasses para as OSCs, mesmo para valores acima de 100 mil reais discrepando dos dados anteriores. Na modalidade convênio, os valores foram minguando ano a ano até não serem mais registrados em 2019. A preferência pelo termo de fomento é seguida de longe pelo termo de colaboração, estando em conformidade com o Mrosc – a diferença entre o termo de fomento e o termo de colaboração residiria em o último ser para propostas que departam do poder público e não das OSCs, caso do termo de fomento. Os dados revelam que os anos de 2015 e 2017 tiveram desempenhos similares com valores liberados de um pouco mais de oito milhões. O ano de 2016 teve os piores resultados, com R\$ 3.813.350,41 em valores globais e R\$ 3.517.873,55 em valores liberados. Os resultados ruins não ficaram circunscritos a 2016, antes, tenderam a se concentrar no intervalo 2015-2017 como os demais gráficos mostraram. Mas, poucos dos convênios em 2015 e dos convênios e termos de fomento em 2016 se deram com recursos de emenda parlamentar. Em 2017, ano que teve um desempenho parecido com 2015, a maioria dos termos de fomento contou com emenda parlamentar. Os repasses nos anos de 2018 e 2019, que obtiveram os melhores números no período, também contaram expressivamente com recursos de emenda parlamentar. Ou seja, os repasses não foram motivados dentro da unidade orçamentária, foram provocados por um movimento externo ao governo. Essa informação confirma a dinâmica dos repasses federais para o Museu da Maré.

Como era de se esperar, não houve contratos de repasse nem termos de parcerias. Por exemplo, os termos de parceria são geralmente celebrados com as OSCIPs, que é uma certificação obtida por algumas OSCs. A tendência é a relativização da importância dessas qualificações com o surgimento do Mrosc, que buscou universalizar o tratamento dispensado a essas organizações e garantir a ampla participação de seu espectro nas parcerias com o poder público (Abong, 2017, pp. 12–13). Para deter um olhar mais atento às dinâmicas dos apoios a análise dos repasses possível através dos dados do Siconv será complementada com informações advindas dos relatórios que acompanham e sistematizam o conhecimento sobre a execução das políticas públicas. O primeiro documento acompanha as metas do PNC e o segundo faz um balanço anual da gestão das políticas públicas museais.

### **3.5 Os relatórios de monitoramento do PNC e o PCV: o baixo desempenho da Meta 23 e da Ação 21G5**

Apesar de os números referentes aos repasses através dos diferentes instrumentos realizados pela pasta da cultura indicarem um período de baixo desempenho nos anos 2015-2017 e 2019 e um tempo de melhora em 2018, esses dados devem ponderar outros fatores. Um deles

é considerar que a maior fatia dos recursos para projetos na área da cultura fica disponível através do incentivo fiscal e esses recursos, ainda que com limitações, são mais acessíveis para OSCs maiores e estabelecidas em detrimento das menores. De maneira geral, então, observações e entrevistas apontam que para o Museu de Favela e para o Museu da Maré recursos das premiações e outros instrumentos de repasse muitas vezes são fundamentais para manter atividades em funcionamento ou incrementar o leque de projetos desenvolvidos. Os próprios idealizadores do PCV apontam que quando da sua elaboração tinham em mente democratizar o acesso ao financiamento público para projetos que não captariam recursos pelo mecenato. Mas, os últimos relatórios de monitoramento do PNC, planejado para acompanhar o cumprimento das metas até 2020, apontam que o desempenho do programa esteve aquém do esperado.

A governabilidade do PCV não é responsabilidade exclusivamente federal; antes, trata-se de arranjo que distribui entre governo federal e dos estados e municípios pactuados o encargo de administrá-lo e financiá-lo. Então, seu exame mais profundo envolveria analisar a adesão, institucionalidade e disponibilidade orçamentária nos demais níveis de governo. Para efeitos deste estudo, entretanto, o interesse é focar os recursos recebidos pelos museus nos anos 2015 a 2019. Nesse período os museus não receberam recursos do PCV. Tanto o Museu da Maré quanto o Museu de Favela receberam recursos do PPM, que deriva do PCV, com a diferença de concentrar sua atuação em memória social. É no sentido de compreender por que os museus receberam tão poucos recursos desses programas federais nesses anos que foi proposto analisar o desempenho do PCV, que pode compartilhar a mesma fonte de recursos disponível para o PPM além da mesma sensibilidade. Para isso, foram estudados os relatórios de monitoramento do PNC juntamente com dados do orçamento público federal acessados através do SIOP.

Os relatórios ficam disponíveis no ano subsequente ao avaliado e deveriam ser publicados em duas edições, já que informações que possibilitam aferir o desempenho de algumas das 53 metas do PNC só ficam disponíveis no segundo semestre de cada ano. Entretanto, na realidade, os arquivos estão incompletos e há relatórios para os quais apenas as primeiras edições estão disponíveis, o caso dos documentos de 2017, 2018 e 2019. O relatório mensura o alcance das 53 metas estabelecidas para o período de dez anos (de 2010 a 2020). A meta 23 é uma meta quantitativa e estabeleceu ter “15 mil Pontos de Cultura em funcionamento, compartilhados entre os Governo Federal, as Unidades da Federação (UFs) e os municípios integrantes do Sistema Nacional de Cultura (SNC)”. Em todos os anos do período o desempenho da meta esteve abaixo do esperado: em 2015 alcançou apenas 70% do planejado para o ano, em 2016 alcançou 44%, em 2017 alcançou somente 32% e em 2018 alcançou apenas 31% (MinC, 2019, p. 140; 2018, p. 131; 2017, p. 140; 2016, p. 135). O relatório de 2019 não apresentou o escalonamento da meta 23. Informou que diante do objetivo de ter em 2020 15 mil pontos em funcionamento

alcançou apenas 27,4% desse total, ou seja, 4.116 pontos (Secult, 2021, p. 132). Contribuíram para o incremento em relação a 2018 (quando foram contabilizados 3.956 pontos de cultura) principalmente o edital Culturas Populares – Edição Teixeira que premiou 100 iniciativas.

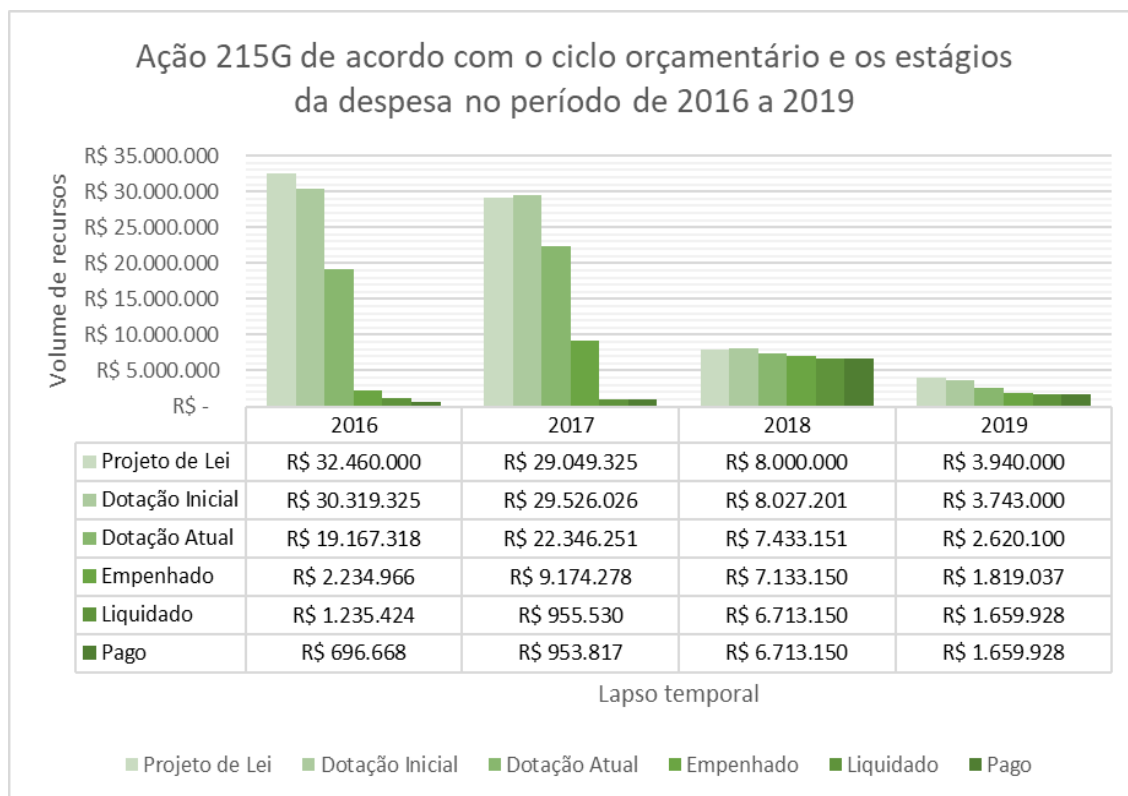
Mas, o apoio não deve ser mensurado apenas através do número crescente de pontos de cultura. Tão importante quanto ter 15 mil pontos de cultura em funcionamento é ter 15 mil pontos de cultura em funcionamento e com recursos para projetos. O que os relatórios indicaram foi que sequer o primeiro aspecto chegou a ser uma meta bem-sucedida do PNC até 2019. Os gráficos a seguir têm por propósito contribuir para explicar as dinâmicas orçamentárias no extinto MinC. Buscou-se identificar na pasta todas as ações que faziam referência aos pontos de cultura ou ao PCV e mostrar seu desempenho ao longo do tempo. Uma ação se destacou nesse sentido, a ação 215G. No orçamento (federal), diversas ações já existentes podem potencialmente contemplar o PCV, assim como nada impede que novas ações sejam criadas para uma melhor adequação das metas. A ação 215G “Implementação da Política Nacional de Cultura Viva” aparece nos orçamentos dos anos 2016 a 2019 sendo ação voltada exclusivamente para a consolidação do PCV. A PNCV foi criada através da lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, e regulamentada pela IN nº 08, de 11 de maio de 2016.<sup>34</sup> Isso pode explicar por que a ação 215G só aparece nos dados do Programa Temático 2027 (Cultura: Dimensão Essencial do Desenvolvimento) que integra o PPA 2016-2019.<sup>35</sup> A ação 215G é uma referência importante, porque contempla boa parte do período abrangido pelo estudo. Os dados a seguir foram extraídos do SIOP, um portal de dados abertos do orçamento público, e apresentam a execução orçamentária da ação no período 2016-2019. Além da ação 215G, foram levantadas nos dados orçamentários as ações que mencionavam os pontos de cultura nos PPAs de 2004-2007, 2008-2011, 2012-2015 e 2016-2019. Outra ação também analisada nesses dados, a ação 20ZF, aparece nos PPAs 2012-2015 e 2016-2019.

---

<sup>34</sup> A IN nº 08, de 11 de maio de 2016, revogou a IN nº 01, de 07 de abril de 2015.

<sup>35</sup> Para acessar o Programa Temático 2027 referente ao ano 2016, Cf. Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão (2016, May 5). **Ações Orçamentárias Integrantes da Lei Orçamentária para 2016**. Retrieved December 8, 2021 from <https://bit.ly/3wRNnMz>.

Figura 27 - Ação 215G de acordo com o ciclo orçamentário e os estágios da despesa no período de 2016 a 2019



Fonte: Elaboração própria com dados do SIOP.

Três conjuntos de informações se sobressaem dos dados. Primeiramente, há enorme diferença entre as propostas de orçamento tal qual apresentadas no projeto de lei, as dotações reais e os valores de fato executados, e isso é especialmente verdadeiro nos anos 2016 e 2017. Os valores nos projetos de lei tendem a expressar as reais necessidades orçamentárias e os valores empenhados traduzem o que foi possível em realidade. No contexto brasileiro, convencionou-se considerar os valores empenhados para verificar os pagamentos, porque representam o compromisso de pagar, ainda que não naquele ano. É provável que a maior parte dos recursos empenhados tenha sido paga no ano seguinte como restos a pagar. Tomando apenas os valores empenhados, os anos 2017 e 2018 apresentaram volume de recursos executados consideravelmente superior aos demais anos do período. Mas, os valores pagos são bem mais baixos nos anos 2016-2017 e 2019, tendo apenas 2018 um melhor desempenho. Os dados de 2018 também apresentaram pouca variação desde o volume de recursos propostos no projeto de lei até os valores efetivamente pagos. Correspondeu também ao maior montante executado que foi de R\$ 6.713.150,00. Em todo o período o volume de recursos para a ação é insuficiente para ocasionar impacto compatível com o escalonamento da meta 23 que pretendia ter em

funcionamento 15 mil pontos de cultura no país até 2020.<sup>36</sup> Em 2016 foi de apenas R\$ 696.668,00, em 2017 foi de R\$ 953.817,00 e em 2019 foi de R\$ 1.659.928,00.

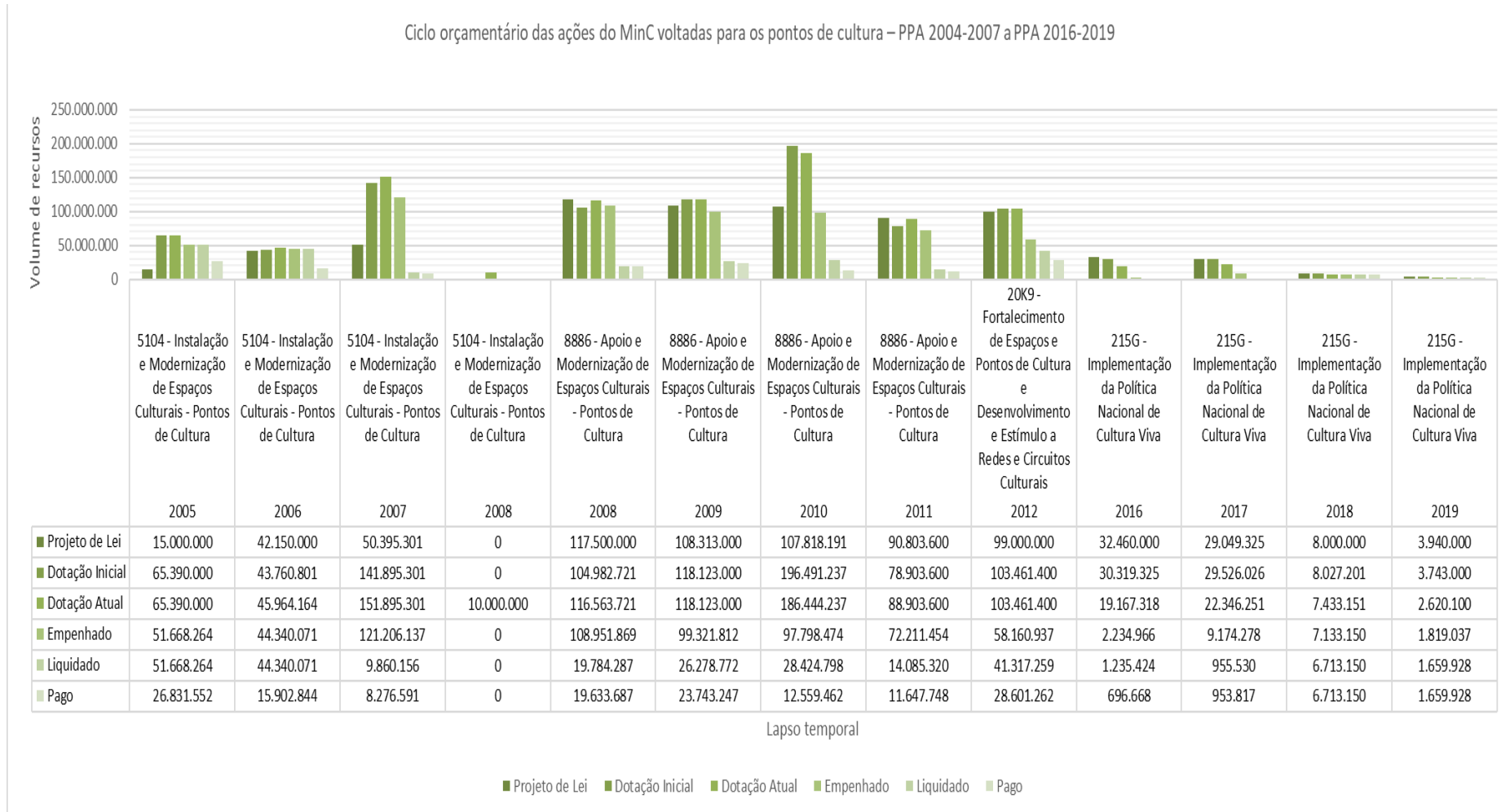
Os recursos reservados para a implementação da política, que se dá através da ação nomeada para consecução de tal finalidade, revelam compromissos mais de ordem simbólica que comprometidos com a reversão da concentração do financiamento de projetos pelo incentivo fiscal. Então, no que tange ao PCV, no nível federal houve estagnação. Até 2019, o PCV estava longe de ter 15 mil pontos funcionando e mesmo que tivesse atingido a meta com sucesso isso não necessariamente significaria que o programa estaria atuando para reverter a concentração dos recursos para projetos culturais nas áreas mais ricas do país e para projetos atentos aos interesses da indústria cultural, porque o apoio não poderia se dá de maneira esparsa, pontual e descontinuada. Teria de haver um compromisso maior com a reversão das tendências que mantêm as desigualdades inter-regionais e intrarregionais – perceptível no acesso desigual aos recursos numa mesma cidade no contraste entre regiões periféricas e favelas e zonas globais das metrópoles.

O gráfico a seguir apresenta a execução orçamentária das ações pesquisadas nos PPAs de 2004-2007, 2008-2011, 2012-2015 e 2016-2019. Foram selecionadas as ações que tinham no nome referência a “pontos de cultura”, sendo as seguintes: 5104 – “Instalação e modernização de espaços culturais – Pontos de Cultura” (PPA 2004-2007), 8886 – “Apoio e modernização de espaços culturais – Pontos de Cultura” (PPA 2008-2011), 20K9 – “Fortalecimento de espaços e pontos de cultura e desenvolvimento e estímulo a redes e circuitos culturais” (PPA 2012-2015) e 215G – “Implementação da Política Nacional de Cultura Viva” (PPA 2016-2019).

---

<sup>36</sup> Mesmo que para esses dados contêm os pontos de cultura autodeclarados – ou seja, iniciativas não premiadas que buscaram certificação pelos órgãos competentes.

Figura 28 - Ciclo orçamentário das ações do MinC voltadas para os pontos de cultura - PPA 2004-2007 a PPA 2016-2019



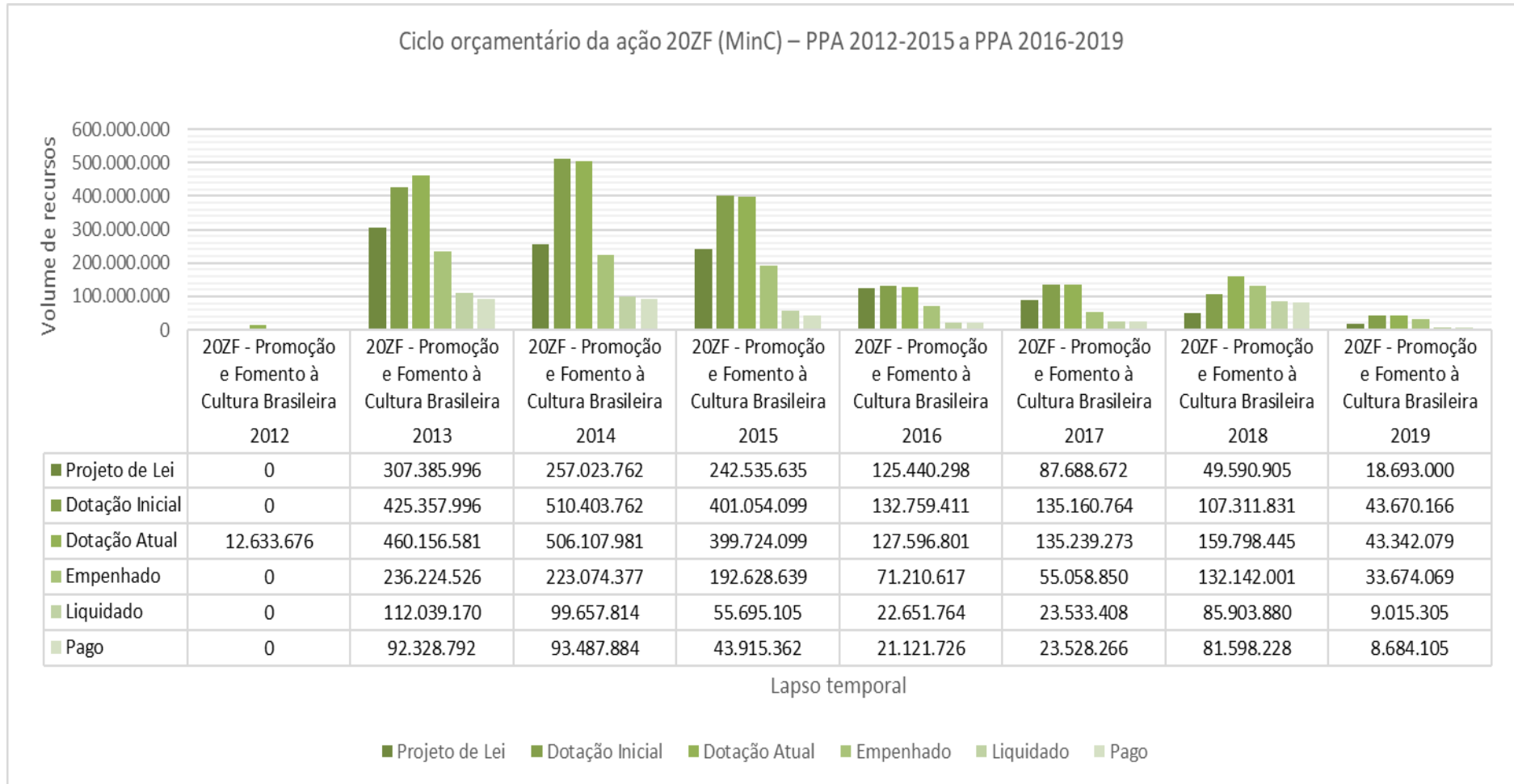
Fonte: Elaboração própria com dados do SIOP.

Desde 2005 há ações orçamentárias voltadas para a implantação dos pontos de cultura. Em 2008, a ação 5104 do PPA 2004-2007 deixou de ser utilizada e em seu lugar surgiu a ação 8886 do PPA 2008-2011. Do PPA 2012-2015, há apenas a ação 20K9 que só aparece nos dados de 2012. A ação 215G, analisada anteriormente, adentra o orçamento a partir do PPA de 2016-2019. A ação que teve o melhor desempenho, levando em conta os valores pagos (e não empenhados) foi a ação 20K9 em 2012, que executou R\$ 28.601.262,00. De 2013 a 2015, a ação 215G não executou nenhum recurso. Os anos 2016 e 2017 registraram execução de pequenos valores obtendo o melhor resultado em 2018 quando foram pagos R\$ 6.713.150,00. Comparada à ação 8886 do PPA 2007-2011, a dotação inicial para ação 215G sempre foi mais baixa.

No entanto, é provável que outras ações que não mencionam “pontos de cultura” estiveram em PPAs passados e estejam no PPA atual sendo utilizadas para apoiar o PCV no nível federal. Nesse sentido, foi examinada a ação 20ZF “Promoção e fomento à cultura brasileira” que surgiu no PPA de 2012-2015 e teve existência pelo menos até o PPA 2016-2019, sendo mencionada nos relatórios de gestão do Ibram como ação de onde proveio recursos para o programa PPM. Outra razão para examiná-la é a menção à “fomento” em seu nome. A referência ao termo aparece em muitas outras ações orçamentárias, mas por não serem mencionadas nos relatórios passaram a impressão de que não financiaram o PCV.



Figura 29 - Ciclo orçamentário da ação 20ZF (MinC) - PPA 2012-2015 a PPA 2016-2019



Fonte: Elaboração própria com dados do SIOP.

Os melhores resultados da ação considerando os valores empenhados estão nos anos 2013-2015 e 2018 e considerando apenas os valores pagos estão nos anos 2013 e 2014, correspondendo aos totais de R\$ 92.328.792,00 e R\$ 93.487.884,00, respectivamente, e em 2018, quando foram pagos R\$ 81.598.228,00. Em 2016 e 2017, os patamares de execução são bem mais modestos ficando entre 21,1 milhões e 23,5 milhões, respectivamente. 2019 foi o pior ano analisado empenhando apenas R\$ 33.674.069,00 e pagando apenas R\$ 8.684.105,00. Se analisados em conjunto, esses valores confirmam a tendência de concentrarem os piores resultados nos anos 2016, 2017 e 2019. Isso certamente guarda o impacto do limite dos gastos públicos e de outras dinâmicas de tom mais político que se desenvolveram no período em questão.

Chama a atenção o fato de a ação 20ZF ter dotações orçamentárias muito mais encorpadas que a ação 215G, que é especificamente para a PNCV. Como as propostas de orçamento são muito maiores em todos os projetos de lei verificados, a diferença entre a demanda dos órgãos e os limites impostos a essas demandas não serve para explicar porque a ação 215G teria um orçamento tão menor, porque mesmo os projetos de lei apresentaram valores mais baixos. Do mesmo modo, ao examinar a diminuição dos orçamentos para essas ações que acontece principalmente a partir de 2016, excetuando 2018, a estadualização e a municipalização do programa têm limites para explicar dotações menores. Aumentar o número de municípios pactuados, mesmo com compartilhamento do financiamento, geraria uma demanda por recursos federais de ordem muito superior a que se viu nesses números que não poderia ser suprida apenas através dessas ações. Então, desse exame, que tem suas limitações em abrangência, é possível especular que tem havido no nível federal desinvestimento no PCV.

### **3.6 Os relatórios de gestão do Ibram dos anos 2015 a 2019: os cortes de orçamento e a falta de editais para o PPM**

No caso do PPM, o cenário também não é nada animador e o mesmo pode ser dito acerca da dotação orçamentária do próprio Ibram como a análise dos relatórios de gestão dos últimos anos revelou. De acordo com esse conjunto de documentos – boa parte ainda não avaliada pelos órgãos de controle de contas externos ou não disponíveis na internet após sua avaliação –, apesar de constantes ajustes para conter as despesas, através da chamada racionalização do gasto público e do alinhamento do planejamento do setor ao planejamento orçamentário, o Instituto vem sofrendo desde 2016 com sucessivas restrições nas dotações. Essas imposições por exemplo resultaram praticamente no abandono das atividades finalísticas e na absoluta priorização das despesas com pessoal e contratos continuados (Ibram, 2017, p. 59; 2018, pp. 50, 61, 68; 2019, pp. 74–75). Os pontos de memória nacionais, cujos proponentes devem ter

personalidade jurídica, podem concorrer em outros editais do Ibram. De fato, alguns poucos pontos de memória obtiveram sucesso em outros igualmente escassos editais de fomento da autarquia, ratificando o sentimento de desvalorização das políticas de fomento ao setor.

Ainda que em formato digital, os relatórios são visualmente reveladores das possibilidades de “thinking through paper” e de questionar a neutralidade do suporte como argumenta Dever (2013). A estrutura, o volume e o conteúdo dos relatórios de gestão não mudaram significativamente no período de 2015 a 2017. Entretanto, no relatório do exercício de 2018 houve mudanças na estrutura e no conteúdo do documento, afetando aspectos importantes da análise deste estudo. Por exemplo, não constou informação acerca dos estágios da despesa referentes à ação 20ZF.

Em 2020, contrariando as expectativas e talvez resultando dos atrasos ocasionados pela pandemia de Covid-19, o relatório de gestão de 2019 ainda não estava pronto. Por todo o ano, o único documento disponível referente ao primeiro ano de Jair Bolsonaro frente à Presidência da República chamava-se “Relatório 400 dias de governo” – um minguido texto de apenas 26 páginas que ao invés de mostrar sintonia com a institucionalidade das políticas museais refletia a sintonia com a equipe de governo. Em 2021 ficaram prontos tanto o relatório de gestão de 2019 quanto o de 2020. Com identidades visuais atrativas e linguagem de fácil compreensão, os relatórios abandonaram o tom mais técnico, voltado para o cumprimento das exigências da contabilidade pública, ficando mais curtos e fáceis de compreender apelando talvez para um público leitor não especializado. Nesse sentido, uma crítica que pode ser tecida é não apresentar os questionamentos dirigidos pelos órgãos de controle tanto internos quanto externos à gestão do Instituto e simplificar assuntos que são em si complexos. Os últimos relatórios reforçaram o discurso da alta gestão e não o discurso da *accountability* e da transparência nos gastos públicos exercendo mais um papel de publicidade da atuação do órgão mesmo diante de um cenário de crise econômica nacional e crise sanitária global do que de prestação e contas à sociedade.

Ainda em 2015, de acordo com relatório do mesmo ano, nem todas as demandas orçamentárias foram atendidas e aquelas atendidas o foram fora dos prazos (Ibram, 2016b, p. 106). Em 2016, o respectivo relatório informou que foram priorizadas as despesas referentes ao funcionamento dos museus e a manutenção administrativa da sede por haver dúvida quanto aos limites orçamentários para o exercício. A definição ocorreu em meados do ano havendo reprogramações dos calendários de execução (Ibram, 2017, p. 59). De fato, segundo o relatório por causa da insuficiência orçamentária mesmo para despesas de manutenção dos museus, houve remanejamento do orçamento das ações finalísticas. Nesse sentido, R\$ 1.400.000,00 foram remanejados da ação 20ZF para ação 2000, que trata da administração da sede (Ibram, 2017, p. 62).

Em 2017, ocorreu o contrário e R\$ 556.480,00 foram remanejados para a ação 20ZF, mas além de ser um valor muito pequeno nenhuma parcela dele foi destinada para editais de fomento do PPM (Ibram, 2018, pp. 50–51). O relatório também explicou que para bancar as atividades finalísticas o Instituto buscou recursos suplementares de fontes como o FNC, mas em 2017 não logrou êxito. Além disso, como de costume boa parte das dotações foram liberadas próximas ao final do exercício gerando empenhos pendentes de pagamento e por isso inscritos em restos a pagar não processados (Ibram, 2018, p. 23). Em 2018, o cenário foi mais preocupante. O relatório alertou que a dotação orçamentária nos últimos quatro anos (2015-2018) foi insuficiente. Para as despesas de manutenção (excetuando as finalísticas e de pessoal e benefícios), o Instituto demandaria cerca de 190 milhões de reais mas tem trabalhado com um orçamento de 85 milhões de reais em média. Em 2015 esteve mais próximo desse valor ideal com um orçamento de cerca de 111,2 milhões de reais e em 2018 mais distante com dotação de apenas 86,6 milhões de reais (Ibram, 2019, pp. 74–75, 80).

O relatório de 2019 é ainda mais dramático ao descrever a situação do Ibram e o tom só piora no relatório de 2020. Num dado momento a análise da execução orçamentária do PPA 2016-2019 se volta para seu efeito sobre os pontos de memória. Consta no relatório que com cumprimento parcial de 72%, a meta que dizia “Apoiar 200 Pontos de Memória, em consonância com o Programa Cultura Viva” teria conseguido apoiar apenas 144 projetos. Adiante detalha o método da apuração definido ainda em 2015 que seria “Pontos de memória premiados nos editais e/ou apoiados por meio de ações de difusão, capacitação e intercâmbio pelo Ibram” (Ibram, 2021a, pp. 11–12). Veja que a meta também diz “premiados nos editais”. Apesar de não ter havido editais especificamente para os pontos de memória, o relatório apontou que apenas as ações de capacitação garantiram resultados relativamente expressivos para a meta. Desse modo, parece haver maior preocupação em manter uma retórica otimista ao invés de apontar a verdadeira condição das políticas públicas para as iniciativas de base comunitária. Em termos de planejamento estratégico, todas as ações finalísticas foram afetadas pelas restrições orçamentárias, todavia, a museologia social entre as áreas finalísticas parece a mais gravemente atingida quando se trata de estabelecer prioridades. Apesar desse fato, como em anos anteriores, o Museu da Maré conseguiu recursos através de uma emenda parlamentar individual que foram alocados na ação 20ZF. Tratou da emenda do deputado federal Alessandro Molon no valor de 200 mil reais. Lamentavelmente, apenas 100 mil reais foram empenhados (não pagos ainda) em 2019 demonstrando como os mecanismos de alocação de recursos públicos são inadequados na reversão das desigualdades socioeconômicas.

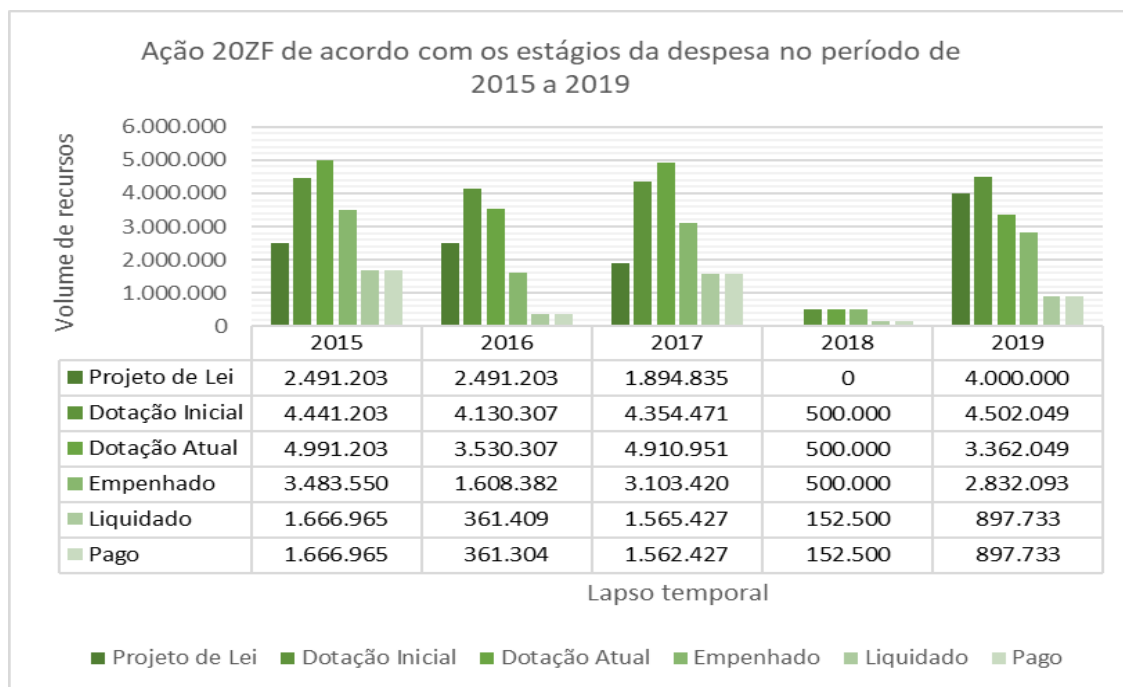
O relatório ainda citou que a transferência da Secult do ministério da cidadania para o ministério do turismo foi evento gerador de turbulências como a descontinuidade de projetos,

perspectiva que também apareceu nas notícias sobre o Instituto examinadas no quarto capítulo (Ibram, 2021a, p. 27). Do mesmo modo, o incêndio que consumiu o MN repercutiu nos assuntos do relatório que destacou entre outras considerações as ações que o Ibram juntamente com os museus federais vêm tomando no sentido de prevenir eventos que colocariam em risco a segurança e o bem-estar nos ambientes e arredores dos museus (Ibram, 2020, p. 41).

O relatório apontou que, como em outros anos do período, o Instituto sofreu com contingenciamento de quantia expressiva de recursos que foram liberados apenas tardiamente adiando compromissos de 2019 para o ano 2020. Para contemplar as despesas finalísticas como em anos anteriores, o Ibram recorreu a órgãos integrantes do sistema da cultura valendo-se do dispositivo de descentralização de crédito. Esses recursos foram empregados principalmente na ação 6067 – Defesa de Direitos Difusos (78,1%). Dentre as ações contempladas (6067, 20ZH, 14U2 e 20ZF), a ação 20ZF recebeu a menor parcela (6,5%), o que correspondeu a R\$ 1.730.000,00 (Ibram, 2021, pp. 57–61).

A análise dos relatórios revelou que há um conjunto de ações do orçamento da pasta da cultura e do Instituto que ao longo o tempo têm dialogado com o PPM. Uma das mais lembradas é a ação 20ZF. No que tange à ação, o relatório de 2019 informou que o orçamento foi executado na organização dos eventos Semana Nacional de Museus, Primavera dos Museus e em outros 46 projetos sem que fosse feita qualquer menção ao PPM. O relatório então congruente com o formato dos anos anteriores passou a apresentar as dotações das várias ações do programa orçamentário do Ibram. Como os mesmos dados estão disponíveis no SIOP, através do portal foi possível analisar o desempenho da ação nos anos estudados, como se vê no gráfico a seguir.

Figura 30 - Ação 20ZF de acordo com os estágios da despesa no período de 2015 a 2019



Fonte: Elaboração própria com dados do SIOP.

Os anos de 2016 e 2018 obtiveram os piores desempenhos. Já os anos 2015 e 2017 apresentaram variações próximas e os melhores resultados do período. Orçamentos nesses patamares impediriam uma verdadeira reforma nos mecanismos de financiamento. Dados anteriores e posteriores ao período de estudo revelaram que o orçamento empenhado da ação nunca passou da casa de 3 milhões de reais e a última vez que isso aconteceu foi em 2017. É louvável que existam esforços nesse sentido e a literatura examinada corrobora esse entendimento, mas a injeção de dinheiro é uma forma válida de mensurar importância, porque sistematicamente as populações-alvo dos editais do PPM são preteridas nessas transações aumentando as distâncias no acesso e produção dos bens culturais. Se as políticas públicas devem ser universalizadas, as parcerias com as organizações comunitárias têm sido apontadas como ocasionando o elo entre poder público e públicos-alvo dificilmente contemplados pelas políticas públicas (Lopez & Abreu, 2014).

Os apoios que os museus interlocutores enquanto pontos de memória ou como OSCs obtiveram provieram de emendas parlamentares individuais. Nos relatórios outros suportes ao programa transparecem em atividades como treinamentos, seminários e capacitações. Há um fato interessante nesse aspecto que é uma pesquisa feita através de consultoria contratada para avaliar o desempenho do Ibram em diversas áreas e que foi conduzida durante um dos fóruns nacionais de museus. Segundo a pesquisa, 59,2% dos participantes apontaram como ótima e

muito boa a atuação no Instituto no campo da Museologia Social. Os resultados da pesquisa encomendada constam no relatório de gestão de 2017. O entendimento expressado evidencia que mais do que os recursos para fomento foi a política de divulgação das iniciativas e de capacitação das equipes que contou para tal percepção positiva. Entretanto, um exame mais atento deve considerar a atuação nessas frentes e buscar alternativas para garantir a continuidade dos editais.

Segundo os relatórios de gestão, houve recursos da ordem de R\$ 343.346,00 oriundos de emendas parlamentares para dois projetos de museologia participativa sendo um deles o edital da Remus-RJ de 2016, que premiou 9 iniciativas de Museologia Social no estado do Rio de Janeiro (Ibram, 2017, pp. 66–67). Ao que tudo indica, como o recurso ficou bloqueado até dezembro de 2016, a emenda é citada novamente no relatório de 2017. Ainda em 2017, outra emenda também destinou R\$ 300.000,00 para a manutenção da exposição permanente e para as atividades administrativas do Museu da Maré (Ibram, 2018). Em 2018, também houve emenda contemplando as atividades museológicas do museu, mas o relatório em questão não menciona o valor transferido (Ibram, 2019). Desse modo, as limitações orçamentárias no nível federal afetaram a disponibilidade dos apoios aos projetos comunitários, que tiveram de buscar alternativas para mobilizar esses recursos.

Por ocasião do incêndio que destruiu o MN, o governo federal cogitou extinguir o Instituto e criar em seu lugar um serviço social autônomo. Como é sabido, a administração do referido museu não é de responsabilidade do Ibram, mas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e criar uma situação tendo como pretexto tal fato pareceu servir aos interesses políticos do momento. Ou seja, o trágico evento com o museu repercutiu negativamente na imagem no Ibram. Esse ocorrido serve para ilustrar um outro elemento que vale considerar nesse exame. As páginas densas do primeiro relatório pesquisado, de 2015, são ano após ano transformadas em um documento atraente e simplificado. Em 2018 foram transformadas em um texto cujas melhores qualidades são de natureza estética e comunicacional – como o Instituto que ano após ano soube realinhar-se e configurar-se em diversas frentes buscando contrastar sua gestão com a imagem de obsolescência que se tem do setor público. Mas, foi também em 2018 que enfrentou sua maior crise com a ameaça de total desestruturação e severas restrições orçamentárias. Aos olhos do leitor ou da leitora, a impressão gráfica dos textos é a de que quando o Instituto foi capaz de estabelecer alguns nortes, mesmo enfrentando forte contingenciamento, todo esse trabalho estava por vir abaixo de forma tão avassaladora quanto as chamadas que consumiram o museu. Desse modo, o cenário para o PPM que já não era dos melhores no período que se iniciou em 2015, tendeu a piorar em 2018 não só com a manutenção da suspensão dos

editais, mas também com a ameaça de extinguir o Instituto e 2019 delineou-se não menos temível com a extinção confirmada do MinC.

Este estudo defende que reverter a lógica do financiamento público para projetos de cultura é ainda uma bandeira a ser defendida. Entende também que programas como PCV e PPM são uma sinalização positiva nesse sentido. Isso não quer dizer que os museus de favela depositam suas esperanças nos recursos federais, que chegam para uma parcela diminuta das OSCs e são descontínuos, mesmo que os repasses federais sejam os que mais contribuem para sua sustentabilidade. Então, as próximas páginas pretendem acessar a percepção dos gestores entrevistados sobre os recursos públicos, principalmente os federais, e sobre dinheiro de maneira geral.

### **3.7 Como os gestores dos museus avaliam a importância desses recursos para a execução das suas programações?**

Para entender a importância dos recursos públicos federais na fala dos interlocutores foram utilizadas tanto a análise de conteúdo quanto a análise temática. A primeira serviu para avaliar a importância que o campo semântico da sustentabilidade tem para os entrevistados diante de todos os tópicos por eles abordados. A segunda para apresentar como recursos financeiros são endereçados pelos membros das equipes dos três museus. Para isso, os arquivos das entrevistas foram analisados com *software* de pesquisa qualitativa e tiveram suas palavras hierarquizadas num *ranking* de frequência de palavras. Dessa grande tabela, vocábulos articulados para endereçar o financiamento de projetos foram usados para formar um subconjunto de dados. A escolha foi feita manualmente e foram selecionados termos que se mostraram significativos para a compreensão do universo no qual circulam os referentes ao dinheiro a partir das perguntas e hipóteses de pesquisa e do roteiro da entrevista.

Foi utilizado o mesmo roteiro em todas as entrevistas, sendo facultado aos participantes escolher as questões que achassem mais pertinentes para abordar em suas falas. Isso significa que nem sempre aquilo relevante para o estudo foi apontado como relevante para o entrevistado. Razões para isso podem envolver desde o desejo de não abordar temas como a vida financeira da instituição até as divisões de trabalho, de modo que não trataram da temática porque não se relacionava com a natureza do trabalho que desenvolvem no museu. Ou seja, não discorrerem sobre o assunto com a mesma desenvoltura que o responsável pela gestão financeira. Do mesmo modo, os entrevistados também puderam abordar assuntos não constantes no roteiro, assuntos que são da sua alçada ou que lhes interessam mais. Outro elemento que cria um recorte importante é ter em mente que o Museu da Maré e o Museu de Favela por serem OSCs formalizadas participaram e foram selecionados em diversos editais federais e de outros níveis



de governo enquanto o Museu das Remoções por ser muito novo e não formalizado não recebeu apoios do poder público para seus projetos. Nesse sentido, durante o trabalho de campo foi possível acompanhar a participação da equipe num festival de curtas-metragens que premiou os mais bem colocados com equipamentos eletrônicos. Foi organizado por um centro de estudos de uma universidade pública e não era necessário ser uma organização formalizada para participar. Nice comentou que isso acontece com alguma frequência.

Como poderá ser verificado nas três seções a seguir, termos relacionados aos interesses de pesquisa aparecem relativamente bem-posicionados no *ranking* de frequência de palavras, principalmente, do Museu da Maré, mas não são os vocábulos mais acionados durante as falas. Além disso, há palavras que tangenciam os interesses de pesquisa figurando nos roteiros das entrevistas que, provavelmente por isso, foram comuns aos membros das três equipes como “dinheiro” e “verba”; entretanto, de maneira geral, o vocabulário acionado girou muito em torno das especificidades de cada museu. Tal constatação levou a escrever o primeiro capítulo sobre os sentidos que os museus afiliados às correntes críticas da museologia teriam a partir de alguns atores do campo como o Ibram, pesquisadores e equipes dos museus. A equipe do Museu da Maré foi uma das que mais se preocupou em explicar a proposta do museu e como se diferenciava dos museus tradicionais.

No que se refere ao vocabulário em análise no capítulo, este tende a ser mais especializado no caso dos museus acostumados com as rotinas dos editais, sendo especialmente verdadeiro no caso do Museu da Maré. Isso não deve ser entendido como correspondendo a arranjos sociais mais sofisticados. Sua leitura deve ser mediada pelas escolhas de pesquisa. Estudos que questionam radicalmente economias monetárias talvez encontrassem esse vocabulário especializado e sofisticado na entrevista de Nice no Museu das Remoções da mesma forma como especialistas em turismo identificariam elementos cruciais para compreender essa atividade econômica na entrevista de Erato.

### **3.8 “Dinheiro” e “edital” na fala da equipe do Museu da Maré**

“Dinheiro” foi palavra citada 33 no conjunto de todas as entrevistas ficando na 76ª posição das palavras mais faladas. “Edital” ficou ainda mais bem posicionado no *ranking* ocupando a 50ª posição e aparecendo 43 vezes nas entrevistas. Além de “dinheiro” e “edital”, “recurso”, “verba” e “loja” integram bem colocadas a relação de palavras que no estudo ilustram a importância do financiamento público e dos recursos financeiros na consecução dos projetos do museu (e do Ceasm). Essas palavras vêm acompanhadas por outras como “doações”, “prestação (de contatos)”, nomes dos parlamentares que destinaram recursos de emendas e de organizações que

patrocinaram projetos. É um vocabulário que evidencia maturidade da organização no aspecto captação de recursos. Não poderia ser diferente, visto que está formalizada desde 1996 e tem acompanhado mudanças importantes na maneira como as OSCs são vistas pelo poder público, como ilustra o surgimento de programas como o PCV e o PPM na área da cultura e do Mrosc no que tange às OSCs de maneira geral.

A seção inicialmente apresenta algumas das menções para a palavra “editais” e em seguida para a palavra “dinheiro”. Além dessas menções, há trechos das entrevistas com Morfeu e Narciso que não foram escolhidos através da frequência de palavras. São passagens que, embora não contivessem as palavras-chave, ajudaram a compreender as dinâmicas de financiamento explicadas nas entrevistas, observadas nas visitas ou mencionadas na literatura como elementos a serem levados em consideração. O primeiro aspecto comentado nos trechos selecionados são os vários projetos conduzidos a partir do Ceasm, como a biblioteca e o museu e de serem eles bem-sucedidos na obtenção de recursos via editais, ainda que alguns membros da equipe tenham em um momento ou outro sofrido com a escassez de chamadas. Entrevistados ressaltam que poderiam participar de mais chamadas se houvesse pessoal trabalhando exclusivamente com o monitoramento dos editais e escrevendo projetos. Costumeiramente, são diretores e coordenadores os encarregados dessa tarefa. O segundo aspecto é a simbologia do museu no campo. Criado a partir de recursos de editais do PCV no nível federal em 2004, tornou-se referência para a Museologia Social nacional e internacional e serviu de inspiração para o Iphan e Ibram criarem e gerirem o PPM.

Um terceiro aspecto mencionado nas passagens foi a captação através de emendas parlamentares individuais – uma opção mais recente para contornar a falta de editais federais imposta pela EC nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Nesse sentido, a seção apresenta trechos da entrevista conduzida com Narciso, integrante da equipe do deputado federal Marcelo Freixo que em 2019 contemplou o Museu da Maré numa de suas emendas. Esses recursos não aparecem nos dados examinados, porque não foram liberados em 2019. Seguindo proposta em curso noutros estados, o gabinete inovou ao aderir aos editais para a escolha dos projetos. Os participantes também tecem considerações sobre a prestação de contas. Não questionam a burocracia pública, que talvez seja entendida como pré-condição condicionando o acesso aos apoios, mas revelam que pode ser menos rigorosa em modalidades de apoio entre as próprias OSCs.

Os primeiros trechos destacam que no guarda-chuva do Ceasm, há vários projetos selecionados em editais. O museu é um deles. Há também, para citar outro exemplo, a biblioteca que foi selecionada num edital para pontos de leitura e num edital da OSC Instituto C&A. Dois editais que estimulam a criação de bibliotecas comunitárias.

(...) teve um edital do Instituto, chamado Prazer em Ler, que trabalha com educação. Então, na época a Ísis escreveu esse projeto e nós fomos contemplados. E o nome do projeto é Prazer em Ler. Então, a gente, nesse tempo de trabalho com o Instituto C&A, a gente aprendeu que a leitura não é uma coisa imposta. A leitura tem de ser uma coisa prazerosa. (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019-, Pos. 13)

O Instituto é uma associação privada fundada pela C&A – uma loja de departamentos presente em todo o país. O projeto do setor educativo foi um dos poucos contemplados nesse edital e mostrou a capacidade do Ceasm e do museu de inovar e continuar acumulando premiações. Um dos projetos atuais tocados pela biblioteca é a parceira com professores de educação infantil num projeto de leitura e contação de história que atende estudantes moradores da Maré.

Antes desse edital, o projeto de Maia foi selecionado como ponto de leitura e o espaço da biblioteca recebeu coleções das principais obras da literatura universal que os moradores podem pegar emprestado mediante o cumprimento das regras – como apresentação de comprovante de residência.

Uma vez eu ganhei um edital, né, de ponto de leitura e fiz o Ponto de Leitura [fala seu próprio nome completo]... Aí, eu virei ponto de leitura. (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 15)

Muitas vezes as atividades do setor educativo acontecem na exposição permanente onde Dionísio e Maia relembram eventos cômicos que se passavam com os moradores da Maré para um público que retribui em gargalhadas. Um dos projetos do Ceasm que recebeu recursos através de emenda parlamentar individual no período deste estudo foi voltado para atividades de contação de história do setor educativo. Com a diminuição na quantidade de editais federais, o Ceasm buscou nos representantes do legislativo alternativas para fomentar as atividades. Num arranjo mais recente, parlamentares têm orientado a escolha dos projetos através de processos seletivos regidos por edital, em escolhas mais democráticas e transparentes.

Apesar do sucesso notável com os editais federais, os entrevistados comentam que o Ceasm também enfrenta desafios. Por exemplo, a periodicidade das chamadas sejam elas federais, estaduais, municipais ou das OSCs não permite um planejamento mais rigoroso de captação. Nesse sentido, ativistas do Rio de Janeiro comentaram que mudanças na prefeitura ocasionaram a escassez de editais municipais do PCV. Além disso, muitas vezes os poucos chamamentos não abrangem os perfis dos projetos do Ceasm para o museu, que é uma demanda museológica.

Mas, às vezes não contemplam... é isso. Às vezes, o período não é um período assim de um ano para outro, sabe. Demoram. Porque às vezes abrem um edital, mas não contemplam nossas ações, não contemplam, entendeu, não contemplam. Aí fica todo mundo sem nada. Tanto é que quando surgiu essa emenda do Jean Willys foi ótimo... porque a gente estava... (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 160)

A gente não consegue fazer isso em grande escala. A gente vai mais pelos editais. E ainda mais num momento em que os editais não estão mais abrindo e está cada vez mais difícil, um funil maior, para poder passar nesses editais, a gente continua na força, né, de acreditar no trabalho de preservação de memória que o museu faz. Porque se a gente fosse falar assim: a gente só trabalha se tiver dinheiro, se tiver edital aberto..., a gente teria fechado o museu. (Dionísio – Setor Educativo – 11-10-2019, Pos. 862)

Se o mecanismo de incentivo fiscal não fosse tão perverso, o Ceasm poderia captar junto aos patrocinadores. Como será comentado mais à frente, apenas museus badalados têm conseguido recursos pela Lei Rouanet. Museus federais como os museus do Ibram e o MN, destruído em 2018 por um incêndio, também não obtiveram sucesso através do patrocínio. Ou seja, de maneira geral, o incentivo não financia a área museológica, o que é lamentável, porque sua proposta museal é tão atraente quanto a dos museus hegemônicos e a equipe tem perfil para continuar na vanguarda da Museologia Social.

Apesar da limitação da captação pelo incentivo fiscal – o que tem mais a ver com o funcionamento do mecenato do que com as qualidades museais do projeto propriamente ditas – a equipe reconhece que o Ceasm é bem-sucedido na sua estratégia de captação de recursos. Durante as observações, por diversas vezes, sabedores que este estudo tinha interesse em compreender como os programas PCV e o PPM contribuíram para a viabilidade financeira do museu, lembraram que foram selecionados em editais do PCV nas três esferas de governo. Atena entende que se sairiam ainda melhor se houvesse alguém da equipe exclusivamente responsável por acompanhar os calendários das chamadas e redigir os planos de trabalho (Medeiros, Alves & Farah, 2015). Mas, Ísis é contra a profissionalização dessa fase, no sentido de “terceirizar”, ou seja, contratar um serviço especializado na captação. Defende que todos os projetos devem ser produzidos pela própria equipe.

E em questão de ser selecionado em edital, a questão aqui: pessoas que têm essa habilidade de ler e interpretar o edital e de conseguir escrever todo esse processo normalmente são pessoas que estão à frente do museu e que têm de estar em reuniões e têm de estar em outros lugares. Então, a gente não tem atualmente – isso é uma dificuldade que a gente tem – uma pessoa só para escrever para edital. A gente não tem isso. A gente tem pessoas que têm de se desdobrar entre as atividades do dia a dia do museu mais os editais. Então, isso atrapalha. A gente poderia estar em muito mais editais se a gente tivesse uma pessoa só voltada para isso: só para tentar edital. (Atena – Voluntária – 10-07-2019, Pos. 273)

Para Atena parece que o problema ainda é produzir um arranjo no qual haja alguém designado não só para escrever os projetos, mas para acompanhar os calendários dentro da própria

equipe. A questão então é treinar e delegar essa atribuição para os demais membros sem que esse processo de transmissão ocasione danos às rotinas de trabalho.

O trecho seguinte fala da seletividade dos editais do PCV. Vale lembrar que o Ceasm foi selecionado nos editais do programa nos três níveis de governo, mas em período fora do abrangido por este estudo. Os pontos de cultura premiados devem continuar participando de editais para concorrer aos recursos. Não é o caso de ao ser premiado haver continuidade do financiamento pelo menos no médio prazo, ainda que as primeiras edições do PCV fossem plurianuais. A continuidade existente implica mais a intuição do revezamento no financiamento entre pontos. Outra crítica é o valor destinado aos projetos. Pressupõe-se que as organizações apresentem propostas pequenas e executáveis no curto prazo. Nesse caso, mesmo programas inovadores estabelecem que a proposta deve se encaixar no edital e não o edital se flexibilizar para atender às necessidades das OSCs. A fala de Morfeu vai nesse sentido.

Mas, acho que foram 260, 262... mas, esses pontos foram os que conseguiram o primeiro edital, né, o primeiro edital e nós tivemos... estávamos entre esses pontos. Foram pequenos projetos... editais do ponto de cultura que favoreceram aos pontos de cultura que ganhavam edital, ou seja, você vai fragmentando, né... um exemplo: você tem 500 pontos de cultura lá e você faz um edital para contemplar 100. Ou seja, você contempla 100; os outros 400 não vão ser contemplados. (Morfeu – Diretor – 24-07-2019, Pos. 537)

É uma crítica pertinente, porque aporte mais generosos, para projetos plurianuais e maior quantidade de premiados poderia ocasionar uma inversão na estratégia de financiamento das políticas culturais. No formato atual, o PCV tem mais efeito simbólico que de reversão das disparidades regionais e capilarização das políticas. No atual formato parece uma experimentação em política pública que pode se tornar irresponsável por abandonar iniciativas que poderiam estar produzindo novos referenciais de cultura e beneficiando o conjunto da sociedade. Então, nesse sentido, de fato quando se vê propagandas principalmente do PCV afirmando que o programa conseguiu promover a democratização cultural, essas declarações devem ser entendidas com cautela, porque a política ainda teria gargalos importantes, uma demanda por apoio muito maior que sua capacidade de subsídio. No formato atual, conseguiria apoiar um ou outro projeto de maneira pontual através de mecanismo de revezamento na concessão de fomentos. Apoios plurianuais ou flexíveis às condições propostas pelos projetos significariam inovações mais capazes de resolver essas distorções.

As próximas falas de Morfeu contemplam o segundo aspecto identificado nos trechos, ou seja, ainda que confidenciem dificuldades que as OSCs enfrentam para se manterem funcionando, passam a destacar o simbolismo do museu e sua importância para a museologia.

(...) [A] gente vive muito no limite, muito no limite. Mas, a gente consegue tocar, a gente consegue deixar o museu aberto, o Ceasm aberto.

Mas, com muito sacrifício. Mas, a gente está sempre em busca de parcerias, de captação. Isso aí a gente não tem como parar. Mas, é uma dificuldade não só para gente, mas no geral. Todo mundo está com esse problema de captação de recursos. (Morfeu – Diretor – 18-09-2019)

As dificuldades observadas por Morfeu não são exclusivas do Ceasm ou do museu. Na verdade, no amplo universo das OSCs poucas conseguem recursos federais. Então, nessa perspectiva, é uma vantagem para o Ceasm ter um projeto na área museológica. Mas, desde 2016 mudanças políticas e econômicas modificaram o perfil das OSCs que recebem recursos federais. Segundo pesquisadores do Ipea (Lopez, 2018), uma série de modificações nos mecanismos de financiamento das OSCs foram perceptíveis na última década (que coincide também com a década em que esses dados passaram a ser observados pelo referido Instituto). Uma dessas mudanças ocorreu a partir de 2016, quando os repasses deixaram de contemplar OSCs menores e na área de defesa de direitos como é o caso do Ceasm para contemplar organizações sociais da saúde.

O museu está na vanguarda da museologia e essa potência é notável em todos os trabalhos que a equipe se propõe a fazer. Foi uma das primeiras iniciativas museológicas gestadas em favelas e travou importantes debates na defesa e valorização dos moradores da Maré, por isso, é também reconhecido pelo seu valor simbólico no contexto nacional e internacional.

A gente está aqui para lutar, fazer o que a gente se propôs a fazer desde o início. Então, nós somos... eu acho que o museu tem uma potência, o museu é forte – mesmo sem recursos – ele vai ser forte sempre, porque ele tem um simbolismo tanto para a Maré quanto para a museologia. Eu ousou, ousou dizer para a museologia mundial. (...) E como nasceu o Ibram, nasceu forte e o Brasil foi referência no mundo museológico, para a criação do Ibermuseum. Nós ficamos à frente do Ibermuseum por vários anos. (Morfeu – Diretor – 18-09-2019).

Morfeu explicou que assim como o Brasil se destacou no contexto latino-americano e ibero-americano ao criar um instituto para a gerir a política pública de museus, destacou-se também o Museu da Maré na cena museal por ser uma iniciativa dos próprios moradores de favela que fortalece sua capacidade de responder aos estereótipos contra as auturbanizações. Ao adquirir visibilidade, o museu recebe importantes personalidades políticas e se consolida entre os formadores de opinião. Uma das imagens mais emblemáticas nesse sentido, é a foto do ex-ministro da cultura Gilberto Gil e do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na inauguração do museu. Em 2019, ano em que foi conduzida a pesquisa de terreno, por exemplo, o museu recebeu a abertura oficial da Semana Nacional de Museus de 2019, cerimônia na qual esteve presente o presidente do Ibram, e foi visitado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Em 2020, um pouco antes do início da pandemia de Covid-19, recebeu a medalha de Ordem do Mérito Cultural Carioca da prefeitura do Rio de Janeiro. Além disso, o museu é uma das principais referências para Remus-RJ assim como foi para a equipe que organizou o edital da rede

municipal dos pontos de cultura, lugar escolhido para realizar a divulgação comunitária do processo seletivo na Zona Norte.

As parcerias entre o poder público e OSCs objetivam também descobrir tecnologias sociais (Lopez & Abreu, 2014). Ou seja, práticas que podem ser incorporadas de maneira mais abrangente nas políticas públicas. Nesse sentido, representantes do Ibram em diversas ocasiões discorreram sobre a inspiração exercida pelo museu na criação do PPM. Morfeu também comentou esse fato em uma das entrevistas.

E o Museu da Maré sempre foi uma referência para o Ibram. Já era para o Demu – que era o Departamento de Museus – do Iphan. Depois para a criação do Ibram, o Museu da Maré era um ponto forte para a criação do Ibram também, porque o Ibram se pautou muito na Museologia Social (...) (Morfeu – Diretor – 18-09-2019).

E a referência maior do Demu, do Ibram era quem? Tinham outros ares, mas nesse aspecto era o Museu da Maré. Então, tem uma simbologia, tem um significado o Museu da Maré. A gente tem de reconhecer isso, mas sem soberba, né, sem acharmos que fomos melhores ou piores do que ninguém. Mas, eu acho que isso potencializou o Ceasm num todo, potencializou o que a gente faz lá, porque é muito bonito. (Morfeu – Diretor – 18-09-2019).

Esse comentário é endossado pelo Ibram em diversos documentos e um deles é um panfleto, exibido a seguir, que circulou entre as iniciativas culturais e dizia que o sucesso do museu causou a criação do PPM.

Figura 31 - Panfleto do Ibram

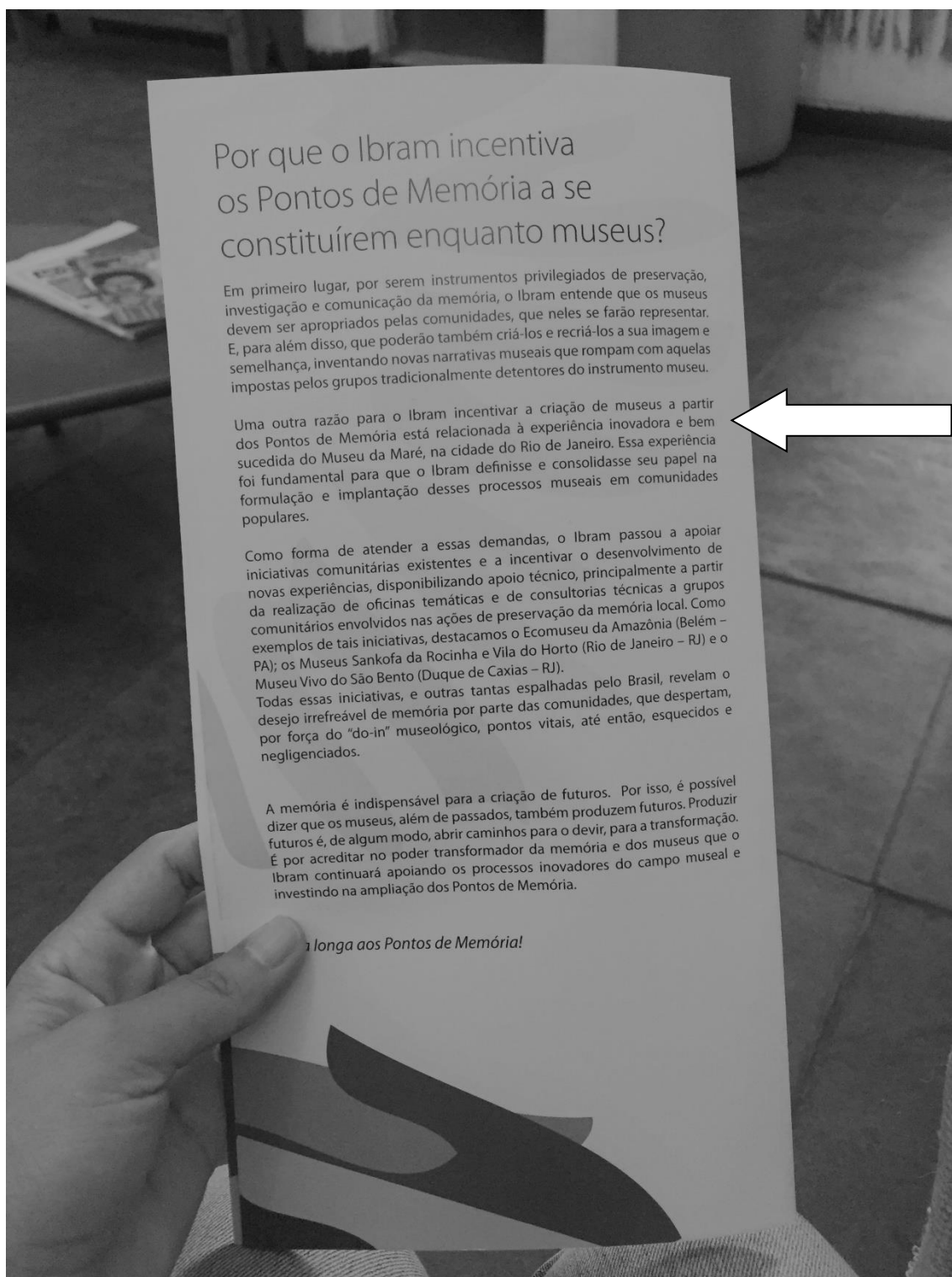


Foto da autora.

O terceiro aspecto para tratar sobre “editais” se refere na verdade às estratégias para driblar a falta de editais, ou seja, buscar apoio através de emendas parlamentares individuais. Como apresentado anteriormente, no nível federal, os dados apontaram que apenas as premiações



do PPM e os recursos descentralizados através das emendas compuseram os aportes para o museu no período de 2015 a 2019. Esse assunto é suscitado por Atena.

E... têm os editais e atualmente têm as emendas parlamentares. A gente teve a do Jean Wyllys e teve a do Molon também. (Atena – Voluntária – 10-07-2019, Pos. 237)

Houve duas emendas nos anos 2017 e 2018 e é delas que trata Atena. Normalmente, esse processo perpassa a sensibilização dos parlamentares para a questão demandada. Realizado o trabalho de convencimento, o mandato faz a indicação de verba pela dispositivo de emenda.

Entretanto, em 2019 um deputado da bancada do Rio de Janeiro propôs receber projetos culturais através de processo seletivo regido por edital. Entre outras regras, previa critérios de territorialização priorizando projetos advindo de OSCs localizadas nas zonas mais vulneráveis da cidade. Foi possível conversar com Narciso, que trabalha no gabinete do deputado. Segundo ele, o mandato busca tornar mais democrático o processo de indicação de emendas.

(...) [E]ntão é a primeira vez que a gente tem essa oportunidade de fazer as indicações das emendas. Essa foi uma tentativa nossa de democratizar mesmo o processo. De torná-lo, de abrir um pouco o processo, que tradicionalmente é um processo de gabinete, uma conversação a portas fechadas, abrir esse processo à participação. Torná-lo um pouco mais transparente do que se faz tradicionalmente. Então, eu acho que esse é o principal objetivo – o de realmente abrir à participação e democratizar um pouco esse processo de indicação das emendas dos recursos. Além disso, a gente entende também que esse processo acaba legitimando as escolhas que a gente faz em relação às emendas. (Narciso – Gabinete – 05-03-2020)

As negociações de verbas pelas emendas por muito tempo apareceram para o senso comum como pouco transparentes passando a impressão de que o dinheiro público não é alocado onde há necessidades, mas onde há *lobby*, onde grupos exercem influência política. E esse poder de influenciar o orçamento não é normalmente associado aos setores não hegemônicos da sociedade. Obviamente que esses grupos exercerão maior controle sobre a destinação da verba pública ao eleger representantes comprometidos com suas bandeiras. Quando os grupos de *advocacy*, como as feministas, desenvolveram estratégias para sensibilização dos parlamentares mulheres foi um sinal confirmando que o processo eleitoral não finalizava a participação cidadã nos processos democráticos formais. Atualmente, acontecem outras inovações além da sensibilização dos parlamentares através de *advocacy*. Há ainda mandatos coletivos e o arranjo de decisão participativa na destinação das verbas das emendas individuais. No caso apresentado por Narciso, as decisões são feitas a partir de critérios previamente estabelecidos em edital. Ou seja, o mandato entendeu que o edital tem características mais transparentes e justas, porque é um processo decisório de regimento comum a todos os participantes, que também podem

acompanhar os resultados e interpor recursos no caso de insatisfação. Ou seja, não é uma decisão às portas fechadas.

O representante do gabinete também falou dos critérios de seleção e do que o mandato faz para acompanhar a execução dos projetos.

Dois critérios basicamente: um critério mais técnico. A gente se preocupou em olhar quais eram as organizações que tinham condição de receber o recurso e prestar contas desse recurso. (...) Quem repassa a emenda, quem é responsável, quem repassa o recurso para a organização, para a ONG é o governo federal. Então, o parlamentar só faz a indicação. Para que a ONG consiga efetivamente receber esses recursos, ela tem que ter toda uma capacidade gerencial e técnica de submissão do projeto para o governo federal e de prestação de contas. Sem essa capacidade gerencial e técnica o recurso se perde e ela não consegue captar esse recurso. Então, a gente teve primeiro uma preocupação com essa capacidade gerencial e técnica das organizações que foram contempladas (...) Além disso, o critério de relevância e de impacto do projeto. Então, assim, a gente somou esse critério de capacidade de captação com esse critério mais político de relevância e impacto dos projetos. A gente recebeu um total de 117 projetos e contemplou um número de... se eu não me engano foram 10 ou 9 projetos (...) (Narciso – Gabinete – 05-03-2020)

Então, como na seleção dos editais federais do PPM, o edital do mandato priorizou a capacidade de execução e prestação de contas da candidatura. Ou seja, estabeleceu pré-condições que facilitariam a execução da verba para todos os envolvidos. Todos os demais trâmites da emenda desde a liberação dos recursos até a prestação de contas se dão através do órgão público do executivo responsável pela mediação da relação entre o parlamentar e o OSC selecionada. Esses recursos eram de pagamento impositivo, mas isso mudou com a EC nº 95, de 15 de dezembro de 2016, de modo que também estão sujeitos ao teto dos gastos públicos. Até 2015, demonstravam o poder do legislativo em driblar restrições do poder executivo, mas desde a EC essa capacidade foi parcialmente limitada. O edital em questão, teve 117 inscrições e cerca de 10 selecionados. Ou seja, foi um processo competitivo, ainda que tivesse a vantagem de ser aberto apenas para o estado do Rio de Janeiro. Desse modo, o Museu da Maré não contou com um processo às portas fechadas para obter recursos da emenda, mas o edital também não resolveu o problema da falta de recursos para pequenas organizações comunitária, porque a maior parte dos participantes ficou de fora dos selecionados. Possivelmente era uma demanda que seria também canalizada para editais federais e ficou concentrada na emenda participativa.

Segundo Narciso, o mandato não tem um compromisso forte na capacitação ou assessoramento das OSCs selecionadas para que consigam cumprir as exigências de execução e prestações de contas. É certo, que as OSCs também se capacitam para lidar com essas exigências, que são pressupostos para que façam seu trabalho. Se querem desenvolver parcerias com o poder

público, devem demonstrar a capacidade de cumprir suas regras. Mas, principalmente OSCs que estão iniciando costumam não ter acesso a contadores dificultando a relação com o poder público, porque linguagem e regras de contabilidade não são acessíveis aos públicos comuns. É certo também que os órgãos públicos têm quadros de pessoal que cuidam da execução dos convênios e outras parcerias, mas, por exemplo, os relatórios de gestão do Ibram apontaram número reduzido de servidores trabalhando nesses setores, o que pode tornar os trâmites morosos e mesmo sem o acompanhamento adequado. Capacitação e assessoria teriam para novas OSCs uma dimensão educativa para a vivência com a burocracia. Nesse sentido, Narciso explica que há um compromisso menos intenso ou focalizado do mandato no acompanhamento dos projetos.

A responsabilidade pela execução dos projetos é das organizações. Quem verifica se o projeto foi realmente cumprido ou não é o governo federal. Não é o mandato. O mandato só faz a indicação. Por isso, existe toda uma obrigação de prestação de contas das organizações perante o governo federal, perante o ministério para que eles consigam efetivamente receber o recurso e prestar contas de cada centavo que foi empregado. O que a gente faz é um acompanhamento geral dos projetos para saber como eles estão andando, enfim. Mas, a responsabilidade técnica pela execução é da própria organização. Se ela não faz a prestação de contas pelo governo federal ela não recebe o recurso (...) (Narciso – Gabinete – 05-03-2020)

A ênfase dessa fala de Narciso esteve na obrigação de prestar contas e em outro momento ressaltou a exequibilidade dos projetos como principais critérios de escolha. As OSCs mais competitivas seriam aquelas que mostrassem sua capacidade de *accountability* e de apresentar projetos executáveis. Nesse sentido, se não houver constantes ajustes, a proposta de emenda participativa pode também contribuir para manutenção dos gargalos identificados pelos estudiosos e equipes de OSCs, de modo que continuamente as organizações mais antigas e mais adequadas aos padrões da burocracia pública continuarão mais bem-sucedidas que, por exemplo, as iniciativas mais recentes e inexperientes (Medeiros, Alves & Farah, 2015). Para o mandato também não é interessante que essa verba não seja utilizada, porque dentre muitas outras consequências poderia gerar publicidade negativa e contribuir para inviabilizar a emenda participativa. Mas, no atual formato a emenda atinge sua capacidade democrática se validar a competição entre as OSCs mais estabelecidas e com uma história exitosa. Como o Ceasm logrou êxito em obter apoio para o projeto do museu através desse mecanismo, mostrou sua capacidade técnica de prestar contas e que esse é um fator estratégico na capacidade da OSC de continuar obtendo apoios do poder público. Organizações menos exitosas teriam mais dificuldades em competir pelos recursos mesmo desse edital.

Já havia uma crítica acumulada pelo setor e expressa por representantes como a Abong sobre o aspecto prestação de contas. A essa crítica se somou novos posicionamentos herdeiros da experiência advinda de projetos especificamente culturais como o PCV (Silva & Araújo, 2010). A implantação do SNC e de programas como o PCV capilarizaram a política pública e impingiram maior participação popular na sua execução. Algumas das soluções no caso do PPM foi a realização de editais para premiações envolvendo valores pequenos cujo instrumento de repasse com a entrada em vigor do Mrosc poderia ser o termo de fomento. É sabido que os mecanismos de repasse exigem prestação de contas, porque qualquer uso dos recursos públicos pressupõe a obrigação de prestar contas à sociedade. Mas, há outras formas de captação acontecendo que, por não envolverem parceria com o poder público, são menos burocráticas. Não há problemas em exigir transparência e responsabilidade no uso do dinheiro público, mas no contexto de um Estado insuficiente, incapaz de garantir cidadania plena aos seus cidadãos e acesso aos direitos mais básicos, a relação com OSCs comunitárias em áreas de favelas e periferias não deve ser menosprezada. Esse relacionamento é crucial para o equacionamento dos problemas de desenvolvimento do país e deveria estar à frente das demandas burocráticas no sentido de que deveria mobilizar esforços para conceber alternativas mais viáveis.

Sobre o assunto prestação de contas discorre Ísis no trecho a seguir.

Não. tem... tem... alguns parceiros que exigem, claro, mais rigor na prestação de contas. Outros não. Às vezes até a gente tem... mais geralmente são editais. Com exceção da MISEREOR e da Adveniat, que não tem a ver com edital, os outros são editais. Então sim, a prestação de conta segue maior rigor, porque você tem... formulários. Geralmente é o poder público, o próprio poder público manda para você poder preencher, para poder prestar contas. Agora, a MISEREOR mesmo não tendo, por exemplo, esse rigor, mas exige uma prestação de contas, por exemplo, do que está sendo usado, cheques que estão sendo emitidos e tal. (Ísis – Diretora – 24-09-2019, Pos. 619)

Como já comentado, além dos recursos públicos as OSCs obtêm verbas através de outros mecanismos como doações e isenções. No trecho, Ísis falou de doações de ONGs estrangeiras. Destacou que as ONGs alemãs entendem que doações podem ter exigências menos demandantes no aspecto prestação de contas que o setor público. Desse modo, parece que doações são mecanismos que possibilitariam corrigir desigualdades estruturais, especialmente no que tange às OSCs menores e mais novas, visto que poucas organizações comunitárias têm acesso a contadores. Além das doações de ONGs internacionais, as OSCs podem receber doações de pessoas jurídicas nacionais e a legislação brasileira também possibilita que pessoas físicas façam doações para OSCs da cultura dedutíveis no imposto de renda. Desse modo, as OSCs podem captar apoios em formatos não regidos pela contabilidade pública. Além disso, especialmente para as novas OSCs, enquanto não se consolidam como o Ceasm, capacitações nas áreas de contabilidade e

direito administrativo ajudariam a fortalecer um compromisso com *accountability* e com a democratização dos mecanismos que garantem o pleno exercício da cidadania.

Então, para finalizar a seção, o Ceasm é exemplo de OSCs de propostas bem-sucedidas nas seleções por editais tanto públicos quanto de outras OSCs apesar de em alguns períodos projetos da biblioteca terem ficado descobertos deixando Maia sem meios para se manter. O museu conquistou uma simbologia forte se tornando referência dos significados da Museologia Social no país e internacionalmente ao inspirar a criação do PPM e aparecer em diversas publicações do campo como uma proposta inteiramente inédita. Por sua criação ter sido possível com recursos do edital do PCV em 2004, representou um exemplo perfeito de parceria entre OSCs e o Estado. A interrupção de boa parte dos editais no período estudado fez a equipe buscar alternativas como a sensibilização de parlamentares. Mas, diferentemente de outros contextos, esse processo também foi mediado por um edital demonstrando tanto o engajamento da equipe por formas mais transparentes de seleção quanto do mandato por decisões mais participativas para o destino das verbas parlamentares. Nesse aspecto, os dados dos repasses revelaram que houve uma crescente contribuição das emendas nas transferências para as OSCs a partir de 2017, fenômeno intensificado em 2018 e 2019.

A seguir, a seção aborda ocorrências para a palavra “dinheiro”, palavra de considerável frequência no conjunto das entrevistas com a equipe do Museu da Maré. As menções foram divididas em três contextos. O primeiro deles se refere ao dinheiro captado por atividades realizadas pelo próprio museu como o movimento de caixa da lojinha, as vendas dos dois bazares anuais e de outros eventos. De acordo com a legislação brasileira, as OSCs do tipo associações privadas podem desenvolver atividades econômicas para sua manutenção. O segundo se refere a dinheiros estratégicos. Provieram da captação de recurso em chamamentos públicos e de processos seletivos por instrumentos diferentes dos editais. São estratégicos porque possibilitaram avanços ou mudanças de patamares que alçaram a equipe à condição de vanguarda. Esse tópico foi abordado na seção anterior, mas agora é perspectivado a partir da utilidade ou do que ocasionaram. Um outro ativista entrevistado no Rio de Janeiro chamou recursos assim de “dinheiro fêmea”, porque frutificam, fazem render, multiplicam-se além do esperado.

Por fim, o terceiro contexto aborda escolhas que entrevistados fizeram para ajustar habilidades e ambições que expressassem sucesso e ser bem-sucedido na vida. Essa temática apareceu entre os participantes jovens que são também egressos dos projetos do Ceasm – como o curso pré-vestibular comunitário. A metodologia ali desenvolvida incentiva os jovens participantes a sempre buscarem superação. Incentiva também autonomia e criticidade sem abdicar do acesso a profissões desejadas e de alto retorno econômico. É assunto para mais estudo, mas os jovens egressos atuais trabalhadores do museu enxergaram nos membros mais velhos da equipe

carreiras bem-sucedidas, pessoas de sucesso e modelos a serem seguidos. O museu, por sua vez, é também bom ambiente de trabalho que proporciona oportunidades de crescimento especialmente no campo da pesquisa e vivência com a disciplina museologia.

Para começar, será apresentado uma das atividades econômicas do museu, que são os bazares. Na passagem a seguir, Maia fala da sua persistência para convencer o instituto ligado às lojas C&A a continuar contribuindo com o museu. Todos os anos, o museu organiza dois desses eventos, o Bazar do Dia das Mães e o Bazar de Natal. A loja doa roupas com pequenos defeitos como faltando um botão, com algum trecho descosturado e o museu as revende por preços populares, obtendo alguma margem de ganho. Para acompanhar um desses eventos foi necessário chegar cedo ao museu, tão cedo que o taxista alertou sobre os perigos de andar na Maré principalmente para uma mulher vinda de fora, porque compradoras que desejam adquirir as melhores peças precisam agir rápido. Antes da abertura do museu já havia uma fila para orientar os direitos de escolha.

(...) Só que eu liguei para lá ano passado e falei assim: “Vocês não vão doar mais? Assim, com o dinheiro que entra das roupas que vocês doam eu faço bazar, eu compro coisas para as crianças, a gente faz passeio” ... e eles resolveram doar. Então, existe essa parceria com a loja, por conta da doação, entendeu? (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 85-86)

Como o museu não tem veículo próprio, normalmente Maia tem que providenciar a logística para trazer as doações, o que também envolve custos já que a loja não faz a entrega. As embalagens com as doações ficam armazenadas num dos espaços do museu até que nas reuniões de equipe do mês do evento há a divisão das tarefas. O evento costuma acontecer em manhãs de sábado. Então, dias antes as peças são escolhidas e classificadas. Na noite de sexta, são dispostas em cabides e outras estruturas no galpão do museu, de maneira a ressaltar seus atributos como se vê no comércio. Os preços ficam logo acima em letras grandes convidativas. Quem tem mais habilidades culinárias, deve estender o trabalho até tarde da noite de sexta, preparando bolos, tortas e caldos que tornarão o evento mais memorável e o mesmo se dá com as bebidas. O Bazar de Natal acontece no verão, então há também muito cuidado para deixar as bebidas que estão à venda na temperatura adequada durante a realização do evento. Demanda muito trabalho organizar os eventos, que já adquiriram uma simbologia positiva junto à comunidade.

Os museus normalmente cobram pela visita. No Museu da Maré esse também é o caso, ainda que a taxa seja num valor acessível. Mas, seus moradores são privilegiados nesse aspecto, porque faz parte da política do museu oferecer a gratuidade aos visitantes oriundos das 16 comunidades do bairro. O dinheiro arrecadado com a venda dos ingressos para visitantes externos também costuma ser utilizado para cobrir pequenas despesas, como o dinheiro das vendas da lojinha.

A gente até cobra uma taxa simbólica de seis reais, né. Há outros museus que cobram. Mas, assim, as pessoas ficam à vontade. Para a comunidade não. A gente cobra quando um grupo grande agenda uma visita, um grupo que vem de fora agenda uma visita. A gente diz: “Olha, nós cobramos uma taxa de seis reais”. Então, muitas das vezes eles vêm e tem uma contação de história. Não só visitam (...), tem uma contação de história. (...) Então, se cobra, mas não é sempre que as pessoas pagam, sabe. E é bom, porque com esse dinheiro a gente já compra o café, compra uma lâmpada. (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 187-190)

Portanto, a entrada é franca para os moradores, mas o museu também obtém recursos através da bilheteria com a visitação de pessoas de fora da Maré. Maia destaca o caso de visitantes que agendam visita como o grupo de israelenses que estava no museu na primeira visita de campo deste estudo. Em ocasiões como essa, Maia e Dionísio organizam intervenções na exposição permanente onde fica o principal atrativo do museu. Dionísio é estudante de artes cênicas e Maia tem formação técnica de atriz. Os dois aproveitam as visitas em grupo para dramatizar “causos” que integram uma publicação sobre histórias extraordinárias da Maré e assim, empregam seus talentos nas tarefas de fazer rir e obter mais dinheiro para o museu.

A política de gratuidade se estende para outros contextos. A equipe acordou com museus tradicionais como o Museu Imperial a sua manutenção para visitantes oriundos da Maré.

Sim. O Museu da República, por exemplo, é um museu que é parceiro. O Museu Histórico Nacional que a gente já teve uma parceria e agora está tentando reativar, fazer uma exposição lá. O Museu Imperial lá em Petrópolis: toda vez que vai grupo lá visitar, eles abrem gratuitamente o museu para a gente. (Ísis – Diretora – 24-09-2019, Pos. 620-622)

A equipe consegue levantar algum dinheiro através das estratégias normalmente utilizadas pelas instituições culturais, mas tem uma política que se destaca no sentido de desonerar a visitação dos moradores da Maré em outros espaços. Diversas publicações enfocam a experiência de adentrar uma instituição museal pela primeira vez ou a relação que frequentar um museu tem para compreender a constituição das identidades. Ao visitar o Museu Imperial gratuitamente, os moradores da Maré podem adicionar mais peças ao quebra-cabeça da história do Rio de Janeiro e complementar sua formação crítica. Não é o caso de gerar verba para o museu, mas de desonerar os moradores da Maré visitantes de museus promovendo custos mais baixos no consumo cultural.

A lojinha também é lembrada como proporcionando dinheiro para gastos menores. Recentemente aderiu ao comércio eletrônico e aceita cartão de crédito e débito. Até 2019, o pagamento só poderia ser feito em espécie. Sacar dinheiro na Maré é complicado, porque praticamente não há bancos, há poucos terminais eletrônicos nos quais se formam filas enormes principalmente aos finais de semana. Era provável que visitantes de fora da Maré com mais poder

de compra não pudessem fazer pagamentos em espécie não havendo bancos próximos e estando mais acostumados a compras com cartões. A adesão ao comércio eletrônico possibilita a aquisição de publicações relacionadas à Maré, algumas de autores da equipe ou de projetos parceiros do Ceasm, bem como da produção do artista que trabalha com o museu. Como comenta Cogan (2018), mais do que garantir sustentabilidade econômica, o objetivo principal das lojas de museus é dar-lhes visibilidade enquanto marca e prolongar a experiência de visitação através de *souvenirs* que aludem àquela experiência ou de publicações que aprofundam conhecimentos sobre o trabalho da organiza o. Na fala, Métis também destaca as doa o es pontuais feitas por visitantes do museu mediadas pela lojinha.

  a lojinha ajuda muito, n , para algumas coisas. Tipo: está faltando alguma coisa? Então, tem o dinheirinho ali da lojinha. Então, a gente também tem essa forma de captar recursos com a lojinha. Mas, não   l  essas coisas. Não tem tanto dinheiro assim. Quando tem evento sai muita mercadoria, sai muito produto. Mas, assim no dia a dia   mais doa o . As pessoas doam. Vêm aqui e falam: “Ah, pode ficar com esse dinheiro”, ou “vou querer fazer uma doa o ”. Então, a lojinha   mais quando há eventos, quando há aqueles eventos grandes. Quando vem alguém fazer palestra eu monto a lojinha ali no teatro e aí eu consigo vender mais produtos (...). (Métis – Secretária – 07-10-2019, Pos. 726-727)

(...) E além dos editais – que   uma forma de arrecadar esse dinheiro – o museu também age de forma autônoma, n . A gente tem a lojinha daqui do Museu da Maré, que   inclusive   mantida pela própria equipe – entre aspas, n  – na maioria das vezes quem faz   o Ares esses objetos para venda: blusa, pulseira, cordão. Sendo que isso   muito mais assim: “Ah, comprar uma água, comprar um café, comprar um papel higi nico”. São para coisas muito básicas, porque com aquilo ali não tem como a gente pagar uma conta de luz ou pagar o s l rio de alguém aqui. (Dionísio – Setor Educativo – 11-10-2019, Pos. 859-860)

O museu desenvolve a o es em quase todas as áreas de atividade dos centros culturais, mas em menor escala. Tem sempre algum evento interessante acontecendo no museu, além de cursos e oficinas, e a lojinha funciona todos os dias até mesmo aos sábados. Como fica junto com a recep o tem também muito visibilidade. Esses recursos, como disse Dionísio, ajudam a cobrir pequenas despesas e acabam fazendo a diferença, porque   um dinheiro livre de burocracia e para situa o es cotidianas.

A próxima fala   de Ísis e destaca dois “dinheiros”, dois aportes de recursos fundamentais na trajetória do museu oportunistados em dois momentos diferentes. Ainda em 2004, a equipe aproveitou da experiência que tinha com exposi o es itinerantes e com a casa da cultura, local onde aconteciam organizados pelo Ceasm eventos como saraus, peças teatrais, festivais de cinema e apresentou ao PCV o projeto do museu. Anos depois, em 2019, obteve a doa o  do imóvel onde funciona o museu dos seus antigos donos. Para completar os trâmites legais de



passagem do bem para o nome do Ceasm duas organizações internacionais contribuíram doando o dinheiro que garantiu o direito legal sobre o imóvel e para realizar nele obras de infraestrutura. Vale lembrar que em 2014, os antigos proprietários pediram o imóvel cedido de volta e o museu enfrentou uma ação de despejo.

[N]ão que a gente não tenha recebido outras verbas importantes – mas, aqui está perguntando de estratégico e para mim foi esse: que foi o recurso público do governo federal do MinC – e o outro esse agora (...) são duas instituições alemãs, ONGs alemãs – e que disponibilizaram recursos para a gente fazer todo o trâmite burocrático de ter a escritura, de passar o imóvel para o nome do Ceasm, porque o Ceasm que é a pessoa jurídica. E aí, quem deu a maior parte para essa transmissão do imóvel foi Adveniat. Só que faltou, porque eu acho que foi 70 e poucos mil reais – eu não sabia que era tão caro assim – aí a MISEREOR complementou. Mas, além de complementar também deu um valor a mais para que a gente pudesse organizar o espaço. Então, graças a esse valor, por exemplo, a gente está fazendo mudanças na exposição de longa duração, já descupinizamos o barraco, fizemos também parte da descupinização das madeiras, mudamos várias madeiras. E agora vai ter a parte de pintura que vai vir, a parte da instalação elétrica. Então, para a gente acho que esses dois recursos foram muito importantes (...) (Ísis – Diretora – 21-11-2019, Pos. 947-948)

“Dinheiros estratégicos” foram o recurso do PCV que possibilitou o projeto do museu entre 2004 e 2006 e os recursos doados pelas ONGs alemãs em 2019 para a transferência do imóvel doado pelos antigos donos que moviam na justiça uma ação contra o Ceasm. Não foram quantias grandes, mas surgiram no momento certo e possibilitaram dar os pequenos passos que faltavam para transpor grandes barreiras e colocar a equipe na situação confortável de ser dona do próprio espaço.

Os próximos trechos falam da relação entre dinheiro, trabalho no museu e escolhas pessoais. Escolher o museu envolve reconhecer que trabalham num projeto não hegemônico que, embora de sucesso, enfrenta desafios. De fato, excetuando propostas museais mais afinadas com a indústria cultural, museus não costumam ser bem-sucedidos na captação via renúncia fiscal – não é só caso do Museu da Maré. Museus no geral não costumam captar através da lei de incentivo, ainda que os maiores incentivos aos setores se originem na renúncia fiscal. Então, trabalhar no museu para a maioria dos membros da equipe não é uma escolha orientada pela disponibilidade de recursos para os projetos, muito menos uma escolha que proporciona as seguranças trabalhistas comuns entre os trabalhadores formais, como salário todos os meses, contribuição para a seguridade social e acesso à seguros como o fundo de garantia e o seguro-desemprego etc. Trabalhar no museu é uma escolha de vida.

Para começar, Maia fala como a falta de verba afetou sua vida, ficando ela meses trabalhando sem receber no período logo após a inauguração do museu.

A gente passou muito tempo sem nada. A gente passou uma época... logo que o museu inaugurou, a gente passou nove meses sem um tostão. Nove meses! E a gente vinha trabalhar, sabe. Quando saiu um dinheiro não sei de onde, porque nem me lembro mais, eu me achei rica. Eu falei: "Nossa!". Recebi os meses todos, sabe. Então, prejudica sim. (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 139-140)

Maia não se ateve em explicar por que foi afetada pela falta de recursos, mas a pressuposição é de que os recursos recebidos pelo museu são aplicados nos planos de trabalho bem-sucedidos na busca por apoio. Se o projeto selecionado for da biblioteca, então os recursos vão para a biblioteca. Somasse-se a isso o fato de que ser selecionado não garante receber os recursos, porque esse dinheiro é sujeito a contingenciamento e a outros entraves que inibem sua liberação. Se o projeto não for selecionado ou se não contemplar a biblioteca, então também não haverá recursos. Ou seja, o financiamento é pontual, mas a equipe trabalha continuamente. Um projeto como da biblioteca não é um projeto de curto prazo, a biblioteca permanece em funcionamento passado o prazo de execução do plano de trabalho financiado.

No próximo trecho, a educadora fala que a situação de falta de recursos afetou sua manutenção novamente. Ela trabalha como autônoma, mas é afetada drasticamente pela sazonalidade dos editais e outros mecanismos de financiamento. Se não tivesse identificação tão forte com o projeto do museu, poderia buscar trabalho fora das OSCs, mas é uma opção que nem de longe passa nos seus planos. Como até sua viuvez não era a única mantenedora da família, podia continuar trabalhando até que surgisse dinheiro.

Agora, realmente, este ano a gente está leve, este ano a gente está leve: todo mundo trabalhando, todo mundo recebendo. Ano passado ficou somente eu... eu e minha colega de trabalho sem receber, porque não tinha de onde tirar mesmo. Mas, as outras pessoas estavam recebendo: ... junta um pouquinho dali, um pouquinho não sei de onde. Esse não. Este ano a gente já está tranquilo, fazendo um trabalho... a gente sempre fez. A gente diz o seguinte: a gente não pode ter muito dinheiro não, porque a gente faz muita coisa com pouquinho, sem nada. Se a gente tiver muito, eu acho que a qualidade do nosso trabalho perde, entendeu. A gente não sabe trabalhar com muito dinheiro. A gente trabalha com aquele pouco, que é destinado para cada projeto e pronto. E fazemos além. Nós fazemos além. (Maia – Setor Educativo – 24-06-2019, Pos. 179-180)

Apesar de lidar com a situação com bom humor e explicar que o clima entre os integrantes da equipe é de solidariedade, de novo a falta de dinheiro para projetos da biblioteca afetou suas condições de vida. Felizmente, um dos apoios liberados no período estudado, de emenda parlamentar individual, foi para um projeto da biblioteca. Como será tratado mais à frente, novos editais da estadualização e municipalização do PCV desenvolveram arranjos mais interessantes no sentido de tangenciar o problema da sazonalidade, que são aportes plurianuais e de valores progressivos. Novas soluções têm sido buscadas para de maneira mais satisfatória tornar os

programas adequados à sua intenção de democratizar o fazer cultural. Indivíduos também podem colaborar com os projetos fazendo doações dedutíveis no imposto de renda ao longo do ano fiscal.

Se não tivesse uma identificação tão forte com o projeto poderia não resistir à falta de recursos para a biblioteca. Mas, em nenhum momento da sua fala transpareceu insatisfação ao ponto de cogitar deixar o ativismo, embora tenha sido questionada pela sua família acerca do que estava se passando e se tal escolha valia o sacrifício. Toda escolha profissional envolve renúncias. Profissões bem pagas como a medicina são altamente demandantes. Envolvem muita dedicação, pouco tempo livre, pressão por constantes atualizações etc. Talvez os “ossos do ofício” sejam mais visíveis no trabalho ativista de base comunitária, porque traz em si muito contrassenso. Importante é lembrar que Maia faz aquilo em que acredita e a deixa feliz embora tenha pagamentos marcados tanto pela sazonalidade quanto pela falta de sazonalidade – como profissionais liberais e autônomos.

Atena é parente de Ísis e moradora de uma das comunidades mais emblemáticas da Maré, a Baixa do Sapateiro. No trecho a seguir comenta que ainda no início da graduação mudou de curso e de universidade. Durante o período em que foram feitas as observações, organizava a futura biblioteca de pesquisa. Higienizou o acervo bibliográfico, decidiu com a equipe o destino dos livros que escapavam ao escopo pretendido e, na falta de uma bibliotecária, também catalogou as obras. Além disso, mediava visitas e moderava eventos da programação do museu.

E aí minha tia falou sobre isso: “(...) [T]enta alguma coisa voltada para arte e tal, porque você sempre gostou. E em todos os outros você está indo mais assim, porque você tem alguma afinidade, mas... não sei.” Aí, eu fiz artes visuais na UERJ. Fiz um semestre. Só que as artes visuais na UERJ são muito voltadas para a questão tecnológica. Tinha edição vídeo, coisas assim que eu não me dou muito bem. Eu não gosto muito de edição, fotografia... essas coisas assim. (...) Então, foi desse jeito que eu entrei para conservação e restauração. Porque eu vi que tinha muita coisa manual. Tinha conservação e restauração de pintura, escultura, desenho. E tinha princípios disso também. Então... aí eu vi que eu ia me dar melhor, porque é uma graduação que tem muita coisa manual. (Atena – Voluntária – 10-07-2019, Pos. 232-233)

A sua tia parece ter sido uma fonte de inspiração e importante referência nas suas escolhas de vida. Não tanto na decisão pela profissão, apesar de isso também transparecer na sua fala. Ísis e as pessoas que circulam pelo Ceasm e museu parecem ter exercido influência decisiva nas suas escolhas políticas. Como muitos estudantes moradores da Maré, participou do curso pré-vestibular do Ceasm e ingressou na universidade pública, ou seja, teve suas oportunidades educacionais tangenciadas pelos projetos comunitários. Mas essa participação não se encerrou por aí ou se tornou esporádica. Ela também não passou a trabalhar com outro projeto ou ingressou no mercado de trabalho fora da Maré. Atena é herdeira política e intelectual de sua tia, porque

continua envolvida com o museu e deve optar por seguir a carreira acadêmica em áreas que dialogam com a museologia abraçando seu legado.

Dionísio também fala sobre escolhas de carreira e da influência do projeto de iniciação científica na consolidação do seu arsenal acadêmico. Desenvolver pesquisa ainda quando era estudante do ensino médio o capacitou para continuar os estudos na universidade. Optou pelas artes cênicas. Escolher o que é familiar e faz sentir bem em detrimento do que ‘dá dinheiro’ talvez tenha relação com essa experiência pedagógica que antecedeu a aprovação no vestibular e os primeiros semestres na universidade. Em outras ocasiões, explicou que por participar do grupo de teatro que ensaia no museu, escreveu seu projeto da iniciação científica sobre o teatro do oprimido.

Então, na verdade, eu já estava decidido que... primeiro eu tive aquela ideia, né, de “Ah, eu preciso ganhar dinheiro. Então, vou fazer algo na faculdade que me dê dinheiro”. Daí, depois, eu vi que não. Que eu tinha que fazer algo que eu gostasse, que eu fosse me sair bem. Que, no caso, seria algo dentro da arte. Eu acho que aqui no museu, principalmente, nessa parte final, que é essa de fomento à pesquisa, é saber estruturar o texto. Eu acho que isso me foi de um ganho muito grande: metodologia, como se pesquisa, quais as fontes de pesquisa.. (Dionísio – Setor Educativo – 11-10-2019, Pos. 801-802)

Dionísio e Atena são egressos dos projetos do museu e do Ceasm e os dois trabalham no museu. Sucesso para a dupla passa pelo respeito às aptidões e pela coerência política que vai se consolidando com a continuação desse envolvimento através do trabalho e das escolhas acadêmicas. O grupo de moradores que iniciou os projetos são exemplos de sucesso profissional e acadêmico dignos de serem imitados e dessa forma a equipe tem fôlego para renovações. É muito cedo para afirmar qualquer coisa, mas intui-se que diferentemente dos membros mais antigos, os novos participantes carregam ganhos da educação formal impressionante, tendo frequentado algumas das melhores universidades do país, estudado línguas estrangeiras desde cedo e mantido contato com intelectuais e referências políticas que os prepararam para desafios e oportunidades futuras. Esse capital educacional associado ao capital simbólico do museu pode vir a representar possibilidades ainda mais ousadas para os moradores de favela nos próximos anos.

A seguir, Ísis fala em confiança ao caracterizar as relações que por vezes se estabelecem entre equipe e interessados em conhecer os projetos. Por exemplo, a confiança que envolve deixar o conhecido e o familiar e viver a dura realidade das favelas vis a vis a confiança que leva a indicar estágio no museu a um jovem estrangeiro na certeza de que estaria entre amigos.

Então, por exemplo, o rapaz que está aqui, que é da Alemanha. Ele fazia um estágio ou trabalhava na MISEREOR, que é uma das instituições parceiras que financiam o museu. E aí ele queria fazer, continuar esse estágio em outro lugar em um dos projetos que a MISEREOR apoia. E aí ele escolheu o museu, porque ele achou que era um diferencial: um museu

dentro da favela, era algo que ele sempre quis conhecer. Então, ele vai ficar aqui um ano em imersão e, claro, que ele vai ajudar também, fazendo outras coisas aqui no museu. Mas, a ideia dele é conhecer a realidade a partir do museu. Então, isso gera, assim, a ponto de um parceiro, indicar o Ceasm como um lugar – o Ceasm e o museu – como um lugar que ele poderia ficar tranquilamente. Eu acho que isso demonstra até é um exemplo que demonstra assim que as pessoas têm confiança no projeto e, por terem confiança no projeto,... não tem restrição em investir:.. Então, as pessoas veem e na verdade o dinheiro que a instituição está recebendo está sendo usado de fato. (Ísis – Diretora – 24-09-2019, Pos. 627-628)

Não que a vinda do jovem estrangeiro para o museu tenha sido motivada por exigência de verificar o uso das doações, ainda que viver como parte da equipe o uso do dinheiro seja uma forma mais adequada de acompanhar o uso dos recursos do que valer-se exclusivamente dos canais distantes da burocracia pública. Ísis explica que o visitante queria continuar o estágio que fazia na ONG em um dos projetos apoiados e conhecer um museu de favela. Essas são algumas das relações que se estabelecem a partir dos projetos comunitários e que fazem compreender que são ambientes de afeto, no qual os participantes encontram segurança e liberdade para desenvolver seus potenciais e para expressar suas visões de mundo de forma acolhedora ainda que dentro das condições possíveis.

As menções a “dinheiro” nas falas que descrevem as atividades de sustentabilidade desenvolvidas pela equipe revelaram que embora trabalhe duro para levantar fundos através dos mecanismos comuns aos museus, sejam eles tradicionais ou não, esses recursos não são suficientes para arcar com despesas como pagamento de salários ou reformas. Servem para bancar pequenos custos do cotidiano e para fortalecer os vínculos com sua comunidade. Mas, a equipe se diferencia em alguns aspectos dos demais museus por, por exemplo, garantir gratuidade para os moradores através de parcerias com alguns dos mais prestigiados museus históricos do Rio de Janeiro.

Muitas vezes as conversas com Ísis eram interrompidas pelas demandas do seu trabalho no museu. Então, num desses encontros para sintetizar o que tinha em mente e já adiantar sua fala mencionou os dinheiros estratégicos, ou seja, recursos que mesmo não sendo grandes quantias foram fundamentais para que se galgassem patamares mais elevados e eliminassem gargalos na consolidação do museu. Ísis lembrou do recurso do primeiro edital do PCV que possibilitou a criação do museu e as doações das ONGs alemãs que permitiram a transmissão do direito de propriedade ao Ceasm sobre as instalações onde está o museu como exemplos de dinheiros estratégicos. Basta lembrar que o museu se tornou referência para a criação do PPM e é o único dos museus interlocutores que tem sede própria para perceber a importância desses recursos. São “dinheiros fêmeas”, porque a equipe o fez render e multiplicar seus benefícios. Por fim,

foram analisadas passagens nas quais “dinheiro” esteve associado àquilo que é preterido diante do que desenvolve vocações e daquilo que faz sentir bem e dá sentido à vida. As falas dos mais jovens revelaram que vem primeiro a realização pessoal. Egressos dos projetos de educação do Ceasm e de iniciação científica do museu, foram educados para buscar escolhas proibitivas para moradores de favela, como os cursos de elite. Enxergaram no grupo de moradores que iniciou o projeto referenciais de sucesso e suas escolhas são endossadas pelos membros mais antigos da equipe, mesmo por Maia que desenvolve seu trabalho muitas vezes munida só de fé e esperança e se realiza ali.

### 3.9 “Dinheiro” na fala de Nice

“Dinheiro” foi uma palavra bastante utilizada por Nice, ocupando a 11ª posição do *ranking* de frequência de palavras. Foi mencionada 41 vezes no conjunto das três sessões de entrevista. É importante lembrar que a diretora respondeu ao roteiro integralmente diferentemente de outros entrevistados que selecionaram seções e mesmo perguntas dentro das seções para tratar em suas considerações. Ou seja, sendo o financiamento o assunto do estudo, endereçando as questões suscitadas qualquer entrevistado falaria bastante sobre dinheiro. Mas, não sendo projetos do museu financiados com recursos públicos, mas por doações ainda que usando o mesmo vocábulo, “dinheiro” pode adquirir sentidos destoantes daqueles que aparecem nas falas dos que costumam preparar candidaturas para editais. Então, esse é um ponto importante a considerar. Além disso, algumas das referências para a palavra “dinheiro” foram analisadas tomando em consideração não somente as entrevistas, mas também as observações, a leitura da bibliografia e outros elementos que ajudaram a dimensionar os trechos das entrevistas selecionados.

Nice destaca elementos importantes para compreender as dinâmicas das OSCs em fase inicial. Segundo a diretora, é mais interessante manter o atual arranjo diante de um possível engessamento das atividades ocasionado para o cumprimento de exigências burocráticas necessárias quando os projetos são financiados por recursos de editais públicos. Ressalta desvantagens associadas aos arranjos formais e vantagens dos arranjos informais. Mas isso não deve ser entendido como recusar o financiamento público. Pelo contrário, em quase todas as passagens ela ressalta que o museu não tem fundos e num dos últimos trechos fala sobre o esforço da equipe para formalizar a organização. De maneira geral, sua fala pode ser analisada a partir de dois aspectos. O primeiro ressalta as qualidades do atual arranjo e dos membros envolvidos no trabalho voluntário. O segundo explica as dinâmicas de captação de recursos, que se dão sobretudo pelas doações de tempo e de pequenas quantias de dinheiro. Imiscuída nessas falas, há preocupações com o desvirtuamento político traduzido pelo desejo de que o grupo se mantenha

coesos e mobilizados na luta contra as remoções e, por essa atuação, ocupe um lugar de fala legítimo.

Sobre o primeiro aspecto, ou seja, sobre o atual arranjo, a diretora comenta que a equipe é formada por moradores e apoiadores que desenvolvem as programações do museu através de grupos de trabalho. Mas, cada um contribui com o que pode e até quando pode. No primeiro trecho, Nice destaca que há revezamento na equipe, visto que é formada por voluntários. Nem os membros moradores nem os membros apoiadores são pagos para exercerem essas atividades que acontecem em concomitância com suas responsabilidades profissionais e pessoais.

É o mesmo grupo. Isso. E eu continuo fazendo parte. Nós já estamos no terceiro grupo, digamos assim, de trabalho. A gente chama esse grupo de apoiador de grupo de trabalho, porque nós não temos nada de dinheiro. Então, o museu é mantido através dos moradores e através dos apoiadores. Então, a gente vai fazendo o trabalho assim, devagarinho, e vai mudando os apoiadores porque, como são voluntários, todo mundo tem suas vidas também. (...) (Nice – Diretora – 31-07-2019, Pos. 169)

Há um fluxo de renovação constante havendo sempre novos interessados conhecendo a experiência. Durante as observações estudantes de graduação de museologia, arquitetura e ciências sociais estavam realizando as primeiras visitas ao percurso e se inteirando da história da comunidade já pensando em colaborar com a equipe.

Além dos apoiadores que participam nos grupos de trabalho do museu, há apoiadores eventuais. Como apresentado no primeiro capítulo, haver níveis diferentes de envolvimento com o museu estritamente falando não significa impossibilidade de atuação conjunta. Mesmo essas parcerias teriam pesos políticos consideráveis para os moradores da Vila, visto que criam oportunidades de diálogo com públicos formadores de opinião. No trecho a seguir, Nice não especifica se esses parceiros integram os grupos de trabalho, mas deixa antever algumas das formas como parceiros trabalham juntos.

Quando a gente fala em parceria eu estou entendendo assim, por exemplo, o MAR vai fazer um evento lá, vai ter um seminário e aí ele me liga: “Nice, você pode fazer uma palestra?” Isso para mim é uma parceria, entendeu? Então, a gente não tem parceria em termos de dinheiro, por exemplo, não temos. A gente tem parceria nesse sentido, por exemplo, a UFF me chama para fazer uma fala lá para uma turma de alunos. Eu considero isso uma parceria. Então, financeiramente, não tem parceria. O que eles podem às vezes é me dar uma passagem ou pagar um Uber para mim, entende? Agora, tem outra forma de ser parceiro. Por exemplo, a Vila está precisando fazer uma manifestação. E aí a gente chama esses parceiros, da UFF, da UFRJ, do museu, o estudante, o pesquisador. (Nice – Diretora – 31-07-2019, Pos. 220)

São arranjos dinâmicos e desde que a comunidade criou o museu parecem envolver atividades pontuais para as quais a mobilização das pessoas, suas influências e contatos exercem o papel

preponderante. Nice está falando de arranjos nos quais trabalha em colaboração com professores e estudantes nos eventos da universidade e conta com a participação destes nos protestos, manifestações e outras atividades organizadas através do museu. Esses arranjos prescindem de formalidades, são decididos com rapidez e são motivados pela solidariedade e aproximações políticas. Num dos eventos organizados pela equipe, um jornalista internacional retornava à comunidade para apresentar seu livro, no qual trabalhou durante os megaeventos. De lá acompanharia uma ex-inquilina da Vila, que estava sem receber o aluguel social. Além do jornalista, retornavam também um parlamentar e dois professores de universidades de fora do Rio de Janeiro – participantes da mesa naquela tarde.

Esses arranjos têm muitas qualidades, mas se o museu também tiver uma edificação própria isso não significará o abandono e o fim das dinâmicas que estão dando certo, significará o acréscimo de mais funcionalidades e facilidades. As estratégias utilizadas para o trabalho remoto demonstram a validade das estruturas descentralizadas e autônomas que já aconteciam no museu antes da pandemia. O próximo trecho se inicia com uma consideração sobre *accountability*, em que a diretora critica a burocracia que torna complicada a relação entre poder público e cidadãos.

Ou confia ou não confia. Então, eu acho que essas burocracias em qualquer situação, eu acho que são muito desagradáveis na verdade. Eu acho que os editais também deveriam mudar essas formas, serem mais simples. Porque, eu tiro pelo museu. Nós temos dificuldade ainda com o CNPJ. É tanta burocracia que você não consegue e fica difícil e é um museu no qual realmente precisava entrar um dinheiro. A gente não tem nada. A gente não tem uma sede, a gente não tem um computador. O museu não tem literalmente nada. Tudo o que nós fazemos é com apoio dos apoiadores. Então, e a gente precisava ter o mínimo. Mas, infelizmente as burocracias são tão grandes que a gente não consegue nem o mínimo. Então, eu acho que é falta de respeito com o cidadão brasileiro e, se em outros países houver tanta burocracia também em outros países é falta de respeito com os cidadãos. (Nice – Diretora – 28-10-2019, Pos. 107)

Além de poderem trabalhar de suas casas, a equipe poderia ter à disposição um ambiente construído para os projetos do museu. Antes do processo de remoção e demolição, a comunidade tinha um prédio da associação de moradores que não foi devolvido à comunidade após a entrega das casas. A antiga Vila tinha diversas funcionalidades enquanto a nova Vila foi entregue apenas com as casas e o arruamento. Ou seja, infraestruturas para atividades associativas estavam em conformidade com o projeto de urbanização da Vila que não foi terminado.

Então, no museu onde moradores e apoiadores exercem controle sobre os processos museais sentem-se livres para experimentar possibilidades principalmente dando novas roupagens a antigas fórmulas que historicamente dão certo no contexto brasileiro.



E eu acho que é bem legal, porque é democrático e é diferente. A gente não tem aquela preocupação formal de fazer papéis para a pessoa assinar, porque entrou um dinheiro. Então, entrou, a gente junta tudo. Depois que acaba o evento a gente presta conta. O que gastou? Se sobrou alguma coisa, a gente guarda. Mas, todos ficam sabendo. É uma coisa bem transparente. (Nice – Diretora – 28-10-2019, Pos. 103)

Ainda que haja prestação de contas, o arranjo é para pessoas que se sentem à vontade em fazerem doações, porque desenvolveram uma relação de confiança ou porque entendem que seu compromisso com aquele dinheiro vai até o momento em que o doam, livrando-se do sentimento de que haveria necessidade de acompanhar todas as fases do seu uso e de comprovar no que foi empregado. Todas as vezes em que eram apresentados os documentos do comitê de ética, Nice aproveitava para dizer que os arranjos são mais dinâmicos, mais maleáveis e mais legítimos quando livres de burocracia sempre defasados em relação à complexidade das interações da vida real.

De fato, o que fundamenta a atuação coletiva é o apoio adequado, ajustado à necessidade, e isso envolve dimensões afetivas e politicamente significativas. Ter acesso ao dinheiro ou sua importância deve ser relativizada diante de perdas que teriam um preço mais alto. No próximo trecho, sua fala destaca essas dimensões mais importantes.

Não, não podem ser desvirtuadas. Não podem, assim, por exemplo, eu não vejo grana como a solução. Entendeu? Se aparecer um dinheiro, se entrar um dinheiro, mas que a gente continue tendo essa visão, esse trabalho de não às remoções, de trabalhar no coletivo. Se entrar uma grana e for atrapalhar isso, eu prefiro que não entre grana. Eu acho que tem que ser uma coisa onde a gente continue tendo a mesma simplicidade. A grana vai ser bem colocada para fazer esse museu funcionar melhor, mas tem que o amor ir na frente – menos o dinheiro. Trabalhar com amor, trabalhar mais no coletivo, trabalhar mais em prol de ajudar outras comunidades. Essa é a ferramenta, essa é a visão do Museu das Remoções que eu penso. E não aquela coisa: “Ah, ganhar *glamour*”. Não. Eu quero que esse *glamour* seja de coração, de verdade, de troca de amor. (Nice – Diretora – 31-07-2019, Pos. 237)

O trabalho em prol do museu funciona em arranjo colaborativo nos quais contam mais o trabalho em si, o respeito e o reconhecimento mútuo. Foram relações erguidas enquanto as casas da Vila eram destruídas, vizinhos assediados, o terreno reconfigurado e invadido por estranhos de recursos mais potentes. Ou seja, foram relações construídas nos momentos mais difíceis. Apoio, reconhecimento e redes de solidariedade foram fundamentais para a resistência das 20 famílias. Então, é nesse sentido que sua fala deve ser entendida, no sentido de que qualquer elemento estranho que possa ameaçar essa convivência deve ser examinado com cuidado e precaução – até mesmo o dinheiro. É como quando ter saúde é mais importante que ter dinheiro ou como quando o dinheiro não é a solução para os males.

A forma de atuação de Nice, sua perspectiva de vida também carinhosamente compartilhada durante as sessões de entrevista não é exclusivamente voltada para apoiadores ou moradores, companheiros da mesma sorte. Da sua parte, está aberta a interação com os vizinhos dos condomínios fechados, com hóspedes dos hotéis luxuosos próximos e com outros interlocutores casuais. Falou que vez ou outra aparece algum hóspede do hotel na missa de domingo. Moradores das redondezas passam pela ciclovia que margeia a Vila e essa passagem se estende numa conversa. Além desses momentos, há os encontros no comércio ou nos locais de trabalho que servem para mostrar sua visão de mundo.

(...) porque o que impacta na vida da gente não é o poder do dinheiro, é o poder de saber viver junto com o outro, partilhar as coisas com os outros. Aqui pode ser um bairro nobre, mas eu posso me dar muito bem com meus vizinhos do lado, que moram num apartamento. E isso não vai fazer a diferença, porque eu sou pobre e favelada, eu posso me dar muito bem com o cara que mora aqui do lado na Abelardo Bueno. E me dou muito bem. Eu vou nos apartamentos deles e a gente tem diálogo. Entende? Então, o que faz a diferença é a gente viver a partilha do amor de Deus. E isso que o homem não sabe viver: o homem fica muito preso aos valores, ao bairro nobre. A terra toda é nobre. (Nice – Diretora – 31-07-2019, Pos. 209)

No seu entendimento, a reconfiguração da Vila não alterou seu status social, muito menos seus compromissos políticos, que na verdade parecem ter se intensificado com a escolha de criar um museu e salvaguardar a memória do processo de remoção. Para Nice o momento histórico não é de acumulação, mas de compartilhar a riqueza criada. Sua casa deve ser encarada não pelo seu valor de troca, mas pelo seu valor de uso. Nice sabe que a exploração ou a supervalorização da localização da sua casa pode servir ao propósito de imputar-lhe uma imagem de usura e ganância que ignora o fato de morar ali muito antes do interesse imobiliário pela região ganhar a conotação que resultou da preparação da cidade para os megaeventos. Sabe também que quando é conveniente ao governo, como no caso do pagamento do imposto territorial, sua casa fica num dos bairros mais caros do Rio de Janeiro e o valor da taxa parece querer lembrar-lhe que ali não é o seu lugar. Quando não é conveniente, sua família mesmo pagando os impostos deve simplesmente aceitar ser removida para alguma área desurbanizada e distante. Mas, não é porque ela se define uma moradora de favela que sua casa tem valor social e que se tivesse outro pertencimento ela a apreciaria pelo valor de mercado, é porque tenta encontrar sua resposta para dilemas existenciais da humanidade, e sua saída envolve considerar que a suficiente riqueza criada deve ser mais bem administrada.

Sobre o segundo aspecto contemplado na sua fala, ou seja, como explica as dinâmicas de captação de recursos para os momentos nos quais o dinheiro se faz necessário, o grupo lança mão de uma série de estratégias de angariação. Uma delas é produzir itens com a marca do

museu, como camisetas e outros *souvenirs*. Além dessa produção, o museu mantém um bazar de roupas para reuso. Há uma lojinha móvel em que esses produtos e produtos de eventuais interessados ficam expostos para venda (Cogan, 2018). Fora dos eventos, nos dias comuns, fica guardada dentro do espaço da igreja. Outra estratégia é valer-se das vaquinhas entre apoiadores e moradores. Doações de gabinetes de parlamentares aliados também entram nessas formas de financiamento coletivo pontuais, principalmente quando o dinheiro arrecadado no núcleo mais próximo não chega a ser suficiente.

O dinheiro que nós conseguimos arrecadar dentro do museu são vendas de camisas e, quando nós vamos fazer uma ação que precisa de dinheiro, a gente faz vaquinha entre os apoiadores, entre os moradores e aí a gente realiza aquela ação que a gente pretendia. Vou dar um exemplo, quando nós fizemos o percurso do museu. Aí nós juntamos, fizemos a vaquinha e aí cada um deu o que pôde e nós conseguimos fazer as placas do percurso, né. Quando nós fizemos um ato grande em fevereiro desse ano. (...) Nós fizemos um ato grande aqui no BRT e aí a gente fez outra vaquinha. Nós também pedimos a alguns vereadores que são parceiros nossos. Fomos nos gabinetes dos vereadores e arrecadamos e então conseguimos fazer um evento, um “Ocupa, Vila” bom, porque, assim, a agente precisa ter som, precisa ter alimento, né, um lanche, uma água. Enfim, tudo para você fazer um bom evento. E aí, a gente faz vaquinha entre nós muitas das vezes e quando, assim, não é suficiente a gente vai atrás dessas pessoas que a gente considera parceiro e aí a gente consegue esse dinheiro e faz. E aí acabou, acabou. A gente recomeça tudo de novo. (Nice – Diretora – 28-10-2019, Pos. 94)

As vaquinhas são uma forma tradicional de *crowdfunding* no Brasil. No caso da atividade não houve um valor fixo e cada participante contribuiu com o que pôde. Normalmente, as vaquinhas não demandam a realização de prestação de contas. É uma forma de doação espontânea e sem exigências de *accountability*. Mas se os organizadores assim entenderem podem demonstrar como foi feito o uso do dinheiro. No arranjo do museu, primeiramente são acionados os apoiadores mais próximos. Se o valor arrecadado não for suficiente, então é acionada uma segunda rede de contatos. Nice falou do caso dos gabinetes de parlamentares e essa é uma saída interessante, porque mobiliza representantes sintonizados com as mesmas pautas e o suporte além de discursivo é também traduzido em dinheiro. O dinheiro é aquele necessário para realizar um bom evento. São valores modestos, mas que devem proporcionar conforto para os participantes. Se sobra alguma coisa, é guardada para o próximo evento.

Os mobilizadores das vaquinhas e de outras formas de arrecadação têm duplas jornadas: trabalhar para levantar fundos e organizar o evento. Nice normalmente exerce três papéis: trabalha arrecadando o dinheiro, preparando o evento e falando em mesas, protestos e manifestações. Por isso, nos eventos há sempre alguém perguntando onde está, visto que compartilha seu tempo entre palco e bastidores.

Sempre que a gente tem uma ação dentro do museu é sempre da mesma forma. As pessoas doam seu trabalho e os próprios que doam seus trabalhos ainda correm atrás da grana para financiar aquele projeto que a gente está fazendo... e o material. Então, nós na verdade somos esse coletivo, essa parceria que é dupla. O apoiador, além de apoiar com a mão de obra dele, ele apoia também com o dinheiro, com o material. Entende? Porque nós não temos dinheiro nenhum. Então, todas as nossas ações são feitas nessa base. Comunidade e apoiador juntos vão correr atrás de tudo. É isso. (Nice – Diretora – 28-10-2019, Pos. 101)

O trabalho é pesado e criativo e também técnico e especializado envolvendo o conhecimento dos processos museais colaborativos, produção de texto e de materiais visuais como cartazes, panfletos, chamadas, manuseio de equipamentos de som e áudio, uso do computador e das tecnologias digitais etc. Além disso, envolve habilidades sociais para contatar pessoas e realizar convencimentos. Como Nice mencionou, é o trabalho em si que se sobressai nas estratégias de sustentabilidade do museu. Ao mesmo tempo em que moradores e apoiadores doam seu tempo e conhecimento têm suas habilidades existenciais e técnicas aperfeiçoadas no trabalho ativista. Então, o que se vê é muito trabalho acontecendo mas um trabalho de alto valor, porque mesmo se for para quebrar pedras ou carregar entulhos, o que normalmente não é o caso, nele se analisa conjunturas e cada participante pode compreender-se no amplo processo histórico em curso.

Trabalhar no museu envolve entender como são afetados pelas dinâmicas de urbanização globais e como atuam como protagonistas na busca por respostas às demandas conjunturais e aos desafios que lhes são impostos. A própria busca por sustentabilidade é feita nos moldes que fazem sentido com as mudanças sociais idealizadas ainda que não sejam diferentes das formas tradicionais de arrecadação de fundos.

Porque nós não botamos a mão na massa para fazer. Aí é que está a grande diferença. Nós queremos muita mudança (...) Então, a gente precisa mudar e para mudar a gente tem de fazer a diferença. O que a Vila tem feito é um trabalho de base de mudança de verdade, de botar a mão na massa. O museu trabalha com as próprias pernas. Se a gente quer arrecadar dinheiro para alguma coisa, a gente faz barraquinha, a gente cria camisa, a gente cria *bottom*, a gente bota lápis. A gente vai trabalhando para construir aquele dinheirinho. (Nice – Diretora – 31-07-2019, Pos. 195)

Não se viu moradores e apoiadores trabalhando com nenhuma proposta de arrecadação de recursos que fosse incompatível com a visão de mundo cultivada ao longo desses anos de colaboração. Por exemplo, o bazar promove o reuso das roupas e está em sintonia com o fato de haver moradores na comunidade que trabalham com a reciclagem. Os itens com a identidade visual do museu, de valor estético e político, publicizam mensagens das agendas dos movimentos sociais e das pesquisas acadêmicas que levam tempo para serem sintetizados. Outras técnicas como as vaquinhas incentivam a doação espontânea e livre e juntamente com barraquinhas,

bingos, sorteios de prendas fazem parte da tradição brasileira de congregar pessoas e arrecadar recursos para causas sociais. Desse modo, com o trabalho criativo imiscuindo conhecimentos instruídos e populares, a equipe busca encontrar caminhos mais orgânicos para a sustentabilidade.

Mas, mais para o final de sua fala, ela ressalta a criação de um fundo de reserva para propiciar a formalização do museu. Essa preocupação é ilustrada pela menção ao contador profissional que decodifica as exigências burocráticas para a formalização de uma nova pessoa jurídica. Desse modo o museu também poderia participar dos chamamentos públicos para captação de recursos. Ou seja, mesmo que não acionada, é importante ter essa capacidade como margem de segurança.

Graças a Deus, nesse ponto, a gente está, digamos, que bem-sucedidos. Até que nós não temos tantos problemas. Nós temos dificuldades em, por exemplo, fazer o CNPJ. Precisamos conseguir um contador. A gente está correndo atrás do dinheiro, a gente consegue recursos através de venda de livros. Esses livros foram doados. A ideia é ir juntando esse dinheiro. A gente vai se virando: vende *bottom* e camiseta para realizar obras. (Nice – Diretora – 31-07-2019, Pos. 183).

O dinheiro para formalização viria das alternativas já comentadas, como das doações. Nice fala que as doações de autores seriam vendidas e o dinheiro arrecadado serviria para criar uma reserva. Os itens da lojinha também poderiam ser utilizados para essa finalidade. Tudo seria uma questão de esperar acumular os recursos suficientes para pagar pelo serviço do profissional, no caso de não ser possível um contador voluntário.

Desse modo, o arranjo colaborativo para organizar as atividades do museu é baseado no trabalho voluntário. Cada participante doa o tempo, os recursos e as habilidades que têm na preparação das programações havendo também constantes renovações nos grupos de trabalho de modo a adequar demandas pessoais, profissionais e políticas. Esse arranjo permite que o museu funcione sem depender de apoios públicos. Mas, como é de se esperar, o dinheiro também se faz necessário. Para isso, a equipe se vale de doações – principalmente através das vaquinhas e arrecadações – e das vendas da loja e do bazar de roupas. Sempre que possível, participa de pequenos editais nos quais as inscrições estão abertas para pessoas físicas e que podem não ser para apoios financeiros. O exemplo acompanhado foi de um edital que premiou os ganhadores com equipamentos eletrônicos.

Ter dinheiro para realizar obras como construir uma sede, formalizar o museu ou para comprar um computador é importante, mas a fala de Nice não deixa dúvidas de que importa muito mais aprender a viver junto e compartilhar. Isso não implica recusar o dinheiro, mas dimensioná-lo num cenário que deposite da sua escassez, que compreende o histórico distanciamento dos moradores de favela do seu acesso e do acesso aos recursos públicos, mas que reconhece o

valor do trabalho em si. Com a diversificação dos editais e incorporação de regras que facilitam a participação e até mesmo a prestação de contas, ficam mais fácil para as organizações comunitárias não apenas inscreverem-se nos processos seletivos, mas também terem suas chances de serem selecionadas aumentadas e de exercitarem autonomia ao escolherem editais mais sintonizados com seus princípios políticos.

### 3.10 “Dinheiro” na fala de Erato do Museu de Favela

“Dinheiro” ocupa a 45ª posição no *ranking* de palavras, tendo sido mencionada oito vezes por Erato. Vem acompanhada de outra palavra importante como “vender”, a mais frequente da lista mencionada 11 vezes e ocupante da 18ª posição no *ranking*. Propõe-se a analisar algumas dessas aparições contextualizando-as no cenário do Museu de Favela, organização que investe no turismo cultural e na memória social para nutrir o sentimento de pertencimento ao conjunto de comunidades que formam o complexo. A análise a seguir apresenta as oito menções à palavra “dinheiro”. Foi apresentada na íntegra, porque o vocabulário dos termos de pesquisa não foi enunciado muitas vezes. É importante lembrar que a fala de Erato é situada não excedendo suas atribuições como diretora do núcleo de turismo.

Os preparativos para os grandes eventos esportivos e as obras do PAC mexeram com a vida das três comunidades, porque as obras infraestruturais ainda que pontuais e localizadas principalmente no Cantagalo incrementaram a circulação de pessoas trazendo dinamismo ao comércio local. Para os bairros de classe média e média-alta tradicionais destinos turísticos havia uma expectativa de incremento no faturamento para os setores ligados ao turismo durante e após os megaeventos. As propagandas de governo por exemplo estimulavam a crença de que se tratava de um caminho quase sem volta de dinamismo para o setor. Acreditava-se que os fãs dos esportes retornariam outras vezes para continuar desfrutando das belezas naturais e dos espetáculos pelos quais a cidade se tornara famosa. Entretanto, ao que parece, para as favelas apenas obras contínuas de grande porte podem criar condições para dinamizar sua economia e romper o isolamento social. Longe de insinuar que o turismo cultural não tem viabilidade econômica, trata-se de explicar o que condiciona o projeto da equipe, no que se refere a estimular a cadeia da economia da cultura e da economia criativa local. Então, Erato reflete a partir desses fenômenos.

Os trechos da entrevista podem ser analisados sob três perspectivas complementares. A primeira fala sobre a estabilidade da relação pessoal de Erato com as comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e a relação que isso tem com o “dinheiro”. Erato sendo de classe média e moradora do bairro nobre, há pelo menos uma década frequenta espaços das favelas. A segunda

perspectiva seria o incremento da atividade turística no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho e como a equipe do museu pensou a partir dos *tours* em criar e manter ativas cadeias produtivas da cultura nas comunidades. O turismo de base comunitária tem se desenvolvido em diversas comunidades cariocas contrastando com um cenário anterior, dos anos 1990 a 2005 mais ou menos, no qual apenas os setores privado e público mantinham propostas questionáveis de turismo nas favelas, como as experiências na Rocinha e no Morro da Providência evidenciam (Freire-Medeiros, 2006; 2009). Para a equipe do museu as atividades desenvolvidas pela organização só fazem sentido se fortalecerem os laços entre os moradores e lhes proporcionarem ganhos quer de ordem simbólica, quer de ordem econômica.

Por fim, Erato fala sobre o cenário para o turismo na cidade no contexto pós-megaeventos. O sentido geral de sua fala está em entender que para o turismo ou qualquer outra atividade mobilizar significativamente a vida econômica na favela se faz necessário um vínculo mais profundo e investimentos massivos e duradouros no seu potencial. Ela é um exemplo paradigmático, mas como o ditado popular ilustra “uma andorinha só não faz verão”. No cenário posterior aos eventos as expectativas de incremento no turismo para a cidade não se confirmaram afetando em cascata a dinâmica dos *tours*, por isso, pessoas como Erato são as que no contexto exterior às favelas e pós-megaeventos contribuem para romper barreiras de sociabilidade entre “morro e asfalto”.

Para compreender a relação de Erato com o Cantagalo e Pavão-Pavãozinho é importante entender que ela é uma exceção à regra de convivialidade da classe média e média-alta carioca e as classes populares moradoras de favela. Moradora de Copacabana, por ser filha de pai europeu, tem cidadania europeia, mas nunca viajou para a Europa. Erato se diferencia do perfil de feminilidade por ter feito escolhas que nem sempre mulheres podem ou querem fazer, ela é adepta de esportes radicais como o rapel e foi seu interesse pela capoeira que a fez subir o morro e conhecer as comunidades há cerca de 15 anos atrás. Essas características levaram a então nova diretoria do museu a convidá-la para participar da gestão. Como é guia de turismo ficou responsável pelo núcleo de turismo.

Nesse primeiro trecho ela fala que não entrou nas comunidades para um dia trabalhar lá no setor de turismo. Entrou como consumidora interessada em acessar bens e serviços que teriam qualidade melhor na favela.

Foi inverso! Eu entrei por vontade própria. Não entrei porque é um segmento, porque eu vou ganhar dinheiro, por causa de não sei o quê. Não pensei em nada disso. Entrei para consumir um produto. Fui ficando, ficando, ficando. Quando eu vi já estava há 10, 15 anos lá dentro. E fui convidada para o Museu de Favela. Por quê? Porque eles viram que eu já tinha uma outra mentalidade, que eu tinha uma outra convivência,

uma outra maturidade com relação à comunidade. (Erato – Diretora – 10-01-2019, Pos. 100)

Eram tempos muito mais difíceis, porque quem participava da sociabilidade das favelas recebia rótulos estigmatizantes como seus moradores. Nesse sentido, procurar tal convívio era antônimo de melhorar de vida, de ter êxito e sucesso e ganhar dinheiro. Significava perder-se e decair principalmente se fossem jovens mulheres “de família”. Desse modo, colocando em risco sua reputação, foi precursora da valorização das favelas dando um passo para que gradativamente mais atenção passasse a ser atribuída às autourbanizações. Foram sinais emitidos a partir de diferentes comunidades e de seus históricos aliados que possibilitaram à favela principalmente na última década ser representada por seus próprios termos. Passaram a ser vistas não como anticidade, mas como resultado de políticas de urbanização excludentes. Seus moradores gradualmente deixam de ser representados como criminosos e passam a ser entendidos exercendo uma infinidade de papéis, dentre eles o de co-construtores da cidade. Quando os moradores das comunidades passaram a ter alguma voz, disseram que queriam urbanização e mais diálogo. Erato já participava das sociabilidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho desde um pouco antes das obras do PAC-Favelas e de toda a preparação do Rio de Janeiro para os megaeventos.

O próximo trecho aborda o segundo aspecto destacado na entrevista, que é a importância do turismo. Há espaços na favela que ao longo dos anos têm atraído visitantes como as tradicionais escolas de samba. Mas menciona fenômenos mais recentes, como a criação de *hostels*, enquanto *sites* especializados em turismo apontam também o surgimento de cafés, restaurantes, festas (como bailes *funk*) e bares não especificamente no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, mas em outras favelas de morros e encostas como o Vidigal concorrendo com programações de entretenimento na cidade do Rio. Os fenômenos mais recentes são resultados da preparação para os megaeventos e da crescente visibilidade das favelas ocasionando mudanças na imagem das autourbanizações.

Tem muita gente que pratica esporte lá em cima. Tem gente que pratica o Boxe. Vai muita gente para o Boxe. Vai gente para a Capoeira, vai gente para o Jiu-jitsu. As pessoas estão... é... conforme o tempo vai passando, as pessoas vão tendo uma naturalidade maior em frequentar, até mesmo porque têm coisas mais baratas lá em cima e de boa qualidade: tem salão de beleza, tem comida, têm coisas muito mais em conta que são melhores de usufruir lá em cima do que aqui. E as pessoas estão tendo essa visão e estão começando a frequentar. E perdendo o medo também de entrar numa favela. As coisas já estão melhorando nesse aspecto. Como têm pessoas que já estão se mudando para lá, para ter um aluguel mais barato. E ter uma vista mais bonita. As coisas, graças a Deus, estão começando a mudar. E com as Olimpíadas é..., o pessoal do Morro ganhou muito dinheiro no aluguel: alugando seus quartos, alugando suas casas. (...) Tem vários *hostels* lá em cima. Teve muita procura, muito aluguel. (Erato – Diretora - 10-01-2019, Pos. 19)



Pessoas como Erato dispõem de muito conhecimento sobre dinâmicas sociais nas favelas. Segundo ela, são serviços e atividades que lá acontecem ao longo dos anos e ficavam conhecidos apenas por um público especializado. Ela mesma é praticamente de esportes radicais, de modo que sua aproximação com o morro parece coadunar com as expectativas próprias do seu estilo de vida. O envolvimento com o museu também decorreu em consequência dessas afinidades. Ela conheceu um dos diretores do museu, porque praticava capoeira. Além do diretor mestre de capoeira e outros dois fundadores são *disk-jockey* e grafiteiro, logo tinham muita coisa em comum.

Por ocasião das Olimpíadas, Erato explicou que houve maior popularização das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho especialmente na busca por hospedagem. Durante as observações, que aconteceram no final de 2018 e início de 2019, foi possível notar a presença de diversos turistas estrangeiros. Uma dessas histórias, apesar de malsucedida, exemplifica a estrutura em funcionamento para atender os turistas. Enquanto o pessoal do museu não chegava, uma jovem chinesa se aproximou. Ela não falava português então explicou em inglês que havia feito uma reserva que dizia que a hospedagem era próxima às famosas praias cariocas, mas não sabia que se tratava de um *hostel* na favela. Então, pegou lápis e papel e perguntou em inglês se ali era uma favela. A turista havia chegado ao Rio na noite anterior, conseguiu tomar o táxi em segurança e chegar ao local de hospedagem sem enfrentar qualquer contratempo. Ao ser indagada se continuaria hospedada no *hostel* sabendo que aquela área era de favela, ela disse que tudo ia depender das praias. Se as praias fossem de boa qualidade e se não chovesse poderia ficar no *hostel*. Ela disse que quando chegou perguntou à recepcionista se ali era uma favela. Pareceu que quem a recepcionou informou-lhe corretamente que era uma favela, mas como não falava português precisaria de uma confirmação principalmente de alguém de fora do *hostel*, para saber se estava segura. O *hostel* ficava a alguns metros da rua principal que descendo dava acesso à Copacabana e subindo passava pela UPP, pelo elevador e levava à Ipanema. De onde estava seria fácil ir às praias e retornar em segurança.

Erato comenta que muita gente do setor de turismo tem se aproximado da favela, porque há uma demanda de mercado pelo segmento.

Então é... eu vejo que as pessoas estão... hoje em dia as coisas estão mudando. Alguns guias de turismo, pelo próprio segmento do turismo de base comunitária, porque é uma coisa que eles estão vendo que está dando dinheiro, porque o turista estrangeiro procura. Então, os próprios guias estão rompendo essa barreira do preconceito e estão começando a querer trabalhar com comunidade, mas porque está havendo esse movimento de procura, né. Não que eles quisessem, mas eles saíram da zona de conforto deles e estão procurando esse outro segmento, porque está havendo demanda. (Erato – Diretora – 10-01-2019, Pos. 39)

O turismo nas favelas tem movimentado os setores público e privado e as organizações de base comunitária. São diferentes propostas, as primeiras iniciativas de turismo na favela eram do setor privado. Agências de fora da Rocinha, que é a maior favela carioca, levavam os turistas para conhecê-la em *tours* que tinham uma faceta espetacular corroborando os estigmas associados à favela como lugar de criminalidade. Iniciativas públicas foram taxadas de virem associadas às remoções e o caso das intervenções ocasionadas no Morro da Providência, que é a primeira favela carioca, é o exemplo paradigmático do turismo estimulado pela prefeitura. Mais recentemente, têm surgido iniciativas de base comunitária em várias favelas e o projeto do Museu de Favela se encaixa na perspectiva de turismo cultural comunitário compartilhando a história do lugar, revelando suas qualidades e estimulando a convivência entre diferentes grupos sociais. Erato aponta que não é mais uma motivação pessoal de questionar e romper os padrões sociais que leva alguns guias de turismo a procurar participação no turismo comunitário, mas o fato de esse proporcionar retornos compatíveis com o turismo em outras modalidades. Como se sabe, a pandemia inviabilizou atividades turísticas, mas com a imunização acontecendo e as atividades retornando ao funcionamento será possível acompanhar os desdobramentos da atividade turística nas favelas cariocas. Antes da pandemia, já havia relatos de mobilizações de moradores temendo a gentrificação em alguns morros cariocas (Moraes, 2016, p. 65–93).

Sua próxima fala destaca como o museu mobiliza o comércio das comunidades para atender aos visitantes nos *tours* adentrando nos esforços da equipe para promover dinâmicas econômicas que beneficiam os moradores das comunidades. Então, o que é bom para o museu é também bom para o comércio local, porque os ganhos econômicos são socializados.

Sim, isso funciona de uma maneira natural, né. Não é assim: "Ah, a gente recebe dinheiro, divide o dinheiro para cada um". Não, não funciona assim. O Museu, ele foi criado para ajudar a comunidade num todo. Então, o que que acontece, quando o turista chega e paga, a gente os deixa bem à vontade porque nós oferecemos o serviço do *tour*. E eles ficam bem à vontade para consumir onde eles quiserem. A gente vai passando pelo, pelo Morro todo e passando em vários comércios e a gente vai falando: "Olha, aqui tem água, aqui tem açaí, aqui tem uma refeição deliciosa, aqui vende bala, aqui tem a... Escola de Samba". Então, ele vai passando ele vai consumir onde ele achar mais prazeroso para ele. Isso vai como loteria, se o seu comércio, é o mais atrativo, se você deu a sorte de oferecer o que ele está interessado naquele momento, é você que vai ser contemplado, não é o Museu que vai escolher. (...) Nós vamos fazer cotação com todas as oficinas e vamos oferecer isso para o cliente: "Olha nós temos esses valores e esse valor vai (...) para a pessoa que está oferecendo a oficina, porque a gente já está ganhando com o *tour*". (Erato – Diretora – 10-01-2019, Pos. 39)

Os *tours* têm a vantagem de trazer segurança e informações precisas para interessados em conhecer a história das favelas. Diferentemente dos locais mais massificados, para os quais há

muita informação disponível, as melhores informações sobre as favelas advêm de quem as conhece intimamente. Os *tours* com a equipe além de possibilitarem conhecer a história do lugar através de quem está envolvido na inventariação participativa do seu patrimônio, também condensam informações sobre o comércio e atrações culturais. Além disso, é oferecida uma experiência vivenciada com um grupo de pessoas na mesma condição de turista então não provoca o desconforto de ser um forasteiro estranho ao ambiente. Pelo contrário, como grupo, os turistas são vistos com entusiasmo e contam com a aceitação dos moradores desde que seguidos os protocolos. Ou seja, é um serviço de cunho histórico-cultural criado para proporcionar conforto e vivências seguras para os visitantes. Os turistas contribuem com a construção de novos referenciais para a favela e contribuem comprando no comércio local e incentivando a economia do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho como acontece em qualquer *tour*. Ao invés de manter o dinheiro do turismo concentrado nos bairros nobres e badalados, promoveriam um turismo socialmente responsável.

O projeto mais interessante no sentido de estimular a cadeia da cultura local envolve artesãos e a lojinha do museu.

E foram estipuladas determinadas regras para... para o convívio... saudável entre todas as entidades e entre os moradores do Morro. E isso possibilitou que o Museu de Favela continuasse até hoje fazendo seus *tours* e ajudando de uma maneira geral a comunidade como a gente tem feito. Porque (...) com esse dinheiro a gente mantém a Base, mantendo a Base a gente consegue ajudar na sustentabilidade da favela no geral, que vai do pequeno... do grande comerciante que tem lá dentro, dos oficinairos, das ONGs, e dos pequenos artesãos que colocam seus trabalhos para vender lá dentro da lojinha. Nós temos uma lojinha que só tem trabalho manual dos próprios moradores e a verba, quando é vendido, vai para o artesão, que deixou consignado ali. Como também ele tem a liberdade de ir lá e pegar o material dele a hora que ele quiser e vender em outro lugar (...). (Erato – Diretora – 10-01-2019, Pos. 40)

Nela, os interessados participantes da rede podem deixar peças em consignação. A loja existe também virtualmente então a produção pode ser adquirida *online*. A parceria ainda envolve transferência de conhecimento técnico, servindo como momento no qual dialogam sobre formação das identidades, buscando uma linguagem artística que ressoe com a tessitura do próprio lugar. Nos *tours*, os visitantes podem comprar *souvenirs*, publicações e camisetas com o logo do museu e assim prolongar a experiência vivenciada com o turismo de favela.

Por fim, no último trecho da entrevista, Erato fala sobre a crise que abateu o setor do turismo pós-megaeventos. Acredita que a crise, acentuada pelo estigma da violência na cidade do Rio de Janeiro como um todo, desmobiliza os turistas internacionais. Em outros trechos da entrevista, comenta que o sentimento de insegurança tem um efeito propagador, ou seja, eventos violentos que são nefastos, mas muitas vezes têm apenas repercussão local, são noticiados de

forma a reforçar os constructos sociais acerca de moradores de favelas e sobre moradores do Rio de Janeiro de maneira geral.

É houve todo... o estado do Rio de Janeiro, ele mudou bastante. Em relação às Olimpíadas e à Copa do Mundo, mudou muito nesse período. Houve especulação imobiliária quando acabou os preços tiveram que baixar, as pessoas tiveram que voltar para a realidade. E foi uma coisa difícil, porque os tributos, os impostos subiram e não desceram mais. (...) Eu fui a um congresso sobre turismo e um dos palestrantes falou exatamente isso: que os melhores hotéis e pousadas do Rio de Janeiro, da Zona Sul, estão se mantendo com... o dinheiro de reserva econômica, porque eles não estão tendo turista o suficiente para manter a empresa. Houve uma demissão em massa nos hotéis (...). Está sendo muito difícil, muitos estão fechando. Só estão persistindo mesmo aqueles que tiveram uma reserva econômica maior, que se mantiveram. Fora isso, ninguém. Foi a baixa do turismo foi muito grande: devido à violência e devido à Copa do Mundo e à Olimpíada, porque todo mundo que veio para cá nesse período vai voltar depois para quê? (Erato – Diretora – 10-01-2019, Pos. 19)

A equipe do museu encontrou uma boa fórmula, mas com a desvantagem de funcionar melhor de fora para dentro. Erato acredita que há um movimento crescente de interesse pelo turismo cultural comunitário, mas mesmo esse movimento parece uma exceção à regra – e Erato uma exceção ainda mais rara. De fato, as comunidades têm se mobilizado no sentido de participar da atividade e de usá-la como vetor para desmistificar a favela. Mas, o problema do setor está num nível que antecede escolher visitar o Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, outra favela ou um percurso convencional. O problema reside em não terem sido confirmadas as expectativas sobre o incremento nas atividades turísticas após os megaeventos. Além disso, o incentivo ao turismo que ocorreu na preparação da cidade deve ser visto como uma experimentação sintonizada mais à agenda internacional para cidades globais, de modo que é necessário diálogo e experimentações constantes para impingir à atividade características que priorizem as iniciativas comunitárias. Em tal aspecto, é sempre interessante manter em vista pessoas como Erato, porque são investidoras de longa data no potencial econômico das favelas.

Para concluir, as menções a “dinheiro” não estiveram em nenhum momento ligadas aos apoios federais. Erato defende o núcleo do turismo filosoficamente pela sua potência, no sentido de vir a ser de tornar-se garantia de sustentabilidade para o museu – atualmente já é bem-sucedido no que tange a fortalecer os vínculos entre visitantes e moradores e entre moradores e equipe do museu. Em realidade, portanto, o museu ao promover o turismo cultural, diversifica suas fontes de recursos sem perder de vista seu potencial para a sustentabilidade. “Dinheiro” não é um recurso que desvirtua o projeto, nem diminui o compromisso com a museologia crítica, “dinheiro” dinamiza uma comunidade que trabalha arduamente e está lutando para encontrar suas saídas econômicas. Isso é bastante significativo principalmente no contexto de escassez de

editais públicos. A direção dos movimentos de Erato, indicam também a direção para os investimentos nas favelas, a direção que potencializa as oportunidades das atividades econômicas locais. O que se percebe nesse sentido, são escolhas de vida nas quais há lugar para participar das atividades sociais das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho provocando sinergias que têm transformado a percepção sobre as favelas.

### **3.11 Como os especialistas avaliam os programas PCV e PPM no período 2015-2019?**

Esta seção tem por propósitos discorrer acerca de mutações nas exigências e requisitos dos mecanismos de financiamento para projetos culturais no período de 2015 a 2019 e analisar se houve avaliações no programa federal que subsidiou os museus participantes do estudo. Iniciando a partir do último, o que se pode entender por avaliação antes de buscar compreender as diversas nuances que adquire no que tange ao PPM nesses cinco anos? Segundo o dicionário eletrônico Priberam da Língua Portuguesa, avaliar é “determinar o valor de”, “compreender” e “apreciar, prezar”.<sup>37</sup> Avaliação por sua vez é o “valor determinado por peritos”, ou ainda “apreciação” e “estima”. Pode-se afirmar também que sobre o que é avaliado costuma haver mais de um sistema mensurando valor, por isso, pode haver em dados momentos dissonância e incompreensão (Hutter & Stark, 2015), como recusar aceitar um ponto de cultura pirata. Outras situações evidenciam que os papéis de avaliador e avaliado não são estáticos e por serem revezáveis implicam no desenvolvimento de uma agenda de compromissos entre os envolvidos na qual grande importância é atribuída ao jogo justo (Chong, 2015). Isso, por exemplo, tem validade para comitês de seleção compostos por pares, uma inovação de editais mais recentes tanto do PPM quanto de outros programas inspirados no PCV.

Desse modo, avaliações acontecem a todo momento, dado que julgamentos de valor são imprescindíveis para a existência de qualquer fenômeno. São também rituais formalizados para os quais se destina grande energia como avaliações escolares, avaliações de ingresso nas universidades, avaliações de conclusão de cursos etc. Não seria diferente no caso das políticas públicas, onde tem crescido a preocupação em construir indicadores avaliáveis, prestar contas e apurar responsabilidades. Alguns atores se destacam no cenário de aferir o desempenho do PPM. São eles: a) equipes dos museus ou projetos de memória social; b) teias e fóruns dos pontos de memória; c) diversos setores do Ibram e de órgãos que lhes são hierarquicamente superiores, e d) pesquisadores de universidades. É importante considerar que esses papéis são muitas vezes intercambiáveis: há gestores dos museus que são também influentes nas redes de

<sup>37</sup> Verbetes “avaliar” e avaliação”, Cf. Dicionário Eletrônico Priberam da Língua Portuguesa (2021). Retrieved December 8, 2021 from <https://dicionario.priberam.org/PT>.

museus; há gestores de museus que já foram gestores públicos ou consultores; há gestores públicos ou funcionários públicos que são também docentes ou pesquisadores de universidades e assim por diante. Essas classificações são apenas um recorte da realidade que tem por objetivo meramente fazer ressaltar as relações que se vêm analisando no estudo.

Devem considerar também que prevalecem sentimentos entre articuladores, teóricos, gestores e equipes dos projetos culturais de valorização da autonomia e de crítica ao excesso de controle e burocracias do poder público sobre as OSCs. Esse sentimento aparece nos textos dos teóricos da Nova Museologia e da Museologia Social (ou Sociomuseologia) por entenderem que fugir ao caráter prescritivo significa respeitar a singularidade das experiências museais (Boullosa *et al.*, 2021; Chagas *et al.*, 2018; Ribeiro & Gasparini, 2021). Por isso, não há um interesse, por exemplo, em gastar muita energia definindo um ecomuseu ou um museu comunitário.

Quanto às equipes dos museus pode-se dizer, a partir das entrevistas e das observações que, com relativo poder antecipatório, souberam entender que a conjuntura de restrição dos gastos públicos encetada pela EC nº 95, de 15 de dezembro de 2016, demandaria diversificar as estratégias de busca de apoio e fomento. Nesse contexto de avaliação, o Museu da Maré buscou nas emendas parlamentares individuais meios para obter recursos federais. Além disso, conseguiu sensibilizar financiadores internacionais como as ONGs alemãs que doou dinheiro para a transmissão do direito de posse do imóvel que abriga o museu ao Ceasm e continua aguardando a liberação de fomentos dos editais de outros níveis de governo. O Museu de Favela buscou parcerias com iniciativas do setor privado, manteve-se apostando no turismo cultural e continuou a busca por financiamento via editais de OSCs principalmente nacionais. O contexto pós-megaeventos e pós-paralização das obras do PAC-Favelas foi analisado por Erato como ruim para a cidade e para o projeto de turismo do museu. Por fim, como se sabe, o Museu das Remoções não tem projetos financiados pelo poder público tampouco pelo setor privado ou por outras entidades sem fins lucrativos. Seus recursos provêm basicamente de doações de tempo e pequenas quantias de dinheiro.

Quanto às análises feitas pelos participantes dos projetos culturais eventos como fóruns e teias ajudam a compreender seus processos avaliativos. Vale lembrar que no período 2015-2019 os museus receberam recursos federais apenas do PPM ainda que o Museu da Maré e o Museu de Favela também tenham em anos anteriores e mesmo no período da pesquisa recebidos recursos do PCV – aquele de editais dos governos estadual e municipal e este de edital municipal. Isso os qualifica a participarem das diversas redes de iniciativas tanto de pontos de cultura quanto de pontos de memória. Essas redes costumam ser estaduais, regionais e municipais, ou seja, redes em que se sobressai o aspecto geográfico e territorial, e redes temáticas, como memórias LGBT e memórias indígenas, nas quais se sobressaem os aspectos identitários.

E isso também os qualifica a integrarem instâncias deliberativas e consultivas construídas ao longo dos anos e que são canais de diálogo com gestores do PPM e outros atores importantes para as políticas da cultura. Desse modo, consolidam o que veio a se tornar uma política não apenas compartilhada com os três níveis de governo, mas também participativa, com as organizações comunitárias influenciando nas decisões sobre seus rumos e não apenas sendo guiadas por forças exteriores. Um bom exemplo de como as redes podem impactar a política pública está na atuação da Remus-RJ que trabalhou para a criação do edital regionalizado do PPM em 2016, influenciando na destinação de verbas para projetos comunitários (Veiga, 2017). Mais recentemente, sistematizou sua trajetória num documentário disponível no *site*. Vários autores destacam o trabalho das redes na mobilização para a continuidade das políticas de democratização cultural, preconizada como princípio norteador do programa.

No Ibram, nomes como Marcele Pereira e Mario Chagas participaram da idealização do PPM e têm atuado ou já atuaram tanto como gestores públicos quanto como teóricos da Museologia Social. Pereira avaliou em sua tese de doutorado a implantação dos pontos de memória pioneiros. Apesar de ter sido gestora de Museologia Social, optou-se neste estudo por sistematizar suas ponderações – ou seus “pontos de (in)conclusão” – juntamente com outros trabalhos científicos. Chagas é um grande incentivador de projetos de base comunitária e seu nome associado a alguns projetos costuma contribuir para legitimá-los representantes das correntes críticas.

Além de ter na tese de Pereira referência fundamental, o capítulo tem tratado basicamente de documentos que são em sua essência avaliativos, como os relatórios de gestão produzidos para os anos 2015-2019. Redigidos por diversos setores dentro do Instituto, os relatórios enfatizam principalmente fluxos referentes ao planejamento estratégico, aos órgãos de controle interno e à contabilidade. Ainda no Ibram, as comissões de seleção e o quadro de pessoal que acompanha os convênios também sistematizam importantes informações do programa como a seleção das candidaturas, o cumprimento do objeto pactuado, o cumprimento dos prazos de execução e da prestação de contas, que é um dos pontos nevrálgicos para compreender de maneira geral – e não especificamente nos casos dos museus interlocutores – jogos de força entre OSCs e burocracias públicas. Pode-se mencionar também as gestoras e o quadro de pessoal da Comuse integrando o grupo que dispõe das análises mais precisas acerca do desenvolvimento do PPM, porque cabe a eles os contatos diretos e a visitação aos pontos. Por fim, para além desses atores, há também as influências de pessoas e setores responsáveis pelos fluxos orçamentários fora do Instituto e pela representação política como ministros de cultura, secretários de cultura, as secretárias da SCDC, deputados federais e mesmo presidentas e presidentes da república. Os últimos muitas vezes não tendo uma atuação terrivelmente à favor dos pontos de memória e dos pontos de cultura tomam decisões que repercutem nas iniciativas comunitárias.

Os estudos mais acessíveis, entretanto, são aqueles conduzidos por pesquisadores individuais. Embora não sejam avaliações no sentido restrito, abordam aspectos sempre muito pertinentes para a compreensão da cultura nacional, e algumas vezes tratam da institucionalidade do PCV e do PPM. Sobre o PPM, Pereira analisou através da pesquisa documental e de sua experiência profissional os anos iniciais do programa (2009 a 2012). Segundo a autora, dentre os principais avanços recentes do programa está sua institucionalização como política pública de museus através da portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017 (Pereira, 2018, p. 294). Por meio da mesma portaria, houve a formalização do comitê consultivo do PPM, uma demanda dos pontos de memória fortalecendo seu entendimento como política de cultura participativa nos termos da Constituição Federal.<sup>38</sup>

Como mencionado no primeiro capítulo, há os 12 pontos pioneiros financiados com recursos do Pronasci, do ministério da justiça, e há os pontos premiados e financiados com recursos de diversas ações orçamentárias dos programas Cultura: Preservação, Promoção e Acesso (PPA 2012-2015) e Cultura: Dimensão Essencial do Desenvolvimento (PPA 2016-2019), que estiveram com os ministérios da cultura, da cidadania e mais recentemente do turismo. Os pontos pioneiros foram acompanhados nos anos iniciais pelo Ibram e pela OEI (Gouveia & Pereira, 2017). Já os pontos premiados receberam recursos em valores modestos como incentivo e reconhecimento pelo trabalho em memória social dos proponentes. Como aponta a crítica ao PCV, esse arranjo pode dificultar acompanhar o desenvolvimento do programa com bons dados, pois na concepção diminuem as responsabilidades do Ibram de prestar assessoria técnica e financeira aos projetos e, portanto, de participar mais ativamente na vida das equipes. Diferentemente disso, nos anos iniciais, o programa contratou consultores externos e mesmo consultores locais para desenvolver metodologias em Museologia Social com as equipes – fato este bastante louvável. Tornar o programa mais barato aos cofres públicos não modifica a lógica de desinvestimento em áreas economicamente deprimidas dos grandes centros urbanos, que é uma das justificativas para existência do PPM.

Vale lembrar que a intenção aqui não é defender o controle intrusivo do poder público sobre as OSCs ou outros grupos organizados, mas lembrar quais são as bases que fazem surgir o programa. Tais bases são por exemplo a busca pela capilarização das políticas públicas, a vontade e o interesse público em oferecer condições para que expressões culturais não hegemônicas pudessem não apenas consumir cultura decidida de cima para baixo, mas produzir cultura e ao fazer isso se educar e exercer direitos culturais tais como previstos nos artigos 215 e 216 da

---

<sup>38</sup> Para acessar a Portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017, Cf. Diário Oficial da União (2017, September 11). Retrieved December 8, 2021 from <https://bit.ly/2ZxB7Vc>.



Constituição Federal. Para regulamentar esses direitos é que se criou – e se celebrou – instrumentos de gestão como a Política Nacional de Museus (PNM), o Estatuto de Museus e o Plano Nacional Setorial de museus (PNSM), como lembram Gouveia & Pereira (2017) e se manteve o interesse em documentos internacionais como a Declaração de Santiago no Chile, como lembram Chagas *et al.* (2018).

Os pontos pioneiros e premiados estariam em condições de acessar atores sociais que o poder público não teria condições de alcançar dada a história de implementação de políticas públicas no país que, com dificuldades, capilarizam-se pelo território. Trata-se de entendimento também expresso na pesquisa conduzida por Lopez e Abreu (2014) com gestores públicos sobre o papel das OSCs na experimentação de políticas. Segundo os autores, especialmente nas políticas públicas de direitos humanos e mesmo da cultura houve incorporação de protagonistas dos movimentos sociais nos quadros da burocracia pública. Ao avaliarem o papel das OSCs nas últimas décadas, esses atores tendem a enfatizar que não estão, pelos menos essas OSCs – talvez excetuando as organizações sociais –, exercendo o papel substitutivo ao poder público, como se temia na década de 1990. Antes, estão, pelo menos até 2016, numa condição de crescente legitimidade, porque conseguiram chegar até grupos que não são tradicionalmente públicos das políticas públicas. Todos sabem que a universalização das políticas é um preceito da Constituição Federal. Esses atores estariam agindo de forma complementar à atuação do Estado e contribuindo para melhorar as respostas do poder público em suas obrigações na garantia de direitos.

Nesse sentido, é sintomático que Pereira (2018, pp. 289–300) comente que houve conflitos na busca por representatividade dos pontos pioneiros e premiados. As observações indicaram que os pontos pioneiros acreditam que o Ibram deve continuar assumindo responsabilidades tanto técnicas quanto financeiras e acompanhar as experiências pioneiras de perto ao invés de buscar diminuir esses laços com as iniciativas, dando a impressão de aumentar a abrangência do programa através da distribuição de prêmio a iniciativas escassamente acompanhadas e financiadas. Eximir-se acontece, por exemplo, através da ênfase exagerada na busca por resultados mensuráveis e alcançáveis rapidamente. Nesse caso, frustrações às metas pactuadas representam um risco à viabilidade dos programas dentro de certos moldes. Eximir-se acontece também pela ênfase na necessidade de as iniciativas se autodesenvolverem, buscarem autonomia e livrarem-se da tutela do Estado. Entendem que o discurso a favor da autonomia dos pontos é por vezes utilizado para fazer o poder público esquivar-se de suas responsabilidades. Gouveia & Pereira (2017) comentam que versões mais antigas do PNSM eram bem mais generosas na relação com as experiências afiliadas à Nova Museologia e Museologia Social. Parece que a relação

foi se amesquinhando justificada pelo discurso de enxugar a máquina pública, racionalizar as rotinas, rever prioridades e cortar gastos com setores não prioritários e conter a crise fiscal.

A busca por metas mensuráveis e possíveis dentro do prazo (2010-2020) tornou esses objetivos muito mais austeros. Em resumo, os 12 pontos pioneiros criaram uma saudável expectativa de que suportes através de consultorias, treinamentos e investimentos financeiros eram não apenas condição desejável, mas condição necessária para continuarem agindo nos seus territórios – de outra forma não contemplados pelo Estado. Entretanto, viram na multiplicação das experiências sem esse suporte adequado e a descontinuação dos investimentos iniciais nos 12 primeiros pontos sinais de alerta. Desse profícuo debate interno tem surgido demandas por uma política pública não apenas de gestão compartilhada, mas também participativa. A postura sinaliza os caminhos encontrados para viabilizar confluências que os pontos pioneiros ou premiados almejam ver consolidadas. Então, a princípio, as equipes dos pontos identificam que há momentos de coalizção, ou na direção de alinhamentos e equalizações, que devem ser encetados pelo Ibram, a partir das demandas identificadas pelos pontos. Gouveia & Pereira (2017) comentam que reivindicações dessa envergadura vêm se desenvolvendo ao longo dos encontros teias de memória. Alcançaram algum sucesso com a portaria que, além de instituir o PPM como política pública de museus, criou seu comitê consultivo.

As autoras também reconhecem na proliferação das redes elementos importantes dessa consolidação. A dissertação de Veiga (2017) é um documento interessante para se compreender dinâmicas internas à constituição simbólica dos lugares e das hierarquias que dão forma à rede. Segundo Veiga, a Remus-RJ teve como principal referência a Rede Cearense de Museus Comunitários. Ou seja, vem de um processo de maturação e de sintonia política que possibilitou aferir tecnologias que funcionam bem para potencializar ao máximo as sinergias. Além disso, como apresentado no primeiro capítulo, a atuação da Remus-RJ ao promover o edital regional de premiação de pontos de memória, ocasionou a corroboração dos conceitos que circulam entre equipes de museus, gestores públicos, pesquisadores e outros atores a partir de um lugar bastante privilegiado para a Nova Museologia e Museologia Social, que é o Rio de Janeiro. A atuação da Remus-RJ, portanto, merece destaque no que tange a fazer compreender inovações que surgem do acúmulo em Museologia Social como mencionado por Pereira (2018) na conclusão de sua tese.

Outros autores também trouxeram importantes contribuições para se avaliar o PPM. Para acessar esse universo, foi feita pesquisa no *Google Scholar* a partir da expressão “Programa Pontos de Memória”. Entendeu-se que uma expressão mais abrangente retornaria tanto a produção acadêmica sobre aspectos museológicos quanto sobre qualquer outro assunto referente aos pontos. Foram lidos os 20 trabalhos, sob o critério de relevância do motor de pesquisa, escritos

em língua portuguesa para o período de 2015 a 2021. Além desses trabalhos, outras bibliografias surgidas de cruzamentos de dados também foram lidas e resumidas. De maneira geral, essa bibliografia destaca o papel do programa em evidenciar narrativas não hegemônicas nos campos da memória, patrimônio e museus (Carvalho, 2019; Gondim, 2020; Silva, 2016; Yamanaka, 2020) e destaca sua importância para memórias baseadas nas identidades, como a criação de museus indígenas e da memória LGBT (Cury, 2020a, 2020b; Oliveira, 2020; Rodrigues & Morando, 2020; Vieira Neto & Pereira, 2017). Outros autores optaram por destacar o PPM apresentando propostas de criação de ponto de memória ou descrevendo como as iniciativas já existentes reinventam os processos museais (Arruda *et al.*, 2020; Lage, 2016; Silva, Santos & Figueredo, 2018). Nesse conjunto de documentos, há ainda uma referência que, como este estudo, interroga a paralisação dos editais desde 2014 (Rodrigues & Morando, 2020).

Os autores, portanto, tendem a realizar enfoque individualizado e em profundidade sobre iniciativas já existentes ainda que celebrando o programa e outras inovações recentes como o surgimento da PNM e do Ibram. Reforçam o entendimento comum à agenda da museologia. Um caso foge à regra e sobre ele falar-se-á agora. Segundo Heitor (2018, 2019) um dos pontos de memória pioneiros deveria ser na cidade de Recife, Pernambuco, onde o ministério da justiça identificou haver situações preocupantes de vulnerabilidade que justificavam uma intervenção federal. Diferentemente do PCV, no qual os pontos de cultura possuem completa autonomia para desenvolver seus projetos, os pontos de memória pioneiros foram assessorados por consultores da OEI ao implementarem metodologia voltada para a memória social e inventários participativos de patrimônio.

Entretanto, não houve consenso no grupo de participantes moradores do Coque. Aparentemente, o método que previa um projeto em ecologia não contemplou seus anseios. Essa situação foi o estopim para que dissidentes inventassem sua própria versão de ponto de cultura. Surgiu então o que Heitor chama de “museu plebeu”. Ou seja, uma iniciativa que buscou se legitimar através de referenciais da cultura brega e da cultura camelô conduzidas por um ponto de cultura pirata. O material audiovisual, composto por entrevistas, é exposto em diferentes pontos da região através de uma ciclooteca, uma variante das anunciocletas comuns nas áreas de feiras livres e outros empreendimentos populares no Recife. Heitor esclarece que o museu pirateou o nome ponto de cultura, porque sua existência não é chancelada pelos órgãos oficiais. É uma livre apropriação do termo, ou uma cópia da marca. O grupo criou até mesmo sua própria versão das teias de memória, a Teia de Memória dos Contadores(as) de Memória do Coque.

Para Heitor, a experiência do museu caracteriza a situação de “destinatários não captados da política pública” ou de “contrapúblico do Estado”, pois o poder público mantém um discurso sobre diversidade inflexível, não dado a influências e transformações ao ponto de aceitar seu

ingresso. Heitor conclui que não basta vontade política de uma comunidade engajada e não é suficiente nem mesmo haver vontade de memória, a participação exige o domínio das normas que regem os editais e de outros regramentos que organizam as condutas, o reconhecimento e a validação. Trata-se de um “museu plebeu”, porque em partes não se legitima pelos meios aceitos. Tem adquirido visibilidade por canais atípicos sem a correspondente adoção da cultura legitimadora – a emanada pela chancela do MinC, seu correspondente na falta deste, ou pelo Ibram.

Experiências desse porte devem ter afetado a disposição do Instituto para popularizar os processos museais de maneira mais assessorada (através de consultores), especialmente se for considerado que as parcerias através de convênios e instrumentos congêneres são ainda maneiras encontradas pelo poder público para testar atividades e ações que podem ser universalizadas através da formalização de políticas públicas. Deixam também evidente os limites na capilarização das políticas de cultura, que tem regras que fazem conflitar entendimentos do que é a cultura popular e do que o poder público está disposto a negociar como cultura popular. Ou seja, a experiência possibilitou vislumbrar uma negociação onde há mais de um sistema de valor atuando. Mas, de fato, só o tempo apresentará as faces que a experiência do museu, em particular, e do PPM, de maneira mais geral, podem adquirir, porque são principalmente afetadas pelos desinvestimentos na pasta da cultura. Entretanto, é válido afirmar que em contexto de maior restrição no acesso aos recursos públicos, inovações como a dos moradores do Coque correm mais riscos de serem marginalizadas.

### **3.12 Houve mudanças nas exigências e requisitos dos mecanismos de apoio direto?**

Além da bibliografia comentada na seção anterior, realizou-se uma segunda pesquisa no *Google Scholar* para a expressão “fomento à cultura no Brasil”. Levantou-se a produção a partir do critério de relevância e de ser a literatura produzida em língua portuguesa para o período de 2017 a 2021.<sup>39</sup> Essa bibliografia discorreu sobre mecanismos de financiamento com ênfase na história mais recente, ou seja, a partir de 2003, mas também lembra o surgimento da Lei Rouanet, lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Entretanto, não aborda particularmente o PPM. Assim, as conclusões são tomadas de empréstimos das análises do PCV e de outros editais com recursos de apoio direto e que tinham como propósito contribuir para a democratização do fazer cultural. Outrossim, as opções dos pesquisadores evidenciam periodizações confluentes com distintos interesses e agendas num momento outro outro coincidindo com os interesses deste estudo.

---

<sup>39</sup> Não houve diferença significativa para a produção na variante português brasileiro ou português de Portugal.

Como no caso do PCV, para o qual a estadualização e municipalização geraram inovações nos critérios de seleção e nas regras do fomento, para o PPM a única experiência de estadualização, que se dá no Espírito Santo, também foi inovadora. Já houve pelo menos três processos seletivos cuja principal inovação foi o aceite de candidaturas de grupos ou coletivos sem formalização jurídica. Entretanto, deve-se ponderar tratar-se de editais que distribuíram apenas 220 mil reais em cada edição – ou seja, os selecionados receberam prêmios individuais variando entre 20 mil e 22 mil reais. Matéria jornalística sobre a II Teia de Memória no estado, datada ainda de 2018, comentou que a rede estadual era composta na época por 18 pontos de memória, sendo um pioneiro e 17 pontos de memória premiados. Outra inovação nas regras, também comentado por Ísis nas observações, foi a participação de gestores de outros pontos de memória nos comitês de seleção. Ela mesma participou de uma dessas comissões do estado capixaba.

Inicialmente, “regras de financiamento” foram pensadas neste estudo como condições que interessados deveriam cumprir para se candidatarem aos apoios tais como as condições presentes nos editais avaliados no primeiro capítulo. Ou seja, tinham uma abrangência bem delimitada e visavam principalmente obter respostas a partir dos entrevistados sobre questões de ordem prática, mas que criavam ou diminuía os empecilhos muitas vezes já conhecidos pelas OSCs nas fases de captação de recursos a prestação de contas. Entretanto, o exame da literatura revelou que essas regras podem ser muito mais abrangentes e se referirem aos aparatos que vigoraram na pasta de cultura, isto é, no então denominado sistema MinC, segundo épocas ou governos. Por exemplo, o principal apoio a projetos da área da cultura no Brasil basicamente evoluiu da lógica do balcão, para a qual contava principalmente os contatos políticos dos eventuais proponentes, para o incentivo fiscal. Mas, os autores citam uma infinidade de outros mecanismos ocorrendo concomitantemente (Almeida & Neto, 2017; Paiva, 2016; Silva, 2017). Para fechar um entendimento acerca do que poderiam ser tais regras, é preciso definir que variam desde até mesmo haver programas como o PCV e deste derivados até haver editais com regras cada vez mais acessíveis a candidaturas. Ou seja, que aumentam o número de inscritos, que aumentam as chances dos candidatos serem selecionados, que favorecem a boa execução do projeto e que fortalecem a capacidade de prestar contas dos selecionados.

O exame da literatura sobre “fomento à cultura no Brasil” revelou que todos os autores são unânimes no entendimento de que especialmente nos governos Lula (e o mesmo não vale para os governos Rousseff) houve por meio do chamado apoio direto através de editais a tentativa mais eficiente até hoje na busca por reverter a lógica da concentração de recursos para projetos culturais no país (Albernaz, 2020; Almeida & Cereda, 2017; Andrade, 2017; Costa, Medeiros & Bucco, 2017; Rubim, 2017; Rubim & Vasconcelos, 2017; Waismann, 2017; Zambon & Carvalho, 2017). Disso depreende-se que os editais são o mecanismo mais justo na distribuição dos apoios

que são principalmente financeiros. Pressupõem regras mais impessoais que as que vigoravam no apoio direto no atendimento de balcão – mecanismo mais usado até a década de 1980. Regras mais publicizadas e nas quais idealmente deveriam se sobressair a qualidade do projeto ou da iniciativa são principais argumentos na defesa do instrumento seletivo (Almeida & Neto, 2017; Paiva, 2016; Silva, 2017, p. 11). Porém, o que tornam os editais a partir da gestão de Gilberto Gil mais atraentes para os críticos do setor é o fato de pertencerem a um novo momento para a política pública no qual se buscou implementar os artigos 215 e 216 da Constituição Federal através da implantação do SNC e da PNC capilarizando sua burocracia para estados e municípios via adesão voluntária. É nesse contexto que surge o PCV como o caso mais paradigmático da forma como as chamadas públicas amparadas pelo desejo de democratização dos processos de patrimonialização e dos processos de fabricação artístico-culturais buscaram dar condições para que setores sociais comumente não qualificados para participação pelo incentivo fiscal pudessem pelo menos criar candidaturas e competir pelo acesso ao fomento entre organizações de perfil similar (Almeida & Neto, 2017; Paiva, 2016; Silva, F. 2017).

Mas, isso apenas contextualiza o cenário a partir do qual pensar o que aconteceu no período de 2015 a 2019. Boa parte dos autores lidos estão preocupados em sistematizar dados de longos períodos de tempo, o que é diferente do propósito deste estudo (Almeida & Neto, 2017; Andrade, 2017; Santos & Fernandes, 2020; Cordeiro, 2018; Costa, Medeiros & Bucco, 2017; Silva, F. 2017; Zambon & Carvalho, 2017). Conclusões mais recentes sobre mecanismos de financiamento existentes – e não sobre regras para obtenção de fomento ou apoio diretos – destacam que o FNC não conseguiu reverter a lógica da concentração de recursos que privilegia projetos hegemônicos no Sudeste patrocinados por instituições como Caixa Econômica Federal e Correios (empresas públicas) e Petrobrás e Banco do Brasil (sociedades anônimas). Por isso, programas como o PCV e o PPM não se tornaram mais atrativos que os projetos tradicionalmente patrocinados pelo incentivo fiscal. Ou seja, o FNC não conseguiu mudar a tendência do financiamento, porque não há mecanismos que garantam recursos para torná-lo a principal via de acesso ao financiamento federal. Nesse sentido, Costa, Medeiros & Bucco dizem que “[é] necessário que ocorra uma reorganização das estruturas sociais e uma nova distribuição de recursos econômicos, para que a política atinja a cultura na sua dimensão antropológica” (2017, p. 513).

Medeiros, Alves & Farah (2015), interrogam se novas OSCs que adentraram o campo da cultura conseguiram modificá-lo – como o fizeram (e ainda fazem) projetos incentivados pela renúncia fiscal – e quais seriam suas possíveis contribuições ao campo. Vale lembrar que as instituições hegemônicas controlam a programação cultural principalmente dos grandes centros urbanos. Ainda que analisem pontos de cultura de São Paulo, seus argumentos possuem validade para se compreender dinâmicas que acontecem entre e através dos pontos de memória.

Concluem que a estrutura do apoio aos pontos incentiva a escolha de organizações de perfil político mais moderado e com tendências a aceitar a profissionalização. Desse modo, organizações mais densas tendem a pressionar as demais participantes do campo a se enquadrarem. Por exemplo, devem seguir as regras de inscrição se quiserem ter suas candidaturas homologadas nos editais e prestar contas conforme regramentos da contabilidade pública se quiserem direito a re-candidaturas etc. Portanto, as novas OSCs da cultura conseguiram provocar algumas mudanças, mas de maneira geral a cultura do financiamento manteve inalterada.

Os autores perceberam que os pontos de cultura conseguiram ocasionar importantes rupturas, ainda que não tenham afetado a estrutura do incentivo fiscal. Contribuíram para a ampliação do aporte de recursos para o PCV, pressionaram pela institucionalização do programa como política pública de Estado, o que aconteceu através da Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, e, principalmente, promoveram importantes mudanças simbólicas com a valorização da diversidade étnico-racial e de gênero e de manifestações culturais não hegemônicas. Além disso, os pontos afetaram-se mutuamente. As redes, por exemplo, proporcionaram troca de conhecimento, complementaridade na atuação e aumento da visibilidade política. Além disso, as OSCs fizeram surgir legislações mais atentas às lacunas detectadas pelos gestores trabalhando nesse considerável universo como o surgimento do Mrosc comprova. Portanto, ainda que as novas organizações que adentraram o campo da política pública de cultura ou o espectro mais amplo das OSCs não tenham ocasionado rupturas mais significativas nas burocracias que regem a relação com o setor público, elas certamente têm sua parte de contribuição na democratização do fazer cultural e na universalização do acesso às políticas públicas.

Já Baron (2019) destaca o surgimento de editais nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e no Distrito Federal bem como nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte preocupados em estabelecer critérios de territorialidade. Ou seja, os organizadores desses chamamentos públicos criaram dispositivos técnicos de classificação sensíveis ao aspecto geográfico por atribuir pontuação maior a projetos desenvolvidos em regiões previamente classificadas como prioritárias e conduzidos por moradores desses mesmos lugares. Esses editais também buscaram resolver problemas velhos conhecidos das políticas para democratização cultural como inflexibilidades burocráticas e regras severas de prestação de contas. Nesse sentido, Baron destaca como mecanismos para driblar os entraves identificados os seguintes achados: realização de oficinas para explicar os editais; editais para os quais grupos não formalizados juridicamente podem inscrever projetos; execução de logística para facilitar acesso à inscrição; editais em linguagem acessível; incentivo à continuidade dos projetos através do aumento progressivo dos aportes; comitês de seleção compostos por pares, ou seja, outros membros de OSCs; divulgação comunitária dos períodos e condições de inscrição; regras de prestação de

contas simplificadas e pulverização dos aportes, ou seja, mais prêmios disponíveis, ainda que de pequenos valores como forma de tornar o alcance ao apoio mais abrangente.

Indo na mesma direção, Márcia Silva (2019) discorre sobre a criação e desdobramentos do edital do Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo. Gestado em três anos de diálogo, ainda na administração de Fernando Haddad, o projeto acabou sofrendo ajustes que diminuíram a dotação orçamentária quando João Doria assumiu a prefeitura. A continuidade apesar da mudança de governo foi ocasionada por sua transformação em lei municipal ainda na gestão petista. Dentre as inovações, como também registradas por Lia Baron (2019) estão critérios de classificação territorializados, comissões de seleção compostas por indivíduos identificados com a condição periférica, como mulheres e homens negros e integrantes da comunidade LGBT etc. Além disso, aportes mais generosos, variando entre 100 e 300 mil reais, sugerem que o financiamento via editais mutações do PCV – ocasionadas pela sua estadualização e municipalização – podem escapar à insuficiência e precariedade e contribuir para criar novos referenciais de cultura. Apesar das imposições de ordem orçamentária, os aportes totais para os chamamentos variaram de 2016 a 2018 entre 9 milhões (2016), 7,1 milhões (2017) e 7,5 milhões (2018). Silva constata que os momentos de transição política são importantes para a continuidade ou não de políticas públicas. Poderia ter representado o fim do edital, não fosse o fato de ter se transformado em política pública municipal.

Em suma, novos editais aprimoraram as regras para candidaturas ao apoio direto, como relatado por Baron (2019) e Silva (2019). Ou seja, melhoraram as regras para as candidaturas aos fomentos. Mas, Silva também alerta que a transição política entre governos de diferentes matizes ideológicos pode prejudicar sua consolidação. Assim como no caso do edital do Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo, a institucionalização do PPM através de portaria garantiu sua continuidade e foi fato bastante celebrado no campo da museologia, principalmente entre os pontos de memória. Embora avancem entendimentos sobre como construir regras para garantia de efetivação dos direitos culturais preconizados na Constituição Federal, os editais de apoio direto no governo federal e em outros níveis de governo sofrem com suspensões, cortes de verbas e limitações orçamentárias. Ainda prevalece o entendimento de que a democratização cultural é uma oneração, uma despesa e não um investimento.

Muito tem-se dito sobre potenciais econômicos tanto da indústria criativa quanto da economia da cultura, mas entende-se com isso que projetos hegemônicos são lucrativos e projetos não hegemônicos não ocasionam retornos econômicos. Ou ainda que somente projetos lucrativos devem ser incentivados. Por isso, mesmo os museus interlocutores dificilmente conseguiriam recursos através do incentivo fiscal. De fato, apenas o Ceasm, pessoa jurídica que mantém o projeto do Museu da Maré, conseguiu captar recursos através desse mecanismo. Além disso,



o desempenho da meta para a pasta da cultura de alcançar um orçamento de 37% acima do crescimento do PIB até 2020, de acordo com dados de monitoramento do PNC, tem ficado ao longo dos anos aquém do planejado.<sup>40</sup> Só isso já coloca em risco a viabilidade de editais de apoio direto que têm por base o propósito de incentivar a democratização cultural. Por exemplo, autores analisados apontaram que, ao longo do tempo, houve baixa dotação orçamentária para o FNC. Esse fato torna impossível reverter a lógica do investimento à cultura que se dá principalmente através do incentivo fiscal e privilegia as já existentes regiões de investimento dos grandes centros urbanos no Sudeste brasileiro acentuando as desigualdades inter e intrarregionais.

Nos anos 2015-2019 a principal conquista do PPM foi a sua transformação em política pública de Estado. Tal fato mantém uma via de acesso a apoios financeiros que dá continuidade ao propósito de democratização cultural e torna o programa menos suscetível a mudanças de governo. Mas, sua transformação para a modalidade premiação, por um lado, é vista como um estímulo para a existência de novos projetos e, por outro lado, como uma forma de tornar a relação com as iniciativas de base comunitária menos estreita, ou seja, para diminuir as responsabilidades do Instituto muito embora funcione o programa sob os auspícios de desenvolver uma política pública de memória social participativa. Para piorar, a limitação dos gastos públicos ocasionou uma drástica diminuição na oferta de editais do Ibram e na suspensão dos chamamentos do PPM desde 2014. Além disso, em 2018 o Instituto enfrentou um movimento político forte pela sua extinção e também tem sofrido com o rebaixamento do ministério à condição de secretaria especial desde 2019. Ou seja, só a existência da lei sem a efetiva dotação orçamentária e sem estrutura institucional também não é possível a implementação de uma política pública de alta qualidade e de tendência à universalização.

### 3.13 Conclusão

O capítulo iniciou analisando no nível federal quem financiou, em quanto financiou e como se

---

<sup>40</sup> De acordo com o relatório de monitoramento do PNC de 2019, a meta 51 “aumento de 37% acima do PIB, dos recursos públicos federais da cultura” teve desempenho insatisfatório em todos os anos analisados. O melhor resultado foi obtido em 2010 quando chegou ao patamar de 0,032% do PIB. Nos anos considerados neste estudo, os recursos públicos federais para a cultura foram em 2015 R\$ 1.827.060.269,00 (o que correspondeu a 0,030%), em 2016 foram R\$ 674.420.100,36 (0,011%), em 2017 foram R\$ 763.579.121,00 (0,012%), em 2018 foram R\$ 531.698.652,00 (0,008%) e em 2019 foram R\$ 457.998.539,86 (0,006%). A meta é aferida da seguinte forma: as despesas da pasta da cultura (União) são divididas pelo PIB e o resultado é expresso em porcentagem. Na meta não estão incluídos os recursos provenientes do incentivo fiscal (Secult, 2021, pp. 229-230).

deu o apoio financeiro aos museus acompanhados neste trabalho. Constatou-se que nos anos de 2015 a 2019, o Museu da Maré e o Museu de Favela obtiveram apoio do edital do PPM de 2014 e da Remus-RJ de 2016. Excetuando os prêmios, o Museu de Favela não obteve apoios e os recursos obtidos pelo Museu da Maré provieram de emendas parlamentares individuais, e não das programações orçamentárias regulares. Ou seja, houve estímulo exterior ao contexto da política pública de cultura e de museus encetado pela própria equipe do museu através de suas estratégias políticas no estado do Rio de Janeiro. O Museu de Favela, como sugere Erato, manteve-se apostando nos editais públicos, em outras fontes de captação e na autossustentabilidade através do turismo cultural comunitário. O Museu das Remoções não poderia participar da maioria dos chamamentos públicos, porque surgiu em 2016 e até 2019 ainda lutava para obter o CNPJ e mantinha-se através de doações de tempo e dinheiro.

Além de mobilizados de fora da estrutura da política pública de cultura, a liberação dos recursos captados pelo projeto do Museu da Maré sofreu com atrasos e outros contingenciamentos pelos quais passou o orçamento do Ibram no período investigado, como revelou a análise dos relatórios de gestão e as informações extraídas dos bancos de dados abertos. Esse contingenciamento também afetou a continuidade das atividades finalísticas do Instituto, que ainda correu o risco de ser extinto em 2018 e testemunhou o ministério da cultura ser rebaixado à condição de secretaria especial em 2019.

O capítulo analisou ainda como os entrevistados, membros das equipes dos museus, entendem a importância dos apoios via seleção nos editais e do dinheiro no andamento de suas programações e projetos. Constatou-se que alguns desses recursos são bastante estratégicos. Ísis lembrou o recurso utilizado para criar o museu como um deles – verba proveniente do primeiro edital do PCV. Morfeu complementou lembrando que não se pode perder de vista que o projeto foi importante para a política pública de memória social, pois seu sucesso inspirou a criação do próprio PPM. Ou seja, é sabedor de que a equipe detém acúmulos fundamentais para experimentações em políticas públicas (Lopez & Abreu, 2014). Apoios então geram experiências positivas para ambas as partes. Como lembra Brown (2015), disponibilidade de recursos é só um dos requisitos para que haja um projeto bem-sucedido. Geralmente, a ênfase exagerada nesse momento só tende a obscurecer o fato de que mais que dinheiro é preciso haver pessoas que o transformem em eventos, em programações, em material expográfico, em reuniões; enfim, que o transforme nos resultados esperados. Acendem um sinal de alerta ao informarem também que nos últimos anos esses recursos estratégicos vieram não do orçamento da cultura, mas de organizações da sociedade civil internacionais. Autonomia na captação é sinal de uma organização forte e legítima, mas podem indicar existência de entraves na consolidação de mecanismos que objetivam fortalecer e democratizar o acesso aos recursos públicos no país.

As duas últimas seções continuaram o exame dos apoios diretos, principalmente através do PPM, verificando como o programa fora avaliado por especialistas da área de memória social. Esses especialistas são atores sociais com legitimidade no campo para falar sobre o assunto como os gestores dos museus, gestores públicos, as redes de Museologia Social e os pesquisadores da área exercendo esses papéis muitas vezes de maneira intercambiável dirigindo e formando opinião sobre as políticas de memória. Optou-se por analisar pesquisas na área através do levantamento de estudos recentemente produzida sobre o PPM. Nesse sentido, a literatura permitiu concluir que o PPM se consolidou como política que fortalece narrativas contra-hegemônicas. Boa parte da produção lembrou sua atuação em favor da criação de museus indígenas, por exemplo. Deve também ser lembrado como ator importante na criação de museus de favela e periferias urbanas dialogando desse modo com as políticas de urbanização, habitação e direito à cidade de maneira geral.

Além de acessar a opinião de estudiosos da área de museologia, as observações e entrevistas permitiram descobrir algumas das estratégias do principal interlocutor, a equipe do Museu da Maré, para reconhecer as possibilidades no cenário que se delineou no período estudado. Para garantir a continuidade dos apoios federais a equipe conseguiu recursos de parlamentares sensíveis à causa dos museus de favela um pouco antes da consolidação das restrições dos gastos públicos. Em relação aos gestores públicos, infelizmente, não foi possível entrevistar nenhum deles tanto do PPM quanto do PCV, embora diversas tentativas nesse sentido tenham sido feitas. Uma das razões foi a reestruturação da pasta da cultura que impossibilitou saber onde os gestores foram realocados. Mas, foi possível constatar nos documentos analisados, principalmente nos relatórios de gestão do Ibram, que de fato é amplamente aceito na gestão pública que avaliações e reestruturações de políticas devam ocorrer e que são motivadas pela busca de melhorias nas suas respostas e as mais diferentes linhas ideológicas compartilham esse entendimento. No caso do Instituto avaliações aconteceram, por exemplo, para ajustar o planejamento estratégico ao PNC e ao planejamento orçamentário. Ironicamente, quando esses planejamentos pareceram alinhados em 2018, houve a ameaça de extinção do Ibram, com a proposta de criação de um serviço social autônomo em seu lugar, justificado sob o pretexto de alinhar o planejamento da pasta de cultura ao planejamento macroeconômico.

Quanto a mudanças nas regras dos editais, assunto da última seção, constatou-se que experiências parecidas com o PPM, porque foram criadas para corrigir distorções no acesso aos recursos públicos, têm acontecido em governos estaduais e municipais. Preveem inovações que ampliam o acesso à inscrição e corrigem distorções baseadas em critérios territoriais, ou seja, evitam investimentos em áreas já com grande aporte de investimentos e priorizam investimentos em áreas historicamente desinvestidas, como favelas e periferias urbanas. Particularmente

no que se refere ao PPM, a novidade ficou por conta da sua transformação em política pública de Estado em 2017 aumentando as chances de haver novos editais. Isso em tese aliviaria a política de pressões resultantes das sucessões de governo. Apesar disso, os limites orçamentários impostos desde 2016 têm inviabilizado novas chamadas causando descontinuidades na política e reatualizado condicionamentos que indexam de outra forma seu desempenho a prioridades de governos.

O capítulo tem grande importância para o objetivo geral da tese que é compreender as dinâmicas do financiamento público federal de projetos culturais de base comunitária no período de 2015 a 2019. A abordagem buscou tanto compreendê-las a partir das equipes dos museus quanto a partir dos executores de políticas públicas. Para o caso do último, o capítulo ateu-se ao PPM, que foi o programa que fomentou os museus no período. Os dados apresentados revelaram que a transformação do PPM em política de Estado não impediu descontinuidades. Por exemplo, não há editais federais desde 2014. Então, não seria exagerado dizer que, se comparado ao cenário político anterior ao governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), há mais continuidades que rupturas, visto que mesmo com retrocessos recentes houve esforços pela universalização dos direitos culturais. Mas, se comparado aos anos 2009-2014, nos anos 2015-2019 certamente houve mais descontinuidades. Nesse caso, esquece-se que esse movimento mais recente implementa direitos previstos na Constituição, porque houve uma rotulação da política pública que passou a ser encarada como aparelhada por partidos.

Tanto crises econômicas quanto catástrofes naturais ou pandemias não são de valoração absoluta. Tanto as primeiras quanto as últimas poderiam não afetar o orçamento da cultura se esse fosse prioridade. São, portanto, essencialmente mudanças políticas ou de entendimento que podem representar o fim de programas, redesenho de políticas ou sua descontinuidade. De fato tem havido drásticas restrições orçamentárias desde 2015 e ideólogos de orientação mais ao espectro da direita as atribuem a uma suposta crise econômica gestada no governo interrompido de Dilma Rousseff enquanto pensadores esquerdistas rechaçam o corte nos gastos públicos como saída para a crise e interrogam a gravidade de déficits primários para a saúde econômica do país (Friedrich Ebert Stiftung, 2016). As matizes ideológicas se mostraram importantes para a execução de políticas públicas de Estado que objetivam regulamentar a produção e o usufruto dos direitos culturais em consonância com os artigos 215 e 216 da Constituição Federal, demonstrando que prevalece a partidarização das políticas públicas.



## Capítulo 4 – AS NOTÍCIAS DISSERAM QUE O INCÊNDIO NO MUSEU NACIONAL QUASE LEVOU O IBRAM ÀS CINZAS. MAS DIZER SÓ ISSO NÃO É SUFICIENTE.

### 4.1 Introdução

O capítulo analisa notícias de jornais levantadas pelo motor de pesquisa *Google Search* (Caldeira, 2015). Optou-se por classificar como notícias os diversos textos informativos, opinativos e de análise conjuntural que formam o banco de documentos, porque essa é a terminologia utilizada pelo *próprio Google Search*. Entretanto, os textos podem ser notícias propriamente ditas, artigos, entrevistas e outras modalidades textuais. Cobrem o período de 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019. Foram classificadas segundo o critério de relevância do motor de busca. Para evitar que as matérias fossem direcionadas para um assunto específico, optou-se por pesquisar a expressão-chave “Instituto Brasileiro de Museus”. Desse modo, a princípio não seriam selecionadas aquelas enfocando um assunto específico que se destacou na mídia ou cobrindo o interesse de pesquisa e seria possível acessar as várias temáticas que foram noticiadas no intervalo de tempo selecionado. Ou seja, a intenção foi num primeiro momento focar o que se falou sobre o Ibram e compreender por que esses assuntos foram relevantes e, posteriormente, relacionar os achados com os interesses de pesquisa.

Após serem elencadas pelo *Google Search*, utilizou-se o mecanismo de *webscrap Instant Data Scraper* que possibilita exportar os dados em planilha Excel. A planilha possibilitou um controle mais adequado dos metadados, permitindo organizar os *links* para as notícias, os títulos das manchetes, um pequeno trecho no qual a palavra-chave se encontrava, o nome do jornal que a publicou e a data da publicação. A pesquisa retornou 207 notícias, sendo 22 para 2015, 23 para 2016, 25 para 2017, 62 para 2018 e 75 para 2019.<sup>41</sup> Uma possível explicação para resultados menos significantes em termos quantitativos para os primeiros anos do período – por exemplo há apenas 22 notícias para todo o ano de 2015 – seria o mecanismo priorizar conteúdos mais recentes. Desse modo, os resultados são

---

<sup>41</sup> Três notícias foram descartadas dos dados, porque não se referiam ao Ibram. Aparentemente, o motor de busca ao retornar esses resultados valeu-se unicamente da palavra “Instituto”, de modo que as notícias não se referiam ao Ibram, mas a outros institutos.

cada vez mais abundantes para períodos de tempo cada vez mais atuais.<sup>42</sup> Entretanto, haver mais notícias em termos quantitativos não necessariamente significaria mais diversidade nos assuntos. Talvez teriam mais detalhes e mais variedade nos formatos, mas não necessariamente mais variações de conteúdo. Do mesmo modo, poderia haver mais assuntos sem que isso ocasionasse aumento na quantidade das notícias. Sem a intenção de esgotar o assunto, entende-se que uma mudança no algoritmo poderia proporcionar resultados de melhor qualidade.

Em seguida as notícias foram acessadas nos *sites* das mídias. Em sua maioria, são jornais tradicionais que existem tanto no formato impresso quanto digital, mas há também contribuições diversificadas de revistas eletrônicas e portais públicos de notícias. Houve contribuição de portais como o Senado Federal e de órgãos dos estados e municípios como o Portal do Governo do Estado de São Paulo e o Diário de Canoas no Rio Grande do Sul etc. Cada notícia foi lida, resumida e manualmente codificada tendo como critério a construção da sua argumentação. Os assuntos foram codificados a partir da identificação argumentativa. Cada novo argumento foi contado como um novo assunto. Argumentos repetidos para um dado assunto previamente identificados foram inseridos na contagem daquele argumento já identificado e argumentos novos deram origem a novos assuntos. Não foi possível correlacionar os assuntos como faz o *software* de análise qualitativa Iramuteq nem analisar cada texto com aplicativos como MAXQDA. Neste último caso, a limitação se deveu ao fato de as notícias não estarem disponíveis em formatos compatíveis com o *software*. Uma análise adequada em tais moldes demandaria que os dados estivessem em formato de texto dos quais o conteúdo publicitário poderia ser retirado. Por fim, esses dados foram organizados em planilhas e os resultados organizados em gráficos.

Recentemente, diversos pesquisadores optaram por analisar as políticas de cultura, a produção acadêmica sobre políticas de cultura e os efeitos da vida política sobre elas através de bibliometrias, análise de discurso e análise temática. As escolhas metodológicas, também como no caso do segundo capítulo, passaram por aí (Barbalho, 2017b; Fonseca, 2019; Santos, 2019; Shuen, 2019). O capítulo analisa os assuntos ou temáticas das notícias no período de 2015 a 2019 e pretende entender como o Ibram foi noticiado na mídia tradicional e explorar se há relação entre o conteúdo publicado e o

---

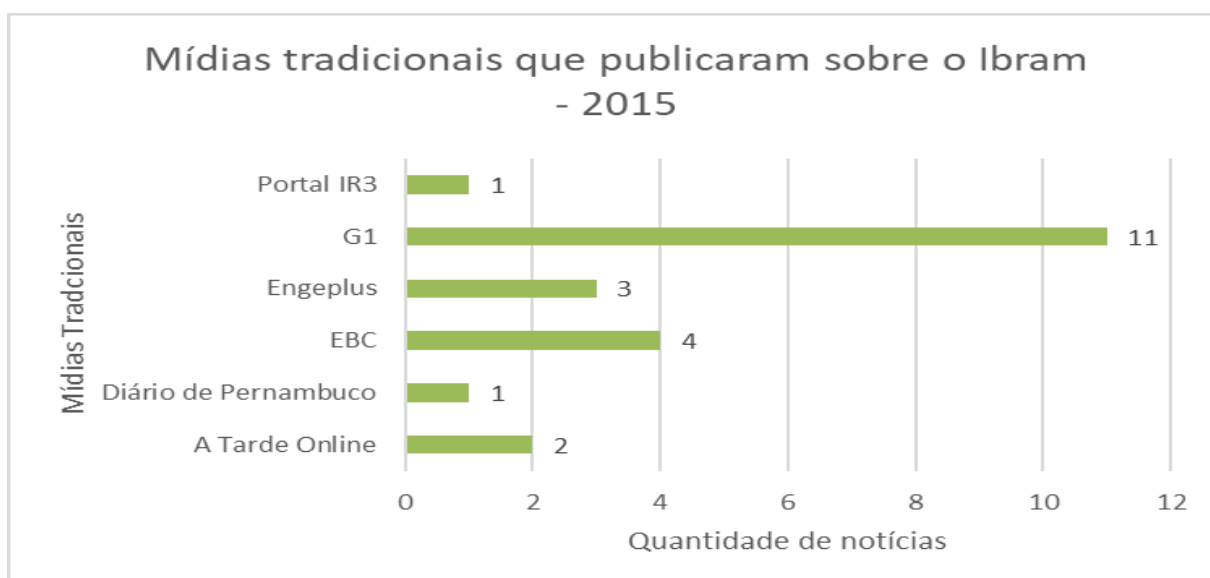
<sup>42</sup> Em 18 de junho de 2021, foi feita pesquisa com os mesmos parâmetros para a expressão “meio ambiente” e os resultados seguiram uma disposição similar, ou seja, houve mais notícias para o ano mais recente. A pesquisa retornou 12 notícias para 2015, 17 notícias para 2016, 28 notícias para 2017, 56 notícias para 2018 e 137 para 2019.

que a produção acadêmica e a intuição da pesquisa destacaram como fenômenos de relevância nesses anos. Na maioria das notícias, o Ibram é apenas uma das instituições citadas, ainda que as notícias circundassem o mundo dos museus. Mas, num dado momento, de personagem secundário o Instituto passou a protagonista e esse fenômeno ajudará a compreender, dentre outras coisas, porque os meios de comunicação poderiam ter feito um trabalho melhor na cobertura das políticas museais (Duarte, 2020).

#### 4.2 Que mídias mais publicaram sobre o Ibram no período de 2015 a 2019

Dentre as 207 notícias levantadas pelo *Google Search*, 22 são de 2015. O gráfico abaixo as distribui segundo os canais que as publicaram.

Figura 31 - Mídias tradicionais que publicaram sobre o Ibram - 2015



Fonte: Elaboração própria.

O Portal G1 do grupo privado O Globo se destacou entre os jornais *online* publicando sozinho metade das notícias levantadas pelo motor de busca. A EBC, uma empresa pública de comunicação, foi responsável por outras quatro notícias sobre o Ibram. Embora oportuno e necessário o capítulo não se dedicou a analisar se a natureza da mídia, pública ou privada, afetou os assuntos das notícias. Todavia, seria interessante investigar se os canais públicos de comunicação veiculariam uma agenda mais congruente com o órgão ao qual se subordinam ou se manteriam independência para noticiar conteúdos segundo pautas próprias como é de se esperar em contextos democráticos de liberdade de imprensa



e liberdade de expressão. Ou ainda, explorar se ou como os interesses dos grandes conglomerados de comunicação transparecem nas informações sobre as políticas de museus.

O próximo gráfico exhibe os dados de 2016. O cenário se manterá sem novidades até 2017, havendo poucas notícias mencionando o Ibram. Se o Instituto não se sobressaía dentro do sistema de cultura como a Agência Nacional do Cinema (Ancine) com as produções do cinema nacional, também não figurava enfrentando grandes desafios de gestão. Estava num lugar de relativo conforto desenvolvendo um trabalho pouco conhecido e falando num momento ou outro sobre assuntos específicos, como será tratado à frente.

Figura 32 - Mídias tradicionais que publicaram sobre o Ibram - 2016



Fonte: Elaboração própria.

Em 2016, novamente o Portal G1 publicou sozinho 12 notícias com menções ao Ibram, o que é mais da metade do total. O portal de acesso aberto (G1) e do portal para assinantes (Jornal O Globo) ambos do grupo O Globo publicaram 15 das 23 notícias. As demais estiveram distribuídas entre diferentes mídias que são principalmente privadas.

Em 2017, há maior diversificação das mídias. Em 2015 e 2016 apenas seis e sete portais, respectivamente, publicaram notícias sobre o Ibram e em 2017 esse número obteve um pequeno incremento passando para dez portais.

Figura 33 - Mídias tradicionais que publicaram sobre o Ibram - 2017

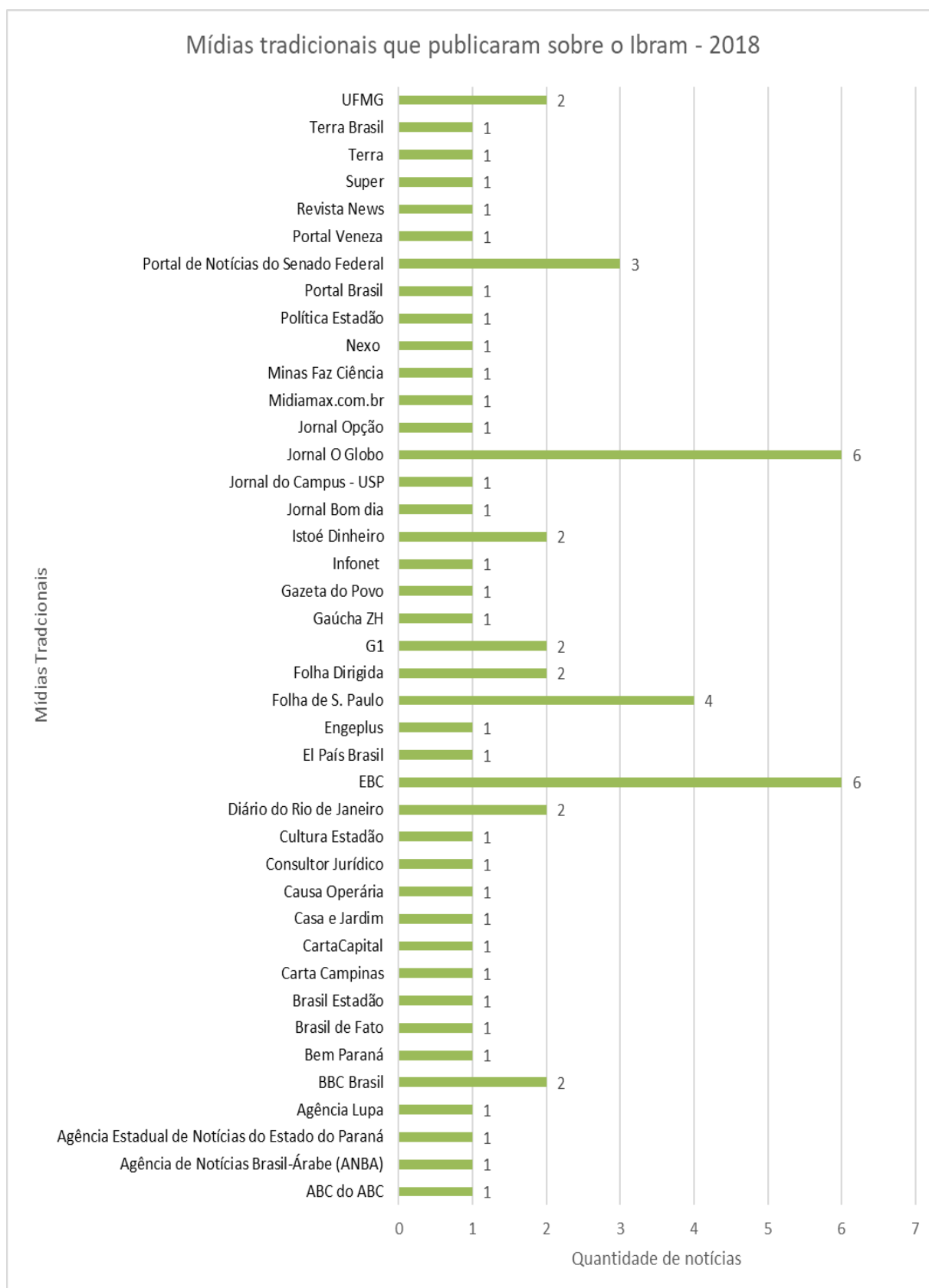


Fonte: Elaboração própria.

É notório que os estados do Sul se destaquem pela quantidade de museus e pela qualidade das intervenções museais no contexto brasileiro. Pela primeira vez, essa posição aparece retratada nos números, pois a Agência Estadual de Notícias do Estado do Paraná, juntamente com o grupo O Globo, publicaram a maior quantidade de matérias mencionando a autarquia federal. Cada um publicou quatro notícias – do grupo O Globo, duas são do Jornal O Globo e as outras duas são do Portal G1.

2018 é o ano que transforma esse cenário com 41 portais de comunicação citando o Ibram em suas reportagens. A quantidade de notícias também passa das modestas 25 em 2017 para 62 no ano em que o MN é destruído por um incêndio. O evento foi provavelmente ocasionado por falha no ar-condicionado devido a problemas estruturais na edificação como concluiu a investigação da Polícia Federal – descartando a hipótese de incêndio criminoso. Como será apresentado nas seções a seguir, esse parece ser o evento que desencadeou uma série de debates sobre o destino dos museus federais e do próprio Ibram entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019. O gráfico a seguir permite visualizar os dados referentes às notícias levantadas pelo *Google Search*.

Figura 34 - Mídias tradicionais que publicaram sobre o Ibram – 2018



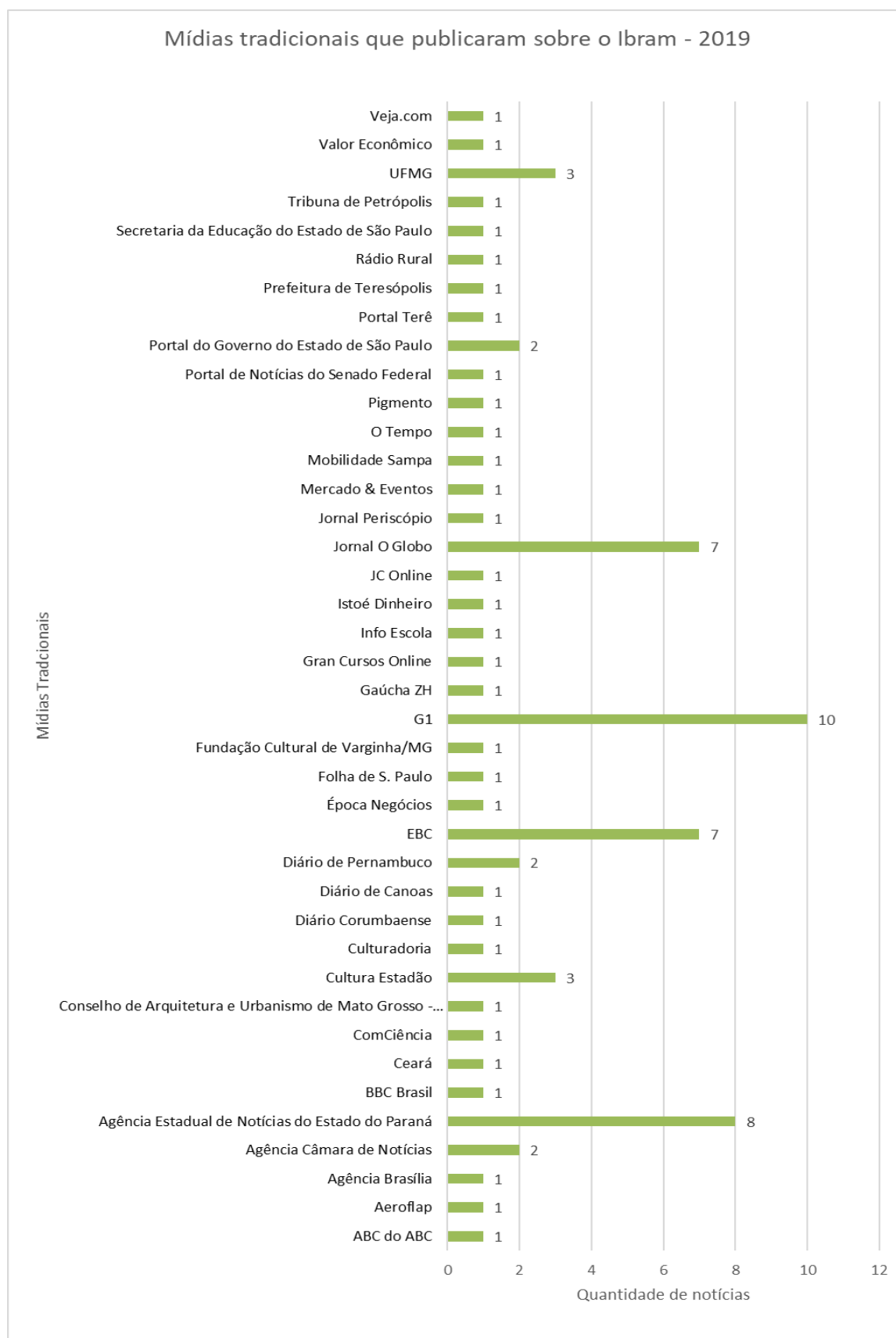
Fonte: Elaboração própria.

Em 2018, O Jornal O Globo e a EBC publicaram cada um seis notícias que falaram sobre o Ibram. A Folha de S. Paulo, um dos jornais mais importantes do país, pela primeira vez aparece entre as mídias com quatro notícias. O grupo O Globo publicou ao todo oito matérias mencionando o Instituto mantendo sua posição de liderança em todo o período estudado. A Folha e o portal de notícias do Senado Federal também publicaram quantidade significativa de matérias citando o Ibram, quatro e três, respectivamente. Além disso, jornais universitários como o Jornal do Campus da Universidade de São Paulo e o *site* de notícias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também destinaram atenção ao Instituto. Mas, vale lembrar que a UFMG, diferentemente da USP, também o noticiou no ano anterior. Por fim, é também em 2018 que o Instituto é lembrado por grandes jornais internacionais, como o britânico com escritório em São Paulo BBC Brasil e o espanhol El País.

Havia expectativa de que passados os primeiros meses desde o incêndio que destruiu o primeiro museu do país, responsável por construir a narrativa do povo brasileiro, o interesse sobre o Instituto também se dissiparia retornando a um cenário mais parecido com os anos de 2015 e 2016. Outra possibilidade seria ter os ecos desse acontecimento reverberando em 2019 potencializados pela chegada ao poder de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, vale antecipar que, assim como o *impeachment* de Dilma Rousseff e a controversa extinção e recriação do MinC no governo Temer não tiveram destaque, a chegada ao poder de um representante da direita mais conservadora e a extinção do MinC resultante da sua primeira reforma ministerial também não chegaram a merecer destaque no conjunto de documentos.

Mas, antes de adentrar os assuntos reportados, cabe ver quem mais publicou sobre o Ibram em 2019. Esses dados estão organizados no gráfico seguinte.

Figura 35 - Mídias tradicionais que publicaram sobre o Ibram - 2019



Fonte: Elaboração própria.

Em 2019, houve mais notícias sobre o Instituto que em qualquer outro ano, até mesmo mais que em 2018. Isso provavelmente se deve ao fato de o motor de pesquisa privilegiar sempre as informações mais recentes. Por buscar a resposta mais satisfatória ao usuário, pressupõe que esse precisa da informação mais atualizada e mais georreferenciada possível. Ou seja, o *Google Search* quando retorna uma pesquisa não entende que o interesse do usuário talvez seja histórico e não obter a atualizações de um certo tópico. Como nos anos anteriores, o Portal G1 e o Jornal O Globo se destacaram entre as mídias que mais publicaram sobre o Ibram. Ao todo, esses dois portais o noticiaram em 17 das 65 matérias. Em seguida, a Agência Estadual de Notícias do Estado do Paraná o veiculou em oito e a EBC em outras sete notícias.

A seguir, é apresentado o teor das notícias destacando dois aspectos complementares para compreender o cenário mais importante delineado nesse contexto. O primeiro é o retrato criado para o Ibram. Nesse sentido, são poucas as notícias que aludem ao Instituto no período, por exemplo, os anos de 2015 a 2017 não ultrapassam mais que 25 matérias em cada ano. Além disso, o Ibram raramente é o assunto principal das matérias. Geralmente, a notícia tem uma pauta principal e num momento ou outro há menções ao Instituto transversalmente – muitas vezes lembrado não no texto do jornalista, mas nas falas dos entrevistados. É apresentado como responsável pelos dois maiores eventos museais do país, como o órgão responsável pelas políticas do setor ainda que isso não seja mais bem explicado. Aparecem também menções a aspectos específicos do seu trabalho como desenvolver tecnologias para diagnóstico da situação dos museus através da contagem estatística da visitação anual e da distribuição dos museus no país. Aparece ainda criando legislações e os exemplos são o de combate ao tráfico internacional de bens culturais e arqueológicos e de normas para prevenção de incêndios e outros sinistros. Por fim, figura como mediador em processos decisórios envolvendo instituições museais e do patrimônio e como instituição à qual recorrer para obter apoio técnico e financeiro.

Entretanto, as poucas menções feitas ao seu papel no fomento não problematizaram o desinvestimento nos museus como consequência da desvalorização da cultura no cenário que se desenvolve desde 2015. Nesse sentido, os eventos que se sucederam com o MN em 2018 fizeram supor que o Ibram foi corresponsabilizado pelo incêndio. Portanto, embora apresentado num retrato de certa complexidade com atuações em diversas frentes, esse retrato deixou descoberto seu papel na capilarização das políticas museais, na criação de uma institucionalidade participativa e conectada com todo o sistema de cultura. Esse desconhecimento foi instrumentalizado pelos órgãos superiores hierárquicos que puderam propor como saída para a falta de investimento no setor museal identificada quando houve o incêndio no MN a transformação da autarquia num serviço social autônomo ignorando sua história de acúmulos no sentido de construir passo a passo as condições para um trabalho mais amplificado de democratização dos direitos culturais.

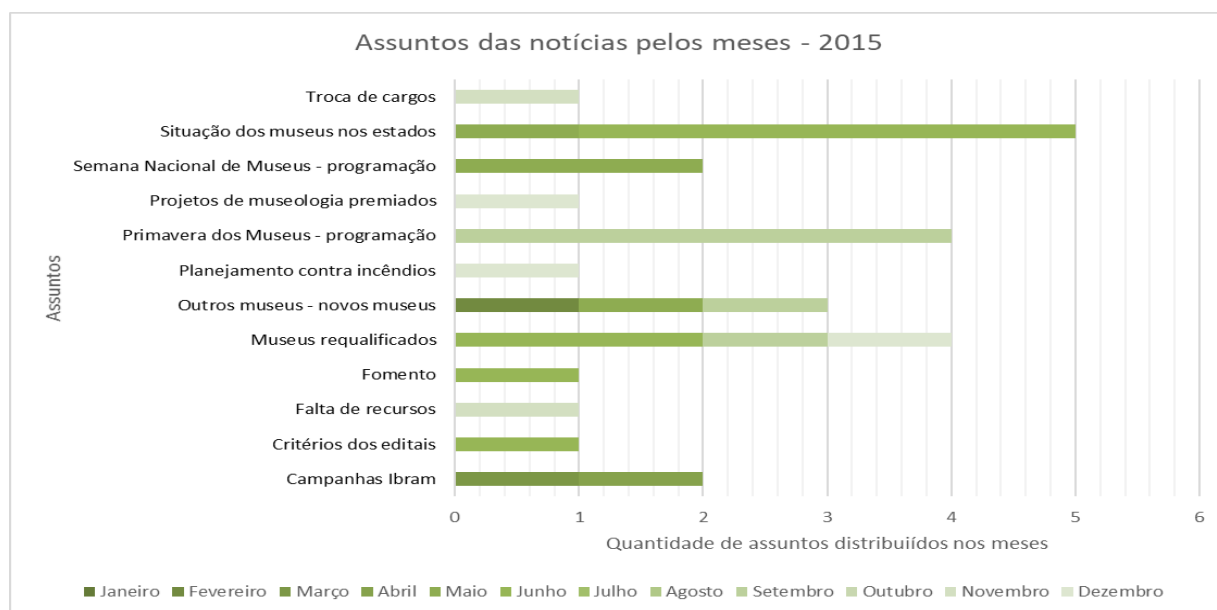
O segundo aspecto a ser observado na análise das notícias são as menções às situações dos museus brasileiros em diferentes regiões. Do conjunto de documentos analisados depreende-se que foi o incêndio do MN que fez crescer o interesse dos meios de comunicação pelos museus. Antes de 2018, são ainda mais escassas as notícias que apresentavam o estado calamitosos de alguns museus principalmente em matérias mais elaboradas relacionando o contexto local com o contexto nacional que promovia cortes no orçamento da cultura desde 2015 tendo a EC nº 95 piorado essa situação a partir do final de 2016, visto que provocou restrições orçamentárias tão drásticas que reduziu os valores do incentivo fiscal e inviabilizou editais de apoio direto como do PPM. A maioria das poucas menções à situação dos museus serão apresentadas nas respectivas seções que analisam a cada ano os assuntos que figuraram nas notícias. Tem o propósito de preparar para o cenário de repente descortinado em 2018. Se mais notícias tivessem tratado sobre a situação dos museus, teriam os meios de comunicação realizado um trabalho acertado e esperado dos formadores de opinião. Apesar de poucas, as notícias que fizeram justiça a esse compromisso possibilitaram compreender a extensão do problema que se descortinaria em 2018, antecipando a cadeia causal que contribuiria para explicar o incêndio e sua repercussão.

Não que a culpa deva recair sobre os jornais que falaram sobre o Ibram, mas da parte dos meios de comunicação não houve a ênfase devida às situações de penúria que vinham se arrastando com os museus brasileiros e que não poupavam nem mesmo os mais importantes museus históricos (Machado, 2021). Quando o incêndio ocorre esse cenário é quase de forma inédita apresentado dando início à procura por culpados ou àqueles que pudessem ser punidos. Nesse sentido, eventos políticos como as medidas provisórias nº 850 e nº 851 editadas uma semana após o incêndio significariam que o Ibram foi achado entre os culpabilizados. Tal ato político extinguiu o Instituto e criou em seu lugar a Abram, através do arranjo jurídico de serviço social autônomo, e aumentou a instabilidade nos órgãos da cultura ao tentar resolver um problema criando outro. Prevaecem em todos os anos, como assuntos principais os eventos Semana Nacional de Museus e Primavera dos Museus. Mas, tal monotonia é quebrada em 2018 com a repercussão do incêndio. Em 2019 há mais variedades nas temáticas, entretanto, pode-se defender que assim como não houve denúncia da precariedade que tomava conta dos museus antes do incêndio apontando o desinvestimento na cultura como sua razão mais fundamental, não houve acompanhamento do trâmite da MP nº 850 passados os primeiros meses após a destruição do MN. Isso evidencia que há ainda um certo gosto pelo espetacular na escolha dos acontecimentos que se tornam notícias, de modo que mesmo pessoas bem informadas poderia não desenvolver uma visão mais compreensiva do que se passava no contexto das políticas museais poucos meses após o incêndio na instituição-símbolo dos museus brasileiros.

### 4.3 O Ibram na mídia em 2015

Os dados apresentados nesta seção não se referem ao quantitativo de notícias, mas aos assuntos tratados nelas. Será principalmente através da análise dos assuntos mais frequentes e concomitantemente através das análises dos assuntos referentes à situação dos museus que o retrato do Ibram será delineado. É interessante notar que ainda em 2015 o assunto “planejamento contra incêndios” já aparecia embora não ocupando o destaque de temáticas como as programações de eventos nacionais orquestradas pelo Instituto, como a Semana Nacional de Museus e a Primavera dos Museus. A situação dos museus, ou seja, a condição das suas instalações, a disponibilidade de recursos financeiros e humanos para desenvolver as atividades mudam pouco durante esses cinco anos, mas a atenção dos meios de comunicação para esses assuntos muda significativamente. Então há um interesse midiático orientado por outros fatores que não os acontecimentos em si. De início, o gráfico a seguir sumariza a análise dos assuntos que apareceram no ano.

Figura 36 - Assuntos das notícias distribuídos pelos meses - 2015



Fonte: Elaboração própria.

Em 2015 se destacam os assuntos “Semana Nacional de Museus – programação”, “Museus requalificados”, “Situação dos museus nos estados” e “Primavera de Museus – programação”. A ênfase nos eventos provavelmente se deve ao *marketing* do órgão para fixar as datas na pauta das programações culturais das cidades e dos leitores. Além desses assuntos, aparecem ainda temáticas como “Campanhas do Ibram” e “Troca de cargos”. Os trechos escolhidos para ilustrar os assuntos são a seguir



apresentados em ordem cronológica para ressaltar suas possíveis relações e como se sucedem temporalmente.

O ano se inicia com notícias destacando o assunto “Campanhas do Ibram” que aparece em duas ocasiões. A primeira delas se refere à homenagem prestada pelas servidoras do Ibram ao Dia Internacional das Mulheres. As funcionárias do Instituto se mobilizaram em oficinas de produção de cartazes e, segundo a notícia, o material criado lembra a importância de as mulheres se sentirem confortáveis com suas escolhas e de celebrar o histórico de lutas por mais direitos. Outra campanha em parceria com a prefeitura do Rio de Janeiro celebra os 450 anos da cidade com a distribuição de passaportes que em dias específicos garantiram entrada gratuita em 43 espaços museais. O trecho a seguir fala sobre a campanha para o dia 08 de março.

Com o objetivo de mostrar às mulheres que elas podem ser felizes independentemente do que prega a sociedade como adequado, as servidoras do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) produziram uma campanha para o Dia Internacional da Mulher com cartazes mostrando situações do dia a dia da mulher. (EBC, 08/03/2015) (Leal, 2015)

Alguns cartazes da ilustradora Carol Rossetti mostram situações que rompem com conceitos que parecem estar no senso comum. Por exemplo, que existe uma incompatibilidade entre gostar de sapatos e de livros. Outra ideia é levar apoio a mulheres que se acham fora dos padrões de beleza, para que se sintam bem como são. (EBC, 08/03/2015) (Leal, 2015)

O Ibram é apresentado cumprindo papel educativo através de suas servidoras que expressam seus sentimentos sobre imposições e cobranças sociais que inculcam difíceis manobras para compatibilizar escolhas que deveriam ser livres dos estereótipos e expectativas sobre os papéis femininos. É importante lembrar que à frente da presidência da república está uma mulher que desafia muitos dos padrões de beleza e comportamentais impostos sobre as mulheres. Então, o assunto da notícia se adequa a esse contexto no qual uma mulher está no topo da hierarquia da política brasileira servindo de inspiração para trabalhadoras da cultura.

O assunto “Situação dos museus nos estados” aparece pela primeira vez em notícias de relativa maior complexidade não se reportando unicamente às condições infraestruturais dos prédios. Uma dessas matérias, por exemplo, aborda a reserva técnica de museus baianos, mas o trecho exibido é sobre as instituições no Acre. Os museus da região Norte quase nunca são lembrados, e quando são retratam situações de precariedade e falta de prioridade da cultura para os governos locais.

O Acre tem 24 museus, número maior que o total de cidades do estado (22), segundo o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Mas as instituições estão distribuídas em apenas seis municípios, sendo que só em Rio Branco há 15. (G1, 01/07/2015) (Melo, & Muniz, 2015)

Na capital acreana, onde se concentra a maior parte dos museus, segundo o levantamento, o famoso Museu da Borracha, no Centro de Rio Branco, permanece fechado há mais de um ano por problemas na parte elétrica do local. O espaço mantém viva a luta dos seringueiros durante o Ciclo da Borracha

no Acre. Segundo a FEM, não há prazo para a reativação do local. (G1, 01/07/2015) (Melo & Muniz, 2015)

Os problemas relatados que afetam instituições museais podem ter relação com a falta de manutenção, como no caso das questões referentes à estrutura elétrica ou com as características geográficas do lugar. No Norte, o risco de inundações parece estar sempre presente e a notícia cita que alguns dos museus acreanos também haviam sofrido com inundações. O Ibram é lembrado como o órgão responsável pelos dados dos museus. É a instituição que produz e detém as estatísticas museais. Quando se verifica a busca pela resolução do problema, só há menção ao Iphan e a órgãos locais como a FEM, que é uma fundação acreana. Portanto, pelo menos desde 2015 algumas notícias falavam da precariedade enfrentada por alguns museus indicando uma demanda maior que a habitual atenção das autoridades competentes lhes destinava, mas o Ibram não parece integrar esse grupo como o Iphan integra.

Notícias como essas não devem ser ignoradas, mas é importante que se diga que ao diagnosticarem o estado dos museus ou ao proporem soluções para os problemas configuram um seletivo e minoritário grupo de notícias. Prevaleram as reportagens sobre os eventos nacionais coordenados pelo Instituto. Isso provavelmente se deve aos esforços da equipe que organiza os eventos de promover anualmente campanhas de *marketing* para a divulgação. As notícias que tiveram os assuntos “Semana Nacional de Museus-programação” e “Primavera dos Museus-programação” não variaram muito na forma e não é possível saber se o Ibram orienta o formato textual dizendo que informações mínimas deveriam conter. Geralmente, não comentam ou associam a programação local a outros destaques da programação nacional, ou com edições anteriores, tampouco conectam as temáticas dos eventos com as políticas nacionais e internacionais para os museus. Apresentam a programação de uma cidade ou de um museu específico, mencionam o calendário e a temática do evento e citam o Ibram como o órgão responsável pela coordenação nacional. Outras vezes, supondo haver mais interesses por um dado acervo ou exposição, concentram o conteúdo nesses elementos para posteriormente fazerem sua ligação com o evento nacional mencionando a temática e o período de realização. O trecho a seguir é sobre a Primavera dos Museus, que ocorre sempre nos meses de setembro.

Com programação voltada para exposições, exibição de filmes, oficinas, debates e visitas monitoradas, o Instituto Ricardo Brennand participa da nona edição do evento Primavera dos Museus. Com o tema Museus e memórias indígenas, a iniciativa organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) será realizada entre os dias 22 e 27 de outubro. (Diário de Pernambuco, 21/09/2015). (“Instituto Ricardo Brennand promove atividades sobre cultura indígena,” 2015)

A menção ao Ibram se reduz a dizer que se trata do coordenador ou orquestrador nacional da programação. Foi veiculada por um jornal local e essa é outra característica marcante das notícias sobre os dois eventos. Como raramente tratarão da programação dos museus fora das regiões Sul e Sudeste – em 2015, as notícias são quase todas dessas regiões – entende-se que obedecem às dinâmicas regionais. Regiões onde os museus são instituições mais fortes e prestigiadas tenderão a veicular mais

informações sobre as programações, por outro lado, regiões onde não há estímulo aos museus raramente aparecerão nas notícias sobre os eventos.

“Troca de cargos” surge na entrevista com o então diretor de uma das mais importantes instituições museais no Rio de Janeiro. O Ibram é lembrado, porque o entrevistado chegou a gerir um dos museus do Instituto tendo diversas críticas a tecer sobre essa experiência. O diretor defende os museus como lugar de vivências emancipatórias e destaca elementos políticos tradição em outros países que deveriam estar presentes na forma de fazer política no Brasil. Segundo ele, há contextos nos quais diretores de museus permanecem no cargo por décadas e o revezamento não está associado à ascensão ao poder de grupo político de orientação contrária. Então a ocupação de determinado cargo não fica condicionada às eleições gerais ou para as prefeituras.

(...) como a Alemanha, um diretor de museu raramente está ao sabor das eleições. Há diretores que ficam 25 anos; eles não entram para ficar dois ou três anos, mas para desenvolver o projeto daquela sociedade de ter um museu. (A Tarde Online, 16/11/2015) (Rezende, 2015)

O diretor lamenta essa e outras características vigorando no processo de escolha dos diretores. Nesse sentido, vale antecipar que a falta da mínima estabilidade em cargos políticos como o de secretário especial da cultura foi um dos fatos mais marcantes no período 2015-2019. Não que a estabilidade dos cargos políticos resolva por si só os problemas na condução das políticas públicas, mas a alta rotatividade tende a acentuar o sucateamento e o desprestígio das instituições. No caso dos museus do Ibram, nos últimos anos os ocupantes dos cargos de diretor foram escolhidos através de processos seletivos regidos por editais, nas quais puderam concorrer todos os candidatos que preenchessem os requisitos, não sendo necessário ser funcionário público ou servidor do quadro da cultura, mas eleições diretas decididas talvez pelos públicos dos museus são geralmente idealizadas pelos museólogos como o arranjo perfeito.

Notícias sobre o assunto “Museus requalificados” seguiram uma estrutura comum abordando elementos como origem dos recursos, valor investido, história da formação do acervo e das edificações. Foram notícias complexas abordando junto outros assuntos e tornando a questão da requalificação mais multidimensional. Por exemplo, uma das notícias sobre requalificação também menciona o assunto “Planejamento contra incêndios”. Dois dos espaços requalificados são de museus federais geridos pelo Ibram. Em outras notícias sobre o assunto, o Instituto é lembrado como o órgão responsável por estabelecer normas para a adequação dos museus à legislação anti-incêndios vigente.

“Nós conseguimos segurar a grelha do ar refrigerado só do quarto do Getúlio para não deixar de atender ao público, principalmente agora, nos meses de janeiro e fevereiro, quando recebemos muitos visitantes de outros estados”, explicou a diretora do Museu da República, Magaly Cabral. (EBC, 22/12/2015) (Frazão, 2015)

(...) “Estamos tendo orientações constantes do Corpo de Bombeiros, e o Ibram [Instituto Brasileiro de Museus] está desenvolvendo um planejamento

de segurança contra incêndios para os museus cariocas”, afirmou Magaly Cabral. A preocupação é que não ocorra o mesmo que no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. (EBC, 22/12/2015) (Frazão, 2015)

O Ibram aparece criando um planejamento para a gestão de riscos nos museus. Como será visto mais adiante, em 2018 a adequação das estruturas museais à legislação contra incêndios será assunto dos mais comentados resultado da repercussão do incêndio do MN. As notícias darão a entender que o Ibram foi duramente punido por causa desse trágico evento e por não ter se antecipado à formação de tal quadro calamitoso. Entretanto, como tem sido defendido, esse estado de penúria é resultado do baixo investimento e apoio aos museus e de uma política de descaso de longa data acentuada nos últimos anos. Ainda que insuficiente, o Ibram envidou esforços para mitigar os riscos de estruturas defasadas que há muito tempo careciam de manutenção para continuar funcionando de acordo com os padrões vigentes.

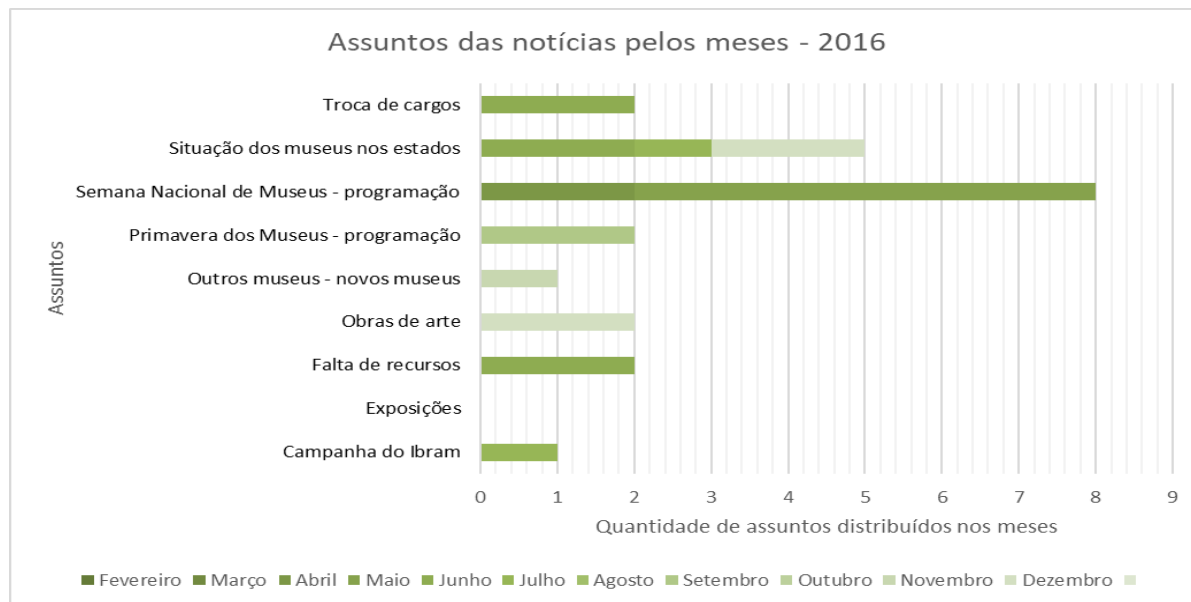
Para resumir, nesse pequeno conjunto de notícias, o Ibram foi lembrado como órgão que por ter atuação na área da cultura tem papel educador. Uma campanha encabeçada por servidoras defendeu o fim dos estereótipos de gênero e a liberdade das mulheres em celebração ao seu Dia. Foi também lembrado como responsável pela organização dos eventos Semana Nacional de Museus e Primavera dos Museus e pela produção das estatísticas museais. Como o objetivo do capítulo não é apenas revelar os assuntos frequentes, mas também acompanhar a trajetória das temáticas que repercutiram na história da instituição tendo como referência o incêndio do MN, a seção tratou de apresentar notícias que ainda em 2015 alertavam sobre a precariedade das instalações dos museus mesmo tendo o assunto despertado pouca atenção da mídia. Por isso, o Instituto foi também lembrado por criar normativas para a adequação dos ambientes museais. O caso em questão falava dos trâmites de museus do Ibram para obter alvarás de funcionamento e os exemplos apresentados se referiram à situação dos museus em regiões de baixa atenção museológica, como o Norte e Nordeste do país. No assunto “Troca de cargos”, um ex-diretor dos museus do Ibram participou de uma entrevista na qual analisou o excesso de rotatividade nos cargos políticos, um fenômeno que, segundo ele, é comum no país, mas que em outros contextos não acontece com a mesma frequência e nem está associado às eleições gerais.

#### **4.4 O Ibram na mídia em 2016**

Como em 2015, poucas notícias foram mapeadas pelo *Google Search*. Foram apenas 23 ao todo não havendo também diversidade nos assuntos. Basicamente destacaram-se as temáticas “Semana Nacional de Museus – programação” e “Situação dos museus nos estados”, com menções esparsas aos

assuntos “Troca de cargos”, “Falta de recursos” e “Primavera dos Museus”. Uma sistematização desses dados está disponível a seguir.

Figura 37 - Assuntos das notícias distribuídos pelos meses - 2016



Fonte: Elaboração própria.

São os eventos nacionais que mais despertam interesse da mídia. A Semana Nacional de Museus e a Primavera dos Museus foram mencionadas dez vezes, estando os eventos reportados acontecendo principalmente nas regiões Sul e Sudeste. Em seguida, está o assunto “Situação dos museus nos estados” com cinco aparições, mas se somadas a “Falta de recursos” o número sobe para sete aparições. No geral, as notícias tenderam a se concentrar no primeiro semestre para isso contando principalmente o peso das referências à Semana Nacional de Museus.

De praxe, notícias sobre programações das regiões Norte e Nordeste não excederam em quantidade as ambientadas nas regiões mais ricas. O trecho abaixo, por exemplo, fala sobre a programação de um museu no estado do Rio de Janeiro.

A Semana dos Museus, evento anual realizado em todo o país pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) terá sua 14ª edição de 16 a 22 de maio. No estado do Rio de Janeiro, o Museu do Inga, em Niterói, antecipou sua programação para o evento, inaugurando hoje (26) uma exposição inserida no tema da semana, que é a relação entre as instituições e as paisagens culturais. (EBC, 26/04/2016) (Virgílio, 2016)

O Ibram novamente é lembrado como responsável pelo evento. As notícias deixam ver como diferentes museus se apropriaram da temática e envolveram suas comunidades dando-lhes papéis ora mais ativos, ora mais contemplativos. Segundo as notícias, a temática da Semana envolveu desnaturalizar

o olhar sobre as paisagens percebendo-as como constructos sociais constantemente resignificados e transformados pela ação humana.

“Situação dos museus nos estados” continua com menção entre os assuntos. Apresentar a situação dos museus tem uma conotação negativa, porque significa retratar realidades de desinvestimento e abandono. Os relatos aparecem em diferentes estados insinuando os eventos dramáticos que culminarão em 2018. O trecho a seguir fala sobre a ameaça de extinguir um museu na cidade de Belém.

Artistas plásticos e pessoas ligadas à cultura no Pará protestam contra o fim das atividades do Museu de Arte Contemporânea de Belém na Casa das Onze Janelas, onde funcionava há 14 anos. Os manifestantes produziram uma carta aberta para Maria Dorotéia de Lima, superintendente do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), solicitando que o órgão nacional se posicione contra a retirada do Museu de Arte Contemporânea da atual local. (G1, 22/06/2016) (“Artistas protestam após decreto retirar museu na Casa das 11 Janelas”, 2016)

Em 2015, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) classificou o Pará com a segunda pior média nacional de museus por habitantes. O Pará tem apenas um museu para um grupo de 173 mil habitantes, ficando à frente apenas do Maranhão. A média nacional é de uma instituição para 57 mil habitantes. (G1, 22/06/2016) (“Artistas protestam após decreto retirar museu na Casa das 11 Janelas,” 2016)

O Ibram é lembrado como responsável pelo monitoramento dos dados nacionais, mas não como instância à qual recorrer na mediação entre interesses. Segundo a matéria, a situação do estado paraense merece atenção porque tem uma das piores médias de museus por habitantes, e apesar disso, a ação do poder público vai no sentido de optar por um espaço ou outro, visto que o museu daria lugar a um centro gastronômico.

“Troca de cargos” aparece nas notícias que acompanham as sucessões na direção do Ibram. O trecho abaixo se refere a Marcelo Araújo antes de o museólogo assumir a presidência. Aparece numa notícia cujo principal assunto é “Situação dos museus nos estados” por se referir ao desalojamento do Paço das Artes que estava abrigado em prédio da Cidade Universitária retomado pelo Instituto Butantan para que fosse criado um laboratório de vacinas.

Marcelo Araujo enfrenta descontentamento de parte do meio artístico sobre sua ida para o Ibram – um abaixo-assinado na internet pede que ele recuse o cargo no governo interino de Michel Temer, “governo ilegítimo”, diz a petição. “Quando recebi o convite do ministro Calero, fiquei muito honrado porque eu acredito que o Brasil vive um momento importante de renovação”, afirmou Araujo. (Veja São Paulo, 30/06/2016) (“Mudança do Paço Das Artes para o Bom Retiro é estudada,” 2016)

Essa troca de cargos no Ibram está relacionada ao início do governo interino de Michel Temer e com a posse do secretário posteriormente nomeado ministro da cultura, Marcelo Calero. A notícia é talvez a única que lembra fatos políticos que antecederam a nomeação de Araújo ao aludir a um abaixo-assinado que circulava no intuito de impedir sua participação num governo alegadamente ilegítimo.

“Falta de recursos” seria uma especialização do assunto “Situação dos museus nos estados” que se concentra principalmente no impacto da escassez de verba para as instituições museais. No exemplo a seguir, esse assunto é apresentado de maneira pontual com menção aos orçamentos da cultura e ao planejamento macroeconômico, mas sem adentrá-los de forma mais contundente numa matéria curta para a complexidade da situação. A notícia ainda questiona a falta de editais ou a seletividade das leis de incentivo que são aspectos centrais para a compreensão do cenário de financiamento do setor no período de 2015-2019. O Ibram, como as secretarias de cultura, é percebido como parte da solução para o problema, o que é uma constatação política interessante. Entretanto, não são apontadas ações mais proativas no sentido de acionar a autarquia. Também não são relatadas mobilizações por outros atores políticos sensibilizados com o destino do museu de modo que a experiência foi ultimamente vivida apenas pelos imediatamente afetados pelo seu fechamento.

A ideia de Jacqueline é que a instituição, que passou por uma grande reforma há quatro anos, possa ser administrada pela prefeitura, ou pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), na bela casa do Cosme Velho, Zona Sul do Rio, que é de sua propriedade. Ela diz que vem tendo conversas nesse sentido com as secretarias municipal e estadual de Cultura e com o MinC, através do Ibram. Apesar ter um custo baixo, ela não tem conseguido manter o funcionamento do local, devido à crise econômica, que fez minguar os patrocínios e os investimentos em cultura. (Jornal O Globo, 01/12/2016) (Rubin, 2016)

O ano encerra-se com essa notícia de tom pessimista e a situação do Museu Internacional de Arte Naif não se modificou desde então. Continua fechado comprovando que nenhuma ação para evitar seu fechamento efetivamente decisiva foi tomada nem pelas secretarias de cultura nem pelo Ibram.

Para concluir a seção, o Ibram é novamente lembrado como organizador dos maiores e mais visitados eventos no campo museal, por fomentar os museus e por produzir as estatísticas museais que servem principalmente para contextualizar situações retratadas nas notícias. Por exemplo, a quantidade de museus por habitantes é um dos indicadores que constroem o nível de desenvolvimento e a qualidade do acesso aos bens culturais dos moradores num dado estado e o índice é sempre utilizado para explicar precariedade. Embora não esteja numa notícia que tratou exclusivamente do Ibram, o assunto “Troca de cargos” retratou o contexto no qual Marcelo Araújo aceitou o convite para presidir o Ibram. Segundo a notícia, o aceite lhe rendeu inúmeras críticas dos setores culturais que o acusaram de participar num governo golpista. É a única menção à ascensão de Michel Temer à presidência, que se dá interinamente desde maio tendo continuado depois de votado o impedimento de Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016. O próprio presidente indicado, Marcelo Araújo, é a autoridade apresentada nas notícias e o museólogo comenta o aceite do convite dizendo ter sido uma honra ser escolhido presidente da autarquia.

#### 4.5 O Ibram na mídia em 2017

Em 2017 os principais assuntos são novamente “Semana Nacional de Museus – programação” e “Primavera Nacional de Museus – programação”. Entretanto, os assuntos que retratam as condições dos museus, como sua situação financeira etc., não aparecem em destaque, havendo apenas uma notícia que se refere à “Falta de recursos”. O Instituto é positivamente lembrado através dos eventos que promove anualmente e também através de parcerias para virtualização do acervo de alguns dos museus federais com o projeto *Google Arts*. O clima otimista continua com notícias que revelam públicos visitantes recordes tanto nos museus geridos pela autarquia quanto em outras importantes instituições. O gráfico a seguir apresenta a distribuição dos assuntos no ano.

Figura 38 - Assuntos das notícias distribuídos pelos meses - 2017



Fonte: Elaboração própria.

“Semana Nacional de Museus – programação” e “Primavera dos Museus – programação” foram os assuntos mais comentados. Somados apareceram 11 vezes. A parceria com o *Google Arts* teve quatro menções e o assunto “Museus mais visitados” foi citado três vezes. Em sua maioria, as notícias foram veiculadas por portais de comunicação públicos locais. Como nos anos anteriores, tratam das programações nas regiões Sul e Sudeste e mantiveram a mesma estrutura textual.

Uma das primeiras notícias do ano foi sobre “Falta de recursos”, mas o assunto não figurou na pauta das notícias, exceto por essa referência à situação do Parque Nacional da Serra da Capivara. De acordo com a matéria, um evento que aconteceu em São Raimundo Nonato contou com a participação



de diversas instituições públicas para discutir melhorias na administração. A falta de recursos não parece manter relação estreita com o planejamento macroeconômico ou com o orçamento da cultura, mas perpassa uma questão de definição de atribuições e responsabilidades entre os órgãos responsáveis pelo parque.

“(A administração do parque) envolve a responsabilidade dos municípios, governo do estado, Fundham, Iphan, ICmbio. Amanhã estão chegando o ministro da Cultura, o representante do Instituto Brasileiro de Museus, ou seja, todos os equipamentos que buscam a melhor gestão do parque. Dessa forma, não só ser conhecido por todos, como buscar esse vetor turístico para o desenvolvimento social econômico da região”, disse a gestora. (G1, 24/01/2017) (“Serra da Capivara é um patrimônio mundial, diz presidente do Iphan no PI”, 2017)

Sem um orçamento anual que preveja e garanta recursos determinados, a manutenção do parque vive em ameaça. Durante todo o ano passado a unidade de conservação sofreu com o risco de ser fechado, fazendo com que os funcionários passassem vários meses com o aviso prévio dado. (G1, 24/01/2017) (“Serra da Capivara é um patrimônio mundial, diz presidente do Iphan no PI”, 2017)

O Ibram é mencionado como um dos órgãos que poderia contribuir para resolver os impasses. A notícia é curta, mas articula com destreza os atores envolvidos e os principais arranjos para resolver o problema.

“Parceria Ibram e *Google Art*” foi assunto de notícias sobre o projeto que disponibilizou *online* algumas exposições de cinco dos museus do Ibram. O propósito do Instituto, segundo as notícias, é democratizar o acesso aos acervos através de tecnologia de alta resolução e incentivar as visitas presenciais aos museus. Uma das notícias destacou não a transposição linear das exposições e outros materiais para o mundo virtual, mas a reapropriação do acervo. Foi o caso da matéria falando sobre a incorporação de coleções do Museu Imperial em galerias virtuais de moda que reúnem ícones universais.

Museólogos e gestores de instituições culturais consideram a tecnologia desenvolvida pelo Google uma ferramenta poderosa no processo de democratização do acesso à arte. “Além de divulgar os museus, os tours e as galerias virtuais acabam estimulando as pessoas a visitar as exposições físicas”, avalia Marcelo Araújo, presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). (Veja Rio, 10/06/2017) (Pessoa, 2017)

Cerca de 20 000 peças de mais de 170 instituições podem ser apreciadas em exposições virtuais com imagens de altíssima resolução e experiências de realidade virtual. Há criações de Karl Lagerfeld para as grifes Chanel e Fendi, modelitos da espanhola Balenciaga e os sapatos de Salvatore Ferragamo usados por Marilyn Monroe e Audrey Hepburn. Em meio a essa coleção vultosa, o Rio está muito bem representado. Galerias virtuais do Museu Carmen Miranda, do Museu da Moda Brasileira, do Museu Imperial de Petrópolis e do Instituto Moreira Salles dão o tom da carioquice e brasilidade no mundo fashion. (Veja Rio, 10/06/2017) (Pessoa, 2017)

Diferentemente da maioria das notícias levantadas pela pesquisa, nas quais o Ibram é um dos personagens de importância secundarizada, nessa o próprio Ibram e sua parceria com o *Google Arts* são protagonistas. A notícia tem um tom otimista e revela o impacto da tecnologia digital de alta resolução sobre museus tradicionais.

Dentre as esperadas notícias sobre os eventos nacionais, houve uma falando sobre a participação do MN na Primavera dos Museus e lembrando que em 2018 a instituição completaria 200 anos de existência. Mais uma vez o Ibram é citado como responsável pelos eventos e por sistematizar os números sobre a participação dos museus. A notícia ainda comentou que a temática propôs aos museus olharem para a própria história e nesse exercício envolverem sua comunidade, entendida como outros atores sociais compartilhando o mesmo território. Essa orientação aproxima-se das propostas das correntes críticas como a Nova Museologia e a Museologia Social e evidencia uma certa popularização de sua sensibilidade através do evento. O trecho selecionado se refere à notícia envolvendo o MN.

Neste ano, a Primavera dos Museus, que é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), conta com a participação 932 instituições culturais. (ABC do ABC, 18/09/2017) (“Museus de todo o país abrem as portas com programação especial,” 2017)

Ao falar sobre Museus e suas Memórias, a organização do evento também pretende chamar atenção para o aniversário de 200 anos da criação da primeira instituição do gênero brasileira, o Museu Nacional/UFRJ no Rio de Janeiro (RJ), que será comemorado no ano que vem. (ABC do ABC, 18/09/2017) (“Museus de todo o país abrem as portas com programação especial,” 2017)

Sucesso no evento é representado pelo incremento na participação dos museus. A notícia comenta que há ainda muito potencial para crescimento, já que apenas um pouco mais de ¼ dos museus mapeados pelo Ibram participaram da referida edição da Primavera dos Museus, mas não problematizou a baixa adesão.

O clima otimista continua até o fim do ano com as notícias que destacam o assunto “Museus mais visitados”. O Museu do Amanhã foi noticiado como o museu mais visitado do Brasil e os museus federais administrados pelo Ibram juntos também alcançaram números expressivos de visitantes. Como resultado, o país passou a constar em publicações especializadas no assunto tanto pelo número de visitantes quanto pelo número de exposições de sucesso. O trecho transcrito a seguir compara os valores dos últimos três anos e revela crescimento em todo o período.

São Paulo – O total de visitantes de museus brasileiros chegou a quase 29 milhões (28.775.609) em 2016, segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O número, que se baseia em informações de 920 unidades das cinco regiões do país, cresceu em relação a 2015 (25,5 milhões) e 2014 (24,6 milhões). Os dados são do Formulário de Visitação Anual (FVA), criado em 2013 e aplicado pela primeira vez no ano seguinte. Os resultados ajudam na definição de diretrizes, estratégias e metas para o setor. (Rede Brasil Atual, 10/10/2017) (“Quase 29 milhões de pessoas visitaram museus”, 2017)

As menções ao Ibram são variadas. Vão desde informar que os dados, de 2016 divulgados em 2017, foram sistematizados pelo Instituto a informar qual foi o recurso utilizado para obtê-los. Segundo a notícia, o Formulário de Visitação Anual, desenvolvido pelo Ibram em 2013, tornou possível coletar os números. É interessante notar que se por um lado as estatísticas podem animar o setor, a quantidade de engajamento com o formulário ainda suscita preocupação, visto que apenas 920 de mais de 3,7 mil museus o alimentaram com seus dados.

Desse modo, em 2017, há um clima otimista pairando sobre os museus e o Ibram novamente aparece nas notícias como responsável pelos dois maiores eventos do setor e por inovações como a parceria com o projeto *Google Arts* que virtualizou exposições do Museu Imperial em Petrópolis. Há também menções ao sucesso de público de museus brasileiros e entre eles estão museus históricos administrados pelo Ibram. Como nos anos anteriores, houve poucas referências às situações dos museus nas diferentes regiões. Exceção à regra foi a notícia que relatou impasses na administração do Parque Nacional da Capivara no estado do Piauí e o Ibram é mencionado como um dos vários convidados a opinar em evento que decidiria o futuro do parque.

#### **4.6 O Ibram na mídia em 2018**

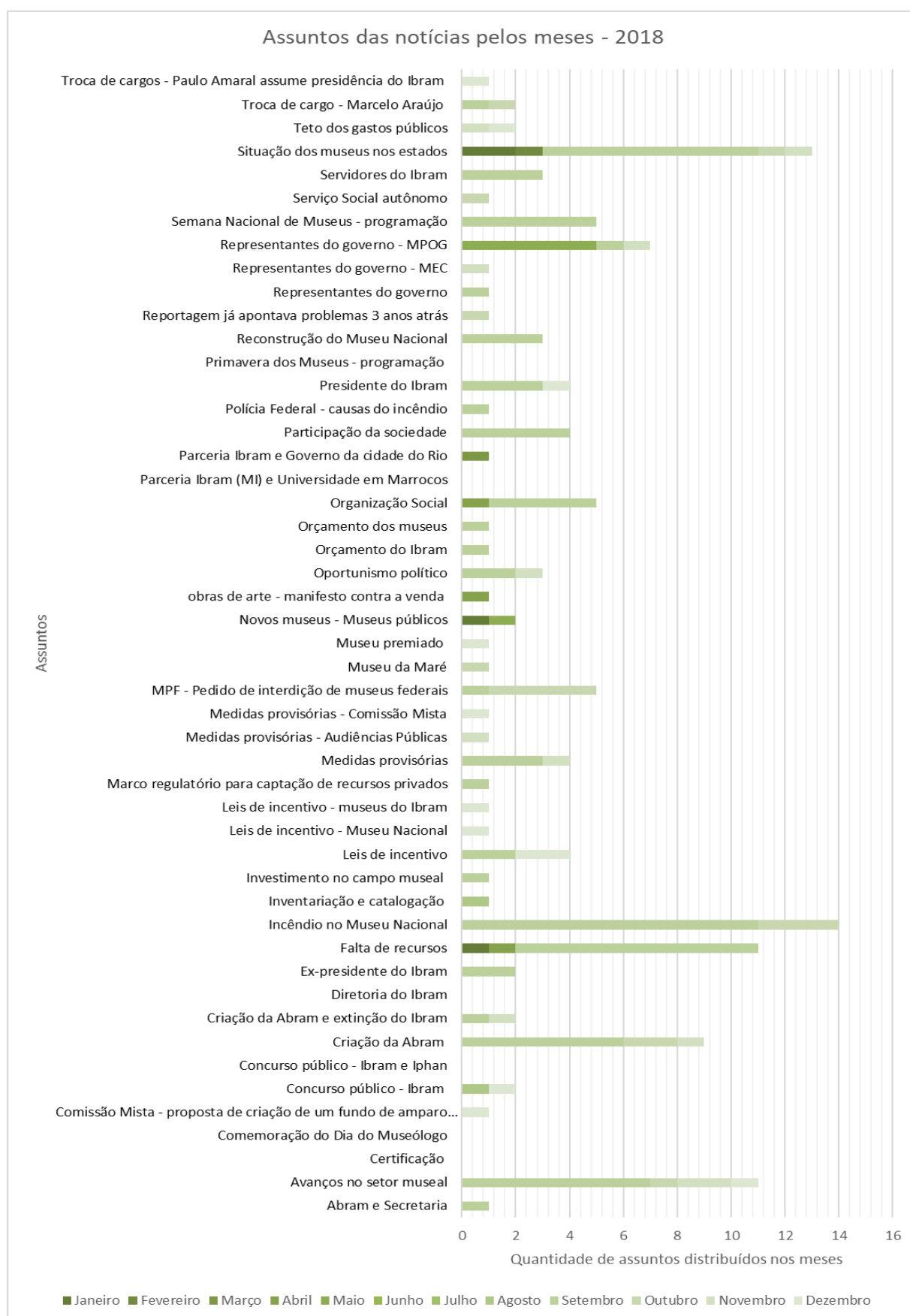
Tudo indicava que 2018 seria como os anos anteriores, porque até final de agosto as tendências verificadas anteriormente só se confirmavam. Mas, o incêndio que destruiu 90% do acervo do MN na noite do dia 02 de setembro parece ter repercutido nas pautas de diversas redações. Há não apenas mais diversificação nos assuntos comunicados, mas também muito mais interesse pelo Ibram. Esse acontecimento repercutiu na própria segurança jurídica do Instituto, uma vez que, segundo as notícias, poucos dias após o incêndio e toda uma caça às bruxas sobre a quem cabia a responsabilidade, o Presidente Michel Temer publicou duas medidas provisórias. A primeira, a MP nº 850/2018, criando a Abram e extinguindo o Ibram e a segunda, a MP nº 851/2018, instituindo o marco regulatório dos fundos patrimoniais. Tal postura deu a entender que se alguém teria de ser sacrificado seria o Ibram. Se o grande problema do setor era a falta de investimento, a criação da Abram através de diferente arranjo jurídico possibilitaria a injeção de recursos privados nos museus federais. E essa saída, que pareceu improvisada e oportunista, teve grande repercussão entre ex-presidente e servidores do Ibram, representantes do governo, representantes de outras instituições públicas que, expondo suas opiniões e intervindo no que lhes cabia, manifestaram-se irredutivelmente contrários à saída.

Vale lembrar que o Instituto embora seja o órgão responsável pela gestão das políticas de museus, não é o responsável pela gestão do MN, como não é responsável pela administração dos museus universitários de maneira geral. Mas, o Ibram além de ser o órgão gestor do setor dos museus administra 27 museus federais. Os museus públicos podem ser administrados por outros níveis de governo, os

estados e municípios, e mesmo os museus federais podem ser administrados por outros órgãos federais. No caso em questão, o MN mesmo sendo um museu federal, era administrado pela UFRJ.

Nesse ano, o assunto mais comentado foi “Incêndio no Museu Nacional” seguido por “Situação dos museus nos estados”, “Avanços no setor museal” e “Falta de recursos”. “Criação da Abram”, “Representantes do governo – MPOG” e “Organização social” também foram assuntos ligados à repercussão do incêndio que envolveram menção ao Ibram. Curiosamente, houve menos notícias sobre a Primavera dos Museus, evento que acontece em setembro, embora a Semana Nacional de Museus, que acontece em maio, teve praticamente a mesma repercussão dos anos anteriores. Ou seja, houve substituição da pauta em vários aspectos, possivelmente porque não soaria adequado divulgar um evento que tem um tom festivo e celebratório num contexto de crise dos museus. Esses assuntos estão melhor expostos no gráfico a seguir.

Figura 39 - Assuntos das notícias distribuídos pelos meses - 2018



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no gráfico, “Incêndio no Museu Nacional” teve 14 menções e foi o assunto mais comentado no ano. Os assuntos “Situação dos museus nos estados”, “Falta de recursos” e “Criação da Abram” vêm logo em seguida e juntos totalizam 31 menções. Em sua grande maioria, esses assuntos são pauta das notícias do segundo semestre evidenciando a correlação entre o incêndio e o repentino aumento do interesse por assuntos que tangenciam os investimentos nos museus. Também era de se esperar que as notícias apresentassem alguma reação contra o desmonte do Ibram e isso transparece no assunto “Avanços no setor museal” que teve 11 menções.

O ano inicia com notícias sobre a situação dos museus brasileiros. Uma delas foi sobre o surgimento de um novo museu público, o Museu da Escravidão e da Liberdade na cidade do Rio de Janeiro. Há poucos museus brasileiros que apresentam a perspectiva dos afro-brasileiros sobre o regime escravocrata e sobre o período pós-abolição, de modo que a notícia de criação do museu teve uma conotação mais positiva, diferente de outros cenários apresentados anteriormente nos quais museus estavam sendo substituídos por outras instituições, aguardavam reformas há anos ou estavam sendo fechados. Mesmo assim, o texto também alude à mobilização por recursos.

Para buscar recursos, a Seppir atuará na mobilização de órgão de governo, como o Iphan e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Porém, ele destacou que há necessidade de parlamentares apresentarem emendas que permitam a abertura do museu. (EBC, 27/01/2018) (Vieira, 2018)

O Ibram é lembrado como instância a qual recorrer na busca de suporte sem especificar se seria de ordem financeira ou técnica. A chance de obter recurso é desenhada através da mobilização parlamentar, o que poderia se dá através das emendas, que foi uma estratégia bastante comum no ano.

As notícias sobre a situação dos museus continuam com uma referência ao tráfico internacional de acervos museológicos e arqueológicos e fósseis. De acordo com a matéria, recomendações sobre o que fazer ao constatar situação de tráfico são sistematizadas em documentos divulgados para os trabalhadores de alfândegas. Um trecho da notícia é apresentado abaixo:

O cenário de evasão de bens culturais como esses fez com que a célula brasileira do Conselho Internacional dos Museus (ICOM) - rede que reúne instituições do tipo em todo o mundo - passasse a desenvolver um mapeamento do que está em risco no patrimônio cultural nacional. Esse dossiê, batizado de Red List, faz um diagnóstico dos tipos de bens mais vulneráveis - gerando, por exemplo, cartilhas de orientações para agentes que trabalham nas alfândegas por onde o patrimônio pode acabar escapando ilegalmente. (BBC Brasil, 03/02/2018) (Alvim, 2018)

Apesar da situação, segundo o presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Marcelo Mattos Araujo, o Brasil não acumula uma quantidade expressiva de reivindicações oficiais de peças que estão no exterior. (BBC Brasil, 03/02/2018) (Alvim, 2018)

O Ibram é chamado a opinar como o órgão responsável pela gestão do setor museal. Nesse sentido, o então presidente Marcelo Araújo aparece na notícia explicando conteúdos relacionados como não ter

o Brasil formalizado muitos pedidos de retorno de acervos que estão sob guarda de museus estrangeiros.

A notícia seguinte é também sobre o assunto “Situação dos museus nos estados”. Tratou de um manifesto assinado por artistas brasileiros contra a venda de uma tela de Jackson Pollock para sanar problemas financeiros do Museu de Arte Moderna (MAM) da cidade do Rio de Janeiro.

A opção do MAM, que é uma instituição privada, já havia gerado reações diversas nos órgãos federais de cultura do país. Além do Ibram, o Conselho Internacional de Museus (Icom) e o Fórum Brasileiro pelos Direitos Culturais, que congrega 160 instituições, manifestaram-se contra. Mas o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) disse que a obra de Pollock não é tombada — aliás, nem seu acervo é tombado —, portanto sua venda não requer autorização federal. (Jornal O Globo, 04/04/2018) (Autran, & Giannini, 2018)

O MinC, por sua vez, apoiou a decisão do museu carioca. O órgão afirmou em nota, na ocasião, que “reconhece e valoriza a autonomia do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro”. E que a venda do quadro de Pollock “irá assegurar a conservação adequada” de todo o acervo remanescente do museu. (Jornal O Globo, 04/04/2018) (Autran & Giannini, 2018)

O Ibram é lembrado na notícia como um dos vários órgãos públicos que se manifestaram publicamente contrários à solução. Nesse sentido, é interessante notar que a solução ensaiada pelo Presidente Michel Temer para resolver os problemas dos museus federais geridos pelo Ibram seria transformá-los em organizações sociais como o MAM, o que possibilitaria às instituições buscar saídas para seus desafios fora dos limites dos museus públicos que dependem exclusivamente de recursos públicos. Entretanto, como mostra a notícia, mesmo organizações sociais que são importantes museus de arte — e não museus históricos que despertam bem menos interesse de patrocinadores e de público — podem sofrer com a falta de financiamento. O MAM chegou ao ponto de buscar vender um item raro para sanar dívidas e manter alguma reserva.

As notícias tendo o assunto “Semana Nacional de Museus – programação” seguiram a mesma estrutura dos anos anteriores. As poucas que surgiram se concentraram na programação de museus das regiões Sul e Sudeste havendo apenas uma tratando das programações fora dessas regiões, uma notícia do Centro-Oeste brasileiro. O trecho a seguir fala da agenda de museus paranaenses.

Em comemoração ao Dia Internacional dos Museus (18 de maio), três museus ligados à Secretaria de Estado da Cultura vão participar da programação da 16ª edição da Semana Nacional, que acontece de 14 a 20. A promoção é do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e este ano traz à tona o tema “Museus Hiperconectados: Novas abordagens, novos públicos”. A programação dos espaços da Secretaria, em Curitiba, será gratuita, e terá palestras, oficinas e exposições. (Agência Estadual de Notícias do Estado do Paraná, 09/05/2018) (“Cultura: Paraná participa da Semana Nacional de Museus,” 2018)

O Ibram é mencionado como o órgão promotor do evento. Sua temática, que segue o calendário internacional da museologia, é decidido pelo Icom e em 2018 os museus inscreveram eventos sobre os

efeitos da hiperconectividade nos processos museais. Os museus de Curitiba geralmente aparecem em notícias da agência de comunicação do estado, uma iniciativa do governo que contribui para a visibilidade dos museus da região Sul.

Sem muita novidade as notícias seguintes continuaram esparsas e curtas. Exceção foi o acompanhamento do pedido para realizar o segundo concurso público do Instituto, que acabou não se confirmando até 2019. Na noite do dia 02 de setembro houve o incêndio do MN um acontecimento que impressionou o país e o mundo. A primeira notícia sobre “Incêndio do Museu Nacional” também trouxe como assunto “Troca de cargos”. Um dos trechos disse o seguinte:

No momento em que o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pega fogo a presidência do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) está acéfala. Após dois anos, Marcelo Mattos Araújo entregou o cargo na última sexta-feira, 31. (Política Estadão, 02/09/2018). (Matais, 22018)

O *site* do MinC não informa o motivo da saída de Araújo do cargo. (Política Estadão, 02/09/2018). (Matais, 22018)

Não se insinuou que a saída de Marcelo Araújo da presidência do Instituto tivesse relação com o evento passado com o primeiro museu brasileiro. Simplesmente pareceu ter havido uma infeliz e estranha coincidência. Mas, o Ibram é noticiado como órgão que num momento crucial não contava com um presidente, e por isso a instituição foi descrita como “acéfala”. Ou seja, de um momento para outro deixou de ocupar um papel de coadjuvante dentre as instituições públicas que cuidam dos museus e do patrimônio para se tornar autoridade com poder de influenciar o cenário que se configurou a partir do incêndio, e quando isso finalmente aconteceu não estava preparado para lidar com a nova percepção.

As próximas notícias, que foram muito mais frequentes, mencionaram o incêndio e desdobraram-se em vários outros assuntos suscitados pelo evento. Foi como se de repente todos esses tópicos que não figuravam na mídia com a ênfase devida tivessem sido descortinados na busca por motivos, explicações e soluções para um cenário que sem aviso se tornou tenebroso. Prédios mal conservados, espaços não adequados para a atividade museal, acervo em necessidade de restauração, exposições que não interessam o público e, principalmente, instalações elétricas à beira de curtos-circuitos assustaram autoridades e mesmo o público simpático aos museus brasileiros. Nesse sentido, o trecho da notícia selecionado lembra que uma incursão ainda em 2004 já alertava para a condição precária do MN.

Embora recursos para o MinC tenham sido cortados durante a gestão de Michel Temer, não é de hoje que o local apresenta más condições. Há 14 anos, fiscais já atestavam as condições precárias do museu. Entenda abaixo: (CartaCapital, 03/09/2018) (“Ibram mostra que orçamento dos museus aumentou 980% no governo Lula,” 2018)

O secretário disse ter ficado impressionado com a situação das instalações elétricas que, segundo ele, já estavam em estado deplorável. O museu vai pegar fogo. São fiações expostas, mal conservadas, alas com infiltrações, uma situação de total irresponsabilidade com o patrimônio histórico, disse



na época o secretário à Agência Brasil. (CartaCapital, 03/09/2018) (“Ibram mostra que orçamento dos museus aumentou 980% no governo Lula,” 2018) O Ibram é citado na notícia pelo próprio ministro da cultura, Sérgio Sá Leitão, cuja fala aparece no último trecho transcrito. Segundo o ministro, o Instituto consta entre os órgãos públicos que envidaram esforços antes do incêndio para sanar problemas no MN. E Leitão será uma das pessoas que verá como saída para a falta de recursos no setor museal sua extinção e criação da Abram.

Outras notícias destacaram que essa situação não era exclusiva do MN, mas atingia diversos museus espalhados pelo país. Não só entre os localizados no extremo Norte como no Acre, mas presente no cotidiano dos museus do Sudeste. O trecho escolhido fala da situação de espaços como o Museu do Ipiranga em São Paulo.

A destruição do Museu Nacional abre brecha para lembrar outros espaços culturais em situação análoga, com problemas de natureza política, como falta de dinheiro ou de funcionários aptos, interdições que resultam em implicâncias das mais comezinhas, como fiação elétrica solta, alagamentos ou infestações de cupins. Em nota oficial, Michel Temer, que nunca foi ao espaço na condição de presidente, disse: "Incalculável para o Brasil a perda do acervo do Museu Nacional". (Gazeta do Povo, 04/09/2018) (Zanella, 2018) O Museu do Ipiranga, em São Paulo, está fechado desde 2013. O acervo de mais de 30 mil objetos, que conta a história da Independência do Brasil, foi transferido para vários locais. Orçada em R\$ 100 milhões, a reforma tem apenas 3,2% da verba de execução. A reinauguração está prevista para apenas 2022, bicentenário da Independência. (Gazeta do Povo, 04/09/2018) (Zanella, 2018)

A matéria lembra do Ibram ao mencionar que os museus federais, dentre eles os localizados no Rio de Janeiro, são sucesso de público, apesar do baixo orçamento. Mas, como a passagem evidenciou, a falta de recursos impedia condições adequadas para manter as atividades. A precariedade que resultou no incêndio no MN encontrou paralelo no Museu do Ipiranga, que documenta a Independência do país e está fechado para reformas desde 2013. As obras têm sido financiadas com recursos da lei de incentivo à cultura.

Desse modo, o Ibram ganhou notoriedade negativa nas notícias e não demorou muito para sua ineficiência na crise ser relacionada ao fato de sofrer dos mesmos problemas que atingiram o MN, o Museu do Ipiranga e o setor de maneira geral. Por exemplo, surgiram menções ao fato de que, mesmo em períodos de crescimento econômico, o órgão já não recebia aportes compatíveis com suas demandas. Falaram ainda sobre o impacto dos ajustes fiscais no seu orçamento e do seu decréscimo nos últimos dois anos. Disso trata o trecho a seguir.

7% dos museus brasileiros estão fechados. De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus, são 261 fora de funcionamento, em um universo de 3.789 instituições. Alguns espaços sofrem com a falta de verba para manutenção e correm riscos semelhantes aos que levaram à destruição do Museu Nacional no Rio de Janeiro. (EBC, 04/09/2018) (“Falta de verba e de manutenção mantém 261 museus fechados No Brasil,” 2018)

Diante da tradição de pouca valorização desses equipamentos e em meio a um contexto de ajuste fiscal, as instituições enfrentam dificuldade para conseguir parceiros que ajudem a financiar projetos e editais. (Brasil de Fato, 05/09/2018) (Sampaio, 2018)

“Os recursos nunca são suficientes, historicamente. Mesmo em períodos de crescimento e avanço econômicos do país, eles nunca chegaram da forma como nós necessitávamos. É uma luta constante nossa pra sermos equilibradas”, afirma. (Brasil de Fato, 05/04/2018) (Sampaio, 2018)

Em 2016, o Instituto [Ibram] executou um orçamento de cerca de R\$ 85,5 milhões e, em 2017, o valor caiu para R\$ 78,9 milhões. Entre outras coisas, foi preciso fazer remanejamento interno de verbas. (Brasil de Fato, 05/09/2018) (Sampaio, 2018)

Portanto, o Ibram tanto diagnostica os museus quanto se autodiagnostica na situação de precariedade do setor que mesmo em tempos de prosperidade macroeconômica nunca deixaram de afetar o desempenho das políticas museais.

Entretanto, a solução ensaiada, segundo as notícias, chocou a comunidade museológica. Diante de um cenário de crise e insegurança o então presidente Michel Temer publicou, em 10 de setembro, uma semana após o incêndio no MN, duas medidas provisórias. A primeira, a MP nº 850, criando a Abram e extinguindo o Ibram. A segunda, a MP nº 851, criando o marco regulatório para os fundos patrimoniais. Depreende-se do conjunto das notícias que o Ibram foi responsabilizado pelo (mau) estado dos museus de maneira geral e em particular pelo destino trágico do MN e, por isso, teria de ser sacrificado. As notícias ainda sugerem que, diante da culpabilização do Instituto, no que cabia aos órgãos que lhes eram superiores, como o ministério da cultura, o ministério do planejamento e gestão e mesmo a presidência da república, esses teriam que viabilizar uma saída para a falta de investimentos no setor museal que não chocasse com as políticas restritivas de ajuste fiscal em curso. A seguir são apresentados trechos de notícias de três fontes todas comentando a decisão do presidente Michel Temer endossada pelo ministro da cultura, Sérgio Sá Leitão. Duas delas são do dia 11, dia seguinte ao anúncio das MPs, e a terceira é do dia 16.

Ontem, Temer assinou duas medidas provisórias, a primeira cria a Agência Brasileira de Museus (Abram), que passará a administrar os 27 museus que até então estavam sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A Abram também participará da reconstrução do Museu Nacional do Rio de Janeiro, destruído por um incêndio no início de setembro. A segunda medida provisória estabelece o marco regulatório para a captação de recursos privados, com a criação de Fundos Patrimoniais. (EBC, 11/09/2018) (“Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus,” 2018)

O governo criou nesta segunda-feira, por meio de uma medida provisória, a Agência Brasileira de Museus (Abram), que substituirá o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), responsável pela administração de 27 instituições. O MinC afirmou que a mudança foi necessária para “permitir o recebimento de recursos privados”. Especialistas, no entanto, afirmam que o texto não é claro e temem uma intervenção sobre o conteúdo das exposições. (Jornal O

Globo, 11/09/2018) (“Nova agência para administração de museus é criticada por especialistas”, 2018)

O incêndio que destruiu o Museu Nacional no domingo do dia 2 de setembro fez com que o Governo Federal agisse rápido. Diante das críticas, alimentadas pelo próprio ministro da Cultura, Sérgio Sá Leitão, de que o setor público não consegue ou não sabe gerir seu próprio patrimônio histórico e cultural, o presidente Michel Temer editou uma medida provisória na segunda-feira, 10, criando a Agência Brasileira de Museus (Abram), que deverá substituir o atual Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Patrocinada pelo MinC, o movimento é um giro brusco e inesperado na política nacional que vem regendo o setor desde 2003. Tão brusco que já vem gerando apreensão, críticas e até mesmo resistências entre museólogos e funcionários do próprio ministério. Já existe uma petição pública, assinada por quase 6.000 pessoas, contra o fim do Ibram. (El País Brasil, 16/09/2018) (Betim, 2018)

O Ibram tornou-se o centro das atenções dessas notícias que enfocam como o presidente Temer e o ministro Leitão tentaram justificar sua extinção e o novo arranjo jurídico para o órgão gestor das políticas museais ao dizer que possibilitaria intervir nas obras no MN e receber recursos privados. Em resposta, as notícias apontaram que já havia um movimento encabeçado por servidores da autarquia contra a MP nº 850.

O Ibram também administra 27 museus federais e a solução seria transformar a parte do Ibram que corresponde a estrutura que gere os museus num serviço social autônomo; isto é, numa pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos que receberia recursos livres das limitações do teto dos gastos públicos. Isso abriria caminho para, por sua vez, transformar esses museus em organizações sociais como o MAM do Rio de Janeiro e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp). Como já exposto, a fórmula mesmo para os badalados museus de arte não é garantia de sucesso na gestão financeira. Por isso, algumas notícias trouxeram à baila o assunto “Oportunismo”, como sugerem os trechos abaixo:

A falta de verbas e a ingerência do Governo Federal dominaram os debates. A criação do Agência Brasileira de Museus (Abram), que substituirá o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), foi amplamente criticada pelos especialistas.

(...)

Para o Ildeu Castro Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, “ não se faz uma medida provisória no apagar das luzes por um governo que tem 3% de aprovação.” (Minas Faz Ciência, 15/09/2018) (Tarcia, 2018)

A notícia acima ressalta a opinião de setores dos museus reunidos em evento na UFMG de que dentre os motivos para explicar a crise dos museus universitários e do Ibram havia a “ingerência do Governo Federal” sugerindo que o MinC e outros órgãos hierarquicamente superiores ao Instituto poderiam ser responsabilizados pela situação. Mas, a solução não foi por exemplo fazer um melhor manejo do orçamento federal de modo a diminuir a penúria que vigora na pasta. A repercussão do incêndio viria no

sentido de facilitar a proposta de gradual transferência dos museus públicos para a iniciativa privada coadunando com a solução apresentada por Sérgio Sá Leitão para a administração dos equipamentos culturais públicos logo no início da sua gestão (Cerqueira, 2018, p. 9).

A MP nº 850/2018 não tratou da criação de estrutura dentro do MinC que seria responsável pela condução das políticas públicas museais. Mas, algumas notícias comentaram que completaria o rearranjo reduzir a segunda parte da autarquia a uma secretaria do ministério. Esse assunto será retomado mais à frente. Por enquanto cabe dizer que uma proposta nesses termos seria um retrocesso, uma situação pior do que a existente em 2003 quando um departamento dentro do Iphan era responsável por essas políticas e quando ainda não havia instrumentos de gestão como a PNM. As notícias então destacaram, como era de se esperar, que a solução foi duramente criticada. Setores da sociedade civil organizada, o presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), servidores do Ibram, diretores de museus, diretores e um ex-presidente do Ibram foram convidados a explicar o que essas medidas significariam para as políticas públicas de museus e para os museus federais geridos pelos Ibram diretamente atingidos por elas. Os excertos selecionados, que são da EBC e do El País Brasil, trazem comentários dos servidores, de um ex-presidente e do diretor de um dos museus do Ibram.

Segundo o museólogo Newton Soares, representante dos trabalhadores do Ibram, as medidas tomadas pelo governo servirão para “sucatear cada vez mais uma política nacional de museus”, ao tirar os 27 museus da gestão do governo, transferindo-os para organizações de âmbito público privado. “Tirar essa gestão de dentro do governo e passar para outras organizações é transformar os 27 museus do Ibram em um grande balcão de negócios. Fica-se refém da vontade do mercado. Não se tem autonomia para dizer quais as necessidades e para pautar as políticas públicas”, disse. (EBC, 11/09/2018) (“Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus,” 2018)

O ex-presidente do Ibram José do Nascimento Júnior divulgou nas redes sociais um vídeo no qual critica as medidas que, segundo ele, na prática significam a privatização dos museus e dos acervos “de forma autoritária”. “Termina o Ibram, termina a política nacional de museus, privatiza todos os museus federais, acaba com as políticas públicas na área de museus, com os pontos de memória, com todas as ações. A Agência é para criar as OS [Organizações Sociais], privatizar os museus de forma geral e tirar o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. (EBC, 11/09/2018) (“Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus,” 2018)

Para o museólogo Mario Chagas, diretor do Museu da República, no Rio de Janeiro, o maior equívoco da criação da Abram é justamente a falta de debate. Ele lembra que, após a criação da política nacional de museus, em 2003, o Ibram só veio a nascer seis anos depois, após “muita discussão e muita movimentação nacional e internacional”. Ele também lembra que o atual instituto já pode fazer parcerias para o setor privado. “Portanto, a questão não é essa. Estão criando uma situação em que a Abram surge como tábua de salvação para maior agilidade nas ações. É uma forma branda de privatização

em que o Estado abre mão de sua responsabilidade com os museus". (El País Brasil, 16/09/2018) (Betim, 2018)

Ou seja, o sentimento noticiado foi o de que a criação da Abram e a extinção do Ibram representariam um passo firme e largo na direção da privatização dos museus federais e retrocessos das políticas públicas museais. Nesse sentido, é provável que programas como PPM pudessem ser extintos simplesmente por não corresponderem àquilo que a indústria cultural entende como profícuo e viável.

O argumento do governo que apareceu em diversas notícias seria o de procurar um arranjo jurídico que possibilitasse a injeção de recursos privados nos museus. Um exemplo de recursos privados seriam as doações, que está entre os itens tratados pela MP nº 851, de 10 de setembro de 2018. O assunto "Representantes do governo – Ministro do MPOG", por exemplo, mapeou razões utilizadas por órgão superior ao Ibram para justificar o rearranjo como pode ser visto no trecho a seguir.

Questionado ontem (10), pela Agência Brasil sobre a necessidade da criação da Abram e não apenas da reformulação do Ibram, o ministro do Planejamento Esteves Colnago disse: "Precisamos de outra estrutura jurídica para permitir o recebimento de recursos privados próprios ou de doação, como qualquer outro tipo de recurso privado que não impactem no orçamento dos órgãos públicos", acrescentando que o Ibram "não tinha essas características. A personalidade [jurídica] não permitia isso". (EBC, 11/09/2018) ("Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus," 2018)

O trecho discute o destino do Ibram e destaca se o Instituto poderia ser mantido através de uma reestruturação que não afetasse sua natureza pública. O ministro do planejamento, orçamento e gestão respondeu que a estrutura de uma autarquia não possibilitava receber recursos privados. Mas, o grosso dos recursos para a Abram não viria por exemplo de doações ou mesmo de utilizar os recursos arrecadados com a bilheteria ou com a cessão de direitos autorais. Os recursos do Sistema S – no qual estão o Sebrae, o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Social da Indústria (Sesi) etc. – provêm das contribuições da folha de pagamento das empresas, cujos custos são repassados aos consumidores embutindo-os nos preços finais da produção. Com a transformação em serviço social autônomo, a Abram competiria com outros integrantes do Sistema S pelo mesmo total de recursos que já vinham recebendo.

O assunto "Serviço Social autônomo" sistematizou informações de como se daria o financiamento em tais moldes. O trecho abaixo trata disso.

O atual Ibram é uma autarquia vinculada ao MinC e responsável pela gestão de 27 museus federais, além do planejamento e execução de políticas públicas, ações educacionais e editais públicos para quase 4.000 museus espalhados por todo o país. Já a nova agência terá o status de serviço social autônomo, como o Sebrae, conforme explicou Sá Leitão na segunda. Será, portanto, uma Organização Social (OS), uma entidade privada que desempenhará atividades com fins públicos. Desvinculada da administração pública direta, contará com recursos próprios do chamado sistema S, além de verba vinda do setor privado. "Terá 6% da contribuição prevista no artigo 8º da lei 8.029 de 1990. Isso representa mais do que o dobro do que vinha sido

disponibilizado para o Ibram", garantiu Sá Leitão. (El País Brasil, 16/09/2018) (Betim, 2018)

No trecho especula-se como seria o financiamento do Ibram transformado num serviço social autônomo. A principal fonte de recursos da Abram seria 6% do valor das contribuições sociais vindas de três serviços sociais autônomos. O então ministro da cultura, Sérgio Sá Leitão, teria dito que o orçamento da agência corresponderia a 200 milhões de reais, o dobro do aporte orçamentário viabilizado à época.

Entre os descontentes estava também integrantes do Sistema S, principalmente o mais afetado pelo compartilhamento dos recursos na proposta dos órgãos superiores ao Ibram. Por isso, notícias que trataram de assuntos como "Serviço social autônomo" também falaram sobre a reação do presidente do Sebrae, Guilherme Afif Domingos, à MP nº 850, como comprova o trecho a seguir.

A medida gerou críticas de servidores do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e do Sebrae, que entrou com mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal pelo fato de a nova instituição concorrer com os recursos das demais serviços sociais autônomos. (EBC, 13/09/2018) ("Missão Unesco faz primeira visita ao Museu Nacional," 2018)

O Ibram aparece na notícia ameaçando a fonte de recursos do Sebrae, que tratou de buscar meios para assegurar seu direito. Desse modo, a solução mal nascia e já enfrentava resistência em diversas frentes. Além de o Sebrae questionar a partilha dos recursos com mais um serviço social, os servidores da autarquia apontaram que a medida desconsiderou os avanços legais acumulados pelo setor desde a criação do Instituto em 2009.

"Avanços no setor museal" foi o assunto no qual esse tópico foi organizado. Nesse sentido, algumas notícias apontaram o mesmo problema ao sugerirem que novas legislações, estatísticas, indicadores e tecnologias desenvolvidas pelo Instituto não foram acompanhados da dotação orçamentária que solucionariam os problemas detectados, ainda que o setor tivesse obtido muito mais recursos nas últimas décadas que em qualquer outro momento. Outro aspecto trazido à tona foi a mudança proposta ignorar a governança do Ibram e as conquistas participativas acumuladas pelo setor da cultura ao longo das duas últimas décadas. O trecho apresentado a seguir sintetiza esse argumento.

Em nota, os trabalhadores do Ibram repudiaram a criação da Agência Brasileira de Museus, a extinção deste Instituto e a privatização das políticas públicas de museus e pedem a suspensão imediata das duas medidas provisórias. (EBC, 11/09/2018). ("Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus," 2018)

"O processo de mudança institucional imposto, sem diálogo com os trabalhadores e trabalhadoras, a sociedade civil organizada, o Sistema Brasileiro de Museus, o Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico, bem como todo o setor museológico, impossibilita a implementação da Política Nacional de Museus, a função social da memória e precariza a gestão, além de desrespeitar os profissionais que atuam nesse campo ao longo desses 200 anos de história museológica brasileira", diz a nota. (EBC, 11/09/2018) ("Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus," 2018)

No trecho vozes dentro do Ibram são convidadas a se expressarem sobre a extinção do órgão e criação do serviço social autônomo. Os trabalhadores destacam a falta de diálogo e as arbitrariedades que ignoraram as instâncias de mediação construídas pelo setor. Desse modo, o incêndio que acometeu o MN foi instrumentalizado no acionamento de uma cadeia de fatos que culminaram com a culpabilização do Ibram, sua extinção e criação da Abram. São testemunhos que levam a crer que ainda há espaço na política brasileira para decisões muito arbitrárias, que ignoram a crença de que as regras democráticas deveriam dominar em decisões dessa envergadura. Qualquer diagnóstico sobre responsabilização do Instituto deveria passar pela sua estrutura de governança cuja razão de existência é decidir situações como essas. É bastante pertinente o comentário de Mario Chagas, diretor do Museu da República, numa das notícias quando o estudioso diz que demoraram anos para que os diálogos no setor conduzissem à criação do Ibram e poucos dias para produzir a MP que daria por encerrado todo esse trabalho.

Nesse sentido, as notícias também permitiram vislumbrar uma saída razoavelmente feliz para suplantarmos a arbitrariedade. O trecho a seguir trata do andamento da MP nº 850.

O relatório a ser apresentado pela senadora Lídice da Mata (PSB-BA) à Medida Provisória 850/2018 mantém o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em funcionamento e substitui a criação da Agência Brasileira de Museus (Abram), prevista na proposição, por um fundo de amparo ao setor. A comissão mista que analisa o texto volta a se reunir na terça-feira (11). (Portal de Notícias do Senado Federal, 05/12/2018) (“Relatora, Lídice da Mat contraria governo e se manifesta contra extinção do Instituto Brasileiro de Museus,” 2018)

— Essa é a ideia central. O governo não está concordando. Apenas cumpriremos a função de apresentar o relatório que venha no sentido de manter o Ibram e seu fortalecimento. Se o governo não concordar com isso, que derube — afirmou a relatora da MP. (Portal de Notícias do Senado Federal, 05/12/2018) (“Relatora, Lídice da Mat contraria governo e se manifesta contra extinção do Instituto Brasileiro de Museus,” 2018)

Não que ao término do ano tenham sido resolvidos um dos maiores impasses no setor museal no período estudado. Mas, resultados parciais das seções da Comissão Mista foram pequenas vitórias possíveis e possibilitadas pelas regras democráticas.

Nas notícias de 2018 não apareceram muitas referências ao assunto “Participação da sociedade” quando foi cogitada a criação da Abram e extinção do Ibram. Uma das poucas menções foi o apelo de um diretor da Federação dos Amigos de Museus do Brasil (Feambra) numa notícia cujo principal assunto foi o incêndio do MN. O diretor pedia mais participação da sociedade e explicava a estrutura para receber doações e organizar o trabalho de possíveis voluntários. Outra menção, que é transcrita a seguir, citou uma petição contra o fim do Instituto.

(...) o movimento é um giro brusco e inesperado na política nacional que vem regendo o setor desde 2003. Tão brusco que já vem gerando apreensão, críticas e até mesmo resistências entre museólogos e funcionários do próprio

ministério. Já existe uma petição pública, assinada por quase 6.000 pessoas, contra o fim do Ibram. (El País Brasil, 16/09/2018). (Betim, 2018)

O trecho ressalta a atuação dos servidores públicos na mobilização contra a extinção do Ibram que criaram uma petição para angariar assinaturas e mobilizar a opinião pública. Embora o assunto não tenha sido veiculado na mídia, os servidores organizaram comitivas de visitação aos parlamentares e criaram perfis nas redes sociais para divulgar regularmente boletins de acompanhamento da emenda.

Desse modo, as últimas notícias do ano que fizeram referência ao Ibram falaram sobre as seções da Comissão Mista do Senado Federal responsável por dar a última palavra sobre a MP nº 850 e sobre o assunto “Troca de cargos”. Até o final do ano, tudo indicava a continuação do Instituto que durante esses conturbados meses teve uma presidência interina. Em 28 de dezembro, o governo Bolsonaro aliviou o impasse anunciando o nome do futuro presidente da autarquia.

Engenheiro civil de formação, [Paulo] Amaral é o atual presidente do Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS) e deixará o comando da entidade após uma década de serviços prestados à cultura gaúcha. Nesta entrevista, ele fala de seus projetos para os museus brasileiros - antecipando que terá olhar atento a questões físicas e estruturais; incentiva a abertura de novos museus no interior do país (colocando o IBRAM à disposição dos interessados), (...) (Jornal Bom Dia, 28/12/2018) (“Paulo Amaral será o novo presidente do Instituto Brasileiro de Museus,” 2018)

O futuro presidente falou sobre o Ibram, ensaiando suas respostas às questões suscitadas pelos eventos marcantes de 2018. Ex-diretor de um museu de arte e proveniente do Sul do país, ou seja, de uma região com forte tradição museológica, foram características que confirmaram a tendência de ter mesmo entre os cargos políticos nomes com experiência em museologia. A notícia então ia na direção de confirmar a continuidade do Instituto em 2019 e do arquivamento da MP nº 850.

Até setembro de 2018, o Ibram é retratado como órgão que fomenta os museus, opina em seus assuntos difíceis, regulamenta e cria documentos orientando parceiros do setor como trabalhadores de alfândegas e desenvolve os eventos que mobilizam os museus de todo o país duas vezes ao ano. Após o incêndio no MN, é instituição que está sem presidente quando acontece o incêndio, mas ainda é autoridade para opinar sobre os passos a tomar no período logo após o evento. Administra museus que não estão habilitados a funcionar como não estão outros grandes museus brasileiros. Administra a política de museus, mas sofre do seu mesmo problema, que é a falta de orçamento. Tem estrutura defasada para lidar com o cenário pós-ajuste fiscal, por isso deve ser extinto/transformado e se aproximar da indústria cultural. É órgão que não estava indo bem, porque sofria com as ingerências do governo federal como os museus universitários. É autoridade que explica a crise dos museus, embora esta tenha se abatido sobre ele mesmo. É órgão que tem sua governança ignorada pelos órgãos superiores hierárquicos. E, por fim, é também órgão defendido pelos representantes dos servidores, pela comissão que julga a MP nº 850/2018 e que deve ser mantido pelo novo governo que tomará posse em 1º de janeiro de 2019. Essas são as diversas opiniões das pessoas que figuraram nas notícias. Essas



pessoas são presidentes, ex-presidentes, futuros presidentes da autarquia, presidentes interinos, ministros da cultura, gestores de museus universitários, servidores da casa, parlamentares que comissão que julga a medida provisória etc.

2018 ano cujas notícias envolvendo o Ibram até setembro foram absolutamente ordinárias terminou com uma carga de menções a assuntos que dificilmente poderia ser antecipada. Seria difícil analisar o setor e as medidas provisórias tomando como ponto de partida exclusivamente as notícias levantadas pelo motor de busca até o incêndio na noite do dia 2 de setembro de 2018. Isso não significa afirmar que a partir do incêndio o que se passou com o Instituto corresponda ao que foi veiculado nas notícias capturadas pelo *Google Search* ou mesmo ao que foi veiculado na mídia de maneira geral ou em qualquer grande jornal do país. A esse respeito tudo que pode ser dito departe de uma perspectiva parcial, de tentativas de criar sentido histórico aos eventos “capturados” ou “detectados” pelos recursos tecnológicos mais utilizados nos últimos anos.

Mas, pode-se dizer também que foi difícil garantir voz aos que representavam o Ibram. Nesse sentido, fugiu ao controle discursivo do Instituto a cadeia de causalidade acionada pelos órgãos que lhe são superiores para justificar a substituição de uma autarquia federal por um serviço social autônomo. Houve associação arbitrária entre incêndio, situação dos museus no país, situação dos museus federais, falta de habilidade do Instituto para resolver os problemas com seu orçamento e, por isso, sua corresponsabilização pela tragédia com o MN, expiador e purificador para os dramas dos museus de maneira geral. Essa lógica foi arbitrária, mas qualquer outra decisão sem amplo debate no setor corresponderia a valer de tradições autoritárias nas políticas públicas e a menosprezar os direitos culturais previstos na Constituição Federal em consolidação no país.

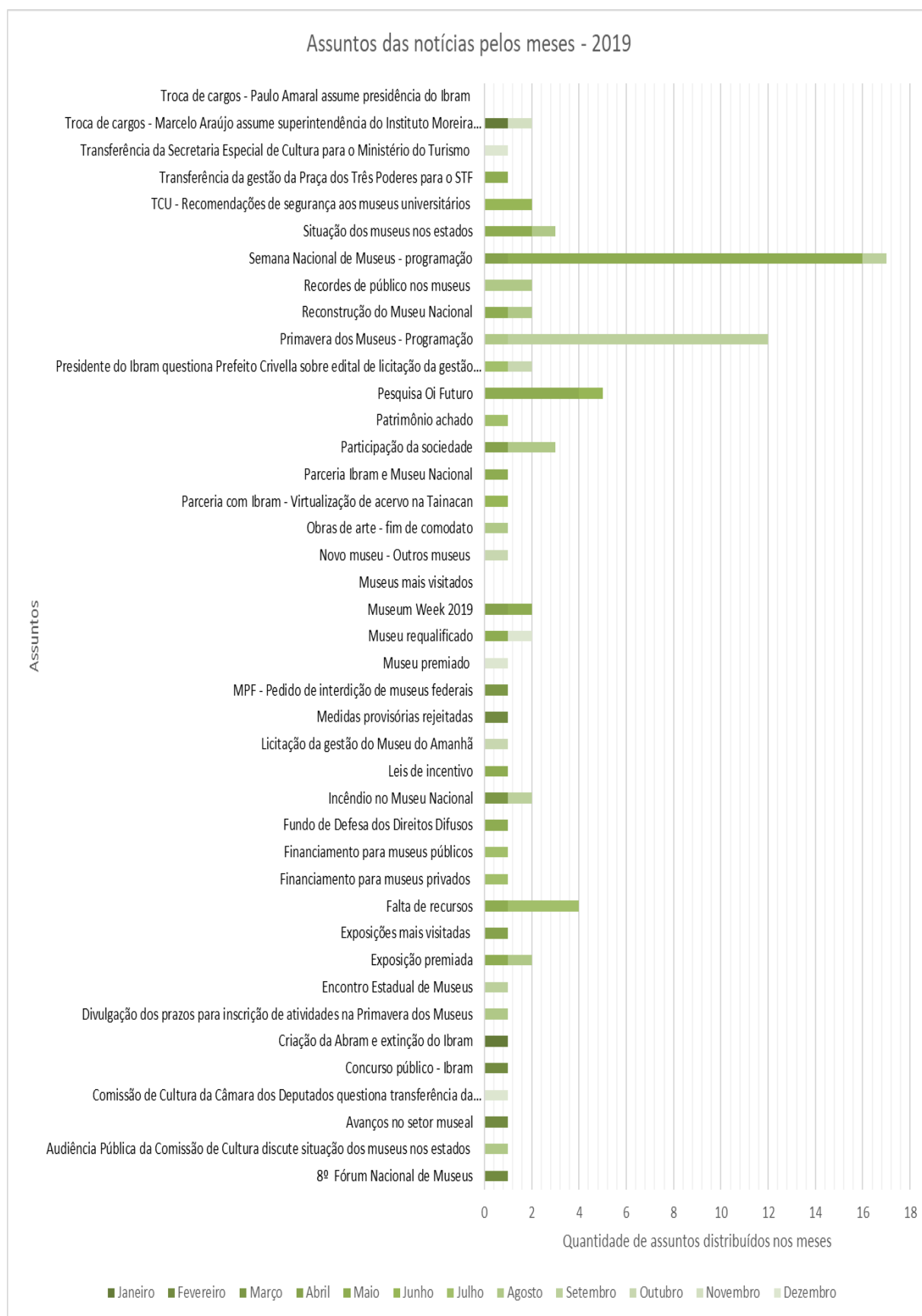
Isso dito, caber encerrar a seção apontando que outros acontecimentos possuem mais poder de explicar o oportunismo presente na proposta de criação da Abram e extinção do Ibram que o incêndio do MN. As notícias ignoraram a relação entre assuntos como o *impeachment* de Dilma Rousseff e a guinada política do país em direção a uma agenda conservadora herdeira de tradições autoritárias iniciada com a chegada de Michel Temer ao poder que geraram sucessivas trocas de presidentes no Instituto criando um clima de instabilidade política. Ignoraram também o impacto do ajuste fiscal da EC nº 95, de 15 de dezembro de 2016, no orçamento do setor e entendimentos políticos de descrédito dos órgãos da cultura como os encetados com a polêmica extinção e recriação do MinC. Por isso, era de se esperar que o incêndio poderia repercutir como ingerência do órgão gestor do setor, mas de posse dessas outras informações a proposta de extinção da autarquia poderia ser contabilizada como continuação do ataque à cultura. Esse ataque, por sua vez, seria desarrazoado mesmo para alas mais conservadoras do serviço público, visto que o setor do patrimônio possui uma das agendas mais tradicionais dentre as políticas públicas de cultura – exceção à regra são programas como PPM. Nesse caso então o que pesa não é a cultura política dos museus que são tidos como instituições elitistas e

rançosas, mas o fato de serem geridos pelo Estado. Ou seja, mesmo uma agenda conservadora pública não coaduna com governos que apregoam um Estado cada vez menor.

#### **4.7 O Ibram na mídia em 2019**

Diferentemente do período 2015 a 2017 há muito mais notícias aludindo ao Instituto em 2018 e 2019. Provavelmente esse dado mantém relação com o algoritmo do Google para atender aos requisitos de pesquisa que privilegia sempre as informações mais recentes. A distribuição dos assuntos nos meses está sistematizada no gráfico a seguir.

Figura 40 - Assuntos das notícias distribuídos pelos meses - 2019



Fonte: Elaboração própria.

Em 2019 há um relativo retorno ao cenário anterior a 2018 com a maioria das notícias tratando dos eventos nacionais coordenados pelo Ibram. A Semana Nacional de Museus é assunto mencionado 17 vezes e a Primavera dos Museus tem 12 menções. “Falta de recursos” e a curiosa pesquisa do Instituto Oi Futuro também ganham destaque no ano com 4 e 5 menções, respectivamente. De maneira geral, os assuntos são bastante pulverizados, o que demonstra uma diversificação de interesses sem consistência nas temáticas.

O ano iniciou com esparsas notícias comentando que Paulo Amaral, ex-diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), seria o novo presidente do Instituto. Em entrevista no final de 2018, o futuro presidente enfatizou que para resolver o imbróglio da falta de recursos iria buscar arranjos de captação através do incentivo fiscal e nada falou sobre a proposta de criar um fundo de financiamento das políticas de museu sugerida pela Comissão Mista que a essa altura ainda avaliava a MP nº 850. No entanto, uma matéria também de 2018 mencionou que, por exemplo, o MN tinha projetos que não conseguiram patrocínio pela Lei Rouanet (Betim, 2018). Projetos do museu que buscavam recursos para obras de infraestrutura não haviam captado absolutamente nada. Outra notícia destacou que em 10 anos projetos vindos de museus só conseguiram captar pela lei de incentivo um terço dos recursos pedidos (Resende, 2018). O cenário era tão desanimador que poucos gestores se aventuravam a submeter projetos pela Rouanet – precisamente apenas 215 gestores. Desses, 76 não captaram nenhum centavo. O cenário não era melhor para os museus do Ibram. A notícia dizia que apenas seis dos 27 museus administrados pelo Instituto buscaram patrocínio pela Lei Rouanet. Ao todo pleiteraram 22,7 milhões e obtiveram 2,1 milhões. Desse modo, a menos que o novo presidente tivesse cartas inéditas na manga e conseguisse sensibilizar potenciais patrocinadores – normalmente simpáticos a projetos como do Inhotim e Museu do Amanhã – a investirem em projetos menos mercadológicos não soou convincente que o Ibram conseguiria driblar a falta de orçamento por esse mecanismo.

Êxito no processo que tramitava para autorização do segundo concurso do Ibram seria um passo positivo na resolução de parte dos problemas das políticas públicas museais, visto que o Ibram convive não apenas com a falta de recursos, mas também com a falta de pessoal como apontaram os relatórios de gestão. Já no momento de sua criação tinha um quadro de servidores aquém das demandas e a situação tem piorado com a evasão para carreiras mais bem pagas e aposentadorias. Mas, uma das poucas notícias no ano sobre o assunto “Concurso público – Ibram” além de inconclusiva é oriunda de uma plataforma de cursos preparatórios, uma atividade econômica que depende da abertura de novos concursos. Um trecho foi disponibilizado abaixo.

Ainda não é possível saber uma data exata para a autorização do concurso, pois o processo ainda precisa tramitar por setores importantes do Ministério até ser aprovado. (Gran Cursos Online, 14/02/2019) (“Concurso Ibram: solicitação de 313 vagas avança no Planejamento!,” 2019)

De fato, não houve autorização do ministério do planejamento para a realização do certame. Portanto, nesse aspecto não se deu nenhum passo para resolver o problema da diminuição da força de trabalho.

Em fevereiro terminava o prazo para o Congresso Nacional avaliar as medidas provisórias. Apesar da considerável frequência em que figurou na mídia em 2018, houve apenas a notícia listada abaixo tratando dos seus desdobramentos na Câmara dos Deputados em 2019.

A Medida Provisória (MP) 850/2018 foi rejeitada pela Câmara dos Deputados nesta semana. Ela criava a Agência Brasileira de Museus. Com a rejeição, a medida será arquivada. Já a MP 849/2018 perdeu eficácia por não ter sido votada dentro do prazo constitucional. Essa medida adiará ou cancelará reajustes salariais do funcionalismo público. (Portal de Notícias do Senado Federal, 14/02/2019) (“MP da Agência Brasileira de Museus foi rejeitada pela Câmara,” 2019)

Desse modo, 2019 inicia-se com pelo menos um desfecho feliz para o Instituto, já que nem o Congresso Nacional nem o recém-empossado presidente Jair Bolsonaro mostraram interesse pelo fim da autarquia. O trecho informa o arquivamento da MP nº 850 de 2018 e o Ibram é noticiado como órgão mantido na estrutura pública. A baixa repercussão reforça o entendimento de que a noticiabilidade pode ser determinada por fatores que pouco contribuem para uma cultura de plena vivência democrática (Franciscato, 2014). O que se passava com o Ibram só interessou as pautas das redações enquanto sua imagem esteve ligada ao incêndio do MN, que foi um evento de grande comoção pública.

No trecho a seguir, o Ibram é noticiado construindo um acordo de cooperação técnica. Sua continuidade segundo o arranjo jurídico de autarquia não seria empecilho para que participasse da reconstrução do MN. Era de se esperar que o órgão que administra as políticas de museus tivesse alguma autoridade e legitimidade para opinar na nova fase do MN.

As obras de restauração do Museu Nacional vão começar este ano. A garantia foi dada nesta terça-feira (14) pelo diretor da instituição, Alexandre Kellner, durante assinatura de protocolo de intenção de cooperação técnico-científica com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O museu, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi consumido por um incêndio no dia 2 de setembro do ano passado. (EBC, 14/05/2019) (Platonow, 2019)

Esse assunto também não repercutiu na mídia como um desdobramento dos eventos relacionados ao incêndio e à edição da medida provisória que criava a Abram e extinguiu o Ibram. É importante lembrar que o governo justificava a criação de um serviço social autônomo para substituir a autarquia também sob a desculpa de que o novo formato jurídico permitiria intervir na reconstrução do MN e acessar recursos livres do teto dos gastos públicos.

Em abril uma revista inglesa especializada em arte divulgou que museus brasileiros estavam entre os 100 mais visitados do mundo. Semanas depois divulgou as exposições brasileiras mais visitadas. Das 64 anunciadas 14 eram do Museu Oscar Niemeyer em Curitiba. Os dados foram os coletados pelo Ibram em 2018. Se as notícias de 2018 não destacaram uma reação expressiva da sociedade na defesa dos museus brasileiros e dos museus do Ibram em particular, esses eram as primeiras informações que

davam a entender que fora ensaiada sim uma resposta do público visitante pela valorização dos museus (mais populares). Publicadas próximas à Semana dos Museus devem ter contribuído para aumentar a curiosidade sobre as programações do evento. Junto com as notícias sobre a Semana, recordes de visitação, a pesquisa Oi Futuro e o estado calamitoso de diversos museus no país figuraram entre os assuntos nos meses de maio e junho. A passagem abaixo retomou o assunto “Situação dos museus nos estados” voltando a visitar os museus do Acre.

Metade dos museus do Acre listados pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) estão fechados à espera de uma revitalização, da conclusão de uma obra, ou por falta de pessoal para cuidar. Com 22 cidades, o estado tem 24 museus cadastrados no instituto. Dos outros 12 restantes, um foi desativado, três unificados, seis estão abertos e dois o G1 não conseguiu informações. (G1, 18/05/2019) (Nascimento, 2019)

No decorrer do texto prevaleceu a confrontação dos dados que serviu para reforçar o argumento de que nem mesmo o Ibram conhece a verdadeira situação dos museus no estado. Nesse sentido, informa que embora conste a existência de 24 museus cadastrados no Instituto, para os órgãos de cultura locais há apenas 21 museus e dentre esses nove estão fechados. Até então tem-se a impressão de que em 2019 os museus oscilaram entre a glória e a calamidade.

O próximo trecho destaca a pesquisa realizada pelo Instituto Oi Futuro sobre a percepção dos brasileiros de todas as regiões sobre os museus. Segundo a notícia, a pesquisa contou com a participação de 600 pessoas de todos os grupos de renda. Houve também uma seção dedicada a pesquisa qualitativa com grupos focais entrevistados em algumas das capitais. Foi feita ainda sob os efeitos da comção ocasionada pelo incêndio do MN. Evidenciou que o pertencimento de classe é um fator importante para definir assiduidade ou não aos museus. Por exemplo, principalmente indivíduos pertencentes a classe A compreendem que as programações dos museus são dinâmicas havendo exposições permanentes e temporárias. De maneira geral, os mais ricos formam o público mais assíduo dos museus. As classes populares tendem a classificar as visitas aos museus como enfadonhas e o tipo de atividade para ser feita uma vez na vida – geralmente no tempo da escola. Para todos os públicos, mesmo os mais assíduos frequentadores de museus, esses espaços perdem para programações como passear no *shopping* e ir ao cinema. Percebem ainda que as atividades nos museus são pensadas para indivíduos e não para grupos, porque são mais contemplativas que interativas.

Ficou claro que os museus precisam mudar. E mais: a chave dessa mudança passa por pensar ações que misturem história, acervo, com experiências. É preciso estabelecer uma relação diferente com o público. Há um sinal de que a tecnologia pode ajudar nisso, já que 56% dos entrevistados acreditam que tais ferramentas combinam com museus. Mas será que isso resolveria o problema?... (Culturadoria, 23/05/2019) (Braga, 2019)

Na notícia o Ibram é citado como o órgão que forneceu os dados sobre a quantidade de museus existentes no país, mas não como órgão que estaria interessado em conhecer ou opinar sobre a pesquisa. Outras notícias sobre o mesmo assunto mantiveram o foco na percepção do público orientando para

que se percebesse o que mais conta no sucesso das programações dos museus, que é o número de visitantes. Segundo a notícia, o perfil mais comum da mediação nos museus está sob ameaça, porque perde para programas visualmente mais estimulantes e interativos. Isso também poderia significar a aceitação ou mesmo a busca pelo espetacular, por programações fáceis de serem absorvidas ainda que muito mais imersivas. Segundo a notícia, o modelo ideal para as instituições de cultura descoberto pela pesquisa tem atividades muito mais iterativas e sociais e se parece com um centro cultural que disponibiliza além do museu outros equipamentos. No modelo ideal de aparelho cultural, há espaços museais, livrarias, cafés e restaurantes, teatros, cinemas ao invés de haver uma instituição isolada num edifício sem maior conexão com outros prédios culturais nas proximidades.

Nesse aspecto, os museus interlocutores do estudo se organizam numa estrutura que em muitos sentidos responde aos anseios manifestados pelos entrevistados do Instituto Oi Futuro. Portanto, investir em modelos contextuais como os museus da Nova Museologia e da Museologia Social poderia ajudar na criação de ambientes mais estimulantes. O Museu da Maré, por exemplo, envolve moradores na preparação da programação. Além disso, oferece oficinas e cursos para segmentos específicos ou para demandas específicas da comunidade. Muito do resultado desse trabalho formativo é consumido localmente na forma de espetáculo ou de teatro, contações de história, exposições temporárias, festivais de cinema etc. A equipe também cede o espaço para eventos dos moradores como festas de aniversários e de casamento inserindo o espaço do museu em memórias significativas. Além disso, o museu é também um espaço de pesquisa que disponibiliza acesso a documentos sobre a comunidade além de estar preparando uma biblioteca de pesquisa temática. Mas, um museu afiliado às correntes críticas requer compromissos intensos dos envolvidos. Deve haver o interesse genuíno em abrir o espaço para a participação da comunidade e o interesse do coletivo na gestão do museu. Deixa de haver público e passa a haver uma comunidade, deixa de haver acervos e passa a haver um patrimônio mapeado de forma participativa e deixa de haver a centralidade do edifício para o estabelecimento de vínculos muito mais fortes com o território.

Em agosto o assunto “Recordes de público nos museus” retornou numa notícia que além de apresentar os números que sustentam essa expressiva visitação a museus de arte e história buscou possíveis explicações para o fenômeno.

No primeiro semestre de 2019, museus de arte e história no Brasil tiveram um forte aumento de público em relação ao mesmo período de anos anteriores. O crescimento tem surpreendido os diretores e equipes destas instituições, que tentam entender o fenômeno. (G1, 12/08/2019) (“Museus Em Alta: 1º Semestre de 2019 Tem Recordes de Público Pelo Brasil,” 2019)  
Os recordes não são só em exposições individuais, mas da frequência em geral. Em levantamento do G1 com 40 grandes museus em todas as regiões do Brasil, 37 cresceram. E três bateram recordes. (G1, 12/08/2019) (“Museus em alta: 1º semestre de 2019 tem recordes de público pelo Brasil,” 2019)

Destaca que os dados não são de 2018, mas já do primeiro semestre de 2019 sem esclarecer se são do Ibram ou dos museus. Segundo a matéria, o incêndio no MN e os cortes de verba para o incentivo fiscal foram alguns dos motivos que ocasionaram uma reação da sociedade expressa no aumento da visitação. Dentre os museus com recordes de público aparecem instituições administradas pelo Ibram.

As notícias citam instituições como o Museu do Amanhã no Rio de Janeiro e o Masp em São Paulo como modelos de sucesso. Ainda lembram que essas assim como outras instituições e eventos de destaque nacional foram financiados pelas leis de incentivo também prejudicadas pelas restrições orçamentárias nos últimos três anos. Mas, deixaram de mencionarem que os museus não despertam interesses de patrocinadores tanto quanto as artes visuais e que o investimento direto, através de editais de fomento, foi ainda mais atacado pelos últimos ajustes fiscais como mostrou o terceiro capítulo. Portanto, com visíveis limitações apontam o impacto do ajuste fiscal nos museus privilegiando as situações nas quais os maiores museus são prejudicados. Isso se dá porque a pauta jornalística historicamente segue uma orientação elitista, apresentando principalmente o que é de interesse das classes hegemônicas contrariando a sensibilidade constitucional no que tange ao exercício dos direitos culturais.

Como esperado, os eventos nacionais continuaram aparecendo na cobertura jornalística de 2019 marcando o calendário de entretenimento e cultura principalmente dos grandes centros urbanos no Sul e Sudeste.

O Museu Oscar Niemeyer vai participar da “13ª Primavera dos Museus”, de 24 a 29 (terça a domingo). O evento é promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), e envolve instituições de todo o Brasil, e o tema deste ano é “Museus por dentro, por dentro dos museus”. (Agência Estadual de Notícias do Estado do Paraná, 13/09/2019) (“MON tem programação especial na 13ª Primavera Dos Museus,” 2019)

A temática se aproximou das correntes críticas ao convidar o público para conhecer os espaços na perspectiva de quem trabalha nos museus. Foi um esforço no sentido de democratizar e desmistificar as práticas de curadoria e musealização. Trouxeram exemplos bastante felizes das maneiras pelas quais as equipes se apropriaram da proposta de 2019. O premiado MOM, por exemplo, criou um roteiro de visitação aos ambientes de acesso restrito.

Assuntos que envolveram o monitoramento, controle e censura dos órgãos da cultura em 2019 não mereceram destaque. Mas, o assunto “Transferência da Secretaria Especial de Cultura para o Ministério do Turismo” apareceu numa notícia informando que o ministro do turismo, Marcelo Álvaro Antônio, foi convidado a explicar para a Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados os motivos para a transferência da Secult do ministério da cidadania para o ministério do turismo. Marcelo Calero, deputado federal pelo Cidadania-RJ, teria sido o autor do convite. Em 2016 Calero ocupou o cargo de ministro da cultura no governo Temer, tendo pedido demissão após denunciar um possível caso de tráfico de influência.



O parlamentar afirma que, no último dia 6 de novembro, foi surpreendido com a edição de um decreto (10.107/19) transferindo a secretaria para o Ministério do Turismo. "Tal mudança foi feita sem maiores discussões com os diferentes segmentos da área cultural, o que causou surpresa e apreensão com os rumos da política cultural em nosso País." (Agência Câmara de Notícias, 11/12/2019) ("Ministro do Turismo explica transferência da Secretaria de Cultura para sua pasta," 2019)

Calero comentou que acontecimentos relacionados com o atual governo como a transformação do ministério em secretaria especial levaram a crer que tem estado em curso um processo de sucateamento da cultura. O deputado deixou de fazer menção que esse processo se acentuou com a gestão de Michel Temer, da qual fez parte. A matéria fez um bom trabalho no sentido de divulgar os mecanismos de controle do legislativo sobre o executivo e mostrou como os atores do jogo político trocam de posição. Calero que foi ministro da cultura agora estava na condição de deputado federal e poderia observar o que se passava na pasta por ter construído uma imagem de integridade e combate à corrupção nos poucos meses em que esteve à sua frente.

A situação retratada em 2019 é mais multifacetada que nos anos anteriores e o Ibram aparece em muito mais notícias, embora isso talvez se deva ao fato de ser o período mais recente do levantamento, e não a um possível aumento de interesse midiático pelo Instituto. É o órgão que organiza os eventos nacionais mais conhecidos do setor museal e é também retratado como administrando museus com recordes de públicos num contexto em que esses números são apresentados como uma possível reação da sociedade em defesa dos museus e em sua defesa. Ou seja, aparece nas notícias como instituição pela qual zelar. Deve ser acompanhado pelos órgãos de monitoramento dos poderes para identificar se tem sofrido ingerências e arbitrariedades dos superiores hierárquicos. Entretanto, é também retratado como um órgão que não tem feito um acompanhamento atento da situação dos museus brasileiros e esse quadro não parece apresentar sinais para otimismo.

Dos eventos reportados, aqueles que aconteceram em setembro de 2018 foram os mais significativos para a história da autarquia no período 2015-2019. Ou seja, o incêndio do MN e a edição da MP nº 850, de 10 de setembro de 2018. São os acontecimentos de maior pujança, de criação de maior incerteza quanto ao futuro do jovem instituto. Eles também tangenciam o objetivo principal da pesquisa que é entender o financiamento dos museus afiliados às correntes críticas da museologia no período, porque no cerne desses acontecimentos está a crise resultado da histórica falta de recursos que acomete o Ibram e alguns dos principais museus brasileiros como foi o caso do MN.

As notícias deixaram de lado desdobramentos desses acontecimentos como a avaliação da Comissão Mista que arquivou a MP nº 850 em fevereiro de 2019. Surpreendentemente também não especularam se Jair Bolsonaro teria interesse na continuidade do Instituto apesar de o recém-empossado presidente extinguir o MinC através da MP nº 870, de 2 de janeiro de 2019, convertida na Lei nº 13.844, de 18 de junho do mesmo ano. Mas, isso não constitui em verdadeira novidade, porque outros

importantes eventos que afetaram a institucionalidade da cultura como a extinção e posterior recriação do MinC no governo de Michel Temer e as instabilidades políticas na pasta desde então não repercutiram nas 207 notícias. Então, da análise depreende-se que embora o Ibram tenha sua estrutura de governança e um planejamento para as políticas museais de longo prazo, esses foram ignorados por órgãos hierarquicamente superiores como o próprio MinC e outros ministérios quando o presidente Michel Temer editou a MP nº 850. Além disso, dias antes do incêndio no MN e de a medida provisória ser publicada, o Instituto estava sem presidente. Se a saída de Marcelo Araújo não foi resultado da politização e da repercussão midiática do incêndio e um sacrifício para acalmar os ânimos na busca por responsabilização, veio a calhar por ser a estratégia usada em circunstâncias similares. De todo modo, a saída do museólogo da presidência foi apenas mais uma troca de cadeiras endossando a intuição de que o desprestígio da pasta da cultura se deu em vários níveis e um deles foi a alta rotatividade dos ocupantes dos cargos decisivos.

#### **4.8 Há relação entre o retrato apresentado pelas notícias para o Ibram e a real atuação do alto escalão do Ibram, dos ministros e secretários especiais de cultura e daqueles que passaram pela presidência da república?**

Um primeiro elemento que deve ser endereçado para investigar se há relação entre o retrato apresentado pelas notícias para o Ibram e a real atuação dos presidentes do Instituto, dos ministros e secretários da cultura e dos presidentes da república no período 2015-2019 seria definir “real atuação”. Isso se dá porque há consideráveis interesses em jogo na batalha pela interpretação havendo na contemporaneidade, como explica Cesarino (2021), mais desconfiança acerca da validade dos meios contra os quais averiguar informações. Seguindo a intuição de Cesarino, também compartilhada por Machado (2021), essa confrontação poderia ser possível através do exame do que os estudiosos da política e outros peritos como jornalistas teriam a dizer sobre o assunto, que foi o caminho possível para o capítulo (Cesarino, 2021; Teixeira & Lobo, 2018). Uma segunda dificuldade seria definir quem é “alto escalão” dessas instâncias governamentais tanto nas notícias examinadas quanto na literatura que servirá de suporte.

Para todos os efeitos, a pesquisa entende que os ocupantes de posições de Direção e Assessoramento Superior (DAS) dos níveis 5 e 6 formam o alto escalão como explicitado por Lopez (2015). Por sua vez, nas notícias ficou evidente que essa nomenclatura quase nunca é acionada. Pressupuseram que há instâncias de decisão elevadas como a presidência do Ibram, o diretor de um museu ou mesmo o ministro ou o secretário especial de cultura sem que tivesse havido preocupação de atribuir a terminologia trabalhada por Lopez (2015) – que prevalece no serviço público. Nesse sentido então não há exatamente um “alto escalão”, mas há pessoas com poder de decisão, de representação ou que

incorporam competência técnica e expertise na área dos museus. Portanto, nem sempre houve correspondência perfeita entre estar de posse de um DAS-5 ou 6 e ser uma autoridade. Na maioria das vezes autoridade estava personificada nas figuras dos presidentes e ex-presidentes do Ibram e de técnicos do órgão. Nos momentos mais tensos autoridade foi representada por um ex-presidente do Instituto, por representantes dos servidores, pelo ministro da cultura, pelo ministro do planejamento e pelo próprio ocupante da cadeira de presidente da república, porque suas opiniões foram as mais decisivas ou as mais desejadas, polarizando os principais argumentos a favor e contra a extinção do Ibram ou criando um contexto a partir do qual entender eventos como o incêndio no MN e a criação da Abram.

Entre 2015 e 2019, ou seja, em apenas cinco anos, o Instituto teve quatro presidentes e uma presidente substituta. Carlos Roberto Ferreira Brandão (27/01/2015 a 20/06/2016), Marcelo Mattos Araújo (15/09/2016 a 01/10/2018), Eneida Braga Rocha de Lemos, que foi presidente substituta, (23/11/2018 a 20/02/2019) e Paulo César Brasil do Amaral (21/02/2019 a 04/03/2020) ocuparam a cadeira de presidente do Ibram. Além disso, durante esse período não houve significativas indicações para os cargos políticos de nomes vindos das carreiras federais da cultura, exceção é Eneida Lemos, que é do quadro do Iphan. No contexto brasileiro, a troca de presidente da república está associada a troca de ministros. Mas, um presidente da república pode fazer substituições de ministros ao longo do seu mandato. Com Michel Temer na presidência, no governo provisório e depois, Marcelo Calero, Roberto Freire, João Batista de Andrade (interino) e Sérgio Sá Leitão passaram pelo principal posto do ministério. Antes disso, do início do segundo mandato de Dilma Rousseff até o seu impedimento, apenas Juca Ferreira esteve à frente do MinC. Em 2019, tendo sido o ministério rebaixado à condição de secretaria especial, quatro nomes exerceram o cargo de secretário especial de cultura: Henrique Pires, José Paulo Martins (interino), Ricardo Braga e Roberto Alvim.

Do exame das notícias foi possível constatar como “real atuação” que houve instabilidade política com trocas frequentes dos ocupantes dos postos mais elevados da hierarquia institucional, ou seja, de presidente do Ibram e de ministro do MinC e, posteriormente, de secretário da Secult. Essas trocas no geral estiveram relacionadas com a substituição de ministros ou de governos evidenciando a importância da vinculação política ainda que não tenha ficado explicitada em termos de filiação partidária. Isso significou que estando os cargos estratégicos instáveis, quem geriu as políticas foram gestores do escalão intermediário, que não podem agir com a mesma autonomia. Os nomes que passaram pela presidência do Instituto são de pessoas com vínculos fortes com a museologia e com a cultura, mas nenhuma mulher ocupou o cargo de presidente, excetuando Eneida de Lemos, que é também a única servidora de carreira. Acredita-se que uma política para os cargos de confiança mais interessante deve priorizar nomes oriundos do serviço público. Com alta rotatividade, é praticamente impossível ter uma atuação que faça diferença na direção das políticas. Nesse sentido, Lopez & Silva (2019) ao analisar os

vínculos partidários dos nomeados para os cargos de confiança na burocracia federal comentam que embora a filiação partidária formal não seja muito significativa nas escolhas dos nomes no contexto brasileiro, as taxas de filiação partidária são mais elevadas entre os ocupantes de cargos de DAS-6 sem vínculos com o serviço público. Esse tipo de ligação privilegia a relação política entre indicados e ministros ou secretários e não a relação com o serviço público, portanto, trata-se de um compromisso frágil com as políticas públicas e com sua institucionalidade.

Trocas constantes de direção colocam em risco a institucionalidade, visto que cada nova mudança enceta um retorno ao princípio ao invés de um prosseguimento. Esse cenário associado a baixa dotação orçamentária foi nefasto para as políticas de museus, afetando grandemente o suporte do Instituto para iniciativas afiliadas à Nova Museologia e à Museologia Social.

Cabe então identificar o que literatura e jornais de grande circulação falaram sobre a gestão da pasta da cultura no período de 2015-2019. Na medida do possível, esse exame também abrangerá quem são os atores principais das narrativas, ou seja, o aqui chamado “alto escalão” no Ibram, ministros, secretários especiais de cultura e presidentes da república e abordar sua atuação no período. A produção examinada foi selecionada através de pesquisa no *Google Scholar*, em periódicos bem avaliados pela Capes e pelo cruzamento de referências bibliográficas bem como através de pesquisa sobre matérias jornalísticas especificando palavras-chaves como “Juca Ferreira 2015”, “Juca Ferreira 2016”, “Marcelo Calero 2016” e assim por diante.

A produção acadêmica analisada não abordou a gestão do Ibram no período 2015-2019, mas criou um retrato mais amplo da pasta da cultura considerando-a a partir dos programas de governo ou da (aparente) falta de programa de governo para a área. Portanto, não é possível a partir do seu exame identificar a contribuição dos indicados políticos do alto escalão para o prosseguimento das políticas. Tal constatação não é um elemento fortuito, mas central para compreender como a literatura caracteriza a história recente. Neste estudo, pressupõe-se a necessidade de cumprir uma série de pré-requisitos para que se possa produzir conhecimento. Por exemplo, pressupõe a possibilidade de avaliar através de parâmetros estáveis uma situação inicial e uma situação final. Pressupõe ser possível verificar se houve conformidade entre um discurso favorável à Nova Museologia e à Museologia Social – por exemplo o discurso presente nos editais – e a dotação orçamentária identificada pelos agentes políticos do campo como adequada para a consecução dos compromissos firmados. Entretanto, no período houve desde orçamentos diminutos que inviabilizaram editais para os PPM até a própria extinção do Instituto com a publicação da MP nº 850, de 10 de setembro de 2018. No caso do MinC o desenrolar dos acontecimentos foi ainda menos previsível e mais avassalador, porque resultou na sua extinção. Portanto, a pesquisa pressupõe que a amplitude da variação dos parâmetros seria muito menor. Pressupõe que não se viveria o risco de um sistema democrático dar lugar a um governo autoritário.

Em 2015, o então ministro da Cultura, Juca Ferreira retornava ao governo integrando a equipe do segundo mandato de Dilma Rousseff (Bussoletti & Moreira, 2015). Já nos primeiros meses frente ao MinC teve de responder perguntas sobre como lidaria com os cortes de orçamento feitos pela equipe econômica. Segundo Rubim, Barbalho & Calabre (2015), houve uma nítida distinção entre as propostas dos ministros Gilberto Gil e Juca Ferreira e das ministras Ana de Hollanda e Marta Suplicy para a pasta da cultura. Hollanda tinha uma agenda muito mais conservadora priorizando pautas como direitos autorais e economia criativa enquanto Suplicy aproveitou seu bom diálogo com o Congresso para aprovar o Vale Cultura, saindo da lógica da produção para a do consumo cultural. Então, quando Juca Ferreira retornou ao MinC havia a expectativa de que ele daria continuidade à agenda que conduziu nos anos 2008 a 2010, por exemplo, retomando o PCV. Ferreira havia comentado em entrevistas concedidas aquando de sua posse em 2015 do seu interesse na reativação do programa.

Além disso, tanto a obra organizada por Rubim, Barbalho & Calabre (2015) quanto falas de Ferreira deixaram transparecer que o trio compartilhava da preocupação com a expansão e consolidação do SNC. Rubim, Barbalho & Calabre (2015) citam o incentivo aos estados e municípios durante o primeiro governo de Rousseff para a adesão ao sistema. Já Ferreira em uma de suas falas bate na tecla de que foi nas gestões do PT que se pensou pela primeira vez em gestão cultural (Moraes, 2015). Ou seja, pela primeira vez na história se falou que a cultura deveria se estruturar como outras políticas públicas – a exemplo da educação e saúde (Barbalho, 2017b).

Ferreira foi o primeiro convidado do Ibram para o evento “Colóquios Museológicos” ocasião em que discursou sobre seu incentivo para a criação do Instituto, que ocorreu durante sua gestão em 2009. Durante o colóquio servidores interrogaram como buscaria resolver os problemas de falta de estrutura, verba e técnicos nos museus. Respondeu que o MinC teve momentos mais felizes alcançando um orçamento de 1,3% do PIB, mas em 2015 não chegava a 1%. Então, em 2015 a falta de orçamento já era um problema para a pasta e o ministro propôs como solução cortes inteligentes que ao levar em consideração a robustez dos ministérios estabelecessem percentuais diferentes para cada órgão (Ibram, 2015). Em outra ocasião, comentou acerca de Projeto de Emenda à Constituição (PEC) que objetivava estabelecer percentual mínimo de 2% do PIB no nível federal e 1,5% e 1% nos níveis estaduais e municipais para as políticas de cultura (Ballesteros, 2015; Moraes, 2015).

Com o controverso impedimento de Rousseff, Michel Temer chegou ao poder iniciando uma guinada da “Velha Direita” ou “Direita Moderada” em direção a chamada “Nova Direita” ou “Direita Radical” (Carvalho, 2019; Chauí, 2020; Pimentel *et al.*, 2017; Santos & Tanscheit, 2019; Shuen, 2019). Em 12 de maio de 2016 teve início a gestão interina de Temer e no seu arranjo ministerial não houve lugar para o MinC que foi rebaixado à condição de secretaria. A pasta da cultura voltaria a sua origem regressando ao ministério da educação (MEC). Mas, o MEC na partilha dos ministérios ficou sob o controle do partido DEM cuja pauta tradicionalmente não se interessa pela cultura. Segundo Barbalho

(2017a), as primeiras notícias sinalizavam a redução da interferência do Estado principalmente no financiamento e a gradual transferência das políticas de cultura para a iniciativa privada. No mesmo dia, segundo Barbalho (2017a), já circulava um abaixo-assinado contra a extinção do MinC e nos próximos dias cartas abertas e manifestos assinados por artistas passaram a integrar o arsenal dos protestos. Em diversas partes do país, artistas, servidores, intelectuais e simpáticos à causa iniciaram as ocupações de prédios públicos ligados à cultura num movimento aludindo ao *Occupy*.

De maneira geral, os manifestantes entenderam que a extinção do ministério significaria um retrocesso na institucionalização das políticas culturais com ênfase na cidadania e no desenvolvimento e, o que era pior, através de um processo marcado pela ausência de diálogos com os setores da cultura. No dia 17 de maio, a questão chegou à Comissão de Educação do Senado e Temer foi aconselhado a recriar o MinC. No dia 19, governadores também criticaram a decisão do presidente interino de extinguir o ministério. E no dia 21 Temer sucumbiu e recriou o MinC. Marcelo Calero, ex-secretário de cultura do município do Rio de Janeiro na gestão de Eduardo Paes, passou então da condição de secretário do segundo maior município do país à ministro. Segundo os jornais, um nome relativamente desconhecido do jogo político mas com algum diálogo com setores da esquerda na cidade do Rio de Janeiro não foi suficiente para trazer legitimidade para o governo de Temer na cultura e Calero foi acusado de participar num governo golpista.

Nos pouco mais de dois anos de governo Temer, a gestão do MinC foi marcada por muita instabilidade política, caracterizada pela constante troca de ministros. Marcelo Calero é o primeiro deles. Depois de exonerar uma quantidade expressiva de ocupantes de cargos de confiança sob a desculpa de desaparelhar o ministério, minando sua instrutura por dentro, pediu demissão após denunciar um suposto caso de tráfico de influência no governo. A indicação seguinte, de Roberto Freire, atendeu exclusivamente o critério político, segundo Cerqueira (2018), e correspondeu a conturbados seis meses pouco produtivos para o ministério. João Batista de Andrade, nome ligado ao cinema que assumiu o ministério interinamente, teria pedido demissão após um corte na casa de 40% no já reduzido orçamento da cultura.

Por fim, Sérgio Sá Leitão, que havia participado do governo do PT durante a gestão de Gilberto Gil passando por diversas vinculadas e secretarias do ministério foi nomeado ministro estabelecendo uma gestão que durou quase um ano e meio – a mais longa durante o governo Temer. De acordo com Cerqueira (2018), o nome de Sérgio Sá Leitão atendia tanto a critérios técnicos quanto políticos. A administração Leitão produziu planos de gestão e se propôs a dialogar com todo o campo da cultura. Mas, sua gestão fez prevalecer a pauta da economia criativa, entendida como geradora de riqueza e trabalho no capitalismo cognitivo, e, portanto, uma política mais voltada para o mercado. A diferença seria que também passou a fazer parte da sua agenda a gradual entrega da política e dos equipamentos públicos de cultura, a exemplo dos museus federais, para a iniciativa privada. A esperança de ver a PEC

nº 150 aprovada, a PEC que previa 2% do PIB para a cultura, cedeu lugar a dura realidade da PEC nº 241 que, transformada na EC nº 95, congelou o orçamento federal por 20 anos. Como o MinC não tem um piso orçamentário, a PEC nº 241 poderia reduzir o orçamento da cultura a valores tão módicos que inviabilizaria programas como o PCV. Para Cerqueira (2018), esse orçamento diminuto inviabilizou os apoios diretos e praticamente deixou o mercado determinar a agenda da cultura através do incentivo fiscal.

Ainda quanto à gestão de Leitão frente ao MinC, vale lembrar que em sua administração foi publicada a medida provisória criando a Abram e extinguindo o Ibram. Desse modo, estudiosos e jornalistas apontaram que a gestão da cultura durante o governo de Temer manteve uma agenda reformista e liberal oposta ao neodesenvolvimentismo de Lula e Dilma e de enfraquecimento das instâncias participativas que seriam marcas das gestões do PT das quais os processos de institucionalização das políticas, dentre elas o PCV, foram os mais representativos. Como argumentado no terceiro capítulo, o programa não conseguiu reverter a lógica do financiamento dos projetos culturais, tendo um desempenho insuficiente ao longo dos anos, e além disso não coadunou com a agenda liberalizante de Temer (Barbalho, 2018b; Rubim, Barbalho & Calabre, 2015).

A instabilidade no MinC só se acentuou desde então. A tentativa de extinguir o MinC finalmente se concretizou com a reforma ministerial do governo Bolsonaro em janeiro de 2019. Além disso, o ministério rebaixado à condição de secretaria teve sua estrutura transferida entre ministérios e a troca constante de secretários pareceu não ser resultado da falta de orientação política, mas o exercício de uma orientação política que a literatura aponta como “anticultural” (Rubim, 2020). Se em termos de estrutura a situação não é significativamente distinta daquela que perdurou no governo de Temer, o governo de Bolsonaro tem sido constantemente acusado de censura, homofobia, conservadorismo cultural e até mesmo de apologia ao nazismo (Alessi, 2020; Lopes, 2019). A questão é que dificilmente haverá boa vontade política para programas como o PCV ou PPM num governo com pautas contrárias às políticas de identidade e até antirrepublicano e antidemocrático, muito embora o PCV seja um dos programas de políticas públicas mais elogiados das últimas décadas já tendo sido adotado em outros sete países (Vilela, 2019).

Com o limite nos gastos públicos e um orçamento que desde 2015 sacrifica a pasta, só a vontade política poderia preservar as políticas públicas museais e dentre essas as voltadas para as correntes críticas da museologia como o PPM. Nesse sentido, se em 2019, três nomes passaram pela cadeira de secretário especial de cultura, o cenário foi mais estável para o Ibram onde houve menos rotatividade. Apenas Eneida de Lemos interinamente e Paulo César Brasil do Amaral estiveram à frente da autarquia. Ademais, a sensação de estabilidade pode também ser atribuída ao fato de em 2018 o instituto ter sido extinto pela MP nº 850 e esse quadro ter sido revertido graças a pressão que servidores, a opinião pública e os órgãos de controle do executivo exerceram no sentido de evitar que arbitrariedades

ameaçassem o trabalho árduo em desenvolvimento no setor nas últimas duas décadas. Entretanto, também não houve editais do PPM no atual governo. Tal contexto adiaria a expectativa em relação à política para os anos seguintes não fosse o fato de o mundo atravessar uma pandemia e de os brasileiros estarem mobilizados, na medida do que é possível em um país em desenvolvimento, ao seu combate.

#### 4.9 Conclusão

O capítulo analisou notícias levantadas pelo motor de busca *Google Search* para o período 2015-2019. As 207 notícias mapeadas estavam distribuídas da seguinte forma: 22 eram de 2015, 23 eram de 2016, 25 eram de 2017, 62 eram de 2018 e 75 eram de 2019. As primeiras seções analisaram a procedência das matérias e constatou que em 2015, o portal aberto G1, do grupo O Globo, foi a mídia que mais publicou sobre o Ibram. Ao todo foram 11 notícias. O mesmo padrão se repetiu em 2016, com 12 notícias publicadas pelo portal. Em 2017 as notícias apareceram pulverizadas e pela primeira vez um serviço público de comunicação, a Agência de Notícias do Estado do Paraná, juntamente com o Portal G1 são os meios que mais noticiaram o Instituto publicando cada um quatro matérias. 2018 é o ano do incêndio no MN e representou um aumento na quantidade de notícias levantadas pelo *Google Search* que fizeram referência ao Ibram. Das 62 notícias, seis são publicadas pela agência pública EBC e outras seis são publicadas pelo jornal O Globo. Em 2019 o portal G1 volta a ser a mídia que mais citou o Ibram, com 10 notícias.

As próximas seções abordaram os assuntos mais frequentes nas notícias. De 2015 a 2017 prevaleceram as menções às programações para os eventos Semana Nacional de Museus, que celebra o Dia Internacional de Museus e acontece sempre em maio, e a Primavera dos Museus, que celebra a chegada da estação no hemisfério sul acontecendo em setembro. Numa estrutura textual padronizada, o grande atrativo das notícias foi abordar como museus, geralmente provenientes do Sul e Sudeste, desenvolveram programações para a temática do ano. 2018 rompeu com esse padrão comunicativo e os museus e o Instituto que, se não chegavam a brilhar, conseguiam desenvolver seu trabalho com equilíbrio e boa dose de convencionalismo, passaram a ser prédios outrora opulentos corroídos pela ação do tempo e pelo desinvestimento. Essa mudança discursiva foi ocasionada pelo trágico incêndio que consumiu o MN, o mais antigo dos museus no país, porque até setembro as notícias levantadas pelo *Google Search* seguiam o padrão dos anos anteriores.

Na procura por responsáveis e diante da espetacularidade do incêndio, as notícias então falaram em oportunismo político quando o presidente Michel Temer publicou duas medidas provisórias que colocariam em risco a viabilidade do Ibram. Uma delas, a MP nº 850, de 10 de setembro de 2018, criava a Abram e extinguiu o Instituto. Ficou implícito nisso que houve associação entre o incêndio e o Ibram.



Provavelmente, a opinião pública entendeu que o Instituto era o responsável pela administração do MN, visto que administra 27 museus federais, dentre eles o Museu Histórico Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes, ambos também localizados na cidade do Rio de Janeiro quando na verdade o museu mais antigo do Brasil é um museu universitário gerido pela UFRJ. As notícias se dedicaram a abordar o estado calamitosos de outros museus e mesmo o antecedente de descaso com o MN até chegarem ao ponto de citar a falta de orçamento do próprio Ibram, o que foi capitalizado pelo governo que pode então apresentar sua alternativa para a falta de recursos públicos.

A saída proposta também foi escrutinada nas notícias que passaram a entrevistar expoentes na museologia, um ex-presidente do Ibram, diretores de museus e servidores da autarquia para avaliar a razoabilidade da medida. Até o final de 2018, o incêndio, a criação da Abram e extinção do Ibram praticamente monopolizaram a atenção da mídia. Se foi com grande interesse da imprensa que a extinção do Ibram e criação da Abram foram noticiadas, o mesmo não pôde ser dito sobre o desfecho da MP nº 850. Arquivada por decisão da Comissão Mista da Câmara Federal, pouco repercutiu nas notícias de 2019. Perdeu-se uma oportunidade de ver as regras da democracia formal e representativa em ação e de acompanhar todo o trabalho dos servidores do Instituto no convencimento dos parlamentares. As notícias de 2019 voltaram a destacar os eventos nacionais do Ibram. Mas, diferentemente dos anos 2015-2017, houve um aumento considerável na quantidade delas. Além dos eventos, relataram recordes de públicos nos museus e exposições brasileiras, aparecendo dentre os mais visitados alguns museus do Ibram. Sugeriram que foram uma reação da sociedade contra o descaso com os museus testemunhado no ano anterior.

De maneira geral, as notícias validam a intuição da pesquisa de que não relacionaram os fatos políticos de maior relevância nesses anos ao que se passava com Instituto. Exceto na situação do incêndio que, pela sua repercussão, foi instrumentalizada para justificar a criação do Abram e a extinção do Ibram. Como comentado, um serviço social autônomo não submetido ao teto dos gastos públicos e museus federais transformados em OS, como os principais museus de arte do país, corresponderiam aos moldes que o ministro da cultura Sérgio Sá Leitão entendia como adequados para enfrentar a falta de recursos públicos, ou seja, transferindo a gestão da estrutura pública de museus para a iniciativa privada ou para ser conduzida segundo a agenda do mercado.

Por isso, a última seção tentou responder à pergunta de pesquisa que interrogou se o retrato da mídia tradicional correspondeu a real atuação das instâncias decisivas do Ibram e do MinC, posteriormente Secult, e da presidência da república. Analisou pesquisas e outras matérias jornalísticas de autores que tiveram como objeto de estudo as políticas culturais no período. Subjacente a esse exame há a certeza de que a história recente é marcada por uma crise nos sistemas de validação do conhecimento, conseqüentemente é mais difícil verificar o que tem valor de verdade. Constata que principalmente a produção acadêmica se concentra no exame da atuação da pasta da cultura a partir do MinC

e, posteriormente, da Secult, não adentrando com a mesma frequência a situação das vinculadas ou do chamado sistema de cultura. Por isso, não há trabalhos que tratam exclusivamente do Ibram. Essa produção aponta que nesses cinco anos (2015-2019), o Estado brasileiro oscilou entre uma atuação voltada para o fortalecimento da institucionalidade das políticas de cultura, para a ampliação dos direitos culturais, dentre eles o direito de participar não apenas da fruição estética mas da produção cultural, como preconizado pelos programas PCV e PPM, ao desmantelamento dessa estrutura e retorno às três tristes tradições de “ausências, autoritarismos e instabilidades” das políticas públicas de cultura (Rubim, Barbalho & Calabre, 2015, p. 11).

Pode-se afirmar que a literatura foi bastante cética sobre avanços na consolidação dos direitos culturais nos governos de Temer e Bolsonaro – e em alguma medida mesmo no governo Rousseff. Nesse período, o ano de 2018 pareceu ter sido o pior ano para o Instituto com a ameaça de sua extinção pairando no ar nos meses que sucederam ao calamitoso incêndio no MN. Consolidado o cenário de falta de recursos com a emenda constitucional do teto dos gastos públicos e extinção do MinC passou a haver em 2019 um movimento ascendente de desestabilização política com trocas constantes de secretários especiais de cultura. Com menor intensidade essa instabilidade chegou ao Instituto. Portanto, pela leitura do cenário político a cultura nos anos de 2015 a 2019 foi atacada num nível anterior à gestão do programa PPM propriamente dita. Não foi só o PPM que minguou sem recursos, foram todas as políticas públicas de cultura. Falta de orçamento, a ameaça de privatização dos museus federais, e a instabilidade nos cargos mais estratégicos foram os elementos mais visíveis desse ataque.

## CONCLUSÃO

Costuma-se dizer que o Rio de Janeiro não é para iniciantes. É numa postura de compreender que cidades como o Rio de Janeiro talvez imponham mais desafios que outros centros urbanos que esta seção foi pensada. Sua densidade não deve ser motivo para não a querer como *locus* de pesquisa. Então, inicialmente será retomado o objeto de estudo para mostrar como os museus, PCV e PPM dialogam apresentando resultados positivos dessas políticas e resultados não inteiramente satisfeitos ressaltando a relação que isso tem com o gradual desinvestimento na pasta de cultura percebido nos anos 2015 a 2019. Apresentará alguns aspectos para os quais este estudo se propôs a contribuir, ou seja, identificar principais estratégias desenvolvidas pelas equipes para captar recursos e sistematizar algumas escolhas metodológicas que normalmente pesquisadores não endereçam ou não explicitam no

resultando final dos seus trabalhos. Finalizará deixando sugestões para futuras pesquisas. A maioria delas pensadas para contribuir na direção de evitar “reinventar a roda” e criar sombreamentos ao decidir o objeto de estudo, facilitar encontrar pares e interlocutores em momentos para os quais cumprir um cronograma e conhecer a realidade sobre a qual se adentra são fatores decisivos e melhorar a gestão do conhecimento e, conseqüentemente, aprimorar o uso dos recursos investidos na atividade de pesquisa.

O objeto desse estudo se desdobrou em duas frentes. Primeiro buscou saber que importância tiveram os programas PCV e PPM e as parcerias e redes com pesquisadores para a viabilidade e sustentabilidade dos museus. Como as redes e parcerias são partes constitutivas dos museus – e não um arranjo extra que pode ou não lhes ser acrescentado – o enfoque nas redes e parcerias buscava identificar contributos provavelmente não da ordem financeira, mas com grande repercussão no sucesso dos projetos. Segundo buscou saber como o PCV e o PPM se consolidavam ao longo dos anos 2015-2019. Nesse sentido, ainda durante a fase de escrita do projeto de pesquisa, as informações sobre o PCV pareciam carecer de sistematização havendo estudos interessantes sobre a gradual transformação do programa em política pública de Estado, mas as principais pesquisas feitas através dos acordos entre extinto MinC e Ipea (Barbosa & Calabre, 2011; Silva & Araújo, 2010), MinC e UFBA (Rubim *et al.*, 2015), Minc e UFSC (Rubim *et al.*, 2015) e MinC e UnB (Ribeiro & Brasil, 2016) não tratam do período em consideração. Dentre as pesquisas a mais recente foi a da UnB (Ribeiro & Brasil, 2016) que se referiu ao acompanhamento de projetos apoiados pelo PCV na região Centro-Oeste e que coletou dados nos anos 2014 e 2015. Essa lacuna serve de alerta, porque o planejamento previu que as metas do PNC tinham seus resultados para serem perseguidos no intervalo de 10 anos terminando em 2020. Sem as pesquisas das universidades, as sistematizações de monitoramento seriam principalmente de pesquisadores avulsos, ou seja, sem o suporte de toda a infraestrutura institucional, e as do próprio poder público. Obviamente, que as próprias equipes, suas redes e outros espaços de interlocução política também seguem acompanhando tanto PCV quanto o PPM.

Por outro lado, ao longo desses anos apareceram editais geralmente das prefeituras que embora possuíssem semelhanças com os editais federais do PCV nem sempre traziam menção ao programa tornando a tarefa de mapear os chamamentos públicos para projetos comunitários derivados do PCV e resultados da sua capilarização para os estados e municípios mais difícil (Baron, 2019). Foi nesse cenário que se propôs adentrar com uma pesquisa enfocando a sustentabilidade dos museus de favela e a partir daí também ir verificando os momentos que suas trajetórias se encontravam com os programas e desse modo contribuir para verificar a consolidação do PCV e do PPM no período 2015-2019.

Como se sabe, o PCV e o PPM foram importantes para a democratização dos direitos culturais tanto para o usufruto quanto para a produção de bens culturais - que até então era restrita e monopolizada por grupos hegemônicos movidos pela lógica da industrial cultural. O PCV integrou um

pensamento que pretendia transformar a lógica do financiamento público que concentra cerca de 80% dos recursos disponíveis para a criação cultural no mecanismo do incentivo fiscal (Rubim *et al.*, 2015). A Lei Rouanet foi inspirada numa lei do estado de São Paulo, portanto, trata-se de uma forma de financiamento muito mais sintonizada com aquela realidade que com a realidade do interior do país, dos estados fronteiriços ou da região amazônica. Os recursos para apoios diretos, expressão utilizada para explicar o financiamento dos projetos através de mecanismos como seleção pública via editais, dentro dessa nova mentalidade viriam do FNC. Mas, na prática o fundo nunca conseguiu mobilizar valores que modificassem a concentração dos recursos que tende a privilegiar as áreas globais das metrópoles do Sudeste. Os editais foram pensados para possibilitar que expressões culturais não hegemônicas tivessem acesso ao financiamento público e pudessem produzir novos referenciais de cultura.

No caso do PPM, o programa proporcionou, como vem sendo defendido neste estudo e nas pesquisas citadas no primeiro e no terceiro capítulos, ganhos simbólicos significativos para comunidades não representadas nos museus, como moradores de favelas, e para comunidades mal representadas nos museus, como as populações indígenas. Os editais possibilitaram encontrar canais para endereçar demandas surgidas pela valorização das identidades no contexto brasileiro em arranjos museais críticos e participativos que desde a década de 1970 no contexto internacional e mesmo no Brasil vinham sendo gestados na construção de organizações da sociedade. Os museus foram em geral instituições coloniais depósitos de objetos acumulados com a pilhagem das culturas nativas das terras conquistadas. Contemporaneamente, são ou museus tradicionais, ou seja, instituições fechadas em si mesmas, depósito de objetos que, quando expostos, demandam dos visitantes uma atitude discreta de contemplação ou são instituições globalizadas por processos de produção que mais lembram uma empresa capitalista para recepção massiva de público através de uma política comunicacional imersiva e espetacular que objetiva principalmente entreter o público e ser atividade lucrativa.

Os teóricos da museologia aludem à diferença entre um museu tradicional e um museu não hegemônico através de um tripé conceitual. Enquanto o museu tradicional se sustentaria no tripé edifício-coleção-público o museu afiliado à Nova Museologia e à Museologia Social departe da orientação território-patrimônio-população. Um museu afiliado às correntes críticas estabeleceria uma atuação a partir do território, não o reduzindo a um prédio e nem se limitando às divisões geopolíticas irrefletidamente. Esse território é posto em suspenso para que possibilite à sua população através de inventários participativos identificar suas paisagens culturais, seus pontos de referência ou mesmo seus objetos de valor histórico. Então, os editais do PPM objetivavam unir demandas já organizadas em comunidades periféricas, indígenas, faveladas, populares, dentre outras, em projetos que tivessem por base a memória social, organizando o conhecimento sobre a origem dessas comunidades e o

relacionando com a história da ocupação humana da região como um todo. Ou seja, ligando áreas indígenas, rurais e urbanas marginalizadas e “sem história” à fabricação do território nacional e das cidades.

Mas, pode-se afirmar que o PPM sofre de gradual desinvestimento. Se inicialmente, o programa experimental desenvolvido simultaneamente em 12 capitais contava com recursos oriundos do ministério da justiça e o acompanhamento de consultores que junto com as equipes desenvolviam uma metodologia de implantação que tem transformado a atuação de campos profissionais como história e antropologia, o fim desse arranjo aumenta as suspeitas de que o ministério da justiça tinha um interesse pontual em monitorar regiões que pudessem colocar em risco a realização dos megaeventos, visto que findados os jogos, o cenário tendeu a retornar à sua situação inicial de desinvestimentos. O Ibram sem o ministério da justiça manteve o programa na forma de premiação, o que exigiu menor investimento em termos financeiros e técnicos e garantiu mais visibilidade com a pulverização de pequenos prêmios para mais iniciativas espalhadas em todo o território nacional. A sua transformação em política pública de Estado em 2017 endossou os compromissos políticos que o Instituto tem defendido ao longo de sua existência. Basta lembrar que, por exemplo, a Mesa Redonda de Santiago no Chile, foi assunto do 5º Fórum Nacional de Museus e a museologia social é assunto em diversas publicações do Instituto. Mas, a falta de editais federais desde 2014 contam para confirmar a hipótese de desvalorização.

Os museus interlocutores se encontram com o PCV e PPM de forma paradigmática, ainda que o Museu das Remoções fuja dessa regra por ter sido criado em 2016 e não ter sido juridicamente formalizado. Segundo Ísis, coordenadora do Museu da Maré, foi um recurso do edital do PCV em 2004 que possibilitou criar o museu. Seu sucesso foi tão comemorado que anos depois o projeto inspiraria o Demu a criar o PPM, que é uma especialização do PCV concentrada em memória social. Então o Museu da Maré foi um feliz caso de experimentação para a criação de novas políticas públicas. Do ponto de vista social, o projeto gerou enormes ganhos para a sociedade, porque um aporte pouco expressivo teve um papel multiplicador sem precedentes. Os recursos que o Ceasm administrou serviram a dois propósitos simultâneos: a consolidação da política pública de memória social para populações de favela e a criação do projeto local de defesa dos moradores da Maré, costumeiramente vilificada pelos meios de comunicação e por instâncias do poder público. O Museu continuou obtendo apoios do PCV nos outros níveis de governo desde 2004 e foi também premiado nas duas últimas edições do PPM, no edital de 2014 e no edital da Remus-RJ de 2016. Com as instabilidades políticas e o teto dos gastos públicos os programas foram drasticamente afetados e os editais paralisados no nível federal. Além disso, mesmo no auge do seu vigor os apoios diretos nunca foram suficientes para garantir o funcionamento do Museu da Maré. Sempre tiveram mais valor simbólico que financeiro. A equipe gestora identificou sua importância, mas afirmou que o apoio federal não garante a sustentabilidade, por isso

esteve atenta para organizar a captação pelas vias mais diversificadas possíveis e para mobilizar estratégias de autossustentabilidade como a lojinha e os bazares semestrais.

O Museu de Favela é um ponto de memória pioneiro então como nenhum outro compreendeu a mudança de status ocasionada com a perda dos recursos do Pronasci. Ademais, a multiplicação dos pontos de memória sem o mesmo suporte dos pontos pioneiros causaram inúmeras críticas partindo das equipes que questionam a desresponsabilização do Ibram com o futuro das iniciativas. Por isso, passaram a exigir mais participação criando instâncias de decisão coletiva na governança do Instituto. Além desses recursos, o museu também foi premiado nas edições de 2014 e da Remus-RJ de 2016. Também teve uma candidatura bem-sucedida num edital municipal do PCV. Mas, nem de longe os recursos captados são capazes de manter os projetos do museu em funcionamento. A equipe tem se empenhado em buscar a autossustentabilidade explorando o turismo de base comunitária justificada na crescente consolidação dessas iniciativas nos territórios de favelas nos últimos anos e na sua localização privilegiada. O problema é que passados os megaeventos, as projeções de incremento da atividade turística para a cidade do Rio de Janeiro não se confirmaram. Além disso, as obras de infraestrutura que aconteciam pelo PAC-Favelas foram paralisadas em 2016, dentre as razões estavam os escândalos de corrupção, diminuindo os benefícios que proporcionariam às comunidades. Autores apontaram a importância das obras no estímulo às atividades econômicas das favelas como a abertura de *hostels* e estabelecimentos voltados para o turismo. As obras foram também fundamentais na identificação dos grupos de moradores já socialmente atuantes nas comunidades e o fato de haver mais pessoas envolvidas com as políticas urbanas circulando pelas favelas proporcionou um ambiente favorável para as atividades do museu e para as atividades econômicas. Esse cenário é piorado a partir de 2016.

Tanto no caso do Museu da Maré quanto no caso do Museu de Favela as parcerias fazem lembrar que muitas atividades são possíveis pelo trabalho em si e não por serem intermediadas pelo dinheiro. Por isso, são arranjos tão significativos para a viabilidade dos projetos. O caso do Museu das Remoções que existe sem qualquer fomento proveniente das instâncias públicas endossa esse sentimento. Permitiu vislumbrar como um projeto comunitário sobrevive sem recursos públicos quando em tese o poder público deveria constantemente atuar para identificar novas demandas e procurar mitigá-las. As parcerias tanto foram observadas acontecendo na prática como foram arranjos observados na literatura analisada no segundo capítulo. Algumas das mais atuantes observadas no Museu da Maré envolvem a biblioteca e escolas públicas, através do projeto de leitura e contação de história; outras organizações comunitárias e o museu, como o grupo de capoeira que utiliza um dos ambientes para as oficinas; e entre o museu e a iniciação científica de uma universidade. Neste caso, a cada um ano e meio um grupo de jovens estudantes do ensino médio moradores da Maré é selecionado como bolsista para desenvolver as programações do museu e receber treinamento em uso das tecnologias digitais e

metodologia científica. Por vezes, os pesquisadores mapeados no GSRank 200 do museu acompanharam um desses projetos chegando a estabelecer novas parcerias envolvendo suas instituições de ensino ou órgãos públicos nos quais trabalham.

É importante lembrar que a motivação para estudar as parcerias surgiu do contato com a equipe do Museu de Favela. Na prática, através dos *tours*, foram observadas as parcerias que têm por finalidade dinamizar e produzir efeitos na economia local, quando os visitantes são estimulados a interagirem com moradores, a comprarem no comércio das favelas e a adquirirem *souvenirs* dos artesãos que atuam com a rede do museu. Mas, na literatura do GSRank 200 as parcerias envolveram geralmente a transferência de conhecimento para a equipe do museu e outros moradores. Em contrapartida, os arranjos não raramente resultaram em pesquisas acadêmicas, não sendo incomuns pesquisas internacionais ou de disciplinas que pouco interagem com demandas das favelas, como o *design* ou a psicologia.

No Museu das Remoções, as observações possibilitaram verificar a realização de atividades orquestradas através da mobilização dos parceiros, que são chamados apoiadores. Nesse sentido, não se pode perder de vista, que o projeto de urbanização popular apresentado pela associação de moradores como alternativa à proposta de remoção e demolição da prefeitura foi criado através da parceria com uma universidade pública. Num dos eventos atendidos durante a pesquisa de campo, pesquisadoras que haviam publicado sobre a comunidade, promoveram uma tarde de autógrafos e doaram o dinheiro das vendas para o projeto do museu. Horas antes, estavam as autoras juntas à Nice preparando alguns quitutes típicos para serem vendidos durante o evento. Mas, foi na literatura do GSRank 200 que apareceu o exemplo mais paradigmático das parcerias. O caso apresentado no segundo capítulo explicou que o museu surgiu através de um esforço coletivo que contou com a extensão de uma universidade particular. A tese de doutorado da professora responsável pelo curso abordou esse processo. Ademais, os moradores são com frequência convidados para eventos acadêmicos que exploram as dinâmicas de urbanização e habitação da cidade ilustrando o sentido dialógico das colaborações. Então, de inúmeras formas as parcerias se mostraram arranjos contundentes na viabilidade dos museus resultando num acúmulo acadêmico difícil de ser ignorado.

Duas foram as principais contribuições deste estudo. A principal delas foi mapear algumas dinâmicas de sustentabilidade dos museus de favela. Elas permitiram afirmar que em alguns momentos os programas PCV e PPM se aproximam mais desses projetos financiando-os de maneira estratégica. Mas, essa tendência diminuiu consideravelmente com as mudanças de governo e com a imposição do teto dos gastos públicos. Na falta de editais, o Museu da Maré conseguiu mobilizar parlamentares na destinação de verbas aos projetos associados ao museu. Foi também bem-sucedido na captação via doações – recursos que bancaram a transmissão do imóvel ocupado pelo museu para o Ceasm. No Museu de Favela, além da inscrição em editais, a equipe buscou a autossustentabilidade através do turismo



cultural, o que mobilizou tanto a equipe quanto o comércio do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. A equipe do Museu das Remoções mantém-se principalmente com doações de pequenas quantias e com o trabalho voluntário. Além disso, nos três museus há lojinhas e em dois deles há também bazares. No Museu da Maré, são eventos semestrais e que ocasionam bastante envolvimento da comunidade.

Outra contribuição do estudo teve natureza metodológica e envolveu o esforço de identificar e distinguir a agenda dos dados e a agenda do estudo e principalmente o esforço de sistematizar e registrar esses procedimentos. Isso aconteceu em diversos momentos perpassando a maioria dos capítulos. Um deles foi identificar que os entrevistados geralmente manifestavam grande preocupação em definir os museus explicando como esses projetos se diferenciavam dos museus tradicionais. Isso aconteceu principalmente com a equipe do Museu da Maré, que é a principal interlocutora. Tal postura desencadeou o interesse em dedicar um capítulo para endereçar o assunto. Não estava previsto por acreditar que muito da literatura já havia realizado esse trabalho com sucesso. Entretanto, esse esforço adquiriu mais consistência ao possibilitar conectar as conceituações das equipes com conceituações advindas de outros atores no campo, como o próprio Ibram através dos editais do PPM, estudiosos da museologia e mesmo através da identificação da natureza dos museus no sistema de classificação das entidades sem fins lucrativos brasileira.

No segundo capítulo, que foi dedicado a analisar a literatura produzida sobre os museus, através da análise temática e de conteúdo foi possível distinguir os assuntos que mobilizavam a literatura em si dos assuntos que coincidiam com os interesses da pesquisa, ou seja, saber qual a importância das redes e parcerias com pesquisadores na viabilidade e sustentabilidade dos museus. Nesse caso, foi possível identificar que embora compartilhem muitas características, as equipes também dialogam sobre diferentes questões. Por exemplo, o Museu da Maré inicialmente insere-se num debate sobre legitimidade que escrutina projetos museais nas favelas e avaliam que características tornam um projeto legítimo concluindo que deve resultar do trabalho de concepção dos próprios moradores de favela. O Museu de Favela dialoga com questões como os impactos positivos do PAC-Favelas e do turismo cultural nas comunidades e o Museu das Remoções nasce da crítica contra o planejamento urbano ocasionado pela preparação da cidade para os megaeventos. Em especial o projeto questiona a remoção como política habitacional para moradores de favela.

Da mesma forma, o quarto capítulo buscou entender o que as mídias tradicionais falavam sobre o Ibram de maneira geral e o que falavam especificamente sobre os interesses de pesquisa como orçamento para as políticas, o impacto das restrições do orçamento e a situação dos museus brasileiros. Descobriu que o período logo após o incêndio no MN – ou seja, de setembro até o final de 2018 – correspondeu aos meses em que as notícias se aproximaram dos interesses de pesquisa porque ao buscarem explicar o incêndio abordaram o orçamento dos museus e a relação que a restrição orçamentária mantém com a precariedade de algumas instituições museais. Até setembro de 2018 o

Instituto foi noticiado principalmente como o orquestrador dos dois principais eventos nacionais em museologia. No tempo fora desses meses, a pesquisa também mapeou e apresentou as poucas notícias alertando sobre a precariedade de alguns museus mesmo que não tenham sido representativas da pauta sobre o Ibram, para identificar sua importância nesses anos. Foi na ocasião do incêndio que também houve maior polifonia nas notícias, uma vez que quando o governo decidiu extinguir o Ibram e criar a Abram, supostamente para driblar as restrições orçamentárias, mais nomes do campo da museologia foram convidados a opinar sobre o assunto. Essas vozes sinalizaram que a postura do governo havia cambiado mostrando significativas diferenças ideológicas em relação aos governos anteriores principalmente no que se referia ao status da pasta e às estratégias de condução das políticas, que deveriam passar a ser mais orientadas para interesses do mercado. Por exemplo, através do privilegiamento das políticas voltadas para a economia criativa. Todavia, só o exame da literatura acadêmica e de outros referenciais no jornalismo possibilitaram desenhar um contexto mais abrangente para compreender o que se passou com a política pública de museus de 2015 a 2019.

Para finalizar, aos potenciais interessados em pesquisar a importância dos museus de favela na compreensão das cidades ou para potenciais interessados em analisar o financiamento dos projetos comunitários em países em desenvolvimento, este estudo gostaria de propor algumas linhas de atuação que podem ser caminhos frutíferos para a pesquisa acadêmica. É importante não apenas reunir informações, mas desenvolver esforços conjuntos que envolvam universidades, setores públicos e organizações da sociedade civil para pensar questões que tangenciam as autourbanizações. Recentemente, uma campanha de vacinação em massa contra Covid-19 reuniu OSCs da Maré, um importante centro de controle epidemiológico localizado em suas proximidades e outros órgãos públicos como escolas e postos de saúde. Do mesmo modo, os museus que são iniciativas em memória social, urbanização e turismo comunitário, por exemplo, são experiências que provocam acúmulos importantes de conhecimento sobre a experiência de habitar as favelas, mas sobretudo que atuam para melhorar a qualidade de vida dos moradores, quer seja através da educação para o patrimônio, quer seja através de práticas de economia solidária. Como analisado no terceiro capítulo, integrantes das equipes são também pesquisadores e autores de trabalhos de considerável relevância acadêmica.

Da parte do poder público estudos conduzidos pelo Ipea (Barbosa, & Calabre, 2011; Silva & Araújo, 2010) avaliaram o PCV mesmo antes de o programa se tornar uma política de estado, e outras universidades como a UnB (Ribeiro & Brasil, 2016]), a UFBA e a UFSC (Rubim *et al.*, 2015), trabalharam em parceria com o MinC para avaliar a condução das políticas de cultura e desenvolver estratégias de capilarização do SNC pelo país. Gestoras públicas também saíram do âmbito da administração pública e sistematizaram suas conclusões em pesquisas acadêmicas como as apresentadas no primeiro capítulo (Oliveira, 2015; Pereira, 2018). Mesmo que a discussão sobre o papel da universidade esteja longe de se esgotar na afirmação de que deve atuar em parceria com as organizações da sociedade civil e

outros setores da atividade pública na busca de soluções para os problemas brasileiros, sem dúvidas há a expectativa de que contribua de maneira exemplar para tal propósito.

Um primeiro projeto que pouparia muito retrabalho por melhorar o uso do conhecimento, facilitar o acesso às informações e a colaboração envolveria a sistematização das pesquisas sobre museus de favela como as obras produzidas por Pinheiro *et al.* (2017) e Valladares (2000). Essas obras mesmas deveriam ter continuidade abrangendo a história mais recente, porque são preciosos documentos certamente imprescindíveis no mapeamento do estado da arte e dos referenciais teóricos em pesquisas que abrangem as favelas. Uma pesquisa voltada para a construção de um banco de dados digital seria uma inovação que, talvez mais afeita à pesquisa-ação, contribuiria de maneira significativa para a gestão desse conhecimento. Trabalhos como esse, conduzidos na perspectiva das ciências sociais, contribuiriam para consolidar os avanços das pesquisas sobre favelas nas últimas décadas e incentivariam a replicação da experiência em outros contextos.

Um aspecto que chamou a atenção durante a pesquisa de campo foi notar que havia uma considerável produção internacional sobre favelas e museus. Uma segunda proposta seria então comparar as pesquisas brasileiras e as pesquisas internacionais para estabelecer parâmetros e sistematizar diferenças e semelhanças entre as agendas e possibilitar às equipes dos museus e outros atores interessados endereçar suas demandas de forma mais incisiva. Como explicam Figaro & Trindade (2021) e Franco (2000), o acesso ao conhecimento é modulado pela língua em que os trabalhos são publicados, pela capacidade de difusão das universidades e dos pesquisadores, pelas condições institucionais e pelas próprias condições pessoais do pesquisador para realizar pesquisas. Pesquisadores do mundo em desenvolvimento enfrentam inúmeras dificuldades para realizar suas pesquisas, como falta de financiamento, assimetrias no acesso às informações com bibliotecas defasadas e políticas deficitárias para o acesso aos bancos de dados científicos etc. Estudos comparados quer seja na perspectiva de identificar semelhanças, quer seja no intuito de entender diferenças históricas ainda são exceção à regra. Esforços nesse sentido daria um passo adiante na consolidação das pesquisas sobre favelas.

O arranjo dos museus afiliados à Nova Museologia e à Museologia Social se mostraram resistentes às crises de reflexos políticos e econômicos, em boa medida por prescindirem do dinheiro como a configuração em rede e parcerias permitiram perceber. Nesse aspecto, registra-se como indicação para futuras investigações o estudo dos mecanismos postos em prática pelos museus para estabelecer parcerias. Não basta apenas de maneira esparsa com pouca sistematização e acompanhamento longitudinal falar da sua importância. É preciso acompanhar os diferentes graus de envolvimento e como se sucedem no tempo, como estreitam a cooperação, que atores-chaves atuam na sua consolidação e em que setores atuam. Caberia compreender em que medida o formato das parcerias dos museus de base comunitária poderia ajudar outras OSCs a se desenvolverem de forma sustentável e vice-versa, ou seja, compreender como os formatos das parcerias de OSCs em outras áreas de atuação poderiam

contribuir no desenvolvimento dos projetos afiliados às correntes críticas da museologia. Por isso, uma terceira sugestão para futuras pesquisas seria concentrar detidamente no estudo das formações de parcerias.

As infraestruturas de mobilidade testadas nas favelas nas últimas décadas não devem passar sem terem seus efeitos analisados. Nesse sentido, uma quarta sugestão para futuras pesquisas seria por exemplo deter mais atenção aos efeitos que as características topográficas e a adesão ou não às infraestruturas públicas de acesso e circulação nas comunidades exercem sobre o sucesso de projetos comunitários. Isso poderia ser realizado comparando favelas em áreas planas e em áreas elevadas a partir de três perspectivas: trajetória de projetos comunitários em áreas recentemente urbanizadas, em áreas sem urbanização e em área sem urbanização recente. Uma quinta sugestão no mesmo sentido de privilegiar a topografia, seria mapear as características geográficas onde se localizam os pontos de cultura e pontos de memória na cidade utilizando por exemplo a ferramenta georreferenciada do Mapa da Cultura. Nesse caso, o propósito seria identificar em que medida a distância entre os projetos e o acesso aos transportes públicos massivos – como BRT, metrô e trem – e a distância entre os projetos e as centralidades urbanas afetam o desenvolvimento dos projetos e, por conseguinte, afetam as estratégias de dinamização cultural do território.

Essas são apenas algumas das muitas possibilidades que o crescente interesse pela urbanidade das favelas suscita. Como sugere Vieira (2008), as favelas não são uma exceção à urbanização no mundo. As favelas são um fenômeno absolutamente comum. Estudos comparados desvendando as espacialidades das instituições de cultura nas autourbanizações ou bairros pobres e periféricos teriam muito a contribuir para a compreensão dessa suposta outra cidade invisibilizada pela às vezes aparente uniformidade da malha urbana. A ONU-Habitat alertou que a migração para as cidades tenderá a se acentuar durante o século XXI. Isso significa que a questão habitacional continuará premente principalmente para países em desenvolvimento, que têm algumas das maiores cidades do mundo sem a universalização do direito à habitação de qualidade. Desse modo, a urbanização e a habitação devem crescentemente mobilizar a atenção das universidades que devem, por sua vez, aumentar sua capacidade de apresentar soluções. As equipes dos museus de favela já descobriram o tamanho do desafio que têm pela frente e são espaços de diálogo, circulação de novos valores e de protagonismo nesse processo. Como enfatizado, esta pesquisa acredita que a atuação conjunta entre moradores de favelas, setores públicos e a universidade contribuirá para criar cidades mais justas no futuro.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abong. (2017). MROSC na prática: guia de orientações para gestoras e gestores públicos e para organizações da sociedade civil (Estudo Jurídico) (pp. 1-28). Abong.
- Abreu, Regina. (2007). Comentário X. *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 15(2), 103–109.
- Abreu, Regina. (2008). Tal antropologia, qual museu? *Revista de Arqueologia e Etnologia*, 57(0), 121–143.
- Abreu, Regina. (2012). Colecionando museus como ruínas: Percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais. *Ilha*, 14(1), 17–35.
- Aguiar, Marcus V. C. (2018). Círculos de informação, produção corporativa do espaço urbano e a resistência da Vila Autódromo, Rio de Janeiro, RJ. *XIX Encontro Nacional de Geógrafos*, 1–13.

- Albernaz, Renata. O. (2020). Democracia e sistema de proteção do patrimônio cultural no Brasil. *Revista Direito, Estado e Sociedade*, 58(out-dez). <https://doi.org/10.17808/des.0.1438>
- Alessi, Gil. (2020, February 17). Roberto Alvim: Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. *El País Brasil*.
- Almeida, Armando, & Neto Paiva, Carlos B. (2017). Fomento à cultura no Brasil – desafios e oportunidades. *Políticas Culturais em Revista*, 10(2), 24.
- Almeida, Milena. C., & Cereda, Allan. M. (2017). História das políticas culturais para mulheres no Brasil. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 3(ed. especial), 142–153. <https://doi.org/10.23899/relacult.v3i2.426>
- Almendra, Renata S. (2016). Museus, modernidade e colonialidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 29(2), 1–14.
- Alvim, Martana. (2018, February 3). Das peças indígenas a fósseis: Os itens culturais brasileiros que estão ou correm risco de parar no exterior. *BBC Brasil*.
- Amaral, Lilian. (2019). Geopoética: A rua como museu. Cartografias artísticas, memória em deslocamento e contexto urbano iberoamericano contemporâneo. In E. Fiorin & H. Hirao (Eds.), *Cartografias da cidade*. ANAP.
- Anderson, Benedict. (1991). Census, map, museum. In *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism* (Revised, pp. 163–186). Verso. <https://doi.org/10.1080/1382557042000294701>
- Andrade, Igor H. (2017). Luz, câmera, captação: Uma análise dos mecanismos federais de fomento e incentivo ao audiovisual brasileiro após o fim da Embrafilme. *O Mosaico*, 0(15), 207–224. <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/1833>
- Andrade, Lucienne & Pereira, Rosa M. M. (2011). Diagnóstico socioambiental—Bairro Maré: Investigação dos aspectos que mais interferem na qualidade de vida dos moradores das comunidades que formam o bairro. *VIII ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, 1–11.
- Araújo, Helena M. M. (2012). *Museu da Maré: Entre educação, memórias e identidades* [Ph.D. dissertation]. PUC-Rio.

- Araújo, Helena M. M. (2017). Museu da Maré: Entre educação, memórias e identidades. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas*, 12(3), 939–949.
- Arruda, Zuleika. A., Aquino, Joyce., Bittencourt, Nadir. F. B., Silva, Arivan, & Sleutjes, Paulo. (2020). Descobrimos sabores, produzindo saberes: Uma proposta de ponto de memória da rapadura para a comunidade de Campo Alegre de Baixo (MT). In V. O. Jorge (Ed.), *Modos de fazer—Ways of making* (pp. 121–134). UniversCITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- Artistas protestam após decreto retirar museu na Casa das 11 Janelas. (2016, June 22). *G1*. <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/06/artistas-protestam-apos-decreto-retirar-museu-na-casa-das-11-janelas.html>
- Autran, Paula & Giannini, Alessandro. (2018, April 4). Manifesto de artistas e marchands critica venda de Pollock pelo MAM. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/cultura/manifesto-de-artistas-marchands-critica-venda-de-pollock-pelo-mam-22556555>
- Ballesteros, Cecília. (2015, July 20). Juca Ferreira: “Crise fez emergir lado reacionário da sociedade brasileira.” *El País Brasil*.
- Baptista, Jean & Boita, Tony. (2017). Museologia e comunidades LGBT: mapeamentos de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de Sociomuseologia*, 54(10), 29–56.
- Barbalho, Alexandre. (2017a). Em tempos de crise: O MinC e a politização do campo cultural brasileiro. *Políticas Culturais Em Revista*, 10(1), 23–46. <https://doi.org/10.9771/pcr.v10i1.22014>
- Barbalho, Alexandre. (2018b). Política cultural em tempo de crise: O Ministério da Cultura no governo Temer. *Revista de Políticas Públicas*, 22(1), 239–260. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v22n1p239-260>
- Barbosa, Frederico & Calabre, Lia (Eds.). (2011). *Pontos de cultura: Olhares sobre o Programa Cultura Viva*. Ipea.
- Barbosa, Regina S. & Giffin, Karen. (2007). Gênero, saúde reprodutiva vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(23), 549–567.

- Baron, Lia. (2019). Fomento às expressões culturais dos territórios periféricos: algumas experiências brasileiras. In L. Calabre & A. Domingues (Eds.), *Estudos sobre políticas culturais e gestão da cultura: análises do campo da produção acadêmica e de práticas de gestão* (pp. 237–251). Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Barre, Jorge. (2016). Vigilância festiva: O Rio de Janeiro dos megaeventos. *Revista ECO-Pós*, 19(1), 227–235.
- Beck, Ulrich. (2011). Cosmopolitanism as imagined communities of global risk. *American Behavioral Scientist*, 55(10), 1346–1361. <https://doi.org/10.1177/0002764211409739>
- Bengfort, Benjamin, & Kim, Jenny. (2016). The age of the data product. In *Data Analytics with Hadoop* (pp. 3–11). O'Reilly Media Inc.
- Betim, Felipe. (2018, September 16). Temer dá giro brusco em política para museus e provoca apreensão no setor. *El País Brasil*. [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536794618\\_094511.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536794618_094511.html)
- Bogado, Diana. (2019). O uso da dimensão social da memória como instrumento emancipatório em comunidades em situação de vulnerabilidade sociocultural. *Cadernos de Sociomuseologia*, 58(14), 61–106.
- Bogado, Diana, Manzano, Noel, & Solanas, Marta. (2019). Squatting as claiming the right to the city. In F. Venturini, E. Değirmenci & I. Morales (Eds.), *Social ecology and the right to the city: Towards ecological and democratic cities* (pp. 155–170). Black Rose Books.
- Boghossian, Cynthia O. (2009). *Participação e saúde na trajetória social de jovens da Maré*. [Ph.D. dissertation]. FioCruz.
- Boltanski, Laurent., & Thévenot, Luc. (1999). A sociologia da capacidade crítica. *European Journal of Social Theory*, 2(3), 359–377.
- Boltanski, Laurent, & Thévenot, Luc.. (2007). Finding one's way in social space: A study based on games. *Social Science Information*, 22(4–5), 631–680. <https://doi.org/10.1177/053901883022004003>
- Borré, Anna C. & Chagas, Mario S. (2019). Maré de Histórias: A contação de histórias como forma de perpetuação da memória nas favelas da Maré. *Revista Grafia*, 16(1), 193–204.



- Boullosa, Rosana F., Oliveira, Breyner R., Araújo, Edilson T. & Gussi, Alcides F. (2021). Por um anti-manual de avaliação de políticas públicas. *Revista Brasileira de Avaliação*, 10(1), 1–16.
- Braga, Carol. (2019, May 23). Museus para todos: Cinco pontos sobre as tendências da área. *Culturadoria*. <https://culturadoria.com.br/museus-para-todos-cinco-pontos-sobre-as-tendencias-da-area/>
- Brown, Amy. (2015). Philanthrocapitalism: Race, political spectacle, and the marketplace of beneficence in a New York city school. In B. Picower & E. Mayorga (Eds.), *What's race got to do with it? How current school reform policy maintains racial and economic inequality* (pp. 147–166). Peter Lang.
- Brulon, Bruno. (2015). A invenção do ecomuseu: O caso do écomusée du creusot montceau-les-mines e a prática da museologia experimental. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 21(2), 267–295. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267>
- Bussoletti, Denise M., & Moreira, Silvana A. (2015). Entrevista com o ministro da cultura Juca Ferreira. *Expressa Extensão*, 20(1), 8–12.
- Caldeira, Fátima. H. (2015). O mecanismo de busca do Google e a relevância na relação sistema-usuário. *Letrônica*, 8(1), 91–106.
- Cândido, Manuela G. S. (2018). *A arte e a educação como processos culturais: Uma luta por direitos humanos no Complexo da Maré* [Final examinations - research paper]. UFRJ.
- Carvalho, Ana P. R. (2019). Fotografando na resistência: Memória e visibilidade no caso da remoção da comunidade Vila Autódromo (RJ). *Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia*, 3(7), 29–44.
- Carvalho, Cíntia S. (2015). *A escuta de memórias nos labirintos da favela: Reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção* [Ph.D. dissertation]. PUC-Rio.
- Carvalho, Cíntia S. & Souza, Solange J. (2017). Escutadoras de memória: A experiência de aprender fazendo. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 5(10), 164–179.
- Carvalho, Cíntia, Pinto, Rita C. S., & Souza, Solange J. (Eds.). (2016). *Museu de Favela: Histórias de vida e memória social*. Rio Book.

- Carvalho, Carlos A. (2019). Narrativas sobre o golpe no Brasil: Acontecimento, jornalismo e disputa de sentido. *E-Compós*, 22(jan-dez), 1–23.
- Carvalho, Silmara K. P. (2019). “Luta, resistência e conquista”: A extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 8(16), 310–329. <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.27327>
- Ceia, Eleonora M. & Vasques, Raphael C. Q. (2017). As remoções forçadas na cidade do Rio de Janeiro à luz do Sistema Interamericano de Direitos Humanos. *EMERJ*, 20(79), 121–142.
- Cejas, Mónica I. (2006). Tourism in shantytowns and slums: A new “ Contact Zone ” in the era of globalization. *Intercultural Communication Studies*, 15(2), 224–230.
- Cerqueira, Amanda. P. C. (2018). Política cultura e “crise” no Governo Temer. *Novos Rumos*, 55(1), 1–17.
- Cesarino, Leticia (2021). Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: Uma explicação cibernética. *Ilha Revista de Antropologia*, 23(1), 73–96.
- Chagas, Mario, Primo, Judite, Storino, Cláudia, & Assunção, Paula. (2018). A museologia e a construção de sua dimensão social: Olhares e caminhos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 55(11), 73–102. <https://doi.org/10.36572/csm.2018.vol.55.03>
- Chagas, Mario. (2011). Museus, memórias e movimentos sociais. *Cadernos de Sociomuseologia*, 41(0), 5–16.
- Chagas, Mario. (2019). Imaginação museal e museologia social: Fragmentos. *Lugar Comum*, 56(0), 133–150.
- Chagas, Mario & Abreu, Regina. (2007). Museu da Maré: Memórias e narrativas a favor da dignidade social. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 3(0), 130–152.
- Chagas, Mario & Abreu, Regina. (2008). Un museo en la favela de la Maré: Memórias y narrativas en favor de la dignidad social. *Museos.Es - Revista de La Subdirección General de Museos Estatales*, 4(0), 98–111.
- Chagas, Viktor H.C. S. (2007). *Por que é cidadão o jornalista cidadão? Histórias das mídias e jornalismo cidadão de base comunitária na Maré* [Master’s thesis]. FGV.

- Chauí, Marilena. (2020). Democracia e sociedade autoritária. In J. A. de Castro & M. Pochmann (Eds.), *Brasil: Estado social contra a barbárie* (pp. 43–56). Fundação Perseu Abramo.
- Chong, Phillipa K. (2015). Playing nice, being mean, and the space in between: Book critics and the difficulties of writing bad reviews. In A. B. Antal, M. Hutter & D. Stark (Ed.), *Moments of valuation: Exploring sites of dissonance* (pp. 133–145). Oxford University Press.
- Clifford, James. (1997). Spatial practices: Fieldwork, travel, and the disciplining of anthropology. In A. Gupta & J. Ferguson (Eds.), *Anthropological locations* (pp. 185–259). University of California Press. <https://doi.org/10.1017/S0964028299260168>
- Coelho, Maria C. (2019). As emoções e o trabalho intelectual. *Horizontes Antropológicos*, 25(54), 273–297. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200011>
- Cogan, Andréa. (2018). *Museus: Um novo espaço de consumo* [Final examinations - research paper]. UFRGS.
- Concurso Ibram: Solicitação de 313 vagas avança no planejamento! (2019, February 14). *Gran Cursos Online*. <https://blog.grancursosonline.com.br/concurso-ibram/>
- Conselho Nacional do Ministério Público (Ed.). (2019). *A atuação do Ministério Público em face das organizações sociais de saúde*. CNMP.
- Contreiras, Henrique & Matta, Gustavo C. (2015). Privatização da gestão do sistema municipal de saúde por meio de Organizações Sociais na cidade de São Paulo, Brasil: Caracterização e análise da regulação. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(2), 285–297.
- Cordeiro, Maisa. B. S. (2018). Políticas públicas de fomento à leitura no Brasil: Uma análise (1930-2014). *Educação & Realidade*, 43(4), 1477–1497.
- Corrêa, Raphael M. C. (2011). Memória constituinte e movimento social: Lições de um museu popular. *Revista Estudos Hum(e)anos*, 2(0), 70–101.
- Costa, Carina M. (2010). Expor, reter, transformar e/ou projetar: Temporalidades em cena nos museus contemporâneos. *Cadernos CEDES*, 30(82), 415–420.
- Coutinho, Davison S. (2016). *Design, cultura material, artesanato e memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro* [Master's thesis]. PUC-Rio.

- Coutinho, Davison & Gamba Junior, Nilton G. (2018). Design e a semiologia da realidade na representação da favela: Análise da exposição Mulheres Guerreiras do Museu de Favela do Rio de Janeiro. *13º Congresso Brasileiro de Pesquisa & Desenvolvimento em Design*, 1–13.
- Cultura: Paraná participa da Semana Nacional de Museus. (2018, May 9). *Agência de Notícias do Estado do Paraná*. <https://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=98237&tit=Parana-participa-da-Semana-Nacional-de-Museus>
- Cury, Marília X. (2020a). Povos indígenas e Museologia—Experiências nos museus tradicionais e possibilidades nos museus indígenas. In B. B. Soares (Ed.), *Descolonizando a museologia—Museus, ação comunitária e descolonização* (Vol. 1, pp. 338–353). Icofom e Icom.
- Cury, Marília X. (2020b). Repatriamento e remanescentes humanos—Musealia, musealidade e musealização de objetos indígenas. *Em Questão*, 26(0), 14–42.
- De Lastic, Adélaide. (2014). *Que valent les valeurs?* L’Harmattan.
- Desvallées, André, & Mairesse, François. (2013). *Conceitos-chave de museologia*. In A. Desvallées & F. Mairesse (Eds.). Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado de Cultura.
- Dever, Maryanne. (2013). Provocations on the pleasures of archived paper. *Archives and Manuscripts*, 41(3), 173–182. <https://doi.org/10.1080/01576895.2013.841550>
- Dias, Alexandre, Jones, Christine, Nascimento, Diogo, Rosa, Isabella, Cotinin, Juliana, Cerqueira, Rodrigo, Rocha, Rony, Bento, Vânia, & Barbosa, Virgínia. (2018). Acervo musicológico comunitário e pesquisa-ação participativa: Perspectivas (auto)críticas. *Revista Brasileira de Música*, 32(2), 169–184.
- Doerfel, Marya L., Atouba, Yannick, & Harris, Jack L. (2017). (Un)Obtrusive control in emergent networks: Examining funding agencies’ control over nonprofit networks. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 46(3), 469–487. <https://doi.org/10.1177/0899764016664588>
- Duarte, Thaís L. (2020). “PCC em pauta”: Narrativas jornalísticas sobre a expansão do grupo pelo Brasil. *Dilemas*, 13(2), 505–532. <https://www.scielo.br/j/dilemas/a/WdyL78jVPT87RmYs54nSxLL/?lang=pt&format=pdf>

- Escudero, Sandra. (2018). Museo, constructor de ciudadanía / Museum: A citizenship builder. In B. Brulon Soares, K. Brown & O. Nazor (Eds.), *Defining museums of the 21st century: Plural experiences*. (pp. 75–80).
- Ewbank, Cecília O. (2019). O desaparecimento dos museus no Rio de Janeiro e a (re)existência do Museu Nacional. *Ventilando Acervos, Especial(1)*, 109–118.
- Fagerlande, Sergio M. R. (2015). Mobilidade e turismo em favelas cariocas. *Cadernos Virtuais de Turismo, 15(3)*, 346–361.
- Fagerlande, Sergio M. R. (2017). A favela é um cenário: Tematização e cenarização nas favelas cariocas. *Revista de Arquitectura, 19(1)*, 6–13.
- Fagerlande, Sergio M. R. (2016). Turismo no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho: Albergues e mobilidade na favela. *I Seminário Nacional de Turismo e Cultura*, 1–15.
- Falta de verba e de manutenção mantém 261 museus fechados no Brasil. (2018, September 4). *EBC*. <https://radios.ebc.com.br/reporter-nacional/2018/09/no-brasil-falta-de-verba-e-de-manutencao-numa-situacao-parecida-com-do>
- Ferreira, Carolina B. (2017). A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa. *Revista Percursos, 18(38)*, 196–207.
- Ferreira, Ingrid G. (2018). Megaeventos esportivos no Rio de Janeiro: Uma perspectiva histórica sobre as remoções. *XIX ENG - Encontro Nacional de Geógrafos*, 1–11.
- Ferreira, Ísis R. (2014). *Admirável MUF novo: Ativação digital do Museu de Favela do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo* [Final examinations - research paper]. UFRJ.
- Fonseca, Vivian. (2019). Escritos sobre políticas patrimoniais e a área de história: Um balanço preliminar sobre produções intelectuais. In L. Calabre & A. Domingues (Eds.), *Estudos sobre políticas culturais e gestão da cultura: Análise do campo da produção acadêmica e de práticas de gestão* (pp. 75–107). Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Foucault, Michel. (1987). O enunciado e o arquivo. In *A arqueologia do saber* (pp. 87–145). Forense-Universitária.
- Franciscato, Carlos. E. (2002). Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. *Anais Do 11º Encontro Anual Da COMPÓS - Associação Nacional Dos Programas de Pós-*

- Graduação Em Comunicação*, 1–18. <https://proceedings.science/compos-2002/papers/limites-teoricos-e-metodologicos-nos-estudos-sobre-a-noticiabilidade?lang=pt-br>
- Franco, Maria C. (2000). Quando nós somos o outro: Questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. *Educação & Sociedade*, 72(agosto), 197–230.
- Frazão, Fernando. (2015, December 22). Museu da República reabre quarto onde Getúlio se suicidou. *EBC*.
- Freire-Medeiros, Bianca. (2006). Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. *Estudos Históricos*, 38, 49–66.
- Freire-Medeiros, Bianca. (2009). *Gringo na laje: Produção, circulação e consumo da favela turística*. FGV.
- Friedrich Ebert Stiftung. (2016b). *Austeridade e retrocesso—Finanças públicas e política fiscal no Brasil*. Fundação Friedrich Ebert Stiftung, GT de Macro da Sociedade Brasileira de Economia Política e Plataforma Política Social. <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12834.pdf>
- Costa, Camila F., Medeiros, Igor B. O., & Bucco, Guilherme B. (2017). O financiamento da cultura no Brasil no período 2003-15: Um caminho para geração de renda monopolista. *Janeiro*, 51(4), 509–527. <https://doi.org/10.1590/0034-7612162254>
- Gamba Júnior, Nilton G. & Coutinho, Davison S. (2015). A criação de projetos locais em parceria com o Museu de Favela no Rio de Janeiro através da metodologia de percurso. *Revista Mix Sustentável*, 1(2), 108–115.
- Lopez, Félix G., & Abreu, Rafael. (2014). *A participação das ONGs nas políticas públicas: O ponto de vista de gestores federais*. Ipea.
- Geertz, Clifford. (1973). The impact of the concept of culture on the concept of man. In *Interpretation of Cultures: Selected Essays by Clifford Geertz* (pp. 33–54). Basic Books Inc. <https://doi.org/10.1007/BF00695328>
- Goff, Jacque. (1996). Documento/Monumento. In *História e memória* (pp. 535–553). Unicamp.
- Gonçalves, Carlos. (2017). Regiões, cidades e comunidades resilientes: Novos princípios de desenvolvimento. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 9(2), 371–385. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.009.002.ao15>

- Gonçalves, José R. S. (2007). *Antropologia dos objetos: Coleções, museus e patrimônios*. Iphan.
- Gondim, Linda M. P. (2005). VALLADARES, Lícia do Prado—A invenção da favela: Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 204 p. *Caderno CRH*, 18(45), 485–488. <https://doi.org/10.5585/EccoS.n29.3671>
- Gondim, Vânia. (2020). A construção de uma identidade missioneira em São Miguel das Missões. In T. S. Puglieri, D. M. Marchi, E. R. J. Knack, J. Brandt, I. Wagner & A. L. Bachettini (Eds.), *Estudos interdisciplinares em patrimônio jesuítico-guarani* (pp. 112–126). UFPel.
- Gouveia, Inês & Pereira, Marcelle. (2017). A emergência da museologia social. *Políticas Culturais em Revista*, 9(2), 726. <https://doi.org/10.9771/pcr.v9i2.16794>
- Gutterres, Analise S. (2016). O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na zona portuária do Rio de Janeiro. *Mana*, 22(1), 179–209. <https://doi.org/10.1590/0104-93132016v22n1p179>
- Hara, Tony & Pochapski, Gabriel J. (2021). Condomínio fechado: Paraíso cínico. *História: Questões & Debates*, 69(2), 137–154.
- Haraway, Donna. (1988). Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, 14(3), 575–599. <https://doi.org/10.2307/3178066>
- Harzing, Anne W., & Alakangas, Satu. (2016). Google Scholar, Scopus and the Web of Science: A longitudinal and cross-disciplinary comparison. *Scientometrics*, 106(2), 787–804. <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1798-9>
- Heitor, Gleyce. K. (2018). Museu plebeu: Digressões sobre o Museu da Beira da Linha do Coque (Recife-PE-Brasil). In B. B. Soares, K. Brown, & O. Nator (Eds.), *Definir los museos del siglo XXI: experiencias plurales* (pp. 99–104). Icom e Icofom.
- Heitor, Gleyce. K. (2019). Resistência e re-significação da luta pela cidade na experiência do Museu da Beira da Linha do Coque (PE). In *Revista Nava* 3(2), 115–134. <https://doi.org/10.34019/2525-7757.2018.v3.27947>
- Honorato, Mylena A.C. (2009). *Jornal "O Cidadão": Das ruas da Maré às ondas da blogosfera* [Final examinations - research paper]. UFRJ.

- Hutter, Michael, & Stark, David. (2015). Prognatist perspectives on valuation: An introduction. In A. B. Antal, M. Hutter, & D. Stark (Eds.), *Moments of valuation: Exploring sites of dissonance* (pp. 1–12). Oxford University Press.
- Ibram. (2011a). *Edital de concurso público nº 09 de 13 de outubro de 2011—Prêmio Pontos de Memória* (pp. 1-15). Ibram. <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/10/Edital-Pontos-de-Memoria.pdf>
- Ibram. (2011b). *Museus em números*. Ibram.
- Ibram. (2012). *Edital de seleção pública nº 09, de 16 de novembro de 2012—Prêmio Pontos de Memória* (pp. 1-18). Ibram. [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/05/Edital\\_Pontos-Memoria2012.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/05/Edital_Pontos-Memoria2012.pdf)
- Ibram. (2014a). *Edital de chamamento público nº 02/DDFEM de 18 de setembro de 2014—Prêmio Pontos de Memória 2014* (pp. 1-21). Ibram. [https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2014/10/Edital\\_PremioPontosdeMemoria\\_2014.pdf](https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2014/10/Edital_PremioPontosdeMemoria_2014.pdf)
- Ibram. (2014b). *Museus e a dimensão econômica: Da cadeira produtiva à gestão sustentável*. Ibram.
- Ibram. (2014c). *Museu e turismo: Estratégias de cooperação*. Ibram.
- Ibram. (2015). (129) *Colóquios Museológicos Ibram #1. Convidado: Ministro Juca Ferreira (MinC)—YouTube*. Colóquios Museológicos. <https://www.youtube.com/watch?v=jSGWcOzMPbl>
- Ibram. (2016a). *Edital de chamamento público nº 01/DPMUS, de 27 de outubro de 2016—Prêmio Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro* (pp. 1-14). Ibram. <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/Edital-PM-Rede-de-Museologia-RJ.pdf>
- Ibram. (2016b). *Relatório de gestão do exercício de 2015*. Ibram. [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/IBRAM-MinC-Relatorio-de-Gestao\\_TCU-2015-Versao-Final.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/IBRAM-MinC-Relatorio-de-Gestao_TCU-2015-Versao-Final.pdf)
- Ibram. (2017). *Relatório de gestão - Exercício 2016*. Ibram. [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Relatorio-Gestao-TCU-2016\\_Aprovado\\_versaofinal-econtas.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Relatorio-Gestao-TCU-2016_Aprovado_versaofinal-econtas.pdf)
- Ibram. (2018). *Relatório de gestão – Ano-Exercício 2017*. Ibram. [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/RelatorioGestao2017\\_Ibram.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/RelatorioGestao2017_Ibram.pdf)



- Ibram. (2019). *Relatório de gestão 2018*. Ibram. <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/Relatorio-de-Gestao-Ibram-2018-versao-final.docx.pdf>
- Ibram. (2021a). *Relatório de gestão – Exercício 2019*. Ibram. [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/Relatorio\\_de\\_Gestao\\_Ibram\\_\\_\\_Exercicio\\_2019.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/Relatorio_de_Gestao_Ibram___Exercicio_2019.pdf)
- Ibram (2021b). *Relatório de gestão – Exercício 2020*. Ibram. <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/Relatorio-de-Gestao-Ibram-2020.pdf>
- Ibram mostra que orçamento dos museus aumentou 980% no governo Lula. (2018, September 3). *Carta Capital*. <https://cartacampinas.com.br/2018/09/x-ibram-mostra-que-governo-lula-aumentou-em-980-o-orcamento-dos-museus/>
- Instituto Ricardo Brennand promove atividades sobre cultura indígena. (2015, September 21). *Diário de Pernambuco*. <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/09/instituto-ricardo-brennand-promove-atividades-sobre-a-cultura-indigena.html>
- Joseph, Gegê L. (2012). Insight Favela: A joint project between CAMOC and the Museu de Favela. *Museum International*, 64(1–4), 56–68.
- Lage, Celina. F. (2016). O papel do curador de arte na cibercultura: Projetando um museu virtual. In O. L. Machado (Ed.), *Universidade de ideias: Volume III* (Vol. 3, pp. 28–44). Perspectiva.
- Langone, Jorge, Gamba Junior, Nilton G., & Coutinho, Davison S. (2015). A criação de produtos locais em parcerias com o Museu de Favela no Rio de Janeiro através da metodologia do percurso. *SBDS 15 - 5º Simpósio de Design Sustentável*, 87–98.
- Leal, Aline. (2015, March 8). Campanha incentiva mulheres a serem felizes do jeito que são. *EBC*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-03/campanha-incentiva-mulheres-serem-felizes-do-jeito-que-sao>
- Lemov, Rebecca. (2018). On being psychotic in the South Seas, circa 1947. *History of the Human Sciences*, 31(5), 80–105. <https://doi.org/10.1177/0952695118811265>
- Liebaut, Marisa. (2012). L’artification du graffiti e ses dispositifs. In N. Heinich & R. Shapiro (Eds.), *De l’artification: Enquêtes sur le passage à l’art* (pp. 151–170). Éditions de l’EHESS.

- Liguori, Fernanda P. & González, Rubén C. L. (2018). Remoções no Rio de Janeiro: Conflitos de território e territorialidade para os megaeventos esportivos. *XV Coloquio Internacional de Geocritica*, 1–27.
- Lima, Antonio C. S., & Castro, João P. M. (2015). Notas para uma abordagem antropológica da(s) política(s) pública(s). *Revista Antropológicas*, 26(2), 17–54. <https://doi.org/10.1007/s00216-013-7450-8>
- Lima, Camila C. (2013). *Olimpíadas 2016 e a construção de um Novo Rio: O marketing do legado, as políticas públicas e as estratégias comunicacionais em torno das favelas e das remoções* [Master's thesis]. UFRJ.
- Lima Filho, Manoel, Abreu, Regina, & Athias, Renato (Eds.). (2016). *Museus e atores sociais: Perspectivas antropológicas*. Editora UFPE.
- Loitz, Christina C., Sterns, Jodie A., Fraser, Shawn N., Storey, Kate, Spence, John C. (2017). Network analysis of inter-organizational relationships and policy use among active living organizations in Alberta, Canada. *BMC Public Health*, 17(1), 1–13. <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4661-5>
- Lopes, Artur C. & Cortês, Marina M. (2014). Artes sonoras como estratégia para estudar a memória local: O caso do projeto Som da Maré. *XI Simpósio de Arte-Educação Dialogando com as tecnologias*, 3, 1–14.
- Lopes, Luiz G. (2019, August 22). Secretário Henrique Medeiros Pires pede exoneração da Cultura. *Correio Do Povo*.
- Lopez, Félix G. (2015). Evolução e perfil dos nomeados para cargos de confiança na administração pública federal (1999-2014)—Resultados preliminares. *Boletim de Análise Político-Institucional*, 0(8), 46–53.
- Lopez, Félix G. (2018). *Perfil das organizações da sociedade civil no Brasil*. Ipea.
- Lopez, Félix G., & Abreu, Rafael. (2014). *A participação das ONGs nas políticas públicas: O ponto de vista de gestores federais*. Ipea. <http://www.ipea.gov.br>
- Lopez, Félix, & Silva, Thiago M. (2019). Party filiation and appointment for positions in the Brazilian federal bureaucracy (1999-2018). *Revista de Administração Pública*, 53(4), 711–731. <https://doi.org/10.1590/0034-761220180387>

- Machado, Mônica. (2015). Polymedia e culturas juvenis: Estudo de caso em uma favela carioca. *Z Cultural*, 10(2), 1–8.
- Machado, Mônica. (2017a). A teoria da antropologia digital para as humanidades digitais. *Z Cultural*, 12(2), 1–7.
- Machado, Mônica. (2017b). *Antropologia digital e experiências virtuais do Museu de Favela*. Appris.
- Machado, Mônica & Soares, Antônia. (2018). Ativação e consumo digital no Museu de Favela. *Memória e Informação*, 2(1), 51–65.
- Machado, Sara M. (2021). Democracia em risco? Explorando a contribuição do ciberjornalismo para o fenômeno do filtro-bolha. *Observatório OBS*, 15(2), 83–99. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1730>
- Marcelo, Hernán. V. (2011). *Patrimônio cultural e turismo no Brasil em perspectiva histórica: Encontros e desencontros na cidade de Paraty*. [Ph.D. dissertation]. UFF.
- Marteleteo, Regina M. & Stotz, Eduardo N. (Eds.). (2009). *Informações, saúde e redes sociais: Diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré*. Fiocruz.
- Matais, Andreza. (2018, September 2). Responsável pelo Sistema Nacional de Museus deixou cargo sexta. *Política Estadão*. <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/responsavel-pelo-sistema-nacional-de-museus-deixou-cargo-sexta/>
- Medeiros, Anny K., Alves, Mário A., Farah, Marta F. S. (2015). Programa Cultura Viva e o campo organizacional da cultura: Análise de políticas públicas pela perspectiva institucionalista. *Revista de Administração Pública*, 49(5), 1215–1235. <https://doi.org/10.1590/0034-7612130337>
- Medrado, Andrea, Rega, Isabella, Souza, Renata, Callus, Paula, & Mukii, Ng'endo. (2018). Retrato de Marielle: A Rede eVozes e as conexões entre Brasil e Quênia na luta por direitos humanos. *XIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã*, 1–6.
- Mello, Janine, Pereira, Ana C. R., & Andrade, Pedro G. (2019). *Afinal, o que os dados mostram sobre a atuação das ONGs? Análise de transferências federais e projetos executados pelas organizações da sociedade civil no Brasil*. Ipea.

- Melo, Quésia & Muniz, Tácita. (2015, July 1). Acre tem mais museus cadastrados do que cidades, diz Instituto. *G1*. <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/07/acre-tem-mais-museus-cadastrados-do-que-cidades-diz-instituto.html>
- Menezes, Palloma V. (2008). Quando a favela se torna museu: Reflexões sobre os processos de patrimonialização e construção de uma favela carioca como destino turístico. *V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, 1–18.
- MinC. (2016). *Plano Nacional de Cultura - Relatório 2015 de acompanhamento das metas - 2ª edição* (p. 298). MinC. <http://pnc.cultura.gov.br/monitoramento-do-pnc/>
- MinC. (2017). *Plano Nacional de Cultura - Relatório 2016 de acompanhamento das metas - 2ª edição* (p. 277). MinC. <http://pnc.cultura.gov.br/monitoramento-do-pnc/>
- MinC. (2018). *Plano Nacional de Cultura - Relatório 2017 de acompanhamento das metas - 1ª edição* (p. 258). MinC. <http://pnc.cultura.gov.br/monitoramento-do-pnc/>
- MinC. (2019). *Plano Nacional de Cultura - Relatório 2018 de acompanhamento das metas - 1ª edição* (p. 273). MinC. <http://pnc.cultura.gov.br/monitoramento-do-pnc/>
- Ministro do Turismo explica transferência da Secretaria de Cultura para sua pasta. (2019, December 11). *Agência Câmara de Notícias*.
- Miranda, Cláudia & Araújo, Helena M. M. (2019). Memórias contra-hegemônicas e educação para as relações étnico-raciais: Práticas decoloniais em contextos periféricos. *Perspectivas*, 37(2), 378–397.
- Missão Unesco faz primeira visita ao Museu Nacional. (2018, September 13). *EBC*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/missao-da-unesco-faz-primeira-visita-ao-museu-nacional>
- MON tem programação especial na 13ª Primavera dos Museus. (2019, September 13). *Agência de Notícias Do Estado Do Paraná*. <https://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=103708&tit=MON-tem-programacao-especialna-13a-Primavera-dos-Museus>
- Moraes, Camila. (2015, May 3). “Trabalhamos com Dilma para que corte na Cultura não seja burro.” *El País Brasil*.

- Moraes, Camila. (2016). Turismo em favelas: Notas etnográficas sobre um debate em curso. *Plural*, 23, 65–93.
- Moraes, Camila. (2010a). Os caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. *Intratextos, Especial 1(0)*, 32–46.
- Moraes, Camila. (2010b). Turismo e o Museu de Favela: Um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, 4(1), 104–118.
- Moraes, Camila M. S. (2011). *Museu de Favela: Pensando turismo e patrimônio no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo* [Master's thesis]. UERJ.
- Motta, Eugênia. (2019). Resistência aos números: A favela como realidade (in)quantificável. *Mana*, 25(1), 72–94. <https://doi.org/10.1590/1678-49442019v25n1p072>
- MP da Agência Brasileira de Museus foi rejeitada pela Câmara. (2019, February 14). *Portal de Notícias do Senado Federal*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/02/14/mp-da-agencia-brasileira-de-museus-foi-rejeitada-pela-camara>
- Mudança do Paço das Artes para o Bom Retiro é estudada. (2016, June 30). *Veja São Paulo*. <https://veja.abril.com.br/cidades/paco-das-artes-bom-retiro-mudanca/>
- Murta, Marcelo L. (2019). Whose memories for which future? Favela museums and the struggle for social justice in Brazil. In *Museum activism* (pp. 232–244). Routledge.
- Museus de todo o país abrem as portas com programação especial. (2017, September 18). *ABC do ABC*. <https://www.abcdoabc.com.br/brasil-mundo/noticia/museus-todo-pais-abrem-portas-programacao-especial-55238>
- Museus em alta: 1º semestre de 2019 tem recordes de público pelo Brasil. (2019, August 12). *G1*.
- Nakato, Natália & Jorente, Maria J. V. (2017). Um modelo de inovação *bottom up*: Museu de Favela (MUF). *Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, 19(2), 236–259.
- Nascimento, Aline. (2019, May 18). Dos 24 museus listados no Acre, nove estão fechados e três precisam de revitalização. *G1*. <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2019/05/18/dos-24-museus-listados-no-acre-nove-estao-fechados-e-tres-precisam-de-revitalizacao.ghtml>
- Nora, Pierre. (1993). Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto*, 10(dez.), 1–28.

- Nova agência para administração de museus é criticada por especialistas. (2018, September 11). *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/rio/nova-agencia-para-administracao-de-museus-criticada-por-especialistas-23060728>
- Nunes, Pablo. (2016). Segurança pública e política no Rio de Janeiro: Os atores políticos da pacificação. *Revista Agenda Política*, 4(1), 11–41.
- O'Donnell, Julia G. (2011). *Um Rio Atlântico: Culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana*. [Ph.D. dissertation]. UFRJ.
- O'Dwyer, Eliane C. (2019). Territórios em disputa e a prática profissional do antropólogo. In I. Tamasso, R. S. Gonçalves & S. Vassallo (Eds.), *Antropologia da esfera pública: Patrimônios culturais e museus* (pp. 299–315). Imprensa Universitária.
- OEI-Ibram. (2016). *Pontos de Memória: Metodologia e práticas em Museologia Social*. Phábrica.
- Oikonomakis, Leonidas, & Roos, Jérôme E. (2016). A global movement for real democracy? The resonance of anti-austerity protest from Spain and Greece to Occupy Wall Street. In M. Ancelovici, P. Dufour, H. Nez. (Eds.), *Street politics in the age of austerity: From the indignados to Occupy* (pp. 227–250). Amsterdam University Press.
- Oliveira, Luiz A. (2020). Políticas culturais ou de identidade a noção de cultura na esfera pública como categoria política do. *Anuário de Antropología Iberoamericana*, 6(0), 1–15.
- Oliveira, Patrícia M. B. T. (2015). *Apropriações e invenções: A experiência dos museus comunitários do México (1958/1993)*. [Master's thesis]. UFRGS.
- Oliveira, Thamires R. (2019). *Conservação e memória: O conjunto de fichas cadastrais de moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda do Museu da Maré* [Final examinations - research paper]. UFRJ.
- Paiva, Carlos. (2016). Notas sobre os atuais desafios do fomento à cultura no Brasil. In *Amazônia, cultura e cena política no Brasil* (pp. 23–34). NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos.
- Paulo Amaral será o novo presidente do Instituto Brasileiro de Museus. (2018, December 28). *Jornal Bom Dia*. <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/27558/paulo-amaral-sera-o-novo-presidente-do-instituto-brasileiro-de-museus>

- Pellegram, Andrea. (1998). The message in paper. In D. Miller (Ed.), *Material cultures: Why some things matter* (pp. 103–132). University College London.
- Pereira, Júnia S. & Miranda, Sônia R. (2014). Por que seguir pensando, hoje em dia, nas conexões entre práticas de memória, patrimônio e ensino de história? *Revista História Hoje*, 3(6), 11–18.
- Pereira, Marcele. R. N. (2020). Política pública de direito à memória: Apontamentos sobre a trajetória do Programa Pontos de Memória. *Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Ciência Da Informação Da Universidade de Brasília*, 9(17), 111–128. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.29714>
- Pereira, Marcele R. N. (2018). *Museologia decolonial: Os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal* [Ph.D. dissertation]. ULHT.
- Pereira, Marcelle & Gouveia, Inês. (2016). A emergência da museologia social. *Política Cultural Revista*, 9(2), 726–745.
- Pessoa, Daniela (2017, June 10). Google lança exposições on-line com acervo histórico de moda. *Veja Rio*. *Veja Rio*. <https://vejario.abril.com.br/cidade/google-lanca-exposicoes-virtuais-com-acervo-historico-de-moda/>
- Piimintel, Pedro C., Nichols, Bruno W. & Quevedo, Josemari P. (2017). Do vazamento de um discurso à posse do Governo Interino: O marketing político de Michel Temer. *Compólitica 7 - Democracia Em Crise? Mídia, Opinião Pública e Instituições Do Brasil Contemporâneo*, 1–23.
- Pinheiro, Alan B., Motta, Eugênia, Benetti, Pablo C., & Matiulli, Thiago. O. L. (Eds.). (2017). *Complexo do Alemão: Uma bibliografia comentada*. UFRJ, PROURB: Instituto Raízes em Movimento.
- Pires, Vladimir S. (2014). *Museu-monstro: Insumos para uma museologia da monstruosidade* [Master's thesis]. UFRJ.
- Pires, Vladimir S. (2016). Os museus e o “levante da multidão”: Desafios contemporâneos. *Informal Museology Studies*, 12(0), 8–26.
- Pires, Vladimir S. (2017). Museus, ação e multidão: Para além da “obra aberta.” *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 10(1), 1–22.

- Platonow, Vladimir. (2019, May 14). Obras de reconstrução do Museu Nacional começam este ano, diz diretor. *EBC*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-05/obras-de-reconstrucao-do-museu-nacional-comecam-este-ano-diz-diretor>
- Portilho, Aline. S. (2016). *Das belezas que emanam dos jardins suspensos de Ipanema e Copacabana: Políticas governamentais, demandas por memória e produção do espaço no Museu de Favela do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo* [Ph.D. dissertation]. FGV.
- Possamai, Zita R. (2010). Museu da cidade: Um agente de mudança social e desenvolvimento? *Museologia e Patrimônio*, 3(2), 36–41.
- Quase 29 milhões de pessoas visitaram museus em 2016. (2017, October 10). *Rede Brasil Atual*. <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2017/10/quase-29-milhoes-de-pessoas-visitaram-museus-em-2016/>
- Raposo, Otávio. (2013). *Coreografias da amizade: Estilos de vida e segregação entre os jovens do break dance da Maré* [Ph.D. dissertation]. Iscte-IUL.
- Raposo, Otávio. (2014). Estética e sociabilidade entre os b-boys da Maré. Driblando as fronteiras do tráfico. *Ponto Urbe*, 14(0), 1–19.
- Raposo, Otávio. (2015). Laboratório de cidadania: Criatividade e resistência nas favelas da Maré. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 31(0), 70–84.
- Rego-Fagerlande, Sérgio. M. (2018). Grandes eventos esportivos no Rio de Janeiro: Impactos nas favelas. *Revista Bitácora Urbano Territorial*, 28(2), 143–151.
- Reis, Gabrielle A. (2019). O território como estratégia de memória: Museus de território. *XIII ENAN-PEGE - Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia*, 1–13.
- Relatora, Lídice da Mat contraria governo e se manifesta contra extinção do Instituto Brasileiro de Museus. (2018, December 5). *Portal de Notícias Do Senado Federal*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/12/05/relatora-lidice-da-mata-contraria-governo-e-se-manifesta-contr-extincao-do-instituto-brasileiro-de-museus>
- Rennó, Izabel T. C. (2015). Museum of the Mare: New repertoires of contestation in the favelas of Rio de Janeiro. *XVI ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, 1–17.



- Resende, Leandro. (2018, December 4). Lei Rouanet: Em 10 anos, museus só receberam um terço do que pediram para preservar acervos. *Agência Lupa*. <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/12/04/museu-acervo-lei-rouanet/>
- Rezende, Eron. (2015, November 16). “Museu fechado à elite não serve ao Brasil”, diz Herkenhoff. *A Tarde*. <https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1726923-museu-fechado-a-elite-nao-serve-ao-brasil-diz-herkenhoff>
- Ribas, Cristina T. (2018). Negar cuidado: Cuidados reprodutivos e o cuidado como direito. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 5(0), 1–15.
- Ribeiro, Antonio, & Gasparini, Max F. V. (2021). Para decolonizar a avaliação: Uma análise crítica a partir da teoria da decolonialidade. *Revista Brasileira de Avaliação*, 10(1), 1–9.
- Ribeiro, Cláudia R. (2006). *Maré: A invenção de um bairro* [Professional Master’s thesis]. FGV.
- Ribeiro, Cláudia R. (2008). Cabelos e memórias no Museu da Maré: Reflexões sobre os usos e significados do pente quente. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 40(0), 261–276.
- Ribeiro, Hugo L. & Brasil, Mário L. (Eds.). (2016). *Programa Cultura Viva: Impactos e transformações sociais*. OPCULT - Observatório de Políticas Públicas Culturais.
- Rodrigues, Fernanda S.F. (2013). Pensando o graffiti como atrativo turístico: O olhar do grafiteiro e o caso do circuito Casas-Telas em Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (RJ). *Revista Itinerarium*, 1(0), 1–30.
- Rodrigues, Fernanda S. F. (2015). *Registros de memória em arte fugás: O graffiti das Casas-Tela no Museu de Favela (2010-2014)* [Master’s thesis]. Unirio.
- Rodrigues, Rita C. C., & Morando, Luís. (2020). Museu Bajubá: Uma proposta de cidadania cultura para pessoas LGBTI+. In B. B. Soares (Ed.), *Descolonizando a Museologia: Museus, ação comunitária e descolonização* (pp. 312–323). Icofom e Icom.
- Rubim, Antonio A. C. (2017). Dilemas da cultura e democracia no Brasil contemporâneo. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 4(2), 53-68 | 69-84. <https://doi.org/10.21814/rlec.241>
- Rubim, Antonio A. C. (2020). La acción político-cultural de la administración Messias Bolsonaro. *ALTERNIDADES*, 30(60). <https://doi.org/10.24275/uam/izt/dcsh/alt/2020v30n60/Canelas>

- Rubim, Antonio. A. C., Barbalho, A., & Calabre, L. (Eds.). (2015). *Políticas culturais no governo Dilma*. EDUFBA.
- Rubim, Antonio. A. C., & Vasconcelos, Fernanda P. (Eds.). (2017). *Financiamento e fomento à cultura nas regiões brasileira*. EDUFBA.
- Rubim, Antonio A. C., Barbalho, Alexandre, & Calabre, Lia (Eds.). (2015). *Políticas culturais no governo Dilma*. EDUFBA.
- Rubin, Nani. (01/122016). Museu Internacional de Arte Naïf fecha as portas este mês. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/museu-internacional-de-arte-naif-fecha-as-portas-este-mes-20575444>
- Sader, Emir. (Org. ). (2013). 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. *10 Anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*.
- Saladino, Alejandra. (2018). Usos e funções do plano museológico: Algumas notas sobre a diversidade museal carioca. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 50(0), 184–200.
- Sampaio, Cristiane. (2018, April 5). “Museus brasileiros batalham por apoio”, afirma diretora do Ibram. *Brasil de Fato*. <https://www.brasilefato.com.br/2018/09/05/museus-brasileiros-batalham-por-apoio-afirma-dirigente/>
- Sancho, Benílson M. L. (2017). Maré de Cidadania: Uma experiência pedagógica com alunos da escola pública no Museu da Maré. *Revista Percursos*, 18(36), 300–314.
- Santos, Angélica H. C. (2017). *Entre a comunidade e a cidade: Os desafios para a escolarização de alguns jovens da Maré* [Final examinations - research paper]. UFRJ.
- Santos, Bárbara da P. F. (2019). *Cidade desviante: Atuações táticas na esfera urbana, das derivas à site-specific* [Master's thesis]. UERJ.
- Santos, Larissa C., & Fernandes, Fábio F. (2020). Desafios à preservação da memória cultural no Brasil: Um estudo no município de São Borja/RS. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 9(1). <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.9120208566>
- Santos, Marcelo A. P. S. (2019). Políticas culturais, um campo em formação: Explorações sociológicas a partir de metodologias informacionais e cientométricas. In *Estudos sobre políticas culturais*

- e gestão da cultura: Análise do campo da produção acadêmica e de práticas de gestão* (pp. 51–74). Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Santos, Myrian. S. (2011). Museus, liberalismo e indústria cultural. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(3), 189–198. <https://doi.org/10.4013/csu.2011.47.3.01>
- Santos, Fabiano, & Tanscheit, Talita. (2019). Quando velhos atores saem de cena: A ascensão da nova direita política no Brasil. *Colombia Internacional*, 99(0), 151–186. <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>
- Santos, Rita C. (2014). Becos e vielas do Museu de Favela. *Cadernos do CEOM*, 27(41), 329–336.
- Santos, Suzy S. (2017). *Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: Estudo exploratório de possibilidades museológicas*. [Master's thesis]. USP.
- Secult. (2021). *Plano Nacional de Cultura: Relatório 2019 de acompanhamento das metas - 1ª edição* (p. 265). Secult.
- Secretaria-Geral da Presidência da República. (2012). *Relatório final do Grupo de Trabalho: Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil* (pp. 1-23). Secretaria-Geral da Presidência da República.
- Seldin, Cláudia. (2008). *As ações culturais e o espaço urbano: O caso do Complexo da Maré no Rio de Janeiro* [Master's thesis]. UFRJ.
- Seldin, Cláudia. (2013). Cidade, cultura, participação e política: Notas sobre a complexidade cultural do espaço urbano carioca. *SICYurb - Proceedings of the Second International Conference of Young Urban Researchers, II*, 163–180.
- Seldin, Cláudia, Vaz, Lílian F. & Barros, Caio C. A. (2019). A resistência em espaços resultantes dos megaeventos: Apropriações insólitas através da cultura. *XVIII ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Planejamento Urbano Regional*, 1–17.
- Serra da Capivara é um patrimônio mundial, diz presidente do Iphan no PI. (2017, January 24). *G1*. <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2017/01/serra-da-capivara-e-um-patrimonio-mundial-diz-presidente-do-iphan-no-pi.html>
- Servidores do Ibram criticam criação de agência para cuidar de museus. (2018, September 11). *EBC*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/servidores-do-ibram-criticam-criacao-de-agencia-de-museus>

- Shapiro, Roberta, & Heinich, Nathalie. (2013). Quando há artificação?. *Revista Sociedade e Estado*, 28(1), 14–28.
- Shuen, Li-Chang. (2019). Jornalismo adversário: A crise do segundo mandato de Dilma Rousseff na capa do jornal. *E-Compós*, 22(jan-dez), 1–21.
- Pires, Vladimir S. & Chagas, Mario S. (2018). Território, museus e sociedade. In V. S. Pires & M. Chagas (Eds.). *Território, museus e sociedade* (pp. 9–24). Unirio; Ibram.
- Silva, Carlos E. G. & Pinto, Rita de Cássia S. (2012). *Circuito das Casas-Tela: Caminhos de vida no Museu da Favela* (Loureiro, Katia A. S., Ed.). Ministério da Cultura.
- Silva, Cláudia R. R. & Peregrino, Miriane C. (2014). Experiências de ações educativo-comunitárias no Museu da Maré. *História Hoje*, 3(6), 155–180.
- Silva, Ana C. S. (2016). Políticas públicas de memória e museologia social: Os Pontos de Memória no Brasil. In *Amazônia, cultura e cena política no Brasil* (pp. 47–53). NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos.
- Silva, Ana C. S., Santos, Maria. K. B. & Figueredo, Sílvio. J. L. (2018). Memória, patrimônio e museus no contexto do bairro da terra firme: Um roteiro interativo/perceptivo em bairro pobre de Belém/PA. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 2(27/28), 357–361.
- Silva, Diana B. C. (2017). *“Museu das Remoções” potencia de resistencia creativa y efectiva como respuesta sociocultural a Rio de Janeiro en mega eventos* [Ph.D. dissertation]. Universidad de Sevilla.
- Silva, Elionalva S. S. (2006). *Ampliando futuros: O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré* [Master’s thesis]. FGV.
- Silva, Frederico A. B. (2017). *Financiamento cultural no Brasil contemporâneo*. Ipea.
- Silva, Frederico A. B. & Araújo, Herton E. (2010). *Cultura Viva: Avaliação do programa Arte, Educação e Cidadania*. Ipea.
- Silva, Lílian A. (2012). *Museu e turismo: Instrumentos de negociação de cidadania?* [Master’s thesis]. UFPE.

- Silva, Marcia. C. (2019). *Territórios culturais periféricos: Análise da lei do Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo* [Certificate Program – research paper]. USP.
- Simões, Débora. (2017). *Museus comunitários no Brasil: Descolonizando o pensamento museológico*. 3(Edição Especial), 1–12.
- Simon, Véronique K. & Braathen, Einar. (2019). Collective heritage and urban politics: An uncertain future for the living culture of Rio de Janeiro? *International Journal of Heritage Studies*, 25(4), 380–394.
- Soares, Bruno B. (2019). Museus, patrimônios e experiência criadora: Ensaio sobre as bases da museologia experimental. *Museu e Patrimônio*, 1(0), 199–231.
- Souza, Renata. (2014). Maré: A rua inspira a maresia do espírito comum. *XII Congresso da ALAIC - Associação Latinoamericana de Investigação da Comunicação*, 1–21.
- Stock, Mathis & Lucas, Léopold. (2012). La double révolution urbaine du tourisme. *Espaces et Sociétés*, 3(151), 15–30.
- Talbot, Adam. (2019b). Talking about the “rotten fruits” of Rio 2016: Framing megaevent legacies. *International Review for the Sociology of Sport*, 56(1), 20–35.
- Tanaka, Giselle, Oliveira, Fabrício L., Sánchez, Fernanda, Bienenstein, Regina, Bienenstein, Glauco, Vainer, Carlos, Cosentino, Renato, Medeiros, Mariana, & Monteiro, Poliana (Eds.). (2018). *Viva a Vila Autódromo: O Plano Popular e a luta contra a remoção*. Letra Capital.
- Tarcia, Lorena. (2018, September 15). Museus e centros de ciência discutem futuro após incêndio no Museu Nacional. *Minas Faz Ciência*. <https://minasfazciencia.com.br/2018/09/15/museus-e-centros-de-ciencia-discutem-futuro-apos-incendio-no-museu-nacional/>
- Teixeira, Carla C., & Lobo, Andréa S. (2018). Pesquisa como função de Estado? Reflexões etnográficas sobre uma instituição in between. *Mana*, 24(2), 235–277. <https://doi.org/10.1590/1678-49442018v24n2p235>
- Trombini, Igor F. (2016). A dialógica entre realidade e conhecimento com alunos e alunas do Complexo da Maré: O Teatro do Oprimido como abordagem etnográfico. *X Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea: Desafios e Propostas*, 1–14.

- Turino, Célio. (2005). Por uma cultura viva desescondendo o Brasil profundo. *Revista Rio de Janeiro*, 15(jan.-abr.), 135–139.
- Turino, Célio. (2010a). *Ponto Cultura: O Brasil de baixo para cima* (2<sup>a</sup> ed). Anita Garibaldi.
- Turino, Célio. (2010b). Ponto de cultura: A construção de uma política pública. *Cadernos CENPEC*, 7(0), 23–31.
- Valladares, Lícia. (2000). A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15(44), 05–34. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300001>
- Vargas, João. H. C. (2006). When a favela dared to become a gated condominium: The politics of race and urban space in Rio de Janeiro. *Latin American Perspectives*, 33(4), 49–81.
- Varine, Hugues. (2014). O museu comunitário como processo continuado. *Cadernos do CEOM*, 27(41), 25–35.
- Veiga, Juliana L. T. (2017). *A experiência da Rede de Museologia Social do RJ no fortalecimento de políticas de direito à memória das comunidades* [Master's thesis]. UFF.
- Velho, Gilberto. (2006). Patrimônio, negociação e conflito. *Mana*, 12(1), 237–248.
- Venâncio, Alex R. & Barros, Joyce M. G. (2019). O museu brasileiro, seus quereres e poderes, para uma improvável definição: O caso do Museu das Remoções. In B. B. Soares, K. Brown & O. Nator (Eds.), *Definir os museus do século XXI: experiências plurais* (pp. 105–111). Icofom.
- Versiani, Maria H. (2015). Pesquisa e museus. *XXVIII Simpósio Nacional de História*, 1–11.
- Vianna, Cátia M. S. V. (2014). Práticas culturais em museus: Educação continuada para professores de EJA. *Revista Teias*, 15(35), 108–131.
- Vianna, Cátia M. S. V. (2017). Professores e estudantes da EJA: Reflexões sobre concepções e percepções de práticas culturais em museus. *IX Seminário Internacional As Redes Educativas e Tecnologias*, 1–13.
- Vieira, Antônio C. P. (2007). Maré: Casa e museu, lugar de memória. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 3(0), 153–160.

- Vieira, Antônio C. P. (2008a). *Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço na Maré* [Master's thesis]. Unirio.
- Vieira, Antônio C. P. (2008b). Maré: Casa e museu, lugar de memória. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 3(0), 153–160.
- Vieira, Antônio C. P. (2006). Da memória ao museu: A experiência da favela da Maré. *XII Encontro Regional de História*, 1–9.
- Vieira, Antônio C. P, Silva, Cláudia R. R., & Oliveira, Luiz A. (2010). The Maré Museum: An integrated project of community development. *Cadernos de Sociomuseologia*, 38(0), 263–270.
- Vieira, Isabela. (2018, January 27). Pezão sanciona lei e museu da escravidão pode ser lançado no Dia da Abolição. *EBC*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018-01/inauguracao-de-museu-sobre-escravidao-no-rio-marcara-130-anos-da-abolicao>
- Vieira, Marina C. (2019). A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios botocudos: Performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. *Horizontes Antropológicos*, 53(0), 317–357.
- Vieira Neto, João. P., & Pereira, Eliete. (2017). Povos indígenas no Brasil , museus e memória: Questões emergentes. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 5(setembro), 50–60.
- Vilela, Pedro R. (2019, January 11). “Política cultural do Bolsonaro é anticultural”, afirma ex-secretário. *Brasil de Fato*.
- Virgílio, Paulo. (2016, April 26). Exposição Paisagens Culturais é tema da Semana Nacional de Museus em Niterói. *EBC*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-04/museu-do-inga-inaugura-mostra-paisagens-culturais-tema-da-semana-de-museus>
- Waismann, Artur P. (2017). *Modelos de financiamento da cultura no Brasil: Crowdfunding como alternativa?* [Final examinations - research paper]. UFRGS.
- Wasen, Marcelo. (2015). Dilemas da arte colaborativa: Nomadismos, nivelamento relacional e coletividades. *Outra Travessia*, 19(0), 121–142.
- Yamanaka, Juliana H. C. (2020). Ponto de Memória Museu do Taquaril: Sua memória faz parte desta história. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, 29(1), 50–66.

Zambon, Pedro S., & Carvalho, Juliano. M. (2017). Origem e evolução das políticas culturais para jogos digitais no Brasil. *Políticas Culturais em Revista*, 10(1), 237–260.

<https://doi.org/10.9771/pcr.v10i1.18226>

Zanella, Daniel. (2018, September 4). Museus brasileiros convivem com cupins, goteiras e reformas.

*Gazeta Do Povo*. <https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/museus-brasileiros-convivem-com-cupins-goteiras-e-reformas-interminaveis-ejp7cdbwzkb2whhcvoju1sn/>



# iscte



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Museus de favela e dinheiro são “palavras rivais”? Dinâmicas do financiamento para projetos comunitários no período de 2015 a 2019**

Márcia Regina Lopes

Doutoramento em Estudos Urbanos

Orientadoras:

Dra. Teresa Maria Madeira da Silva, Professora Associada do  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Ista  
Instituto Universitário de Lisboa – Iscte

Dra. Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta, Professora  
Associada do Instituto de Estudos Sociais e Políticos – Iesp  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

dezembro, 2021

# iscte



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Museus de favela e dinheiro são “palavras rivais”? Dinâmicas do financiamento para projetos comunitários no período de 2015 a 2019**

Márcia Regina Lopes

Doutoramento em Estudos Urbanos

Júri:

Dra. Teresa Costa Pinto, Professora Associada, Instituto  
Universitário de Lisboa (Presidente)

Dr. Paulo Peixoto, Professor Associado com Agregação,  
Universidade de Coimbra

Dr. Octávio Ribeiro Raposo, Professor Auxiliar Convidado,  
Instituto Universitário de Lisboa

Dr. Luís Vicente Baptista, Professor Catedrático, Universidade  
Nova de Lisboa

Dra. Eugênia Motta, Professora Associada, Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro

dezembro, 2021

**ANEXOS**

### 1.1 Fichas catalográficas com o GSRank 200 do Museu da Maré

Nº	1
Referência	B Freire-Medeiros, "Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus", <i>Revista Estudos Históricos</i> (bibliotecadigital.fgv.br, 2006).  CHICAGO STYLE  Freire-Medeiros, B 2006, 'Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus', <i>Revista Estudos Históricos</i> , bibliotecadigital.fgv.br  HARVARD
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Não contém
Localização	<a href="http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266/1405">http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266/1405</a>
Observações	“ Neste artigo, focalizo duas experiências recentes que nos ajudam a refletir sobre uma das ressignificações semânticas por que tem passado a favela carioca: aquela que a sugere como patrimônio da cidade. Para tanto, comparo os processos de implementação do Museu a Céu Aberto do Morro da Providência, instituído pela Prefeitura do Rio de Janeiro em agosto de 2005, e do Museu da Maré, que, por iniciativa dos moradores locais e com apoio do Governo Federal, veio a ser inaugurado em maio de 2006.”50

Nº	2
Referência	Poets, D 2020, 'Curating against militarization: the politics of life in Rio de Janeiro's Museu da Maré', <i>Critical Military Studies</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Since at least the 1980s, policy, research, and common-sense depictions have associated Rio de Janeiro's <i>favelas</i> with problems of gang violence, governance vacuum (state absence), and crisis. Within this discourse, <i>favelas</i> are constructed as spaces of exception, whose racialized residents are stripped of legal status and marked by a politics of death. Such imageries also constitute an archive of fear that has discursively-affectively upheld the city's growing militarization. This article turns to the counter-hegemonic community museum of Maré ( <i>Museu da Maré</i> ), a complex of 16 <i>favelas</i> in Rio's North Zone, to demonstrate how it interrupts militarization's affective-discursive underpinnings. I focus on two facets of this interruption. Firstly, the <i>Museu da Maré</i> embraces a politics of life that suspends the conditions of possibility for a militarized/necrophile knowledge production about <i>favelas</i> that reproduces the idea that <i>favelas</i> are over-determined by the state of exception and a politics of death. Secondly, the museum, in affectively curating how the community

	experiences fear, breaks with how fear circulates in the city, undoing how it 'sticks' to <i>favelas</i> and their residents as the always potential perpetrators of violence. Beyond a project of resistance, I argue that the <i>Museu da Maré</i> foregrounds a politics of the future.
Palavras-chave	Museu da Maré, favelas, militarization, affect, emotion
Disciplina	Department of Political Science
Localização	<a href="https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23337486.2020.1771940">https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23337486.2020.1771940</a>
Observações	Verificar como fazer visto que a maioria dos artigos estará em português. Talvez considerar somente as produções nacionais. Ou fazer por blocos. Textos em português, textos em inglês e assim por diante.

Nº	3
Referência	Araújo, HMM 2017, 'Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades', <i>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências ...</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Entrelaçando memória, espaços educativos não formais e identidade, a análise da dimensão educativa do Museu da Maré, no Rio de Janeiro, revela a possibilidade de fortalecimento identitário de grupos populares através da valorização e da resignificação da história, bem como da construção das memórias locais. O Museu da Maré gera visões 'de nós e dos outros', estabelecendo um jogo sutil e constante entre identidades e alteridades em suas memórias construídas e em histórias narradas em um museu contra-hegemônico, segundo conceito de Boaventura de Souza Santos.
Palavras-chave	Museu da Maré; Espaços educativos não formais; Museologia social
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222017000300939&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222017000300939&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt</a>
Observações	

Nº	4
Referência	Santos, PA Dos 2012, 'Museu da Maré: A Museum Full of Soul', <i>Curator: The Museum Journal</i> , Wiley Online Library
Tipologia documental	Artigo
Resumo	This article examines new developments taking place in Brazil, which shed light on ways museums can contribute to solving social problems in the twenty-first century. Museums bear the challenge of reinventing the logic of community engagement in increasingly unstable and unequal urban contexts. The Museu da Maré is the first museum to be established in a <i>favela</i> (slum) in Rio de Janeiro. It is a grassroots initiative that connects the memories of neighborhood participants with a philosophy of intense social activism. The article will explore how this museum seeks to organically adapt itself to the social demands of the <i>favela</i> inhabitants and other relevant stakeholders. Particularly interesting are the new ways in which the museum uses exhibitions and collections to foster a symbiotic relationship with the local community.

Palavras-chave	Não foi possível baixar as palavras-chaves. É de acesso pago.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.2151-6952.2011.00118.x">https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.2151-6952.2011.00118.x</a>
Observações	Não foi possível baixar as palavras-chave porque o jornal é de acesso pago.

Nº	5
Referência	Videla, MLZ 2009, 'Museu da Maré: memórias e (re) existências', <i>Horizontes Antropológicos</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Resenha
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não entra porque é resenha de vídeo. Não se enquadra nas tipologias documentais.

Nº	6
Referência	Araújo, HMM 2012, 'Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades', <i>Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica</i> ,
Tipologia documental	Tese
Resumo	A pesquisa entrelaça memória, espaços educativos não formais e identidade. O objetivo central é analisar a dimensão educativa do Museu da Maré no Rio de Janeiro e suas possibilidades de contribuição para o fortalecimento identitário de grupos populares através da valorização e ressignificação da história e da construção das memórias locais. Abordo o conceito, os pressupostos teóricos e desafios dos museus comunitários como espaços educativos não formais, enfocando como estudo de caso o Museu da Maré. Os museus comunitários e ecomuseus emergem no Rio de Janeiro com o Ecomuseu de Santa Cruz em 1983, porém ganham visibilidade com o Museu da Maré a partir de 2006, por ser este o primeiro museu de favela no Brasil criado pela própria comunidade. O quadro teórico baseou-se para o conceito de memória, principalmente em Paul Ricoeur, Jacques Le Goff e Beatriz Sarlo. Para o de identidade utilizamos Stuart Hall, Manuel Castells, Vera Maria Candau e Tomaz Tadeu da Silva. Para espaços educativos não formais privilegiei Maria Glória Gohn, Jaume Trilla e Elie Ganem. Por fim, para os conceitos da Nova Museologia, museu comunitário e ecomuseu me apoiei basicamente em Mário Chagas e Hugue de Varine. De inspiração etnográfica, meu caminho metodológico baseou-se na história oral. Na pesquisa de campo utilizou-se três tipos de aproximações ao objeto de estudo: observação de diferentes atividades desenvolvidas no Museu e de diversos ambientes da comunidade em geral, entrevistas semiestruturadas feitas aos pescadores da Maré e aos diretores e funcionários do Museu da Maré e análise dos Livros institucionais do Museu, a saber: o Livro de Assinaturas e o Livro de Depoimentos dos visitantes. Como uma das principais conclusões de minha pesquisa sobre a dimensão educativa do Museu da Maré posso afirmar que me deparei de fato com

	um Museu que tem significado para a região da Maré e dialoga com a cidade, o país e outros lugares, embora não represente totalmente todas as suas comunidades. No entanto, ele se fez comunitário, na medida em que foi criado e tem a participação cotidiana do movimento social e da comunidade local de seu entorno. Além disso, o fato do Museu da Maré apresentar uma linguagem museográfica que suscita referências da história local e permite que seus visitantes reflitam sobre as mesmas, se emocionem e construam memórias locais possibilitando através das mesmas um fortalecimento identitário, torna especialmente evidente e significativa sua dimensão educativa. Por fim, o Museu da Maré gera visões de nós e dos outros estabelecendo um jogo sutil e constante entre identidades e alteridades em suas memórias construídas e histórias narradas
Palavras-chave	Não foi possível localizar as palavras-chave.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&amp;nrSeq=21758@1">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&amp;nrSeq=21758@1</a>
Observações	

Nº	7
Referência	Sancho, BI 2017, 'Maré de Cidadania: uma experiência pedagógica com alunos da escola pública no Museu da Maré', <i>PerCursos</i> ,, revistas.udesc.br
Tipologia documental	Relato de Pesquisa
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém.
Disciplina	Ensino de História
Localização	<a href="https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/download/1984724618362017300/pdf/0">https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/download/1984724618362017300/pdf/0</a>
Observações	Ler documento e talvez usá-lo na próxima seção do capítulo que lerá os trabalhos mais relevantes. Mas, não entra nas tipologias documentais.

Nº	8
Referência	Silva, CRR da, & Peregrino, M da Costa 2014, 'Experiências de ações educativo-comunitárias no Museu da Maré', <i>Revista História Hoje</i> ,, rhhj.anpuh.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O Museu da Maré, inaugurado em 8 de maio de 2006, nasceu do desejo dos moradores de preservação de suas memórias. O Museu é um espaço de encontro entre as diversas realidades existentes no espaço urbano do Rio de Janeiro, o que possibilita a constituição de identidades plurais, além de favorecer o fortalecimento dos vínculos comunitários entre os agentes sociais locais e destes com a cidade. As ações educativas realizadas pelo Museu perpassam os vários projetos desenvolvidos (exposição de longa duração, exposições temporárias, arquivo, reserva técnica, grupo de contadores de histórias, biblioteca infanto-juvenil, mulheres artesãs e oficinas culturais)

	e visam fortalecer os vínculos comunitários entre os moradores, colaborando com o trabalho de preservação e divulgação do patrimônio cultural e afetivo das comunidades da Maré. O artigo tem por objetivo refletir sobre esse conjunto de ações com base no trabalho de formação de jovens bolsistas no Museu
Palavras-chave	favela; Maré; memória; museu; ações educativas.
Disciplina	Ensino de História, História, Memória Social, Museologia
Localização	<a href="https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/142">https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/142</a>
Observações	

Nº	9
Referência	Santos, LM dos 2020, 'A Memória ea Experiência no Museu da Maré', <i>Cadernos de Pesquisa do CDHIS</i> ,, seer.ufu.br
Tipologia documental	O Museu da Maré foi inaugurado em 2006 no Complexo da Maré, o maior complexo de favelas do Rio de Janeiro. O presente artigo pretende discutir a rearticulação da memória como uma ação de resistência da comunidade, efetivada pela exposição de inauguração do museu chamada "Os Tempos da Maré", e da ação do CEASM como um movimento social que encontrou no campo de disputas da memória um espaço de valorização da comunidade e uma forma de luta contra o esquecimento de suas histórias, reabrindo um passado para novas narrativas que valorizam a experiência social da comunidade e iluminam o presente com novas possibilidades, ressignificando os símbolos da favela. Para essa discussão serão articulados os conceitos de memória e experiência trabalhados pelos autores Huyssen (2000) e Benjamin (1987)
Resumo	
Palavras-chave	Memória; Resistência, Experiência, Narrativa
Disciplina	História
Localização	<a href="http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/55127">http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/55127</a>
Observações	

Nº	10
Referência	Chagas, MS 2011, 'Museus, memórias e movimentos sociais', <i>Cadernos de sociomuseologia</i> ,, revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Da modernidade ao mundo contemporâneo os museus são reconhecidos por seu poder de produzir metamorfoses de significados e funções, por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, que unem o sensível e o inteligível. Por isso mesmo cabe-lhes bem a metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia Social



Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/2654/2023">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/2654/2023</a>
Observações	

Nº	11
Referência	Dias, A, & Cossio, G 'Imergir, identificar e empoderar: design social e as ações no Museu da Maré', <i>researchgate.net</i> ,
Tipologia documental	Anais de Evento?
Resumo	Este texto apresenta um projeto em design com abordagem participativa, de caráter social e comunitário. Trata-se da parceria estabelecida entre discentes do Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPDESDI/UERJ com o Museu da Maré, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo desta comunicação é contextualizar a fundamentação teórica e a metodologia empregada, com o relato sobre as atividades, realizadas em seis encontros presenciais no museu. Ao articular a abordagem do design social com a museologia social, as atividades proporcionaram o estabelecimento de um vínculo entre os estudantes e a equipe do museu, em vista da construção coletiva das soluções adequadas aos problemas elencados pelo grupo. Os encontros oportunizaram o levantamento das necessidades de projeto, a compreensão sobre a identidade local e, após duas rodadas de geração de alternativas, o desenvolvimento do material gráfico promocional e comunicacional do museu
Palavras-chave	Cultura e sociedade. Design e sustentabilidade. Design social. Metodologia participativa. Museologia social.
Disciplina	Design, Design Participativo
Localização	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Gustavo_Cossio2/publication/344329332_Imergir_identificar_e_empoderar_design_social_e_as_acoes_no_Museu_da_Mare/links/5f68a11592851c14bc8be469/Imergir-identificar-e-empoderar-design-social-e-as-acoes-no-Museu-da-Mare.pdf">https://www.researchgate.net/profile/Gustavo_Cossio2/publication/344329332_Imergir_identificar_e_empoderar_design_social_e_as_acoes_no_Museu_da_Mare/links/5f68a11592851c14bc8be469/Imergir-identificar-e-empoderar-design-social-e-as-acoes-no-Museu-da-Mare.pdf</a>
Observações	Research Gate

Nº	12
Referência	Vieira, ACP 2006, 'Da memória ao Museu: a experiência da Favela da Maré', <i>ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH</i> ,
Tipologia	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)

documental	
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História, Memória Social
Localização	<a href="https://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&amp;view=item&amp;task=download&amp;id=7">https://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&amp;view=item&amp;task=download&amp;id=7</a>
Observações	<p>“No dia oito de maio de 2006 foi inaugurado o Museu da Maré, num evento que contou com ampla cobertura da imprensa e a participação de autoridades ligadas à política cultural brasileira, dentre as quais o próprio Ministro da Cultura Gilberto Gil. A iniciativa contou com o apoio do Departamento de Museus do Ministério da Cultura e foi viabilizada com recursos do Programa Cultura Viva do mesmo ministério. Por parte da comunidade local houve grande mobilização. Representantes de instituições, antigas lideranças e grupos culturais estiveram presentes e participaram com apresentações durante todo o evento. Já antes da inauguração, moradores contribuíram com a doação de fotos e objetos pessoais que desejavam ver integrados ao acervo, e para definir a linha museográfica a ser adotada, promover a escolha dos objetos e estimular a montagem da exposição foi constituído o “Fórum Museu da Maré”, que contou na reunião de fundação, com a participação de cerca de cem pessoas, entre moradores e integrantes do movimento comunitário local. A imprensa saudou a iniciativa como pioneira, referindo-se ao Museu da Maré como o “primeiro museu em favelas”. Vários artigos foram escritos sobre o tema. O arquiteto e ex-prefeito da cidade Luiz Paulo Conde, em artigo publicado no jornal O Globo de 10/06/2006, assim se referiu ao museu:”<sup>1</sup></p>

Nº	13
Referência	Brito, MV de, & Silva, JS da 'Museu e construção de identidade territorial. O caso do Museu da Maré.', <i>encontro2010.rj.anpuh.org</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Esta pesquisa visa estudar as proposições que ao longo do tempo foram construídas e estão presentes dentro do quadro de signos e significados no Museu da Maré, ele foi escolhido porque oferece uma trajetória única em termos do discurso clássico do patrimônio. Assim, o objetivo principal é analisar a construção da identidade territorial e de compreender como o espaço é representado dentro do museu.
Palavras-chave	Patrimônio, museu, identidade
Disciplina	História, Memória Social, Patrimônio
Localização	<a href="http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276735897_ARQUIVO_Anpuhmelhorado.pdf">http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276735897_ARQUIVO_Anpuhmelhorado.pdf</a>
Observações	

Nº	14
Referência	Zanardi, PP 2015, 'MUSEU ALUGADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO MUSEU DA MARÉ, RJ.', repositório.ufsc.br

Tipologia documental	TCC (graduação)
Resumo	Este trabalho é o resultado de uma pesquisa etnográfica no Museu da Maré localizado na Favela da Maré, Rio de Janeiro. Para compreendê-lo abordo suas diferentes frentes de atuação, a saber, os cursos, oficinas, e grupos que estão cotidianamente no espaço do museu; sua exposição dividida em tempos e a apropriação desta por parte do público que a visita; e, por fim, a produção de seu arquivo e reserva técnica
Palavras-chave	Museu da Maré. Exposição. Usos. Arquivo. Etnografia
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/132889/TCC%20Paula%20Zanardi.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/132889/TCC%20Paula%20Zanardi.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº	15
Referência	OLIVEIRA, TR DE 'Conservação e Memória: O Conjunto de Fichas Cadastrais de Moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda do Museu da Maré', <i>pantheon.ufrj.br</i> ,
Tipologia documental	TCC (graduação)
Resumo	O presente trabalho objetiva desenvolver ações norteadoras para a Conservação do “Conjunto de Fichas Cadastrais de Moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda”, que serviram como registro de moradores removidos de favelas localizadas em áreas valorizadas da cidade para conjuntos habitacionais provisórios, geralmente distantes do Centro, o maior de todos foi construído na Maré, batizado de Nova Holanda, na década de 1960 durante o governo de Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara que tinha como política a repressão e a erradicação das favelas. Estas fichas são parte integrante do Arquivo Dona Orosina Vieira, acervo institucional do Museu da Maré inaugurado em 2006, reconhecido por ser localizado em uma favela e criado a partir da iniciativa de seus moradores. Ele narra o surgimento do bairro Maré, território periférico localizado às margens da Baía de Guanabara, próximo ao campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As ações formuladas baseiam-se em conceitos de teóricos da área de Conservação-Restauração, tendo em mente a missão do Maré da Maré, de preservação e divulgação de seu acervo, valorizando as narrativas de seus moradores, que por muito tempo foram omitidas pelos discursos historiográficos dominantes e pelas organizações oficiais de memória. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa contamos com o apoio do Laboratório de Pesquisa e Estudos de Obras Sobre Papel, do Curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes (EBA)/UFRJ e realizamos como procedimentos metodológicos: o levantamento bibliográfico sobre a temática abordada, o registro fotográfico de seu estado atual, catalogação, um de seus exemplares foi selecionado para a realização de exame organoléptico, mapeamento de danos e também foi desenvolvida uma ficha de diagnóstico. As fichas foram contabilizadas em um total de 2915, um banco de dados foi criado visando o armazenamento de suas informações e a redução de sua manipulação e elaboramos um gráfico com as localidades que aparecem nelas com maior fre-

	quência.
Palavras-chave	Conservação-Restauração, Museu da Maré, ADOV, Nova Holanda, Memória.
Disciplina	Conservação e Restauração
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9214/1/TROliveira.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9214/1/TROliveira.pdf</a>
Observações	

Nº	16
Referência	Borré, ACJMB, & ... 2019, 'Maré de Histórias: A contação de histórias como forma de perpetuação da memória nas favelas da Maré', <i>Revista Grafia-Cuaderno ...</i> , revistas.fuac.edu.co
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo apresenta a narração de histórias como uma forma de preservar a memória dos grupos sociais. Neste caso, a memória baseia-se num livro produzido através dos residentes do Complexo da Maré; do grupo de teatro Maré de Histórias; e do Museu da Maré, este último servindo como local para recriar e refazer histórias de vida e as suas décadas de história. Será feita referência, especificamente, à história intitulada “casamento na Palafita”, encontrada no “Livro de Contos e Lendas da Maré”, desenvolvido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, representado pelo Projecto de Teatro e baseado na história do povo da Maré
Palavras-chave	Memória; CEASM; Museu da Maré; Maré de Histórias; Casamento na Palafita
Disciplina	Museologia, Patrimônio, Ciências Sociais
Localização	<a href="http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/view/813">http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/view/813</a>
Observações	

Nº	17
Referência	Chagas, V 2011, 'Capítulo III-A FÚRIA (multimídias: TV Maré e Museu da Maré)', <i>CADERNOS de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Capítulo de dissertação publicado em periódico científico.
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História, Memória Social, Comunicação
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/2662/2031">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/2662/2031</a>
Observações	“No instante em que decidi incorporar à minha pesquisa o caso da TV Maré, eu o fiz por duas questões que me chamaram a atenção. A primeira era que a tevê de certa forma foi uma precursora do Museu da Maré, já que o grupo que a produzia era coordenado por algumas das lideranças comunitárias que hoje encabeçam a Rede Memória do Ceasm, e que articularam a criação do museu. A segunda motivação foi o fato de que a pesquisa sobre o material audiovisual possivelmente me proporcionaria uma

	<p>discussão rica em aspectos que os jornais impressos ou mesmo as rádios não eram capazes de suscitar.”166</p> <p>1. “UM JORNAL PRÁ LANÇAR UMA MENSAGEM TEM QUE DIZER A VERDADE VONTADE DE TODOS EM UMA SÓ RAMAGEM”[1]</p> <p>Sem um jornal, um impresso de qualquer gênero, você jamais poderá unir uma comunidade</p> <p>[Ben Kingsley, no papel de Mahatma Gandhi, em filme de 1982]</p> <p>Editado de modo artesanal, a partir de um original em estêncil, impresso em mimeógrafo e fotocopiado, o jornal comunitário União da Maré circulou em doze edições de periodicidade irregular[2], entre janeiro de 1980 e dezembro de 1982, pela área da Maré, Bonsucesso, Ramos e adjacências, bairros do Rio de Janeiro. Com um objetivo editorial claro, o jornal enfatizava as virtudes do associativismo e do deliberativismo no meio comunitário, e lutava contra a cooptação de lideranças nas associações de moradores pelo poder público, acima de tudo, apresentando uma apaixonada defesa da transparência nas atuações do Governo Federal na favela. Tomei conhecimento de sua existência ainda antes de minha primeira visita ao Museu da Maré, quando buscava informações suplementares para o projeto que então subscrevia ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, ao qual hoje estou vinculado. Conversando com Carlinhos por telefone, combinamos que ele me remeteria um trecho da recém-aprovada dissertação de sua esposa, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, no mestrado profissional do mesmo programa. Foi o que ele fez, na esperança de que o trecho que ele havia me enviado pudesse ser útil nas minhas aspirações de estudar os meios de comunicação da Maré” (Aparentemente trata-se de resumo).</p>
--	---

Nº	18
Referência	Isis, Í 'A Maré marca, o Museu fica', <i>GAMBIARRA</i> ,, periodicos.uff.br
Tipologia documental	Portifólio – periódico brasileiro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Arte Visual, Fotografia
Localização	<a href="https://periodicos.uff.br/gambiarra/article/download/30862/17952/0">https://periodicos.uff.br/gambiarra/article/download/30862/17952/0</a>
Observações	<p>“No dia 18 de outubro de 2014, sábado, realizei a ação “Cidade Marca” na Maré, junto a dois jovens moradores de lá, Anderson Alexandre e Matheus Frazão, por ocasião do Ato pela permanência do Museu da Maré, ameaçado de remoção. Na ação, cada um de nós mergulhou um pano branco em um balde com tinta de piso, vermelho goiaba, uma tinta que seca rapidamente e resiste mais ao tempo. Depois, arrastamos os panos pelas ruas, marcando o trajeto da nossa caminhada, principalmente pela Avenida Brasil, uma das principais avenidas da cidade. Em certos momentos, batíamos os panos no chão. Compartilhamos, entre olhares e comentários, a sensação catártica e extasiante de estar ali. Como se cada batida gritasse ao mundo “daqui não saio, daqui ninguém me tira”. Quando imaginei essa ação, estava com muita raiva. Nem sei de quê. Aluguel subindo, cidade cada vez mais cara, militarizada, controlada, manifestações políticas reprimidas na base do gás lacrimogênio e da</p>

	bala de borracha. Um ato a favor da educação pública no Rio acabou com diversos professores feridos pelo cassetete de policiais. Mas a ação não aconteceu por causa de nada disso. Não tem um por quê. Realizei a ação pela primeira vez na Lapa, no final de agosto de 2014, apenas eu e Jamie Duncan registrando. Passamos pelas ruas Men de Sá, Gomes Freire, pelos Arcos da Lapa, pela rua Joaquim Silva, depois voltamos pela rua Riachuelo. No dia seguinte, caminhei por ali, deixando as marcas me lembrarem de que pisei naquele chão. Algo como escrever e ler minha história no corpo da cidade.”127
--	---

Nº	19
Referência	Moraes, C 2010, 'Turismo eo museu de favela: um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro', <i>Revista eletrônica de turismo cultural</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O trabalho versa sobre a implementação do Projeto Turismo no Museu de Favela, em andamento no Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. O projeto surge após a fundação da organização não-governamental Museu de Favela (MUF), constituída por moradores das comunidades, com o objetivo de valorização da memória coletiva. Para a promoção de visitas ao museu pensaram em aliar sua proposta ao Turismo, em função da localização das favelas e do interesse por turistas em visita-las. Deste modo, foi elaborado em convênio com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) um curso de extensão em Turismologia para a comunidade capacitar-se para a organização de visitas e elaboração de roteiros nas favelas. Como turismólogo responsável pelo projeto estou analisando, em trabalho de campo, a relevância da relação Turismo e Museus para a reafirmação das comunidades faveladas do Rio de Janeiro.
Palavras-chave	Turismo, museus e favela
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="http://www.eca.usp.br/turismocultural/Revista07completa.pdf">http://www.eca.usp.br/turismocultural/Revista07completa.pdf</a>
Observações	

Nº	20
Referência	Lourenço, LAF 2020, 'Cartografias da decolonialidade: o ensino de geografia no bairro Maré', <i>Revista de Geografia do Colégio Pedro II,,</i> cp2.g12.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	OS MAPAS SÃO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS ESSENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS. SUA UTILIZAÇÃO NOS MÉTODOS DE ENSINO DE GEOGRAFIA CONSOLIDAM E EXPANDEM A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE O MUNDO, PODENDO TECER RELAÇÕES DE IDENTIDADE COM O ESPAÇO VIVIDO NO COTIDIANO. O PRESENTE ARTIGO OBJETIVA DEMONSTRAR UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA PARTINDO DE MAPAS “DECOLONIAIS” QUE REPRESENTAM A MICROESCALA DOS FATORES GEOGRÁFICOS EXISTENTES NO COTIDIANO DOS ESTUDANTES E QUE AGEM COMO POTENCIALIZADORES NO PROCESSO DE ENSINO DE

	GEOGRAFIA
Palavras-chave	ENSINO; MAPAS; DECOLONIAL; MARÉ; GEOGRAFIA
Disciplina	Geografia, Ensino de Geografia
Localização	<a href="https://cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/download/2563/1669">https://cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/download/2563/1669</a>
Observações	

Nº	21
Referência	Abreu, R 2007, 'Tal antropologia, qual museu', <i>Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas ...</i> , revistas.usp.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia, Memória Social
Localização	<a href="https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/download/113502/111457">https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/download/113502/111457</a>
Observações	<p>“Mas o movimento de mudanças na relação entre Antropologia e Museus abarcava também outros agrupamentos sociais. Assim, no início do século XXI, um pequeno museu instalado na Favela da Maré no Rio de Janeiro chamava a atenção do Ministro da Cultura que fez questão de participar de sua inauguração em maio de 2006. O museu trazia uma curiosa linguagem antropológica, sendo dividido em 12 tempos como os meses do ano: tempo da água, da resistência, da casa, da festa, da brincadeira, do medo, do futuro... Moradores da Maré organizados numa ong expressavam o ponto de vista daqueles que viviam numa comunidade de baixa renda e que foram os protagonistas de incansáveis lutas para se manter no espaço de uma cidade plena de conflitos e exclusões. O museu era fundamentalmente criado para fomentar a auto-estima de trabalhadores que habitavam o lado considerado feio e violento da cidade. Contar a história da Maré, trabalhar com o público escolar (são várias escolas públicas no complexo da Maré) para mudar a imagem do bairro para os próprios moradores, propiciar a reflexão sobre as tensas relações entre a favela e a cidade, mas ao mesmo tempo lembrar com alegria e nostalgia das festas, dos batizados, das redes de amigos e familiares que se teceram ao longo do tempo, estes têm sido alguns dos objetivos do Museu da Maré. O grande ícone é a casa de palafitas, símbolo maior da resistência e da insistência do próprio homem para sobreviver nas condições mais adversas.”<sup>141</sup></p>

Nº	22
Referência	Silva, CRR 2011, 'Cabelos e memórias no Museu da Maré: reflexões sobre os usos e significados do pente quente', <i>Anais do Museu Histórico Nacional</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Estudo de caso sobre a construção de identidades sociais na favela da Maré, localizada na cidade do Rio de Janeiro, a partir da criação do Museu da Maré. Descreve o processo de

	formação do museu e suas exposições temáticas, organizadas como um relógio ou um calendário em 12 tempos. Destaca o Tempo da Casa – um barraco construído em tamanho original no centro do museu. Apresenta os objetos expostos no barraco, em particular, um pente com os dentes de ferro e cabo de madeira, chamado de “pente quente”. Reflete sobre os usos e significados desse objeto a partir das narrativas de duas mulheres negras moradoras da favela da Maré. O estudo apóia-se na análise de depoimentos orais e na pesquisa bibliográfica.
Palavras-chave	Museu da Maré, memória, identidade, favela, pente quente.
Disciplina	Memória Social, Museologia, História, Ensino de História
Localização	<a href="http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&amp;pasta=Anais%20do%20Museu%20Historico%20Nacional\Volume%2040%20-%202008&amp;pesq=&amp;pagfis=18689">http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&amp;pasta=Anais%20do%20Museu%20Historico%20Nacional\Volume%2040%20-%202008&amp;pesq=&amp;pagfis=18689</a>
Observações	Volume 40 de 2008

Nº	23
Referência	ABREU, MA 2006, 'Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP. CHAGAS, MS; ABREU, R.(2007). Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade ...', <i>Revista Musas, Rio de Janeiro, ano III,</i>
Tipologia documental	Artigo (Museu Visitado)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia, Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/musas3.pdf">http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/musas3.pdf</a>
Observações	<p>“Rua Guilherme Maxwell, 26, atrás do Sesi. Essa é a localização do mais novo museu do Brasil. Não é um endereço qualquer. Fica no meio do maior complexo de favelas do Rio, a Maré, e segundo o Ministério da Cultura, será o primeiro museu do país a funcionar dentro de uma favela.”</p> <p>Com estas palavras, a Folha de São Paulo anunciou no dia 09 de maio de 2006 a inauguração do Ponto de Cultura Museu da Maré, ocorrida no dia anterior.<sup>1</sup> O evento, que contou com a presença do Ministro da Cultura Gilberto Gil e de diversas outras autoridades ligadas à política cultural brasileira, foi destaque nos jornais da semana. Houve muitos elogios à iniciativa, que, segundo os repórteres, anunciava uma grande novidade: um museu na favela! Para a imprensa, pouco familiarizada com os debates museológicos, este fato soava incomum e expressava mudança significativa no panorama dos museus brasileiros, uma novidade museal que parecia distanciar-se do imaginário dos museus suntuosos, monumentais, palacianos, repletos de objetos luxuosos ou de raridades a serem permanentemente protegidas e exibidas como troféus de atos notáveis das elites sociais e econômicas. No jornal O Dia, do Rio de Janeiro, o título da matéria chamava a atenção para o fato de que algo diferente acontecia: “A história da exclusão”. O texto sublinhava que o novo museu chegava com uma missão até então não contemplada pelos museus brasileiros: Longe da suntuosidade dos museus mais conhecidos, foi inaugurado nesta se-</p>



	<p>mana o Ponto de Cultura Museu da Maré. Trata-se do primeiro museu a ser montado dentro de uma favela, e tem a missão de contar a história do complexo de comunidades a partir da narrativa de seus próprios moradores (Aör, 2006). A novidade, no entanto, não residia no fato de o Museu da Maré ser o primeiro museu criado dentro de uma favela. Em 1996, por exemplo, foi criado o Museu da Limpeza Urbana – Casa de Banhos Dom João VI, situado no bairro-favela do Caju, 2 um projeto conhecido, visitado e debatido pela equipe do Museu da Maré. Em 2005, outro exemplo, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro com base em marcos arquitetônicos instituiu o roteiro Museu a Céu Aberto do Morro da Providência. Todavia, tanto no Museu da Limpeza Urbana, administrado pela Companhia de Limpeza Urbana – Comlurb como no projeto Museu ao Ar Livre do Morro da Providência, administrado pela prefeitura, não são as comunidades locais que estão no centro dos interesses, das discussões e das ações administrativas e gerenciais. O que a imprensa de modo singelo sublinhava não era a primogenitura de um museu dentro de uma favela, mas a primogenitura de um museu sediado numa megafavela, construído e administrado pela comunidade local.” 131</p>
--	--

Nº	24
Referência	Chagas, M, Assunção, P, & Glas, T 2014, 'Museologia social em movimento', <i>Revista Cadernos do ...</i> , bell.unochapeco.edu.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2618/1517">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2618/1517</a>
Observações	<p>“Fim de inverno na cidade do Rio de Janeiro. De dia o sol se impõe, mas ainda assim o frio leve atravessa o cotidiano e deixa a sua marca. À noite a temperatura é um pouco mais baixa e o céu sem nuvens permite observar as estrelas. Os ventos estão presentes, mas não são desagradáveis. A cidade ainda respira os ares do mês de junho quando as manifestações populares e os movimentos sociais tomaram as ruas do país. Foi nesse clima que ocorreu a XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), no período de 8 a 10 de agosto de 2013, com base no Museu da República, no Museu da Maré e no Museu de Favela, e ampla participação de estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, artistas, militantes de movimentos sociais e colaboradores dos museus sociais. Durante três dias representantes e simpatizantes do MINOM estiveram reunidos e dedicados ao debate sobre a teoria e prática da Museologia Social ou sociomuseologia.” 429</p>

Nº	25
Referência	Santos, LM dos 'OS MUSEUS COMUNITÁRIOS COMO PERFORMANCE: O ARQUIVO E O REPERTÓRIO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS', <i>snh2019.anpuh.org</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém

Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564688399_ARQUIVO_luciana_museus_performance.pdf">https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564688399_ARQUIVO_luciana_museus_performance.pdf</a>
Observações	<p>“O Museu Comunitário da Maré e o Museo Comunitario de San Jacinto construíram outros prismas de ação patrimonial e outras formas de conhecer essas comunidades. Estes espaços criaram conflitos e ampliaram o horizonte de expectativas para aqueles que, historicamente, eram vistos como secundários neste processo de patrimonialização. Ao reelaborar a instituição museu – reconhecida e legitimada como espaço da memória – através do patrimônio cultural de suas comunidades, promovem continuamente a superação dos processos de invisibilização com participação ativa das comunidades ali representadas. Estes museus foram elaborados com a comunidade, responsável pela constituição de seus acervos, pela proposição de temas abordados no espaço expográfico, pela gestão do espaço e pela continuidade de suas ações, ocupando estas regiões com ações culturais e educativas. Nessas relações, o passado encontra-se no presente valorizando as memórias das moradoras e moradores de San Jacinto e da Maré que, apesar da distância geográfica, se aproximam na luta pela reconfiguração de suas histórias através da instituição museal e de ações voltadas para a configuração do patrimônio cultural. O arquivo e o repertório se encontram e se complementam na performatização da memória, transformando e ressignificando o patrimônio cultural das comunidades da Maré e de San Jacinto. A construção dos processos de transferência das memórias dos moradores e moradoras dessas comunidades se faz através de um arquivo, presente nas fotos, nos textos e nos objetos expostos; e também no repertório que cada participante dessa construção coletiva carrega, nos sentidos que constroem esses objetos e nas histórias que ali foram depositadas, elaborando a performance como um sistema de conhecer e de transmitir o conhecimento.”12-13</p>

Nº	26
Referência	Lopes, AC, & Cortês, MM 'ARTES SONORAS COMO ESTRATÉGIA PARA ESTUDAR A MEMÓRIA LOCAL: O CASO DO PROJETO SOM DA MARÉ', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)
Resumo	O presente artigo apresenta, na visão de alunos participantes, o processo da disciplina Práticas Participativas nas Artes Sonoras, ministrada pelo professor Pedro Rebelo, que culminou no projeto Som da Maré. A metodologia é analisada sob a ótica interna, contemplando o cotidiano das aulas e oficinas, bem como a interação entre os estudantes da UFRJ, bolsistas da FAPERJ e moradores da Maré, que teve como resultado uma exposição no Museu da Maré e passeio sonoro no Aterro do Flamengo. O objetivo é demonstrar a relação entre o som e a vida cotidiana dos moradores, através de uma pesquisa participativa. Dessa maneira, coloca em questão as relações de pertencimento entre os diferentes agentes e o trabalho realizado, bem como as possíveis heranças desse processo.
Palavras-chave	Arte sonora, práticas participativas, memória.
Disci-	Etnomusicologia, Arquitetura

plina	
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57095013/Lopes_e_Cortes_Som_da_Mare.pdf?1532903839=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DARTES_SONORAS_COMO_ESTRATEGIA_PARA_ESTUD.pdf&amp;Expires=1607973399&amp;Signature=X11scCbiBRQdftrH-INmH5gpubZPfoIk1lpFe03V-V~XrJqWITg0HGfSZahViCblwX7dnaUvMO61XExnRjKe5yJh0wtm-Vh5t6IT-X1XpeQ-399r-pdHQorAQMBUTYjEi2Zlpfq9OrVnKwW4H4jU31eyFRBZ11j5~GJI1ozeT184IQjOAAALQaI5b0AcX7mPtpIF9SITfk4vTWjITYv32Ds44pztX0AfQOh5bYg38rywR11JRchTvtvCvyP2Oa4apJG~tkZwYwQyhF9qPL4N4LNR~jQvmsCVW3Xq3OP-awiB0gDf3NXfNJQjEEcvpkuKEEBDxghhgTYWTvs32aig_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57095013/Lopes_e_Cortes_Som_da_Mare.pdf?1532903839=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DARTES_SONORAS_COMO_ESTRATEGIA_PARA_ESTUD.pdf&amp;Expires=1607973399&amp;Signature=X11scCbiBRQdftrH-INmH5gpubZPfoIk1lpFe03V-V~XrJqWITg0HGfSZahViCblwX7dnaUvMO61XExnRjKe5yJh0wtm-Vh5t6IT-X1XpeQ-399r-pdHQorAQMBUTYjEi2Zlpfq9OrVnKwW4H4jU31eyFRBZ11j5~GJI1ozeT184IQjOAAALQaI5b0AcX7mPtpIF9SITfk4vTWjITYv32Ds44pztX0AfQOh5bYg38rywR11JRchTvtvCvyP2Oa4apJG~tkZwYwQyhF9qPL4N4LNR~jQvmsCVW3Xq3OP-awiB0gDf3NXfNJQjEEcvpkuKEEBDxghhgTYWTvs32aig_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Observações	

Nº	
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	27
Referência	ARAÚJO, HMM 2012, 'Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades. 2012. 238 f', ... Católica do Rio de Janeiro, Rio de ...
Tipologia documental	Tese de doutorado
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	VER FICHA 6

Nº	28
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	

Localização	
Observações	DOCUMENTO FORA DO ESCOPO DO ESTUDO

Nº	29
Referência	Vaz, LF 2010, 'Um território híbrido na Maré, RJ. Novo território cultural', <i>seminário internacional políticas culturais</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	O presente texto analisa a transformação, em tempos de globalização, de uma região no Rio de Janeiro, composta de uma pequena área industrial e uma grande área de favelas. Nas suas franjas verifica-se o surgimento de um novo território: um território de resistência, híbrido de moradia, trabalho e cultura. A ênfase do trabalho recai sobre os processos de formação e de transformação dos espaços arquitetônicos e urbanos, que se constituem em lugares e territórios, assim como sobre a relação entre a cultura emergente e a cidade existente. A partir de uma contextualização do objeto, apresenta-se um pequeno histórico do referido território, e as ações culturais que o transformam. Seguem-se análises, questionamentos e reflexões que entrelaçam o objeto, seus principais agentes e os processos que engendram. Por ser um estudo transdisciplinar, a sua base teórica e conceitual provém de autores de diversos campos do conhecimento. Trabalhamos inicialmente com o conceito de hibridação, apoiados em CANCLINI N. (1999 e 2008), que analisa as mesclas, reconversões e reabilitações que ocorrem em tempos de globalização, recusando a fixação em disciplinas isoladas e conceitos rígidos, e privilegiando as premissas de heterogeneidade e de hibridação. Recorremos ainda aos conceitos de espaços opacos, formulados por SANTOS M. (1994) e de espaços de resistência formulados por HOLSTON J. (1996), associando-os às manifestações culturais enquanto formas de resistência a forças de exclusão social.
Palavras-chave	Ação cultural; favela; resistência.
Disciplina	Arquitetura?
Localização	<a href="https://livrozilla.com/doc/1609676/um-territ%C3%B3rio-h%C3%ADbrido-na-mar%C3%A9--rj.-novo-territ%C3%B3rio">https://livrozilla.com/doc/1609676/um-territ%C3%B3rio-h%C3%ADbrido-na-mar%C3%A9--rj.-novo-territ%C3%B3rio</a>
Observações	

Nº	30
Referência	Queiroz, ALR 2017, 'Memória no Complexo da Maré-RJ: o Museu da Maré eo Arquivo Dona Orosina Vieira', Niterói
Tipologia documental	TCC (graduação)
Resumo	O presente trabalho objetiva discutir a função social do arquivo no que tange a memória sobre as favelas do Rio de Janeiro. Nesta perspectiva, investigou-se iniciativas de memória no Complexo da Maré, localizado na Zona Norte da cidade. Para tanto, desenvolveu-se estudo de caso do Arquivo Dona Orosina Vieira, em funcionamento no Museu da Maré. Como aporte teórico-metodológico, recorreu-se a revisão bibliográfica de autores da Arquivologia e de áreas correlatas e à pesquisa de campo,

	para entender o contexto de criação do Arquivo Dona Orosina Vieira e suas práticas enquanto iniciativa autônoma. Este estudo de caso incluiu entrevista com o pioneiro da iniciativa e com a arquivista do Arquivo Dona Orosina Vieira
Palavras-chave	Arquivo. Memória. Complexo da Maré. Museu da Maré. Arquivo Dona Orosina Vieira
Disciplina	Arquivologia
Localização	<a href="https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2716/1/QUEIROZ%2c%20Ana.pdf">https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2716/1/QUEIROZ%2c%20Ana.pdf</a>
Observações	

Nº	31
Referência	Abreu, R 2012, 'Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais', <i>Ilha Revista de Antropologia</i> ,, periodicos.ufsc.br
Tipologia documental	Ensaio (artigo)
Resumo	O ensaio focaliza o tema do patrimônio e dos museus no contexto do Ocidente moderno, chamando a atenção para o fato de que a centralidade da noção de patrimônio que se afirmou durante os séculos XIX e XX caminhou lado a lado com o paradigma oculocêntrico da sociedade moderna: o sentido da visualidade terá a primazia sobre os demais. A ação patrimonial teve como marca fundamental a noção de que o objeto da preservação e da restauração não seria nunca um objeto total, mas uma seleção limitada e intencional. Ao selecionar um aspecto de memórias múltiplas e polissêmicas e ao concentrar os esforços para iluminar esse único aspecto, o movimento de patrimonialização seria também um movimento de apagamento. Desse modo, o artigo chama a atenção para o fato de que, como ruínas, os bens tombados ocultam também diversas ocupações e usos sociais. Com base na metáfora do flâneur e na proposta de recuperação da noção de experiência com base num novo colecionismo, a autora propõe uma metodologia de pesquisa (a etnografia dos percursos) para estudar os museus do Estado do Rio de Janeiro como ruínas
Palavras-chave	Patrimônio. Memórias. Ruínas. Etnografia dos percursos.
Disciplina	Antropologia, Museologia
Localização	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2012v14n1-2p17/24005">https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2012v14n1-2p17/24005</a>
Observações	

Nº	32
Referência	Thiesen, I 2009, 'Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento', <i>MAST Colloquia-Vol. 11</i> ,, livroaberto.ibict.br
Tipologia documental	Capítulo (caderno temático) Coletânea de palestras do Museu de Astronomia de Ciências Afins
Resumo	Não contém

Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Ciência da Informação, Biblioteconomia, Museologia
Localização	<a href="https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf#page=62">https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf#page=62</a>
Observações	<p>“Para a realização desse projeto houve considerável participação da comunidade, incluindo moradores que doaram objetos e documentos pertencentes à sua memória familiar, “que desejavam ver integrados ao acervo, e para definir a linha museográfica a ser adotada, promover a escolha dos objetos e estimular a montagem da exposição foi constituído o “Fórum Museu da Maré”, que contou na reunião de fundação, com a participação de cerca de cem pessoas, entre moradores e integrantes do movimento comunitário local”. (VIEIRA: 2007, p.1) Mas a iniciativa, apesar de muito bem sucedida, trouxe consigo a polêmica em torno de uma alegada “glamourização” do espaço da favela, da pobreza e da miséria, indicador evidente da carga de preconceitos que ainda hoje impera em nossa sociedade. Na realidade, trata-se de uma questão fundamentalmente política. Poderíamos tomar emprestada aqui a idéia de “justa memória” de Paul Ricoeur, no sentido de caracterizar essa iniciativa como tática empreendida pela comunidade, determinando sua posição no espaço público, sem a qual não seria possível conquistar um lugar de expressão de seus relatos, de suas memórias, em prejuízo, sem dúvida, da restauração de elos sociais partidos na longa história das desigualdades de nosso país. Inscrever essa experiência urbana na duração é também reafirmar a pluralidade das representações do passado – informações, conhecimentos, memórias – buscando-se reverter os déficits de sua legitimidade. (BAUSSANT: 2006).”77</p>

Nº	33
Referência	Lima, HF de, Aires, OEFMRB, & Sterling, GAO 'Título: O MUSEU COMUNITÁRIO ENQUANTO ELEMENTO ARTICULADOR ENTRE O PASSADO EO PRESENTE: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS PARA ...', <i>diaadiaeducacao.pr.gov.br</i> ,
Tipologia documental	Produção Didática Pedagógica - Caderno de PDE
Resumo	Esta produção didática tem como objetivo desenvolver ações com alunos do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Santa Tereza do Oeste, em torno do museu comunitário buscando compreender quais as contribuições do museu para a construção da consciência histórica do aluno e suas possibilidades metodológicas na guarda e análise de fontes oral e da cultura material para o ensino de História. O museu é um espaço de aprendizagem que possibilita o diálogo entre o passado e o presente. Sendo assim, o estudo do museu na escola deve possibilitar a construção de conceitos como fontes históricas, museologia, memória, história oral, patrimônio, conceitos estes, considerados importantes para contribuir para a formação da consciência histórica do aluno, a qual é fundamental para a sua atuação consciente na vida em sociedade.
Palavras-chave	Museu; Memória; História Oral; Patrimônio
Disciplina	História, Artes, Português, Sociologia e Geografia, ensino
Locali-	<a href="http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2">http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2</a>

zação	016/2016 pdp hist unioeste helenaflordelima.pdf
Observações	Não faz parte da tipologia documental estudada, mas tem resumo e palavras-chave.

Nº	34
Referência	Chagas, Victor; Fundação Getúlio Vargas (FGV) 2012, 'Capítulo III-A FÚRIA (multimídias: TV Maré e Museu da Maré)', Edições Universitárias Lusófonas
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 17

Nº	35
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo do estudo

Nº	36
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo do estudo

Nº	37
Referência	Chagas, M, & Cavulla, R 2017, 'Museu do Samba Carioca: samba, ginga e movimento', <i>Revista do Centro de Pesquisa e Formação</i> , sescsp.org.br
Tipologia documental	Artigo

Resumo	O texto que aqui se oferece sublinha a trajetória e o processo de construção do Museu do Samba a partir das experiências do Centro Cultural Cartola e, por esta vereda, descreve a articulação com o patrimônio cultural, apresenta as linhas gerais do dossiê responsável pela patrimonialização do samba carioca e, por fim, abre uma conversa com iniciativas que se identificam com a denominada museologia social. O diálogo com a imaginação museal de Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e Cartola, líder comunitária, atravessa todo texto e coloca em evidência o protagonismo que essa guardiã de memórias exerce no universo do samba contemporâneo.
Palavras-chave	samba, museu, patrimônio cultural.
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais, Comunicação Social
Localização	<a href="https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ed2c2c3a/8ac7/4675/aa15/99632431a5fc.pdf">https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ed2c2c3a/8ac7/4675/aa15/99632431a5fc.pdf</a>
Observações	

Nº	38
Referência	Henriques, R, & Dodebei, V 2011, 'Os museus e os novos patrimônios', <i>Anais do,, eeh2010.anpuh-rs.org.br</i>
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	No presente artigo discutimos a evolução do conceito de patrimônio, a patrimonialização dos objetos através de processos museológicos e a configuração dos novos patrimônios dos museus. Nosso objetivo é traçar um histórico sobre a patrimonialização e a musealização do patrimônio, abordando alguns autores que trabalharam o tema. Em seguida, discutiremos como a evolução da tecnologia trouxe um novo desafio para as instituições museais: a preservação do patrimônio digital. Questões como digitalização e virtualização são abordadas no âmbito da preservação dos bens culturais, com menor ênfase à passagem dos patrimônios para o ambiente virtual e maior preocupação com as questões relativas à seleção no mundo virtual os objetos a serem patrimonializados.
Palavras-chave	Não contém.
Disciplina	Biblioteconomia, Comunicação, História, Memória Social
Localização	<a href="http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/14/1308051879_ARQUIVO_anpuh_rosali_vera_revisado.pdf">http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/14/1308051879_ARQUIVO_anpuh_rosali_vera_revisado.pdf</a>
Observações	

Nº	39
Referência	Simões, D 2017, 'Museus comunitários no Brasil: descolonizando o pensamento museológico', <i>RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos ...</i> , periódicos.claec.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre os museus de comunidade brasileiros, tratando esses como possíveis descolonizadores de um pensamento



	museológico. Com isso, busca-se fazer uma contextualização histórica sobre a constituição de um fazer museológico colonialista em contraste com a chamada Nova Museologia e os museus de comunidade. Dessa oposição procura-se conectar a Museologia às discussões das Ciências Sociais em três pontos: a crítica à construção da identidade nacional junto aos museus, a desconstrução dessa identidade a partir dos museus de comunidade e, com isso, a descolonização do pensamento museológico, e os pontos de influência da democracia participativa junto à prática da participação social desses novos modelos museológicos
Palavras-chave	Descolonização; identidade; museus de comunidade; participação; representação
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/605/327">https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/605/327</a>
Observações	

Nº	40
Referência	SANTIAGO, AM de Almeida, & ARAÚJO, HMM 'SOCIOAMBIENTAIS DA MARÉ–EDUMARÉ', <i>cap.uerj.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Educação Ambiental
Localização	<a href="http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/12-Santiago_e_Araujo.pdf">http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/12-Santiago_e_Araujo.pdf</a>
Observações	Não abrir

Nº	41
Referência	Peregrino, M 2016, 'Museu das Remoções é inaugurado na Vila Autódromo', <i>memoriadasolimpiadas.rb.gov.br</i>
Tipologia documental	Notícia de jornal (O Cidadão)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Não contém
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/854/1/MD075%20-%20Museu%20das%20Remo%3%a7%3%b5es%20%3%a9%20inaugurado%20na%20Vila%20Aut%3%b3dromo%20_%20%20Cidad%3%a3o%20Online.pdf">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/854/1/MD075%20-%20Museu%20das%20Remo%3%a7%3%b5es%20%3%a9%20inaugurado%20na%20Vila%20Aut%3%b3dromo%20_%20%20Cidad%3%a3o%20Online.pdf</a>
Obs-	

vações	
--------	--

Nº	42
Referência	Considera, AF 'Direito à memória e museus', <i>Museologia e Interdisciplinaridade</i> , periodicos.unb.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo pretende discutir as relações entre o direito à memória e as práticas museais que vem sendo desenvolvidas em museus voltados para preservação destas memórias. Neste debate surgem questões que tentam identificar as possibilidades e limitações da instituição museu enquanto “depositário” de memórias e reprodutor de relações de poder
Palavras-chave	Museu; Direito à Memória; Poder
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/16909/15201">https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/16909/15201</a>
Observações	

Nº	43
Referência	Alcântara, CFS Moura 2019, 'Museus em periferias urbanas brasileiras', <i>Horizontes Antropológicos</i> , journals.openedition.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Atualmente, no Brasil, iniciativas comunitárias nos centros urbanos expressam seus valores sociais e culturais por meio de processos museológicos. Neste artigo, o objetivo é investigar os museus e as cidades como campos etnográficos da antropologia, ao identificar esses processos em bairros periféricos dos centros urbanos brasileiros. O estudo se aplica à ação-piloto do Programa Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus, diante da experiência etnográfica com o Ponto de Memória da Terra Firme, iniciativa comunitária que desenvolve processo museológico no bairro da Terra Firme em Belém, Pará. A partir da análise das estratégias e relações estabelecidas para a consolidação dos Pontos de Memória conclui-se que esses processos museológicos se dão a partir de uma vontade política de registro da memória social por meio da apropriação de patrimônios reconhecidos pelos seus moradores, consolidando-se, assim, em museus comunitários.
Palavras-chave	<u>museus</u> , <u>periferias</u> , <u>memória social</u> , <u>bairro da Terra Firme</u>
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://journals.openedition.org/horizontes/2939">https://journals.openedition.org/horizontes/2939</a>
Observações	

Nº	44
Referência	Netto, D, & Sobral, JP 2017, 'A relação entre o Museu da Vida/FIOCRUZ eo Centro de Educação de Jovens e Adultos da Maré (CEJA-MARÉ): trabalho colaborativo na constru-

	ção de um processo ...',,, arca.fiocruz.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado (Profissional)
Resumo	Esta pesquisa consiste em um estudo de caso observacional que tem como objetivo analisar a relação desenvolvida entre o Museu da Vida/Fiocruz e o Centro de Educação de Jovens e Adultos da Maré (CEJA-Maré) entre 2013-2016, avaliando em que medida esta relação constituiu uma forma de trabalho colaborativo capaz de contribuir para um processo educacional compromissado com o horizonte da emancipação humana. Os depoimentos dos alunos do CEJA obtidos através de grupos focais e gravações das atividades no Museu foram organizados através da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. A fundamentação teórica para análise dos discursos se insere no campo do materialismo histórico-dialético, principalmente nas produções de Marx, Gramsci, Thompson, Williams, Vasconcellos e Frigotto. Estas reflexões são organizadas em quatro grandes temas: trabalho, cultura, ciência e formação integral. O estudo contribuiu para identificar as expressões da consciência dos estudantes com relação a suas condições de superexploração, negação de direitos sociais e suas experiências de vida no que tangem questões de saúde, educação e segurança/violência no território da Maré. Identificou-se que os alunos participam mais intensamente do processo de construção de conhecimentos quando percebem e fazem relações destes com suas experiências cotidianas e quando esses conhecimentos são abordados de forma problematizadora da realidade, lúdica e interdisciplinar, conectando, ciência, cultura, saúde, história e arte. Com esses resultados, contribui-se para ajustar e fortalecer a proposta de trabalho colaborativo entre o Museu e a Escola ao trazer elementos para potencializar uma atuação compromissada com a luta por uma sociedade mais justa, equânime e solidária. Palavras-Chave: Trabalho Colaborativo. Formação Integral. Emancipação
Palavras-chave	Trabalho Colaborativo Formação Integral Emancipação
Disciplina	Saúde
Localização	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/25901/2/Jo%c3%a3o_Paulo_EPSJV_Mestrado_2015.pdf">https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/25901/2/Jo%c3%a3o_Paulo_EPSJV_Mestrado_2015.pdf</a>
Observações	

Nº	45
Referência	Candau, VMF 2012, 'entre educação, memórias e identidades',,, dbd.puc-rio.br
Tipologia documental	Pré-Textuais da Tese de Doutorado
Resumo	Não se aplica
Palavras-chave	Não se aplica
Disciplina	Educação
Localização	<a href="http://www.dbd.pucio.br/pergamum/tesesabertas/0811294_2012_pretextual.pdf">http://www.dbd.pucio.br/pergamum/tesesabertas/0811294_2012_pretextual.pdf</a>
Observações	VER FICHA 3

Nº	46
Referência	Miranda, C, & Araújo, HMM 2019, 'Memórias contra-hegemônicas e educação para as relações étnico-raciais: práticas decoloniais em contextos periféricos', <i>Perspectiva</i> , periodicos.ufsc.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Nossa perspectiva investigativa está influenciada pela possibilidade de análises dialéticas no plano da simultaneidade, e este trabalho parte de uma abordagem que reconhece coexistência epistemológica frente ao tema da história social, política e cultural de setores marginalizados como as populações afrodescendentes no Brasil e no Equador. Alinhadas ao pressuposto da decolonialidade do saber e da Educação para as relações étnico-raciais, tratamos das outras <i>práxis</i> educativas em contextos não formais de educação, dessa vez a partir do Museu da Maré e do Fundo Documental Afro-andino. Ganham centralidade processos de reorientação epistemológica, como legados para os currículos praticados em contextos de invisibilização dos conhecimentos subalternizados. Defendemos outros “giros” e outras percepções sobre memória coletiva com base em uma perspectiva comparada, além de reconhecer a produção realizada como um modo outro de fazer da(s) memória(s), uma peça indispensável na luta social e política, assumindo contranarrativas e outras formas de insurgir.
Palavras-chave	Etnoeducação, Memórias contra-hegemônicas, Educação para as relações étnico-raciais, Museu da Maré, Fundo Documental Afro-andino
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e58787/pdf">https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e58787/pdf</a>
Observações	

Nº	47
Referência	LEITE, BP 2013, 'COM ORGANIZAÇÃO E LUTA CONSTRUINDO A MARÉ QUE QUEREMOS', pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC (graduação)
Resumo	O objetivo deste trabalho foi o de resgatar a mobilização popular desenvolvida pela Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda – AMANH, entre 1984 a 1993, e identificar uma mobilização atual, iniciada em fevereiro de 2010, denominada coletivo local “A Maré que Queremos”, com o intuito de observar a mobilização atual nesta localidade (a construção das agendas, a pauta dos problemas, a administração dos conflitos, os integrantes e seus interesses). Para tanto, utilizamos uma metodologia que consistiu no levantamento de dados de fontes diversas, documentos pessoais, jornais, fotografias, estudos realizados sobre Nova Holanda e ações/movimentos coletivos, visitas ao Museu da Maré, observação de campo e participação nas reuniões do coletivo “Maré que Queremos”. Este trabalho nos ensinou a importância das lutas coletivas e o papel, fundamental, da memória na formação da identidade. A partir da história de mobilização de Nova Holanda, percebemos o papel imprescindível da mesma para inserir o indivíduo no espaço e no tempo, e conseqüentemente nas ações e movimento coletivos. Por fim, identificamos inúmeras conquistas protagonizadas pelo movimento associativo ao longo dos

	anos 80 e na atualidade a presença de outros os protagonistas. Uma das diferenças entre as ações entre a AMANH e o movimento coletivo em tela é que este último vem buscando empreender uma agenda comum para atuar no conjunto das 16 localidades da Maré, integrando as associações de moradores de cada localidade a partir de problemas comuns do bairro Maré.
Palavras-chave	Favela, Nova Holanda, Maré, Associação de Moradores, Mobilização Popular, A Maré que Queremos.
Disciplina	Planejamento Urbano
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9392/1/BPLeite_compressed.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9392/1/BPLeite_compressed.pdf</a>
Observações	

Nº	48
Referência	Abreu, R, & Oliveira, RA 'Museus, narrativas e memória coletiva no Rio de Janeiro', <i>Museus e Atores Sociais: Perspectivas ...</i> , researchgate.net
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Antropologia
Localização	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Marilia_Cury/publication/308402289_Relacoes_possiveis_museus_e_indigenas_-_Em_discussao_uma_circunstancia_museal/links/57e2db2408ae0e3158a6b7f9/Relacoes-possiveis-museus-e-indigenas-Em-discussao-uma-circunstancia-museal.pdf#page=107">https://www.researchgate.net/profile/Marilia_Cury/publication/308402289_Relacoes_possiveis_museus_e_indigenas_-_Em_discussao_uma_circunstancia_museal/links/57e2db2408ae0e3158a6b7f9/Relacoes-possiveis-museus-e-indigenas-Em-discussao-uma-circunstancia-museal.pdf#page=107</a>
Observações	“Extensa literatura vem apontando que o ato de musealizar não garante por si só a continuidade no tempo e no espaço de aspectos culturais centrais numa sociedade. Pesquisadores têm sinalizado que além da musealização propriamente dita, é preciso construir as condições para a transmissão dos saberes e para o fortalecimento dos elos de memória coletiva e social que os museus envolvem. O conceito de ‘memoração social’ vem sendo proposto por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, especialmente em publicação conjunta com pesquisadores franceses com apoio do Edital Capes Saint Hilaire intitulada ‘Memória e Novos Patrimônios’ (TARDY; DODEBEI, 2015). Entende-se por ‘memoração social’ o ato mesmo da atualização cotidiana de processos mnemônicos que asseguram certa continuidade no tempo e no espaço de manifestações culturais no contexto de uma coletividade ou grupo social. Como sinalizam diferentes autores, esse ato de memoração social não se faz de forma natural nas sociedades ocidentais modernas, uma vez que, hegemonicamente, essas sociedades primam pelo esquecimento potencializados pela invenção e difusão de novidades implementadas pelo consumo que garantem a reprodução do capital. Os museus podem se constituir em importantes instrumentos de construção da memória coletiva, por sua atuação de preservação da memória e difusão da cultura (local, nacional e universal), e também por suas múltiplas interfaces no âmbito da sociedade. Uma das conclusões do Projeto Museus do Rio é de que, particularmente no Estado do Rio de Janeiro, é crescente a potencialidade dos museus também como ferramenta para a construção social da memória coletiva. Entretanto, essa memória não se faz espontaneamente, ela requer trabalho e dedicação. Assim, alguns casos pesquisados, como o do Museu da Maré, permitem vislumbrar um

	novo caminho para os museus na relação com crescentes demandas da vida social nas cidades. Como assinalou Michael Pollack em casos como este, percebemos uma eclosão de “memórias subterrâneas” que se espraiam e trazem novos questionamentos para este equipamento público e social que é o museu (POLLACK, 1992, p. 3).”131-132
--	--

Nº	49
Referência	Paiva, CSM de 2020, 'Arte Contemporânea e Paisagem Urbana: visualidade e visibilidade/Contemporary Art and Urban Landscape: visuality and visibility', <i>Brazilian Journal of Development</i> ,, brjd.com.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<p>Esse texto pretende realçar e ao mesmo tempo discutir o viés educador e a capacidade inclusiva da arte contemporânea que por vezes já se apresenta em seus modos de inserção no campo da cultura e da arte. A partir de alguns exemplos concretos, tal como Cildo Meireles e Shirley Paes Leme, a arte contemporânea elabora atravessamentos que são eles mesmos educadores, sobretudo quando levantam questões e não bandeiras. As manifestações contemporâneas de arte e museus esbarram em limites que são eles mesmos razão de se fazer perguntas e de alargar fronteiras políticas. O Museu da Maré e o MUF (Pavão, Pavãozinho e Cantagalo) propõem largas discussões com o campo da museologia e com os limites da arte e da cultura.</p> <p>Os marcos da análise foram a discussão do conceito de técnica e paisagem, além de práticas artísticas e culturais, tendo Roger Chartier como referência, além da vivência da autora quando parte do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram-RJ). Toda a análise é costurada pela presença dos espaços heterotópicos de Michel Foucault. Apenas virtual no início do texto, mas extremamente presente no final, são eles que norteiam a dobra entre inclusão/exclusão e esses espaços diferenciados urbanos, intensificados no MUF e no Museu da Maré</p>
Palavras-chave	Museus, Patrimônio, Arte Contemporânea
Disciplina	Museologia, História da Arte, História
Localização	<a href="https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/6868/6058">https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/6868/6058</a>
Observações	

Nº	50
Referência	Graebin, CMG 2012, 'Museus canadenses e brasileiros: comparando experiências e perspectivas de patrimonialização e promoção de cidadania cultural.', <i>Interfaces Brasil/Canadá</i> ,, periodicos.ufpel.edu.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	No Brasil, a partir do ano 2000, investe-se em pesquisas, discussões e encontros, a fim de se pensar coletivamente as instituições museais do país. A inclusão social dos dife-

	rentes grupos humanos faz aflorar novas subjetividades, saberes e fazeres e investimentos em suas heranças bioculturais, com a criação de novos lugares de memórias, que exigem formas diferenciadas de patrimonialização e a elaboração de condições de apropriação dos mesmos pelas comunidades ali representadas. Ao mesmo tempo, muitas das instituições já existentes passam por processos de revitalização. No Canadá, desde longa data, construiu-se a cultura museológica, na qual os museus integram-se ao cotidiano das pessoas, ao sistema educacional, às formas de lazer e ao universo econômico. O Movimento Internacional da Nova Museologia, surgido em Quebec, em 1984, já apontava para os museus a serviço do homem, transformando-se em espaço com a função de auxiliar comunidades a construírem sua autoestima, a revelarem suas práticas simbólicas e a se transformarem em interlocutores. Os museus expandem o uso de suas coleções para fins educacionais e de entretenimento, bem como reorientam suas exposições para que os visitantes se transformem, passando de simples receptores a emissores-receptores, justificando a função social do museu como instituição de informação, divulgação e formação. A partir dessas reflexões, tem-se por objetivo discutir, de forma comparada, políticas públicas, experiências, modelos de gestão, de patrimonialização e de promoção de cidadania cultural entre instituições museais canadenses e brasileiras, colaborando para a promoção de novas práticas e pressupostos que deem suporte para a solução de problemas e desafios contemporâneos dessas instituições
Palavras-chave	Canadá; Brasil; instituições museais; museus comunitários
Disciplina	História, Memória Social, Museologia
Localização	<a href="https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/download/7209/5027">https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/download/7209/5027</a>
Observações	

Nº	51
Referência	Ribeiro, AP 2016, 'Podemos descolonizar os museus?', <i>Geometrias da memória: configurações pós-coloniais</i> , eg.uc.pt
Tipologia documental	Capítulo de livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não Contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://eg.uc.pt/bitstream/10316/48390/1/Podemos%20descolonizar%20os%20museus.pdf">https://eg.uc.pt/bitstream/10316/48390/1/Podemos%20descolonizar%20os%20museus.pdf</a>
Observações	“Entendamos então que o contributo destes autores está em, ao contrário dos teóricos do pós-colonialismo africano, atualizarem o projeto pós-colonial no presente, ao afirmar que o colonialismo de espírito, do controlo dos meios de produção e do poder de manipulação estão presentes e fazem parte do aparelho colonial, mesmo em períodos de pós-independências. Por isto, o Museu da Memória e dos Direitos Humanos em Santiago do Chile é um museu anti-colonial porque é um projeto de desconstrução do que foi o período da ditadura e da colonização do espírito (Ngugi Wa Thiong’o) e do que são os mecanismos de controlo e de manipulação de um povo. O facto de o seu acervo ser maioritariamente constituído por documentos doados pela população con-

	tribui para a concepção de um museu criado a partir dos arquivos vivos de ex-colonizados. O modo como os documentos estão expostos e a relação com os visitantes permite-nos evocar a tese de Walter Benjamin: Não há nenhum documento da cultura que não seja também um documento de barbárie. E é a mesma barbárie que os impregna que impregna também os seus processos de transmissão. É por isso que, tanto quanto lhe é possível, o teórico do materialismo histórico se afasta deles. A sua tarefa é como ele acredita escovar a história a contrapelo. (Benjamin, 1992: 161) Mas este pós-colonialismo em atividade não se esgota na realização deste Museu. Ao transferir para a dimensão pós-colonial a reclamação dos Direitos Universais, a Teologia da Libertação, os movimentos indígenas, os movimentos de ocupação de terra, novas cartografias das favelas, os autores acompanham as experiências de constituição de projetos de museografia local como é o Museu da Maré no Rio de Janeiro <sup>9</sup> ou os programas museológicos da Galeria Metropolitana em Santiago do Chile.” <sup>105</sup>
--	---

Nº	52
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	53
Referência	Santos, MS dos 2011, 'Museus, liberalismo e indústria cultural', <i>Ciências Sociais Unisinos</i> , unisinos.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O objetivo deste artigo é analisar as práticas culturais desenvolvidas pelos museus ao longo de diferentes períodos, procurando compreender as diferentes dimensões das instituições e as contradições inerentes a elas. Inicialmente, é destacado o papel social dos museus reforçando o imaginário nacional-popular na década de 1930, no período pós-guerra e ao longo da ditadura militar. Em seguida, são analisadas as adaptações dos museus às leis de mercado e o desenvolvimento de seu potencial econômico para cumprir funções de inclusão social e fortalecimento de identidades específicas. Questiona-se se as diferentes dimensões presentes nos museus podem coexistir ou se valores estéticos foram abandonados em função das adaptações ao mercado e à política.
Palavras-chave	museus, política cultural, mercado, identidade, nação.
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/download/csu.2011.47.3.01/618">http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/download/csu.2011.47.3.01/618</a>
Observações	



Nº	54
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2660">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2660</a>
Observações	Capítulo do Viktor Chagas – ver Ficha 17. Tinha decidido por tudo numa única referência.

Nº	55
Referência	Medeiros, PA 'COLETIVIDADES HETEROGÊNEAS E EMPODERAMENTO MÚTUO NA ARTE COLABORATIVA', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	No atual contexto da arte contemporânea existe uma grande quantidade de agentes que vêm abordando processos colaborativos nos quais artistas e não artistas se envolvem trabalhos de duração estendida. Acreditamos que o artista faz este deslocamento e busca sua inclusão em outros contextos e coletividades (ao invés do termo “comunidades”), sempre na via do empoderamento mútuo, procurando dotar com mais autonomia estes grupos e por outro lado ter a satisfação de seu desejo e o aumento de suas competências e experiências. Para dissertar acerca deste campo, o artigo abordará uma experiência de arte colaborativa específica, o projeto “Ondas Radiofônicas”, realizado no Museu da Maré, na cidade do Rio de Janeiro
Palavras-chave	comunidade, empoderamento, arte colaborativa
Disciplina	Artes Plásticas
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/62986825/WASEM_Marcelo_Coletividades_heterogeneas_e_empoderamento_mutuo_na_arte_colaborativa_Anpap_201420200417-84815-pihojz.pdf?1587118591=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCOLETIVIDADES_HETEROGENEAS_E_EMPODERAMEN.pdf&amp;Expires=1608064482&amp;Signature=ISvVXwznXlzl0s-dGUUA5dg3Fwh4qk7MjC~IpaMuMZY30-aJXMn-3XpDgOILZ9sbytoAeT8xUb-whdd0SzDwyDy05~uIDYsKzci2SViNSuL0kkRXb4O9nkYcdtxKHdQBbAvE85TR-EzuMrlAWsg5pBIC~1sPdbsqJ9vj0Y8OcW2uklSIAed3qxuBjepq-">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/62986825/WASEM_Marcelo_Coletividades_heterogeneas_e_empoderamento_mutuo_na_arte_colaborativa_Anpap_201420200417-84815-pihojz.pdf?1587118591=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCOLETIVIDADES_HETEROGENEAS_E_EMPODERAMEN.pdf&amp;Expires=1608064482&amp;Signature=ISvVXwznXlzl0s-dGUUA5dg3Fwh4qk7MjC~IpaMuMZY30-aJXMn-3XpDgOILZ9sbytoAeT8xUb-whdd0SzDwyDy05~uIDYsKzci2SViNSuL0kkRXb4O9nkYcdtxKHdQBbAvE85TR-EzuMrlAWsg5pBIC~1sPdbsqJ9vj0Y8OcW2uklSIAed3qxuBjepq-</a>

	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37058781/BS_Sobre_Museus_e_Monstros.pdf?1426947785=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DSobre_Museus_e_Monstros.pdf&amp;Expires=1608064908&amp;Signature=YNnDITUlcbmDSgGWvWasnDJfmTdpNjsfmPA6clXAHUruWJBG9GDssxyiwFyr1OK6sV1Zv-x4Nx8IsZFM44LLncZBwNucWTXGo~i5CwUDOmjrabUwTBtWiiYF66gB-dTehhpOIKcRS6a5K7iqwFYkTHdejO6Wo9zBZNp9aYouyRE-laOaRxQVPiRWU-t6pVF7z8OuhzPZcHqCrqYwm6pqjGpprd8P5ScFnlAZwjQaYHzTAIGfyLHJAmCujYDd6UoL2ZcUddiWXgsaucctRr2QAHk7FhZWaEzREa~W39nTN6YkD346D6eGkRI5h4rgCgS80ICPAp7ZW-NtY7RhPHU~hA__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">BqKiYa4kxPjSKx1GdBAvuJNu7i7xhdDMfJbEH8-UbfETpJPWv5~jayUdIrIJt0EFvNhJaPcc9qv2rUQDZFX~QJ-AdQjIC2ex2WSe0tqIIM~kheBWwQE1HUGfTHM4wRfAWXKjWJG5ondpRqWUwsz-uK~AQ__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Observações	

Nº	56
Referência	Szaniecki, B 2013, 'Sobre museus e monstros', <i>Na Borda</i> , academia.edu
Tipo- logia do- cu- men- tal	Artigo
Re- sumo	Não contém
Pal- avras- chave	Não contém
Disci- plina	Design, Comunicação Visual
Loca- liza- ção	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37058781/BS_Sobre_Museus_e_Monstros.pdf?1426947785=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DSobre_Museus_e_Monstros.pdf&amp;Expires=1608064908&amp;Signature=YNnDITUlcbmDSgGWvWasnDJfmTdpNjsfmPA6clXAHUruWJBG9GDssxyiwFyr1OK6sV1Zv-x4Nx8IsZFM44LLncZBwNucWTXGo~i5CwUDOmjrabUwTBtWiiYF66gB-dTehhpOIKcRS6a5K7iqwFYkTHdejO6Wo9zBZNp9aYouyRE-laOaRxQVPiRWU-t6pVF7z8OuhzPZcHqCrqYwm6pqjGpprd8P5ScFnlAZwjQaYHzTAIGfyLHJAmCujYDd6UoL2ZcUddiWXgsaucctRr2QAHk7FhZWaEzREa~W39nTN6YkD346D6eGkRI5h4rgCgS80ICPAp7ZW-NtY7RhPHU~hA__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37058781/BS_Sobre_Museus_e_Monstros.pdf?1426947785=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DSobre_Museus_e_Monstros.pdf&amp;Expires=1608064908&amp;Signature=YNnDITUlcbmDSgGWvWasnDJfmTdpNjsfmPA6clXAHUruWJBG9GDssxyiwFyr1OK6sV1Zv-x4Nx8IsZFM44LLncZBwNucWTXGo~i5CwUDOmjrabUwTBtWiiYF66gB-dTehhpOIKcRS6a5K7iqwFYkTHdejO6Wo9zBZNp9aYouyRE-laOaRxQVPiRWU-t6pVF7z8OuhzPZcHqCrqYwm6pqjGpprd8P5ScFnlAZwjQaYHzTAIGfyLHJAmCujYDd6UoL2ZcUddiWXgsaucctRr2QAHk7FhZWaEzREa~W39nTN6YkD346D6eGkRI5h4rgCgS80ICPAp7ZW-NtY7RhPHU~hA__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Ob- ser- va- ções	“Enquanto alguns nômades[xi] acompanhavam esse processos no front das remoções, nos últimos tempos eu vinha pesquisando a relação entre gentrificação da cidade e museificação da cultura no Rio de Janeiro. Para erguer museus gentrificava-se (a Aldeia Maracanã, por exemplo, é removida para abrigar um Museu Olímpico. Para quê? Para quem?) e, para remover ou legitimar a remoção, também erguem-se museus. O processo se revela gentrificação da sociedade e espetacularização da cidade[xii]. Nada contra museus, muito pelo contrário, os frequento com prazer. Certa vez, em visita ao Museu da Maré[xiii], encontrei esse mapa pintado no muro e indicando a existência de museus parceiros como o Museu de Favela, o Museu Sankofa, o Museu Vivo de São Bento em Duque de Caxias, o EcoMuseu Nega Vilma, o Museu do Horto. Que variedade de museus na cidade e em seus arredores! Mas... quem os conhece? São museus com diferentes visões e práticas, são museus com forte vínculo com as comunidades nas quais inserem atividades em parte relacionadas à identidade sociocultural e à memória mas que vem sendo ampliadas e renovadas: são memórias vivas. Contudo, eles têm pouca ou nenhuma visibilidade e essa invisibilidade me instiga a pesquisar o que os torna tão pouco “criativos” aos olhos do poder público. A perspectiva de gran-

	<p>des eventos abre o caminho para grandes obras – assim como os velhos e novos negócios com empreiteiras – supostamente necessárias para a “revitalização urbana” acompanhada de sua “ressignificação criativa” – como caminho para superar a perda de capital política para Brasília e de capital financeira para São Paulo e tudo isso no meio de um processo de decadência econômica e conseqüente degradação social – que se sustenta em grande parte na construção de grandes museus (MAR[xiv] e Museu do Amanhã[xv]), e todos eles com algum tipo de parceria com a Fundação Roberto Marinho.[xvi] Em contraponto ou complemento a esse projeto de “criativ-ação” – talvez menos elitista e excludente que outrora, mais perversamente incluyente, ou seja, que inclui na medida da submissão a um modelo – da arte e da cultura do Rio de Janeiro e que vem se expandindo através do conceito de economia criativa, eu vinha ressaltando a importância da rede de Pontos de Cultura que, em suas práticas se revelam muito próximas àquelas das favelas, ocupações, quilombos e aldeias urbanas onde, em alguns casos, eles se inserem. Daí, quando ponho em evidência a “parceria”, sempre definida em termos muito vagos, entre governos (federal, estadual e municipal) e a Fundação Roberto Marinho, quero apontar a relação delas com pelo menos três problemas que, por sua vez, estão interligados: o problema da sustentabilidade, o da visibilidade e o da espetacularização da cultura no Rio de Janeiro. Com relação ao primeiro: a economia criativa e seus museus que se beneficiam das leis de incentivo fiscal e se apresentam como parcerias público-privadas são vistos como sustentáveis enquanto os Pontos de Cultura beneficiários de editais públicos e as atividades culturais de favelas, ocupações, quilombos e aldeias urbanas são vistos como insustentáveis.”<sup>5</sup></p>
--	--

Nº	57
Referência	Dunley, G 'As comunidades que vêm... Experiência e pensamento em torno de uma utopia contemporânea-ONG CEASM65/Maré', <i>uninomade.net</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Comunicação
Localização	<a href="http://uninomade.net/wp-content/files_mf/11020312085516%20As%20comunidades%20que%20vem%20Experiencia%20e%20pensamento%20em%20torno%20de%20uma%20utopia%20contemporanea%20ONG%20CEASM.pdf">http://uninomade.net/wp-content/files_mf/11020312085516%20As%20comunidades%20que%20vem%20Experiencia%20e%20pensamento%20em%20torno%20de%20uma%20utopia%20contemporanea%20ONG%20CEASM.pdf</a>
Observações	“Para finalizar, ao ser indagado sobre o que seria a Política do CEASM, Antônio Carlos Pinto Vieira – um dos fundadores do CEASM e coordenador da rede Memória – diz que ela quer mostrar à sociedade que as populações da Maré podem responder afirmativamente aos investimentos (dons) feitos pelos parceiros através de projetos que emancipem aquelas po-

	<p>pulações de suas condições de exclusão do acesso aos bens coletivos. Ou seja, ele nos diz que os participantes dos vários projetos e programas implementados pela ONG CEASM estão inscritos numa política do dom, como pudemos perceber, do momento em que se mostram capazes de reconhecer a dívida que os dons/ investimentos criariam, e retribuir com seu trabalho vivo, transformador e auto-emancipado. O Museu da Maré, lançado em 2006, criação da equipe da rede memória e de todas as comunidades da Maré, é a metáfora viva desta política do dom. Ele se fez de doações dos moradores da Maré: seus objetos preciosos, sagrados, que não podem sair do clã<sup>86</sup>, além de objetos do dia a dia que haviam pertencido a gerações. O contra-dom (do investimento/dom feito no CEASM pelo MinC) é o reconhecimento do poder da resistência coletiva, vista nas fotos e nos objetos que denotam os terríveis momentos pelos quais as comunidades passaram (medo das águas, remoções, doenças, pobreza, tráfico), e a consciência da solidariedade inscrita no passado e no presente a partir daqueles objetos. E assim se tece o laço entre esfera pública e os pobres cheios de potência da Maré, fortalecendo seus laços entre si e com outras organizações presentes na Maré.”223-224</p>
--	--

Nº	58
Referência	Madureira, M 2010, 'O espaço da cultura na contemporaneidade: Museu Global X Museu Local', ... <i>Internacional Museografia e Arquitetura de Museus</i> , academia.edu
Tipo- logia docu- men- tal	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resu- mo	O presente artigo apresenta uma discussão sobre as formas e o papel que os museus assumiram na contemporaneidade. A abordagem escolhida foca dois tipos de museus em grande expansão quantitativa no mundo todo e concebidos por ideologias quase opostas: o museu global e o museu local. Evitando reduzir o trabalho a discussões fora do lugar, são apresentados alguns exemplos de museus globais e locais contemporâneos.
Pala- vras- chave	museus, local e global, cultura, identidade e espetáculo.
Disci- plina	Turismo, Planejamento Urbano, Arquitetura
Locali- zação	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/41895142/O_espaco_da_cultura_na_contemporaneidade.pdf?1454436952=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_espaco_da_cultura_na_contemporaneidade.pdf&amp;Expires=1608065381&amp;Signature=gSGJsgc2FsyYAbE~WTduStRO5qAa8ox8xYoCKf-1gP5wOLBO9ZzzTrBaB2qMdUX0VDbk45yYHidumLzQXtx1BKTOiEsjF6zsPUTRyx~3euMUynB4b90LHzEMhhErFs3NZkD4gzZaJennrnsAiE9QM-IFgZAoLwO9CG6dtDW-VhKr9byhZvwNm3rj7uxo8UXxAREzfTVYWcfzfiU-V1CtXr2Uo15FxMnkjgoa9VPNf3aeXtmTiA9vZpEHR0PjmZZwQ0G2RGS0rD9Ez6om~sTuA4n6aOON4wY7Z65HXtTaqHgNS5dzsg2bGDxHbJxXuVA~C-cX9BeA90Gy7DhR0pckug__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/41895142/O_espaco_da_cultura_na_contemporaneidade.pdf?1454436952=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_espaco_da_cultura_na_contemporaneidade.pdf&amp;Expires=1608065381&amp;Signature=gSGJsgc2FsyYAbE~WTduStRO5qAa8ox8xYoCKf-1gP5wOLBO9ZzzTrBaB2qMdUX0VDbk45yYHidumLzQXtx1BKTOiEsjF6zsPUTRyx~3euMUynB4b90LHzEMhhErFs3NZkD4gzZaJennrnsAiE9QM-IFgZAoLwO9CG6dtDW-VhKr9byhZvwNm3rj7uxo8UXxAREzfTVYWcfzfiU-V1CtXr2Uo15FxMnkjgoa9VPNf3aeXtmTiA9vZpEHR0PjmZZwQ0G2RGS0rD9Ez6om~sTuA4n6aOON4wY7Z65HXtTaqHgNS5dzsg2bGDxHbJxXuVA~C-cX9BeA90Gy7DhR0pckug__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Ob- serva- ções	

Nº	59
Referência	FERREIRA, CB 2016, 'Isso é coisa de macumba? Elaboração de um material pedagógico de História sobre as religiosidades afro-brasileiras em museus do Rio de Janeiro',,, labhoi.uff.br
Tipologia documental	Dissertação mestrado
Resumo	O presente trabalho, atuando no campo do ensino de História, propõe aliar a capacidade pedagógica dos museus à discussão sobre a intolerância religiosa, tendo como objetivo construir um material pedagógico para uso em sala de aula. Os museus são aqui compreendidos como espaços de produção de conhecimento e representação das temporalidades. Os objetos religiosos foram selecionados em três instituições da cidade do Rio de Janeiro, a saber, Museu Histórico Nacional, Museu da Maré e Museu Nacional. Discutindo noções como memória, história, dever de memória e o alcance e limites do ensino das relações étnico-raciais; e testando o material produzido com um grupo focal formado por 9 alunos do oitavo ano de uma escola pública da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, procuramos evidenciar que o estudo sobre a história dos objetos religiosos expostos em museus pode ajudar a combater a intolerância religiosa e estimular o diálogo entre os alunos de diversas vertentes religiosas.
Palavras-chave	Ensino de História. Museus. Relações étnico-raciais. Religiosidades. Objetos religiosos.
Disciplina	Ensino de História, História
Localização	<a href="http://www.labhoi.uff.br/repair/ppp/pdf/Dissertacao_Carolina_Ferreira.pdf">http://www.labhoi.uff.br/repair/ppp/pdf/Dissertacao_Carolina_Ferreira.pdf</a>
Observações	

Nº	60
Referência	Baptista, J, & Boita, T 2017, 'Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil', <i>Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São ...</i> , sescsp.org.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente artigo visa apresentar algumas reflexões sobre o lugar da memória de travestis, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais nos museus, patrimônios, monumentos e espaços de vocação museológica no Brasil. O estudo se inicia com algumas notas introdutórias que se esforçam em sintetizar aspectos conceituais, passando por um mapeamento breve do que de fato tem sido feito no Brasil em museus e espaços de memória relacionados à população LGBT, destacando-se a Revista Memória LGBT, até alcançar pequenas considerações finais. Trata-se, portanto, de uma proposta que procura articular memória, esquecimento, patrimônio e suas articulações com a questão LGBT
Palavras-chave	Memória. Esquecimento. Patrimônio. Comunidade LGBT. Museologia comunitária.
Disciplina	História, Antropologia, Museologia
Localização	<a href="https://www.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf">https://www.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf</a>
Observações	

Nº	61
Referência	Medrado, A, Rega, I, Souza, R, & Callus, P 'Retrato de Marielle: A Rede eVozes e as conexões entre Brasil e Quênia na luta por direitos humanos1', <i>abpcom.com.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O presente trabalho é fruto dos esforços da Rede “eVozes Rediscutindo a Marginalização”, financiada pelo Conselho de Pesquisas em Artes e Humanidades (AHRC) do Reino Unido, que reúne acadêmicos, ativistas e membros da sociedade civil no Brasil, Reino Unido e Quênia. O objetivo é analisar os usos de tecnologias digitais para combater a marginalização social, promovendo uma troca de conhecimentos entre países do Sul Global. Para isso, a rede promoveu três encontros no Reino Unido, Brasil e Quênia. Nesse último país, foi realizada em Nairóbi uma oficina com jovens artistas (artistas + ativistas) em que eles produziram uma animação de 2 minutos sobre Marielle Franco, vereadora assassinada em março de 2018. A partir de um debate com os artistas e da produção de um vídeo de animação, ficaram evidentes as semelhanças entre os contextos brasileiro e queniano que incluem, por exemplo, as dificuldades que as populações faveladas enfrentam para assegurar seus direitos e fazer ecoar suas vozes
Palavras-chave	Rede eVozes; direitos humanos; Marielle Franco; ativismo; Quênia.
Disciplina	Comunicação, Direitos Humanos
Localização	<a href="http://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2020/05/3.pdf">http://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2020/05/3.pdf</a>
Observações	Parece não ter nada a ver com museu, mas acho que esse material foi apresentado na exposição temporária.

Nº	62
Referência	Nobre, AS 2009, 'Cezindo a rede da memória: estudo sobre a construção de identidades no Bairro Maré', <i>recil.grupolusofona.pt</i>
Tipologia documental	Dissertação de mestrado (publicada na Cadernos de Sociomuseologia)
Resumo	Estudo de caso sobre a construção de memórias e identidades sociais no Bairro da Maré, a partir do acervo fotográfico do Arquivo Documental Orosina Vieira - ADOV, criado por um grupo de indivíduos que militam na organização não-governamental denominada Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Constituem os objetivos desta pesquisa a análise dos processos de criação do ADOV, uma reflexão sobre o acervo resultante destas políticas de aquisição e uma abordagem sobre a exposição fotográfica “Memórias da Maré”, encaradas enquanto estratégias de construção da memória e identidades do Bairro Maré. Este estudo utilizou o método antropológico da observação participante e a pesquisa documental. (Dissertação de Mestrado em Museologia (Mestrado Memória Social - UNIRIO)
Palavras-chave	MUSEOLOGIA MUSEUS ARQUIVOS
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/4483/1/sociomuseologia_n33.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/4483/1/sociomuseologia_n33.pdf</a>
Observações	

Nº	63
Referência	Amaral, L, & MANCILLA, C BARRIA 2018, 'Narrativas da Memória: A Cidade como Museu: Conectividade, práticas artísticas e museologia social contemporânea', <i>Anais do V Simpósio ...</i> , files.cercomp.ufg.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	A presente discussão propõe analisar o lugar da arte no âmbito da esfera pública contemporânea a partir da diluição e do deslocamento do objeto para o campo da experiência estética. Transitar entre a autonomia e a instrumentalização parece ser um dos dilemas enfrentados pela arte que incide em dinâmicas sociais, prática contemporânea derivada da arte pública e suas recentes hibridizações. Tais questões podem iluminar um debate sobre as práticas críticas como campos de ação processuais e colaborativos apontando para renovadas formas de comunicação, apropriação, interação e pertencimento. Objetiva-se investigar os modos de fazer artísticos compartilhados em rede, os processos de transformação no território deles decorrentes e implicações políticas no tecido social. Estabelece uma plataforma de ação, reflexão e análise acerca de práticas artísticas como processos de escrita criativa colaborativas junto a Museus do Território situados na cidade do Rio de Janeiro como parte de uma experiência a/r/tográfica (IRWIN, 2005) como mediação cultural e ativação dos territórios. Concebida como um museu difuso, nômade e temporário em diálogo com o conceito de Geopoética dos Sentidos (AMARAL, 2015), a plataforma de práticas artísticas problematiza e coloca em evidência outros patrimônios possíveis, operando como dispositivo de memória contra o “desperdício da experiência” (SANTOS, 2010), com base em uma poética do Sul.
Palavras-chave	Práticas artísticas, museus do território, geopoética dos sentidos, o patrimônio, poética do sul.
Disciplina	Educação, Arte Visual
Localização	<a href="https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/777/o/31_-_Lilian_Amaral.pdf">https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/777/o/31_-_Lilian_Amaral.pdf</a>
Observações	

Nº	64
Referência	Chagas, M de Souza, & Pires, VS 'Sociedade, museus e território', <i>território, museus e sociedade</i> , academia.edu
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60073577/LIVRO_TERRITORIO_MUSEUS_E_SOCIED">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60073577/LIVRO_TERRITORIO_MUSEUS_E_SOCIED</a>

zação	<p>ADE WEB versao 0220190721-120251-zwwtnc.pdf?1563741818=&amp;response-content-dispositi-  on=inline%3B+filename%3DTerritorio_Museus_e_Sociedade.pdf&amp;Expires=1608068628&amp;Signature=fJTK9ignBHQ9SEyrfae~yGCRz1grtiq9rIVCVn-RhmABik3z8zb5lZX~sk6G8-  weO~GhRFPv3ir1X9Ev9OqPcqvuQnFAuv36WMy-  ndLZ5thLTX9b5mjPLtRWCPThw2H59345p4tLn38J88i1GWkoypmZZ2vySnt~-  tqmT8HtjxOYTOsfxxCbduhjEQ07SnyuH3v7AIWTiIKLfQKMmXrXDc~wqZU6MLNdxzN47LPVvB  fSOiEuspEahiv9DxuXUXVfwZebfBPld4Nmvsz6URrPKWnjKOooyQfK3YkPGr-  kPIEscasQEgrbnCni8RU3DMBrVLO5kY3q0K8rFGyxc2me2Q_ &amp;Key-Pair-  Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=287</p>
Observações	<p>“Em boa medida, o seminário realizado em 2014 e o livro que aqui se oferece trabalham a favor do deslimite dos museus e da museologia. Durante todo o livro, da apresentação à conclusão, focalizamos a possibilidade de o museu ser acionado de modo transformador e criativo. Nesse sentido, estamos em sintonia com o depoimento que Boaventura de Sousa Santos deixou registrado de próprio punho, no dia 7 de novembro de 2015, no livro de “visitantes” do Museu da Maré: Este museu não pode sair daqui. Fica. Estou emocionado pela riqueza humana e cultural que vim encontrar neste Museu da Maré. Estive aqui há 45 anos, a Maré era outra e muito mais longe da dignidade. Nas piores condições políticas sociais, no meio do racismo e da discriminação, esta comunidade maravilhosa conseguiu construir uma vida digna numa sociedade que não cessa de os criminalizar. Este museu é a prova mais eloquente da vitalidade e da criatividade desta comunidade. É um museu contra-hegemônico que conta a dignidade das classes populares. A tecnologia museológica que está aqui é uma demonstração maravilhosa do que chamo ecologia dos saberes: o diálogo entre o saber popular e o saber técnico na construção da emancipação. Nesse depoimento está registrado um caminho para a museologia social. De forma direta e objetiva, Boaventura de Sousa Santos identifica a potência criativa e a potência de resistência do Museu da Maré – potência que, por nossa conta e risco, reconhecemos e estendemos para outros tantos museus que, espalhados pelo Brasil e pela América Latina, se alinham com as reflexões e práticas da museologia social.”296-297</p>

Nº	65
Referência	Araújo, HMM 'NOS “LUGARES DE MEMÓRIA” TAMBÉM SE EDUCA!', <i>academia.edu</i> ,
Título do documento	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)
Resumo	Esse texto é fruto de minha pesquisa sobre os espaços educativos não formais e sua relação com a dimensão pedagógica dos chamados “lugares de memória”. Parto do princípio da afirmativa de que toda a cultura é pedagógica porque ensina alguma coisa e toda pedagogia é cultural, ou seja, é fruto de um contexto histórico específico. Sendo assim, fiz um recorte teórico e metodológico em minha investigação e analiso os conceitos de educação formal, de educação não formal e de educação informal estabelecendo correlações com os “lugares de memória” e o possível empoderamento identitário. Interessa-nos sobremaneira, o papel das



	<p>narrativas históricas na construção das memórias em prol do fortalecimento identitário, como no caso dos museus – quer sejam museus clássicos, ecomuseus ou museus comunitários. Podemos situar teoricamente nossa pesquisa na fronteira da Educação com a Museologia Social, os Estudos Culturais, a Memória e a História. Conjugamos do interesse recente pelos museus como espaços de representação do outro e de grande potencial educativo ou pedagógico. Além disso, entendemos serem os museus guardiões e divulgadores de culturas e de ideologias de grupos sociais específicos. Tentaremos entender a missão educativa dos museus privilegiando o estudo sobre os museus comunitários e/ ou ecomuseus. Nosso estudo de caso foi o Museu da Maré na cidade do Rio de Janeiro, visto como um espaço de educação não formal que constrói narrativas históricas e memórias fortalecendo identidades culturais locais. São essas questões e suas relações com as práticas educativas de empoderamento social e possível fortalecimento identitário, através da construção da(s) memória(s) coletiva(s), que pretendemos analisar.</p>
Palavras-chave	espaços educativos não formais, “lugares de memória”, Museu da Maré.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/42392541/TRABALHO_EV047_MD1_SA9_ID975_08062_015231752.pdf?1454950544=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNOS_LUGARES_DE_MEMORIA_TAMBEM_SE_EDUCA.pdf&amp;Expires=1608229575&amp;Signature=JnVFq4n9OS7F1Pp6h~RXCHE1VgefDc8g93uZS2z1QI8qCbqwjHM2hU4Lr5Q4jRrDQli~4vO1KXt5f5TNzyM-SwFsLu4MsVEg9aT6aLAWD9maFWPJgpXrpEGmInF6UW2k6pnCs-ANE-dA~JQIU6KHJcGDT0wMDdrwq5xpLqrvdugniGQOeHKUKYmtR70HvAlqQISFQwQxvWlc9Ofku4hykX7ReOvB2APEYNrfJY7CoE4EwpVWytNyleNZeny~8nuW3MRTHP2iUY4IV5Fwln5poxnRfNHOOlrHI2f~RqaBq5ihjNtC2EEa5a4kxRA1I53Kygh1XqtdF6ZKSAO3fo1Uq0g_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/42392541/TRABALHO_EV047_MD1_SA9_ID975_08062_015231752.pdf?1454950544=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNOS_LUGARES_DE_MEMORIA_TAMBEM_SE_EDUCA.pdf&amp;Expires=1608229575&amp;Signature=JnVFq4n9OS7F1Pp6h~RXCHE1VgefDc8g93uZS2z1QI8qCbqwjHM2hU4Lr5Q4jRrDQli~4vO1KXt5f5TNzyM-SwFsLu4MsVEg9aT6aLAWD9maFWPJgpXrpEGmInF6UW2k6pnCs-ANE-dA~JQIU6KHJcGDT0wMDdrwq5xpLqrvdugniGQOeHKUKYmtR70HvAlqQISFQwQxvWlc9Ofku4hykX7ReOvB2APEYNrfJY7CoE4EwpVWytNyleNZeny~8nuW3MRTHP2iUY4IV5Fwln5poxnRfNHOOlrHI2f~RqaBq5ihjNtC2EEa5a4kxRA1I53Kygh1XqtdF6ZKSAO3fo1Uq0g_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Observações	

Nº	66
Referência	Moutinho, M 2015, 'DECLARAÇÃO MINOM-RIO DE JANEIRO 2013', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Declaração do MINOM (publicada nos Cadernos de Sociomuseologia)
Resumo	Não contém

Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/5231/3371">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/5231/3371</a>
Observações	<p>“maravilhosa conseguiu construir uma vida digna numa sociedade que não cessa de os criminalizar. Este museu é a prova mais eloquente da vitalidade e da criatividade desta comunidade. É um museu contra-hegemônico que conta a dignidade das classes populares. A tecnologia museológica que está aqui é uma demonstração maravilhosa do que chamo ecologia dos saberes: o diálogo entre o saber popular e o saber técnico na construção da emancipação. Nesse depoimento está registrado um caminho para a museologia social. De forma direta e objetiva, Boaventura de Sousa Santos identifica a potência criativa e a potência de resistência do Museu da Maré – potência que, por nossa conta e risco, reconhecemos e estendemos para outros tantos museus que, espalhados pelo Brasil e pela América Latina, se alinham com as reflexões e práticas da museologia social.</p> <p>A) Reafirmar os princípios anunciados nas declarações de Santiago do Chile, 1972, e Quebec, 1984; B) Quebrar hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias. C) Compreender os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas; D) Dar relevo à atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais. Todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas; E) Reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios “jeitos” de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo que lhes convém; F) Colocar em destaque a compreensão de que a museologia social consiste num exercício político que pode ser assumido por qualquer museu, independente de sua tipologia.”145-146</p>

Nº	67
Referência	Lima <sup>1</sup> , HF de, & Sterling, GAO 'O MUSEU COMUNITÁRIO ENQUANTO ELEMENTO ARTICULADOR ENTRE O PASSADO EO PRESENTE: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS PARA O ...', <i>diaadiaeducacao.pr.gov.br</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	A temática deste estudo gira em torno do museu comunitário e suas possibilidades metodológicas na guarda e análise de fontes orais e da cultura material para o ensino de história. Compreender o museu enquanto um espaço articulador entre o passado e o presente amplia as condições existentes para o ensino e aprendizagem de história. O ensino da história não se restringe a uma reprodução dos fatos em ordem cronológica e linear, com ênfase apenas em mitos fundadores ou em fatos históricos, desconsiderando-se as diversas relações e contradições pelas quais o homem vivencia em sociedade. Não há como ensinar história sem que o aluno se veja inserido nela e perceba as influências da mesma na formação de sua identidade sociocultural. O ensino implica em levar o aluno a perce-

	ber-se enquanto ser histórico e social que, embora não determinado, sofre influências de seu meio e nele pode intervir. Dentro do ensino de História o trabalho com a museologia se constitui como fundamental por contribuir com o diálogo entre o passado e o presente. O museu é um espaço que comporta fontes inesgotáveis de discussões e que possibilitam a compreensão de fatos históricos e culturais. Assim esse trabalho se justifica pela possibilidade educativa que o museu oferece. Fica ainda evidente, o interesse e a participação dos alunos, para que o processo de efetivação do projeto Museu Comunitário saísse do papel e se tornasse realidade.
Palavras-chave	museu; memória; história oral; patrimônio
Disciplina	Educação
Localização	<a href="http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_unioeste_helenaflordelima.pdf">http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_unioeste_helenaflordelima.pdf</a>
Observações	

Nº	68
Referência	Moraes, BC 'TURISMO EO MUSEU DE FAVELA', <i>SOBRE MUSEUS E TURISMO</i> , eca.usp.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver ficha 15

Nº	69
Referência	Vieira, ACP, Silva, CRR da, & ... 2010, 'The Maré Museum: an integrated project of community development', <i>Cadernos de ...</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	The Maré Museum, founded on 8 May 2006, arose from the desire of the inhabitants of the community to have a place of memory, a place that is immersed in the past and looks to the future, a place that reflects on this community, on their conditions and identities and on their territorial and cultural diversity. The intention of the Maré Museum is to break with the tradition that the experiences to be recollected and the places of memory to be remembered are those elected by the official version, the "winner" version of the story that restricts the representations of history and memory of large portions of the population. The Maré Museum, as a pioneer initiative in the city scene,

	proposed to expand the museological concept, so that it is not restricted to intellectual social groups and cultural spaces that are not accessible to the general population. The museum has established recognition that the slum is a place of memory and so has initiated a museographic reading of the Mare community. ...
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Historia, Memória Social
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/1663/1324">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/1663/1324</a>
Observações	Eu acho que este artigo não contém nem resumo nem palavras-chaves, porque foi publicado nos Cadernos de Sociomuseologia. Mas, é uma referência importante de ser lida.

Nº	70
Referência	Bombico, S 2015, 'Pr'Álem do Mare Nostrum—Um Guia para a Navegação Romana no Atlântico',,, dspace.uevora.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo.

Nº	71
Referência	Araújo, ME de, Cunha, FE de Andrade, & ... 2000, 'Ictiofauna marinha do estado do Ceará, Brasil: II. Elasmobranchii e Actinopterygii de arrecifes de arenito da região entre marés', <i>Arquivos de Ciências ...</i> , periodicos.ufc.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	72
Referência	Silva, ES 2006, 'Ampliando futuros: o curso pré-vestibular comunitário da Maré',,, biblioteca-digital.fgv.br
Tipo-	Dissertação (mestrado profissional)

logia documental	
Resumo	<p>Estudo sobre o Curso Pré-vestibular Comunitário da Maré (CPV-Maré), a partir de sua inserção no movimento de pré-vestibulares comunitários existente hoje em todo o Brasil. Os dados e fontes coletados permitiram entender como se deu a trajetória do curso, bem como seus resultados e limites. Através do crescimento do curso, é possível entender o processo de crescimento e institucionalização do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), organização não governamental criada por moradores e ex-moradores da Maré em 1997, que teve crescente e expressivo crescimento desde a sua formação. Em sete anos de existência –1998 a 2005 – os estudantes que freqüentaram o CPV-Maré obtiveram, ao todo, 539 aprovações para universidades públicas e privadas, sobretudo para a PUC-RJ, totalizando 408 ingressos de alunos no ensino superior. Em consonância com a proposta do curso, e diante da condição econômica de seus alunos, serão aqui consideradas apenas as aprovações para as universidades públicas e para a PUC-RJ, tendo em vista a parceria estabelecida entre essa universidade e o CEASM, no tocante à concessão de bolsas de estudo. Assim, são 355 alunos que ingressaram nas universidades públicas e na PUC-Rio. É com esse quantitativo que iremos trabalhar neste estudo.</p>
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2101/CPDOC2006ElionalvaSouzaSilva.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2101/CPDOC2006ElionalvaSouzaSilva.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº	73
Referência	Silva, D Bogado Correa Da 2017, "' Museu das remoções" potencia de resistencia creativa y efectiva como respuesta sociocultural a Río de Janeiro en mega eventos.', idus.us.es
Tipologia documental	Tese de doutorado
Resumo	This paper will examine the construction of the Evictions Museum in Vila Autódromo, which took place amidst the rise of various civil rights movements in Rio de Janeiro. The introduction of a form of city management called 'urban entrepreneurship,' (Harvey, 1996) prompted a steady loss of civil rights in the city. The Evictions Museum is just one manifestation of the fight for the right to the city, and for the

	<p>right to housing which occurred as a result of this new form of administration. The effects of this change were felt strongest between 2009 and 2016 when the city was preparing for and hosting the international mega events. During this period, mayor Eduardo Paes was in office. The socio-spatial transformations that took place in the years leading up to the 2014 World Cup and the 2016 Olympics were influenced by the interests of the global market, which corresponds with the construction of a neoliberal city (or the aforementioned urban entrepreneurship). This development, shaped by the prominent role of businesses in urban management, mirrors larger changes in the global economy which has international financial capital at the heart of its negotiations. These negotiations are characterised by speed and the authority through which corporate interests are implemented. This dynamic can also be seen in the execution of the territorial reshuffle through PPPs (public-private partnerships). These transformations also mean that urban policies develop "with the backing of a triumphant consumerism in an era characterised by the hegemony of thought and neoliberal management practices" (Rolnik, 2016: 262). The strategy used to accomplish 'urban entrepreneurship' (or the neoliberalisation of cities) had already been employed in various US cities and in Barcelona. When applied to the context of Rio de Janeiro this manifests itself in the privatisation of public space, and in changing the socio-cultural profile of residents living in certain areas of the city (gentrification) through large-scale urban projects. In order to for this to happen, the state presents itself as legislatively flexible and executively authoritative in attending private interests, to the detriment of collective demands. Increased socio-spatial segregation is the primary consequence of these urban-administrative transformations. However, other material and symbolic socio-urban developments can also be seen in the city (as Lefebvre argues, you can read a city like you can read a book (Lefebvre, 2001), which have been met with resistance. Vila Autódromo is a space torn between capital interests on the one hand, and the fight for the right to the city on the other. The Evictions Museum is an experience of the creative fight which took place in this favela in the West Zone of Rio de Janeiro. This museum prevented the complete fulfillment of state interests (which favoured the real estate industry) and achieved permanent residence for 20 families in the community, despite the city government's plan to evict the entire community. The Evictions Museum was a product of Vila Autódromo's resistance and presents an example to the rest of the world of how civil rights can be won through the fight of a community and its network of supporters. The Evictions Museum demonstrates the power of creative and insurgent resistance to hegemonic issues (Miraftab, 2004, 2009) and helps support the hypothesis that everyday socio-spatial practices in favelas are able to inspire people to mobilise themselves in a persistent and efficient way against the construction of a neoliberal state. Solidarity and affectivity are links formed through residing in a place (Lefebvre, 2001).</p>
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://idus.us.es/handle/11441/70915">https://idus.us.es/handle/11441/70915</a>
Observações	

Nº	74
Referência	Ribeiro, AP, Sena, CM, & Bartelmebs, RC 'PROPOSIÇÕES PARA A APLICAÇÃO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA: O CASO DO PROJETO DAS MARÉS',

	<i>ojs.cesuca.edu.br,</i>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	75
Referência	Wasem, M 2015, 'Dilemas da arte colaborativa: nomadismos, nivelamento relacional e coletividades', <i>outra travessia</i> ,, periodicos.ufsc.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O objetivo central do artigo é abordar algumas questões relacionadas ao fazer artístico que possui a colaboração como parte fundamental de sua constituição, incidindo em mudanças nos papéis do artista e do público. Para o artista, é necessário que outras competências sejam exercidas, para além de sua criatividade e expressividade. Na verdade, seu fazer poético é ampliado na medida em que há um desenvolvimento na escuta das coletividades em que busca se envolver e neste movimento nômade em se desterritorializar. Por outro lado, os agrupamentos coletivos não podem ser tratados como corpos homogêneos e agentes passivos da ação do artista, mas sim coletividades complexas, mutáveis e desejantes, em busca de suas próprias linhas de existência. O encontro entre artista e público acontece neste movimento por uma autonomização das singularidades, que se dá nos dois sentidos, sem que se perca a capacidade de contaminação e porosidade ao outro. O texto abordará sucintamente a experiência de arte colaborativa realizada com o projeto “Ondas Radiofônicas”, desenvolvido no Museu da Maré, na cidade do Rio de Janeiro
Palavras-chave	arte colaborativa; nomadismo; coletividade
Disciplina	Artes
Localização	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p121/30971">https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p121/30971</a>
Observações	

Nº	76
Referência	Dias, MC 2014, 'Os museus podem contribuir para a dignidade da pessoa humana, para a dignidade social', <i>Revista Confluências Culturais</i> ,, periodicos.univille.br
Tipologia documental	
Resumo	

Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	O site do periódico estava indisponível

Nº	77
Referência	Szaniecki, B 'Inserções Multitudinárias nas Metrópoles e. nos museus', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Artes
Localização	<a href="http://institutomesa.org/RevistaMesa_3/portfolio/casa-daros-caranguejos-e-borboletas-02/#">http://institutomesa.org/RevistaMesa_3/portfolio/casa-daros-caranguejos-e-borboletas-02/#</a>
Observações	<p>“No seio desse capitalismo criativo e desse contexto conturbado, o Rio de Janeiro tem contudo a vantagem de possuir instituições artísticas muito heterogêneas e onde o próprio “artístico” adquire sentido amplo: museus históricos, museus da era (e da arte) moderna e mesmo moderníssima, até museus da era (e da arte) contemporânea. Cada qual em seu período histórico marcou um território: o centro da cidade que despertava para a urbanidade no caso dos primeiros museus, o Aterro do Flamengo que apontava o caminho da modernidade no caso dos segundos e os territórios degradados do centro assim como os territórios periféricos no caso dos terceiros. A cidade também comporta museus que se apresentam como “tradicionais” e “comunitários” na medida em que mantêm forte elo com seu entorno sociocultural e museus que se definem como “novos”, onde o novo, em muitos casos, vem associado às novas tecnologias e às questões globais. Como disse anteriormente, a maioria articula esses diferentes aspectos de maneira singular e, num mesmo território, coexistem diferentes experiências museológicas. Na zona portuária, por exemplo, coexistem o MAR e a Casa Amarela da Providência, o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos<sup>10</sup> e o Condomínio Cultural, com objetivos e desejos que ora convergem, ora divergem. Na Maré, convivem o Museu da Maré e o Galpão Bela Maré. Não apenas são diferentes as experiências museológicas em si como também as articulações que podem realizar entre si. E, embora tenham quase todos eles péssima relação com as plataformas digitais, quase todas procuram um “fora” do museu. Um “fora” que se apresenta na afirmação de Hélio Oiticica de que “museu é o mundo” ou na busca de Cildo Meireles por um circuito para além do “espaço consentido, consagrado, sagrado” (do museu). O museu parece se tornar polimorfo<sup>11</sup> ou monstruoso<sup>12</sup>. Se a proliferação de novos museus confirma a entrada do Rio de Janeiro num mercado de cidades globais – hoje, do capital global ao turismo individual, “compram-se” cidades num balcão de negócios globais –, essa inserção mercadológica não deixa de encontrar muitas resistências. Resistências que se constituem na disputa do que se entende hoje por “público”. E aqui, a imagem da vespa e da orquídea faz todo sentido. Uma pertence ao reino animal, a outra ao reino vegetal. E, contudo, algo (antinatural) acontece “entre” elas e para fora de cada uma delas. A crise da representação política tem como par a crise da mediação museológica, o</p>



	que implica repensar a relação da instituição e do sistema da arte com esse “outro” que é o público em termos completamente diferentes. Não se trata necessariamente do agenciamento artista–militante–hacker apresentado no livro <i>Fadaiat</i> mas de todos que quisermos inventar. Junho de 2013 <sup>13</sup> abriu uma infinidade deles, e certamente afetaram de modo produtivo o encontro <i>O Sentido do Público na Arte...</i> ” sem identificação de páginas
--	---

Nº	78
Referência	Seldin, C 2011, 'Cidade, Cultura, Participação e Política Notas sobre a complexidade cultural do espaço urbano carioca', <i>Second International Conference of Young Urban ...</i> , academia.edu
Tipo- logia do- cu- men- tal	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)
Re- sumo	O trabalho aqui apresentado tem por objetivo introduzir algumas reflexões resultantes dos anos de envolvimento em um grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB/FAU-UFRJ)2 . Com foco na relação entre Cidade e Cultura, nosso grupo busca estudar a cidade além de sua esfera espacial e geográfica, acreditando na necessidade de enxergá-la como produto de seus habitantes, como espaço vivenciado e imbuído de significado, através do “genius loci” (Norberg-Schulz, 1984), das subjetividades, vínculos, esperanças, utopias, experiências, lutas e conflitos sociais. Para tal, nos apoiamos no estudo do Urbanismo aliado a outros campos do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a História, a Geografia, os Estudos Culturais, entre outros que nos auxiliem a construir uma metodologia própria e interdisciplinar de análise. Neste texto, trataremos brevemente dos contrastes observados entre duas vertentes que remetem à presença da cultura nos estudos urbanos. A primeira reflete uma tendência global de grandes intervenções e projetos de revitalização de áreas centrais, históricas e estratégicas das cidades. É apoiada por políticas pontuais e homogêneas de “image-making”, já amplamente estudadas e criticadas por autores como Sorkin (1992), Vaz e Jacques (2001) e Jeudy (2005), devido ao seu caráter espetacular e aos processos consequentes de “museificação”, “cenarização da paisagem”, “espetacularização” e gentrificação. A segunda vertente percebida, mais específica do caso brasileiro, remete a ações culturais contra-hegemônicas, surgidas em áreas periféricas da cidade, como as favelas, e praticadas por grupos comunitários em busca da integração social, do desenvolvimento humano, do fortalecimento de identidades locais e da reestruturação do tecido social (Vaz & Seldin, 2007; Seldin, 2008). Aqui, enfatizaremos esta segunda vertente, abordando mais profundamente as práticas culturais de grupos marginalizados que emergem em resposta à falta de acesso aos meios culturais tradicionais e como resistência ao preconceito contra modalidades culturais representativas de identidades discriminadas pelos habitantes da cidade formal. Comentaremos, também, sobre um conjunto de políticas públicas inovadoras do Ministério da Cultura brasileiro que visava, até o início de 2011, o incentivo destas práticas marginalizadas e seus locais de origem, representando um primeiro passo para a elaboração de políticas integradoras no Brasil, capazes de associar as esferas urbana e cultural.
Pala- vras- chave	Ação cultural; Equipamento cultural; Complexo da Maré; Políticas públicas urbano-culturais.

Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35321938/Full Paper Claudia Seldin final divulg.pdf?1414573701=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCidade Cultura Participacao e Politica N.pdf&amp;Expires=1608233702&amp;Signature=EPXn~epwGulS9eNYvMgRBapZaff2BkwhRCHsvyQ5eu4tk-JDSm29NPGw7HAhYUmswzJhtPO1YGiCHCqfnD0vw5J9CRg4vhwzkhJP2iZBDbHr0U-z~EJ-kfKIEmG5UDSX0TE3ZWqCg5uXXi63FJmUoy6uq2EE9FYrtqvkwGk7khJDvcdSgmmlu5HY7s3Dt8fXBqfg~Xh6e9PnA37Nf0OHmRZQM0FeAywGxKIsFbZ-HGECZ3~4IY5gQbDegOOXk2JNzSHZk~K8SkqusLal85hPE~SM554XOvVJ-aAubtz7k1N3lqczsOOCMWCVjoyKGk9XB7fj~pcdtkeLdPMN1VqBw &amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35321938/Full Paper Claudia Seldin final divulg.pdf?1414573701=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCidade Cultura Participacao e Politica N.pdf&amp;Expires=1608233702&amp;Signature=EPXn~epwGulS9eNYvMgRBapZaff2BkwhRCHsvyQ5eu4tk-JDSm29NPGw7HAhYUmswzJhtPO1YGiCHCqfnD0vw5J9CRg4vhwzkhJP2iZBDbHr0U-z~EJ-kfKIEmG5UDSX0TE3ZWqCg5uXXi63FJmUoy6uq2EE9FYrtqvkwGk7khJDvcdSgmmlu5HY7s3Dt8fXBqfg~Xh6e9PnA37Nf0OHmRZQM0FeAywGxKIsFbZ-HGECZ3~4IY5gQbDegOOXk2JNzSHZk~K8SkqusLal85hPE~SM554XOvVJ-aAubtz7k1N3lqczsOOCMWCVjoyKGk9XB7fj~pcdtkeLdPMN1VqBw &amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Observações	

Nº	79
Referência	Amorim, DL 2016, 'Emergência de novas memórias nos espaços museais: a musealização de si e de nós',, repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	Este estudo apresenta, de forma historicizada, as mudanças que ocorreram no processo musealização, a partir do evento realizado em 1972, denominado Mesa Redonda de Santiago do Chile, promovido pelo Comitê Internacional de Museus - ICOM, que alargou o conceito de museu e ampliou o foco desses espaços culturais até então demarcados por seleções e centrados na construção de uma identidade nacional, deslocando-o para a valorização da diversidade cultural e o colecionismo de caráter autorreferencial. No presente trabalho, será examinado, sob o influxo dessas transformações, o surgimento de novos espaços museais que emergiram com a proposta de se constituir em um lócus de encontro dos indivíduos e dos grupos com sua história, sua cultura e suas identidades, estudando-se de forma exemplificativa a materialização dessas mudanças no Museu da Maré, no Rio de Janeiro, e no Museu das Relações Partidas, em Zagreb, Croácia.
Palavras-chave	História da museologia. Museu. Memória e contramemória. Diversidade cultural.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179553/TCC Divaldo Luiz de Amorim Versao Final.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179553/TCC Divaldo Luiz de Amorim Versao Final.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº	80
----	----

Referência	VIEIRA, ACP 2007, 'Maré: casa e museu, lugar de memória', ... - <i>Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de ...</i> ,
Tipologia documental	Artigo (Museu visitado)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História, Memória Social, Patrimônio
Localização	<a href="http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/musas3.pdf">http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/musas3.pdf</a>
Observações	<p>“No sentido de construção de novos paradigmas para a memória e numa apropriação da legitimidade para (re)constituição dos lugares de memória é que podemos, enfim, contextualizar a casa da qual falamos. Ela não está às margens de um rio, não foi erguida sobre mangues; ela se insere num espaço-museu: o Museu da Maré. O Museu da Maré é um lugar de memória instituído por moradores da região da Maré, bairro de conjuntos populares e favelas na cidade do Rio de Janeiro. Onde justamente o senso comum insiste em dizer que não há nada para lembrar se constitui um lugar de memória que trabalha o tempo a partir de sentidos e significados, e não a partir do cronológico. Mais do que relembrar, o museu começa a cumprir o papel social de questionar, suscitar o debate e a reflexão e, ao mesmo tempo, expor os preconceitos e representações existentes sobre as favelas no contexto social da cidade, como se percebe nas manifestações transcritas do sítio Nomínimo: 2 Me diga: quem vai visitar esse museu, logo na Maré, tão dividida por facções? Comentário de Te – 9 de maio de 2006 Esse negócio de glamourizar favelas em vez de promover a sua extinção via remoções ou reurbanização levou o Rio à situação que se vê hoje. Comentário de The Talking Cricket – 9 de maio de 2006 Que lembranças terríveis são essas q [sic] as pessoas querem tanto guardar na memória. Morar em palafitas, sem rede de esgoto e inúmeras dificuldades enfrentadas. Sem contar o q já foi dito anteriormente. Com a insegurança predominante nas favelas, quem irá visitar esse museu? Comentário de Isaias – 10 de maio de 2006 Decorrido pouco mais de um ano de sua inauguração, o Museu da Maré se converteu numa experiência bem sucedida, de invejável vigor, já visitada por cerca de 12 mil pessoas. Ele merece ser compreendido como novidade no uso do passado, como um ponto de referência da memória coletiva local, como parte do processo de autoconstrução de uma “comunidade afetiva”, que se reforça nos sentimentos de pertencimento, experiência singular num espaço marcado por silêncios e fronteiras invisíveis.”158</p>

Nº	81
Referência	Costa, CM 2010, 'Expor, reter, transformar e/ou projetar: temporalidades em cena nos museus contemporâneos', <i>Cadernos CEDES</i> ,, SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo apresenta experiências desenvolvidas por museus no cenário contemporâneo, com o intuito de analisar as transformações no campo. Assim, apresenta brevemente possibilidades de ruptura com o modelo predominante de expor o passado como narrativa linear, ou mesmo revivê-lo por meio de encenações.
Palavras-chave	Museu. Exposição. Dever de memória

Disciplina	História, Bens Culturais
Localização	<a href="https://www.scielo.br/j/ccedes/a/BTKwm9r4tc5ZQScZXv3SRmy/abstract/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/ccedes/a/BTKwm9r4tc5ZQScZXv3SRmy/abstract/?lang=pt</a>
Observações	

Nº	82
Referência	Santos, RP 2013, 'A apropriação social do espaço em áreas residenciais segregadas na cidade do Rio de Janeiro: o Projeto Rio eo Programa de Titulação Social na Favela da Maré', pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	Especialização (TCC de Especialização)
Resumo	Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar de que forma iniciou-se o processo de titulação de propriedades, instrumento jurídico inserido no âmbito da Regularização Fundiária de Assentamentos Informais Consolidados, que ocorreu no Conjunto de Favelas da Maré entre 1979 e 1984, através da implementação do Programa de Erradicação da Subhabitação (PROMORAR) que ficou conhecido na Cidade do Rio de Janeiro como PROJETO RIO. A discussão central é analisar como se efetivou o processo de legalização de propriedades na área da Maré após o término do Programa Projeto Rio, analisando de que forma parte de seus moradores obtiveram o título definitivo de compra e venda, bem como a legalização total de seus imóveis, mediante um processo de regularização junto ao Banco Nacional da Habitação, o BNH, e a Secretaria de Patrimônio da União, a SPU, e para tal será utilizado, como referência, um imóvel em particular para este estudo. Esse trabalho se justifica pela necessidade de elucidar dúvidas em relação à situação jurídica dos imóveis após o término do Programa PROJETO RIO, a partir do caso em particular analisado, além, é claro, da contribuição de mais um material acadêmico relacionado ao tema proposto. Baseia-se principalmente em fontes documentais, retiradas de jornais da época, e em alguns fragmentos da legislação vigente, bem como fontes bibliográficas sobre o tema, tendo como principal referência a vivência deste pesquisador como morador da área em questão
Palavras-chave	<u>Favela da Maré (RJ)</u> <u>Assentamentos de baixa renda</u> <u>Regularização fundiária</u> <u>Projeto Rio</u>
Disciplina	Planejamento e Uso do Solo
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5517/1/RPSantos-min.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5517/1/RPSantos-min.pdf</a>
Observações	

Nº	83
Referência	Raposo, O 2015, 'LABORATÓRIO DE CIDADANIA: Criatividade e resistência nas favelas da Maré', <i>CIDADES, Comunidades e Territórios</i> , sciELO.mec.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	As favelas da Maré destacam-se no Rio de Janeiro pelo grande número de ONG a oferecer atividades artístico-culturais para a juventude. Este contexto foi fundamental para a emergência de um dos mais influentes grupos de break dance da cidade, cuja

	habilidade e dedicação o autonomizou de professores e instituições formais. O uso do estilo para transpor as fronteiras fixadas por diferentes quadrilhas do tráfico de drogas é exemplar do modo criativo como os dançarinos resistem à violência e reclamam a liberdade de ir e vir entre as favelas da Maré, uma estratégia que está a ser reproduzida por outras culturas juvenis
Palavras-chave	Juventude; Hip-hop; Favela; Etnografia; Cidadania; Criatividade.
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S218230302015000200007&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=es">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S218230302015000200007&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=es</a>
Observações	

Nº	84
Referência	Candido, MGS 2018, 'A arte ea educação como processos culturais: uma luta por direitos humanos no Complexo da Maré',,, pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	Diante da pouca efetividade da noção tradicional dos direitos humanos e da necessidade de repensá-los, nesta pesquisa pretendo abordar uma nova perspectiva sobre esses direitos, apresentando a teórica crítica de Joaquín Herrera Flores, que enxerga os direitos humanos como resultados sempre provisórios de processos culturais de luta por dignidade. Por meio das teorias de Terry Eagleton, Stuart Hall e Herrera, demonstrarei como as ideias hegemônicas de cultura funcionam como meio de dominação para manter as estruturas vigentes. No entanto, é possível reagir, criar, transgredir, ressignificar e transformar aquilo que é imposto. Neste trabalho, discorrerei sobre como podemos fazer isso por meio da arte e da educação ensinada por Paulo Freire. Abordarei ainda, a questão da educação no contexto específico do ensino jurídico, atentando para a necessidade de uma reformulação, como propõe Roberto Lyra Filho. Para tanto, irei relatar a minha experiência no projeto de extensão “A Arte e a Luta por Direitos Humanos no Complexo da Maré”, que tem como objetivo promover debates sobre direitos humanos com jovens da Maré, por meio de produções artísticas, e utilizando a pedagogia de Freire. A partir desse relato, pretendo demonstrar como as ideias abordadas nesta monografia foram trabalhadas e construídas na prática e como minha vivência como extensionista foi importante para a minha formação crítica na Faculdade de Direito da UFRJ
Palavras-chave	<u>Direitos humanos</u> <u>Mediação cultural</u> <u>Artes</u> <u>Educação</u> <u>Complexo da Maré (Rio de Janeiro, Brasil)</u> <u>Derechos humanos</u> <u>Mediación cultural</u> <u>Educación</u>
Disciplina	Direito, Direitos Humanos
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5643/3/MGSCandido.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5643/3/MGSCandido.pdf</a>
Observações	

Nº	85
Referência	Abreu, R, & Chagas, M 2007, 'Museu da Favela da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social', ... : <i>Iphan, Departamento de Museus e Centros Culturais</i> ...
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Ciências Sociais, Museologia, Antropologia
Localização	<a href="http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/musas3.pdf">http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/musas3.pdf</a>
Observações	VER FICHA 23

Nº	86
Referência	Marandino, M 2001, 'Os textos nos museus de ciências: análise do discurso em bio-exposições', <i>Anais do III Encontro Nacional de Pesquisa em ...</i> , geenf.fe.usp.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	87
Referência	Raposo, OR 2011, "“Até a bandidagem sabe”": segregação e sociabilidades entre os jovens do breaking da Maré", repositorio.iscte-iul.pt
Tipologia documental	Working paper
Resumo	Na Maré, bairro do Rio de Janeiro formado por dezasseis favelas, localiza-se um dos mais fortes núcleos de dançarinos de break dance (dança característica do hip hop) da cidade. Num meio onde os confrontos armados entre as diferentes facções do tráfico de droga, agravados pela acção truculenta da polícia, impõem fronteiras que constroem as sociabilidades e o direito de ir e vir, eles têm conseguido romper as lógicas da segregação. A adesão à dança forneceu-lhes elementos simbólicos para interpretar e actuar no seu quotidiano, permitindo-lhes alargar as suas redes de amizade para fora dos limites territoriais impostos pelo tráfico, alterando o modo de se apropriarem do bairro. Nesse processo, criam identidades positivas que subvertem o rótulo de “favelado” e desafiam os estigmas e dispositivos de confinamento que os querem manter isolados e anónimos nos territórios de pobreza
Palavras-	jovem, hip hop, sociabilidade, segregação, favela.

chave	
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2977/1/CIES-WP112_Raposo.pdf">https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2977/1/CIES-WP112_Raposo.pdf</a>
Observações	

Nº	88
Referência	Marques, FLT 2015, 'Arqueologia da arquitetura e os engenhos de maré no estuário amazônico', <i>Anais 4o Seminário Ibero-Americano ...</i> , repositorio.museu-goeldi.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	89
Referência	Ferreira, IR 2014, 'Admirável MUF novo: a ativação digital do museu de favela do pavão pavãozinho e do cantagalo',,, pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	O objetivo deste projeto prático é a descrição do processo de criação de um hot site e um site para o Museu de Favelas do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo (MUF), bem como a sugestão de um planejamento para a atuação do museu em diferentes redes sociais, a ser feita em conjunto com as peças elaboradas. Para o desenvolvimento deste projeto, realizado em parceria com o Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada (LUPA/UFRJ), investigamos a presença da cultura da convergência no Brasil, a questão da representação das favelas frente à concentração dos meios de comunicação no país e também o contexto do surgimento dos principais museus de favelas no Rio de Janeiro. Desta maneira, analisamos as possibilidades de participação dos diferentes públicos aos quais a instituição se destina no ambiente digital.
Palavras-chave	ativação digital, museus de favelas, cultura da convergência, cultura da participação, redes sociais
Disciplina	Comunicação
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/688/1/IFerreira.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/688/1/IFerreira.pdf</a>
Observações	

Nº	90
Referência	Versiani, MH 'Pesquisa histórica e museus', <i>anpuh.org.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém

Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945020_41326a601cab571744ddc99e4769b659.pdf">https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945020_41326a601cab571744ddc99e4769b659.pdf</a>
Observações	<p>“Boa parte dos acervos preservados nos museus históricos públicos brasileiros são registros de experiências científicas ou da trajetória de pessoas com prestígio social, instrução formal e socializadas em círculos intelectuais ou políticos. Quanto aos registros escritos, essa realidade é fácil de compreender, uma vez que a prática escriturária não é um exercício presente ou marcante na vida pessoal/profissional de muitos populares, os quais apenas irregularmente deixam produções escritas de suas experiências. Porém, poucos são também os acervos em geral, e não somente os textuais, preservados com o fito de representar a trajetória daqueles que, na acepção de Michel de Certeau (2008), poderíamos chamar de “anônimos sociais”, ou seja, os que não desfrutam de alguma distinção social. É verdade que há esforços importantes na direção de transformar essa característica dos museus e não são triviais algumas iniciativas a favor da constituição de acervos e de museus representativos da base da pirâmide social. Um exemplo é o Museu da Maré, que concretiza uma série de ações voltadas para o registro, preservação e divulgação da história das comunidades que conformam o Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, ainda é muito mais frequente encontrar acervos preservados em museus públicos nos quais o chamado povão é excluído da representação da sociedade, como se esta estivesse fadada a ser o privilégio de uma elite. Via de regra, supostamente são as ações e experiências das autoridades públicas e das elites sociais que importam para a representação das sociedades.”<sup>3</sup></p>

Nº	91
Referência	PEREIRA, RMM, & ANDRADE, L 2011, 'Diagnóstico socioambiental–Bairro Maré: investigação dos aspectos que mais interferem na qualidade de vida dos moradores das comunidades que formam o ...', <i>VIII Encontro Nacional de Pesquisa</i> , nutes.ufrj.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O complexo da Maré ocupa uma região à margem da baía de Guanabara onde existe o Canal do Fundão, ele encontra-se assoreado em sua maioria por sedimentos contaminados, devido à dificuldade de escoamento imposta pelos aterros. Nesse ambiente vive a população que não consegue ter vida digna, pois o grau de pobreza e de desamparo é muito grande. Valla (1993) analisa esse fenômeno e propõe que o conceito de "exclusão" deve ser formulado, em cada sociedade, sob a influência de questões socioculturais onde se encontra uma população extremamente vulnerável. Desse modo, esse trabalho, feito em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro, buscou levantar os problemas socioambientais que interferem na vida dos moradores. A pesquisa foi feita com jovens escolhidos pelas comunidades e que atuaram como agentes na Maré investigando os principais problemas sociais, de saúde e qualidade de vida.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Meio Ambiente



Localização	<a href="http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1240-2.pdf">http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1240-2.pdf</a>
Observações	

Nº	92
Referência	Chagas, M, Santos, PAD, & Glas, T 2012, 'Sociomuseology in movement: MINOM Rio declaration', <i>Museum international</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1111/muse.12025?casa_token=kOY0BjN65RUAAA:9MYCaA43Ax5GGM48ZWDHfqWqdHqj04MljK38U2QDK4YAnV7xKB5N6aQw320bBykUqRZU0Vjo97-g">https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1111/muse.12025?casa_token=kOY0BjN65RUAAA:9MYCaA43Ax5GGM48ZWDHfqWqdHqj04MljK38U2QDK4YAnV7xKB5N6aQw320bBykUqRZU0Vjo97-g</a>
Observações	Não foi possível acessar esse artigo

Nº	93
Referência	Menêndez, IG, Lima, TA, & ... 2016, 'Tecnologias Sociais e Gestão Integrada de Resíduos no Complexo de Favelas da Maré: Projeto de Extensão MUDA-Mutirão de Agroecologia', <i>Cadernos de ...</i> , revistas.aba-agroecologia.org.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	94
Referência	Silva, MM da, & Soares, RC 2019, '... FAVELA-UNIVERSIDADE CAMINHOS, ENCONTROS E INTERSEÇÕES" – EXPERIÊNCIA DE PARCERIA INSTITUCIONAL E APROXIMAÇÕES COM MARÉ E ...', <i>VII SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO ...</i> , conferencias.ufrj.br

Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	A Universidade Pública hoje encontra novos desafios colocados pelas novas formas de desigualdade, exclusão e políticas públicas insuficientes para atender a complexidade que a vida social nos apresenta. Além disso, temos acompanhado a criminalização da vida nos territórios de favela e da atividade acadêmica politicamente comprometida. Desde 2017, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Cooperação Social e o Museu da Vida vinculados à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e coletivos dos territórios de Maré e Manguinhos vêm atuando em parceria com ações da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). Em 2018, o tema da SNCT foi “Ciência para a Redução das Desigualdades”, o que motivou a promoção de outras ações, como as rodas de conversa “ <i>Universitárixs e faveladxs</i> ” voltadas para moradores destas favelas graduandos ou egressos. A partir dos debates das rodas, surgiu a deliberação da criação de um evento para conhecimento e reconhecimento dos projetos, fortalecendo a discussão sobre a forma como o conhecimento é construído nas periferias e nos espaços acadêmicos. Assim, o “Encontro Favela-Universidade: Caminhos, Encontros e Intercessões” foi realizado no período de 27 a 29 de março de 2019 na Faculdade de Letras da UFRJ, Cidade Universitária - separada das favelas da Maré apenas pelo Canal do Cunha e pela Linha Vermelha. O objetivo deste encontro foi ampliar o espaço para o conhecimento mútuo, a troca e conhecimento das ações de Extensão Universitária desenvolvida por docentes e técnicos administrativos em parceria com coletivos sociais desses territórios, iniciativas em Cooperação Social das Unidades da Fiocruz em Manguinhos e na Maré e os projetos desenvolvidos por outros agentes comunitários locais, assim como encontrar os estudantes, atuais e egressos que habitam esses espaços sociais, a favela e a universidade. Convidamos esses agentes e grupos para dialogar e debater, buscando construir um novo horizonte de relação entre a favela e a universidade, onde a ciência e a cultura, a arte e a expressão, a extensão e a participação, o diálogo e a comunicação pudessem nos unir. O evento contou com 255 participantes e 63 trabalhos em três modalidades: oficinas, relatos de experiências e apresentações culturais. No decorrer do encontro, pudemos participar, construir diálogos, projetar uma nova agenda, percorrer novos caminhos
Palavras-chave	Extensão Universitária; Favela; Parceria Institucional; Universidade
Disciplina	Educação Superior
Localização	<a href="https://conferencias.ufrj.br/index.php/sintae/sintae2019/paper/viewPaper/2831">https://conferencias.ufrj.br/index.php/sintae/sintae2019/paper/viewPaper/2831</a>
Observações	

Nº	95
Referência	VIEIRA, ACP 2006, 'Da memória ao museu: a experiência da favela da Maré. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Rio de Janeiro', <i>Anais... Rio de Janeiro: Anpuh</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém

Disciplina	História, Memória Social
Localização	<a href="https://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&amp;view=item&amp;task=download&amp;id=7">https://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&amp;view=item&amp;task=download&amp;id=7</a>
Observações	“Decorridos três meses de sua inauguração, o Museu da Maré se converteu numa experiência bem sucedida, de invejável vigor, já visitado por mais de 4.000 pessoas, e que pode ser compreendido enquanto novidade no uso do passado, como um ponto de referência da memória coletiva local, parte do processo de autoconstrução de uma “comunidade afetiva” que se reforça nos sentimentos de pertencimento, experiência singular num espaço marcado por silêncios e fronteiras invisíveis.” <sup>3</sup>

Nº	96
Referência	Vianna, CMS de Vasconcelos 'DE NOITE SE VAI AO MUSEU? PROFESSORES E ESTUDANTES DE EJA EM BUSCA DE ESPAÇOS-TEMPOS DE APRENDER NO PRÓPRIO TURNO DE ...', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Educação, Pedagogia
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53450388/redes2015.pdf?1497035862=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDE_NOITE_SE_VAI_AO_MUSEU_PROFESSORES_E_E.pdf&amp;Expires=1608251099&amp;Signature=V6Jbv3Qbajsb7mcwBV7QCJxHWkGW~BJCMeNISmmRrvlzqVXkdfbVKwPd-kXXdKnH4LbLYR3mRCokENNR~CLMw1KtcZIIUjAwS1X7yZrBWctTrh0joXEo4SYwr45-c69eDqH~anK3hEugklzHX3t0EXu9d3ba8a1KaV-57Rwprt~2PJ8fDs8cZ1EvDaaS9zsCQVfb7le7zrTeINSd7EBAC1vOCwYynaVtoqgrbl1LEhWJmPn4jgvAFDfc0aZ4mfjKoCQR70To--u8Q9jUUKXkEpMsHszGXFA46nexeW9Mz0IKhLe6JKxvy9fBMLwNMunSbL3CG3iFvthTDufB3uRzRQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53450388/redes2015.pdf?1497035862=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDE_NOITE_SE_VAI_AO_MUSEU_PROFESSORES_E_E.pdf&amp;Expires=1608251099&amp;Signature=V6Jbv3Qbajsb7mcwBV7QCJxHWkGW~BJCMeNISmmRrvlzqVXkdfbVKwPd-kXXdKnH4LbLYR3mRCokENNR~CLMw1KtcZIIUjAwS1X7yZrBWctTrh0joXEo4SYwr45-c69eDqH~anK3hEugklzHX3t0EXu9d3ba8a1KaV-57Rwprt~2PJ8fDs8cZ1EvDaaS9zsCQVfb7le7zrTeINSd7EBAC1vOCwYynaVtoqgrbl1LEhWJmPn4jgvAFDfc0aZ4mfjKoCQR70To--u8Q9jUUKXkEpMsHszGXFA46nexeW9Mz0IKhLe6JKxvy9fBMLwNMunSbL3CG3iFvthTDufB3uRzRQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Observações	“Em determinados contextos, os direitos, inclusive os considerados assegurados, podem ser facilmente anulados se somente uma minoria tiver consciência deles como legais e/ou porque os esteja desfrutando (SHAHEED, 2011, p. 16). Uma das alunas entrevistadas, de 56 anos, contou sobre suas visitas a museus: foi a um pela primeira vez ainda jovem, com sua turma da escola regular, mas não sabia precisar a idade nem a qual museu havia ido. Depois que passou a estudar na EJA, a aluna disse ter visitado vários museus, tanto com a escola como com os educadores das Redes da Maré <sup>19</sup> . Citou ter ido com a escola ao CCBB, ao MAR, ao Planetário, ao Memorial Getúlio Vargas. Pelas Redes da Maré, visitou o Museu da Maré, o MAM, o Memorial dos Pretos Novos e o Museu Histórico Nacional. Ao ir ao CCBB com a es-

	cola, observou que havia no entorno outras instituições culturais; resolveu, então, retornar sozinha, visitando a Casa França Brasil.” <sup>12</sup>
--	--

Nº	97
Referência	Nascimento, DS do 2020, 'Maré de lazer: construções, sociabilidades e significados dos lugares de lazer no Morro do Timbau',,, repositorio.ufmg.br
Tipologia documental	Tese de doutorado
Resumo	Esta tese de doutorado investigou as histórias dos espaços de lazer no Morro do Timbau (Bairro Maré - Rio de Janeiro), no período de 1931 a 1974, a partir da memória e registros dos moradores. Analisou a maneira como se configuraram as memórias locais, sociabilidades e identidades tecidas através das experiências fomentadas nesses espaços de lazer. Além disso, o trabalho buscou investigar as formas como foram tecidos os arranjos coletivos, tais como os laços de amizade, conflito e territorialidade a partir da vivência nos campos, ruas, quadras e espaços alternativos da favela que funcionavam como áreas de lazer. A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa por meio de entrevistas narrativas, análises de fotos e documentos. Assim, o trabalho apontou para a importância de dar voz às experiências que, em um quadro sociocultural, construíram “múltiplos mundos sociais” em que a individualidade e a subjetividade estiveram estreitamente ligadas às experiências de construção desse território historicamente estigmatizado pela violência.
Palavras-chave	Lazer. Lugar. Memória. Favela.
Disciplina	Estudos do Lazer
Localização	<a href="https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34141/1/TESE%202020.docx%20%28revisada-%20ata-%20ficha%20cat.%29%20%281%29%20-%20Copia.pdf">https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34141/1/TESE%202020.docx%20%28revisada-%20ata-%20ficha%20cat.%29%20%281%29%20-%20Copia.pdf</a>
Observações	

Nº	98
Referência	Mariuzzo, P 2011, 'Cresce número de museus no Brasil', <i>Ciência e Cultura</i> ,, cienciaecultura.bvs.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Patrimônio
Localização	<a href="http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252011000200004&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt">http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252011000200004&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt</a>
Observações	“ <b>NOVAS RELAÇÕES COM O PASSADO</b> Apesar dos grandes desafios que têm pela frente, os novos espaços de memória brasileira têm sido criados com uma perspectiva inovadora de apropriação de nossa história. Conforme explica Mário Chagas, em artigo publicado na <i>Revista Museu</i> (2008), esses espaços buscam constituir e institucionalizar as memórias de diferentes grupos étnicos, sociais, religiosos e familiares. São exemplos: Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque, (AP); Museu Casa de

	<p>Chico Mendes, em Xapuri, (AC); o Museu da Maré, no Rio de Janeiro, a Casa de Memória do Centro Espírita, em Rio Branco (AC) ou o Ecomuseu da Amazônia, em Belém (PA).</p> <p>Segundo Chagas, museólogo e coordenador do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan, durante longo tempo os museus serviram apenas para preservar os registros de memória e a visão de mundo das classes mais abastadas ou como dispositivos ideológicos do Estado. "O museu está passando por um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural." não há indicação de página.</p>
--	---

Nº	99
Referência	Oliveira, T 2020, 'Museologia Social: em rede, em movimento, em coletivo ea experiência do Museu Vivo do São Bento', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> ,, revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo propõe abordar a importância da museologia social para o desenvolvimento de instituições expoentes que tenham como foco o patrimônio, a memória e a história. Para tanto, o artigo aborda a experiência do Museu Vivo do São Bento, uma instituição expoente na região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, que versa sobre tais questões. A oficialização da criação do Museu ocorreu em 2008, através da reivindicação dos profissionais da área da educação do município de Duque de Caxias e, seus agentes sociais, ao dialogarem com a museologia social, atribui ao Museu o papel de agente com função social a partir de práticas que respeitem a diversidade cultural e integram, de fato, a comunidade local. Dessa forma, torna-se um agente transformador social com potência política, cultural e pedagógica, que ao transformar o meio transforma a todos. Tendo-se em vista a construção das dimensões da função social dos museus, e, tomando como referencial o próprio Museu Vivo do São Bento, o artigo também apresenta os caminhos percorridos para a consolidação dos movimentos de renovação da museologia, sob a ótica da museologia social e a importância dos coletivos para o fortalecimento e democratização dos museus.
Palavras-chave	Museologia Social; Museu Vivo do São Bento; Função Social; Museus
Disciplina	Patrimônio, Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/7104/4237">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/7104/4237</a>
Observações	

Nº	100
Referência	Mancilla, CB 'Rotas da Memória entrePontos cariocas, um museu difuso na poética do Sul', <i>sisemsp.org.br</i> ,

Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)
Resumo	O artigo discute um processo de escrita criativa co-elabor-ativa junto a Pontos de Cultura e memória entendidos como Museus do Território, no Rio de Janeiro, como parte de uma experiência a/r/tográfica vivenciada em mergulhos poéticos andarilhos como mediação cultural e ativação dos territórios. Trata-se de ação concebida como museu difuso, nômade e temporário que, em diálogo com o conceito de geopoética dos sentidos, questiona outros patrimônios possíveis e opera como dispositivo de memória. Propõe, também, uma leitura sobre o patrimoniável como ato de reeducação estética alinhada à poética de uma pedagogia do Sul.
Palavras-chave	Memória; Lugar; Patrimoniável; Geopoética dos sentidos; Poética do Sul.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.sisemsp.org.br/redederes/artigos/media/pdfs/nucleo1_artigo1.pdf">https://www.sisemsp.org.br/redederes/artigos/media/pdfs/nucleo1_artigo1.pdf</a>
Observações	

Nº	101
Referência	Ribeiro, FCP, Senna, C do Socorro Fernandes de, & ... 2008, 'Diatomáceas em sedimentos superficiais na planície de maré da praia de Itupanema, estado do Pará, Amazônia', <i>Rodriguésia</i> ,, JSTOR
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	102
Referência	Chagas, VHCS 2009, 'Por que é cidadão o jornalista-cidadão?: História das mídias e jornalismo cidadão de base comunitária na Maré',, bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Dissertação de mestrado
Resumo	Afinal, por que é cidadão o jornalista cidadão? Foi esta a pergunta que desencadeou todo um esforço de pesquisa no sentido de identificar práticas comuns nas diferentes experiências de jornalismo cidadão. Para desenvolver e tentar ampliar o conceito trabalhado, a opção foi de analisar o espectro da comunicação comunitária, sobretudo em veículos que tiveram origem na área da Maré, no Rio de Janeiro, nas últimas três décadas. Assim, mapeando algumas dessas experiências e selecionando casos entre os

	que chamaram mais atenção pela propriedade com que trabalham os aspectos relacionados ao jornalismo cidadão, esta dissertação se detém sobre o significado da cidadania para o cidadão-jornalista e a contribuição à identidade local prestada pela comunicação comunitária. Minha idéia é demonstrar como experiências deste gênero são capazes de não apenas de pautar meios tradicionais de mídia, mas sobretudo de ajudar a estabelecer dentro da própria comunidade uma cultura de mídia e uma esfera pública local, desenvolvendo uma reapropriação da identidade da favela e de seus moradores e contribuindo para a busca e/ou exercício da cidadania.
Pa- la- vras- cha- ve	Não contém
Dis- ci- plina	História, Jornalismo
Lo- cali- za- ção	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2676/CPDOC2009ViktorHenriqueCarneirodeSouzaChagas.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2676/CPDOC2009ViktorHenriqueCarneirodeSouzaChagas.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Ob- ser- va- ções	

Nº	103
Re- fe- rên- cia	AUSUBEL, D 'museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação',  <i>EDUCAÇÃO PATRIMONIAL educação, memórias e ...</i> , academia.edu
Ti- po- lo- gia do- cu- me- nta- l	Capítulo – Caderno Temático
Re- su- mo	Não contém
Pa- la- vra- s- cha	Não contém

ve	
Disciplina	História, Educação Patrimonial
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34213834/Caderno_Tematico_03_FINAL.pdf?1405495596=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCaderno_Tematico_de_Educacao_Patrimonial.pdf&amp;Expires=1608255877&amp;Signature=Zvr1YCE1V-zyHc8CzMVEWYftMHGL4wJrjpaLSHGI03aKHpvb1IjptCJALIYZuggBuNm6hmgUAA~aDNWhlb862eiQ2KojM1xMY8mbaVMd6Uoack7~IYtfzk~2vIEVcpSwNTE399GXIEXd2p5wCdGHyhf1oFwmOydtkdHG~KVjFu4Xo8UrLUK6hmUOeg7o7A1~pyhWb3xFazfoMKCpjC40~rbvPj5D9yeBwWod1dEzWZCZnaPa1mb9PowMIG9MLt5vnlblwMbloG-3kMXBBfhGLDB6ud1oW-IPahm9VU0N-W3KmrEnuUYrt1abAAQ9vDBihhNek7ORji4ccZyphfHgQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=15">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34213834/Caderno_Tematico_03_FINAL.pdf?1405495596=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCaderno_Tematico_de_Educacao_Patrimonial.pdf&amp;Expires=1608255877&amp;Signature=Zvr1YCE1V-zyHc8CzMVEWYftMHGL4wJrjpaLSHGI03aKHpvb1IjptCJALIYZuggBuNm6hmgUAA~aDNWhlb862eiQ2KojM1xMY8mbaVMd6Uoack7~IYtfzk~2vIEVcpSwNTE399GXIEXd2p5wCdGHyhf1oFwmOydtkdHG~KVjFu4Xo8UrLUK6hmUOeg7o7A1~pyhWb3xFazfoMKCpjC40~rbvPj5D9yeBwWod1dEzWZCZnaPa1mb9PowMIG9MLt5vnlblwMbloG-3kMXBBfhGLDB6ud1oW-IPahm9VU0N-W3KmrEnuUYrt1abAAQ9vDBihhNek7ORji4ccZyphfHgQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=15</a>
Observações	<p>"I Em 2002, o projeto Rede Memória do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) publicou um conjunto de cartões postais com fotografias acompanhadas de depoimentos de antigos moradores da favela. Imagens e palavras impressas no papel passaram a compor uma narrativa toda especial, capaz de articular no mesmo episódio a tensão entre o singular e o universal; capaz de evidenciar a fazeção da ponte que liga o humano localizado e banhado pela maré cultural e a humanidade inflamada e sensível. Num dos cartões postais, um dos comoventes depoimentos de um dos moradores das antigas palafitas está assim apresentado: "Quando eu mudei para lá, tinha que atravessá mesmo era por dentro d'água... Os outros tinha ponte, os outros tinha tudo, mas eu ainda não. Tinha mudado de pouco. Aí eu fui fazê a ponte." Essa narrativa poética, que combina o lírico e o épico num mesmo drama, explicita a tensão humana implicada na construção cultural de um patrimônio pessoal e a necessidade de construção de pontes. Se, por um ângulo, a ponte (material e espiritual) pode ser compreendida como patrimônio, por outro o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como ponte entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes. A compreensão do patrimônio como ponte pressupõe a dilatação da noção de patrimônio."27</p>

Nº	104
Referência	Nassongole, BAF, Silva, IM da, Quintino, V, & ... 2019, 'Biodiversidade de moluscos da zona entre-marés da cidade de Pemba (Moçambique)', ... em <i>Língua Portuguesa</i> , rilp-aulp.org
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	105
Referência	Sociais, P 2006, 'Ampliando Futuros: O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré',,



	sapili.org
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 72

Nº	106
Referência	HADROMERIDA, DNODAO 'BOLETIM DO MUSEU NACIONAL', <i>researchgate.net</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	107
Referência	Corrêa, RMC 'Memória constituinte e movimento social: lições de um museu popular', <i>revista.estudoshumanos.com</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente ensaio articula filosofia política com alguns elementos de antropologia extraídos de pesquisa de campo com agentes de mobilização social e mais especificamente com a reapropriação pelos movimentos sociais de uma antiga tecnologia de poder, o museu. O resultado não é tanto uma sociologia museológica mas uma ciência política das formas de mobilização social populares na atualidade.
Palavras-chave	Museu Popular, Mobilização Social
Disciplina	Ciência Política
Localização	<a href="http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2010/11/270-101.pdf">http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2010/11/270-101.pdf</a>
Observações	

Nº	108
Referência	Honorato, MAC 2009, 'Jornal" O Cidadão": das ruas da Maré às ondas da blogosfera',,, <i>pantheon.ufrj.br</i>
Tipologia	TCC de graduação

documental	
Resumo	Comunicação comunitária pode ser entendida como aquela direcionada aos interesses de uma determinada comunidade, feita por ela, e para ela. No entanto, quando entra na Internet, o jornal voltado para a comunidade passa a ser acessado, produzido, comentado e lido por pessoas de fora. O presente trabalho tem o intuito de analisar o atual papel desse tipo de comunicação e sua sobrevivência em um mundo globalizado, dominado pelas novas mídias digitais. Para isso, foi realizado um estudo de caso do blog do jornal —O Cidadão  , veículo comunitário feito pelos e para os moradores do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, formado por 16 comunidades diferentes, e habitado por cerca de 140 mil pessoas. Este estudo pretende discutir a relação entre comunidade e Internet, procurando concluir se a elaboração de um blog a partir de um jornal comunitário estaria, indiretamente, afastando a mídia da comunidade local.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Jornalismo, Comunicação
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2371/1/MYHONORATO.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2371/1/MYHONORATO.pdf</a>
Observações	

Nº	109
Referência	Campos, LCF 2013, 'Ações e reflexões artísticas na Ilha de Maré', <i>Cultura Visual</i> , portalseer.ufba.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O grupo de pesquisa MAMETO (CNPq), inserido no Projeto Bahia de Todos os Santos/UFBA/FAPESB, desenvolveu vivências artísticas na Ilha de Maré, Bahia. Como participante deste grupo, procurei entender o surgimento das formas das rendas de bilro produzidas pelas mulheres nativas e estabelecer relação entre este elemento e aqueles utilizados na minha produção artística. O processo de trabalho envolveu ações de sensibilização, intermediação e realização de atividades com a população feminina local. Percebi que elas se inspiram nas formas da natureza e no seu próprio ambiente para criar as abstrações, que são passadas através de gerações. Como retorno à população local, do grupo MAMETO e seus pares promoveram um evento de arte. Reconhece-se que a mulher rendeira faz parte do imaginário popular brasileiro, tem sua importância histórica, social e cultural, implicando no entendimento de um cotidiano tradicional, que se alinha e se insere às necessidades do mundo de mercado.
Palavras-chave	projeto BTS; renda de bilro; ilha de Maré; rendeiras; grupo MAMETO
Disciplina	Artes
Localização	<a href="https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/7180/5998">https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/7180/5998</a>
Observações	

Nº	110
Referência	Raposo, O 2014, 'Estética e sociabilidade entre os b-boys da Maré. Driblando as fronteiras do tráfico', <i>Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia ...</i> , journals.openedition.org

Tipologia documental	Artigo
Resumo	A Maré é um bairro de dezesseis favelas no Rio de Janeiro, onde atua um dos mais fortes núcleos de dançarinos de break dance da cidade. A partilha de interesse pela dança foi a responsável pela reformulação das suas redes de amizade, tornando possível que jovens de extremidades opostas do bairro ficassem amigos. Esta questão é relevante devido aos impedimentos no direito de ir vir dos habitantes provocados pelos confrontos armados entre diferentes facções do tráfico de drogas e agravados pela ação truculenta da polícia. Era numa antiga fábrica do bairro que os dançarinos da Maré se reuniam para treinar break dance, onde punham em ação performances e sociabilidades capazes de os aglutinar num mesmo coletivo. Nesse cenário de intensa convivialidade, a prática e estética do break dance reavivava a individualidade desses jovens, desafiando os dispositivos de confinamento que os querem relegar ao anonimato.
Palavras-chave	<u>juventude</u> , <u>sociabilidade</u> , <u>segregação</u> , <u>violência</u> , <u>hip hop</u>
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://journals.openedition.org/pontourbe/1371">https://journals.openedition.org/pontourbe/1371</a>
Observações	

Nº	
Referência	Portilho, A dos Santos 2017, 'MUSEUS EM FAVELA: MEMÓRIA E POLÍTICA', <i>II Seminário de Integração dos ...</i> , xn--conferncias-sbb.ufrj.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	A proposta que submeto ao II SINTAE tem como objetivo apresentar as investigações que tenho realizado no curso de doutorado em História, Política e Bens Culturais que desenvolvo no CPDOC/FGV. O projeto "Relações entre governo e sociedade civil nos Complexos do Pavão – Pavãozinho – Cantagalo e da Maré: agenciamento e institucionalização da memória de favelas cariocas através da constituição de museus" tem como foco investigar a interação entre Estado e Sociedade Civil na execução de políticas públicas de resgate e divulgação da memória de favelas no Rio de Janeiro. Estes empreendimentos demandam o reconhecimento das favelas como parte da história e da memória nacionais e problematizo as estratégias utilizadas pelo Estado na institucionalização destas demandas. Estes museus são entendidos como espaços de atuação política e cultural dos agentes locais. Neste sentido, pretendo apresentar reflexões que relacionam a demanda por direito à memória e à cultura à operação de instrumentos estabelecidos pelas políticas culturais, a partir dos dados que venho levantando em meu trabalho de campo.
Palavras-chave	Memória. Museu. Favela. Estado. Política Cultural.
Disciplina	História, Bens Culturais
Localização	<a href="https://xn--conferncias-sbb.ufrj.br/index.php/sintae/sintae2014/paper/viewPaper/1750">https://xn--conferncias-sbb.ufrj.br/index.php/sintae/sintae2014/paper/viewPaper/1750</a>
Observações	O link não para o paper, mas para seu resumo.

Nº	112
Referência	Santos, RMG, & Chagas, RB 'ESTRUTURA DE COMUNIDADES DE PEIXES (TELEOSTEI) OCORRENTES NA PRAIA DE BOTELHO, ILHA DE MARÉ, SALVADOR-BA', <i>sites.unisanta.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	113
Referência	SOARES, NF 'O ABC dos Museus: relatos e experiências', <i>PATRIMONIAL</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo em caderno temático
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Educação Patrimonial
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/36378237/Caderno_Tematico_de_EP_04.pdf?1422048747=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCaderno_Tematico_de_Educacao_Patrimonial.pdf&amp;Expires=1608286825&amp;Signature=LWVx6dRu7E50KuKG7XaSLnrG44f3tZx-O3P8zTr-I9rpQvJ27vENUVP0svuaMjC0tZ7R6BeXlKW9UllfXpH46KEb8mcc1T6SIEHA3nEJiD8rpeJnor63q6S~jjxa-">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/36378237/Caderno_Tematico_de_EP_04.pdf?1422048747=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCaderno_Tematico_de_Educacao_Patrimonial.pdf&amp;Expires=1608286825&amp;Signature=LWVx6dRu7E50KuKG7XaSLnrG44f3tZx-O3P8zTr-I9rpQvJ27vENUVP0svuaMjC0tZ7R6BeXlKW9UllfXpH46KEb8mcc1T6SIEHA3nEJiD8rpeJnor63q6S~jjxa-</a>

	bvvpcB3X40QtOwB95y04NYIfizwhrQUt~gBXVeXxhjAppUA0Ee5TcIcNptwM9VyyH6IElq4KDz78gH9oxHQQWectaz33divWKPEboASahuAxaf~zHqEopGNa2bprvu8ho8L9EOGZnWQ0mpaBFtwY1W4GRONwye60Hw8lqbAENhNbx3XCaSZ3sg8qMoLyZamoe4znO1BhpJA4xrUIDVB7K2DLFA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=23
Obser-vações	“Os alunos sem conseguir entender o que estávamos apresentando pediram para citarmos exemplos da atuação social do museu. Para exemplificar o que estávamos defendendo em sala de aula, apresentamos o filme “Museu da maré: memórias e (re) existências”. Os alunos ficaram surpresos com o filme, pois não passava pelas cabeças deles que pudessem existir museus dentro de favelas. Vários dos pré-conceitos dos alunos foram destruídos naquele momento. A instituição museu não estava mais apenas ligada aos grandes centros urbanos e a grupos sociais de alto poder aquisitivo.” <sup>46</sup>

Nº	114
Referência	Santos, RMG, & Chagas, RB 'ASPECTOS ALIMENTARES DA COMUNIDADE DE PEIXES (TELEOSTEI) OCORRENTES NA PRAIA DE BOTELHO, ILHA DE MARÉ, SALVADOR-BA', <i>sites.unisanta.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	115
Referência	ROSSETTI, DF, & GÓES, A 'PROCESSOS DE MARÉ NA FORMAÇÃO BARREIRAS, ESTADO DE ALAGOAS', <i>abequa.org.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	116
Referência	Silva, SJA 'Fronteiras da pesquisa em (etno) musicologia: investigando a memória musical da Maré', <i>antigo.anppom.com.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)

Resumo	Esta comunicação tem por objetivo relatar uma experiência de pesquisa (etno)musicológica desenvolvida na Maré, bairro formado por um conjunto de favelas da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de estar ainda na etapa de coleta e análise dos dados, é possível compartilhar algumas das trajetórias seguidas durante o processo de investigação. Assim, na seqüência, apresento algumas interrogações e circunstâncias que motivaram a pesquisa, faço menção às fronteiras disciplinares que experimento no intuito de encontrar respostas às minhas dúvidas, relato procedimentos que coloco em prática no campo e, por fim, faço uma discussão sobre possíveis rumos que o trabalho pode alcançar.
Palavras-chave	Maré, música, memória, história oral
Disciplina	Etnomusicologia
Localização	<a href="https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM460%20-%20Silva.pdf">https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM460%20-%20Silva.pdf</a>
Observações	

Nº	117
Referência	Begot, RTO 2012, 'A ictiofauna de poças rochosas de maré: padrões de distribuição associados ao espaço e ambiente', repositorio.museu-goeldi.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	118
Referência	Tinoco, A 2012, 'XIX Jornadas sobre a Função Social do Museu Paços de Ferreira-2009', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/2839/2157">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/2839/2157</a>
Observações	Não há menção ao Museu da Maré.

Nº	119
Referência	Chagas, M 2013, 'Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação', <i>Revista Eletrônica do Iphan. Dossiê Educação ...</i> , <a href="http://repep.fflch.usp.br">repep.fflch.usp.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Museu%20Patrimonio%20CHAGAS_M.pdf">http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Museu%20Patrimonio%20CHAGAS_M.pdf</a>
Observações	Ele publicou outro trabalho de mesmo título em forma de capítulo de livro (eu acho). “I Em 2002, o projeto Rede Memória do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) publicou um conjunto de cartões postais com fotografias acompanhadas de depoimentos de antigos moradores da favela. Imagens e palavras impressas no papel passaram a compor uma narrativa toda especial, capaz de articular no mesmo episódio a tensão entre o singular e o universal; capaz de evidenciar a fazeção da ponte que liga o humano localizado e banhado pela maré cultural e a humanidade inflamada e sensível. Num dos cartões postais, um dos comovedores depoimentos de um dos moradores das antigas palafitas está assim apresentado: “Quando eu mudei para lá, tinha que atravessá mesmo era por dentro d’água... Os outros tinha ponte, os outros tinha tudo, mas eu ainda não. Tinha mudado de pouco. Aí eu fui fazê a ponte.” Essa narrativa poética, que combina o lírico e o épico num mesmo drama, explicita a tensão humana implicada na construção cultural de um patrimônio pessoal e a necessidade de construção de pontes. Se, por um ângulo, a ponte (material e espiritual) pode ser compreendida como patrimônio, por outro o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como ponte entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes. A compreensão do patrimônio como ponte pressupõe a dilatação da noção de patrimônio.” <sup>27</sup>

Nº	120
Referência	Trombini, IF 'A DIALÓGICA ENTRE REALIDADE E CONHECIMENTO COM ALUNOS E ALUNAS DO COMPLEXO DA MARÉ: O TEATRO DO OPRIMIDO COMO ...', <i>cap.uerj.br</i> ,
Tipologia documental	Apresentação, comunicação (Anais de Eventos)
Resumo	O presente trabalho propõe-se a estudar a dialogicidade entre realidade e conhecimento, utilizando o Teatro do Oprimido como tecnologia social, baseando-se em um trabalho de campo no Complexo da Maré. Pretendese compreender como o aluno percebe sua realidade sociocultural transformada em conhecimento nos processos educativos do qual participa e como a educação antidialógica, que desconsidera este capital cultural, fomenta a exclusão social sobre um viés subjetivo. A metodologia escolhida para este trabalho é a pesquisa etnográfica com observação participativa. Elege-se como teóricos privilegiados Freire com o conceito de dialogicidade; Gaujelac e Leoneti com a idéia de desinserção; Buarque explicando a apartação social; Dewey, Doll e Teixeira com perspectivas sobre a educação como reconstru-

	ção da experiência; McLaren com a idéia de pedagogia crítica e Boal com o Teatro do Oprimido. Pretende-se, junto aos resultados da observação participativa no campo, aprofundar a reflexão sobre como realidade e conhecimento se relacionam na perspectiva de jovens no Complexo da Maré que utilizam o Teatro do Oprimido em contextos educativos.
Palavras-chave	Opressão – Dialogicidade – Realidade.
Disciplina	Antropologia, Educação
Localização	<a href="http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/xsesc/a-dialogica-entre-a-realidade.pdf">http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/xsesc/a-dialogica-entre-a-realidade.pdf</a>
Observações	O autor trabalhou com vários grupos. Um deles era o grupo que se reunia no Museu da Maré inicialmente como bolsistas remunerados.

Nº	121
Referência	Amaral, L '2. GEOPOÉTICA: A RUA COMO MUSEU. CARTOGRAFIAS ARTÍSTICAS, MEMÓRIA EM DESLOCAMENTO E CONTEXTO URBANO IBEROAMERICANO ...', <i>Cartografias da Cidade</i> ,, books.google.com
Tipo-logia documental	Capítulo de Livro - Capítulo de e-book
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Artes Visuais, Educação Patrimonial
Localização	<a href="https://books.google.com.br/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=uFPuDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PA31&amp;dq=museu+da+mar%C3%A9&amp;ots=0WVFO9D0H_&amp;sig=PP42ACBfWF9KMI48-shCKSgZFJQ&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q=museu%20da%20mar%C3%A9&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=uFPuDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PA31&amp;dq=museu+da+mar%C3%A9&amp;ots=0WVFO9D0H_&amp;sig=PP42ACBfWF9KMI48-shCKSgZFJQ&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q=museu%20da%20mar%C3%A9&amp;f=false</a>
Observações	“O conjunto de ações desenvolvidas entre 2015 e 2016 estruturou as Rotas da Memória: entrePontos cariocas, uma proposta de Museu difuso, transitório e nômade, que operou como interface de memória ativando territórios e partir da mobilização de organizações locais que reinventam o conceito de museu, pelo modo de escavar as as memórias locais e trazer a público antigas e renovadas lutas. O projeto envolveu os Pontos de Cultura e memória – Museu do Samba, Museu da Maré, Ecomuseu de Sepetiba e o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – Museu Memorial. Nos aproximando do conceito de uma geopoética dos Sentidos (Amaral, 2015a), processo performativo atento às mudanças no espaço urbano e sua influência na subjetividade e, assim, na noção de patrimônio, buscamos desenvolver um modo de interação que, a partir do que chamamos de mergulhos poéticos andarilhos pudesse desdobrar em um processo de escrita processual criativa e co-elaborativa.”45

Nº	122
Referência	Tinoco, A 2012, 'XIX Jornadas sobre a Função Social do Museu Paços de Ferreira-2009',, Edições Universitárias Lusófonas



Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 118

Nº	123
Referência	Barbosa, RS, & Giffin, K 2007, 'Gênero, saúde reprodutiva e vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro', <i>Interface-Comunicação, Saúde, Educação</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo apresenta uma conceituação da pesquisa-ação que articula a pedagogia de Paulo Freire e a proposta reflexiva e prática do movimento de mulheres. Pretende contribuir para ampliar a compreensão dos problemas que afetam a juventude brasileira com base nas questões de vida e saúde vivenciadas por jovens rapazes e moças moradores de uma área favelada da cidade do Rio de Janeiro. Estas questões foram captadas por meio de um projeto de pesquisa-ação que aglutinou jovens em grupos de reflexão-ação que adotavam, como temas geradores, a identidade de gênero, a sexualidade e a saúde reprodutiva. Esses temas iam gradativamente se conectando a outras questões significativas que emergiram das dimensões socioculturais e políticas mais amplas que afetam a vida dos jovens, particularmente daqueles que vivem em contextos de pobreza, violência e exclusão de direitos. Buscou-se consolidar, conceitual e empiricamente, o enfoque que transversaliza gênero na classe social e o paradigma de conhecimento que legitima um novo sujeito de conhecimento engajado na ação transformadora.
Palavras-chave	Juventude. Saúde reprodutiva. Pesquisa-ação. Cidadania.
Disciplina	Saúde Pública, Sociologia
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300011&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300011&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt</a>
Observações	

Nº	124
Referência	Boghossian, CO 2009, 'Participação e Saúde na Trajetória Social de Jovens da Maré', <i>Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo ...</i> , bvssite.bvsvs.icict.fiocruz.br
Tipologia documental	Tese de doutorado
Resumo	O objetivo da tese foi compreender como as noções de participação e saúde se articulam na trajetória de jovens da Maré que atuaram como promotores de saúde no projeto Adolescentro, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro em parceria como uma organização não-governamental do bairro. As vivên-

	<p>cias e reflexões do grupo de jovens foram ponto de partida para pensar como a participação se incorpora ao campo da saúde para a promoção da vida da juventude em contextos de maior vulnerabilidade social. Foram entrevistados 67 jovens, através de questionários estruturados e contendo algumas questões abertas, organizadas em blocos temáticos sobre escolarização, família, trabalho, saúde, violência, participação social, sonhos, e percepções sobre o Adolescente. Utilizou-se uma combinação das abordagens quantitativa e qualitativa. A visão hermenêutico-dialética fundamentou a análise qualitativa dos dados. As informações quantitativas foram analisadas através de descrições das frequências absolutas e relativas e do cruzamento de variáveis. Grupos religiosos, esportivos, artísticos e de projetos sociais, todos com atuação no território, destacaram-se como espaço de participação dos jovens. Mobilizações de caráter também local, em sua maioria, voltadas para o direito de ir e vir e à diversidade sexual e contrária à violência policial aconteceram de forma esporádica e ligadas a projetos e organizações sociais. O Adolescente trouxe significativas mudanças no plano da subjetividade, das relações interpessoais, do retorno à escolarização, dos aprendizados atuação dos jovens nas escolas e nos Postos de Saúde; de investir nas reflexões e no atendimento especializado em saúde, nas atividades esportivas e culturais; promover o envolvimento das famílias nas ações voltadas para os jovens ou realizadas por eles, a capacitação dos profissionais de saúde e de educação e a avaliação permanente dos aspectos que dificultam e que facilitam a participação juvenil no contexto dos espaços políticos e da ação social. A articulação de instituições de educação e saúde com organizações não-governamentais e com os coletivos juvenis constitui um caminho fundamental para promoção da vida saudável e da participação dos jovens no contexto estudado.</p>
Palavras-chave	adolescente, participação comunitária, promoção da saúde, juventude, participação social
Disciplina	Saúde da Criança e da Mulher
Localização	<a href="http://bvssite.bvsvs.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/pdf/id_2733.pdf">http://bvssite.bvsvs.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/pdf/id_2733.pdf</a>
Observações	

Nº	125
Referência	Silva, PG, & Mare, RA Di 2012, 'Escarabeíneos copro-necrófagos (Coleoptera, Scarabaeidae, Scarabaeinae) de fragmentos de Mata Atlântica em Silveira Martins, Rio Grande do Sul, Brasil', <i>Iheringia. Série Zoologia</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	126
Referência	Santos, AHC 2017, 'Entre a comunidade ea cidade: os desafios para a escolarização de alguns jovens da Maré', pantheon.ufrj.br

Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	A presente pesquisa consiste na análise de situações de sucesso escolar de jovens da comunidade da maré e, para isso, busca compreender o oposto: a ideia de fracasso escolar e a importância do capital cultural. Mas, inicialmente, esse estudo procura descrever a comunidade da Maré. A pesquisa é qualitativa e utilizou como principal instrumento de coleta de dados um questionário. Esse instrumento foi respondido por cinco jovens moradores da comunidade da Maré, entre 20 e 28 anos, que obtiveram o êxito escolar e estão cursando o ensino superior ou já concluíram. E a mobilização pessoal desses cinco jovens, bem como as estratégias familiares utilizadas para viabilizar esse sucesso são as pistas para auxiliar no objetivo desse trabalho. Nessa perspectiva, esse estudo traz um conceito de capital cultural e a tentativa de jovens de segmentos populares para lidar com uma nova cultura. Segundo essa formulação, o capital cultural, pode desempenhar uma função integradora, atraente e concreta para os jovens oriundos de uma comunidade conquistar o sucesso escolar. Esse conceito de capital cultural se baseou nos estudos levantados para se entender sobre o sucesso e fracasso escolar, como jovens que vivem em uma mesma realidade social (moradores de segmentos populares), e conseguem obter sucesso escolar, e outros, nessa mesma perspectiva obtém o fracasso escolar.
Palavras-chave	Sucesso escolar; Maré; Capital cultural
Disciplina	Educação, Pedagogia
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12522/1/ASantos.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12522/1/ASantos.pdf</a>
Observações	

Nº	127
Referência	DISCIPLINA, PDEE DE 'Tópicos Especiais em Museologia I 60 4',
Tipologia documental	Ementa de Disciplina
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo. Mas, é importante pensar nas ementas de disciplinas falando sobre os museus em apreciação.

Nº	128
Referência	Souza, R 'MARÉ: A RUA INSPIRA A MAREZIA DO ESPÍRITO COMUM', <i>congresso.pucp.edu.pe</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)
Resumo	A investigação se ancora no universo comunicacional do cotidiano dos moradores da Maré, favela localizada no Rio de Janeiro. Objetiva-se encontrar elementos que possam responder a hipótese: "Será que na Maré ainda existe o espírito comunitário?". Toma-se como base a utilização do método etnográfico, aliado a observação participante, à descrição e entrevistas, há que se observa que a autora reside no

	local desde sua infância. Portanto, o estudo explora teoricamente as perspectivas sociológicas e antropológicas do conceito de comunidade. A pesquisa ocupou-se em realizar um breve levantamento estatístico das favelas, além das versões sobre o seu surgimento. Um diagnóstico sobre a postura do Estado com relação a esses espaços será traçado em observação aos investimentos na cidade sede dos megaeventos esportivos, como a Copa (em 2014) e as Olimpíadas (em 2016). O Estado implantou Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) nas favelas e seu braço militar se impõe através da impugnação da autonomia comunitária. Daí segue a segunda hipótese: Talvez a política de pacificação desconheça a estrutura comunitária.
Palavras-chave	comunicação comunitária, favelas, comunidade, Complexo da Maré
Disciplina	Comunicação, Jornalismo
Localização	<a href="http://congresso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT8-Renata-Souza.pdf">http://congresso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT8-Renata-Souza.pdf</a>
Observações	

Nº	129 – Ver também FICHA 17
Referência	Chagas, V 2011, 'Capítulo II-O SOM (radiofônicos: Rádio Maré e Progressiva FM)', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> ,,, revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Dissertação de mestrado publicada em periódico.
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	VER FICHA 17 – Considerar só 1 vez, porque se trata de diferentes capítulos da mesma dissertação.

Nº	130
Referência	Abreu, R 2007, 'Comentário X', <i>Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material</i> ,,, SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia, Museologia
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0101-47142007000200012&amp;lng=en&amp;nrm=iso&amp;tlng=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0101-47142007000200012&amp;lng=en&amp;nrm=iso&amp;tlng=pt</a>
Observações	“No famoso maio de 1968, alguns intelectuais pregaram a destruição dos museus, pensando que, se assim fizessem, estariam destruindo signos da cultura capitalista e burguesa. Hoje, temos a compreensão de que os museus podem ser importantes

	<p>instrumentos para a auto-afirmação de culturas e para a construção da auto-estima de segmentos sociais desqualificados e que vivem à margem das aquisições geradas pelo grande capital. Algumas experiências de construção de museus indígenas no Brasil, no Canadá e nos Estados Unidos representam novidades importantes, que vêm sendo objeto de análise e reflexão por parte de uma rede de pesquisadores.<sup>3</sup> No Brasil, podemos citar alguns exemplos, entre eles a criação de um museu dos índios Tikuna, no alto rio Negro, como parte das lutas pela demarcação das terras tikuna e, mais recentemente, a criação do Museu da Maré, o primeiro museu criado em uma favela, onde são protagonistas um grupo de moradores do local<sup>4</sup>. Tais experiências de narrativas museológicas, construídas de forma artesanal e contando com parcerias entre lideranças locais, antropólogos, museólogos, historiadores, podem ser "coisas boas pra pensar" (como diria Claude Lévi-Strauss) no sentido de estarem produzindo alternativas, bastante interessantes, a alguns dos impasses no contemporâneo. São interessantes justamente porque restauram certas competências de ver e de imaginar. Entre os vários empreendimentos dos grupos locais citados para criar seus próprios museus, está a visita a museus etnográficos ou históricos, na busca de referências para suas próprias narrativas. Este simples empreendimento de visita a um grande museu, com um novo olhar que busca descobrir, em reservas técnicas entulhadas de quinquilharias, coisas realmente significativas – dentro de uma proposta, um projeto, um sentido de futuro –, parece-me plena de conseqüências. Exercita-se aqui a capacidade de olhar, de discernir, de discriminar, bem como a capacidade de imaginar. Isso não é coisa pouca." 107</p>
--	--

Nº	131
Referência	Specht, A, Teston, JA, Mare, RA Di, & ... 2005, 'Noctuídeos (Lepidoptera, Noctuidae) coletados em quatro áreas estaduais de conservação do Rio Grande do Sul, Brasil', <i>Revista Brasileira de ...</i> , core.ac.uk
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	132
Referência	MARÉ, OCDOC DA 2008, 'CLAUDIA SELDIN',, researchgate.net
Tipologia documental	Dissertação de mestrado

mental	
Resumo	As “ações culturais” representam um fenômeno relativamente recente no cenário brasileiro, destacando-se dos projetos culturais convencionais por praticarem linguagens artístico-culturais variadas a partir dos espaços marginalizados da cidade e por privilegiarem o desenvolvimento social em detrimento do econômico. A presente dissertação tem como foco o estudo destas ações culturais, a definição de suas principais características e de sua relação com o espaço urbano, em especial com a cidade do Rio de Janeiro. Para ilustrar esta relação é abordada como estudo de caso a região da Maré – um complexo que abriga mais de 130 mil habitantes em dezesseis favelas. Apesar de constituir um espaço heterogêneo, dotado de valores, identidades e culturas diversas, a Maré ainda é amplamente identificada pelo viés da violência, da carência e da pobreza dentro do contexto carioca. Neste trabalho são aprofundadas três ações culturais locais que surgiram com o objetivo de quebrar estes estigmas, munindo-se de um forte caráter de afirmação e de resistência na tentativa de legitimar a cultura produzida nas favelas. Estes três exemplos – o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM (através do Museu da Maré), o Grupo de Capoeira Angola Ypiranga de Pastinha (através do Centro de Artes e Cultura Popular da Maré) e o Observatório de Favelas ainda conseguiram extrapolar seus objetivos iniciais, ultrapassando o nível da ação e propiciando a criação de equipamentos alternativos de cultura, que se destacam por constituírem novos pontos de referência para a população local.
Palavras-chave	Ações culturais; Cultura – Cidade; Complexo da Maré – RJ; Equipamentos alternativos de cultura; Afirmação; Resistência.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Claudia_Seldin/publication/313344335_As_Acoes_Culturais_e_o_Espaco_Urbano_o_Caso_do_Complexo_da_Mare_no_Rio_de_Janeiro_Cultural_Actions_and_Urban_Space_the_Case_of_the_Mare_Complex/links/589640e0a6fdcc32dbd99362/As-Acoes-Culturais-e-o-Espaco-Urbano-o-Caso-do-Complexo-da-Mare-no-Rio-de-Janeiro-Cultural-Actions-and-Urban-Space-the-Case-of-the-Mare-Complex.pdf">https://www.researchgate.net/profile/Claudia_Seldin/publication/313344335_As_Acoes_Culturais_e_o_Espaco_Urbano_o_Caso_do_Complexo_da_Mare_no_Rio_de_Janeiro_Cultural_Actions_and_Urban_Space_the_Case_of_the_Mare_Complex/links/589640e0a6fdcc32dbd99362/As-Acoes-Culturais-e-o-Espaco-Urbano-o-Caso-do-Complexo-da-Mare-no-Rio-de-Janeiro-Cultural-Actions-and-Urban-Space-the-Case-of-the-Mare-Complex.pdf</a>
Observações	

Nº	133
Referência	Ferreira, CB 2017, 'A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa', <i>PerCursos</i> , revistas.udesc.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente trabalho visa analisar e refletir, a partir da experiência de um grupo

	focal formado por nove alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, a questão da intolerância religiosa dentro e fora da sala de aula. Avaliando excertos do caderno de campo utilizado na elaboração de um material pedagógico de História denominado “Religiosidades nos museus”, desenvolvido durante o mestrado profissional em Ensino de História, podemos refletir sobre as vivências, estranhamentos e dúvidas dos jovens brasileiros em relação às religiosidades no Brasil e de como tais experiências impactam o cotidiano escolar.
Palavras-chave	Educação Básica. Intolerância Religiosa. Grupo Focal.
Disciplina	História, Ensino de História
Localização	<a href="https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618382017196/pdf">https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618382017196/pdf</a>
Observações	Nesse artigo, a autora buscou apresentar formas de combater a intolerância religiosa relatando sua experiência com alunos do ensino fundamental de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. Objetos ligados à matriz africana, principalmente objetos religiosos, foram apresentados a partir da lógica de aquisição de acervos. O projeto envolveu visitar a 3 diferentes museus, um deles o Museu da Maré. No MM, foi centro da discussão a parte expositiva Tempos da Fé. A seção foi apresentada por um dos responsáveis pela curadoria da exposição permanente, Marcelo Vieira.
Nº	134
Referência	Possamai, ZR 2010, 'Museu na cidade: um agente de mudança social e desenvolvimento', <i>MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO</i> , academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="https://tinyurl.com/y2ewdmf8">https://tinyurl.com/y2ewdmf8</a>
Observações	“No contexto das grandes cidades, especialmente no caso brasileiro, os ecomuseus e museus comunitários emergem nas zonas periféricas, originadas a partir de processos de valorização de áreas consideradas nobres que acarretam, conseqüentemente, o afastamento das populações pobres para áreas distantes dos centros históricos ou das áreas de grandes investimentos turísticos. Surgem, assim, tentando responder aos problemas de desterritorialização de populações - processo de remoção das favelas do Rio de Janeiro e sua transferência para a Zona Oeste – Eco-museu do Quarteirão Cultural do Matadouro (PRIOSTI, 2000); ao estigma sofrido pelas populações que habitam os grandes complexos de favelas - Museu da Maré; a ausência de laços de pertencimento com o lugar, advinda da transitoriedade das populações urbanas – Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, entre outros.” <sup>37</sup>

Nº	135
Referência	Sanches, T 2020, 'O MUSEU DAS REMOÇÕES SOMOS NÓS-Cotidiano e memórias na (e da) Vila Autódromo', <i>Periferia,, e-publicacoes.uerj.br</i>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo busca explorar a relevância dos usos da memória na construção do cotidiano da Vila Autódromo, a partir da formação do Museu das Remoções, localizado na comunidade. O processo de remoção quase completa da localidade já foi bastante explorado nos últimos anos (TANAKA et al, 2018; GONÇALVES & VALE, 2019; MEDEIROS, 2019; entre outros) assim como a formação do Museu das Remoções (BOGADO, 2017; CHAGAS et al, 2018). Há uma lacuna, passados os Jogos Olímpicos, no que tange ao entendimento dos usos das memórias dos antigos e atuais moradores para a construção do Museu e de seu cotidiano na localidade. Este artigo pretende explorar esse caminho através de pesquisa histórica e exploração empírica. Na primeira parte, é apresentada a formação dos museus sociais na cidade, inclusive o Museu das Remoções. Em seguida, analisam-se os usos das memórias na construção do cotidiano da Vila Autódromo atual, e o que representam na luta pelo direito à cidade que os moradores continuam travando diariamente.
Palavras-chave	Museus sociais; memória; cotidiano; favelas; Rio de Janeiro.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/48234/35341">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/48234/35341</a>
Observações	

Nº	136
Referência	Chagas, Victor; Fundação Getúlio Vargas (FGV) 2012, 'Capítulo IO VERBO (impressos: jornais União da Maré e O Cidadão)',,, Edições Universitárias Lusófonas
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 17.

Nº	137
Referência	Pereira, JS, & Miranda, SR 2014, 'Apresentação• Por que seguir pensando, hoje em dia, nas conexões entre práticas de memória, patrimônio e Ensino de História?', <i>Revista História Hoje,, rhhj.anpuh.org</i>



Tipologia documental	Artigo (de Dossiê)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História, Educação
Localização	<a href="https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/151/104">https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/151/104</a>
Observações	<p>É um artigo bem interessante, que menciona o museu várias vezes.</p> <p>“O Museu da Maré, inaugurado em 8 de maio de 2006, nasceu do desejo dos moradores daquela região do Rio de Janeiro em preservar suas memórias e afirmar positivamente suas identidades e pertencimentos. Assim, o Museu é um espaço de encontro entre as diversas realidades existentes no espaço urbano do Rio de Janeiro, o que possibilita a constituição de identidades plurais, além de favorecer o fortalecimento dos vínculos comunitários entre os agentes sociais locais e destes com a cidade. As ações educativas realizadas pelo Museu perpassam os vários projetos desenvolvidos (exposição de longa duração, exposições temporárias, arquivo, reserva técnica, grupo de contadores de histórias, biblioteca infanto-juvenil, mulheres artesãs e oficinas culturais) e visam fortalecer os vínculos comunitários entre os moradores, colaborando com o trabalho de preservação e divulgação do patrimônio cultural e afetivo das comunidades da Maré. O artigo aqui revelado teve por objetivo refletir sobre esse conjunto de ações, bem como sobre os critérios que vêm presidindo a tomada de decisões éticas, estéticas e didáticas por parte dos agentes daquele museu.”15-16</p>

Nº	138
Referência	CUBETAS, EPDAMEM, & MARÉ, DO DE 'Strombus', <i>CEP</i> ,, researchgate.net
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo.

Nº	139
Referência	Vianna, CMS de Vasconcelos 'PROFESSORES E ESTUDANTES DE EJA: Reflexões sobre concepções e percepções de práticas culturais em museus', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Educação

Localização	<a href="https://bit.ly/3Fe60Oz">https://bit.ly/3Fe60Oz</a>
Observações	<p>“Uma das alunas entrevistadas, Lorena, casada, sem filhos, 56 anos, encontrava-se à época da pesquisa cursando os anos finais do EF em uma das poucas unidades da rede que ofertam EJA no turno da manhã. Contou que foi a um museu pela primeira vez ainda jovem, com sua turma da escola regular, mas não sabia precisar a idade nem a qual museu havia ido. Depois que passou a estudar na EJA, a aluna disse ter visitado outros museus, tanto com a escola como com os educadores de uma ONG de seu bairro (Redes da Maré). Citou ter ido com a escola ao CCBB, ao MAR, ao Planetário, ao Memorial Getúlio Vargas. Pela ONG, visitou o Museu da Maré, o MAM, o Memorial dos Pretos Novos e o Museu Histórico Nacional. Ao ir ao CCBB com a escola, observou que havia no entorno outras instituições culturais; resolveu, então, retornar sozinha, e visitou a Casa França Brasil. Quando retornou ao CCBB levando sua irmã, resolveram adentrar outra instituição vizinha, o Centro Cultural dos Correios. A estudante destacou a importância de a escola ofertar visitas a museus: “Ir com a escola é bom. A gente perde o medo”. Contou pouco tempo depois de ir à Floresta da Tijuca com a escola, repetiu a visita com o marido: “a gente soube voltar lá”.” 6</p>

Nº	140
Referência	Santos, M Sepúlveda dos 2011, 'Museus, liberalismo e indústria cultural.', <i>Ciências Sociais Unisinos</i> ,, search.ebscohost.com
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 53

Nº	141
Referência	Nakano, N, & Jorente, MJV 2013, 'Um Modelo de inovação bottom up: Museu de Favela (MUF)', <i>Em Questão</i> ,, redalyc.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<p>Este artigo tem como objetivo apresentar, descrever e discutir o modelo de inovação do primeiro museu territorial ao ar livre, concebido em uma favela no Rio de Janeiro, o Museu de Favela (MUF). Nele são introduzidos os conceitos de favela, e diferenciados museu tradicional e os ecomuseus, a fim de contextualizar o universo do MUF. Discute-se o conceito de coleção de um museu territorial ao ar livre e como se dá o trabalho de curadoria nesse contexto, bem como os tipos de interação possíveis com a diversidade de indivíduos atendidos por um museu como o MUF. Discute-se ainda o papel dessa nova tipologia museológica na sociedade, a partir de entidades criadas pela inovação do tipo bottom up realizada pela iniciativa do MUF dentro da nova museologia de ação. Conclui-se com considerações a respeito da mudança de foco do papel desempenhado pelo MUF como agente de desenvolvimento social e cultural.</p>

Palavras-chave	Museu de Favela. Ecomuseu. Inovação. Nova Museologia.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645973014.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645973014.pdf</a>
Observações	

Nº	142
Referência	Rebelo, P, & Velloso, RC 2018, 'The Som de Maré project–towards a socially engaged art of sound in the everyday', ... to <i>Electronic Music: Reaching out with ...</i> , books.google.com
Tipologia documental	Capítulo de livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Música, Música Eletrônica, Musicologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/4a4dvj95">https://tinyurl.com/4a4dvj95</a>
Observações	Não foi possível acessá-lo.

Nº	143
Referência	Nascimento, DS do, & Silva, LC da 2020, 'LAZER E FAVELA: o Morro do Timbau e seu Arraiá da (Re) existência', <i>Periferia</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<p>A Favela da Maré é um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro com cerca de 140 mil habitantes, localizado no coração das principais vias da cidade. O bairro é conhecido pelas narrativas sobre violência e pobreza divulgadas pela imprensa de forma constante há muitas décadas. Em 1978, a região também ficou conhecida como “o fim do mundo” depois de um artigo do Jornal do Brasil com o título: “Favela da Maré: aqui é o fim do mundo”. Essas narrativas oficializadas sobre a região imperam como obstáculos aos moradores, que continuam a serem estigmatizados e excluídos socialmente. No entanto, buscando entender este território para além da violência e narrativas pejorativas. O presente artigo é um desdobramento da tese de doutorado “Maré de Lazer: construções, sociabilidades e significados dos lugares de Lazer no Morro do Timbau que buscou investigar as histórias dos espaços de lazer a partir das memórias e registros dos moradores. O trabalho analisou a maneira como se configuraram as memórias locais, sociabilidades e identidades tecidas através das experiências fomentadas em uma das primeiras festas registradas na região (Arraiá do Bico Mudo), indicando como os moradores buscaram resistir em um território marcado historicamente pela precarização e abandono do poder público, típico de tantas periferias pelo país. Destaca-se, nesse processo, o empenho de grupos no uso e construção de espaços de lazer marcados por relações afetivas. Além disso, o trabalho também investiga as formas como foram tecidos os arranjos coletivos, tais como os laços de amizade, conflito, territorialidade e resistência a partir da vivência e construção do</p>

	“Arraiá”. Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa por meio de entrevistas narrativas, análises de fotos e documentos. Com isso, a tese aponta para a importância em dar visibilidade às experiências que contestam o estigma do bairro apresentando uma narrativa que valoriza as afetividades, as sociabilidades, as memórias e as construções identitárias construídas partir do lazer.
Palavras-chave	Lazer, Esporte, Memória, Ausências, Favela.
Disciplina	Estudos do Lazer, Educação, Geografia
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48753/35340">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48753/35340</a>
Observações	

Nº	144
Referência	Alexander, MFM 2017, 'O design urbano da cidade de Belém: possibilidade de elaboração de um ecomuseu', ppgdesign.anhembibr
Tipologia documental	
Resumo	A presente pesquisa apresenta como foco principal a possibilidade de elaboração do Ecomuseu de Belém, considerando como referência a nova museologia que ao reconhecer a cidade como local aberto à interação, possibilita um diálogo entre o design urbano da cidade e museu. As ações de mudanças na paisagem urbana ocorridas na cidade, desencadearam a necessidade de salvaguardar os bens através da preservação do patrimônio cultural, cenário este que associado a dinâmica da cidade e tendo como referência a valorização de seu patrimônio arquitetônico, natural e cultural, além dos costumes e rituais locais, contribuíram para a elaboração do ecomuseu. Essa configuração de museu surgiu diante da inquietude de novos hábitos, dos processos de comunicação e das tecnologias que instigam a agregar outras possibilidades de interações no cotidiano da cidade. Acredita-se, que as características presentes, na cidade de Belém, a qualificam para classificá-la como ecomuseu, pois elas se encontram alinhadas com o debate do museu contemporâneo e podem transformar o olhar sobre Belém e sua paisagem urbana, fomentando um museu aberto para trocas, seja com o visitante/habitante, com as instituições, e/ou com o espaço público e urbano. A partir dessa premissa, foi elaborado um plano de desenvolvimento, de gestão e de ações, com participação da comunidade e instituições públicas e privadas, para o ecomuseu. Essa proposta busca debater a preservação e apropriação do espaço urbano por meio do design, arte, arquitetura e natureza.
Palavras-chave	<u>Design; Belém - Aspectos culturais; Belém (PA) - Turismo; Design social; Museus</u>
Disciplina	Design
Localização	<a href="http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/ANHE_a549ff54d3cefce61b2fb6abad585995">http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/ANHE_a549ff54d3cefce61b2fb6abad585995</a>
Observações	Não foi possível localizar a tese. Encontrei apenas seu resumo.

Nº	145
Referência	Montechiare, R 2016, 'LIMA FILHO, Manuel F.; ABREU, Regina e ATHIAS, Renato

	(orgs.). 2016. <i>Museus e Atores Sociais: perspectivas antropológicas</i> . Recife: Editora UFPE. 290pp.', CAMPOS,, researchgate.net
Tipologia documental	Resenha de Livro
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não pertence às tipologias textuais em análise.

Nº	146
Referência	Candau, VMF 2018, "'Esse habitat onde a gente mora": Conhecimentos Locais Como Fundamento Para a Educação Ambiental no Complexo da Maré.', maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Dissertação de mestrado
Resumo	As transformações no ambiente em decorrência da industrialização do Rio de Janeiro deram espaço à consolidação do Complexo da Maré que foi fruto de resistências e reinvenções para a ocupação desse território. A pesquisa realizada tem como objetivo principal compreender o que os moradores da Maré pensam sobre meio ambiente na favela e que relações os mesmo experimentam a partir dessas reinvenções. Nessa perspectiva foi possível identificar conhecimentos locais que possam dar subsídios à educação ambiental nessas favelas. O recorte utilizado na pesquisa foi construído a partir de uma rede de parcerias e trocas que venho experimentando na Maré desde 2011 com o projeto de extensão da UFRJ "Muda Maré". Quanto à metodologia, foram feitas observações em quatro favelas do complexo, oito entrevistas semi estruturadas e análises de quatro documentos relevantes ao tema da pesquisa. Levando em conta que a literatura sobre educação ambiental em favelas é pouco desenvolvida, me aproximo da Justiça Ambiental e do Racismo Ambiental para compreender como os movimentos sociais pautam o meio ambiente como um direito básico da população. Temas geradores e educação popular também são fundamentos utilizados para compreender a educação ambiental em contextos não escolares. Outra linha de reflexão é a ecologia de saberes que propõe o diálogo horizontal entre diferentes conhecimentos. A pesquisa teve como resultado um conteúdo que identifica algumas propostas de processos transformadores que dão luz ao desenvolvimento desse debate sobre educação ambiental em favelas.
Palavras-chave	Educação ambiental; Favela; Complexo da Maré.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34680/34680.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34680/34680.PDF</a>
Observações	

Nº	147
Referência	SERGIPE, SADEF DE 'MARIA CRISTINA OLIVEIRA BRUNO KÁTIA REGINA FELIPINI NE-

	VES',
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	
Observações	<p>“O Os museus, para alguns, ficaram marcados como locais de coisas velhas e sem vida, mas, para outros, são instituições que podem desempenhar uma função social junto às sociedades onde estão inseridas. Essas visões polarizadas são, por um lado, desconcertantes, mas, por outro, são desafiadoras, pois nos impulsionam a procurar entender as idiosincrasias que delimitam os cenários da ação museológica. Os artigos reunidos neste livro revelam algumas perspectivas, a partir das quais essas instituições têm procurado novos caminhos, têm permeado as difíceis rotas das ressignificações dos acervos e coleções, têm desdobrado as suas ações na busca de novos públicos, mas, em especial, têm revelado que os trabalhos preservacionistas permitem as mudanças e desafiam os pressupostos do desenvolvimento social, desde que sintonizados com seu entorno social. E todos temos consciência que esta sintonia é difícil, vulnerável e multifacetada.</p> <p>Essas perspectivas, por sua vez, indicam a preocupação com os princípios teóricos e metodológicos para a implantação dos processos museológicos, evidenciam a necessidade de implantação de políticas públicas para que os museus participem dos grandes debates do Estado, indicam as necessárias preocupações com o espaço arquitetônico, com a qualidade dos trabalhos museológicos, com as exigências de avaliação dos procedimentos institucionais e com o delineamento de novas compreensões sobre o papel inclusivo dos museus. Acreditamos que os museus devem desempenhar um singular papel social, pois podem impulsionar mudanças, e os autores aqui reunidos apresentam alguns caminhos sólidos para essas trajetórias. Este livro é o resultado de muitos entrelaçamentos entre profissionais que, por diferentes caminhos, têm problematizado a função social dos museus e têm apostado na busca de novos percursos. A sua concepção é uma resposta a um generoso convite feito pelo Prof. José Alexandre Felizola Diniz do Museu de Arqueologia de Xingó da Universidade Federal de Sergipe que , mais uma vez, demonstra a sua sensibilidade para a necessidade de debate em torno de temas museológicos. A realização desta coletânea só foi possível pelo apoio competente da museóloga Kátia Felipini que partilha as responsabilidades editoriais. Agradeço aos autores, que confiaram nesta proposta e garantiram o seu êxito, expondo suas idéias e revelando as suas experiências. Este livro é dedicado aos novos estudantes de Museologia e esperamos que possa servir de inspiração para os seus percursos profissionais.”7-8</p>

Nº	148
Referência	Carvalho-Morris, EJ 2016, 'Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios', <i>Revista del Cisen Tramas/Maepova</i> ,, core.ac.uk
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)
Resumo	Não contém

Palavras-chave	Menções ao MM: “Em terceiro, Cláudia Rose (Museu da Maré-BR) apresentou o projeto pioneiro de museu dentro de uma das maiores favelas do Brasil, a comunidade da Maré no Rio de Janeiro. As exposições e o acervo do Museu da Maré, que tem cerca de dez anos, foram elaborados a partir dos registros e da memória coletiva da comunidade, articulada por meio de projetos culturais do governo federal e com apoio de parcerias com universidades e sobretudo com professorxs da rede pública estadual, que levam seus estudantes para conhecerem o espaço e também para criarem novas exposições, baseadas nas suas histórias e nas suas relações com a comunidade” <sup>220</sup>
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://core.ac.uk/download/pdf/158354277.pdf">https://core.ac.uk/download/pdf/158354277.pdf</a>
Observações	

Nº	149
Referência	Grose, AV, Hillebrant, CC, & Cremer, MJ 2013, 'Diversidade e abundância sazonal da avifauna em duas planícies de maré no estuário da baía da Babitonga, norte de Santa Catarina', <i>Iheringia. Série Zoologia</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	150
Referência	Teston, JA, Specht, A, Mare, RA Di, & ... 2006, 'Arctiinae (Lepidoptera, Arctiidae) coletados em unidades de conservação estaduais do Rio Grande do Sul, Brasil', <i>Revista Brasileira de ...</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	151
Referência	Calabre, L 'Políticas culturais nos territórios: contribuições para os processos de construção dos planos municipais de cultura', <i>PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos ...</i> , periodicos.uff.br

Tipologia documental	Artigo
Resumo	A garantia da cidadania democrática e cultural são elementos indispensáveis na busca da superação de desigualdades e do reconhecimento das diferenças reais existentes entre os sujeitos que habitam o território, em suas dimensões social, econômica e cultural. O objetivo fundamental de uma política cultural deveria ser o de garantir o direito à cultura, do qual gozam o conjunto dos cidadãos. O presente artigo vai trabalhar, com a aceleração desse processo de reconhecimento das políticas culturais como um campo das políticas públicas, mais especificamente, tendo por ponto de partida o cenário internacional, a partir dos anos 1970. O objetivo do artigo é o de refletir sobre a problemática das políticas cultural a partir da gestão pública municipal, tendo como ferramenta fundamental o plano de cultura com suas premissas, princípios e desafios.
Palavras-chave	políticas culturais, política pública, planos de cultura, território, cidadania cultural
Disciplina	História, Memória Social
Localização	<a href="https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/38311/23275">https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/38311/23275</a>
Observações	Super interessante. Bem voltado para meu enfoque.

Nº	152
Referência	Coimbra, S 'O PÚBLICO INFANTIL ESPONTÂNEO NOS MUSEUS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO', <i>puc-rio.br</i> ,
Tipologia documental	Relatório de Pesquisa (PIBIC)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Educação
Localização	<a href="http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2018/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Gabriela%20Campolina%20e%20Valeria%20Martins.pdf">http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2018/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Gabriela%20Campolina%20e%20Valeria%20Martins.pdf</a>
Observações	O MM é um dos museus visitados, é classificado como “museu comunitário”

Nº	153
Referência	CARLOS, C, ROCHA, GZ, MORI, GM, & MELO, M 'Viabilidade de sementes de <i>Dalbergia ecastaphyllum</i> dispersadas pela maré.', <i>ib.unicamp.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo



Nº	154
Referência	Athila, DTF 2015, 'Comunicação comunitária na Maré e Cidade de Deus',,, pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de graduação (Monografia)
Resumo	Este trabalho analisa o conceito de comunicação comunitária aplicado ao trabalho de dois exemplos práticos: O Jornal O Cidadão, que é produzido na Maré e o Jornal A notícia por quem vive, na Cidade Deus. Busca-se contextualizar com a história de formação e características das respectivas comunidades onde cada atividade é feita, mostrando as peculiaridades de cada uma. Para chegar ao conceito de comunicação comunitária, são analisados os conceitos de comunidade e globalização, para então poder se entender o espaço ocupado pelo jornalismo alternativo praticado por esses veículos nos dias atuais. A monografia explora a importância da comunicação alternativa para dar voz aos moradores de favelas, que ainda são mal representados pela Grande Mídia.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Comunicação, Jornalismo Comunitário
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5005/1/DAthila.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5005/1/DAthila.pdf</a>
Observações	

Nº	155
Referência	Ferreira, M de Moraes 2010, 'Memória e identidade nacional',,, books.google.com
Tipologia documental	Capítulo de livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Memória Social, História
Localização	<a href="https://tinyurl.com/7zcxhyzt">https://tinyurl.com/7zcxhyzt</a>
Observações	“Minha intenção, ao colher e apresentar os dados registrados no livro-caixa que desce a exposição no museu não é traçar um panorama estatístico preciso, nem tampouco aspiro a uma detalhada prosopografia, dado o universo em que me encontro, com poucos e irregulares dados e muitos visitantes <sup>12</sup> , cada qual com particularidades que particularmente me interessam. Portanto, seguindo o conselho de Furet <sup>13</sup> , segundo o qual o limite das fontes é o limite da análise do historiador, procuro com esta primeira parte da investigação tratar de alguns questionamentos e episódios que, registrados no livro, suscitam o debate acerca da identidade dos visitantes do Museu da Maré.” Sem indicação de número de página.

Nº	156
Referência	Raposo, OR 2013, 'Coreografias da amizade: estilos de vida e segregação entre os jovens do break dance da Maré (Rio de Janeiro)',,, repositorio.iscte-iul.pt
Tipologia	Tese de doutorado

documental	
Resumo	Na Maré, bairro do Rio de Janeiro formado por dezasseis favelas, encontra-se um dos mais fortes núcleos de dançarinos de break dance da cidade. Num meio onde os confrontos armados entre as fações do tráfico de drogas e a ação truculenta da polícia impõem constrangimentos à circulação dos moradores, esses dançarinos têm conseguido romper as dinâmicas de segregação. Várias vezes por semana, mais de quarenta jovens da Maré reúnem-se para treinar break dance em diferentes locais do bairro. Sem o controlo de professores, são eles que definem a lógica dos ensaios (locais de encontro, movimentos a ensaiar e músicas), num ambiente de intensa sociabilidade. A adesão à dança incentiva os b-boys a transpor as fronteiras da Maré. Alargam, assim, as suas redes de amizade e acedem aos múltiplos repertórios, saberes e estilos de vida presentes na cidade. Os dançarinos da Maré encontraram no break dance (e no hip hop) um modo criativo e eficaz de cultivar a sua subjetividade, partilhando estéticas, valores e símbolos que contrariam a atomização da vida urbana. É uma forma prazerosa e coletiva de buscar reconhecimento e dignidade, que os torna integrantes de uma prestigiante cultura global. Nesse processo, criam identidades positivas que contestam os estigmas e dispositivos de confinamento que os querem manter isolados e anónimos nos “territórios de pobreza”. Respeitados no circuito de hip hop, os b-boys da Maré utilizam a performance e a imaginação para desafiar simbolicamente as relações de hegemonia, de forma a subverter o seu lugar na hierarquia social.
Palavras-chave	break dance, hip hop, juventude, favela, segregação, sociabilidade, identidade, antropologia urbana, estilo de vida
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2y6u9n96">https://tinyurl.com/2y6u9n96</a>
Observações	

Nº	157
Referência	COMPLEXO, AC DO 'A COMPLEXIDADE DO COMPLEXO: uma análise sobre as transformações sócioespaciais no Complexo da Maré',
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizado

Nº	158
Referência	Silva, VC, Bianchi, V, Silva, PG, & Mare, RAD 2015, 'Estrutura e organização de assembleias de Scarabaeinae (Coleoptera, Scarabaeidae) em diferentes fitofisionomias no sul do Brasil', <i>Iheringia. Série ...</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	

Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	159
Referência	Santos, MLS, Holanda, P, Pereira, I, & ... 2015, 'Influência das Condições da Maré na Qualidade de Água do Rio Guamá e Baía do Guajará', ... <i>Técnico Científico do ...</i> , cepnor.ufra.edu.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	160
Referência	Macieira, RM 2013, 'Peixes de poças de maré da província brasileira: Ecologia, aspectos funcionais e sistemática',, repositório.ufes.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	161
Referência	Mare, RA Di, Teston, JA, & Corseuil, E 2003, 'Espécies de Adelpha Hübner, [1819] (Lepidoptera, Nymphalidae, Limenitidinae) ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil', <i>Revista Brasileira de Entomologia</i> ,, SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	162
Referência	Dias, A, Jones, C, Nascimento, D, Rosa, I, Catinin, J, & ... 'Acervo musicológico comunitário e pesquisa-ação participativa: perspectivas (auto) críticas', <i>Revista Brasileira de Música</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O Grupo Musicultura Maré procura neste artigo, a partir do seu trabalho atual de catalogação dos acervos recolhidos e desenvolvidos pelo grupo, refletir sobre o seu processo de trabalho como também pensar as relevâncias da constituição de um acervo musicológico, tanto institucional como comunitário. Dialogando com a literatura e com a própria história do grupo, o artigo traz questionamentos da forma tradicional dessa produção como também uma (auto)crítica à forma alternativa utilizada pelo grupo.
Palavras-chave	Acervo institucional – acervo comunitário – acervo musicológico – pesquisa-ação participativa – Rio de Janeiro.
Disciplina	
Localização	<a href="https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/download/26287/14119">https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/download/26287/14119</a>
Observações	

Nº	163
Referência	Brito, LVR, Széchy, MTM, & Cassano, V 2002, 'Levantamento taxonômico das macroalgas da zona das marés de costões rochosos adjacentes ao Terminal Marítimo Almirante Maximiano Fonseca, Baía da ...', <i>Atlântica</i> , academia.edu
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	164
Referência	Silva, RSR 2016, 'Feminismo e empoderamento feminino: um olhar sobre a Oficina Maré de Sabores', pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de graduação (monografia)
Resumo	Este trabalho tem como objetivo conhecer os mecanismos da subjetividade feminina a partir da aprendizagem coletiva que a oficina Maré de Sabores propicia para as mulheres do Bairro Maré. Do ponto de vista metodológico, priorizou-se a realização de entrevista semiestruturada com três profissionais da instituição Redes de Desenvolvimento da Maré, com a finalidade de colher dados para o tema proposto. A

	pesquisa bibliográfica empreendida permitiu estabelecer um quadro teórico necessário à análise dos dados obtidos. Tal estudo chama a atenção para a importância da relação entre as profissionais que integram a Oficina e as participantes da oficina que com diversas histórias de vida estão se reconhecendo como sujeitos plurais, sendo integrantes ativas na construção de uma história coletiva. São mulheres que equilibram o seu tempo entre os afazeres domésticos, o trabalho remunerado com as horas dedicadas ao curso de gastronomia, construindo novas perspectivas femininas tendo como pano de fundo o conhecimento coletivo concebido pela oficina Maré de Sabores.
Palavras-chave	feminismo, violência contra a mulher, subjetividade feminina, empoderamento feminino, Mulher e Maré.
Disciplina	Serviço Social
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10522/1/RRSilva.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10522/1/RRSilva.pdf</a>
Observações	

Nº	165
Referência	Rennó, ITC 2015, 'ST 2 MUSEUM OF THE MARE: NEW REPERTOIRES OF CONSTETATION IN THE FAVELAS OF RIO DE JANEIRO', <i>Anais ENANPUR</i> ,, <a href="http://anais.anpur.org.br">anais.anpur.org.br</a>
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Planejamento Urbano
Localização	<a href="http://www.anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1837/1816">http://www.anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1837/1816</a>
Observações	<p>Como o museu é mencionado:</p> <p>“This paper analyses specifically the case of the Museum of Mare (Museu da Maré), a pioneering experiences developed by the NGO CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré). Since 1997 the NGO develops actions to recover and to disseminate the history of communities that live in the slum complex of Favela da Maré as a mean to enhance the sense of identity among residents. The decision to found the museum came only in 2006 and, despite keeping the major focus on residents’ self perception, the museum becomes a tool through which slum residents – isolated in the poor periphery - establish dialogues with other actors, at the municipal, state, national and international level. This paper contributes with new insights for the literature on social urban movements as well as to slum-upgrading frameworks, by analyzing motivations, actors, networks, and actions driving the emergence of the Museu da Maré. The findings suggest that the reconstruction of the collective memory of slum dwellers, through the museum institution, is a renewed repertoire of contestation performed by urban social movements. Defined by Manuel Castells as the processes of purposive social mobilization, organized in a given territory and orientated toward urban-related goals, urban social movements are icons of resistance in face of unequal power structure and can engender the most significant institutional changes (Castells 1996, p. 78).” 1-2</p>

Nº	166
Referência	Pereira, MRN 'Política Pública de Direito à Memória: apontamentos sobre a trajetória do Programa Pontos de Memória1 Politique publique sur le droit à la mémoire: notes sur ...', <i>periodicos.unb.br</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo apresenta aspectos relacionados à trajetória do Programa Pontos de Memória, uma Política Pública de Direito à Memória, idealizada pela Política Nacional de Museus (PNM) que integraram as Políticas Públicas Culturais incentivadas e implementadas entre os anos de 2003 a 2016 no Brasil. Reconhecendo o contexto político favorável ao desenvolvimento de processos museais que visavam ampliar a ideia de museu e contexto de atuação participativa e social, o texto apresenta as fases de formulação da iniciativa com destaque para as etapas metodológicas e os impactos para o campo da Museologia indicando avanços, limitações, necessidades conceituais e gestão Institucional do Programa.
Palavras-chave	Museu. Museologia Social. Política Pública. Memória.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/29714/26138">https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/29714/26138</a>
Observações	

Nº	167
Referência	Ramos, N 2016, 'Espaços, culturas, identidades e saúde em comunidades marítimas e piscatórias: mulheres entre praias e marés', <i>The overarching issues of the european space ...</i> , repositorioaberto.uab.pt
Tipologia documental	
Resumo	As zonas costeiras concentram mais de 50% da população do planeta, 75% das grandes metrópoles e cerca de 90% da pesca global, acolhendo importantes atividades urbanas, industriais, piscatórias, turísticas e culturais. Portugal e Brasil têm um vasto litoral e um potencial hídrico importante, cujas características favorecem as atividades marítimas e piscatórias, o desenvolvimento social, económico, turístico e cultural e as comunidades e culturas marítimas em geral, as quais têm sido objeto de múltiplos olhares e de estudos multi/interdisciplinares. As comunidades marítimas e piscatórias constroem as suas identidades, atividades e sistema social numa interação contínua entre pertenças culturais e diversidades sociais, a terra e o mar, antagonismos e afinidades, continuidades e mudanças, tradição e modernidade. As atividades e as políticas relacionadas com o mar e a pesca afetam a identidade, a qualidade de vida, a segurança e a saúde humana, apresentando benefícios e riscos com impactos para o indivíduo, as culturas e o meio ambiente e colocando desafios às questões de género e de saúde nestas comunidades. O presente texto propõe-se analisar e discutir algumas questões e dinâmicas das culturas, atividades, saberes e políticas do mar e da pesca, através de pesquisa teórica e empírica em comunidades marítimas e piscatórias, sobretudo relacionadas com a pesca artesanal no Norte de Portugal e noutros contextos culturais, nomeadamente no Brasil (Amazónia, Paraíba

	e Pernambuco)
Palavras-chave	Comunidades marítimas e piscatórias Culturas e identidades Saúde e gênero Pesca artesanal e qualidade de vida Pescadoras artesanais, saúde e riscos
Disciplina	Não informada
Localização	<a href="https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6685">https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6685</a>
Observações	

Nº	168
Referência	Barbosa, RS, & Giffin, K 2007, '... e vida cotidiana ae vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de J ens da Maré, Rio de J ens da Maré, Rio de Janeiro', <i>Interface-Comunic, Saúde, Educ,, SciELO Brasil</i>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo apresenta uma conceituação da pesquisa-ação que articula a pedagogia de Paulo Freire e a proposta reflexiva e prática do movimento de mulheres. Pretende contribuir para ampliar a compreensão dos problemas que afetam a juventude brasileira com base nas questões de vida e saúde vivenciadas por jovens – rapazes e moças – moradores de uma área favelada da cidade do Rio de Janeiro. Estas questões foram captadas por meio de um projeto de pesquisa-ação que aglutinou jovens em grupos de reflexão-ação que adotavam, como temas geradores, a identidade de gênero, a sexualidade e a saúde reprodutiva. Esses temas iam gradativamente se conectando a outras questões significativas que emergiram das dimensões socioculturais e políticas mais amplas que afetam a vida dos jovens, particularmente daqueles que vivem em contextos de pobreza, violência e exclusão de direitos. Buscou-se consolidar, conceitual e empiricamente, o enfoque que transversaliza gênero na classe social e o paradigma de conhecimento que legitima um novo sujeito de conhecimento engajado na ação transformadora
Palavras-chave	Juventude. Saúde reprodutiva. Pesquisa-ação. Cidadania.
Disciplina	Saúde Coletiva, Saúde da Mulher
Localização	<a href="https://www.scielo.br/pdf/icse/v11n23/a11v1123">https://www.scielo.br/pdf/icse/v11n23/a11v1123</a>
Observações	

Nº	169
Referência	Cardoso, MM 2017, 'Antropologia digital e experiências virtuais do museu de favela',,, <a href="https://books.google.com">books.google.com</a>
Tipologia documental	Livro – E-book
Re-	Não contém

sumo	
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://books.google.com.br/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=RRhJDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PT7&amp;dq=museu+da+mar%C3%A9&amp;ots=DwSlId7DRqC&amp;sig=cJPOiCYYa6rhPpvrDZyAyyt_ftU&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q&amp;f=true">https://books.google.com.br/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=RRhJDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PT7&amp;dq=museu+da+mar%C3%A9&amp;ots=DwSlId7DRqC&amp;sig=cJPOiCYYa6rhPpvrDZyAyyt_ftU&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q&amp;f=true</a>
Observações	Não está disponível. Mas, eu acho que esse livro já foi mencionado em alguma outra ficha.

Nº	170
Referência	Alcântara, CM, & Godoy, R 2017, 'Os Museus Emanados da Periferia e suas Perspectivas para o Turismo Cultural: uma proposta da Amazônia urbana brasileira', <i>O Ideário Patrimonial</i> , academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo apresenta uma comunidade de Belém, Pará/Brasil e suas perspectivas para o turismo cultural através de seu museu comunitário, discutindo tal estratégia como mecanismo de reconhecimento e valorização da memória social. Por meio de pesquisa etnográfica no bairro da Terra Firme, periferia da capital paraense localizada na Amazônia brasileira, se propõe perceber as interações que se estabelecem nos espaços sociais a partir das escolhas patrimoniais dos moradores do bairro, dirigindo atenção para a relação das pessoas com sua cultura material e as diferentes formas de construção social da paisagem local para a concretização da atividade turística.
Palavras-chave	Museus Comunitários, Etnografia, Turismo Cultural, Patrimônio Cultural, Cultura Material
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/55810180/ideario_JULHO_6_MOURA_GODOY.pdf?1518701371=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DOS_MUSEUS_EMANADOS_DA_PERIFERIA_E_SUAS_P.pdf&amp;Expires=1608318320&amp;Signature=G-kLf~R01eEz6Lp0iHy32exh2b7EJ4zBQb2WERrD~3UFdJP3tYW10OeIZIQBiiE89ftMJfnZK5-3EeVGNLmTs1-BLgrjGtKoY5k1FYe~ulyvexb0SLxoshHReHmV1MPVUj~phtFBBg8KIIBJ5DdbOOyDiLNZpqa wweb1Pu-gYwbQxg1xiz3tYt5bsoZPcyvbOSEW9psWMSw8SkLde38AP41iLLAy059N4uVJGdGaHTJHuEC1ZWxtN-wkzSt3EcQG5gY3klqvX~OJk2n4IB-">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/55810180/ideario_JULHO_6_MOURA_GODOY.pdf?1518701371=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DOS_MUSEUS_EMANADOS_DA_PERIFERIA_E_SUAS_P.pdf&amp;Expires=1608318320&amp;Signature=G-kLf~R01eEz6Lp0iHy32exh2b7EJ4zBQb2WERrD~3UFdJP3tYW10OeIZIQBiiE89ftMJfnZK5-3EeVGNLmTs1-BLgrjGtKoY5k1FYe~ulyvexb0SLxoshHReHmV1MPVUj~phtFBBg8KIIBJ5DdbOOyDiLNZpqa wweb1Pu-gYwbQxg1xiz3tYt5bsoZPcyvbOSEW9psWMSw8SkLde38AP41iLLAy059N4uVJGdGaHTJHuEC1ZWxtN-wkzSt3EcQG5gY3klqvX~OJk2n4IB-</a>



	AvBPqPQ0DWLdWfBHbgeBjwxr2VUfd0M3yrgPb6cetAUGqTAa6~4RF0I3U-z6PWEw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA
Observações	

Nº	171
Referência	Barbosa, VM, Gregório, AM da Silva, & ... 2007, 'Estudo morfodinâmico durante uma maré equinocial de sizígia em uma praia de macromaré do litoral amazônico (praia de Ajuruteua-PA, Brasil)', <i>Boletim Paranaense ...</i> , revistas.ufpr.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	172
Referência	Soares, BE, Lobato, C, Freitas, DTH, & ... 2016, 'Diferença entre sexos na alimentação do peixe gobídeo <i>Bathygobius soporator</i> em poças de maré da Ilha de Maiandeuá, Pará, Brasil', <i>Iheringia. Série ...</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	173
Referência	Araújo, S 2006, 'A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro', <i>Trans. Revista Transcultural de Música</i> , redalyc.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	This paper explores the use of violence as a concept, rather than as a descriptive category, in socio-musical research. It draws upon a dialogic research on music, memory and sociability within a disenfranchised residential area of Rio de Janeiro, in which ethnomusicologists act as mediators between academic knowledge and a group of young community members who define research problems and develop conceptual tools to deal with them. As a result of a three-year exchange between

	academia and local demands, the youngsters involved in the project also reflect upon the impact of this experience vis-à-vis current public policies directed toward "assisting the needs" of the poor youth.
Palavras-chave	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/822/82201007.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/822/82201007.pdf</a>
Disciplina	Música
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/822/82201007.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/822/82201007.pdf</a>
Observações	

Nº	174
Referência	Marteletto, RM, & Stotz, EN 2009, 'Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré',,, books.scielo.org
Tipologia documental	Livro
Resumo	caráter especial desse livro é a interdisciplinaridade das pesquisas. Referenciais teóricos como Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Boaventura Santos e Norbert Elias ajudam a entender melhor o funcionamento da interligação entre informação e conhecimento, educação popular e saúde. Os textos concentram suas questões antes nos atores institucionais, para depois formular a indagação sobre como exercem o papel de distanciamento e neutralidade ao optar por outra atitude, qual seja, a "... do afastamento e de 'neutralidade ativa', por ser esta mais favorável a uma posição de escuta, propiciadora ao aparecimento de outras vozes", apontam os organizadores. A preocupação em fazer essa pesquisa alcançar além do mundo acadêmico é ponto primordial em todos os textos. Ressalta-se, ainda, a urgência em se formarem 'comunidades interpretativas' para o "compartilhamento de conhecimentos, práticas e experiências dos diversos atores"
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Saúde Pública
Localização	<a href="http://books.scielo.org/id/twj9s">http://books.scielo.org/id/twj9s</a>
Observações	Mas a efervescência de informações e conhecimentos que marca este universo não está restrita aos muros desses centros acadêmicos. Em cada comunidade, bairro, favela, ou complexo, encontram-se centros de discussão, captação e disseminação de informações. Associações de moradores, jornais e rádios comunitárias, organizações não governamentais (ONGs), conselhos distritais de saúde, grupos informais, escolas, centros de cultura e de memória, igrejas, dentre outros, fazem parte de uma história de organização e luta. (p. 18). Os capítulos que compõem este livro apresentam resultados teóricos, metodológicos e práticos em diferentes estágios, desenvolvidos pelos dois grupos de pesquisa, com o objetivo de estudar, criar metodologias e aplicativos em informação na área de saúde, conjugando as premissas da 'antropologia da informação' com as da 'educação popular e saúde'. A mais geral dessas premissas é a da construção compartilhada do conhecimento sobre saúde, fruto de processos de apropriação de informações e das disputas e/ou alianças simbólicas entre os atores dos campos acadêmico, técnico, poder público e população. (p. 18).

Nº	175
Referência	Boulhosa, M, Mendes, A, & ... 2009, 'Mapeamento dos Índices de Sensibilidade Ambiental ao derramamento de óleo através de Imagens SPOT 5, na região portuária de vila do conde-Barcarena ...', <i>XIV Simpósio Brasileiro ...</i> , marte.sid.inpe.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	176
Referência	Vianna, CMS de Vasconcelos 2014, 'PRÁTICAS CULTURAIS EM MUSEUS: EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE EJA?', <i>Revista Teias</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo reúne reflexões a respeito de museus como instituições em que se realizam práticas culturais e que, por isso mesmo, constituem potenciais espaços de educação continuada para professores de EJA, a partir do reconhecimento de sua função social na contemporaneidade. Enfatiza a necessária ressignificação desses espaços pelos professores, tendo em vista especificidades dos estudantes jovens e adultos, no movimento de (re)apropriação de contextos e de diferentes práticas culturais que ocorrem em outros espaços que educam na sociedade, para além da escola. Demonstra que conceitos/noções de rizoma e de rede fundamentam epistemologicamente a ação educativa de museus, na perspectiva intercultural e transdisciplinar, podendo assim ampliar a experiência pessoal e coletiva de usufruto de bens culturais.
Palavras-chave	práticas culturais em museus, educação continuada, educação de jovens e adultos
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24406/17384">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24406/17384</a>
Observações	

Nº	177
Referência	Ramos, PO 2001, 'Museus e monumentos de indústrias na'outra banda'', <i>Discursos: língua, cultura e sociedade</i> , repositorioaberto.uab.pt
Tipologia documental	Artigo

Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4111/1/Paulo%20Oliveira%20Ramos.pdf">https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4111/1/Paulo%20Oliveira%20Ramos.pdf</a>
Observações	Não menciona o museu.

Nº	178
Referência	Loureiro, FA dos Reis 2015, "'Maré Encheu" de Heitor Villa-Lobos: uma análise para a pedagogia da performance', <i>Anais do SIMPOM</i> , seer.unirio.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	179
Referência	Chagas, MS 1999, 'Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade', recil.grupolusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/4476/1/Sociomuseologia_n13.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/4476/1/Sociomuseologia_n13.pdf</a>
Observações	É uma coletânea de artigo do Mario Chagas. Vale a pena ler. Esse texto está fora o período de análise da pesquisa 2006-2019.

Nº	180
Referência	Neu, MM 2020, 'A Sociomuseologia como escola de pensamento ea Museologia Social como prática. Como os museus podem ajudar a transformar a realidade dos grupos sob o ...', recil.grupolusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Museus são organizações que devem servir à sociedade e, portanto, eles precisam se adaptar às mudanças sociais. Vivemos em uma época em que entendemos que a representatividade é de suma importância para grupos sob efeito de marginalização. As

	vozes dessas pessoas têm sido sistemática e institucionalmente silenciadas há várias centenas de anos. Uma vez que a museologia tradicional falha em se engajar com grupos marginalizados, e é, até hoje, uma instituição fundamentalmente elitista, a Sociomuseologia como escola de pensamento e a prática da Museologia Social surgiram com a clara missão de retificar este déficit. A escola de pensamento, a prática e seu potencial de desenvolvimento sociopolítico e econômico de um território merecem ser cuidadosamente examinados. Este artigo tem o objetivo de proporcionar insights sobre este novo paradigma museológico. Serão apresentados dois estudos de caso de instituições de museus sociais em favelas brasileiras que exemplificam os benefícios que esses museus já produziram para as comunidades em que estão inseridos. Serão apresentados exemplos de ações desenvolvidas nesses museus e como elas afetam o cotidiano dos moradores locais. Este trabalho foi escrito com base no material reunido para a tese de bacharelado da autora, entregue na Alemanha em 2018, e conta com estudos de campo, entrevistas originais transcritas e traduzidas, observações e uma análise da função social desses museus
Palavras-chave	Sociomuseologia, RESPONSABILIDADE SOCIAL
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/10431/1/7245-Texto%20do%20artigo-20895-2-10-20200901.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/10431/1/7245-Texto%20do%20artigo-20895-2-10-20200901.pdf</a>
Observações	

Nº	181
Referência	Araújo, ME de, Cruz, A, & ... 2005, 'Distribuição espacial de Acanthuridae em uma poça de maré, Serrambi, Pernambuco', <i>Boletim do ...</i> , <a href="http://periodicoseletronicos.ufma.br">periodicoseletronicos.ufma.br</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	182
Referência	Parellada, CI, Colla, TGG, Cruz, DA Santa, & ... 1992, 'Sambaqui do Tromomo: uma visão ambiental', ... <i>Brasileiro de Geologia</i> , <a href="http://academia.edu">academia.edu</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	183
Referência	Cardoso, CNA, Lima, WMG de, & ... 2016, 'Complexidade do habitat e variação espaço-temporal da diversidade de Sciaenidae (Teleostei) em canais de maré da Costa Norte do Brasil', <i>Biota Amazônia</i> ..., periodicos.unifap.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	184
Referência	Luna, EM 'Os lugares da infância em processos de comunicação comunitária: Jornal O Cidadão da Maré como experiência.'
Tipologia documental	Dissertação de mestrado
Resumo	O objetivo geral de este trabalho, a partir da perspectiva dos estudos da infância, e focalizando numa aproximação de cunho documental, é identificar os lugares da infância numa experiência de comunicação comunitária, estabelecendo algumas categorias de análise que possam ser de utilidade para dialogar dita presença dentro do discurso do jornal comunitário O cidadão da Maré, um jornal comunitário direcionado para as 16 favelas que compõem a Maré, bairro situado na periferia da Zona Leopoldina do Rio de Janeiro. Assim, a autora coloca algumas provocações para dialogar sobre os lugares estabelecidos para a infância dentro das produções na comunicação alternativa, tal discussão faz parte de um dos múltiplos olhares sobre as representações e lugares que são dados aos sujeitos sociais na comunicação comunitária, uma problematização que precisa ser feita dentro do marco da democratização da comunicação. As reflexões sobre a construção de uma metodologia de pesquisa de cunho documental conta com a contribuição de autores como Carlo Ginzburg e Marília Amorim. As questões cidadania, comunicação comunitária, seus conceitos e recursos, a Maré e O cidadão do bairro Maré, são colocadas a partir do dialogo principalmente com o equipe do jornal O cidadão da Maré e as ideias dos autores: Antonio Gramsci, Jesus Martín-Barbero, Boaventura de Sousa, Raquel Paiva, Vito Gianotti, Adair Rocha e Andre Esteves. As reflexões sobre infância, a potencia da narração, enunciação e sujeito social são feitas a partir do que emergiu no campo de pesquisa, e dialogam com elementos e idéias colocadas por Walter Benjamin, Bernard Charlot, Mikhail Bakhtin, Solange Jobim, Rita Ribes e Lucia Rabello.
Palavras-chave	Comunicação comunitária, estudos de infância, pesquisa documental, comunicação popular, cidadania, jornal comunitário, favela, Maré.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6962">http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6962</a>
Observações	

Nº	185
Referência	Falcao, MG, Pichler, HA, Felix, FC, & ... 2008, 'A inctiofauna como indicador de qualidade ambiental em planícies de maré do complexo estuarino de Paranaguá, Brasil', ... <i>da Escola de ...</i> , portaldeperiodicos.unibrasil.com.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	186
Referência	MUSEUS, D DE, PINHO, MDORW, & ... 2011, 'GOVERNO DA BAHIA',
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	187
Referência	Alencar, JA 2006, 'Discurso proferido na abertura do I Encontro Luso-Brasileiro de Museus-Casas',,, rubi.casaruibarbosa.gov.br
Tipologia documental	Discurso do Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/fcrb/457/2/FCRB_JoseAlminodeAlencar_DiscursoEncontroLusoBrasileiro.pdf">http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/fcrb/457/2/FCRB_JoseAlminodeAlencar_DiscursoEncontroLusoBrasileiro.pdf</a>
Observações	Fora das tipologias documentais examinadas neste estudo.

Nº	188
Referência	Medeiros, MSML 2014, 'Maré hostel e bar: anteprojeto de um albergue da juventude',,,

	monografias.ufrn.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	O trabalho tem como tema central um anteprojeto de um albergue da juventude utilizando aspectos da arquitetura minimalista. Iniciou-se com um estudo acerca do funcionamento e das normas previstas para albergues e dos conceitos da arquitetura minimalista. Em seguida foi escolhido o terreno e feitas as análises ambientais e legais para a implantação da edificação em Ponta Negra, feito o programa de necessidades e pré-dimensionamento, para então começar o desenvolvimento do projeto, que resultou em uma edificação com 3 pavimentos, divididos por setores, com um efeito formal referente ao minimalismo.
Palavras-chave	: Albergue da juventude, Hostel, Minimalismo, arquitetura minimalista
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/831/1/Albergue_Medeiros_2014.pdf">https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/831/1/Albergue_Medeiros_2014.pdf</a>
Observações	

Nº	189
Referência	Rolim, DED 2018, 'Museu do Povo do Mar',, repositorio.ufc.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	A proposição de um tema que lida com cultura, natureza, educação, turismo e lazer (Museu do Povo do Mar) pôs o propósito de oferecer a possibilidade de mudança das condições de vida de uma das comunidades mais carentes e levou ao bairro do Serviluz, que demonstrou ser uma região com diversos potenciais a serem trabalhados, p cultural que afirmasse sua identidade com a existência de um monumento histórico em urgente necessidade os, por se situar além das propostas do museu tradicional, pelo fato deste, apesar de sua importância como dissociada do contexto urbano e social em que se insere. Em contrapartida, o ecomuseu agrega em seu projeto constituindo-se em um equipamento cultural que representa e fortalece grupos historicamente marginaliza lugar com o seu meio urbano e com seus usuários. Reconhecer a imagem a ser passada e a escala urbana de diretrizes relativas à construção de uma obra que deverá proporcionar aos frequentadores, além de um espaço condizentes com a linguagem do entorno e da paisagem.
Palavras-chave	Ecomuseu Patrimônio histórico Cultura
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo



plina	
Localização	<a href="http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51269/1/2018_tcc_%20dedrolim.pdf">http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51269/1/2018_tcc_%20dedrolim.pdf</a>
Observações	

Nº	190
Referência	Rueda, RL 1996, 'La dona i el Romanticisme', Museu Frederic Marés
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	191
Referência	Capelo, HMRS 2014, 'Projeto de Reabilitação do Moinho de Maré Novo dos Paulistas Rio Tejo, Seixal', <a href="http://comum.rcaap.pt">comum.rcaap.pt</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	Design de Interiores
Localização	<a href="http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31134">http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31134</a>
Observações	Não cita o Museu da Maré

Nº	192
Referência	Mendes, RM da Luz, Mourão, FV, Sousa, ACSR de, & ... 'ÍNDICE DE ESTADO TRÓFICO NO CANAL DE MARÉ FURO DO MURIÁ (PA)', <a href="http://abrh.s3.amazonaws.com">abrh.s3.amazonaws.com</a> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	193
Referência	Motta, DRPG 2018, 'Estudo comparativo das associações de catadores de lixo reciclável em Florianópolis e do observatório de favelas da Maré no RJ: as alternativas para o ...', repositório.ufsc.br
Tipo- logia do- cu- men- tal	TCC de graduação
Resu- mo	A criação de ambientes propícios às inovações solidárias e a real autogestão pode fortalecer a formação de redes solidárias com um circuito comercial alternativo. As Redes Solidárias(RES) trabalham com tecnologias sociais, além da propriedade coletiva dos meios de produção. As RES se fortalecem, quanto mais desenvolverem uma cultura solidária, que somente poderá ser feito com inovações solidárias, o que incluem as tecnologias sociais, a gestão solidária e os espaços de produção compartilhados. Foram analisadas as RES que compõem o Observatório de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro e da rede de associações de reciclagem Recicla Floripa, ACMR e Aresp em Florianópolis, Santa Catarina. As soluções propostas pela assessoria através de metodologia de pesquisa-ação denominada planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável(PEDS) aplicada nesses quatro empreendimentos. Entre outros critérios foi analisada a coleta seletiva, a atuação no entorno das associações com Pontos de Entrega Voluntária, assessoria para escrita de projetos, abertura de espaços compartilhados dentro das associações, e separação na fonte dos resíduos triados nas associações, após aplicado um mapeamento cognitivo como avaliação dos PEDS. Os resultados do desempenho das redes e das associações foram incrementados pela aplicação do método de mapeamento cognitivo. Foi verificado de maneira qualitativa e quantitativa, que a coleta e triagem realizadas na fonte, de maneira solidária geram maiores distribuições de renda e maior economia para o Estado, foram obtidos resultados positivos na renda gerada com a nova gestão solidária e a gestão de resíduos como empoderadora da comunidade, como previsto pela Política Nacional de Resíduos Sólidos e pela Política Nacional de Economia Solidária.
Pala- vras- chave	Redes de Economia Solidária, Gestão de Resíduos Sólidos, Gestão Solidária, Espaços de Produção Compartilhados, Tecnologias Sociais, Planejamento Estratégico para Desenvolvimento Sustentável, Associações de Reciclagem de Florianópolis, Observatório de Favelas da Maré
Disci- plina	Ciências Econômicas
Locali- zação	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192872/Monografia%20Daniel%20Ribeiro%20Pinto%20Gon%c3%a7alves%20Motta.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192872/Monografia%20Daniel%20Ribeiro%20Pinto%20Gon%c3%a7alves%20Motta.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Ob- serva- ções	

Nº	194
Referência	Martins, C 2015, 'Instituições doadoras acervo biblioteca EAV', acervo.memorialage.com.br

Tipologia documental	Carta Aberta
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não se enquadra nas tipologias documentais examinadas neste estudo.

Nº	195
Referência	Martins, C 2015, 'Carta solicitando doação de publicações para a revitalização da biblioteca da EAV',,, acervo.memorialage.com.br
Tipologia documental	Carta Aberta
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não se enquadra nas tipologias documentais examinadas neste estudo.

Nº	196
Referência	Gouveia, I, & Pereira, M 2016, 'A emergência da museologia social', <i>Políticas Culturais em Revista</i> ,,, portalseer.ufba.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo trata da correspondência entre as políticas de cultura e a museologia social no Brasil. Situa essa perspectiva de museologia e contextualiza como a função social dos museus foi incorporada na elaboração de marcos políticos e legais, desde a Política Nacional de Museus em 2003. Destaca o Programa Pontos de Memória como uma ação concreta correspondente à museologia social, que oportuniza o desenvolvimento de redes. Insere nesse panorama a trajetória da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro e considera que a participação da sociedade civil foi um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento das políticas públicas nos últimos 13 anos.
Palavras-chave	Museologia social. Política de museus. Participação social. Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/16794/14256">https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/16794/14256</a>
Observações	

Nº	197
----	-----

Referência	Janeiro, ER de 'Un museo en la Favela de la Maré: memorias y narrativas en favor de la dignidad social', <i>culturaydeporte.gob.es</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	The Museu da Maré works with memories, times, identities and symbolic representations, reinterpreting the cultural map of the city and showing other popular communities that they can exercise the right to memory, heritage and museums, key elements in the construction of a future with social dignity. The Museu da Maré challenges the logic of accumulating cultural assets and the financial appreciation of monumental narratives, affirming itself as a major centre of interest, not to preserve but rather to promote the social life of Maré's population and the communication processes within and outside the favela (shanty town). The experience of the museum as a communication and work tool helped to combat prejudices about museums – traditionally considered to be areas of interest reserved for the economic elites. It also contributed to increase respect for favelas, which are generally treated as areas of violence, savagery and misery that are void of all humanity. The Museu da Maré presents itself as a universal museum, without losing sight of its national and regional importance and without forgetting the different parts of the favela – of the social life of over 130 000 people and in particular of everyday rites that are steeped in a multitude of traditions, history, festivals, hopes, projects, dreams and reflections
Palavras-chave	Museum, Favela da Maré, Social Museology, Memory, Heritage, Rio de Janeiro.
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais, Antropologia
Localização	<a href="http://www.culturaydeporte.gob.es/dam/jcr:5e93afc6-965f-4eee-9935-69f02795cc74/desde-museo-en-la-favela-chagas-abreu.pdf">http://www.culturaydeporte.gob.es/dam/jcr:5e93afc6-965f-4eee-9935-69f02795cc74/desde-museo-en-la-favela-chagas-abreu.pdf</a>
Observações	

Nº	198
Referência	Moraes, C 2010, 'Os Caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo', <i>Revista Intratextos</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O trabalho versa sobre a implementação do Projeto Turismo no Museu de Favela, em andamento no Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. O projeto surge após a fundação da organização não-governamental Museu de Favela (MUF), constituída por moradores das comunidades, com o objetivo de valorização da memória coletiva. Para a promoção de visitas ao museu pensaram em aliar sua proposta ao Turismo, em função da localização das favelas e do interesse por turistas em visitá-las. Deste modo, foi elaborado em convenio com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) um curso de extensão em Turismologia para a comunidade capacitar-se para a organização de visitas e elaboração de roteiros nas favelas. Como turismóloga responsável pelo projeto, estou analisando, em trabalho de campo, a construção dos roteiros pelos alunos, as escolhas dos caminhos por onde vão passar os turistas, como eles imaginam a favela e o que eles

	querem mostrar. Nos caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo há muitas histórias, muitos conflitos. Tudo o que os moradores querem é serem vistos, serem lembrados, e estão encontrando no Turismo e no Museu de Favela esta oportunidade.
Palavras-chave	Turismo, Favelas, Museu, Políticas Públicas
Disciplina	Turismo, Ciências Sociais
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/407/490">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/407/490</a>
Observações	

Nº	199
Referência	Pita, CXV 2013, 'O Moinho de Maré de Corroios: ilustração do património industrial e ambiental',,, dspace.uevora.pt
Tipologia documental	Relatório de Estágio (para obtenção do grau de mestre em Ilustração Científica)
Resumo	Com este trabalho pretende-se contribuir para a valorização do Moinho de Corroios, através do registo gráfico do seu património técnico, etnográfico e histórico, bem como através da produção de material ilustrado, que possibilite divulgar a riqueza biológica da área onde o moinho privilegiadamente se localiza. O projeto desenvolvido centrou-se em dois temas principais, a ilustração do património do Moinho de Corroios e o património natural da sua envolvente, o Sapal de Corroios. O trabalho realizado resultou na realização de cerca de 60 ilustrações, as quais foram utilizadas na conceção de 7 painéis informativos elaborados para acompanhar o percurso museológico do moinho e 5 painéis destinados a integrar a exposição temporária dedicada à biodiversidade da envolvente do moinho. As ilustrações dedicadas ao património do Moinho de Corroios abordam uma vasta gama de conceitos relativos, desde a sua localização, fases de construção, a caldeira, o funcionamento hidráulico, os seus mecanismos e os principais utensílios do moleiro, proporcionando ao público visitante uma visão multifacetada do mesmo. Relativamente às ilustrações sobre o património natural da envolvente do moinho, foi ilustrada uma seleção de espécies representativa das comunidades biológicas características do Sapal de Corroios, nomeadamente da sua flora, avifauna e fauna aquática, procurando assim comunicar ao público a biodiversidade ali ocorrente. Na execução das artes finais utilizou-se um conjunto de técnicas digitais, nomeadamente a pintura digital, o desenho vetorial e a modelação 3D;
Palavras-chave	Moinho de Maré Molinologia Património industrial Ecomuseu Municipal do Seixal Sapal Ilustração científica Técnicas digitais
Disciplina	Artes Visuais, Design
Localização	<a href="https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18400/1/Moinho%20de%20Corroios%20-%20Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio%20-%20Carlos%20Xavier%20V%20Pita.pdf">https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18400/1/Moinho%20de%20Corroios%20-%20Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio%20-%20Carlos%20Xavier%20V%20Pita.pdf</a>
Observações	A tipologia documental não se enquadra no escopo documental deste estudo.

Nº	200
Referência	Specht, A, Teston, JA, Mare, RA Di, & ... 2005, 'Owlet moths (Lepidoptera, Noctuidae) collected in four protected areas located in Rio Grande do Sul State, Brazil', <i>Revista Brasileira De ...</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do escopo

Nº	
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

## 1.2 Fichas catalográficas com o GSRank 200 do Museu das Remoções

Nº 1	1
Referência	Bogado, D 2017, 'Museu das Remoções da Vila Autódromo: Resistência criativa à construção da cidade neoliberal', Edições Universitárias Lusófonas
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O planejamento da cidade neoliberal que se consolida com a realização de megaeventos carrega dentro as suas implicações a redução do habitar ao habitat (Lefebvre, 2008). Levanta-se como hipótese neste trabalho que a proposta de sociedade

	que vem sendo modelada para residir na cidade neoliberal estrutura-se sobre o conceito do habitat. O empreendedorismo urbano (Harvey, 1996) é o fenômeno que sugere que a gestão da cidade se estabeleça nos moldes de uma gestão empresarial, alterando com isso, a condução da política urbana, que passa a submeter a reconfiguração territorial aos processos de valorização do capital de forma mais direta e acentuada. Destaca-se a dominação espacial, ferramenta necessária para adaptação do espaço à obtenção de lucro (Santos, 2011, Lefebvre 2001, Winnicott, 1975). No contexto de preparação/realização dos megaeventos no Rio de Janeiro a prefeitura removeu aproximadamente 22.059 famílias, dentre as quais anunciava a comunidade Vila Autódromo, caso de estudo deste trabalho. A permanência da comunidade culminou na construção do Museu das Remoções, fruto da luta da população frente à destruição levada a cabo pelo poder público. A aproximação da comunidade ocorreu através da observação participante (WHYTE, 1943), ou da participação observante (WACQUANT, 2000). A autora deste trabalho é atora na pesquisa-ação (TRIPP, 2005) uma vez que é pesquisadora e ativista, tendo coordenado o projeto de extensão que construiu com a comunidade o Museu das Remoções.
Palavras-chave	Museu das Remoções, Remoções, Resistência, Vila Autódromo, Olimpíadas.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/8166/1/5947-49-18546-1-10-20170711.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/8166/1/5947-49-18546-1-10-20170711.pdf</a>
Observações	O artigo não estava mais disponível no Repositório Core UK

Nº	2
Referência	Pitasse, M 2016, 'Museu das Remoções expõe memória de resistência da Vila Autódromo, no Rio',,, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipologia documental	Notícia de Jornal Brasil de Fato
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/1282/1/CT035%20-%202016_05_18_Brasil%20de%20Fato_Museu%20das%20Remocoes_resistencia_Vila%20Autodromo.pdf">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/1282/1/CT035%20-%202016_05_18_Brasil%20de%20Fato_Museu%20das%20Remocoes_resistencia_Vila%20Autodromo.pdf</a>
Observações	

Nº	3
Referência	Peregrino, M 2016, 'Museu das Remoções é inaugurado na Vila Autódromo',,, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipo-	Notícia do Jornal O Cidadão

logia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/854/1/MD075%20-%20Museu%20das%20Remo%3%a7%3%b5es%20%20%20c3%a9%20inaugurado%20na%20Vila%20Aut%3%b3dromo%20%20O%20Cidad%3%a3o%20Online.pdf">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/854/1/MD075%20-%20Museu%20das%20Remo%3%a7%3%b5es%20%20%20c3%a9%20inaugurado%20na%20Vila%20Aut%3%b3dromo%20%20O%20Cidad%3%a3o%20Online.pdf</a>
Observações	

Nº	4
Referência	Sanches, T 2020, 'O MUSEU DAS REMOÇÕES SOMOS NÓS-Cotidiano e memórias na (e da) Vila Autódromo', <i>Periferia</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/48234/35341">https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/48234/35341</a>
Observações	Publicado em 2020

Nº 2	5
Referência	Silva, D Bogado Correa Da 2017, "' Museu das remoções" potencia de resistencia creativa y efectiva como respuesta sociocultural a Río de Janeiro en mega eventos.', idus.us.es
Tipologia documental	Tese de doutorado
Resumo	This thesis examines the construction of the Evictions Museum in Vila Autódromo, which took place amidst the rise of various civil rights movements in Rio de Janeiro, Brazil. It was a response to the introduction of a form of city management called 'urban entrepreneurship' (Harvey, 1996), which prompted a steady loss of civil rights in the city. The Evictions Museum is then just one of many manifestations of the fight for the right to the city, as well as for the right to housing, which occurred as a result of this new form of administration. The effects of this change were felt the strongest between 2009 and 2016 when the city was preparing for hosting a series of international mega-events. During this period, Eduardo Paes was the mayor of Rio de Janeiro. The socio-spatial transformations that



	<p>took place in the years leading up to the 2014 World Cup and the 2016 Olympics were influenced by the interests of the global market, which corresponds with the construction of a neoliberal city (guided by the principles of the aforementioned urban entrepreneurship). This development, shaped by the prominent role of business interests in urban management, mirrors larger changes in the global economy, which has international financial capital at the heart of its operations. This model is characterized by speed and the authority given to corporate interests, implemented and incorporated through public policy. This dynamic can also be seen in the execution of territorial restructuring through PPPs (public-private partnerships). These transformations also mean that urban policies develop "with the backing of triumphant consumerism in an era characterized by the hegemony of thought and neoliberal management practices" (Rolnik, 2016: 262). The strategy used to accomplish 'urban entrepreneurship' (or the neoliberalisation of cities) had already been employed in various US cities and in Barcelona. When applied in the context of Rio de Janeiro this manifests itself as privatisation of public space, and change of socio-cultural profiles of residents living in certain areas of the city (gentrification) through large-scale urban projects. In order for this to happen, the state presents itself as legislatively flexible and executively authoritative in attending private interests, to the detriment of collective demands. Thus, increased socio-spatial segregation is the primary consequence of these urban-administrative transformations. However, other material and symbolic socio-urban developments can also be seen in the city (Lefebvre, 2001), which have been met with resistance Vila Autódromo is a space situated between capital interests and the fight for the right to the city. The Evictions Museum was born from the creative fight which took place in this favela in the West Zone of Rio de Janeiro. As a product of the resistance, the Museum expresses the local social movement's capacity to prevent the complete fulfillment of state interests favoring the real estate industry. It also ensured permanent residence for 20 families, despite the city government's plan to evict the entire community. As such, the Evictions Museum was a product of Vila Autódromo's resistance and presents an example to the rest of the world of how civil rights can be won through the fight of a community and its network of supporters. The Evictions Museum demonstrates the power of creative and insurgent resistance to hegemonic issues (Mirraftab, 2004, 2009). It helps support the hypothesis that everyday socio-spatial practices in favelas can inspire people to mobilize persistently and efficiently against the construction of a neoliberal state. Solidarity and affectivity are links formed through residing in a place (Lefebvre, 2001).</p>
Palavras-chave	Museu das Remoções, Evictions, resistance, Vila Autódromo, Olympic Games
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/70915/Tesis%20doctoral%20de%20Diana%20Bogado.pdf?sequence=6&amp;isAllowed=y">https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/70915/Tesis%20doctoral%20de%20Diana%20Bogado.pdf?sequence=6&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº 3	6
Referência	REIS, GA 'O TERRITÓRIO COMO ESTRATÉGIA DE MEMÓRIA: MUSEUS DE TERRITÓRIO', <i>enanpege2019.anpege.ggf.br</i> ,
Tipolo-	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Eventos)

gia documental	
Resumo	<p>Ao observarmos políticas de memória e patrimônio e os projetos culturais a elas relacionados, pode-se perceber o crescimento nos debates para novas propostas, impulsionadas principalmente por grupos subalternizados. A questão se torna, assim, cada vez mais política, a partir das tensões entre os diferentes agentes e instituições e isso tem se intensificado também nas práticas museais. Durante muito tempo, esse caráter político dos museus esteve muito associado a formações de comunidades imaginadas, na construção de narrativas oficiais do Estado-Nação. Nos últimos anos, porém, essa prática tem sido apropriada por diferentes grupos como estratégia de mudança social e, dessa forma, o patrimônio pode ser apontado como um recurso político. Porém, é necessário criar estratégias para que esse patrimônio não seja perdido pela coletividade. Dessa forma, os museus de território surgem como uma resposta aos museus tradicionais, baseando-se na musealização de um território, com ênfase dada às relações culturais e sociais homem/território, enquanto estratégia de administração da memória e instrumento de desenvolvimento social, a partir de um esforço de preservação, na tentativa de manter a informação contida no objeto e seu significado. No Brasil, alguns segmentos de grupos subalternizados estão presentes nesse conceito de museu, muitas vezes como reação à desterritorialização. Esses locais surgem nas favelas, bairros periféricos das regiões metropolitanas, no interior, aldeias indígenas ou em demais áreas com a presença desses grupos. Eles estão ligados a lutas pela cidadania, pelo direito de minorias, pelo reconhecimento de culturas marginais. O presente trabalho pretende, portanto, compreender o território como uma estratégia de memória no Rio de Janeiro, em uma nova percepção, a partir dos dois museus de território mais recentes na cidade, em dois casos: o Museu da História e Cultura Afro-Brasileira e o Museu das Remoções, localizados em contextos territoriais diferentes na cidade do Rio de Janeiro. Há uma significativa diferença entre os dois museus que permite-nos a comparação. Enquanto um se constitui a partir de mobilizações contra a ação do Estado, o outro tem no Estado seu articulador e promotor: apesar dos dois construírem uma narrativa sobre sujeitos subalternizados, seus pontos de partida são diferentes. Com a comparação desses dois museus, buscamos contribuir com a discussão sobre as disputas territoriais nas referências de memória na cidade e a relação entre grupos subalternizados, Estado e território, relacionados ao patrimônio. As reflexões teóricas e empíricas que serão apresentadas nesse artigo encontram-se relacionadas com a pesquisa em andamento de mestrado em Organização e Gestão do Território pela UFRJ.</p>
Palavras-chave	Museu de território; Memória; Narrativa
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562628262_ARQUIVO_GabrielleAlvesReis_OTerritoriocomoEstrategiasdeMemoria-MuseusdeTerritorio.pdf">https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562628262_ARQUIVO_GabrielleAlvesReis_OTerritoriocomoEstrategiasdeMemoria-MuseusdeTerritorio.pdf</a>
Observações	<a href="https://saojoaomarcos.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CLUBE-DA-RESENHA-14-OTerritorioComoEstrategiasDeMemoria-MuseusDeTerritorio.pdf">https://saojoaomarcos.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CLUBE-DA-RESENHA-14-OTerritorioComoEstrategiasDeMemoria-MuseusDeTerritorio.pdf</a>

Nº	7
Referência	BOGADO, D 2017, 'O Museu das Remoções da Vila Autódromo: Potência de resistência criativa e afetiva como resposta sociocultural ao Rio de Janeiro dos megaeventos', Tese (Doutorado em Arquitetura) ...

Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 5

Nº 4	8
Referência	Gonçalves, RS, & Vale, J do 2019, 'REMOÇÕES E MEGAEVENTOS NO RIO DE JANEIRO: a luta de resistência dos moradores da Vila Autódromo', <i>Revista de ...</i> , <a href="http://periodicoseletronicos.ufma.br">periodicoseletronicos.ufma.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Desde a sua escolha como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, a cidade do Rio de Janeiro passou por uma grande transformação urbana com a construção de instalações esportivas, recuperação de áreas consideradas degradadas e investimentos no setor de transportes. Muitas favelas localizadas em áreas com grande valorização imobiliária foram total ou parcialmente destruídas sob o pretexto da preparação da cidade. O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre esse período de preparação da cidade para a realização dos Jogos Olímpicos e os impactos sociais resultantes desse processo, especialmente no caso da favela da Vila Autódromo, localizada nas proximidades do Parque Olímpico, lugar onde se concentrou a maior parte dos equipamentos esportivos para a realização das competições.
Palavras-chave	Jogos Olímpicos. Remoção de favelas. Rio de Janeiro. Vila Autódromo.
Disciplina	História e Serviço Social
Localização	<a href="http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/11931/6701">http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/11931/6701</a>
Observações	

Nº	9
Referência	Silva, DBC Da 2017, "' Museu das remoções" potencia de resistencia creativa y efectiva como respuesta sociocultural a rio de janeiro en mega eventos', <a href="http://dialnet.unirioja.es">dialnet.unirioja.es</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=145169">https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=145169</a>

Observações	Ver Ficha 5
-------------	-------------

Nº	10
Referência	Brum, M, Benmergui, L, & Gonçalves, RS 2020, 'FAVELAS E PERIFERIAS URBANAS: aspectos do cotidiano popular', <i>Periferia,,</i> e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/55128/35339">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/55128/35339</a>
Observações	Publicado em 2020

Nº	11
Referência	FERREIRA, IG 'MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO RIO DE JANEIRO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE AS REMOÇÕES', <i>eng2018.agb.org.br,</i>
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1533695318_ARQUIVO_TrabalhoENG.pdf">http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1533695318_ARQUIVO_TrabalhoENG.pdf</a>
Observações	Não menciona o Mdr no texto

Nº 5	12
Referência	Seldin-PROURB, C, Vaz-PROURB, LF, & ... 'A resistência em espaços resultantes dos megaeventos: apropriações insólitas através da cultura', <i>academia.edu,</i>
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Esse artigo apresenta o conceito de "espaços insólitos" - brechas urbanas, não planejadas/projetadas, frequentemente modificadas pelo uso temporário e que sofreram uma transformação em relação à sua função original para abrigar novos usos culturais. Esses espaços são muito característicos das regiões marginalizadas das cidades, onde a população sofre com políticas públicas ineficientes, vendo-se obrigada a lutar por seus direitos. Na última década, tem sido possível observar o surgimento de alguns espaços insólitos atrelados aos projetos urbanos desenvolvidos no âmbito dos megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. Sua concentração maior é

	percebida na Zona Oeste - historicamente marcada pela ausência de equipamentos culturais tradicionais e pela predominância de habitantes de baixa renda. As obras ali realizadas focaram, além dos equipamentos esportivos, na infraestrutura de meio de transporte, sendo acompanhadas por processos intensos de remoção de favelas. Nas brechas urbanas deixadas pelo legado perverso dos megaeventos, encontram-se 3 exemplos de espaços insólitos que se destacam por carregarem consigo um forte caráter de resistência. São eles: o Museu das Remoções na Vila Autódromo, o Espaço Cultural Viaduto de Realengo e o Cine Taquara.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=147">http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=147</a>
Observações	

Nº 6	13
Referência	Ewbank, C de Oliveira 2019, 'O DESAPARECIMENTO DOS MUSEUS NO RIO DE JANEIRO EA (RE) EXISTÊNCIA DO MUSEU NACIONAL', ventilandoacervos.museus.gov.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Configurados a partir dos fluxos que estabelecem com as coisas e com a sociedade na qual se inserem, os museus têm um ciclo de vida que depende da sua utilidade cultural e social. Frequentemente identificados como lugar de memória, não estão isentos do esquecimento e do apagamento das coleções e dos fatos e personagens relacionados a elas e, nem mesmo, de si próprios. Em consonância com estudos recentes voltados para o desaparecimento das coleções, este artigo retoma a trajetória de alguns museus e coleções que existiram no Rio de Janeiro e sua vinculação com o Museu Nacional como uma tentativa de colaborar com a reflexão sobre os possíveis refazimentos da memória.
Palavras-chave	Desaparecimento dos museus. Museus extintos. Museu Nacional
Disciplina	Artes Visuais
Localização	<a href="http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/e.-07-O-desaparecimento-dos-museus-no-Rio-de-Janeiro.pdf">http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/e.-07-O-desaparecimento-dos-museus-no-Rio-de-Janeiro.pdf</a>
Observações	“Autores como Lopes e Lubar et. al. advertem que a longevidade dos museus e de suas coleções está relacionada ao seu uso social. Edifícios repletos de coisas não bastam para que o museu funcione, é preciso que haja uma interação eficaz com as pessoas e a comunidade do seu entorno. Exemplos recentes como o Museu das Remoções demonstram que, ao contrário do que comumente ocorre, a dispersão das pessoas e das coisas e até mesmo a destruição do ambiente onde se dá a sua interação pode ensejar a criação de um museu. O fundamental é que o vínculo entre elas seja de alguma forma mantido. Localizado na comunidade da Vila Autódromo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o museu que tem como lema “Memória não se remove”, manifesta o protagonismo e a resistência dos moradores da comunidade contra a sua remoção desencadeada no período da realização dos Jogos Olímpicos, em 2016. Como pontua Diana Bogado, o referido museu se apresenta como uma

	“estratégia de luta pelo direito à moradia digna e pelo direito à cidade, contra a construção da cidade neoliberal excludente e autoritária” <sup>28</sup> . Na luta pela manutenção da memória da Vila Autódromo, o museu, vive e resiste.” <sup>116</sup>
--	---

Nº 7	14
Referência	Lima, EC de, & Oliveira, JE de 2017, 'Remoções forçadas de grupos indígenas no Brasil Republicano', <i>Mediações-Revista de Ciências Sociais</i> , uel.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Em 2017 completam-se 50 anos da conclusão do Relatório Figueiredo, um extenso conjunto documental produzido durante o regime militar (1964-1985) pelo procurador Jader Figueiredo Correia, em atenção ao pedido do ministro do Interior, general Afonso Augusto de Albuquerque Lima. Nesta importantíssima fonte para diversos tipos de pesquisa constam, cruamente expostos, vários relatos de ações genocidas promovidas contra comunidades indígenas. São atividades que marcam profundamente a história recente do Brasil, sobretudo a política indigenista oficial em parte do período republicano. Todos os tomos do Relatório ultrapassam a 7 mil páginas, nas quais plasmam relatos de massacres, esbulhos, arrendamentos ilícitos de terras, intimidações, ameaças, torturas, envenenamentos, estupros, assassinatos, trabalho escravo, fraudes e roubos do patrimônio indígena, dentre outras formas de violência promovida contra os povos originários. Os crimes aconteceram em todo o território nacional, de Norte a Sul, e os fatos revelam muito sobre a origem da propriedade privada da terra em vastas extensões do Brasil e o enriquecimento de certas elites locais.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/32254">http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/32254</a>
Observações	Não cita o MdR

Nº 8	15
Referência	Souza, JM de Andrade 2017, 'Remoções, dispersões, e reconfigurações étnico-territoriais entre os Pataxó Hãhãhã', <i>Mediações-Revista de Ciências Sociais</i> , uel.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Na Bahia, no início do século XX, nas matas do sul e extremo-sul, persistiam pequenos grupos indígenas com pouco ou nenhum contato, notadamente, nas bacias dos rios. Segundo relatórios do órgão indigenista oficial, esses grupos estavam ameaçados por doenças, invasões, maus tratos, fragilidades culturais, devido a expansão da lavoura cacaueteira, e, sobretudo, a corrupção no próprio Serviço de Proteção aos Índios. O objetivo deste artigo é apresentar o contexto das violentas remoções e dispersões, promovidas pelo Estado e por agentes civis motivados por interesses econômicos, a que foram submetidas o povo Pataxó Hãhãhã. Para tanto, utilizo narrativas encontradas nos documentos produzidos por funcionários do órgão estatal, assim como trechos de entrevistas e relatos biográficos por mim

	coletados, em que a memória dos indígenas vem à tona.
Palavras-chave	Pataxó Hãhãhã. Sul da Bahia. Dispersões. SPI.
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/31644/pdf">http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/31644/pdf</a>
Observações	

Nº 9	16
Referência	Soares, BB 2019, 'MUSEUS, PATRIMÔNIOS E EXPERIÊNCIA CRIADORA: ENSAIO SOBRE AS BASES DA MUSEOLOGIA EXPERIMENTAL', academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/9hphyc3v">https://tinyurl.com/9hphyc3v</a>
Observações	<p>“Em países como o Brasil, ou mesmo na França, sobrevivem hoje algumas práticas comunitárias realizadas por museus em pequenos municípios ou nos subúrbios (nas favelas ou no banlieue), que se configuram como experimentais na medida em que apresentam discursos reivindicativos e alternativos sobre o patrimônio, e fazem da ausência de recursos um meio de buscar alternativas museográficas na experimentação. Esses museus atualmente fazem uso de termos e métodos ligados à já antiga “Nova Museologia”, ganhando com frequência o título de “ecomuseus” ou de “museus sociais”. Para exemplificar tal tendência contemporânea inspirada nas correntes experimentais, evocamos os casos do Écomusée de Fresnes, no banlieue sul de Paris, e do Museu das Remoções, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, dos quais trataremos brevemente buscando esboçar um possível modelo teórico-prático com base em traços comuns aos museus experimentais do presente.”<sup>218</sup></p> <p>“b) Museu das Remoções, Brasil: Em um contexto distinto, mas também evocando ideias que se referem ao pensamento da Nova Museologia ou Museologia Social, como é mais comumente referida no Brasil, o Museu das Remoções foi criado em 2016, na Vila Autódromo, onde vive, desde os anos 1970, uma comunidade de baixa renda localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, às margens da Lagoa de Jacarepaguá, onde originalmente havia uma colônia de pescadores. Num contexto de vulnerabilidade social provocada pelo processo de urbanização que visava construir o Parque Olímpico para as Olimpíadas de 2016, a criação de um “museu social” representou, para a Associação de Moradores da Vila Autódromo, um instrumento de reivindicações sociais e resistência política diante da ameaça das remoções. Entre os anos de 2009 e 2015, mais de 700 famílias foram desabrigadas para que acontecesse a construção do Parque Olímpico na região que abarca o território onde está localizada a Vila. Entretanto, ao longo de um processo intenso de negociações e luta pelo direito à permanência e barganha por parte dos agentes do Estado para a desocupação do espaço habitado, um grupo de vinte famílias, decide resistir, e dessa resistência nasce o Museu das Remoções. Dos escombros da antiga Vila como a conheciam, esses moradores ergueram a sua resistência, que vem até o presente se configurando por meio da mobilização política aliada à musealização do território e da memória</p>

que nele sobrevive.”220
-------------------------

Nº	17
Referência	Pereira, AT, Neto, FG de Castro, & ... 2020, 'ESTRATÉGIAS DE DEFESA DO DIREITO À MORADIA NO CONTEXTO DE REMOÇÕES. A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE DO JACÓ ATRAVÉS DO ...', <i>Políticas públicas en ...</i> , books.google.com
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://tinyurl.com/yap4spb6">https://tinyurl.com/yap4spb6</a>
Observações	

Nº 10	18
Referência	WEIMER, RDEA 'Do centro à periferia: “malocas” e remoções na constituição do espaço urbano de Porto Alegre', <i>snh2017.anpuh.org</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O presente paper enfoca a relação entre o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre entre 1951 e 1973 e o papel das “vilas de malocas”. Trata-se de bairros populares caracterizados pela precariedade das habitações, dificuldade no acesso à titulação legal e à infraestrutura urbana. Sua relevância tem sido subdimensionada nos estudos a respeito do período, e mesmo acerca da urbanização da capital. Através de relatórios, depoimentos orais e jornais, aborda-se o processo de periferização de sua população, por meio de atos de coerção econômica ou extraeconômica. À medida em que a cidade crescia, os moradores das “vilas” eram arrastados para lugares cada vez mais distantes; os deslocamentos implicaram (e implicam) no afastamento dos locais de trabalho, gastos elevados com transporte público, além de outros inconvenientes. Os moradores das “malocas” desempenharam um papel “pioneiro”, viabilizando o mínimo de estrutura urbana em regiões de onde posteriormente seriam expulsos, por meio de suas lutas e reivindicações por água, luz, escolas, policiamento, calçamento e outras condições básicas. À medida que a especulação imobiliária se demonstrasse interessada nas áreas por eles habitadas, contudo, eles costumavam ser expulsos, deixando para trás esse “patrimônio infraestrutural” por eles conquistado, instalando-se em áreas onde teriam que “começar do zero” e onde não tinham relações solidárias de vizinhança e sociabilidade. Dessa forma, entende-se que não há como pensar os processos de metropolização sem levar em conta o papel desempenhado pelos mais pobres. Esse processo segue em curso, assim como os mecanismos de estigmatização que produziram sua segregação e justificaram remoções.
Palavras-chave	“malocas”, desenvolvimento urbano, periferização
Disciplina	História
Localização	<a href="http://snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488470957_ARQUIVO_Docentroaperi">http://snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488470957_ARQUIVO_Docentroaperi</a>



	feria-versaoatualizada-textoANPUHRodrigoWeimer.pdf
Observações	<p>“Os depoimentos acessados pela pesquisa no acervo do projeto “Memória dos Bairros” evidenciam como os moradores lembram-se de ter chegado ao bairro onde vivem hoje e sua percepção desse processo. É necessário ter o cuidado de considerar que as entrevistas não foram feitas por mim, e sim por pesquisadores com outros interesses e indagações. A maior parte das entrevistas foi realizada por estudiosos ligados aos governos do Partido dos Trabalhadores na intendência municipal. Elas tinham como mote ensejar a participação popular e atrair moradores para o Orçamento Participativo. É visível que muitas vezes elas se tornavam inventários de carências dos bairros, e é clara a expectativa dos entrevistados de que por meio do questionário suas demandas poderiam se resolver. Ainda assim, as entrevistas contam com um espaço de imponderabilidade – isso é, elas dão a entender mais do que o pesquisador e o pesquisado tencionavam. Nesses interstícios, encontrei espaço para apreciar minhas questões. Geralmente no início das entrevistas, havia palavras sobre a chegada ao bairro, embora raramente suficientemente desenvolvidas na medida dos meus interesses. De todo modo, temos a oportunidade valiosa de acessar o depoimento de uma senhora que tinha 96 anos em 1991. Mesmo que intermediada pelos interesses de outro pesquisador, a senhora Ema Kapla da Silva, moradora da Grande Santa Rosa, dá conta dos constrangimentos econômicos que a levaram a estabelecer-se ali.”<sup>2</sup></p>

Nº	19
Referência	El-Youssef, N 2016, 'Ocupação Cultural na Vila Autódromo Comemora Memória, Resistência e Esperança',,, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipologia documental	Notícia Rio on Watch
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/2437/1/2015_OcupacaoCulturalVilaAutodromo.pdf">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/2437/1/2015_OcupacaoCulturalVilaAutodromo.pdf</a>
Observações	

Nº	20
Referência	Weimer, R de Azevedo 'Do centro à periferia: “malocas” e remoções na constituição do espaço urbano de Porto Alegre', <i>cchla.ufrn.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-	

chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/evento_2017/anais/ST1/do_centro_a_periferia.pdf">http://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/evento_2017/anais/ST1/do_centro_a_periferia.pdf</a>
Observações	Ver Ficha 18

Nº 11	21
Referência	Magalhães, A 2019, 'A "lógica da intervenção" ea questão da circulação: As remoções de favelas como forma de gerir o espaço urbano no Rio de Janeiro dos Jogos Olímpicos', <i>Tempo Social</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	As remoções de favelas no Rio de Janeiro voltaram à agenda estatal. Desde 2009, aproximadamente 21 mil famílias foram retiradas de seus locais originais de moradia. Neste artigo busco apresentar, com base na descrição etnográfica, duas dimensões interconectadas que estruturam esse processo: a da "lógica da intervenção" e a questão da circulação. Tal empreendimento analítico se apoiará na experiência dos moradores de uma favela da Zona Oeste da cidade, removida entre os anos de 2010 e 2011 em função da construção de uma obra (uma via segregada para ônibus) incluída no rol daquelas que preparariam a cidade para os Jogos Olímpicos de 2016.
Palavras-chave	Favelas; Remoção; Intervenção; Circulação; Jogos Olímpicos
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702019000200221&amp;script=sci_arttext">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702019000200221&amp;script=sci_arttext</a>
Observações	

Nº 12	22
Referência	Chagas, M, Primo, J, Storino, C, & ... 2018, 'A museologia ea construção de sua dimensão social: olhares e caminhos', <i>Cadernos de ...</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Olhar para a museologia, de modo especial, para a denominada museologia social ou sociomuseologia, conversando com ideias e noções que podem ser consideradas óbvias, mas que, talvez, examinadas por outro ângulo, tenham algo de novo a oferecer, faz parte dos objetivos do presente texto. Além disso, é pertinente perguntar: o óbvio é óbvio para quem? Não raro, aquilo que parece óbvio para determinados grupos de especialistas, pode não ser óbvio para uma grande maioria de pessoas. É neste sentido que peregrinando pela obviedade, afirma-se que a museologia social ou sociomuseologia não surgiu do nada e também não é o resultado de intelectuais iluminados que retiraram de si mesmos, de suas essências a luz museal ou museística que haveria de iluminar o mundo; ao contrário, surgiu de amplos debates e embates, de um acúmulo de tensões, críticas, enfrentamentos, vivências, reflexões e

	<p>práticas que impactaram a museologia e os museus que do século XIX, projetaram-se no século XX, sem que seus paradigmas tivessem sido submetidos a uma análise crítica.</p> <p>Em outros termos: a museologia social ou sociomuseologia não é o resultado de uma construção teórica que quer, a todo custo, de cima para baixo, enquadrar os museus e as diferentes formas de pensar e praticar a museologia aos seus ditames técnicos, científicos, artísticos e filosóficos; ao contrário, trata-se de uma construção que resulta de um contexto histórico específico, que não tem e não quer ter um caráter normativo e que apresenta respostas singulares para problemas também singulares e que, sobretudo, assume explicitamente compromissos políticos e poéticos</p>
Palavras-chave	Museologia; museologia social; sociomuseologia; educação; memória; função social do museu.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364</a>
Observações	

Nº 13	23
Referência	Ceia, EM 2017, 'As Remoções Forçadas na Cidade do Rio de Janeiro à Luz do Sistema Interamericano de Direitos Humanos', <i>Revista da EMERJ</i> , emerj.tjrj.jus.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	A dinâmica das remoções forçadas na cidade do Rio de Janeiro, no contexto da política municipal de reestruturação urbana para a realização de megaeventos na cidade, evidencia uma atuação do Estado em prol de investimentos privados às custas do real interesse público. As remoções envolvem transgressões aos direitos de informação e de segurança, culminando, em regra, com o reassentamento dos indivíduos em zonas distantes da moradia original, desprovidas de boas condições de habitabilidade e serviços públicos. O Brasil é juridicamente vinculado aos parâmetros do sistema interamericano de proteção dos direitos humanos, que compreende o conceito adotado pela ONU de direito à moradia adequada. A partir da literatura especializada, o artigo busca fundamentar a responsabilidade internacional do Brasil, com base na violação do direito humano, à moradia adequada dos indivíduos afetados pelas remoções forçadas realizadas nos últimos anos na cidade do Rio de Janeiro.
Palavras-chave	Remoções forçadas. Direito à moradia adequada. Megaeventos. Rio de Janeiro. Sistema interamericano de direitos humanos.
Disciplina	Direito
Localização	<a href="https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista79/revista79.pdf#page=122">https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista79/revista79.pdf#page=122</a>
Observações	

Nº	24
----	----

Referência	Gonçalves, RS, & Amoroso, M 2014, 'Golpe militar e remoções das favelas cariocas: revisitando um passado ainda atual', <i>Acervo</i> , revista.arquivonacional.gov.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Além de analisar a participação ativa das políticas empreendidas pelo regime civil-militar em prol das remoções de favelas no Rio de Janeiro, o presente artigo pretende se centrar nas medidas repressivas utilizadas na época, tendo como foco de análise o caso da favela de Ilha das Dragas. Por fim, já no contexto da redemocratização, pretende-se analisar o processo de reconstrução do movimento social de favelados.
Palavras-chave	favelas; políticas de remoções; movimento social; história urbana.
Disciplina	História e Antropologia
Localização	<a href="http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/468">http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/468</a>
Observações	

Nº 14	25
Referência	Araújo, RB de 'REMOÇÕES DE ALDEIAS INDÍGENAS NA DITADURA MILITAR: O CASO DOS WASUSU E ALANTESU DO VALE DO GUAPORÉ (1970-1974)', <i>snh2019.anpuh.org</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este texto é fruto da comunicação apresentada no 30º simpósio Nacional de História, que ocorreu entre os dias 15 e 19 de julho de 2019 em Recife (PE). O trabalho se trata de parte de minha pesquisa de dissertação que encontra-se em andamento e que tem como objeto de estudo as remoções de etnias do grupo linguístico Nambiquara do Vale do Guaporé, do Mato Grosso, durante a ditadura militar brasileira, mais especificamente entre 1968-1980. O objetivo da pesquisa é investigar de que forma as remoções, a política indigenista e a presença de agropecuárias impactaram a vida desses grupos e como eles lidaram com o processo de espoliação de suas terras. Para esta comunicação, seguindo esse objetivo, trago primeiras notas, a partir da bibliografia já existente acerca das remoções de duas dessas etnias Nambiquara do Vale do Guaporé: os Wasusu e os Alantesu. Os dois grupos foram removidos de seus territórios tradicionais pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para a Reserva Nambikwara entre 1970-1974, e retornaram para suas terras onde tiveram que lidar com dezenas de agropecuárias instaladas.
Palavras-chave	Nambiquara; remoções; ditadura militar.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565319205_ARQUIVO_artigoAN_PUH-rayanearaujo2.pdf">https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565319205_ARQUIVO_artigoAN_PUH-rayanearaujo2.pdf</a>
Observações	

Nº 15	26
-------	----

Referência	Almeida, SPD, Picolotto, EL, & Spinelli, LM 2017, 'Remoções e lutas dos Kaingang no Norte do Rio Grande do Sul: a emancipação política indígena compreendida a partir da teoria do reconhecimento', <i>Mediações-Revista de Ciências ...</i> , uel.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Historicamente, a violação dos direitos indígenas é praticada com o argumento de uma finalidade irremediável para o alcance do progresso econômico nacional. A resistência dos povos originários à opressão dos interesses do Estado brasileiro foi por certo período respondida, sobretudo, mediante remoções territoriais e extermínios. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca das ações políticas indigenistas do Estado brasileiro a fim de possibilitar compreensões/discussões em torno dos recentes conflitos por terra e por reconhecimento envolvendo os Kaingang no norte do Rio Grande do Sul.
Palavras-chave	remoção dos Kaingang; Norte do Rio Grande do Sul; reconhecimento; período republicano.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/30611">http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/30611</a>
Observações	

Nº 16	28
Referência	Liguori, FP, & González, RCL 'REMOÇÕES NO RIO DE JANEIRO: CONFLITOS DE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE PARA OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS', <i>ub.edu</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="http://www.ub.edu/geocrit/XV-Coloquio/LiguoriGonzalez.pdf">http://www.ub.edu/geocrit/XV-Coloquio/LiguoriGonzalez.pdf</a>
Observações	Não menciona o Mdr  “O espetáculo do megaevento tem sido usado como estratégia urbana de promoção e formação de consensos que justificam as transformações, por vezes drásticas, na especialização dos espaços para fins de especulação imobiliária. Essa estratégia tem o Estado como principal articulador dos interesses da iniciativa privada e do capital financeiro. Desde a mudança do capitalismo industrial para o capitalismo flexível <sup>1</sup> , na década de 1970, que a terra urbana, tida como mercadoria, ganha um status jamais visto anteriormente. As cidades, mais especificamente as parcelas eleitas pelo capital, são dotadas de vantagens competitivas, para atrair investimentos. E assim aconteceu com o Rio de Janeiro e a reestruturação urbana ocorrida para os megaeventos esportivos Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. Espaços foram eleitos pelo capital para fins de incorporação e aqueles que não se encaixavam no novo projeto de cidade moderna, foram removidos.” <sup>1</sup>

Nº 17	29
-------	----

Referência	Chagas, M 'Imaginação museal e museologia social: Frag-mentos', <i>uninomade.net</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Ciências Sociais, Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/download/41602/22557">https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/download/41602/22557</a>
Observações	<p>“6. Museu das Remoções Iniciativa desenvolvida por moradores, apoiadores e amigos da Vila Autódromo o Museu das Remoções<sup>19</sup> foi lançado no dia 18 de maio de 2016 (PITASSE, 2016), quando se comemorava o Dia Internacional de Museus, com o tema “Museus e Paisagens Culturais”, sugerido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). Localizada na Barra da Tijuca, no município do Rio de Janeiro, a Vila Autódromo era constituída de, pelo menos, 600 famílias, situada às margens da Avenida Salvador Allende e da Lagoa de Jacarepaguá. O processo de remoção das famílias da Vila Autódromo foi perverso e muito violento. Em nome do grande capital e de um megaevento de caráter mundial (qual seja, as Olimpíadas), a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, atendendo aos interesses de poderosas empreiteiras, decidiu remover as famílias que moravam na Vila Autódromo há mais de 50 anos e que estavam com sua situação fundiária regulamentada. O processo de remoção foi tenso e envolveu luta, sangue, disputa. Pelo menos 580 famílias foram removidas, mas talvez a prefeitura não contasse com a resistência de 20 famílias que insistiam em dizer: “Nem todos tem um preço”<sup>20</sup>. Essas vinte famílias, com o auxílio de apoiadores e amigos, (r)existiram, inventaram novas possibilidades de estar no mundo e venceram os Jogos Olímpicos (SASTRE, 2016). Foi neste quadro que, entre janeiro e fevereiro de 2016, organizou-se um grupo de quefazeres visando a criação do Museu das Remoções a partir dos escombros das casas destruídas, dos registros documentais e das memórias da Vila Autódromo. O Museu das Remoções, criado por uma comunidade popular que enfrentou a força destruidora do poder público e descobriu na luta o seu próprio poder, chamou para si a tarefa e a responsabilidade de contar a história das remoções a partir da perspectiva dos afetados pelas políticas de remoções. O lema do Museu – “Memória não se remove” – passou a ser a chave de todas as ações, projetos e encaminhamentos. É claro que essa afirmação implica um desejo, um desafio e uma disposição para a luta. O Museu das Remoções apresentou uma potente crítica no que se refere ao tema, aparentemente pacificado, “Museus e Paisagens Culturais” e indicou que os principais destruidores da paisagem cultural são o poder público em articulação com as grandes corporações e empreiteiras.”<sup>122-123</sup></p>

Nº 18	30
Referência	Silva, GC da, Portella, A, & ... 2016, 'O LEGADO DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS EA CONTEXTUALIZAÇÃO DAS REMOÇÕES', <i>Revista Projetar-Projeto e ...</i> , periódicos.ufrn.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Megaeventos esportivos estão cada vez mais associados a transformações urbanas que visam à melhoria da qualidade de vida da população. Quando bem planejadas, essas mudanças caracterizam o legado deixado após o fim dos jogos. Em 2014, o

	Brasil foi sede da Copa do Mundo, marcada por projetos principalmente de mobilidade urbana que em longo prazo beneficiaria a população como um todo. Entretanto, 250 mil pessoas foram removidas no país para que essas obras fossem executadas. Como forma de avaliar a percepção dessas pessoas quanto à maneira com que o processo de remoção foi realizado, teve-se como estudo de caso a duplicação da Avenida Tronco, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada a partir da participação em manifestações e eventos das comunidades atingidas, grupo focal e entrevistas que identificaram a insatisfação das pessoas removidas quanto à maneira com que o Governo tratou a retiradas das famílias de suas casas, sendo marcadas pela falta de diálogo, baixas indenizações, falta de um projeto social, desrespeitos aos direitos humanos e direito à moradia adequada. Todavia, a população atingida não se posicionou contra a realização do megaevento em Porto Alegre e no Brasil, mas sim contra as condutas ante as remoções.
Palavras-chave	megaevento; legado; percepção; Copa do Mundo de 2014
Disciplina	Arquitetura e Administração
Localização	<a href="https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16651">https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16651</a>
Observações	Não menciona o museu

Nº	31
Referência	Oliveira, AP 2016, 'A Polícia do Rio de Janeiro matou meu filho',,, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipologia documental	Notícia de Jornal
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/1126/1/2016_07_04_Folha_Pol%c3%adcia_matou_meu_filho.pdf">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/1126/1/2016_07_04_Folha_Pol%c3%adcia_matou_meu_filho.pdf</a>
Observações	

Nº	32
Referência	Bogado, D 2020, 'Memória popular: dispositivo de luta pelo direito à habitação. Os casos da comunidade Vila Autódromo (Rio de Janeiro) e bairro 6 de Maio (Amadora)', <i>Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia</i> ,, scielo.mec.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	
Palavras-	

chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0430-50272020000200008">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0430-50272020000200008</a>
Observações	Publicado em 2020

Nº 19	33
Referência	Oliveira, P da Silva 2019, 'REMOÇÕES NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX EO PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL', <i>Anais do XVI Simpósio Nacional de ...</i> , periodicos.ufes.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O presente artigo apresenta a demolição dos três principais morros da cidade do Rio de Janeiro. Castelo, Senado e Santo Antônio tiveram importância no início da habitação carioca. Todos concentraram uma população que dependia da proximidade do Centro para o trabalho e causaram forte impacto na transformação urbana da cidade num período em que o Rio de Janeiro buscava se modernizar. Através de suas demolições levou a ocupação de novas áreas da cidade, os subúrbios, e propiciaram parcerias entre o setor estatal e privado na transformação do solo urbano carioca, prática recente até os dias de hoje.
Palavras-chave	Reformas urbanas, segregação socioespacial, Rio de Janeiro.
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="https://www.periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/download/26669/19825">https://www.periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/download/26669/19825</a>
Observações	

Nº 20	34
Referência	GONÇALVES, RS, & LESSA, VM 2018, 'A LUTA PELO DIREITO À CIDADE: A LUTA DOS MORADORES DO HORTO FLORESTAL DO RIO DE JANEIRO CONTRA A REMOÇÃO', <i>Anais do XVI Encontro Nacional ...</i> , periodicos.ufes.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi criado em 1808 e é um dos pontos turísticos da cidade. Em área contígua ao Jardim, funcionou o Horto Florestal da cidade. No decorrer dos anos, foi sendo permitida a ocupação de áreas do Horto Florestal por funcionários dessa instituição e do Jardim Botânico, constituindo o que, hoje, denominamos a localidade do Horto Florestal com aproximadamente 600 casas. O presente trabalho pretende trabalhar o processo de resistência dos moradores contra as tentativas de remoções dos moradores conduzidas pelo Jardim Botânico nos últimos anos.
Palavras-chave	Jardim Botânico; Horto Florestal; remoção; recursos digitais; museu social
Disciplina	Serviço Social
Localização	<a href="https://www.periodicos.ufes.br/abepss/article/download/22214/14720">https://www.periodicos.ufes.br/abepss/article/download/22214/14720</a>
Observações	“Como forma de contrapor ao discurso elitista de proteção do patrimônio histórico, foi criado o Museu do Horto na esteira de uma experiência museológica que se re-



	<p>produz em várias favelas da cidade. Tais museus (Museu da Maré, Museu das Remoções, Museu das Favelas, Museu Sankofa....) apresentam uma experiência de museologia social, que evoca como experiências e iniciativas dispostas a resistir às tentativas de normatização, estandardização e controle perpetradas por determinados setores culturais e acadêmicos (Chagas e Gouvea, 2014:16). Conforme explicam os autores, a museologia social está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais e com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares (idem, 17). O Museu do Horto não possui um espaço físico definido, mas se reivindica como um museu de percurso. O próprio bairro é o Museu e o seu acervo documental é disponibilizado em seu sítio eletrônico (<a href="http://www.museudohorto.org.br">www.museudohorto.org.br</a>). Trata-se, assim, de um “museu aberto” e reflexivo, que procura se auto examinar, de forma a se construir junto com a construção cultural da própria localidade onde está inserido (Oliveira, 2013: 3).”12-13</p>
--	--

Nº 21	35
Referência	Saladino, A 2018, 'Usos e funções do plano museológico', <i>Anais do Museu Histórico Nacional</i> ,, <a href="http://anaismhn.museus.gov.br">anaismhn.museus.gov.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<p>A Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009, reconhecida como Estatuto dos Museus, e seu dispositivo de regulamentação, o Decreto no 1.824, de 18 de outubro de 2013, indicam o plano museológico como ferramenta de gestão de todos os museus brasileiros. Se for considerada a expressiva diversidade museal brasileira, na qual figuram desde instituições alinhadas à história e representação dos museus clássicos a processos inovadores, é possível imaginar as diferentes experiências desenvolvidas desde a homologação da Portaria no 1/2006 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que dispôs sobre a necessidade de as instituições vinculadas ao instituto desenvolverem seus planos museológicos. Propõe-se com este artigo apresenta a mudança de perspectiva de algumas experiências de planejamento museológico desenvolvidas em museus cariocas a partir da elaboração do plano museológico. Portanto, o objetivo é refletir sobre o processo e a metodologia de elaboração dos planos museológicos de uma pequena amostra de museus da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados dessa análise, viabilizada pelo Programa Ibermuseus de Capacitação, convergem para corroborar a ideia do plano museológico como ferramenta de gestão de museus e talvez principal instrumento de legitimação de processos e memórias.</p>
Palavras-chave	Museu; gestão; plano museológico; Ibermuseus; inovação.
Disciplina	Museologia e Ciências Sociais
Localização	<a href="http://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/133/88">http://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/133/88</a>
Observações	

Nº	36
Referência	Lima, CC 2013, 'Olimpíadas 2016 ea construção de um novo Rio: o marketing do legado, as políticas públicas e as estratégias comunicacionais em torno das favelas e das remo-

	ções',,, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/827/1/MD030%20-%20Camila%20CALADO%20-%20Olimp%c3%adadas%202016%20e%20a%20constru%c3%a7%c3%a3o%20de%20um%20novo%20Rio.pdf">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/827/1/MD030%20-%20Camila%20CALADO%20-%20Olimp%c3%adadas%202016%20e%20a%20constru%c3%a7%c3%a3o%20de%20um%20novo%20Rio.pdf</a>
Observações	

Nº 22	38
Referência	Silva, GC 2016, 'O legado da Copa do Mundo de 2014 a partir de diferentes olhares: a questão das remoções na cidade de Porto Alegre/RS.',, repositorio.ufpel.edu.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	A pesquisa aborda questões relacionadas às remoções de famílias em função de obras destinadas a preparação das cidades-sede no Brasil para a Copa de 2014. Essas remoções são caracterizadas pela violação dos direitos humanos, principalmente do direito à moradia. Tem-se como perguntas de pesquisa: como os Direitos Humanos da população atingida pelas remoções ocasionadas pelo desenvolvimento urbano foram respeitados? Será que as pessoas têm consciência dos impactos positivos ou negativos da Copa do Mundo de 2014? O objetivo geral é verificar o impacto de megaeventos esportivos na qualidade de vida urbana através da percepção de diferentes grupos de usuários quanto à Copa do Mundo de 2014. Teve-se como estudo de caso a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, dado que essa, assim como as demais cidades-sede, apresentou investimentos para atender ao megaevento desencadeando remoções. Estudou-se a duplicação da Avenida Tronco, visto que a obra, de acordo com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, seria o destaque por existir um projeto social. A coleta de dados consistiu em dois momentos: (i) levantamento de arquivo e (ii) levantamento de campo. O primeiro forneceu as informações sobre o projeto viário, obtendo subsídios para iniciar o levantamento de campo. O segundo dividiu-se em (i) observações de campo, (ii) participação em manifestações e eventos das comunidades removidas, (iii) questionários, (vi) grupo focal, (v) entrevistas e (vi) levantamento de reportagens e imagens divulgadas pela mídia, FIFA e Governo. Destaca-se que os métodos foram aplicados em diferentes grupos de usuários: (i) pessoas que passaram pelo processo de remoção na Avenida Tronco, em Porto Alegre, (ii) pessoas que não passaram pelo processo de remoção, mas moram na cidade de Porto Alegre e (iii) servidores que trabalham no Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre. Os resultados encontrados mostram que a população não removida teve aceitação do megaevento na capital, entretanto, a maioria desconhece os problemas relacionados às remoções. Essas remoções são relatadas pela Prefeitura como solucionadas, entretanto, a população atingida sofre com a falta de respeito e diálogo. Espera-se que

	os resultados da pesquisa sirvam como subsídio teórico para próximos megaeventos, a fim de que haja maior atenção às remoções, visto que essas devem ser realizadas sem a violação dos direitos humanos.
Palavras-chave	Arquitetura e Urbanismo Remoções Direito à moradia Percepção Copa do Mundo
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5222/1/GABRIELA%20COSTA%20DA%20SILVA_DISSERTACAO.pdf">http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5222/1/GABRIELA%20COSTA%20DA%20SILVA_DISSERTACAO.pdf</a>
Observações	

Nº 23	39
Referência	Santos, BPF 'Cidade desviante: atuações táticas na esfera urbana, das derivas à site-specificity', <i>ppgartes.uerj.br</i> ,
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	A partir dos pensamentos elaborados pelo historiador e antropólogo francês Michel de Certeau em <i>A Invenção do Cotidiano</i> , a dissertação desenvolve, em um primeiro momento, uma análise sobre alguns trabalhos de intervenção urbana dos artistas cariocas Alexandre Vogler, Guga Ferraz e da dupla Rosa Ricalde e Felipe Barbosa, articulando uma relação entre suas obras e a tática da deriva entendida a partir da prerrogativa do movimento. Depois a pesquisa debruça-se sobre o caso emblemático da comunidade Vila Autódromo e reflete sobre os conceitos acerca de arte <i>site-specific</i> como tática empreendida por seus moradores (e colaboradores) na criação, construção e desdobramentos do Museu das Remoções, esta importante ferramenta de luta, resistência e preservação de suas memórias.
Palavras-chave	Arte, deriva, site-specificity, tática.
Disciplina	Artes
Localização	<a href="http://www.ppgartes.uerj.br/discentes/dissertacoes/2019MestBarbaraDaPazFerrazSantos.pdf">http://www.ppgartes.uerj.br/discentes/dissertacoes/2019MestBarbaraDaPazFerrazSantos.pdf</a>
Observações	

Nº	39
Referência	Almeida, ATS de 2020, 'DEBRET EA PRESENÇA NEGRA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO-1816/1831', <i>Periferia</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-	

chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/48272/35539">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/48272/35539</a>
Observações	

Nº	41
Referência	Vico, RP, & Azevedo, FF de 2020, 'MEGAEVENTOS DESPORTIVOS E TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS: O CASO DO RIO DE JANEIRO', <i>REVISTA EQUADOR</i> ,,, revistas.ufpi.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/download/9606/6131">https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/download/9606/6131</a>
Observações	Publicado em 2020

Nº 24	42
Referência	Heitor, GK 2018, 'Resistência e re-significação da luta pela cidade na experiência do Museu da Beira da Linha do Coque (PE)', <i>Revista Nava</i> ,,, periodicos.ufjf.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	No passado recente, isto é, final do século XX e início do século XXI, a cidade do Rio de Janeiro foi alvo de fortes investimentos marcados por interesses econômicos e políticos que se conectaram com os megaeventos desportivos aí realizados. Os grandes eventos foram somente catalisadores, não foram eles os promotores em si mesmos das mudanças que ocorreram na cidade carioca, mas constituíram um momento de catalisação destas mudanças. Estes grandes acontecimentos contribuíram para a construção de consensos, não obstante os conflitos gerados, em torno de certas transformações que são de interesse de alguns agentes econômicos e políticos. Portanto podemos interpretar os megaeventos, no caso do Rio de Janeiro, como um processo de transformações socioespaciais que caminharam na direção de promover reformas para o mercado, e que se engendraram no sentido de subordinar e abrir fronteiras de acumulação de capital em determinadas áreas da cidade, como por exemplo, na Barra da Tijuca, na Zona Portuária e na Zona Sul
Palavras-chave	Megaeventos desportivos. Ajuste espacial. Experimento neoliberal. Rio de Janeiro
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/download/9606/6131">https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/download/9606/6131</a>
Observações	

Nº 25	43
-------	----

Referência	Carvalho, APR de 2019, 'Fotografando na resistência: memória e visibilidade no caso de remoção da comunidade Vila Autódromo (RJ)', <i>Sociologia</i> ,, cchla.ufpb.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente relato etnográfico pretende apontar caminhos possíveis para se pensar as relações entre a produção de imagens fotográficas e filmicas e os conflitos em torno do —direito à moradia  , tomando como objeto o caso da remoção da comunidade Vila Autódromo, na região da Barra da Tijuca, em um contexto que ficou conhecido como —megaeventos   na cidade do Rio de Janeiro. Indagações acerca do que muda quando os próprios sujeitos, que não possuem seus direitos de moradia assegurados, escolhem enquadrar determinadas situações vividas por eles; o que criam com essas imagens posteriormente e por onde elas circulam e como, então, desestabilizam as relações de poder na produção de imagem. Os próprios sujeitos que portam e escolhem —empunhar   a câmera em busca da construção de —visibilidades   para a situação de remoção, possibilitando a construção de redes de apoio/aliança com pessoas —de fora  , como forma possível de legitimação dos modos que construíam e ocupavam o espaço. Proponho apresentar os caminhos da pesquisa a partir da construção da exposição —Imagens de Memória e de Luta   com as fotografias de Luiz Claudio Silva, morador da Vila Autódromo, quem reuniu um acervo de imagens que narram, a partir do seu ponto de vista, uma comunidade que foi violentamente removida entre os anos de 2013 e 2016. Para construção da exposição, que tem ocupado, principalmente, espaços de outras comunidades que atualmente vivem processos de remoção na cidade — com as quais busca construir uma relação de apoio/aliança —, pude ver junto às imagens com seu autor e propor uma construção oral de suas memórias acerca do processo e dos espaços demolidos da comunidade.
Palavras-chave	remoção, moradia, cidade, produção de imagem, visibilidade
Disciplina	Sociologia e Antropologia
Localização	<a href="http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20V3N7%202019%20C2%20Dossi%C3%83%C2%AA%20Artigo2.pdf">http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20V3N7%202019%20C2%20Dossi%C3%83%C2%AA%20Artigo2.pdf</a>
Observações	

Nº	44
Referência	Szaniecki, B 2013, 'Sobre museus e monstros', <i>Na Borda</i> ,, academia.edu
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://tinyurl.com/333hpey7">https://tinyurl.com/333hpey7</a>
Observações	

Nº 26	45
Referência	Bogado, D 2019, 'O uso da dimensão social da memória como instrumento emancipatório em comunidades em situação de vulnerabilidade sociocultural', <a href="http://recil.grupolusofona.pt">recil.grupolusofona.pt</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<p>O presente artigo é resultado da pesquisa-ação realizada durante o pós-doutoramento junto ao Departamento de Museologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, CES-UC, e apresenta a mobilização contra a remoção do 6 de Maio, bairro localizado na Amadora, Área Metropolitana de Lisboa, junto ao movimento social pelo Direito à Habitação. O contexto é a conversão da cidade na “Lisboa da moda”, que desencadeia processos de valorização imobiliária e assume novos significados no marco da lógica neoliberal de gestão urbana. As consequências são assistidas no acelerado processo de substituição de população desencadeado em determinadas áreas da cidade e da região metropolitana, que provoca impactos materiais e simbólicos aos atingidos. O artigo apresenta as “Oficinas de Memória” realizadas no bairro 6 de Maio como estratégia do movimento social para acionar a memória popular e dinamizar a luta pelo direito à moradia. Buscou-se explorar novas formas de resistência criativa e afetiva capazes de atuar em esferas simbólicas e imateriais.</p>
Palavras-chave	Museologia, direito à habitação, Amadora
Disciplina	Museologia, Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/9865/1/6925-49-20190-1-10-20191018.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/9865/1/6925-49-20190-1-10-20191018.pdf</a>
Observações	<p>“Minha aproximação do movimento social de habitação em Lisboa ocorreu em Março de 2018; no período de um ano junto ao coletivo Stop Despejos realizamos inúmeras atividades e ações de diferentes naturezas, incluindo “Oficinas de Memória” em alguns bairros e edifícios em situação de despejo iminente. A aproximação com o bairro 6 de Maio se deu no desenrolar das ações do movimento social, e imediatamente notei as similaridades existentes entre a situação do 6 de Maio (em 2018) e a situação da favela Vila Autódromo no Rio de Janeiro (em 2015/2016). Nos anos anteriores havia participado ativamente da luta da Vila Autódromo contra sua remoção (2015-2016) e criei junto a comunidade um museu de denúncia da violência do Estado, o Museu das Remoções; sugeri, então, a incorporação de estratégias exitosas na Vila Autódromo no repertório de atividades da Stop Despejos em Lisboa. No 6 de Maio a proposta era fortalecer a resistência popular frente à remoção em curso levada a cabo pela Câmara Municipal da Amadora. As “Oficinas de Memória” organizadas pela Stop Despejos foram realizadas no bairro 6 de Maio, no Bairro da Torre, no bairro de Alfama – em conjunto com o coletivo Gaia8 - e no edifício Santos Lima, no bairro Beato, em todas as comunidades mencionadas a proposta consistia em acionar a memória popular como forma de dinamizar a resistência aos despejos. No entanto, este artigo se atém a descrever as “Oficinas de Memória” do 6 de Maio, Amadora, Área Metropolitana de Lisboa.”62-63</p>

Nº 26	46
Referência	Simões, D 2017, 'Museus comunitários no Brasil: descolonizando o pensamento museológico', <i>RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos ...</i> , <a href="http://periodicos.claec.org">periodicos.claec.org</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre os museus de comunidade brasileiros, tratando esses como possíveis descolonizadores de um pensamento museológico. Com isso, busca-se fazer uma contextualização histórica sobre a constituição de um fazer museológico colonialista em contraste com a chamada Nova Museologia e os museus de comunidade. Dessa oposição procura-se conectar a Museologia às discussões das Ciências Sociais em três pontos: a crítica à construção da identidade nacional junto aos museus, a desconstrução dessa identidade a partir dos museus de comunidade e, com isso, a descolonização do pensamento museológico, e os pontos de influência da democracia participativa junto à prática da participação social desses novos modelos museológicos.
Palavras-chave	Descolonização; identidade; museus de comunidade; participação; representação
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/605">https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/605</a>
Observações	“Com isso, possibilita o reconhecimento público, com a demanda de políticas de compensação que visam a cidadania, essa historicamente negada desde as primeiras ocupações do local. O Museu da Maré consiste apenas em um exemplo, ainda no Rio de Janeiro (talvez pela forte influência da museologia carioca) outros museus foram pensados e concretizados nessa perspectiva, um exemplo é o Museu de Favela (MUF) localizado nas comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, que consiste em uma galeria de artes a céu aberto, pensada e organizada por moradores dessas comunidades que através de grafites nos muros contam a história do local; mais uma vez, um processo reflexivo sobre sua própria história e cultura. Além desses, outros ainda, como o Museu Vivo de São Bento, Museu do Horto, Ecomuseu Nega Vilma, Ecomuseu Amigo do Rio Joana, Museu das Remoções, Museu do Taquaril, Museu Bispo do Rosário, Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, Ecomuseu do Cerrado, Ecomuseu da Amazônia, entre outros.” <sup>8</sup>

Nº 27	47
Referência	Sanches, T 'Lutas por moradia: integração, reconhecimento e ativismo político', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	O objetivo deste artigo é explorar as possibilidades de entender os movimentos sociais, particularmente aqueles relacionados à moradia. Será analisado como a habitação pode influenciar a ação política individual. Isso será feito a partir da relação entre dois conceitos distintos - reconhecimento e integração. Ao fazer isso, se lançará uma luz sobre como questões relativas à moradia podem afetar a maneira como os cidadãos se unem para agir publicamente em busca de mais justiça, especificamente em relação às políticas públicas de habitação. A literatura sobre sociolo-

	gia urbana tende a retratar a experiência de viver em uma cidade como uma “experiência de encontro”. (MCDONALD, 1999, p.45). Lefebvre (1991), por exemplo, propõe que ter o direito à cidade significa participar das decisões e da vida social que ocorrem dentro dela. O espaço aparece como um fator chave que pode estimular a participação democrática, para a qual a integração é essencial. Para Paugam (2015), a integração só pode ser alcançada quando os direitos dos indivíduos são garantidos por leis ou vínculos normativos. A garantia de direitos garantidos por instituições é também uma das principais questões do trabalho de Axel Honneth (2003). Ao explorar experiências de desrespeito, ele oferece uma nova forma de interpretar como elas podem se desdobrar em tensões sociais. Usar ambas as perspectivas é uma tentativa de entender como experiências individuais de moradia podem levar à ação coletiva.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/53zhndya">https://tinyurl.com/53zhndya</a>
Observações	<p>“Essa experiência de se perceber como diferente – a consciência de que por ser pobre teria que sair do bairro – fez com que os moradores se organizassem em torno de sua igualdade, que era mantida justamente pela proximidade em que viviam. Os moradores relatam que se apropriaram mais de seus direitos a partir da troca estabelecida pela rede que se constituiu a partir das reuniões de mobilização e que, em meio às remoções, veio a se gerar o Museu das Remoções, uma iniciativa que se propõe a “registrar as práticas sociais da Vila Autódromo e reconstruir a relação entre o território e a memória da comunidade” (BOGADO, p.280). As atividades do Museu seguem acontecendo atualmente, como forma não só de manter a memória da comunidade viva, promover atividades culturais e o diálogo entre diversos atores sociais envolvidos na luta pelo direito à cidade, mas como meio de reivindicar a efetivação do acordo entre prefeitura e moradores da Vila assinado em 2016, que até a atualidade não foi cumprido. O Museu se constitui como um movimento social, institucionalizando a luta da Vila Autódromo e mantendo a rede de apoiadores ativa. A página do grupo no Facebook conta hoje com 2,5 mil seguidores e é o principal meio de divulgação das atividades do movimento, sendo as mais recentes uma Ocupação da Estação BRT Centro Olímpico e a exibição de um filme na Vila Autódromo, que retrata a luta durante a preparação da cidade para as Olimpíadas. A história de luta da Vila Autódromo mostra a importância do que denomino solidariedade de proximidade. Os laços de cidadania e de participação orgânica, se utilizamos os termos de Paugam, podem ser considerados frágeis na realidade da comunidade, uma vez que a população não conta com diversos direitos garantidos – dentre eles a moradia – e vivem em situação de vulnerabilidade social, impossibilitados de participar ativamente da cidade. Os laços de participação eletiva, por outro lado, são fortes e se constituem nesta solidariedade de proximidade, que foi fundamental para a criação do movimento. Os moradores que permaneceram justificam a criação do Museu como forma de manter viva a memória dos moradores e da existência da Vila na cidade.”<sup>13</sup></p>

Nº 28	48
Referência	Souza, PLA de 'Narrativas compartilhadas: o Facebook ea produção de militâncias, memória e esquecimento nos movimentos sociais populares', <i>academia.edu</i> ,



Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	<p>A presente comunicação analisa a relação entre redes sociais virtuais (em especial o Facebook) e a produção da memória coletiva por movimentos sociais. A análise parte de etnografia realizada entre 2012 e 2018 junto a ações locais do conjunto de favelas que compõe o Complexo do Alemão (zona norte, Rio de Janeiro) que têm na produção audiovisual e no uso da Internet modos prioritários de ação. No contexto pesquisado, a produção da memória coletiva compreende diversas estratégias (entre elas, a produção de videodocumentários, livros, fotografias, grafites e intervenções urbanas e a criação de um centro de documentação e memória). Tais estratégias vem sendo pensadas pelos atores locais como formas de visibilidade pública da favela, modos de narrar o lugar, sua história e suas “lutas” a partir do ponto de vista de quem lá vive, mas também como maneiras de garantir que certas versões da história do lugar sejam conhecidas e transmitidas (em detrimento de outras). Ainda que a produção da memória coletiva seja recorrente em movimentos sociais populares, com a inclusão da Internet e suas plataformas em seus repertórios, a maneira pela qual se dá tal produção vem se alterando. Tais transformações vinculam-se a características das plataformas utilizadas combinadas aos agenciamentos de diferentes atores sobre tais recursos. Trata-se, portanto, de pensar de que maneira tais combinações modificam a relação com passado e presente, bem como as formas de conceberem sua relação com o tempo e com o lugar. Nesse sentido, é importante pensar como se articulam “memória do presente” (DALMASO, 2015) criada pelo constante compartilhar de fatos cotidianos à “memória social” (HALBWACHS, 1997) do lugar, que ancora pertencimentos e identidades (POLLAK, 1989, 1992). De que forma recursos disponíveis no Facebook - como álbuns de fotografia, a lógica da linha do tempo (“timeline”), marcação de pessoas e, mais recentemente, a possibilidade de rememorar posts antigos - contribuem para criar outras modalidades de produção da memória coletiva? E, ainda, como se articulam “memórias autobiográficas” (WANG, BROCKMEIER, 2002; CARNEIRO, GERMANO, 2017) constituídas nas redes sociais virtuais e memória coletiva em contextos em que falar de si possui valores contrastantes (a centralidade do “eu” nas redes sociais virtuais versus o controle permanente para que o indivíduo não seja mais visível do que a coletividade e/ou, no caso em questão, o lugar, a favela)? Não se trata de pensar a Internet e as redes sociais simplesmente como arquivos ou depósitos de rastros do cotidiano, mas de refletir sobre as implicações de seus usos na produção da memória coletiva, focando a interseção entre “memória do presente”, “memória autobiográfica” e “memória mediada” (DIJCK, 2007)</p>
Palavras-chave	memória; militância: Facebook
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/4j7ynb5c">https://tinyurl.com/4j7ynb5c</a>
Observações	<p>“A iniciativa do Raízes vai ao encontro de outras ações realizadas nas últimas décadas em favelas cariocas que têm como uma de suas preocupações centrais o levantamento e organização de documentos e depoimentos a partir dos quais seja possível contar sua própria história. Mas também na busca por modos próprios a partir dos quais emergem tais depoimentos e narrativas. Este é o caso, por exemplo, do Sankofa (nome dado ao museu itinerante criado na favela da Rocinha), do Museu da Maré, do projeto Condutores de Memória [ligado à Agenda Social Rio e ao Ibase, criado por moradoras das favelas do Borel e Casa Branca, na zona norte da cidade, com o intuito de “resgatar” a história de tais lugares (AMOROSO, 2012)] ou do Museu das Remo-</p>

	<p>ções, criado por moradores(as) e ativistas na Vila Autódromo (zona oeste da cidade) como parte das ações de resistência às remoções da favela por ocasião dos megaeventos realizados no Rio de Janeiro em 2014 e 2016 (CARVALHO, 2018). A memória (coletiva) do lugar pode ser pensada, assim, como categoria nativa mobilizada por alguns atores locais, bem como categoria analítica que, em minha atual pesquisa de pós doutorado (realizada no âmbito da bolsa Capes/PNPD na Pósgraduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) permite abarcar modalidades de criação e transmissão da história do lugar e de seus(suas) moradores(as) e movimentos sociais de forma mais ampla, incorporando, inclusive, as redes sociais virtuais, objeto de reflexão a seguir.”<sup>9</sup></p>
--	---

Nº 29	49
Referência	Alves, RT 2017, 'O processo de construção, transformação e expansão da Barra da Tijuca para" o futuro do Rio de Janeiro"', <i>Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE</i> ,, ssoar.info
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente artigo apresenta as transformações desencadeadas na Barra da Tijuca, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O bairro é peculiar devido ao seu constante processo de expansão, sob a insígnia dos “condomínios fechados”, que se espalham pela região do entorno como uma nova forma de “viver moderno”, carregando a “marca” Barra da Tijuca. O artigo apresenta essas transformações no limite das fronteiras simbólicas do bairro a partir do contexto olímpico, iniciado em 2009, com a cidade do Rio de Janeiro sendo eleita cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016. O artigo também mostra os impactos dessas intervenções urbanas no cotidiano de moradores locais, aparecendo conflitos que se estabeleceram com o processo de “produção da cidade olímpica”. Por fim, tendo matérias jornalísticas como fonte, procura mostrar os movimentos de planejamento do bairro, aparecendo Associações de Moradores, Câmara Comunitária e Associações Comerciais envolvidas em projetos de melhorias na região.
Palavras-chave	Barra da Tijuca. Rio de Janeiro. Olimpíadas Rio 2016. Intervenção Urbana.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/57095#">https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/57095#</a>
Observações	“A Vila Autódromo, no entanto, se mostrou como uma experiência vitoriosa conseguindo a urbanização parcial da comunidade, restando 20 famílias que receberam as chaves de suas casas novas construídas pela Prefeitura no local. Fruto do mesmo processo de articulação, amalgamando diversos sujeitos e saberes, hoje se desenvolve as atividades promovidas pelo Museu das Remoções, cujo lema é “memória não se remove”, que se insere nas disputas pelos significados de habitar, como uma “ferramenta” na disputa pela cidade, organizado por moradores e “apoiadores”, entre os quais me incluo. Vimos que o movimento que se organizou em torno da demolição do Autódromo de Jacarepaguá, organizado por praticante do esporte, ganhou pouca força e ficou completamente entregue à esperança de que a prefeitura cumpra o projeto de construir o novo autódromo da cidade, em Deodoro. Carecendo de visibilidade e apoio, o movimento se desvaneceu ao longo do processo, mas que, de alguma forma, também produziu uma experiência histórica. No período

	pós-olimpíadas o que fica são lugares de memória 38 (Nora, 1993) carregados de significados do período. Procurei mostrar que o processo de construção, transformação e expansão da Barra da Tijuca também tem a ver com a constante necessidade de infraestrutura do bairro, que resulta em “campos de possibilidades” para projetos apresentados pela forte articulação das associações de moradores e amigos da Barra da Tijuca e adjacências.”79
--	---

Nº	50
Referência	Freire-Medeiros, B 2006, 'Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus', <i>Revista Estudos Históricas</i> , bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Este artigo é de 2006

Nº 30	51
Referência	Castro, JLSO de 2019, 'Imagens em disputa: Rio Olímpico e Vila Autódromo', <i>Cadernos de Pesquisa</i> , ojs.escoladacidade.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	A série de megaeventos internacionais ocorridos entre 2007 e 2016, no Rio de Janeiro, cujos maiores expoentes foram a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, passou como um rolo compressor pela cidade. Foram constantes rasgos, demolições, remoções e destruições que tiveram como objetivo promover uma imagem do Rio de Janeiro como palco internacional de grandes eventos, ao mesmo tempo em que abriam caminho para investimentos internos e externos e intensa especulação imobiliária. Este trabalho pretende questionar e tornar criticamente visível o processo de intensas transformações urbanas ocorridas na cidade neste período, mais especificamente no que diz respeito às remoções forçadas na Vila Autódromo, comunidade vizinha ao Parque Olímpico. A partir do foco na Vila Autódromo, discute-se o papel da cartografia, da fotografia e das novas ferramentas de representação e visualização urbana, como o <i>Google Earth</i> , <i>Google Maps</i> e <i>Google Street View</i> , na representação, construção e disputa da imagem da cidade.
Palavras-chave	Olimpíadas, Google, remoções
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://ojs.escoladacidade.org/index.php/cadernos/article/view/80/84">http://ojs.escoladacidade.org/index.php/cadernos/article/view/80/84</a>
Observações	“Da mesma maneira, ao longo deste trabalho, foi possível perceber que viver a cidade também é deixar traços. Os preparativos dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro tiveram profundo impacto sobre a geografia urbana. Rasgos, demolições, remoções e destruições em nome de um legado que ainda procuramos. Uma pequena

	<p>comunidade, localizada ao lado do maior equipamento dos Jogos, resistiu, em meio a tudo. Pode-se observar as marcas do processo em sua nova configuração: a rua principal, das novas casas, é a mesma de antes das remoções; o caminho de uma rua que já não existe mais continua marcado no chão de terra, levando até a última casa de tijolos expostos que permanece em pé; instalações criadas a partir de entulhos e resquícios das demolições dão vida ao percurso expositivo do Museu das Remoções, um museu a céu aberto. A Vila Autódromo vive e deixa traços. Existe, porém, um outro Rio de Janeiro no interior do computador. Ele se disfarça, finge ser o real. Diz ser uma representação fiel e é abraçado por arquitetos e urbanistas, que usam sua falsa geografia como base para seus projetos. Mas alguns traços o revelam. A Vila Autódromo, vista pelo Google Street View, parece estar congelada no tempo. Ainda em 2014, permanece em condição perpétua de remoção. E uma pista, encontrada por acaso ao comparar imagens feitas no local com imagens do Google, foi o ponto de partida para este trabalho, que procurou desvendar e recriar, virtualmente, essa área que atualmente é invisibilizada como parte da cidade.”66-67</p>
--	--

Nº	52
Referência	Mello, ART de 2020, 'PORTO, Nuno; LIMA FILHO, Manuel (Org). Coleções étnicas e museologia compartilhada. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019. 261p.', <i>Hawò</i> , revistas.ufg.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	De 2020

Nº 31	53
Referência	Santos, SS 2017, 'Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas',,, <i>teses.usp.br</i>
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	A partir da década de 1960, com o surgimento do novo paradigma da democracia sociocultural, diversas críticas direcionaram-se aos museus e à museologia e deram base para o surgimento de um movimento museológico internacional denominado Nova Museologia, oficializado em 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, realizado em Québec (Canadá). A Nova Museologia enfatizou a vocação social dos museus e propôs diversas renovações teóricas e metodológicas ao campo museológico estabelecido. No Brasil, observamos repercussões desse movimento principalmente a partir da década de 1980, com a redemocratização do país. Paralelamente à renovação de museus já consolidados, surgem novas iniciativas, denominadas majoritariamente ecomuseus e museus comunitários, que objetivam, através

	de uma curadoria coletiva e da promoção de práticas ativas, populares, participativas, comunitárias e experimentais, a valorização, preservação e difusão dos patrimônios locais (Natural, Cultural, Material e Imaterial), garantir que o museu atue como espaço de representação e promova, a partir da contextualização do patrimônio, a compreensão, o questionamento, a conscientização e a transformação da realidade. O atual projeto de pesquisa teve como objetivos: revisar termos e conceitos ligados à Nova Museologia e a essa nova tipologia de museus em bibliografia pertinente ao tema, relacionando e confrontando autores diversos; realizar um mapeamento dos museus comunitários, ecomuseus e demais iniciativas de memória e patrimônio de base comunitária que se compreendem enquanto museus no contexto brasileiro; elaborar um panorama-síntese para uma melhor compreensão da diversidade dessa tipologia de museus
Palavras-chave	Ecomuseu Museologia Social Museu Comunitário Nova Museologia Patrimônio Comunitário
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/en.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/en.php</a>
Observações	

Nº	54
Referência	Souza, LA 2016, 'À Espera da Medalha', repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	TCC de graduação – VIDEODOCUMENTÁRIO
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190118">https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190118</a>
Observações	

Nº	55
Referência	Oliveira, T 2020, 'Museologia Social: em rede, em movimento, em coletivo ea experiência do Museu Vivo do São Bento', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7104">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7104</a>

Observações	
Nº 32	56
Referência	Escudero, S 2018, 'Museo, constructor de ciudadanía/Museum: a Citizenship Builder',,, openarchive.icomos.org
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	For more than 200 years the central function of the museum - the public museum - has not ceased to be the same, which is the construction of citizenship. At the centre of all the actions carried out by a museum (collecting, conserving, exhibiting, etc.) is -and remains- the citizen. It is clear that the citizen of the 19th century is not the citizen of the 21st century, and the museum today does not transmit narratives of evolution and progress but of participation and inclusion; and it is in this sense that the museum is not the same: change is not in its central function - construction of citizenship - but in the actions of the museum (management of collections, exhibition strategies, etc.) which are transformed according to the concepts of citizen and citizenship in force. The private museum, on the other hand, is mirrored in the public museum which, curiously but logically, is historically later. These ideas are explored and expanded, linking them to the changes in capitalism and in the exhibition complex from Modernity to the present day Ultramodernity, with the museum as one of the central institutions of citizen discipline today as much as yesterday.
Palavras-chave	Museum Studies; Museology; Museums
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="http://openarchive.icomos.org/2353/">http://openarchive.icomos.org/2353/</a>
Observações	

Nº 33	57
Referência	Talbot, A 'International Review For the Sociology of Sport', <i>pure-portal.coventry.ac.uk</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Legacy has become a watchword of hosting mega-events in recent years, used to justify massive spending and far-reaching urban transformations. However, academic studies of legacy outcomes suggest there is only limited evidence for the efficacy of using mega-events to deliver broader policy goals. The discourse of legacy promulgated by the International Olympic Committee promotes a fantastical vision of the possibilities created by mega-events while obfuscating critical analyses of legacy. This paper explores legacy talk among a wholly different group – activists who have protested against the Olympic, specifically in Rio de Janeiro – based on interviews conducted two years after the Games as part of a broader ethnographic study. The positive connotations of legacy, even among these Olympic critics, places a strait-jacket on conversation, leading activists to discuss specific legacy projects, at the expense of highlighting the very real harms of megaevent development, such as evictions, gentrification and militarization. As such, there is a need to deepen under-

	standing that legacy encompasses all that is left behind after mega-events, not only the positive impacts.
Palavras-chave	legacy, mega-events, Rio 2016, discourse, framing
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="https://pure.coventry.ac.uk/ws/portalfiles/portal/31115884/Binder1.pdf">https://pure.coventry.ac.uk/ws/portalfiles/portal/31115884/Binder1.pdf</a>
Observações	<p>“The discussions of legacy in this paper are drawn from a wider project examining activist responses to Rio 2016, particularly focussed around housing rights. This has involved 14 months of ethnographic fieldwork in Brazil split into two periods, a year-long period from September 2015 to September 2016 and a two-month follow-up period in July and August 2018. Fieldwork consisted of observing activist events as well as the backstage planning, collecting data through informal conversations recorded in a field diary, supplemented by formal, semi-structured interviews with leading activists conducted in the follow-up fieldwork period. Seven of these interviews with activists were conducted, ranging from 30 to 90 minutes in length, covering a range of issues related to each interviewee’s activism and views of the Olympic Games. Within these interviews, all activists were asked what they thought the legacy of the Olympic Games was. Discussions that followed this question form the backbone of this paper. All interviews were conducted in the language chosen by the activist before being transcribed and, where necessary, translated by the author. Thematic analysis was conducted following Braun and Clarke’s (2006) six-step model, which allows themes to be refined throughout the analysis process. These steps range from becoming familiar with the data and generating initial codes (such as failed transport projects), through searching for and refining themes to become more general (such as discussing failures), to naming themes and writing the report, where the example theme became ‘legacy as defined by organisers’. Details of all activists quoted in this paper are given in Table 1 (for a more detailed discussion of the groups mentioned see Talbot and Carter 2018 and Talbot 2018).” 6</p>

Nº 34	58
Referência	Rolim, DED 2018, 'Museu do Povo do Mar',, repositorio.ufc.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	<p>A proposição de um tema que lida com cultura, natureza, educação, turismo e lazer (Museu do Povo do Mar) surgiu de um interesse pessoal de elaborar um projeto que tivesse como propósito oferecer a possibilidade de mudança das condições de vida de uma das comunidades mais carentes e segregadas de Fortaleza. A análise das possíveis regiões a serem trabalhadas levou ao bairro do Serviluz, que demonstrou ser uma região com diversos potenciais a serem trabalhados, por aliar os anseios que sua população demonstrou possuir por um equipamento cultural que afirmasse sua identidade com a existência de um monumento histórico em urgente necessidade de preservação. O tema ecomuseu veio como uma resposta a esses anseios, por se situar além das propostas do museu tradicional, pelo fato deste, apesar de sua importância como repositório de registros históricos e científicos, costumar ser uma instituição dissociada do contexto urbano e social em que se insere. Em contrapartida, o ecomuseu agrega em seu programa as características particulares do território e os atributos da comunidade, constituindo-se em um equipamento cultu-</p>

	ral que representa e fortalece grupos historicamente marginalizados. Com este projeto, entendo que uma arquitetura transformadora deve dialogar com o seu meio urbano e com seus usuários. Reconhecer a imagem a ser passada e a escala urbana do contexto da intervenção é uma consideração primordial para a elaboração de diretrizes relativas à construção de uma obra que deverá proporcionar aos frequentadores, além de um espaço que atenda suas necessidades, também provocar experiências sensoriais condizentes com a linguagem do entorno e da paisagem
Palavras-chave	Ecomuseu Patrimônio histórico Cultura
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51269">http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51269</a>
Observações	Não menciona o Mdr

Nº 35	59
Referência	Aguiar, MVC 'CÍRCULOS DE INFORMAÇÃO, PRODUÇÃO CORPORATIVA DO ESPAÇO URBANO EA RESISTÊNCIA DA VILA AUTÓDROMO, RIO DE JANEIRO, RJ.', <i>eng2018.agb.org.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O presente texto é referente ao meu trabalho de conclusão de curso que está em desenvolvimento sob a orientação do professor Dr.º Francisco Chagas do Nascimento Jr.1 A cidade do Rio de Janeiro tem sido palco de específicas estratégias ligadas ao planejamento urbano, das quais busca-se produzir e promover a cidade como negócio e atrair investimentos. Uma dessas estratégias foi a promoção de Megaeventos esportivos, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo. Para que tais projetos fossem colocados em prática, era necessária a produção de uma psicoesfera que legitimasse as custosas, demoradas e transtornadoras obras que visavam a construção dos estádios, complexos esportivos e projetos de mobilidade urbana. Nesta pesquisa, busca-se, primeiramente, questionar o modelo de cidade que se quer com tais planejamentos estratégicos, e colaborar para a compreensão da produção e circulação de informações no recente contexto da cidade carioca, investigando os círculos de informação descendentes, e, posteriormente, os círculos de informação ascendentes, tomando como perspectiva, a resistência da comunidade Vila Autódromo às ameaças violentas de remoção causadas pelos projetos de infraestrutura dos Megaeventos citados.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1533689780_ARQUIVO_Artigo_ENG.pdf">http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1533689780_ARQUIVO_Artigo_ENG.pdf</a>
Observações	“Trata-se da produção e divulgação de informações feita de forma ascendente (SANTOS, 2000), ou seja, produzida “de baixo para cima”, isto é, através dos meios técnicos que os sujeitos possuíam à sua disposição e as percepções e avaliações que os mesmos faziam em relação aos usos praticados do território, ação que contou ainda com o apoio de organizações populares que se solidarizavam com a luta dos moradores. A Vila Autódromo se apropriou das mídias simples ofertadas pelo cotidiano <sup>16</sup> , como blogs, redes sociais e jornal local <sup>17</sup> para iniciar um círculo de informação ascendente (SANTOS, 2000). Atualmente, existe na Vila Autódromo o Museu das Remoções <sup>18</sup> , que



	reúne um acervo de fotos, filmagens, documentos, cartazes e panfletos de eventos, instalações e intervenções artísticas que visam preservar a memória da resistência contra a remoção da comunidade e da luta permanente contra o modelo de cidade corporativa excludente que os projetos urbanísticos impõem ao Rio de Janeiro.” <sup>11</sup>
--	---

Nº	60
Referência	Chan, S 2020, “NÃO ÀS REMOÇÕES: PELO DIREITO À MORADIA”: EXAMINING THE FANTASMA (S) DE REMOÇÃO/GHOSTS OF EVICTION AND THE INSURGENCE OF ...”, qspace.library.queensu.ca
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Publicado em 2020

Nº 36	61
Referência	Montenegro, W 2018, 'MORTOS SEM SEPULTURA', <i>Revista Concinnitas</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Artes
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/download/39870/27944">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/download/39870/27944</a>
Observações	“Destacar uma ou outra obra seria injusto, mas é importante que, nem que seja por educação, se nomeie os artistas – afinal, foram eles que fizeram as obras e as resistências: #coleraalegria – Aílton Krenak – Aline Albuquerque – Amô (articulação coletiva integrada por Ana Lira, Marina Alves, Marta Supernova, Thaís Rocha e Thaís Rosa) – Anna Maria Maiolino – Antonio Dias – Antonio Obá – Ayrson Heráclito – Bárbara Wagner e Benjamin de Burca – Cao Guimarães – Carlos Zílio – Cildo Meireles – Clara Ianni e Débora Maria da Silva – Claudia Andujar – ColetivA Ocupação – Dalton Paula – Dora Longo Bahia – Eduardo Coutinho – Emmanuel Nassar – Fábio Tremonte – Frente 3 de fevereiro – Graziela Kunsch e Daniel Guimarães – Gustavo Speridião – Hélio Oiticica – Ivan Grilo – Jaime Lauriano – João Castilho – Jonathas de Andrade – José Rufino – Jota Mombaça – Laerte – Lourival Cuquinha – Maria Thereza Alves – Matheus Rocha Pitta – Mulheres no audiovisual Pernambuco – Museu das Remoções – Paul Setúbal – Paulo Bruscky – Paulo Nazareth – Pedro David – RandolphoLamonier – Raphael Escobar – Renata Carvalho – Rio de Encontros – Riva-Neuenschwander – Rosana Palazyan – Rosana Paulino – Rosangella Rennó – Slam das Minas – Thiago Martins de Mello – Traplev – Vincent Carelli – Virgínia de Medeiros.” <sup>418</sup>

Nº 37	62
Referência	Soares, B Brulon, Brown, K, & Nazor, O 2018, 'Definir los museos del siglo XXI: experiencias plurales',,, research-repository.st-andrews.ac ...
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://research-repository.st-andrews.ac.uk/bitstream/handle/10023/14027/lcofom_mono_Museo_version_numerique_02.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://research-repository.st-andrews.ac.uk/bitstream/handle/10023/14027/lcofom_mono_Museo_version_numerique_02.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	Há um capítulo apenas sobre o Museu das Remoções

Nº	63
Referência	Corrêa, RMC 'Memória constituinte e movimento social: lições de um museu popular', <i>revista.estudoshumanos.com</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2010/11/270-101.pdf">http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2010/11/270-101.pdf</a>
Observações	2011

Nº 38	64
Referência	Lima, RS 2019, 'Museu de Arte do Rio diálogo de (re) construção sobre a cidade: entre gentrificação e acessibilidade',,, pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	O presente estudo relata a investigação sobre como a acessibilidade pode contribuir para os ambientes museológicos e culturais, tendo como objeto o Museu de Arte do Rio. Essa pesquisa passa por questões sociais sobre a cidade do Rio de Janeiro, considerando suas questões de gentrificação que aconteceram nas épocas da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos. Para fazer as considerações, leva-se em conta a Legislação Internacional e Nacional, além dos conceitos sobre acessibilidade e construção

	de um espaço social. O caminho metodológico consiste em um levantamento de referências bibliográficas de especialistas nas áreas de acessibilidade, cidade, espaço e museu, onde se busca integrar essas temáticas e assim construir um diálogo. Este trabalho apresentará uma entrevista com o funcionário Thyago Bruno Rodrigues Pessanha Correa, que exerce a função de Educador de Projeto do MAR que serviu como base para a justificativa dos dados apresentados sobre a presença de público do museu e seu andamento ao longo dos anos, apresentando assim uma possibilidade para os museus, que se associarem a programas de acessibilidade, além de estarem contribuindo para a sociedade, também estão garantindo sua própria visibilidade
Palavras-chave	Acessibilidade Museu Sociedade Gentrificação Inclusão
Disciplina	História da Arte
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11450/1/RSLima.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11450/1/RSLima.pdf</a>
Observações	

Nº 39	65
Referência	Vale, JA do 2017, 'caso da Vila Autódromo',,, maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Dissertação de mestrado
Resumo	O Rio de Janeiro passou por um momento de grandes transformações urbanas, em consequência da escolha da cidade como sede de grandes eventos esportivos: a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Com uma justificativa de tornar uma cidade acessível para receber os megaeventos, inúmeras obras foram realizadas na cidade, principalmente em áreas de grande valor imobiliário, o que provocou uma remoção de inúmeras favelas. Dentre os processos envolvidos nos processos de remoção, encontra-se também o assistente social. Este trabalho tem como finalidade refletir sobre uma atualização de assistente social em processos de remoção, tendo como norte os princípios contidos no Código de Ética Profissional de 1993. Para tal, o presente trabalho aborda o papel do assistente social na habitação, procurando entender o surgimento da profissão e os desafios encontrados para o exercício da sua prática profissional. Com o intuito de um contexto histórico atual, este trabalho é um resgate histórico sobre o contexto de favelização, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, assim como os impactos trazidos com a realização dos megaeventos. Essas reflexões irão contribuir para uma análise do estudo de caso referente à Vila Autódromo, um dos casos mais emblemáticos das remoções ocorreu na cidade do Rio de Janeiro
Palavras-chave	Remoções; Serviço Social; Política de habitação; Megaeventos.
Disciplina	Serviço Social
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31048/31048.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31048/31048.PDF</a>
Observações	“Com a finalidade de entender com mais clareza como se deu o processo de remo-

	<p>ção das famílias residentes na Vila Autódromo e refletir sobre a atuação profissional nos casos de remoção, foram realizadas entrevistas com moradores que permaneceram na Vila Autódromo, com assistentes sociais e com representante do Conselho Regional de Serviço Social do Rio de Janeiro (CRESSRJ). Com a finalidade de estabelecer contato com os moradores que permaneceram no local e conhecer a área a ser estudada, foi realizada uma visita à Vila Autódromo no dia 14 de maio de 2016. Nesse dia estavam ocorrendo atividades que tinham como finalidade a construção do Museu das Remoções da Vila Autódromo com a participação dos próprios moradores e de voluntários. Realizamos uma segunda visita à localidade para fazer entrevistas individuais com dois moradores que se colocaram a disposição na visita anterior. Para tentar localizar os assistentes sociais que trabalharam diretamente com os casos de remoções, entramos em contato com a Secretaria Municipal de Habitação (SMH), mas não obtemos respostas. Com a ajuda de colegas assistentes sociais, localizamos duas assistentes sociais: uma que trabalhou com a remoção da Vila Autódromo e outra que é funcionária da SMH. Essa foi a etapa da pesquisa que tivemos mais dificuldade em realizar.”<sup>14</sup></p>
--	---

Nº 40	67
Referência	Cardoso, MM 2017, 'Antropologia digital e experiências virtuais do museu de favela', books.google.com
Tipo- logia do- cu- men- tal	Livro
Re- su- mo	
Pala- vras- cha- ve	
Dis- cipli- na	Antropologia
Loca- liza- ção	<a href="https://books.google.pt/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=RRhJDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PT7&amp;dq=museu+das+remo%C3%A7%C3%B5es&amp;ots=DwSle7zTsu&amp;sig=E6nwsq4ewDI9wPo1fGoWCYrbDmM&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q&amp;f=true">https://books.google.pt/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=RRhJDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PT7&amp;dq=museu+das+remo%C3%A7%C3%B5es&amp;ots=DwSle7zTsu&amp;sig=E6nwsq4ewDI9wPo1fGoWCYrbDmM&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q&amp;f=true</a>
Ob- ser- va- ções	Não está disponível, mas traz ponderações interessante sobre a natureza das parcerias no MUF

Nº	68
Referên-	Menezes, PV 'Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008 Quan-

cia	do a favela se torna museu: reflexões sobre os processos de patrimonialização e ...', <i>ucs.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt13-10.pdf">https://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt13-10.pdf</a>
Observações	Publicado em 2008

Nº	69
Referência	Carvalho, CSR de 2010, 'CONSERVAÇÃO DAS SUPERFÍCIES ARQUITETÔNICAS DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA',,, <a href="http://casaruibarbosa.gov.br">casaruibarbosa.gov.br</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.casaruiarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB_Selecao_de_Bolsistas_2010_Conservacao_Superficies_Arquiteticas.pdf">http://www.casaruiarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB_Selecao_de_Bolsistas_2010_Conservacao_Superficies_Arquiteticas.pdf</a>
Observações	

Nº	70
Referência	Silva, MA 2015, 'Memórias e histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia',,, <a href="http://teses.usp.br">teses.usp.br</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-27052015-112059/en.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-27052015-112059/en.php</a>
Observações	

Nº	71
Referência	Carvalho, CSR 2012, 'A pesquisa para conservação de superfícies arquitetônicas do museu casa de Rui Barbosa',,, rubi.casarui Barbosa.gov.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-27052015-112059/en.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-27052015-112059/en.php</a>
Observações	

Nº 41	72
Referência	Abreu, R, & Oliveira, RA 'Museus, narrativas e memória coletiva no Rio de Janeiro', <i>Museus e Atores Sociais: Perspectivas ...</i> , researchgate.net
Tipologia documental	Livro
Resumo	<p>“A Antropologia manteve desde seus primórdios forte relação com o campo dos museus seja como área de conhecimento no contexto das instituições museais de cunho enciclopédico, seja criando instituições museais articuladas com a prática etnográfica; ou ainda construindo um olhar particular sobre os museus no contemporâneo. Cada um desses movimentos expressa um certo tipo de inserção do antropólogo nas práticas da disciplina, bem como revela momentos singulares no cruzamento da história da antropologia e da história dos museus. Num primeiro movimento, temos uma vertente evolucionista e positivista da Antropologia, onde a coleta de objetos e sua conservação nos museus expressavam a constituição de acervos documentais de confiabilidade para as pesquisas; num segundo movimento, temos a criação e a institucionalização dos chamados “museus etnográficos” - consagrados modelos que associavam o estudo das particularidades culturais à preservação de objetos coletados durante a pesquisa de campo. Num terceiro movimento, os antropólogos passaram a se interessar por etnografar os museus como sintomas de práticas sociais e espaços de poder conjugados a regimes de valor que convertem artefatos em bens consagrados (lógicas colecionistas); expressões culturais e modos de fazer em “bens patrimoniais”; rituais em performances públicas; pessoas em “representantes” e “porta-vozes” de etnias e comunidades. Ressalta-se ainda que em tempos de intensos fluxos de informações globais, os museus e suas múltiplas expressões museais são considerados como “lugares” valorativos nos processos étnicos e sociais de construção da diferença. Valorativos não apenas no sentido de resgatar representações do passado, reificando o processo de violência simbólica quando grupos e sujeitos sociais foram enquadrados em escalas hierárquicas do menos ao mais evoluído, do menos ao mais verdadeiro, do menos ao mais civilizado: classificações inerentes à própria história de constituição dos museus colada ao narcisismo do Ocidente. Hoje, é preciso descolecionar como sugere Nestor Cancline, desconstruindo esse lugar do museu enquanto categoria sociológica de pensamento e de uso político. Uma Antropologia dos Museus é aquela que coloca sob suspeita os processos museais, seus acervos e de modo especial suas exposições procurando</p>

	<p>descrever as representações e as teorias subjacentes que presidiram o ato de colecionar, de documentar e de expor que os museus consagraram ao longo dos séculos. Produzir novas interpretações em conjunto com os produtores das referências culturais de seu grupo na perspectiva de uma partilha de espaços e tempos sociais; repensar as questões éticas de exibição e publicação impressa ou fonográfica; tudo isso se apresenta como uma tarefa ética e prioritária aos antropólogos e seus campos museais. O livro <i>Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas</i>, que apresentamos, segue um fluxo de publicação relacionado ao Comitê de Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia. Dessa maneira, no ano de 2007, a ABA publicou <i>Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos</i> organizado por Manuel F. Lima Filho, Cornélia Eckert e Jane Beltrão, e no ano de 2012, Izabela Tamasso e Manuel F. Lima Filho organizaram o livro <i>Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos</i> também com o selo da ABA. Desejamos que agora publicando este livro, fruto do Seminário Internacional “dos ‘museus etnográficos’ às etnografias dos museus: o lugar da Antropologia na contemporaneidade” realizado entre os dias 02 a 04 de agosto de 2016 na 29ª RBA na cidade de Natal, e organizado por Julie Cavicnag (UFRN), Manuel Ferreira Lima Filho (UFG/ABA), Regina Abreu (UNIRIO) e Renato Athias (UFPE/ABA), possamos estimular os novos profissionais em Antropologia ABA a eleger o tema dos museus no foco das análises antropológicas. Acreditamos que a iniciativa desta publicação é da maior relevância ao reunir material reflexivo e, certamente, também por proporcionar muita inspiração para aqueles que, exercitando o ofício do antropólogo, focalizam os museus seja como inventariantes e formadores de coleções, como educadores, como agentes de políticas públicas patrimoniais, ou como pesquisadores, mas, sobretudo, como cidadãos antenados com um tema que se impõe como uma das agendas para o século XXI.” 7-9</p>
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/yrh4wa2v">https://tinyurl.com/yrh4wa2v</a>
Observações	

Nº	73
Referência	Avelar, LF 2015, 'Museus comunitários no Brasil: o ponto de memória Museu do Taquaril',,, bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13691">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13691</a>
Observações	

Nº 42	74
-------	----

Referência	Primo, BD, CANTELE, FC, Tizuka, MM, & ... 'SOBRE OBJETOS, PESSOAS E DOCUMENTOS: a construção participativa do acervo arqueológico do Museu de Arqueologia de Itaipu', <i>Anais do V Simpósio de ...</i> , site.mast.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia e Arqueologia
Localização	<a href="http://site.mast.br/hotsite_vsppa/pdf/secao-7/36-barbara-deslandes-primo-et-al-formatado.pdf">http://site.mast.br/hotsite_vsppa/pdf/secao-7/36-barbara-deslandes-primo-et-al-formatado.pdf</a>
Observações	<p>“O objetivo desse artigo é demonstrar como, a partir do Inventário Participativo de Pessoas e Memórias, foi possível identificar diferentes relações dos moradores de Itaipu - bairro da Região Oceânica da cidade de Niterói/RJ - com o acervo arqueológico do Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI). O acervo é proveniente dos sítios arqueológicos Duna Grande, Duna Pequena e Sambaqui Camboinhas e foi constituído, em sua maior parte, pela recolha espontânea de moradores do entorno e centralizado na figura de Hildo de Mello Ribeiro, antigo morador de Itaipu e agente federal de fiscalização da pesca. No entanto, até o presente momento, não havia nenhum registro sobre como as peças chegavam ao Museu e a documentação museológica não transparecia essa participação da comunidade na formação da coleção ou suas relações com o sítio. Criado em 1977 dentro do território pesqueiro de Itaipu, foi somente a partir de 2010 que o MAI passou a desenvolver trabalhos sistemáticos com os moradores e pescadores tradicionais. Desde então, o Museu tem procurado realizar ações educativas e culturais que reflitam sobre a importância sociocultural da pesca e dos pescadores dessa região, bem como reconhecer o importante papel dessas pessoas na formação do acervo arqueológico e na preservação ambiental local. Esse novo discurso museológico está diretamente associado ao trabalho e consciência crítica das equipes do MAI, mas também à inevitabilidade de se posicionar diante das constantes ameaças que sofrem os moradores e todo o território, tanto no que diz respeito à especulação imobiliária, quanto à degradação ambiental e à destruição dos sítios arqueológicos. Nesse sentido, produzir um inventário participativo constituiu-se em uma oportunidade para discutir com os moradores e pescadores os diferentes sentidos atribuídos aos referenciais culturais desse território. Através da metodologia participativa foi possível, de forma horizontal e coletiva, dilatar e reorganizar os limites institucionais e as compreensões sobre o que é patrimônio, acervo, memória e cultura e, principalmente, identificar os próprios moradores como protagonistas na preservação da cultura e da arqueologia local.”495-496</p>

Nº	75
Referência	Silva, MMS, & Santos, PJ da Mota 2018, 'As cerâmicas tipo Penha do Museu da Sociedade Martins Sarmento-Guimarães:(estudo tipológico)', ... e <i>Técnicas do Património da FLUP</i> ,, ojs.lettras.up.pt
Tipologia documental	
Resumo	



Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/viewFile/4934/4614">https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/viewFile/4934/4614</a>
Observações	1988

Nº 43	76
Referência	Prates, AP 'Do encontro arte-museu-educação: uma perspectiva arqueogenealógica', <i>teses.usp.br</i> ,
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	<p>Mediante o fenômeno das visitas massivas aos espaços expositivo-institucionais de arte na atualidade, compreendido como uma das ocorrências que atestariam a propagada noção de democratização do acesso aos bens artístico-culturais, o presente estudo, ao mesmo tempo em que mantém a referida noção sob suspenso, move-se em direção ao questionamento da associação veridictiva entre as práticas museais e a arte, trazendo à baila a hipótese de que a vitalidade de tal associação teria a ver menos com a factualidade, ou não, da missão edificante que a anima, e mais com a apreensão generalizada da necessidade que se deveria ter dela. Tendo em vista, igualmente, o alastramento das investidas museais desde, pelo menos, a década de 1980, entende-se que o que aí se assiste é, antes, à eficácia de um governo de feições pedagogizantes que tem no encontro arte-museu-educação um de seus braços fortes. Nesse diapasão, caberia à arte, historicamente vista como uma prática transcendente à processualidade das relações cotidianas, garantir ao intento educativo certo contrabalanceamento, contribuindo sobremaneira para o alcance de sua estratégia nuclear: a funcionalização de condutas que, na medida mesma de seu franco assujeitamento à ordem, se autoimputam a pecha de contra conduta. Por conseguinte, uma fina atenção do olhar dirige-se à pedagogização da arte no encontro arte-museu-educação, tendo em vista a inelutável eficácia que este assume ao operar, em um mundo crivado por um acentuado ensejo de musealização, a sustentação de uma incompatibilidade que, afinal, lhe é fundamental: a de manter crível um ideal de liberdade enquanto o faz em nome de mais governo. Assim, a arqueogenealogia foucaultiana foi eleita como balizamento teórico-metodológico do presente estudo, de maneira que o gesto arquivístico por ela acionado abarcou um conjunto de periódicos acadêmicos dos campos da arte, da museologia e da educação, bem como catálogos de exposições, revistas e jornais de época. Tratou-se de viabilizar um tipo específico de análise dos discursos de artistas, curadores, críticos de arte, museólogos, educadores etc. englobando um arco temporal necessariamente amplo, com vistas a inventariar, à luz da concepção foucaultiana de governamentalidade, os deslocamentos históricos pertinentes ao processo de pedagogização da arte, eminentemente identificados no que despontava como conflito, problema, descaminho etc. O saldo da imersão analítica do estudo aponta para a contramão da hegemonia das narrativas concernentes ao encontro arte-museu-educação ao demonstrar ser possível decompor a semantização corrente de alguns enunciados que lhes são basilares como liberdade, revolução, participação, resistência e inclusão em favor da visibilização da processualidade histórica que os permitiu se constituírem como nexos veridictivos de práticas a serviço de um aguerrido governo de si e do outro.</p>
Palavras-	Arte

chave	Educação Governamentalidade Michel Foucault Museu Pedagogização
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03072019-143732/en.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03072019-143732/en.php</a>
Observações	“Quanto ao alargamento do trabalho das instituições expositivas no que concerne, propriamente, ao redirecionamento da ênfase no objeto para as relações sociais, vale mencionar as recentes configurações trazidas como exemplares de tal investida, como os ecomuseus, museus comunitários, participativos, de sociedade, de território, de cidade, integrais, inclusivos, a céu aberto, virtuais etc. Somente no que se refere à ocorrência de museus comunitários no país é possível citar dentro outras: Museu da Maré, Museu Vivo de São Bento, Museu de Favela, Museu da Rocinha-Sankofa, Ecomuseu Nega Vilma, Museu do Horto, Ecomuseu do Rio Joana, Ecomuseu de Mangueiros e Museu das Remoções.” 43

Nº 44	77
Referência	Soares, KR 2017, 'Da força ao tambor: o Museu do Percurso como reconhecimento histórico da presença do negro na formação da cidade de Porto Alegre', lume.ufrgs.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	Este trabalho tem como objetivo fundamentar a importância histórica do Tambor como referência cultural e identitária do negro na cidade de Porto Alegre e em todo Brasil. Para isso é ressaltada, sobretudo, a importância das lutas históricas dos Movimentos Negros da cidade em retirar o negro da situação de invisibilidade social a que foi submetido após o período escravista. Dessa forma, fundamentei a importância do Museu do Percurso do Negro como marco histórico desta luta, da mesma forma que busco traçar brevemente a trajetória do negro em Porto Alegre, em todas suas formas de resistência e reinvenção em um espaço que relegou a sua presença ao esquecimento. O negro que 're-existe' e se 're-inventa' por meio da oralidade e da memória compartilhada busca o reconhecimento da sua contribuição na construção de um patrimônio brasileiro, através do legado à nação de diversas práticas culturais, econômicas e sócias, desmentindo a imagem construída nos projetos oficiais de escravidão, invisibilização, estigmatização que usurpou dessa parcela fundante da sociedade porto-alegrense e gaúcha os seus direitos sociais básicos, a existência e a vida. O trabalho fundamentou os principais pontos demarcados de presença dos negros e negras na cidade de Porto Alegre, as políticas de apagamento dessa presença e a luta pelas memórias coletivas e a cultura negra no espaço urbano da cidade. Assim como o processo de ressignificação dessa memória compartilhada através do Tambor, localizado na Praça da Força, e sua importância para a positivação da história dos negros e negras que marcaram presença com seus corpos, memórias e vidas neste território.
Palavras-chave	Afro-gaucho Cultura negra Igualdade racial

	Memória coletiva Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre
Disciplina	História
Localização	<a href="https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170490/001052923.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170490/001052923.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº 45	78
Referência	Santos, LM dos 'OS MUSEUS COMUNITÁRIOS COMO PERFORMANCE: O ARQUIVO EO REPERTÓRIO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS', <i>snh2019.anpuh.org</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564688399_ARQUIVO_luciana_museus_performance.pdf">https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564688399_ARQUIVO_luciana_museus_performance.pdf</a>
Observações	<p>“Diana Taylor (2013) define a performance como um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento que vai além da escrita. Os museus comunitários latino-americanos reiteram as práticas que estão ligadas à cultura corporificada das comunidades representadas e que resistiram as tentativas de apagamento, e os sujeitos inseridos no processo constroem os espaços com seus corpos, os vetores das memórias ali apresentadas, como um “continuum entre o presente ‘ao vivo’ e o passado vivo, e uma noção (ou, talvez, ato de imaginação) de que indivíduos e grupos partilham coisas em comum no aqui/agora e no lá/então se torna evidente por meio da experiência incorporada” (TAYLOR, 2013, p. 129). Para esta análise, selecionamos dois museus comunitários: o Museu Comunitário da Maré, do Rio de Janeiro (Brasil), e o Museo Comunitario San Jacinto, localizado no departamento de Bolívar (Colômbia); e como fonte, analisaremos os relatos produzidos sobre a construção dessas instituições e sobre o processo de consolidação de suas exposições, destacando o papel do arquivo e do repertório em seu desenvolvimento. Estes museus utilizam o arquivo e o repertório para performatizar a história: construíram suas narrativas através do arquivo, com documentos, imagens e objetos organizados em suas exposições e acervos, e as memórias dessas comunidades ganharam corporeidade através do repertório, com as ações culturais e educativas desenvolvidas no espaço com representantes da comunidade: “o repertório requer presença – pessoas participam da produção e reprodução do conhecimento ao ‘estar lá’, sendo parte da transmissão” (TAYLOR, 2013, p. 50). O trabalho desenvolvido com a memória nestes museus não tradicionais não se encontra apenas nos arquivos e a sua transferência não se encerra no verbal, extrapolando os sentidos através da fratura de um conhecimento ocidentalizado e contestando a ideia de que os saberes não se encontram no que é incorporado, no que está no repertório. Para que o museu comunitário se produza, são necessárias a presença e a ação da comunidade representada, redescobrimo e incorporando o passado ao presente, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social.(...)”<sup>2</sup></p>

Nº 46	79
Re- fe- rên- cia	Murta, ML 2019, 'Whose memories for which future?', <i>Museum Activism</i> , books.google.com
Ti- po- lo- gia do- cu- me ntal	Livro
Re- su- mo	Não contém
Pa- la- vras - cha ve	Não contém
Dis- ci- pli- na	Antropologia
Lo- cali- za- ção	<a href="https://books.google.com.br/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=ofCDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PT336&amp;dq=museu+das+remo%C3%A7%C3%B5es&amp;ots=SKVzh_oZXX&amp;sig=0hmJWfueD66r6MOeB2NFtuQu2qQ&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q=museu%20das%20remo%C3%A7%C3%B5es&amp;f=true">https://books.google.com.br/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=ofCDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PT336&amp;dq=museu+das+remo%C3%A7%C3%B5es&amp;ots=SKVzh_oZXX&amp;sig=0hmJWfueD66r6MOeB2NFtuQu2qQ&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q=museu%20das%20remo%C3%A7%C3%B5es&amp;f=true</a>
Ob- ser- va- ção s	“Another significant initiative was launched at Vila Autódromo, a Rio suburb, in May 2016. After the announcements in 2007 and 2009 that Rio would be hosting both the World Cup and the Olympic Games, a huge process of eviction and refurbishment was initiate all over the city. The Museu das Remoções (“Museum of Evictions”) was inaugurated following the idea that ‘through the cracks of the hegemonic project of the Olympic City, the memory from Vila Autódromo is alive and is not removable’. After workshops about popular memory, a territorial intervention was established in the neighborhood: seven sculptures were erected in the area of the demolished houses using the rubble. The Museu das Remoções itself represents a strategy in the struggle for housing rights, (bringing forward the local social memory and denouncing the violent process of house evictions”

Nº	80
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras- chave	

Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	80
Referência	Santos, LM dos 2020, 'A Memória ea Experiência no Museu da Maré', <i>Cadernos de Pesquisa do CDHIS</i> ,, seer.ufu.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/55127/29396">http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/55127/29396</a>
Observações	

Nº 47	82
Referência	Pires, VS 2017, 'Museus, ação e multidão', <i>Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da ...</i> ,, revistas.ancib.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Estamos diante hoje de um novo paradigma produtivo, o cognitivo. Esta mudança faz emergir um conjunto de conceitos que problematizam o modo como analisamos o papel do museu na contemporaneidade. A hegemonia das dimensões imateriais do trabalho está no âmago dessa mudança paradigmática. Esta nova centralidade impõe desafios analíticos e metodológicos para a Ciência da Informação e para a Museologia. Diante disso, um novo modelo de museu se anuncia: não mais centrado em uma relação contratualista, mas atenta à produção do comum; não mais restrito ao edifício ou ao território, mas relacionado com uma rede de redes; não mais a serviço do desenvolvimento de um público ou população, mas uma ferramenta para a autonomia da multidão; não mais focado no objeto ou no patrimônio, como o conhecemos, mas nas dinâmicas comunicacionais. Um não-museu, um pós-museu para além do modelo da obra aberta. Um museu do acontecimento, do encontro entre praxis e poiesis.
Palavras-chave	Ciência da Informação, Museu, Capitalismo cognitivo, Multidão, Obra aberta
Disciplina	Museologia e Ciência da Informação
Localização	<a href="https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/431">https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/431</a>
Observações	

Nº	83
Referência	Furini, VR 2017, "' Dessa barranca do rio, ninguém me tira": Costumes, estratégias e

	resistências da população" maloqueira" de Porto Alegre (décadas de 50 a 70)',,, lume.ufrgs.br
Tipologia documental	<i>Resumo de Painei - Repositório Digital Lume UFRGS</i> PIBIC
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175634/Poster_52366.pdf?sequence=2">https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175634/Poster_52366.pdf?sequence=2</a>
Observações	

Nº 48	84
Referência	Figueiredo, RM 2016, 'A comunicação expositiva do Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri: Encontros e desencontros',,, repositorio-bc.unirio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	O Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri/ URCA, no Ceará, encontra-se em uma das regiões que concentra uma das maiores formações fósseis do mundo, a Chapada do Araripe, que preserva vestígios de vida de 110 milhões de anos atrás. Por esse motivo, a região torna-se o destino de muitos cientistas e pesquisadores da área de paleontologia. Porém, esse grande interesse demonstrado pelos exemplares fossilíferos acaba gerando a exploração e comércio ilegal de fósseis, tendo em vista que a região possui uma disparidade econômica e poucas oportunidades de trabalho. Atuando neste cenário, o Museu de Paleontologia da URCA, busca valorizar e proteger o patrimônio geológico da região, juntamente com o reconhecimento e a importância destes fósseis por parte da comunidade local. Tendo em vista que uma das maiores dificuldades encontradas pelos visitantes está na grande diferença temporal existente entre os fósseis e a história humana, o museu possui um grande desafio, o de relacionar tempo, acervo e público. Por isso, a proposta deste estudo é investigar a comunicação expositiva do Museu, buscando verificar a qualidade da comunicação entre o acervo e seu público, especialmente, no que diz respeito à relação institucional com a comunidade da região em que está inserido. A pesquisa partiu da gênese da formação das coleções científicas desde os Gabinetes de Curiosidades surgidos nos séculos XVI e XVII até o acervo de paleontologia integrar-se aos Museus de História Natural, avaliando a importância da institucionalização da ciência e sua relação com a concepção e formação dos museus, reverberando diretamente na organização dos museus de paleontologia brasileiros. Para verificar a efetividade comunicacional da exposição de longa duração do Museu de Paleontologia da URCA em relação à percepção dos moradores da região do Cariri, o estudo concentrou-se na obtenção de dados in loco através da aplicação de questionários e a realização de entrevistas com os proponentes do atual projeto expositivo. Estes dados foram posteriormente analisados e interpretados, dando subsídios para as discussões e a um entendimento maior sobre o que representa o Museu para o público da região do Cariri.
Palavras-	Comunicação museográfica, Exposição museológica, Museologia, Museu de paleontolo-

chave	gia
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11062/Ranielle_2016_disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1">http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11062/Ranielle_2016_disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1</a>
Observações	

Nº 49	85
Referência	OLIVEIRA, TR DE 'Conservação e Memória: O Conjunto de Fichas Cadastrais de Moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda do Museu da Maré', <i>pantheon.ufrj.br</i> ,
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	O presente trabalho objetiva desenvolver ações norteadoras para a Conservação do “Conjunto de Fichas Cadastrais de Moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda”, que serviram como registro de moradores removidos de favelas localizadas em áreas valorizadas da cidade para conjuntos habitacionais provisórios, geralmente distantes do Centro, o maior de todos foi construído na Maré, batizado de Nova Holanda, na década de 1960 durante o governo de Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara que tinha como política a repressão e a erradicação das favelas. Estas fichas são parte integrante do Arquivo Dona Orosina Vieira, acervo institucional do Museu da Maré inaugurado em 2006, reconhecido por ser localizado em uma favela e criado a partir da iniciativa de seus moradores. Ele narra o surgimento do bairro Maré, território periférico localizado às margens da Baía de Guanabara, próximo ao campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As ações formuladas baseiam-se em conceitos de teóricos da área de Conservação-Restauração, tendo em mente a missão do Maré da Maré, de preservação e divulgação de seu acervo, valorizando as narrativas de seus moradores, que por muito tempo foram omitidas pelos discursos historiográficos dominantes e pelas organizações oficiais de memória. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa contamos com o apoio do Laboratório de Pesquisa e Estudos de Obras Sobre Papel, do Curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes (EBA)/UFRJ e realizamos como procedimentos metodológicos: o levantamento bibliográfico sobre a temática abordada, o registro fotográfico de seu estado atual, catalogação, um de seus exemplares foi selecionado para a realização de exame organoléptico, mapeamento de danos e também foi desenvolvida uma ficha de diagnóstico. As fichas foram contabilizadas em um total de 2915, um banco de dados foi criado visando o armazenamento de suas informações e a redução de sua manipulação e elaboramos um gráfico com as localidades que aparecem nelas com maior frequência.
Palavras-chave	Conservação-Restauração, Museu da Maré, ADOV, Nova Holanda, Memória.
Disciplina	Conservação e Restauração
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9214/1/TROliveira.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9214/1/TROliveira.pdf</a>
Observações	

Nº 50	86
-------	----

Referência	Portilho, AS 2016, '... que emanam dos jardins suspensos de Ipanema e Copacabana': políticas governamentais, demandas por memória e produção do espaço no Museu de Favela do ...', bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	O foco central desta tese é a análise sobre a sistematização e uso da memória nas favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, localizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, tanto quanto a institucionalização destas memórias no Museu de Favela (MUF). Neste trabalho, procuro investigar como se estruturam políticas governamentais em torno da categoria “museologia social” que possibilitam a realização de projetos mobilizando demandas por visibilidade e reconhecimento. Tais demandas são encampadas por sujeitos que compõem segmentos marginalizados da sociedade e têm como objeto principal a publicização de memórias das favelas. Problematizo as estratégias utilizadas pelos agentes para realizar ações que têm a memória como “legado” de projetos de intervenção urbana, além de analisar suas maneiras de produzir novos significados e práticas no espaço da favela.
Palavras-chave	Museu de Favela, museu, museologia social, memória, política pública, favela
Disciplina	História
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16534">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16534</a>
Observações	

Nº	87
Referência	Zanardi, PP 2015, 'MUSEU ALUGADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO MUSEU DA MARÉ, RJ.', repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132889">https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132889</a>
Observações	

Nº 51	88
Referência	Ribeiro, GS, & Friaça, BB 2019, 'Arte e cultura: como acervos de museus contribuem na promoção da identidade sociocultural e formação cidadã da população da Baixada Fluminense?', <i>PÓS: Revista do Programa de Pós ...</i> , periodicos.ufmg.br
Tipologia documental	
Resumo	Três edições de um projeto de extensão para fomentar o contato de estudantes da Baixada Fluminense com museus da cidade do Rio de Janeiro foram realizadas com o intuito de promover a reflexão crítica sobre manifestações artísticas, culturais e



	<p>sociais ao longo do tempo, bem como suas reverberações na contemporaneidade. O objetivo deste trabalho é analisar esse projeto, sua pertinência, alcance e contribuições. Para tal, foram realizadas observações assistemáticas e participantes. As discussões geradas possibilitaram aos estudantes criar repertório artístico e cultural, além de questionar as imposições da sociedade no que tange à construção e manutenção de sua identidade sociocultural.</p>
Palavras-chave	Museu, Identidade, Poder
Disciplina	Urbanismo e Artes
Localização	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15721">https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15721</a>
Observações	<p>“Introdução Este trabalho leva em consideração a problematização feita por Néstor García Canclini (2015, 1994) de que, ainda que os bens e espaços culturais considerados patrimônio cultural sejam vistos como representantes da memória e da cultura de uma nação, à medida que desce o nível de escolaridade, esses valores são menos apreendidos e significativos. Conforme o autor, “ainda que o patrimônio sirva para unificar cada nação, as desigualdades em sua formação e apropriação exigem estudá-lo também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos” (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 195).</p> <p>No Brasil, entre os motivos para essa diminuição de apreensão e significação está a desigual oportunidade de acesso a tais bens, que se relaciona com a desigual oportunidade de acesso à educação, cultura e lazer para camadas de baixa renda. Além disso, esses bens são selecionados para ocupar destaque na história, na cultura e, conseqüentemente, na memória de um povo por uma elite que não elege objetos e espaços mais representativos das classes populares. Diante dessa realidade, foram desenvolvidas, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, três edições de um projeto de extensão intitulado “Arte e cultura: museus auxiliando no entendimento e na construção da sociedade”. O projeto tem por objetivo fomentar o contato da comunidade da Baixada Fluminense, estudantes do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ e comunidade em geral, com espaços de cultura e de memória da cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de exercitar a reflexão crítica sobre as manifestações artísticas, culturais e sociais ao longo do tempo, bem como suas reverberações na contemporaneidade, buscando problematizar suas relações com a sociedade e o cotidiano. Entre as propostas do projeto está a realização de um curso de extensão em que, após uma aula expositiva e dialógica sobre arte, cultura, patrimônio cultural, disputas de poder, acervos museais, lugar de fala, entre outros, visitamos quatro museus da cidade do Rio de Janeiro com estudantes da Baixada Fluminense. A ideia era criar uma oportunidade para debater com eles como os acervos desses espaços, suas localizações e arquiteturas reverberam suas identidades e culturas. A primeira edição do curso ocorreu entre agosto e dezembro de 2016; a segunda, de agosto a dezembro de 2017; e a terceira, entre novembro e dezembro de 2018. Nas duas primeiras edições, as aulas foram realizadas quizenalmente; na última, semanalmente”.9-10</p>

Nº	89
Referência	Museu, JMR García-do 'AS CERÂMICAS TIPO PENHA DO MUSEU DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO-GUIMARÃES', <i>ler.lettras.up.pt</i> ,

Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3668.pdf">https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3668.pdf</a>
Observações	Ver Ficha 75 – Fora do Escopo – 1988

Nº 52	90
Referência	Rennó, R 2016, 'Smart cities e big data: o cidadão produtor de dados', repositorio.ual.es
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O estudo trata do conceito de smart cities a partir das definições propostas pela mídia e iniciativa privada, analisando como a visão teleológica e neutra de tecnologia a favor da eficiência da cidade contrasta com as características do espaço urbano em suas distintas especificidades. Além disso, contrapõe exemplos de países emergentes onde os históricos processos de exclusão e controle adquirem um novo significado e anunciam impactos significativos a partir do conceito de gestão da cidade-máquina, passando da figura do cidadão à de produtor de dados que alimentam o próprio sistema, com impactos diretos nas questões de privacidade e liberdade de expressão no espaço público.
Palavras-chave	Smart cities; privacidade e vigilância; espaço público; tecnologias digitais.
Disciplina	Estudos Urbanos e Ciências Sociais
Localização	<a href="http://repositorio.ual.es/bitstream/handle/10835/4777/SMART%20CITIES%20E%20BIG%20DATA.pdf?sequence=1">http://repositorio.ual.es/bitstream/handle/10835/4777/SMART%20CITIES%20E%20BIG%20DATA.pdf?sequence=1</a>
Observações	“A internet vem sendo um laboratório de lutas entre visões de uma estrutura que tende à horizontalidade e outra que visa cada vez mais à centralização. Ao passarmos à cidade temos toda a população considerada neste sistema de geração de dados e não apenas os que têm acesso à internet (outro direito fundamental que nos países emergentes está longe de ser realidade) ou poder de consumo. Do mesmo modo que o espaço urbano vem sendo estudado e discutido por especialistas de várias áreas juntamente com a população, não pode haver uma sobreposição hierárquica da tecnologia para a gestão do espaço em detrimento a outras áreas de conhecimento. No momento em que os dados dos indivíduos são geradores de renda, devemos ampliar a discussão entre os distintos atores que participam da cidade sobre como estes dados são utilizados e o respectivo aparato legal necessário para garantir a privacidade e segurança dos cidadãos. Soluções que aparecem sem uma real reestruturação dos modos como as cidades com largo histórico de opressão e violência vem sendo geridas não serão mais inteligentes apenas com a ampliação de sistemas de monitoramento e geração de dados. A complexidade da cidade deve ser compreendida para além de um sistema gerado por empresas tecnológicas e controlado pelos interesses do poder público. Não se trata de rejeitar as tecnologias em sua conexão com a cidade. A presença do digital na cultura já mostra que o espaço urbano está por ele permeado. A questão que se coloca é que tipo de tecnologia queremos, levando em conta que não existe um conceito global e único de tecnologia, que está diretamente relacionado à questão de que cidade queremos. Se as smart cities forem

	<p>simplesmente o uso de produtos de grandes empresas de tecnologia que atribuirão uma nova camada de controle dos cidadãos e maior privatização do espaço público, então o resultado será a cidade servindo à tecnologia com a contínua redução da liberdade individual em propostas que de saída serão fracassadas. Seriam transpostos ao funcionamento da cidade inteligente os problemas já observados nas empresas proprietárias de TI: pouca ou nenhuma transparência no gerenciamento, acesso e compartilhamento dos dados, contratos de uso restrito e submissão ao ciclo da obsolescência imposto pela indústria. As perguntas de base que estes sistemas de dados gerados em nome da segurança e da eficiência suscitam, devem ser discutidas amplamente pela sociedade civil. Que dados podem ser colhidos sobre a cidade e os cidadãos? Não se trata de possibilidade apenas técnica, mas suas repercussões políticas, éticas e legais. Como devem ser processados, arquivados, qual o nível e o alcance e possibilidades de acesso a estes dados? Que leis existem ou precisam ser pensadas para regular estas máquinas de geração de dados sobre a cidade e a população? Até o momento estas discussões não vêm sendo realizadas com a amplitude e profundidade necessária, já que muitos dos cidadãos desconhecem por completo os projetos de smart cities que vem sendo implementados em suas próprias cidades. Com as smart cities torna-se imperativo trazer para a população, agora produtora em massa de dados de uma estrutura vertical, a discussão que relacione a tecnologia que queremos com a cidade que queremos". 21-22</p>
--	---

Nº 53	91
Referência	Coutinho, D da Silva 2016, 'Design, Cultura Material, Artesanato e Memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro',,, maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Esta dissertação propõe uma metodologia de análise da imagem em parceria com as artesãs da Rede do Museu de Favela do Rio de Janeiro (MUF) do material produzido e comercializado pela Rede. A pesquisa realiza oficinas colaborativas de criação da Exposição Mulheres Guerreiras 2013 com as artesãs do MUF realizando um diálogo com os conceitos de Memória, Cultura Material e Linguagem Pedagógica das Coisas do autor Pier Paolo Pasolini em conjunção com a metodologia do Design Participativo. Todas as etapas do processo foram construídas pelos moradores e pesquisadores envolvidos através das aulas expositivas e das oficinas práticas, nas quais é problematizada a ideia de uma identidade visual local. Os dados revelaram que a participação ativa dos moradores para construção de uma linguagem própria os transforma em potenciais multiplicadores dos fazeres locais, ressaltando os seus saberes da cultura material da comunidade envolvida.
Palavras-chave	Memória; Materialidade; Artesanato; Favela
Disciplina	Artes e Design
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28046/28046.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28046/28046.PDF</a>
Observações	

Nº	92
Referência	Resende, ÚV 2018, 'Museu do Amanhã e sua "Exposição": Narrativa musealizada em ambiência audiovisual digital',,, repositorio-bc.unirio.br

Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizada

Nº 54	93
Referência	Alves, LL 2018, 'MAR–Museu de Arte do Rio: entre dois Rios de Janeiros',,, pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	Apresenta o Museu de Arte do Rio, contextualizando ambas as edificações que formam um conjunto: o Palacete Dom João VI e a Escola do Olhar, as quais planam sobre distintas épocas da cidade – a Belle Époque carioca e a contemporaneidade. Pensando o Rio de Janeiro a partir das medidas políticas que se assemelham, independe do seu tempo, e como essa narrativa está relacionada a uma imagem construída para o exterior e suas consequências territoriais. A pesquisa está fundamentada em visitas de campo, em falas da própria instituição, entrevistas, embasado em autores como, por exemplo, Lilia Moritz Schawarcz e periódicos. Serão discutidos as medidas políticas que serviram de base para a idealização do o projeto do museu, o projeto do em si e os propósitos do museu em quanto uma nova instituição educadora que visa propagar a história da cidade e dar voz a artistas fora do eixo Rio-São Paulo.
Palavras-chave	Edificações Rio de Janeiro (RJ) História urbana Museu de Arte do Rio
Disciplina	Belas Artes
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6133">https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6133</a>
Observações	

Nº	96
Referência	Goeldi, PE '... . Hidrelétricas em florestas tropicais como fontes de gases de efeito estufa. In: A. Prudente & V. Galucio.(eds.) Biota Amazônica-Museu Goeldi 150 Anos. Museu', <i>researchgate.net</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	

Pala- vras- cha- ve	
Dis- cipli- na	
Loca- liza- ção	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Philip_Fearnside/publication/327755446_Hidreletricas_em_florestas_tropicais_como_fontes_de_gases_de_efeito_estufa/links/5ba2a45592851ca9ed15d3f8/Hidreletricas-em-florestas-tropicais-como-fontes-de-gases-de-efeito-estufa.pdf">https://www.researchgate.net/profile/Philip_Fearnside/publication/327755446_Hidreletricas_em_florestas_tropicais_como_fontes_de_gases_de_efeito_estufa/links/5ba2a45592851ca9ed15d3f8/Hidreletricas-em-florestas-tropicais-como-fontes-de-gases-de-efeito-estufa.pdf</a>
Ob- ser- va- ções	Fora do escopo

Nº 55	97
Referência	Fonseca, GG 2019, 'Vandalismo é patrimônio: o quadro de Pedro II no Museu Histórico Nacional (2017-2018)', , repositorio-bc.unirio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Esta pesquisa busca uma concepção de patrimônio em que o conflito, a contestação e o vandalismo sejam problematizadores da cultura, em contraponto a um silenciamento ou rejeição. O quadro de Pedro II do Museu Histórico Nacional, rasgado no rosto em 15 de novembro de 1889, data da proclamação da República, é um estudo de caso para analisar como os registros (e as lacunas) de sua trajetória na instituição nos permitem acessar temporalidades da sociedade. Analisamos os processos da Educação Museal que inserem o público e suas intervenções no patrimônio como parte do ciclo de vida do objeto, possibilitando ações direcionadas para a transformação social, em comparação com publicações da Educação Patrimonial, que propõem ações direcionadas para a preservação do objeto.
Palavras-chave	patrimônio, vandalismo, educação museal, educação patrimonial, memória social
Disciplina	Memória Social
Localização	<a href="http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Diss450.pdf">http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Diss450.pdf</a>
Observações	Não é a localização levantada no Publish or Perish

Nº 56	98
Referência	Brown, K, & Mairesse, F 2018, 'The definition of the museum through its social role', <i>Curator: The Museum Journal</i> , , Wiley Online Library
Tipologia documental	
Resumo	For the seventh time in its history the ICOM <sup>1</sup> Definition of a Museum is under discussion, with a view to possible revision to be agreed at the General Conference in Kyoto in September 2019. As part of this process, ICOFOM initiated an academic debate on the Definition, welcoming museologists, museum professionals and policy makers to a suite of symposia held around the world in 2017. In this article, we

	consider the results of symposia held in France, Argentina, Brazil, and Scotland in the light of the changing social role of museums, and reveal how the museum has come to perceive itself differently in relation to museum values, participation and social inclusion in Europe and Latin America.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/cura.12276">https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/cura.12276</a>
Observações	<p>“Transnational multi-lingual ICOFOM research into the Definition is highlighting the relationship between museums and society (in Europe and in Latin America), but this relationship differs from one continent to the next. For example, in Anglophone scholarship today, “social role” brings to mind the work of recent scholars such as Sandell (2002, 2016) or Crooke (2007), and is a contemporary critical issue linked to governmental agendas concerning social inclusion. At the same time, contemporary Latin American scholarship in Spanish and Brazilian Portuguese, foregrounded by ICOFOM-LAM, traces a way of seeing where the needs of people (rather than policy makers or funders) are taken as a starting point. For example, the 200-plus network of <i>museos comunitarios</i> (community museums) developed through Latin America since the 1990s or the <i>Museu das Remoções</i> (museum of removals) in Rio de Janeiro, established since the 2016 Olympics, are salient cases in point of museums that have found local solutions to their problems, outside established state structures. Community museums in Latin America are tackling a variety of problems pending their socio-cultural and political contexts, but it should be noted that the insights gained through such Latin American museum movements can offer insights that speak to global phenomena. Points of contact and divergence concerning the values and purpose of museums in the twenty-first century are therefore evolving in each continent, with our network's research feeding into a deeper understanding of the ICOM Definition and its ramifications in an unbalanced world”.</p>

Nº	99
Referência	Sant'Anna, SP 2013, 'Museus e cidade', <i>O Público eo Privado</i> , revistas.uece.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2575">https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2575</a>
Observações	

Nº	100
Referência	Lemos, MFT 2020, 'Mnemosine do Romantismo: A pintura no Museu Romântico da Quinta da Macieirinha', repositorio-aberto.up.pt
Tipologia documental	

Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/128103/3/410618.pdf">https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/128103/3/410618.pdf</a>
Observações	

Nº 57	101
Referência	Oliveira, LT 2019, 'A arquitetura como palimpsesto: análise teórica da intervenção de restauração do antigo Atheneuzinho, atual Museu da Gente Sergipana', , ri.ufs.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	Este trabalho pretende aproximar a formação em Arquitetura e Urbanismo das discussões em torno das intervenções em edificações preexistentes, sobretudo quando trata-se de uma arquitetura de interesse patrimonial. Para isso, esta monografia analisa a atualidade dos principais teóricos desta área de estudo, sua aplicação prática através de exemplos em diversos contextos histórico-geográficos e mais minuciosamente na intervenção da edificação do antigo Atheneuzinho para o seu novo uso, o Museu da Gente Sergipana. Com este estudo de caso, espera-se desmistificar a teoria e reaproximá-la da prática, e, assim, estimular em ambiente acadêmico a produção de projetos respeitosos com o patrimônio edificado.
Palavras-chave	Arquitetura Aracaju (SE) Conservação e restauração Urbanismo Patrimônio
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://ri.ufs.br/handle/riufs/10728">https://ri.ufs.br/handle/riufs/10728</a>
Observações	

Nº	102
Referência	Vico, RP, & Azevedo, FF de 2020, 'OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL EO USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO: O CASO EMBLEMÁTICO DA VILA AUTÓDROMO NO RIO DE JANEIRO', <i>Caminhos de Geografia</i> , , seer.ufu.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/49605">http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/49605</a>
Observações	

Nº	103
----	-----

Referência	Barros, CC de Azevedo 2020, 'MUSEU NACIONAL', academia.edu
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	105
Referência	Alves, JNV 2015, 'Da ruína ao museu', ubibliorum.ubi.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4967">https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4967</a>
Observações	

Nº 58	106
Referência	Vieira, MC 'Figurações Primitivistas: Trânsitos do Exótico entre Museus, Cinema e Zoológicos Humanos', academia.edu,
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	Os zoológicos humanos eram mostras ou exposições de povos tidos como exóticos, de grande apelo popular durante o século XIX e início do XX. Esta pesquisa analisa o fenômeno dos zoológicos humanos, focando-se em casos de exposições de indígenas Botocudos brasileiros, demonstrando as relações estabelecidas entre estas mostras populares e a fundação de museus etnográficos, sociedades antropológicas e o desenvolvimento do cinema. Esta tese está dividida em duas partes. A primeira discute e define o fenômeno dos zoológicos humanos em geral, analisando, em seguida, casos de exposição de indígenas no Brasil, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. A Parte II discute as influências dos zoológicos humanos sobre o campo das artes, analisando filmes alemães da República de Weimar que se utilizaram de cenografia e trupes de zoológicos humanos. Em seguida, analisa-se a influência dessas formas de espetáculo sobre o expressionismo alemão, discutindo, por fim, a crítica aos zoológicos humanos na literatura. Utilizando como fio condutor a análise da circulação e trânsito de pessoas, objetos e narrativas entre os campos do cinema, museus e zoológicos humanos, a presente tese constrói um mapa que atravessa campos científicos e do entretenimento popular, buscando compreender as estratégias utilizadas para a construção do exotismo: as figurações primitivistas que marcam o mercado do exótico.
Palavras-	Zoológicos humanos; Botocudos; Coleções etnográficas; Cinema etnográfico



chave	
Disciplina	Antropologia
Localização	shorturl.at/kmDVX
Observações	

Nº	107
Referência	DE, RÀE, & DE, MCH 'MINISTÉRIO DA CULTURA INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS', <i>museus.gov.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/Edital-PE-23-2016_Museu-Casa-Historica-de-Alcantara-Comprasnet.pdf">https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/Edital-PE-23-2016_Museu-Casa-Historica-de-Alcantara-Comprasnet.pdf</a>
Observações	Contrato de Pregão Eletrônico

Nº	108
Referência	Lemos, FMSS, Leite, JMF, & Silva, AA 2013, 'Cabido Metropolitano e Primacial de Braga: reabilitação e ampliação do Tesouro-Museu da Catedral de Braga-Arte Sacra: intervenção arqueológica (demolições ...)', repositorium.sdum.uminho.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23005/4/Mem%c3%b3rias_32.pdf">https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23005/4/Mem%c3%b3rias_32.pdf</a>
Observações	

Nº	109
Referência	Faria, G, Rangel, AMS, Ferreira, MP, & Cavalini, N 2018, 'Plano museológico Museu Casa de Rui Barbosa: 2018-2021', 187.0.209.89
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	

Localização	<a href="http://187.0.209.89/bitstream/20.500.11997/7274/3/Plano%20museol%C3%B3gico%20-%202018-2021.pdf">http://187.0.209.89/bitstream/20.500.11997/7274/3/Plano%20museol%C3%B3gico%20-%202018-2021.pdf</a>
Observações	Plano Museológico do Museu Casa de Rui Barbosa

Nº	110
Referência	Roberto, EMEL 2015, 'As" anti-cidades"?(Re) pensando turismo e património em territórios segregados: um estudo comparativo-museus de favela e as ilhas do Porto',,, repositorio-aberto.up.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84729/2/37326.pdf">https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84729/2/37326.pdf</a>
Observações	

Nº	111
Referência	Pires, VS 2014, 'Para o levante da multidão, uma museologia da monstruosidade?', <i>Revista Cadernos do Ceom</i> ,, bell.unochapeco.edu.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2604">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2604</a>
Observações	

Nº 59	112
Referência	PADULA, YB "'UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES": A INTERFACE SAÚDE/EDUCAÇÃO', <i>gema.uem.br</i> ,
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado (2016)
Resumo	As discussões sobre a interface saúde/educação são recorrentes há décadas e abordam assuntos que causam grande repercussão social, como por exemplo, a violência, saúde, desigualdade social, dentre outros. Cada um destes temas é dotado de uma complexidade particular, porém destacamos que a escola em geral está presente no interior destas discussões. A recorrência desta temática foi o estímulo para o desenvolvimento deste estudo cujo objetivo foi analisar as propostas e discussões do I Congresso Nacional de Saúde Escolar realizado, em 1941, na cidade de São Paulo e para tanto elencamos como fonte documental os Anais deste evento. Buscamos contex-

	tualizar os debates e sua relação com o momento histórico vivido pela sociedade brasileira da época. Entendendo que a saúde escolar é uma temática ampla, estruturamos nossa análise sob as seguintes categorias: saúde, educação e Higiene mental. Os altos índices de doenças, a situação de abandono em que se encontrava a infância e juventude, a necessidade de uma população sadia para produção são alguns dos fatores que permeiam as discussões a respeito da saúde escolar. Uma das questões que sustenta o debate em torno da saúde escolar, baseia-se no entendimento de que os cuidados a população infanto-juvenil seriam uma forma de resolução dos problemas sociais, e desta forma transformar as próximas gerações, ensinando-as hábitos higiênicos e salutar. Frente às necessidades político-sociais da época a ciência médica encontra espaço para legitimar-se como conhecimento capaz de orientar as intervenções em saúde escolar. Ao se apresentar como tema recorrente, entendemos que a saúde escolar traz consigo uma temática conhecida e debatida ao longo da história, porém carrega as singularidades de cada momento histórico da sociedade brasileira.
Palavras-chave	Saúde Escolar. Escola. Higiene mental. I congresso nacional de saúde escolar.
Disciplina	Psicologia
Localização	<a href="http://www.gema.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/pesquisa/teses-e-dissertacoes-defendidas/lista-de-arquivos-teses-e-dissertacoes/dissertacao_yuri.pdf">http://www.gema.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/pesquisa/teses-e-dissertacoes-defendidas/lista-de-arquivos-teses-e-dissertacoes/dissertacao_yuri.pdf</a>
Observações	

Nº	113
Referência	Zanatta, EM 2011, 'Museu Imperial, metodologias de conservação e restauração aplicadas às Coleções: uma narrativa', repositório-bc.unirio.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12493/eliane_marchesini_zanatta.pdf?sequence=1">http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12493/eliane_marchesini_zanatta.pdf?sequence=1</a>
Observações	

Nº 60	114
Referência	PUGLIA, L, & FROSSARD, M 2016, 'CAPÍTULO 3 Diagnóstico e alternativas às políticas de cultura na cidade do Rio de Janeiro', <i>O RIO</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém

Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://tinyurl.com/r4m8bmxid">https://tinyurl.com/r4m8bmxid</a>
Observações	<p>“O projeto de revitalização da região do Porto, Praça Mauá e adjacências tem sido objeto de muito debate. A prefeitura e os demais órgãos governamentais apresentam o Projeto Porto Maravilha como um dos principais legados dos grandes eventos sediados na cidade. O Rio de Janeiro, que já possuía fama internacional, agora está equipado com museus de última geração, meios de transporte mais modernos, como o VLT, e apresenta um projeto semelhante ao de outras grandes cidades do mundo. O principal debate sobre os novos equipamentos de cultura, como o Museu de Arte do Rio, Museu do Amanhã, Museu da Imagem e do Som, bem como os demais aparelhos culturais administrados pela prefeitura, diz respeito à implementação, manutenção e gerenciamento destes equipamentos. O projeto de revitalização da região portuária da cidade significa muito mais do que reformar prédios tombados e construir novos museus. O projeto, divulgado com empenho, envolve uma mudança urbanística e arquitetônica comparável aos projetos de Pereira Passos no início do século XX (DINIZ, 2012). As remoções, a abertura de novas avenidas e túneis, a criação de novos condomínios comerciais, a criação de praças, teleféricos, dentre outros, alteram a relação dos cidadãos com a cidade e ao mesmo tempo convidam a debater para quem será esse projeto. Os investimentos vultosos, os quais a prefeitura se orgulha de afirmar que não foram feitos por ela<sup>3</sup>, foram adquiridos junto a fundos federais e a investidores privados. O gerenciamento desses equipamentos também é realizado por organizações sociais, as OSs, que também são empresas privadas de participação pública. Enfim, este texto pretende analisar como estas modificações alteram o cenário urbano e cultural da cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que busca compreender o modelo de gestão escolhido pela prefeitura. Ao apresentar como esses projetos se relacionam como uma tendência global de organização das cidades, visamos demonstrar que a cidade preserve suas características e dinâmicas próprias. Por outro lado, o modelo de gestão, baseado em fundações público-privadas, também é uma tendência internacional que vem se tornando realidade na gestão pública brasileira.”40-41</p>

Nº 61	115
Referência	Damasceno, MO 2018, 'Entre ruínas e resistências:(r) emoções em Porto Alegre de 2013 a 2015',, lume.ufrgs.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Há mais de um século, a população pobre da cidade de Porto Alegre sofre com remoções. Percebe-se uma continuidade na prática de políticas remocionistas em determinadas localidades da capital gaúcha e, recentemente, milhares de pessoas foram removidas por causa de obras diretamente relacionadas a realização do megaevento Copa do Mundo 2014 na cidade. A forma como se deu esse processo revelou que as remoções e a conseqüente transformação urbana não ocorrem de forma pacífica. A cidade é uma arena de disputa entre diversos grupos sociais em que se confrontam diferentes discurs-

	<p>sos sobre a sua construção, ganhando corpo tanto em uma dimensão discursiva quanto material. São objetos de investigação deste trabalho as transformações que motivaram as desapropriações do espaço a partir das intervenções urbanas e as consequentes remoções de comunidades, favelas e vilas para a construção ou remodelação de arquiteturas urbanas, bem como o deslocamento das pessoas para outras áreas da cidade. Para tanto, são analisados três territórios que sofreram remoções: Ilhota, Dique e Tronco. A Ilhota é uma comunidade que sofreu a maior remoção da cidade no final dos anos 1970, devido a um processo de gentrificação do centro da capital Dique e Tronco são comunidades que sofreram remoções depois do anúncio que o megaevento Copa do Mundo seria realizado na cidade. Com a ideia de construir cartografias das remoções, três instrumentos foram utilizados como forma de registro, análise e construção de saberes para detectar pontos de conflitos e injustiças nesses territórios: (i) documentário sobre as violências sofridas e as resistências à remoção para a permanência de suas casas; (ii) mapas que evidenciam a periferização das pessoas que sofreram as remoções; (iii) levantamento dos mecanismos de remoção empregados pelo Estado para pressionar as famílias a saírem de suas casas. As cartografias das remoções buscam tratá-las como um dos eixos de um projeto de transformação profunda na dinâmica urbana, envolvendo de um lado novos processos de elitização e mercantilização da cidade, e de outro, novos padrões de relação entre o Estado e os agentes econômicos e sociais, marcados pela negação das esferas públicas democráticas de tomada de decisões e por intervenções autoritárias.</p>
Palavras-chave	remoção urbana; megaeventos; copa do mundo 2014; cartografia das remoções em Porto Alegre; movimentos de resistência.
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180102/001070045.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180102/001070045.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº	116
Referência	Chisholm, J 2020, 'MEMÓRIA NÃO SE REMOVE-Heritage as a Political Strategy Against Forced Eviction', <i>Periferia,, e-publicacoes.uerj.br</i>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48548">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48548</a>
Observações	

Nº 62	117
Referência	Marielle, M por, Anderson, FM, & Ribas, F de Cristina 'Negar cuidado', <i>academia.edu,</i>
Tipologia documental	Artigo

Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Artes
Localização	<a href="https://tinyurl.com/y32p7r9t">https://tinyurl.com/y32p7r9t</a>
Observações	<p>“Meu texto é uma abordagem breve sobre o cuidado a partir de uma série de questionamentos, e dialoga com as falas de Maria da Penha, Mariana Pimentel, Bianca Bernardo, Thelma Vilas Boas, Shona Macnaughton, Tania Rivera e mais participantes. Onde e como se estabelece o cuidado em nossas vidas é algo que tem a ver com as relações vitais, da ordem dos afetos de do cuidado da vida mesmo, mas também tem a ver com nossos direitos. O direito a sermos cuidadas e cuidados. Há um embate sobre a significação do cuidado que quero endereçar: o cuidado tomado como potência naturalizada (e sua relação com a produção de gênero), de onde emergem algumas posições feministas que negam essa naturalidade, e, por outro lado, na dimensão macropolítica, como o cuidado como direito é um dos primeiros direitos a ser tolhido tão logo a “crise” econômica é instituída pelo estado (e pelo capital). Não é à toa que na instituição da crise o estado sucateie ainda mais o sistema público de saúde e desarticule conselhos de proteção a diversos grupos e minorias. Na dimensão do cuidado como direito, a instituição da crise expõe uma série de violências, categorizações e paternalismos. A perda de direitos e o estado de “crise” geram uma série de efeitos, sobretudo uma despotencialização da capacidade de cuidar. O que chamo de um “bloqueio” da capacidade de cuidar. O texto se arrima portanto simultaneamente perto das domesticidades (familiaridades, coletividades, grupaldades...) do cuidado e dos conflitos que daí emergem, mas também das institucionalidades do cuidado, ou seja, das instituições responsáveis por cuidar, e as impossibilidades que se colocam com a imposição da crise. Em 2018, realizei uma oficina no Rio de Janeiro durante quatro finais de semana, na qual colocamos em prática – no corpo – o exercício de pensar e realizar redes de cuidado e redes de criação.ii Essa oficina, de certa maneira, deu continuidade a uma série de questões que trabalhamos no encontro em outubro, e fizeram parte dela algumas mulheres, artistas ou não, que estiveram presentes no encontro.”<sup>2</sup></p>

Nº	118
Referência	Bueno, DG de Figueredo 'Imagens de uma cidade em construção: Cesar Barreto e as fotografias dos canteiros de obras da Cidade Olímpica1', <i>portalintercom.org.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0619-1.pdf">https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0619-1.pdf</a>
Observações	2015

Nº	119
----	-----

Referência	Nunes, RR 2016, 'Smart cities e big data: o cidadão produtor de dados', <i>URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias ...</i> , ual.es
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 90

Nº 63	120
Referência	Mello, JSB de 2019, 'Por Outras Histórias Possíveis: o Ensino de História ea interculturalidade nos espaços museais', maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	A insurgência dos museus nas mídias nos últimos anos colocou em debate o papel social e educacional desses locais. Essa dissertação coloca em discussão a relação entre essas instituições e o ensino de História, tendo como preocupação as marcas da colonialidade do poder e do saber, que causam silenciamentos, exclusões e assimetrias. Dentro do projeto de modernidade ocidental, o poder colonial impõe a racionalidade e os valores europeus como os únicos referenciais aceitos para o alcance da civilização e do progresso. Nesse cenário, a pedagogia decolonial aparece como impulsionadora da necessidade de emergir novas formas de pensar, perspectivas “outras”, de modo a projetar alternativas interculturais. Para analisar essas questões recorre-se ao pouco investigado Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (MHCRJ), sua constituição, construção do acervo e as exposições mais recentes. Buscou-se explorar as narrativas circulantes do espaço e a possibilidade de construir outras a partir das fotografias das últimas mostras montadas por meio do acervo próprio: Os Múltiplos Olhares de Augusto Malta e Imagens do Rio Oitocentista. As reformas urbanas do Rio de Janeiro, os projetos urbanísticos em disputa e suas implicações sociais foram os temas suscitados para problematizar a imagem projetada da cidade, seu estado atual e a construção do conhecimento histórico. Portanto, esse trabalho aposta na possibilidade de um ensino de História intercultural em diálogo com narrativas de museus de História, de modo a promover encontros com o diferente e a ampliação das visões e leituras de mundo.
Palavras-chave	Museu; ensino de História; interculturalidade; colonialidade; Rio de Janeiro.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47688/47688.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47688/47688.PDF</a>
Observações	

Nº 64	121
Referência	Litwin, PC 2019, 'Documentos de memória do Hospital Colônia Santana: gestão de acervo do Centro de Documentação e Pesquisa do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina',

	repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	O presente estudo apresenta uma análise da gestão do acervo e coleções, em exposição, no Centro de Documentação e Pesquisa, que opera nas instalações do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina, por meio de um estudo de caso das ações de gestão deles. Para realizá-lo foi contextualizado, política e historicamente, o período que começa com a criação do Hospital Colônia Santana, e vai até a constituição do referido Centro de Documentação e Pesquisa. Os pressupostos teóricos e metodológicos do campo da museologia e da perspectiva antimanicomial, serviram como base para a análise do acervo e coleções as quais, em 2017, se encontravam na sala de exposições do Centro supracitado e que são o foco desse estudo. Com base na verificação do escopo e do formato das exposições ocorridas no local, usando as diretrizes éticas museais internacionais, bem como as proposições encontradas no estado da arte da museologia, tornou-se possível a categorização dos itens desse acervo e das coleções. Esses objetos passaram a ser compreendidos como patrimônio da saúde pública, por serem documentos de memória, que testemunham como a loucura era controlada principalmente dentro do antigo Hospital Colônia Santana.
Palavras-chave	Museologia. Gestão de acervos. Coleções. Memória. Loucura.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/200540/VERSA%cc%83O%20REPOSITO%cc%81RIO%20FINAL%20PDF%20A-%20co%cc%81pia%202.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/200540/VERSA%cc%83O%20REPOSITO%cc%81RIO%20FINAL%20PDF%20A-%20co%cc%81pia%202.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº 65	122
Referência	Arsenio, E, & Coelho, J 2017, 'The role of sustainable urban mobility plans and ICT to improve public space for social inclusion', ... & <i>CITY-BETWEEN DIGITAL AND ANALOGUE ...</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	The importance of sustainable urban mobility plans is widely recognized by local and regional authorities across Europe. Technological innovation opportunities such as those offered by current and future ICTs can contribute to help cities advance towards sustainable mobility and accessibility for inclusive public spaces. This chapter is built on an innovative living lab experience of the Intermunicipal Community of the Algarve (AMAL) and the regional transport authority, scientifically supported by LNEC, Portugal, which involved the development of the so-called "Actions Plans for Sustainable Urban Mobility" (PAMUS) for a network of sixteen cities. Following the Regional Operational Program 2014-2020, these plans were



	<p>meant “to support the transition to a low carbon economy in all sectors”, including mobility and transport. Inspired by best practices in Europe, the development of the regional PAMUS included several interconnected components: an integrated approach to the development of the plans, which included a collaborative platform of stakeholders, a formal commitment signed by all Mayors to work together towards sustainable mobility goals, a communication strategy to the public, the development of a technological component (app VAMUS), and the acquisition of cycling data using the STRAVA interface. This chapter focuses on the persuasive technological component of the PAMUS that included the development of the app VAMUS, meaning “we go together” (towards sustainable mobility goals). The app is currently available for two major mobile platforms (iOS and Android), and it provides information on the available public transport options and their connectivity, along with other indicators, as an incentive for users to choose more sustainable travel options. The PAMUS effort emerges as a disruptive approach to trigger behavioural changes for more cycling and walking (instead of car use), leading to enhanced public space and quality of life objectives, such as social inclusion and low carbon mobility.</p>
Palavras-chave	Sustainable mobility, ICT, app, public space, accessibility
Disciplina	Transportes
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/58329849/cultureterritories3.pdf?1549290739=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNeighbourhood_and_City_Between_digital_a.pdf&amp;Expires=1609091782&amp;Signature=GIUhYyv1vXX2KewQn1E8H7tdmQsQbfOQciGo20qk1DBnFZpSvimq6VO9ftR~4fQ~WHu0nI7PyiNAFd0-ilZQKA-zl9z~Evp1hbgUE3Rkk1cYArjRicqE~DmDz~FLtTTP2Utmsl29iGW373h618b5Pm0gz~q7ZBRfupCV2KjuSeO0xhPybchty6NuJ6HkcUUMwaEv11G~XrelFDKiHogoN-z9bPvR5-sXDkF3XX~W7vBT7vHs8vQ43hMXTJSf3jqwSCCHQO~uL~61DsbvuEKEUtYDDJhZgopwYJFIGFPH4WDarHFRY1nkOjVVrt9L5UqlpVVni8chZk3D4ZaLEB4R8vQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=110">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/58329849/cultureterritories3.pdf?1549290739=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNeighbourhood_and_City_Between_digital_a.pdf&amp;Expires=1609091782&amp;Signature=GIUhYyv1vXX2KewQn1E8H7tdmQsQbfOQciGo20qk1DBnFZpSvimq6VO9ftR~4fQ~WHu0nI7PyiNAFd0-ilZQKA-zl9z~Evp1hbgUE3Rkk1cYArjRicqE~DmDz~FLtTTP2Utmsl29iGW373h618b5Pm0gz~q7ZBRfupCV2KjuSeO0xhPybchty6NuJ6HkcUUMwaEv11G~XrelFDKiHogoN-z9bPvR5-sXDkF3XX~W7vBT7vHs8vQ43hMXTJSf3jqwSCCHQO~uL~61DsbvuEKEUtYDDJhZgopwYJFIGFPH4WDarHFRY1nkOjVVrt9L5UqlpVVni8chZk3D4ZaLEB4R8vQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=110</a>
Observações	

Nº	
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 66	124
Referência	Domingues, J, & Pragmácio, M 2019, 'Memória, patrimônio cultural ea questão urbana no Rio de Janeiro: contradições, conflitos e desafios',,, books.google.com
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/n6msf9td">https://tinyurl.com/n6msf9td</a>
Observações	“A seguir são apresentadas cinco experiências desenvolvidas no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro, em diálogo com as reflexões, práticas e críticas e críticas da museologia social. Por um lado, é importante dizer que a apresentação dessas experiências não tem caráter exemplar, no máximo elas devem ser consideradas como inspirações; por outro lado, convém registrar que o ponto de partida para a citação dessas experiências são as relações diretas de alguns autores com esses processos:” Não foi possível identificar a página.

Nº	125
Referência	Furini, VR "“Dessa barranca do rio, ninguém me tira”": Costumes, estratégias e resistências da população', <i>arquivofee.rs.gov.br</i> ,
Tipologia documental	Painel de Iniciação Científica (Anais de Evento)
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/20170724vinicius-reis-furini.pdf">https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/20170724vinicius-reis-furini.pdf</a>
Observações	

Nº	126
Referência	Paulo, MAR 'ESTRUTURA ADMINISTRATIVO-BUOCRÁTICA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA EM 1910', <i>sbhe.org.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/592.pdf">http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/592.pdf</a>
Observações	Não há menção a data.

Nº	127
Referência	M-Keivani, R, Melo, E Omena de, & Brownill, S 2020, 'Durable inequality and the scope for pro-poor development in a globalising world: Lessons from Rio de Janeiro', <i>City</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13604813.2020.1782091?casa_token=oaMgPbqsdv0AAAAA%3A0JtuB3otW8gcpbBQGtIs0CzxbwjutBb8DMiMCV_FcqnVlb9mRxMuXKvqtu1nLC3a76e3brH8MZ-V">https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13604813.2020.1782091?casa_token=oaMgPbqsdv0AAAAA%3A0JtuB3otW8gcpbBQGtIs0CzxbwjutBb8DMiMCV_FcqnVlb9mRxMuXKvqtu1nLC3a76e3brH8MZ-V</a>
Observações	

Nº 67	128
Referência	Bogado, D, Manzano, N, & Solanas, M 'WALKING WITH THE RIGHT TO THE CITY', <i>Social Ecology and the Right to the City</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Arquitetura e Planejamento Urbano
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2amc4b3n">https://tinyurl.com/2amc4b3n</a>
Observações	"This volume arose from proceedings of the conference The Right to the City and Social Ecology—Towards Ecological and Democratic Cities, held in Thessaloniki 1–3 September, 2017. The conference was organized by the Transnational Institute of Social Ecology (TRISE). TRISE is an association of activists and intellectuals based in Europe, who are concerned with current socio-ecological crises. It was founded in Greece in 2013 and focuses on research, education, and training. The association initiates, supports and facilitates research on social ecology, urban social move-

	<p>ments, and the democratization of society. Historically, its inspiration can be traced to Vermont, US, where the Institute for Social Ecology was co-founded by Murray Bookchin and Dan Chodorkoff in 1974. At the heart of the organization’s mission lies the theory of social ecology. Multiple definitions of social ecology exist. However, TRISE largely follows the innovative philosophy of Murray Bookchin, as well as other writers and activists who developed his work. TRISE aims to foster and develop social ecological analysis and practice that can be adopted for the struggles to come. This book answers this call, exploring the contemporary discourse surrounding urban rights—the right to the city—and presents a selection of new essays on social ecology. This volume seeks to bring the ideas of social ecology into conversation with the worldwide call for the right to the city, thereby challenging and extending existing discussions on both topics in a fruitful cross-fertilization. Theories and practices need to be discovered, engaged with, and transformed in order to build an effective culture of resistance.”<sup>1</sup></p> <p>“The phenomena of squatting and occupying currently constitute global methods of resisting the “neoliberal” dynamic of the global metropolis. We use the term occupy to refer to housing occupations that seek to guarantee shelter for populations without resources, and the term squat to allude to occupation processes that try to generate spaces for public meetings and political discussions. In Brazil and Spain, both kind of spaces push towards claiming social rights. Some essential similarities and differences between them will be described in this article. The neoliberal city is built on a new form of “entrepreneurial” urban management, whose consequences are, among others, the accentuation of territorial segregation (Harvey, 2005, 2011). In the current global context, the action of civil society culminates in movements demanding the accomplishment not only of basic needs, but also the quality of urban life: the right to the city (Lefebvre, 1968). This right is under constant threat by the gradual imposition of financial interests in global cities (Sassen, 2001). However, insurgent social networks make possible to endorse local struggles on a global scale. Both local and global trends, occupying and squatting have been described together as a single phenomenon, a product of comparable economic and institutional processes, in both the global North and South (Aguilera and Smart, 2016). This essay presents the hypothesis that the similarities between occupying and squatting in Spanish and Brazilian metropolises are the counterpart to the homogeneous processes of transforming housing and the city into speculative objects (Rolnik, 2016; Harvey, 2005; 2011), with specific, but equivalent, popular reactions.”<sup>155</sup></p>
--	--

Nº 68	129
Re- fe- rên- cia	Sibila, V, & Leite, PP 2016, 'Excessos e Museologia Nómada',, researchgate.net
Ti- po- lo- gia do- cu- men	Artigo, Ensaio

tal	
Re-su-mo	Não contém
Pa-la-vras - cha-ve	Não contém
Dis-ci-pli-na	Museologia Experimental
Lo-cal-i-za-ção	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Pedro_Leite3/publication/301748740_Informal_Museology_Studies_12_spring_2016_38_Dialogos_sobre_narrativas_sobre_o_Excesso_Fundamentos_de_uma_Museologia_Nomada/links/5729d1f008aef5d48d300b3e/Informal-Museology-Studies-12-spring-2016-38-Dialogos-sobre-narrativas-sobre-o-Excesso-Fundamentos-de-uma-Museologia-Nomada.pdf">https://www.researchgate.net/profile/Pedro_Leite3/publication/301748740_Informal_Museology_Studies_12_spring_2016_38_Dialogos_sobre_narrativas_sobre_o_Excesso_Fundamentos_de_uma_Museologia_Nomada/links/5729d1f008aef5d48d300b3e/Informal-Museology-Studies-12-spring-2016-38-Dialogos-sobre-narrativas-sobre-o-Excesso-Fundamentos-de-uma-Museologia-Nomada.pdf</a>
Ob-ser-va-ção	<p>“Neste número dos Informal Museology Studies apresentamos dois textos sobre a problemática do Excesso em Museologia. Resultam dum Seminário de Investigação realizado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Março de 2016 O primeiro de Vladimir Sybilla Pires interroga as manifestações urbanas no Brasil que serviram de palco para um levante (em português europeu levantamento). Esse insurgência multidão dá origem a uma pluralidade singularidades cuja excedência criativa põe a forma-museu moderna (institucional) em xeque. Estaremos perante um novo modelo de Museu, interrogamos Vladimir, contrapondo ao museu centrado no edifício ou ao território. Um museu não ao serviço duma comunidade, mas um museu ferramenta de construção da autonomia cidadã. Um museu de abandona o paradigma do património e se centra agora nos processos comunicacionais. Como propõe Vladimir “um não-museu, um pós-museu, um museu do acontecimental, do encontro entre praxis e poiesis”. No segundo texto republicamos uns fragmento de Walter Benjamin em “Passagens” onde o autor interroga o movimento nas cidades. Recordamos que Benjamin intui, como nenhum outro autor, por um lado a fragmentação da ideia do “património”; e a alienação que o consumo lhe acrescenta. Se a construção da mercadoria sobre os objetos da cidade leva ao adormecimento dos protagonistas, nessa mesma cidade despertam a forças transformadores que levam à emancipação dos protagonistas. Estes fragmentos, são eles próprios uma interrogação estimulante.”<sup>6</sup></p>

Nº	130
Refe-rência	Cocco, G, Mend es, A, & Szaniecki, B 2012, 'Devir mundo da favela e devir favela do mundo', <i>Le monde Diplomatique Brasil</i> ,, academia.edu
Tipo-logia do-cu-men-	

tal	
Re- sumo	
Pala- vras- chave	
Disci- plina	
Loca- liza- ção	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37058959/BS_Devir_mundo_da_favela_e_devir_favela_do_mundo_com_G.Cocco_e_A.Mendes.pdf?1426948803=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDevir_mundo_da_favela_e_devir_favela_do.pdf&amp;Expires=1609098299&amp;Signature=cmw5WZJTycnuDGIJkcFeKhAlaoV5Io1PliZIT8jEdmKwmeETkGUm3-0yevm5B-EMm9ixR5~V6-lv~F3L1bUCqX5ExVFZYzm4oX8WmDYU2qmq4N16TI3bjiJqsSckgCOB92qLPLsMMYL-pGJZLTG3d0cYjCGI50IZqyPAu0oa02iCMUtsqR81vucHoKaK08szEsPnn9iGEyPK8mEst0p5DJXHbcOc93CLpM9Z9YllpSXkBYixlx3Zzk58clyBkJLQ8eWKTH-vJhU8Y3oaKZGaK1bTTJbhxn1EjpbIXBERgL8xq4QAeY59SLfMfL7nJxAqXoQC-ztUxwfWn0lnbyA__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37058959/BS_Devir_mundo_da_favela_e_devir_favela_do_mundo_com_G.Cocco_e_A.Mendes.pdf?1426948803=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDevir_mundo_da_favela_e_devir_favela_do.pdf&amp;Expires=1609098299&amp;Signature=cmw5WZJTycnuDGIJkcFeKhAlaoV5Io1PliZIT8jEdmKwmeETkGUm3-0yevm5B-EMm9ixR5~V6-lv~F3L1bUCqX5ExVFZYzm4oX8WmDYU2qmq4N16TI3bjiJqsSckgCOB92qLPLsMMYL-pGJZLTG3d0cYjCGI50IZqyPAu0oa02iCMUtsqR81vucHoKaK08szEsPnn9iGEyPK8mEst0p5DJXHbcOc93CLpM9Z9YllpSXkBYixlx3Zzk58clyBkJLQ8eWKTH-vJhU8Y3oaKZGaK1bTTJbhxn1EjpbIXBERgL8xq4QAeY59SLfMfL7nJxAqXoQC-ztUxwfWn0lnbyA__&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Ob- ser- va- ções	

Nº	131
Referência	Szwarcwald, F 2019, 'Fotografias do segundo encontro do projeto'Hospedando Eco-sensorial',,, acervo.memorialage.com.br
Tipologia documental	Fotografia
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://acervo.memorialage.com.br/xmlui/handle/123456789/14550#page/1/mode/1up">http://acervo.memorialage.com.br/xmlui/handle/123456789/14550#page/1/mode/1up</a>
Observações	

Nº 69	132
Referência	Leite, LP 2019, 'Museologia Social e novos atores no Rio de Janeiro', <i>Cadernos de Campo (São Paulo 1991)</i> ,,, periodicos.usp.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente trabalho visa tecer relações entre as novas produções museais e museológicas presentes na cidade do Rio de Janeiro com discussões sobre patrimônios, memórias e museus. O estudo foi pautado na corrente teórica conhecida como Mu-

	seologia Social ou Sociomuseologia. Também são analisadas as mudanças paradigmáticas que essa maneira de pensar e fazer museus traz para a área. Ademais, discutimos alguns projetos museais inovadores pautados nesses princípios, como o Museu de Favela Cantalo Pavão-Pavãozinho (MUF), e como a entrada de novos atores nas discussões sobre os patrimônios, os museus e as memórias abre a área para novos modos de pensar, fazer e conceituar esses campos, mostrando que há sempre uma disputa política e de poder nesses movimentos
Palavras-chave	Museologia Social; Museu de Favela; Patrimônio; Memória; Poder.
Disciplina	Psicologia
Localização	<a href="http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/153701/154321">http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/153701/154321</a>
Observações	

Nº 70	133
Referência	Ferraz, NS 2016, 'Mapeamento das favelas cariocas: do vazio cartográfico ao espetáculo da integração', <i>IV Encontro da Anparq,, anparq.org.br</i>
Tipologia documental	
Resumo	A consolidação da área favelizada do Rio de Janeiro está no cerne de incontáveis decisões políticas. Apesar disso, a favela ainda hoje não é representada na cartografia oficial da mesma forma que os demais espaços da cidade, e essa diferença em relação à dita "cidade formal" pode ser facilmente notada no Direito, nos mapas e em diversas outras representações sociais. Estas representações legitimam e apoiam determinadas ações, como as amplas remoções empreendidas recentemente pelo poder público no contexto de preparação da cidade para megaeventos esportivos. Contraditoriamente, nas mesmas regiões onde ocorrem as remoções (o cinturão olímpico <sup>1</sup> ), percebemos nos últimos seis anos um crescente interesse dos poderes público e privado em inserir as favelas nos mapas. A partir de 2007, após o Rio se candidatar à sede dos Jogos Olímpicos de 2016, foram criados cerca de 16 projetos de mapeamento de favela, sendo a maioria conduzida de forma participativa. Para entender esta aparente virada de interesse relativa à representação das favelas nos mapas, desenvolvemos uma pesquisa histórica. Cruzamos os dados dos mapas cariocas (em plantas cadastrais, mosaicos aerofotográficos, decretos, projetos etc), especialmente da região da favela do Cantagalo, com o contexto histórico de lutas pela permanência no território e os direitos adquiridos paulatinamente por seus moradores. Nosso objetivo é pôr à mostra, visual e criticamente, a gradual conversão de uma parcela das favelas do Rio de Janeiro de espaços opacos em espaços luminosos <sup>2</sup> (Santos, 1996). Percebemos que os mapeamentos participativos digitais de favelas do Rio podem, de fato, resultar em meios de integração e inclusão, como prometem seus propositores. Todavia, contribuem para a criação de novas formas de segregação e exclusão, as quais merecem ser debatidas. Com isso, percebemos que não há novidade nesta afirmativa, uma vez que apenas dá seguimento a uma longa (e histórica) relação de exceção entre Estado e favela
Palavras-chave	Favela. Mapeamento. História do Rio de Janeiro
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	"Sabemos que o pesquisador é fruto de seu tempo e, dessa forma, o passado sempre vai ser visto pela ótica do presente e o presente sempre será lido de acordo com

	o seu lugar social e sua identificação cultural, que tornam a subjetividade do pesquisador apequenada. Sabendo disso Pasolini (1990) alerta para a necessidade de se buscar uma desnaturalização do olhar. Ele aponta a alteridade (pesquisa histórica) como um dispositivo capaz de promover esse distanciamento do objeto estudado. Além do recorte conceitual da alteridade, para que a pesquisa obtivesse êxito, foi utilizado como principal recorte espacial a favela Cantagalo, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. O que guia esta investigação são as relações entre ações políticas e transformações socioeconômicas em favelas ao longo da história e suas formas de representação cartográfica pelo Estado – entendendo a cartografia, ela também, como uma forma de ação política. Neste rastro, buscaram-se pistas sobre a atual virada de interesse na representação destes territórios.”5
Observações	

Nº	134
Referência	FERRARI, MV 2020, 'LA M' EMOIRE COLLECTIVEA L' EPREUVE DU N' EOLIB' ERALISME: CE QUE NOUS APPREND L'EXP' ERIENCE DE LA VILA AUT' ODROMO', <i>Passages de Paris</i> , apebfr.org
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.apebfr.org/passagesojs/index.php/pp/article/view/81">http://www.apebfr.org/passagesojs/index.php/pp/article/view/81</a>
Observações	

Nº	136
Referência	Carvalho, CSR de 2014, 'CONSERVAÇÃO DAS SUPERFÍCIES ARQUITETÔNICAS DO', casaruibarbosa.gov.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.casaruiarbarbosa.gov.br/dados/DOC/Bolsistas_2014/FCRB_Tecnologia_da_Cor.pdf">http://www.casaruiarbarbosa.gov.br/dados/DOC/Bolsistas_2014/FCRB_Tecnologia_da_Cor.pdf</a>
Observações	Ver Ficha 69

Nº	137
Referência	Cocco, G 2020, 'A pseudomorfose da esquerda', <i>O pânico como política: o Brasil no imaginário do ...</i> , books.google.com



Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://tinyurl.com/jucy3aar">https://tinyurl.com/jucy3aar</a>
Observações	

Nº	139
Referência	Gil, C, Gambin, A, Kammsetzer, C, Wobeto, D, Teixeira, L, & ... 2014, 'Memórias da Vila Dique–3ª edição',, repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117311/Cultura%20-%20Mem%c3%b3rias%20da%20Vila%20Dique%20-%203%c2%ba%20Edi%c3%a7%c3%a3o%20%281%29.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117311/Cultura%20-%20Mem%c3%b3rias%20da%20Vila%20Dique%20-%203%c2%ba%20Edi%c3%a7%c3%a3o%20%281%29.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº 71	140
Referência	Soares, BB 'Can community museums regenerate the past? Local experiences for a decolonial reflection', <i>COMMUNITY HERITAGE</i> ,, communityheritage.wp.st-andrews ...
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Historically, museums in the so-called West have exercised their colonial power by the appropriation of non-European cultures and communities as museum objects. The discourse on the decolonisation of museums that was introduced in museology at the beginning of the 1970s opened the doors to a more critical approach regarding the notions of “museum” and “heritage”, unveiling their status as concepts that are culturally embedded in European tradition. In a multicultural world where museums are constantly being challenged by communities in what concerns the democratisation of representation, the involvement of minority groups in the management of museums has fundamentally changed the local realities through social experimentation with cultural heritage. In some cases, minority groups have accepted the condition of their objectified representation in order to subvert the museum, negotiating new uses and forms of this political device. In these “community museums”, the disputed authority of the “curator” allows community leaders to become the very actors and narrators of their subaltern representation. But can community participation change the process of historical objectification in the museum institution? How is community action contributing to raise a decolonial con-

	sciousness in the foundations of museum practice? This presentation will explore how some contemporary appropriations of the museum in the Brazilian context may contribute to a global reflection on the social and political role of community museums
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="http://communityheritage.wp.st-andrews.ac.uk/files/2020/06/Community-Heritage-Proceedings-Nov-2019.pdf#page=7">http://communityheritage.wp.st-andrews.ac.uk/files/2020/06/Community-Heritage-Proceedings-Nov-2019.pdf#page=7</a>
Observações	

Nº	142
Referência	Bachmann, MGXF 2009, 'Reabilitação Sustentável da Baixa Pombalina', <i>Artitextos</i> , repository.utl.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1471/1/Maria%20Graca%20Bachmann.pdf">https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1471/1/Maria%20Graca%20Bachmann.pdf</a>
Observações	

Nº 72	143
Referência	Melo, MP de, & Gonçalves, TGB 'GOVERNANÇA EMPREENDEDORISTA E MEGAVENTOS ESPORTIVOS: REFLEXÕES EM TORNO DA PRAÇA MAUÁ COMO UM CENÁRIO-LEGADO', <i>eng2016.agb.org.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Geografia, Planejamento Urbano
Localização	<a href="http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467334414_ARQUIVO_ENG_completo.pdf">http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467334414_ARQUIVO_ENG_completo.pdf</a>
Observações	“Diante do exposto, esse trabalho propõe um ensaio dialogando a produção do espaço urbano carioca sob a emergência de cenários na cidade entendidos como produtos ou mercadorias do espetáculo, a saber: a Praça Mauá de hoje, o Museu de Arte do Rio, inaugurado em março de 2013 e o Museu do Amanhã, inaugurado em dezembro de 2015”. 4

Nº	144
Referência	Leite, LP, & Vasconcellos, PJLD 2020, 'Cidade, patrimônio e favela no Rio de Janeiro', <i>Revista</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	145
Referência	PÚBLICO-PRIVADAS, PU, & NAS, PUECN 'DIREITO À MORADIA COMO DIREITO À CIDADADE', <i>anparq.org.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	Não foi possível abrir o arquivo.
Observações	

Nº 73	146
Referência	Boita, TW 2018, 'Cartografia etnográfica de memórias desobedientes', repositório.bc.ufg.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	O presente trabalho procura refletir sobre as memórias de sexualidades desobedientes em exílio. Para tal, busca a partir de uma cartografia, mapear os indicadores de memória e museus que abordam memórias de sexualidades não normativas. Pretende-se refletir sobre as memórias traumáticas e sua influência nas memórias exiladas. Por fim, busca-se apresentar as ações desenvolvidas no Museu de Favela, com o Projeto Memória LGBT no MUF, desenvolvido em 2015 a partir dos recortes interseccionais de gênero, raça e classe. Em conjunto, busca-se debater sobre o espaço das memórias da comunidade LGBT brasileira e das sexualidades não normativas pelo mundo
Palavras-chave	Sexualidade Etnografia Memória

	Museologia comunitária AIDS
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9364/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Tony%20Willian%20Boita%20-%20202018.pdf">https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9364/5/Disserta% c3%a7%c3%a3o%20-%20Tony%20Willian%20Boita%20-%20202018.pdf</a>
Observações	

Nº	147
Referência	Carvalho, CSR de 2012, 'CMI Centro de Memória e Informação CMI', casaruibarbo- sa.gov.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.casaruiarbosa.gov.br/arquivos/file/o%20-%20ClaudiaCarvalho.pdf">http://www.casaruiarbosa.gov.br/arquivos/file/o%20-%20ClaudiaCarvalho.pdf</a>
Observações	Ver Ficha 69

Nº	148
Referência	Hollanda, BB de, & Fonseca, VL 2020, 'Memória olímpica como legado? A Funda- ção Casa de Rui Barbosa e seu projeto institucional de preservação da memória das Olimpíadas Rio 2016: Olympic ...', <i>Revista Argumentos</i> ,, periodi- cos.unimontes.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	149
Referência	Costa, K, Delambre, D, & ... 2014, 'Ecomuseu Nega Vilma: patrimônio cultural no pico do Santa Marta', <i>Revista Cadernos do ...</i> ,, bell.unochapeco.edu.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	

Localização	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2612">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2612</a>
Observações	

Nº 74	150
Referência	Simon, VK, & Braathen, E 2019, 'Collective heritage and urban politics: an uncertain future for the living culture of Rio de Janeiro?', <i>International Journal of Heritage Studies</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	Artigo
Resumo	During the last decades, significant urban transformations in Rio de Janeiro led to rapid structural changes in the historic core of the city and the favelas. The following population removals, evictions and physical destruction of neighbourhoods resulted in diverse local and national forms of protest and resistance, which were widely reported in the media. But what of the cultural heritage attached to the displaced people and the disrupted places? Our research focusses on the collective nature of this cultural heritage. We argue that the current dominant political and planning decisions cannot accommodate the city's living cultural heritage which relies on everyday human activities and draws on collective social practices, everyday knowledge and rituals of social life. To support our arguments, we conducted an analysis of Rio's collective heritage with regard to urban politics using the case study of two favelas, Vila Autódromo and Morro da Providência, which have been severely affected by urban transformations during the planning of the mega-events of 2014 and 2016. Our results reveal that urban transformations cause undue stress on the collective heritage of these communities. They also highlight the potential of using collective heritage in participation processes in urban development projects as an insurgent factor.
Palavras-chave	Rio de Janeiro (Brazil), collective cultural heritage, urban transformations, political hegemony, population, displacement, favela resistance
Disciplina	Patrimônio Cultural
Localização	<a href="https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13527258.2018.1493700?casa_token=ouhbotPNVIAAAAAA%3A6HmO2h-HBpTt5QcHrp0Q_M7-MbFphBb-UGX7Pea8XNqMukh2CDysve5mCT8buuPmgk2eEx8Aht7g">https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13527258.2018.1493700?casa_token=ouhbotPNVIAAAAAA%3A6HmO2h-HBpTt5QcHrp0Q_M7-MbFphBb-UGX7Pea8XNqMukh2CDysve5mCT8buuPmgk2eEx8Aht7g</a>
Observações	

Nº	151
Referência	Souza, FAS de 2017, 'Continente selvagem: o caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial', <i>Esboços: histórias em contextos globais</i> , dialnet.unirioja.es
Tipologia documental	Resenha
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7010393.pdf">https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7010393.pdf</a>

Observações	
-------------	--

Nº	152
Referência	Carvalho, FC 2013, 'ST3-1163 O TURISMO COMUNITÁRIO NA FAVELA SANTA MARTA: PERSPECTIVAS SOBRE O PROGRAMA RIO TOP TOUR NO CONTEXTO EUFÓRICO DO RIO ...', <i>Anais ENANPUR</i> ,, anais.anpur.org.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/235">http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/235</a>
Observações	

Nº 75	154
Referência	Pereira, VC 2017, 'A museologia social na prática comunitária: o caso da Casa da Memória Viva de Ceilândia, DF', <i>Mosaico</i> ,, dialnet.unirioja.es
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo apresenta as ações desenvolvidas pela Casa da Memória Viva de Ceilândia junto à comunidade escolar, desta que é a mais populosa região administrativa do Distrito Federal. As atividades têm como foco a valorização da cultura e história locais, e principalmente da memória dos candangos, trabalhadores que participaram da construção de Brasília, que por vezes são deixadas de lado pela história oficial. Este museu comunitário os define como memória viva, que seriam pessoas portadoras de uma memória coletiva. Por meio de entrevistas com os colaboradores da instituição e a revisão bibliográfica especialmente da Nova Museologia, procuramos mostrar como esse museu desenvolveu desde a sua fundação trabalhos em conjunto com a comunidade local.
Palavras-chave	Patrimônio, Memória, Ceilândia-DF, Candangos, Museologia
Disciplina	Ciência da Informação
Localização	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6091790">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6091790</a>
Observações	

Nº	155
Referência	Facina, A 2020, "' A Escada da Memória": Arte e sobrevivência no Complexo do Alemão', <i>ILUMINURAS</i> ,, seer.ufrgs.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-	

chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/104698">https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/104698</a>
Observações	

Nº	156
Referência	Inatomi, KLS 2014, 'Perspectivas de virtualidade para a Casa da Memória Viva de Ceilândia',,, bdm.unb.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://bdm.unb.br/handle/10483/8407">https://bdm.unb.br/handle/10483/8407</a>
Observações	

Nº 76	157
Referência	Amorim, DL 2016, 'Emergência de novas memórias nos espaços museais: a musealização de si e de nós',,, repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	TCC de graduação
Resumo	Este estudo apresenta, de forma historicizada, as mudanças que ocorreram no processo musealização, a partir do evento realizado em 1972, denominado Mesa Redonda de Santiago do Chile, promovido pelo Comitê Internacional de Museus - ICOM, que alargou o conceito de museu e ampliou o foco desses espaços culturais até então demarcados por seleções e centrados na construção de uma identidade nacional, deslocando-o para a valorização da diversidade cultural e o colecionismo de caráter autorreferencial. No presente trabalho, será examinado, sob o influxo dessas transformações, o surgimento de novos espaços museais que emergiram com a proposta de se constituir em um lócus de encontro dos indivíduos e dos grupos com sua história, sua cultura e suas identidades, estudando-se de forma exemplificativa a materialização dessas mudanças no Museu da Maré, no Rio de Janeiro, e no Museu das Relações Partidas, em Zagreb, Croácia.
Palavras-chave	História da museologia. Museu. Memória e contra memória. Diversidade cultural.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179553/TCC_Divaldo_Luiz_de_Amorim_Versao_Final.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179553/TCC_Divaldo_Luiz_de_Amorim_Versao_Final.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Observações	

Nº 77	158
Referência	Barre, J de La 2016, 'Vigilância festiva: o Rio dos megaeventos', <i>Revista ECO-Pós</i> , revistaecopos.eco.ufrj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Centro privilegiado do signo, da mídia e do código, a cidade é o lugar do consumo visual por excelência, proporcionando uma sensação de simultaneidade e de interconexão global. Verificamos isso particularmente em tempos de megaeventos, quando as cidades-sede recebem um influxo extraordinário de visitantes estrangeiros e entram num transe hiper-mediático. Em preparação para os megaeventos de 2014 e 2016, a cidade do Rio de Janeiro tem experimentado um choque de agenda permanente, caracterizado por importantes projetos de renovação urbana, acompanhados por remoções e pacificação de favelas. A afirmação oficial do Rio como cidade global e de megaeventos (esportivos e outros) corresponde uma vontade hegemônica de misturar espaço público festivo e publicidade. A partir dos trabalhos de Sharon Zukin e de David Harvey sobre consumo visual e controle social, questionamos a produção desse modelo de cidade festiva. No Rio de Janeiro mais particularmente, a festa hegemônica aparece como o lugar da resolução negativa, ou seja de uma negação dos conflitos.
Palavras-chave	Rio de Janeiro; megaeventos; vigilância festiva; controle social; consumo visual.
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/2224/2634">https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/2224/2634</a>
Observações	

Nº	159
Referência	BARRETO, MR, & LOPES, GSS 'MEMÓRIAS DE UMA SOCIEDADE EM REDE: DA ALDEIA .....EFERVESCENCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO', <i>aninter.com.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	2013

Nº	160
Referência	Nunes, GA 2006, 'Contribuição à caracterização microestrutural dos meteoritos metálicos Itutinga e Itumirim.', repositório.ufop.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-	



chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/3110">https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/3110</a>
Observações	

Nº 78	161
Referência	SOUZA, AL 2016, 'Aspectos psicológicos do Zé Pelintra na cultura do Rio de Janeiro',,, tede.ufrrj.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	A compreensão da complexidade da alma brasileira desperta o interesse de psicólogos e pesquisadores alinhados com o referencial teórico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Logo, é presente o desenvolvimento de pesquisas sobre a diversidade religiosa afro-brasileira. Genuinamente brasileira, a umbanda é marcada pelo sincretismo das tradições indígenas, africanas, o catolicismo e espiritismo de Kardec. É marcante a integração, no plano mítico, em seu Panteão, de categorias sócias marginalizadas. Nesse sentido, Zé Pelintra é o representante direto da malandragem carioca surgida no começo do século XX. Fato histórico desse período, que destacamos, são as intensas remoções conhecidas como o “bota-a-baixo” de Pereira Passos. É nesse período que a figura do “malandro” aparece circulando por várias áreas da cidade. Em 1808, com a chegada da Família Real e a Corte Portuguesa no Brasil, foi instituída a Lei das Aposentadorias para garantir aos nobres portugueses o direito de requisitar uma moradia que lhe trouxesse satisfação. Nesse período, as maltas de capoeira e assim como os malandros, ocupavam a cidade a sua maneira. Já no século XXI, o Rio de Janeiro vive novo processo de mudança no espaço urbano e social, assim como nos anteriores as remoções arbitrárias fizeram parte da história. Jung compreende que os processos inconscientes e a atividade consciente geram compensações psíquicas pautadas em manifestações tangíveis e/ou abstratas. Então, aqui temos os seguintes questionamentos: qual impacto material e psicológico as remoções urbanas estão causando na cidade do Rio de Janeiro? Se as remoções revelam aspectos da luta de classes, presentes na cidade, então, podemos considerar que o malandro e a falange de Zé Pelintra são compensações inconscientes individuais e coletivas? Em nossa pesquisa reconhecemos que a imagem de Zé Pelintra revela e, ao mesmo tempo, desvela aspectos psicológicos que apontam para a personificação de um complexo cultura
Palavras-chave	Psicologia analítica Umbanda Malandragem Zé Pelintra Racismo
Disciplina	Psicologia
Localização	<a href="https://tede.ufrrj.br/handle/jspui/2286">https://tede.ufrrj.br/handle/jspui/2286</a>
Observações	

Nº	162
Referência	JANEIRO-RJ-BRASIL, RIO DE 'Disciplina: MNA 834 Antropologias Periféricas', ppgasmn-ufrrj.com,

Tipologia documental	Ementa de Disciplina
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.ppgasmn-ufri.com/uploads/2/7/2/8/27281669/mna_834_af.pdf">http://www.ppgasmn-ufri.com/uploads/2/7/2/8/27281669/mna_834 - af.pdf</a>
Observações	

Nº 79	163
Referência	Becker, ACDB, Recena, MP, Arquitetura, D, & Visuais, MP 'Estudo sobre o Centro Histórico-Cultural Santa Casa: O Contemporâneo no Antigo', <i>uniritter.edu.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Com a criação do Centro Histórico-Cultural - CHC Santa Casa, Porto Alegre ganhou mais um espaço para a cultura, abrigando teatro, museu, biblioteca, arquivo histórico, espaços de convivência e salas de múltiplos usos. O projeto foi implantado sobre um conjunto de casas em fita do início do século XX, últimas remanescentes desta tipologia na quadra da Santa Casa, que foram construídas com a finalidade de gerar renda para o hospital. A intervenção/re-arquitetura sobre a edificação pré-existente preservou a paisagem urbana remanescente e possibilitou soluções arquitetônicas contemporâneas para adequar os espaços residenciais ao novo uso, institucional. A análise deste projeto possibilita reflexões acerca das atuais teorias de intervenção sobre o patrimônio edificado, em especial, os escritos de Ignasi de Solà-Morales e de José Arthur D'Aló Frota, e sobre os elementos arquitetônicos contemporâneos que caracterizam o Centro Histórico Cultural. Diante da necessária reflexão sobre estratégias que possam contribuir para futuras intervenções na cidade, a pesquisa se alinha como uma pequena contribuição. O presente estudo está em desenvolvimento e suas conclusões serão apresentadas na dissertação do Mestrado UniRitter/Mackenzie em Arquitetura e Urbanismo da autora
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos_20172/4924/2041/2495.pdf">https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos_20172/4924/2041/2495.pdf</a>
Observações	

Nº 80	164
Referência	Vieira, MC 2019, 'A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 ea exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano ...', <i>Horizontes Antropológicos</i> ,, <i>journals.openedition.org</i>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo remonta a Exposição Antropológica Brasileira, exibida no Segundo Impé-

	rio, no ano de 1882, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Convido o leitor a interpretar esse evento pouco lembrado da história brasileira, com o intuito de reconstituir a apresentação de sete índios botocudos, levados à corte com a finalidade de serem expostos ao público e ao mesmo tempo estudados pelos pesquisadores do Museu Nacional. Finda a participação dos índios botocudos na referida exposição, publica-se a notícia de que alguns destes mesmos índios teriam sido enviados para a Europa, gerando acaloradas discussões na imprensa nacional. A partir de documentos institucionais do Museu Nacional e reportagens de jornais da época, lança-se luz sobre o fenômeno das grandes exposições antropológicas de finais do século XIX, aqui entendidas como zoológicos humanos. Diante desse evento e da prática de colecionamento e tráfico de pessoas e objetos etnográficos, abre-se um espelho, desde o qual se pode vislumbrar a formação da antropologia brasileira e questões fundamentais à identidade nacional.
Palavras-chave	<u>coleções etnográficas</u> , <u>Exposição Antropológica Brasileira</u> , <u>zoológicos humanos</u> , <u>Botocudos</u>
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://journals.openedition.org/horizontes/3023">https://journals.openedition.org/horizontes/3023</a>
Observações	

Nº	165
Referência	Bettencourt, A, Dinis, A, Cruz, C, & Silva, IS 2003, 'A estação arqueológica de Nossa Senhora da Penha, Guimarães (Norte de Portugal): notícia preliminar das escavações de 2002',,, repositorium.sdum.uminho.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/45894">https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/45894</a>
Observações	

Nº	166
Referência	Freire-Medeiros, B 2007, 'A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico', <i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i> ,, SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092007000300006&amp;script=sci_abstract&amp;tIng=fr">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092007000300006&amp;script=sci_abstract&amp;tIng=fr</a>
Observa-	

ções	
------	--

Nº	167
Referência	Soares, APM 2012, 'O Pontal do Estaleiro: estudo etnográfico da memória do trabalho na cidade de Porto Alegre, RS', <i>ILUMINURAS</i> , seer.ufrgs.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/31446">https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/31446</a>
Observações	

Nº 81	168
Referência	Reyes, ACW 2018, 'Arquitetura provisória brasileira: uma análise das construções temporárias que se tornaram permanentes e do uso que receberam ao longo dos anos', repositorio.uniceub.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	A análise de edificações, originalmente de caráter temporário que se tornou permanente por seu reconhecido valor histórico, contribui para o entendimento da história do Distrito Federal. Objetiva-se verificar como o fenômeno de transição do caráter de ocupação temporária à permanente promoveu a reorganização da arquitetura proposta inicialmente, para que esses espaços se integrassem à identidade e à imagem da cidade. Esse trabalho apresenta os principais resultados de uma pesquisa explanatória descritiva, sob o método de pesquisa bibliográfico. Os seguintes espaços são objeto de análise: Museu Vivo da Memória Candanga (Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira) e Catetinho (Palácio de Tábuas). Os parâmetros analisados compreendem: a inserção dos espaços, os novos usos que as edificações receberam ao longo dos anos, os materiais construtivos empregados, o estado de conservação das edificações, histórico de intervenções e as patologias encontradas. O estudo permitiu compreender que cabe a cada profissional da área analisar caso a caso para proporcionar a solução mais adequada, que leve em conta a história do objeto edificado e principalmente a importância que o edifício ou espaço tem para a história da cidade, de forma a proporcionar o resgate do processo histórico e da memória sociocultural e também preservar o significado dos Museus para a vida cotidiana da comunidade local.
Palavras-chave	
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12327">https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12327</a>
Observações	

Nº	169
----	-----

Referência	PARDI, ML, & Silveira, O 2005, 'Amapá: gestão do patrimônio arqueológico eo programa estadual de preservação', ... <i>Eletrônicos do XIII Congresso da SAB ...</i> , cmsportal.iphan.gov.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Amapa_Gestao_do_Patrimonio_Arqueologico.pdf">http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Amapa_Gestao_do_Patrimonio_Arqueologico.pdf</a>
Observações	

Nº	170
Referência	Lemos, FMSS 1987, 'A necrópole medieval de S. Caetano, Chaves', repositorium.sdum.uminho.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10349">https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10349</a>
Observações	

Nº	171
Referência	Martins, RS 1982, 'Um molde para fundição de brincos da antiga Mbanza Kibashi-Angola', <i>ARQUIPÉLAGO-Revista da Universidade dos Açores</i> , repositorio.uac.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://repositorio.uac.pt/">https://repositorio.uac.pt/</a>
Observações	

Nº	172
Referência	DO, RERNAC, & JANEIRO, RIO DE 'LUTAS PELO DIREITO AO CENTRO DA CIDADE1', <i>cbg2014.agb.org.br</i> ,

Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404080204_ARQUIVO_ArtigoCBG.pdf">http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404080204_ARQUIVO_ArtigoCBG.pdf</a>
Observações	

Nº 82	173
Referência	Magalhães, A, & Petti, D 2018, "'Nossa casa está condenada": o recurso à técnica como o modo de gerir populações no Rio de Janeiro', <i>Revista de Antropologia da UFSCar</i> , academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O objetivo deste artigo é analisar uma das tecnologias de governo recorrentemente acionada para gerir a população moradora de favelas no Rio de Janeiro. Consideraremos como o recurso ao discurso técnico nos auxiliará a delinear a constituição de formas de governo destas pessoas no contexto das remoções ocorridas recentemente na cidade. Compreendemos que acompanhar suas formas de agenciamento nos permitirá perspectivar as linhas de força que atravessam e constituem, por um lado, as relações entre aparatos estatais e determinadas populações e, por outro, o próprio traçado urbano que se nos revela ao acompanhar estes agenciamentos. Para levar adiante a empreitada, partiremos da consideração de dois casos: o da Vila União de Curicica e da Indiana.
Palavras-chave	favelas; técnica; remoção; gestão
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/237">https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/237</a>
Observações	

Nº	174
Referência	BIZARRIA, JCL 'A TRANSDISCIPLINARIDADE DA FAVELA CARIOCA EA LIBERTAÇÃO DA MEMÓRIA DO MORRO DO PASMADO', <i>aninter.com.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2004/35.%20BIZARRIA.pdf">http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2004/35.%20BIZARRIA.pdf</a>

Observações	2014
Nº 83	175
Referência	Nunes, P 2016, 'Segurança Pública e política no Rio de Janeiro: os atores políticos da Pacificação', <i>Agenda Política</i> ,, <a href="http://agendapolitica.ufscar.br">agendapolitica.ufscar.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente trabalho é um esforço para entender a forma pela qual o jornal O Globo evidenciou certos atores políticos dentro da sua cobertura relacionada a favelas “pacificadas”. Trabalhando com a ideia de esfera pública (HABERMAS, 1991) e com teorias de agenda-setting (WOLF, 1999), busca-se compreender como o jornal construiu esses atores políticos para o seu público leitor. Entendendo que esse público é constituído em grande parte de camadas médias e altas e com alto nível educacional, propõe-se que essa parcela da esfera pública seria composta de formadores de opinião, intelectuais, políticos e investidores. Sendo assim, seriam esses os principais articuladores e contestadores do projeto de “cidade olímpica” levada a cabo no Rio de Janeiro. Pontua-se que a cobertura jornalística enquadrada nesses atores políticos criou, a princípio, um cenário de resolução da questão da violência nas favelas cariocas.
Palavras-chave	Mídia; Segurança Pública; esfera pública; Agenda-Setting
Disciplina	Ciência Política
Localização	<a href="https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/81">https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/81</a>
Observações	

Nº 84	176
Referência	Alves, AN 'De Santa Catarina a... São Vicente... Questões em torno do levantamento de repintes na pintura portuguesa', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	This article aims to understand the theoretical justification for the removals of re-touches and repainting layers often with great artistic and/or historical, cultural and documentary importance. To achieve this purpose, we studied a group of pictures which were submitted to this procedure, sometimes with dramatic reading changes. Within this group there are interventions in very different times, which are interesting to understand and the various justifications submitted in each case and its evolution throughout the twentieth century, as well as the context of each proceeding.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Belas-Artes
Localização	<a href="https://fbaul.academia.edu/AliceAlves">https://fbaul.academia.edu/AliceAlves</a>
Observações	

Nº 85	177
Referência	Sandri, ACL 2019, 'Urbanização dependente e colonialidade no Porto Maravilha: o soterramento do passado e do presente pela modernidade do amanhã', <i>Revista de Arquitetura IMED</i> , seer.imed.edu.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	A pesquisa teve como objetivo refletir sobre o projeto Porto Maravilha, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da ótica da urbanização dependente e da colonialidade, refletindo sobre a influência do capitalismo latino-americano, principalmente por meio da utilização do conceito de superexploração do trabalho proveniente da teoria marxista da dependência, e da colonialidade do saber e do poder. A metodologia utilizada foi a análise de fontes documentais oriunda de estudos técnicos sobre o projeto Porto Maravilha, documentos de organizações da sociedade civil e revisão bibliográfica. O projeto Porto Maravilha ocasionou um processo de espoliação urbana pela priorização de benefícios fiscais para empresas, em detrimento de políticas sociais, e pela remoção dos moradores de baixa renda. A colonialidade é vislumbrada pela maior dotação de recursos no Museu do Amanhã, com prejuízos de investimentos na valorização do patrimônio histórico do Cais do Valongo e do Cemitério dos Pretos Novos
Palavras-chave	Porto Maravilha; urbanização dependente; colonialidade
Disciplina	Direito
Localização	<a href="https://seer.imed.edu.br/index.php/arqimed/article/view/3085">https://seer.imed.edu.br/index.php/arqimed/article/view/3085</a>
Observações	

Nº	178
Referência	Ochoa, R, & Sampayo, M 2013, 'A (des) monumentalização do espaço urbano: remoção e transladação de arte pública na cidade de Lisboa', ... <i>Internacional Arquitecturas do Mar. O (Re) ...</i> , academia.edu
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33891253/5.02.pdf?1402127587=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DRemocao_e_transladacao_de_arte_publica_n.pdf&amp;Expires=1609117654&amp;Signature=QqPNI7f7N8QoVYp-BnZ7YdqSJ8Lq70YZKjGK8qenqO0wTQhDvUzyHOIVqvk5kusxXlwLv6trcKWwunmDDPxqFqsTQBpEuUm4gljvYlwXsXZ-QyI5WJlJx2etmqxOsbxxfOtqg4sYeOHNQXBaeQE3VAORDzdiu3oRtfg3CM3gM9CYM50RHbVm7VRRcQv0m-ILUtQi1ZtOd642XZ-3BlS2tJ7RQ-JJR08qWYcP3gsJaGGkNSSU-">d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33891253/5.02.pdf?1402127587=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DRemocao_e_transladacao_de_arte_publica_n.pdf&amp;Expires=1609117654&amp;Signature=QqPNI7f7N8QoVYp-BnZ7YdqSJ8Lq70YZKjGK8qenqO0wTQhDvUzyHOIVqvk5kusxXlwLv6trcKWwunmDDPxqFqsTQBpEuUm4gljvYlwXsXZ-QyI5WJlJx2etmqxOsbxxfOtqg4sYeOHNQXBaeQE3VAORDzdiu3oRtfg3CM3gM9CYM50RHbVm7VRRcQv0m-ILUtQi1ZtOd642XZ-3BlS2tJ7RQ-JJR08qWYcP3gsJaGGkNSSU-</a>



	sl45FtnujFykce8404ovci032~CSeckvSDMcrTSK-r2MTfKI8yFX7Et8QyzWAhalb9sKGUR~6e5eQPK~dJAv2q2kz2SOVRazp3w__&Key-Pair
Observações	

Nº 86	179
Referência	Siqueira, IR de 2018, 'Narrando histórias da relação corpo-cidade no', maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Em um mundo que, pouco a pouco, é dominado pela urbanização, observar a realidade cidadina significa observar de perto a vida da maior parte dos habitantes do planeta. Nas Relações Internacionais, esse movimento é algo que Matt Davies chama de “encontrar o internacional no everyday” (2016, p.2). Este trabalho observa a cidade do Rio de Janeiro como laboratório de análise das desigualdades, exclusões e marginalizações comumente manifestadas no espaço urbano. Levando em conta as especificidades do Rio de Janeiro como cidade pós-colonial, e o papel outrora conferido ao planejamento urbano como instrumento do aperfeiçoamento da ordem social, este trabalho investiga as contínuas negociações, brandas ou fortes, entre conformações e rupturas, dos indivíduos com as formas e normas da cidade. Partindo do ponto de vista de alguns dos grupos marginalizados no Rio de Janeiro, através de uma metodologia de standpoint e da narrativa de estórias, busca-se ressaltar as insuficiências do planejamento urbano frente à complexidade do everyday carioca e discutir sua tendência de criar fronteiras que delimitam acessos condicionados à cidade baseados em fatores como raça, gênero e classe socioeconômica.
Palavras-chave	Rio de Janeiro; Desigualdade; Planejamento Urbano.
Disciplina	Relações Internacionais
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34038/34038.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34038/34038.PDF</a>
Observações	

Nº	180
Referência	Matos, LCN de, Santana, FD, & ... 2020, 'Relações alométricas entre os tamanhos de sementes artificiais removidas e de formigas em um fragmento florestal na Amazônia Central', <i>Boletim do Museu ...</i> , boletimcn.museu-goeldi.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://editora.museugoeldi.br/bn/artigos/cnv15n1_2020/relacoes(matos).pdf">http://editora.museugoeldi.br/bn/artigos/cnv15n1_2020/relacoes(matos).pdf</a>
Observações	

Nº	181
----	-----

Referência	Reginensi, C, & Bautès, N 2013, 'Percurso e Travessias no Morro da Providência: Desafios das Interações Sociais e Espaciais no Jogo Formal/Informal/Courses and Crossings in the Favela Morro ...', <i>Libertas</i> , periodicos.ufjf.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18268">https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18268</a>
Observações	

Nº 87	182
Referência	Tomazzoni, EL 'CONTRIBUIÇÕES DE DISSERTAÇÕES DO MESTRADO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA PARA A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ...', <i>sites.usp.br</i> ,
Tipologia documental	Capítulo de Livro (2017)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Não há informação
Localização	<a href="https://sites.usp.br/promuspp/wp-content/uploads/sites/578/2020/09/Livro-3-14-CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES-DE-DISSERTA%C3%87%C3%95ES-DO-MESTRADO-EM-MUDAN%C3%87A-SOCIAL-E-PARTICIPA%C3%87%C3%83O-POL%C3%8DTICA-PARA-A-TEORIA-DO-DESENVOLVIMENTO-SOCIOECON%C3%94MICO.pdf">https://sites.usp.br/promuspp/wp-content/uploads/sites/578/2020/09/Livro-3-14-CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES-DE-DISSERTA%C3%87%C3%95ES-DO-MESTRADO-EM-MUDAN%C3%87A-SOCIAL-E-PARTICIPA%C3%87%C3%83O-POL%C3%8DTICA-PARA-A-TEORIA-DO-DESENVOLVIMENTO-SOCIOECON%C3%94MICO.pdf</a>
Observações	“Este capítulo analisa as contribuições de cinco dissertações do Mestrado em Mudança Social e Participação Política para a teoria do desenvolvimento socioeconômico. As dissertações foram orientadas por este autor e defendidas entre 2015 e 2017. Para contextualização analítica das pesquisas, apresenta-se abordagem conceitual de desenvolvimento, desde o sentido econômico ou socioeconômico. O conceito é abrangente e interdisciplinar, pois contempla os campos humanístico, cultural, político e ambiental. Sem aprofundar as diferentes dimensões conceituais, os significados de desenvolvimento socioeconômico convergem para o conceito essencial e fundamental da inclusão social, do bem estar e da qualidade de vida do indivíduo em sociedade.”169

Nº	184
Referência	Reginensi, C, & Bautès, N 2013, 'Percurso e travessias no Morro da Providência', <i>halshs.archives-ouvertes.fr</i>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-	

chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00930233/">https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00930233/</a>
Observações	

Nº	185
Referência	Facina, A '38o ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	2014

Nº 88	186
Referência	Augustin, RFG 'Restauo da gravura “Sou 2 contigo”, de Danúbio Gonçalves: reflexões sobre tratamentos de remoção de manchas e critérios de intervenção', <i>researchgate.net</i> ,
Tipologia documental	Artigo (2019)
Resumo	O presente estudo tem como objetivo expor o processo de tomada de decisão quanto às alternativas disponíveis para remoção das manchas em gravuras. Levando em conta uma meta realística de tratamento, apresenta-se a restauração da litogravura “Sou 2 contigo”, de Danúbio Gonçalves, pertencente ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Para tanto, realizou-se um estudo sobre as manchas usuais presentes em bens culturais em papel e as opções de tratamento mais difundidas, visando avaliar as opções de tratamento cabíveis à obra. A restauração utilizou como base a metodologia de Barbara Appelbaum, assim como considerou as ponderações de diversos teóricos da área, visando aos preceitos da distinguibilidade, retratabilidade, respeito ao original e mínima intervenção. A partir dos exames e análises realizados, foi feita a escolha do material e dos métodos. Finalizadas as intervenções, a obra foi acondicionada e retornou ao museu.
Palavras-chave	Clareamento. Banhos. Metodologia. Restauo. Papel.
Disciplina	Conservação e Restauração e Ciência da Informação
Localização	<a href="https://tinyurl.com/47jnhsp9">https://tinyurl.com/47jnhsp9</a>
Observações	

Nº	187
Referência	Gomes, SP, & Quinteiro, CJ 2012, 'Análise dos títulos de periódicos recebidos pela biblioteca do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo da Universidade de São

	Paulo em comparação com os ...', <i>Revista Brasileira de Biblioteconomia e ...</i> , rbbd.febab.org.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/185/215">https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/185/215</a>
Observações	

Nº	188
Referência	Lima, ELV de 2015, 'Nas tramas e falácias do planejamento urbano estratégico: marketing urbano, modelo barcelona e megaeventos', <i>Boletim goiano de geografia</i> , redalyc.org
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/3371/337141517003.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/3371/337141517003.pdf</a>
Observações	

Nº 89	189
Referência	Vaz, LAR 2019, 'Zona Oeste do Rio. Ocasos e alvoreceres. Um estudo sobre Cultura, Memória e Cidade.', rubi.casaruibarbosa.gov.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Este trabalho apresenta uma cartografia de cinco Casas Suburbanas de Arte, Cultura e Memória localizadas na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Implantadas de maneira autônoma, aproveitando dependências de antigas residências. Por empenho comunitário, a partir dos anos 2000, estes espaços passaram a desenvolver iniciativas e processos museais como reação ao quadro de abandono e desertificação cultural, atuando na reativação sociocultural e da formação de um quadro social de memória destas regiões afastadas do centro administrativo e cultural do município e configurando uma nova rota de museologia da cidade, pesquisada aqui na perspectiva da sociomuseologia ou museologia social. Para atingir o objetivo da análise cartográfica proposta como produto, o trabalho descreve nos seus primeiros capítulos: alvoreceres e ocasos da vida sociocultural desta parte da cidade, motivados ora por omissão, ora por ação das políticas de gestões públicas da cidade e a agência comunitária com suas políticas de cultura promovidas por artistas, grupos e coletivos que compõem o ativismo artístico cultural autóctone desta região. Para isso se vale de pesquisa historiográfica, entrevistas pré-

	estruturadas com pessoas ligadas à mediação cultural e ao mecenato nesta região. Por fim como resultado da cartografia pretende-se depreender informações sobre a gênese dessas Casas Suburbanas de Arte, Cultura, Memória e Política: O que há de comum nas suas formações e atuações, como enfrentam suas questões idiossincráticas e também dados particulares da experiência sensível de cada espaço analisado no mapa, o que poderá atestar o papel da memória, da cultura e da arte na luta pela garantia do direito à cidade.
Palavras-chave	Zona Oeste, Rio de Janeiro, Memória, Museologia Social, Política Cultural.
Disciplina	Memória e Acervos
Localização	<a href="http://rubi.casarui Barbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/10724/3/VERS%c3%83O%20FINAL%20-%202017%20-%20Luiz%20Vaz.pdf">http://rubi.casarui Barbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/10724/3/VERS%c3%83O%20FINAL%20-%202017%20-%20Luiz%20Vaz.pdf</a>
Observações	“O Brasil e a cidade do Rio de Janeiro têm exemplos contundentes que são referências mundiais, como é o caso do Museu da Maré, o Museu da Favela e o Museu das Remoções criado a partir do desmonte da comunidade do Autódromo, praticado pelos poderes públicos, no período dos grandes eventos da cidade do Rio de Janeiro, em 2015, como resposta política ao despejo.” <sup>91</sup>

Nº	192
Referência	FALACIAS, DELAPE LAS 'NAS TRAMAS E FALÁCIAS DO PLANEJAMENTO URBANO ESTRATÉGICO: MARKETING URBANO, MODELO BARCELONA E MEGAEVENTOS', <i>revistas.ufg.br</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/download/37428/18900/">https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/download/37428/18900/</a>
Observações	Ver Ficha 188

Nº	193
Referência	Carvalho, V 2006, 'Pereira', <i>Editora-chefe</i> , bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/issue/download/3880/1849#page=164">http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/issue/download/3880/1849#page=164</a>
Observações	

Nº	195
Referência	Moreira, CC 2014, 'Da cidade cúmplice à cidade insurgente: sobre o Rio de Janeiro desde junho de 2013',, redobra.ufba.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2014/10/RD13_R01_Da-cidade-c%C3%BAmplice-%C3%A0-cidade-insurgente.pdf">http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2014/10/RD13_R01_Da-cidade-c%C3%BAmplice-%C3%A0-cidade-insurgente.pdf</a>
Observações	

Nº	196
Referência	Rodrigues, RI 'Decifrando as origens dos complexos de favelas', <i>core.ac.uk</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://core.ac.uk/download/pdf/288188580.pdf">https://core.ac.uk/download/pdf/288188580.pdf</a>
Observações	2020

Nº 90	197
Referência	Siqueira, JM de 2017, 'MUSEOLOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO: o poder da memória para descolonizar o ensino', <i>Revista Fórum Identidades</i> ,, seer.ufs.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	A Museologia Social pode ser definida como uma área de estudos e práticas dedicada a compreender e promover a apropriação dos meios de produção e gestão do patrimônio integral de uma comunidade (abarcando aspectos culturais, naturais e sociais, nas dimensões materiais e imateriais). Da mesma forma, ela trabalha para reconhecer e fortalecer as práticas culturais libertadoras desenvolvidas por coletivos e grupos sociais por meio do diálogo solidário de saberes. Este artigo discute as possibilidades e consequências da prática da Museologia Social no espaço escolar. Para isso, apresentam-se os pressupostos teóricos e metodológicos necessários para essa aproximação e elencam-se brevemente algumas experiências realizadas no Brasil.
Palavras-chave	Afeto. Descolonialidade. Educação. Memória. Museologia Social.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/6208">https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/6208</a>
Observações	

Nº	198
Referência	Lopes, VFM 'TERRITÓRIO, IDENTIDADE SOCIOTERRITORIAL, CONFLITO E (iN) JUSTIÇA SOCIO-AMBIENTAL', <i>Tecnologia, Participação e Território</i> , researchgate.net
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Celso_Alvear/publication/320099718_Reddes_como_elemento_ou_metodo_de_analise/links/59cdcd9ea6fdcce3b346422e/Redes-como-elemento-ou-metodo-de-analise.pdf#page=348">https://www.researchgate.net/profile/Celso_Alvear/publication/320099718_Reddes_como_elemento_ou_metodo_de_analise/links/59cdcd9ea6fdcce3b346422e/Redes-como-elemento-ou-metodo-de-analise.pdf#page=348</a>
Observações	2015

Nº 91	199
Referência	Amico, AS de 'OS GRANDES APARELHOS CULTURAIS COMO FATOR DE LEGITIMAÇÃO DA CIDADE MERCADORA: O PROJETO PORTO MARAVILHA', <i>eng2018.agb.org.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1531866623_ARQUIVO_eng2018_v_final.word.pdf">http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1531866623_ARQUIVO_eng2018_v_final.word.pdf</a>
Observações	“A cidade do Rio de Janeiro, capital do estado do Rio de Janeiro, é atualmente a segunda maior metrópole brasileira e figurou como capital federal durante um vasto período da história. Ao longo de séculos, o porto da cidade foi o mais movimentado e importante do país desembarcando uma grande quantidade de mercadorias e pessoas. Nas últimas décadas, a capital fluminense está passando por diversas transformações espaciais. Seu arranjo urbano foi intensamente alterado visando uma adequação ao novo cenário global de cidades. A lógica empresarial da cidade competitiva ganhou espaço, principalmente, com a escolha da cidade para sediar megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas). Acadêmicos e a sociedade civil ainda buscam explicações para entender as rápidas e dinâmicas transformações que estão em curso no espaço urbano carioca. A área central da cidade é uma das mais afetadas e isso dá-se através do chamado

	<p>“Projeto Porto Maravilha” (PPM). O PPM foi lançado em 2009 e possui dimensões colossais que reorganizaram e estão reorganizando toda a dinâmica da formação socioespacial do centro do Rio de Janeiro. Segundo a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP)<sup>1</sup> o grande projeto urbano (GPU) conta com mais de 5 milhões de M<sup>2</sup>, compreendendo 3 tradicionais bairros cariocas: Saúde, Gamboa e Santo Cristo.</p> <p>As revalorizações das áreas centrais são pensadas e elaboradas em uma grande “teia” interligada. Desde seu início, na criação de um sentimento de crise, até a chegada em um “novo” fator de legitimação dos projetos: os grandes aparelhos culturais, aqueles monumentais e espetaculares. Trataremos aqui a cultura como sendo formas e expressões que dão características particulares às diversas sociedades. Tais características podem ser compreendidas como os costumes, códigos sociais, crenças etc. Neste artigo iremos analisar especificamente os grandes aparelhos culturais (no caso carioca especificamente o Museu do Amanhã) e como que eles servem como âncoras para os projetos de revalorização e refuncionalização de áreas centrais. Não só no Rio de Janeiro, mas ao redor do mundo, há diversos exemplos dessas megaconstruções: Lisboa, Barcelona, Bilbao, Berlim, Paris etc. Frente à sua magnitude e atento às mudanças na área central propagandeadas pelas gestões públicas, chamou-nos a atenção questões como, por exemplo, de onde viria o capital a ser investido no projeto, como que a população local seria inserida ou não no projeto, um possível aprofundamento da segregação socioespacial na cidade, para quem os grandes aparelhos culturais seriam destinados, qual tipo de cultura seria apresentado nesses locais, como que a mídia se inseriu no planejamento, a posição que o Rio de Janeiro almejava no cenário global ao sediar dois megaeventos e refuncionalizar sua zona portuária etc.” 1-3</p>
--	--

Nº 92	200
Referência	Oliveira, FL de, Sánchez, F, Tanaka, G, & Monteiro, P 2016, 'Planejamento e conflitos urbanos–Experiência de luta', books.google.com
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Planejamento Urbano
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2hxm9ayn">https://tinyurl.com/2hxm9ayn</a>
Observações	<p>“Através de relatos e análises de diversos conflitos urbanos e experiências de planejamento contra-hegemônico, este livro aborda três grandes temas, que podem ser sinteticamente enunciados como segue: os significados da cidade e da urbanidade na contemporaneidade; o lugar e papel do conflito na produção e reprodução da cidade contemporânea; os sentidos e apropriações possíveis das metodologias, técnicas e linguagens do planejamento. Examinemos cada um destas temas rapidamente.</p> <p>Para falar do significado da cidade e da urbanidade, recorreremos em primeiro lugar ao mito da fundação de Roma. Após ter cavado um fosso circular, o rei “lança neste o torrão de terra por ele trazido da cidade de Alba. Depois, aproximando-se, cada um dos seus companheiros lança, por sua vez, como</p>



Rômulo o fizera, um pouco da terra trazida do país de origem” (FUSTEL DE COULANGES, 1975, p. 107). Neste ato, todos abdicam de sua origens e firmam o pacto urbano: pacto de reunião do diverso.

Poderíamos também lançar mão da definição clássica fornecida pela Escola de Sociologia Urbana de Chicago: “para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1973, p. 108).

O que dizer da cidade em que se está destruindo a densidade heterogênea, ou, se se prefere, a heterogeneidade densa? Não é por isso que assistimos nos intensos e rápidos processos de aprofundamento das desigualdades urbanas? Não é este o resultado das dinâmicas que impulsionam de forma simultânea e necessariamente complementar a valorização simbólica (aburguesamento) e econômica (renda da terra) de certas áreas, decorrente de remoções/expulsões dos pobres — leia-se “limpeza social e étnica? No lugar de cidades, emergem cidadelas: ou condomínios fechados dos ricos, as “zonas perigosas” dos pobres.

Nestas circunstâncias, não seria exagero afirmar que a cidade contemporânea é vítima de urbanicídio, de que são responsáveis o empresariamento urbano, o planejamento urbano competitivo, os grandes projetos urbanos, as parcerias público-privadas. Esta é uma das narrativas que se pode extrair dos relatos reunidos neste livro.

No que concerne ao lugar e papel do conflito urbano, o que se impõe reconhecer é que os casos estudados mostram o permanente e inexorável fracasso das tentativas de banimento da política e do conflito do espaço urbano. A utopia da cidade “pacificada” porque submissa e acomodada às lógicas e dinâmicas do mercado, a utopia da cidade empresa e das parcerias público-privadas sucumbem, ambas, diante de resistência incessantes, mesmo quando fragmentadas e aparentemente condenadas a priori à derrota. A polis se insurge contra a city, o conflito se instaura nas frestas e margens de uma ordem sempre imperfeita e incompleta, por mais autoritária e totalitária que pareça e se pretenda.

Na contramão da utopia da cidade pacificada emerge (e às vezes submerge) a utopia da cidade insurgente, conflituoso, rebelde. Nas lutas contra remoções, nas resistências ativas ou passivas aos processos de expropriação e privatização de espaços urbanos e cerramentos dos comuns, a cidade reafirma sua vitalidade e urbanidade.

A amplitude, diversidade e persistência dos conflitos lançam luz sobre a natureza das novas retóricas e tecnologias que pretendem produzir e impor consensos através da chamada “prevenção e mediação” de conflitos. Trata-se de conquistar a adesão pela imposição de um cálculo suposto realista que demonstraria ser a relação custo/benefício do consenso (acordo) sempre mais favorável que a do confronto. Os grupos subalternos devem, em consequência, agir racionalmente, isto é, abdicar de se constituírem em sujeitos coletivos (políticos) e adotar o modelo negocial. Aqui, mais do que nunca, busca-se fazer com que a política ceda o lugar e seja colonizada pelo merca-

	<p>do — no caso, pelo modelo das relações mercantis.</p> <p>Nosso terceiro e último grande tema é o do planejamento. Tema caro a um conjunto de pesquisadores, professores e estudantes reunidos no Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Interpelar o próprio campo acadêmico e profissional no qual estamos situados e com cujos integrantes queremos manter o diálogo nos impõe perguntar, a nós mesmos e aos nossos colegas: afinal de contas, a quem vem e a que serve o planejamento? estarão suas metodologias, técnicas e linguagens destinadas apenas a desenhar e impor um projeto que produz e reproduz a desigualdade urbana? Estarão ancoradas inexoravelmente à projeção territorial dos interesses das coalizões urbanas dominantes?</p> <p>Os capítulos que seguem podem ser lidos como relatos de experiências em que diferentes movimentos e grupos sociais apostaram em que essas metodologias, técnicas e linguagens podem ser apropriadas, ressignificadas e, desta forma, servir ao agenciamento de projetos e ações que desafiam a ordem urbana dominante. Não se está falando de mera participação nos marcos do planejamento oficial, que impõe regras e limites, mas de construir alternativas. Planejamento insurgente, que surge de baixo para cima numa lógica e dinâmica que se constituem no processo mesmo da confrontação. Planejamento que constitui o sujeito coletivo (planejador) que o elabora.</p> <p>Se isso faz sentido, a aponta caminhos a serem explorados, é porque afirma que não é apenas a cidade que é arena e objeto de conflito, mas também o planejamento. A disputa se estende, pois, ao campo acadêmico, teórico e técnico. O planejamento conflitual oferece um terreno em que a prática da crítica ao planejamento dominante se alia à crítica prática da cidade, promovida hoje sobretudo, em primeiro lugar, por aqueles movimentos que, de uma maneira ou de outro, perseveram na defesa da cidade e da urbanidade que a cidade empresa está destruindo.</p> <p>Cidade, conflito e planejamento, é disto que trata este livro. Pode e deve ser lido por especialistas. Pode e deve ser lido por leigos. Mas deve ser lido sobretudo pelos que estão engajados nas lutas por uma cidade mais justa e igualitária, emancipada e emancipatória. Não traz modelos nem receitas, mas traz experiências inspiradoras, que mostram ser possível reinventar nossas cidades e nosso planejamento através do conflito e da ação coletiva no espaço público, isto é, da política.” 6-9</p>
--	---

Nº	
Referência	
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	

Observações	
-------------	--

### 1.3 Fichas catalográficas com o GSRank 200 do Museu de Favela

Nº 1	1
Referência	Cardoso, MM 2017, 'Antropologia digital e experiências virtuais do museu de favela',,, books.google.com
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia, Comunicação
Localização	<a href="https://play.google.com/books/reader?id=RRhJDwAAQBAJ&amp;hl=pt&amp;pg=GBS.PT6">https://play.google.com/books/reader?id=RRhJDwAAQBAJ&amp;hl=pt&amp;pg=GBS.PT6</a>
Observações	<p>“Este livro é a síntese de dois momentos relevantes da minha trajetória acadêmica. Relata a experiência de compartilhar as políticas de comunicação do Museu de Favela no Cantagalo, Pavão, Pavãozinho no Rio de Janeiro e também incorpora as reflexões teóricas que me inspiraram durante meu pós-doutorado na University College London, de agosto de 2014 até julho de 2015.</p> <p>Agradeço em primeiro lugar, aos gestores do Museu de Favela pela oportunidade de trabalhar durante quase cinco anos em parceria com eles – no ano de 2012 como docente do projeto de Comunicação Solidária do programa Rio Geração Consciente, e nos anos seguintes por meio da parceria entre o Museu de Favela e o Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada (Lupa-ECO/UFRJ), onde sou uma das coordenadoras.” 7</p>

Nº 2	2
Referência	Santos, R de Cássia 2014, 'Becos e velas do Museu de Favela', <i>Revista Cadernos do Ceom</i> ,,, bell.unochapeco.edu.br
Tipologia	Artigo

documental	
Resumo	Este artigo apresenta a trajetória do Museu de Favela (MUF), fundado em 2008 por lideranças culturais moradoras das favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um Museu de Território, ancorado na memória social e no patrimônio natural e cultural com base em atuação comunitária e participativa. O texto traz a visão de futuro que se tornou o macroobjetivo do MUF e narra suas conquistas, parcerias, realizações e desafios desde as primeiras reuniões até as estratégias atuais de permanência e sobrevivência financeira. Destaca-se ainda o caráter de mediação do Museu junto ao território e aos moradores, em sinal de respeito e valorização do saber-fazer e de suas memórias, com foco na dignidade e no reconhecimento do processo social afirmativo de resistência.
Palavras-chave	Educação do Campo. Movimentos Sociais. MST.
Disciplina	Museologia, Jornalismo
Localização	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2611/0">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2611/0</a>
Observações	<p>“(…) o MUF passou a firmar, por meio de convênios e outros documentos, parcerias que estabelecem responsabilidades de parte a parte visando melhor atender a comunidade. A parceria com a UNIRIO desde 2009 tem como foco a Museologia e o Turismo. A Museologia tem contribuído para focalizar e desenvolver as ações comunitárias, e o Turismo para desenvolver o contato com agências e o desenvolvimento de estratégias para atrair cada vez mais visitantes nacionais e estrangeiros. Para isso, foi criado o projeto da Central de Visitação do Museu de Favela (CIVIS-MUF)<sup>4</sup>. Um dos pontos de destaque do CIVISMUF é o Circuito Casas-Tela (idealizado pelo grafiteiro ACME), que, por meio de painéis de grafite, pintados sobre as fachadas de casas de moradores, retrata a memória da formação das comunidades de Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, a partir da vivência de seus moradores.</p> <p>(…)</p> <p>Já a parceria do MUF com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), por intermédio da equipe do Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura (NIMESC), visa apoiar, através das oficinas de memória, os espaços de narrativas e valorização de experiências de vida, construir juntos um acervo digital de “contos e imagens”.</p> <p>(…)</p> <p>Os professores e estudantes da PUC/RJ também colaboraram na formação de uma equipe de Escutadoras de Memórias. Trata-se de um conjunto de mulheres das comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo que foram especialmente treinadas para escutar e registrar as histórias e memórias dos moradores das três comunidades. O próximo passo na parceria MUF e PUC/RJ é a elaboração e a publicação, em meio eletrônico e impresso, de um manual que trate de todo esse processo. Ainda no âmbito das parcerias com as universidades não podemos esquecer a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja parceria tem como viés principal a comunicação do MUF. Seja pela criação da Revista Digital do Museu de Favela, pela reformulação do site, pela elaboração do Hotsite do MUF (propaganda para atrair visitantes) ou mesmo pela identidade visual do Museu. Outro convênio que acaba de ser fechado é com a Universidade Federal Fluminense (UFF), que visa à realização de estágios no MUF, tendo como áreas de interesse a Produção Cultural, a Arquivologia, a Biblioteconomia e outras. Tanto o turismo (CIVISMUF) quanto a realização de eventos no Terraço Cultural do MUF são ações que buscam, antes de tudo, a sustentabilidade da organização e o desenvolvimento da comunidade. Todos os projetos, acervos e mobiliários existentes na Base 1 do MUF, no Cantagalo, foram consegui-</p>

	dos através de Editais Públicos, sempre com muita dificuldade e disputa com grandes concorrentes.” (332-333)
--	--

Nº	3
Referência	Freire-Medeiros, B 2006, 'Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus', <i>Revista Estudos Históricas</i> , bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 3	4
Referência	Moraes, C 2010, 'Turismo eo museu de favela: um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro', <i>Revista eletrônica de turismo cultural</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O trabalho versa sobre a implementação do Projeto Turismo no Museu de Favela, em andamento no Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. O projeto surge após a fundação da organização não-governamental Museu de Favela (MUF), constituída por moradores das comunidades, com o objetivo de valorização da memória coletiva. Para a promoção de visitas ao museu pensaram em aliar sua proposta ao Turismo, em função da localização das favelas e do interesse por turistas em 104isita-las. Deste modo, foi elaborado em convenio com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) um curso de extensão em Turismologia para a comunidade capacitar-se para a organização de visitas e elaboração de roteiros nas favelas. Como turismóloga responsável pelo projeto estou analisando, em trabalho de campo, a relevância da relação Turismo e Museus para a reafirmação das comunidades faveladas do Rio de Janeiro.
Palavras-chave	Turismo, Museus e Favelas
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="http://www.eca.usp.br/turismocultural/07.6CMoraes.pdf">http://www.eca.usp.br/turismocultural/07.6CMoraes.pdf</a>
Observações	

Nº	5
Referência	Moraes, BC 'TURISMO EO MUSEU DE FAVELA', <i>SOBRE MUSEUS E TURISMO</i> ,, eca.usp.br
Tipologia	

documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 4

Nº	6
Referência	Damin, ML 2019, 'MACHADO, Mônica. Antropologia digital e experiências virtuais no Museu de Favela. Curitiba: Appris, 2017. 215 p.', <i>Horizontes Antropológicos</i> , journals.openedition.org
Tipologia documental	Resenha de Livro
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://journals.openedition.org/horizontes/pdf/3083">https://journals.openedition.org/horizontes/pdf/3083</a>
Observações	

Nº	7
Referência	Freire-Medeiros, B 2009, 'A construção da favela carioca como destino turístico', bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Palestra
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 4	8
Referência	Nakano, N, & Jorente, MJV 2013, 'Um Modelo de inovação bottom up: Museu de Favela (MUF)', <i>Em Questão</i> , redalyc.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo tem como objetivo apresentar, descrever e discutir o modelo de inovação do primeiro museu territorial ao ar livre, concebido em uma favela no Rio de Janeiro, o Museu de Favela (MUF). Nele são introduzidos os conceitos de favela, e diferenciados museu tradicional e os ecomuseus, a fim de contextualizar o universo do MUF. Discute-se o conceito de coleção de um museu territorial ao ar livre e como

	se dá o trabalho de curadoria nesse contexto, bem como os tipos de interação possíveis com a diversidade de indivíduos atendidos por um museu como o MUF. Discute-se ainda o papel dessa nova tipologia museológica na sociedade, a partir de entidades criadas pela inovação do tipo bottom up realizada pela iniciativa do MUF dentro da nova museologia de ação. Conclui-se com considerações a respeito da mudança de foco do papel desempenhado pelo MUF como agente de desenvolvimento social e cultural.
Palavras-chave	Museu de Favela. Ecomuseu. Inovação. Nova Museologia
Disciplina	Biblioteconomia
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645973014.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645973014.pdf</a>
Observações	

Nº 5	10
Referência	Langone, J, Junior, NGG, & Coutinho, D da Silva 2015, 'A criação de produtos locais em parceria com o Museu de Favela no Rio de Janeiro através da Metodologia de Percurso', <i>MIX Sustentável</i> , nexos.ufsc.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo tem o objetivo de descrever uma parte do processo das oficinas colaborativas de design com os moradores da comunidade do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, participantes ativos do Museu de Favela a partir da aplicação da Metodologia de Percurso no Circuito Casas Tela. Para isso, utiliza um diálogo com os conceitos de delinquência de um percurso em um determinado trajeto de Michel de Certeau e de cimento societal que agrega grupos em um território delimitado de Michel Maffesoli. Os dados foram construídos pelos pesquisadores por meio de uma pesquisa bibliográfica e da aplicação empírica da Metodologia de Percurso em aulas expositivas-práticas com os moradores, nas quais foram desenvolvidos signos visuais da identidade do morro para a prototipagem de artefatos locais. Os dados revelaram que a participação ativa dos moradores para a construção de uma linguagem própria além de aperfeiçoá-los nos fazeres do seu território, os transformam em potenciais multiplicadores dos signos locais, ressaltando os saberes da cultura material da comunidade por intermédio dos produtos gerados nas oficinas colaborativas.
Palavras-chave	Design; território; metodologia de percurso
Disciplina	Design
Localização	<a href="https://nexos.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/download/1174/538">https://nexos.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/download/1174/538</a>
Observações	“O tema deste artigo é uma parte da descrição do processo das oficinas colaborativas de design entre os moradores das comunidades do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, morros localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro e os pesquisadores do Nimesc/PUC-Rio (Núcleo Interdisciplinar de Subjetividade, Memória e Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). O objetivo do artigo é o resgate e a aproximação dos conceitos teóricos de delinquência de um percurso do filósofo e cientista social Michel de Certeau e de cimento societal do filósofo e cientista social Michel Maffesoli para dar base para as oficinas colaborativas com as artesãs e os moradores-fundadores do Museu de Favela. Os objetivos específicos são: a aplicação da Metodologia de Percurso pelos próprios moradores para a identificação de signos locais do território abordado em conjunto com os pesquisadores e a descri-

	ção de uma parcela das oficinas para a geração de protótipos de produtos artesanais locais com alto teor de diferenciação por intermédio da iconologia levantada pela pesquisa, com a apropriação dos signos visuais locais para a criação dos artefatos. O recorte principal do artigo se refere à oficina de fotografia da Metodologia de Percurso no Circuito Casas Tela, no MUF1, no ano de 2013, como meio de registrar a iconologia do território para o aumento de repertório das próprias artesãs e dos moradores no desenvolvimento de produtos locais e, por conseguinte, a compreensão da força de diferenciação que os signos territoriais possuem na criação de produtos singulares por intermédio de uma oficina de prototipagem.”109
--	---

Nº 6	11
Referência	Fagerlande, SMR 2016, 'Turismo no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho: albergues e mobilidade na favela', <i>Rio de Janeiro, 1º Seminário Nacional de ...</i> , academia.edu
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Ao se estudar os reflexos da implantação das UPP's no conjunto de favelas cariocas do Cantagalo-Pavão Pavãozinho a pesquisa em andamento observou um intenso crescimento das atividades ligadas ao turismo, em especial do número de albergues, entre 2011 e 2015. O presente trabalho busca mapear esses empreendimentos para entender a maneira como essas atividades de hospedagem se relacionam com a comunidade em termos de sua espacialidade, da relação com aspectos da mobilidade nessas áreas, em especial das novas possibilidades de acesso e novas vias internas da comunidade e as possíveis mudanças relacionadas aos novos usos turísticos dessas áreas da cidade.
Palavras-chave	albergues, turismo, favelas, mobilidade.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2a6snxa7">https://tinyurl.com/2a6snxa7</a>
Observações	

Nº	12
Referência	Bentes, I 2007, 'Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome', <i>ALCEU, Rio de Janeiro</i> , academia.edu
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 7	13
Re-	Portilho, AS 2016, '... jardins suspensos de Ipanema e Copacabana': políticas governamentais,



fe- rên- cia	demandas por memória e produção do espaço no Museu de Favela do Pavão-Pavãozinho ...', bibliotecadigital.fgv.br
Ti- po- logia do- cu- men- tal	Tese de Doutorado
Re- su- mo	O foco central desta tese é a análise sobre a sistematização e uso da memória nas favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, localizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, tanto quanto a institucionalização destas memórias no Museu de Favela (MUF). Neste trabalho, procuro investigar como se estruturam políticas governamentais em torno da categoria "museologia social" que possibilitam a realização de projetos mobilizando demandas por visibilidade e reconhecimento. Tais demandas são encampadas por sujeitos que compõem segmentos marginalizados da sociedade e têm como objeto principal a publicação de memórias das favelas. Problematizo as estratégias utilizadas pelos agentes para realizar ações que têm a memória como "legado" de projetos de intervenção urbana, além de analisar suas maneiras de produzir novos significados e práticas no espaço da favela.
Pa- la- vras- cha- ve	Museu de Favela, museu, museologia social, memória, política pública, favela
Dis- ci- plina	História
Lo- cali- za- ção	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16534/Tese%20Aline%20dos%20Santos%20Portilho.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/themes/Mirage2/pages/pdfjs/web/viewer.html?file=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16534/Tese%20Aline%20dos%20Santos%20Portilho.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>
Ob- ser- va- ções	

Nº	14
Referência	Vieira, ACP 2006, 'Da memória ao Museu: a experiência da Favela da Maré', <i>ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 8	15
Referência	Chagas, M, Assunção, P, & Glas, T 2014, 'Museologia social em movimento', <i>Revista Cadernos do ...</i> , bell.unochapeco.edu.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2618/1517">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2618/1517</a>
Observações	<p>“Fim de inverno na cidade do Rio de Janeiro. De dia o sol se impõe, mas ainda assim o frio leve atravessa o cotidiano e deixa a sua marca. À noite a temperatura é um pouco mais baixa e o céu sem nuvens permite observar as estrelas. Os ventos estão presentes, mas não são desagradáveis. A cidade ainda respira os ares do mês de junho quando as manifestações populares e os movimentos sociais tomaram as ruas do país. Foi nesse clima que ocorreu a XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), no período de 8 a 10 de agosto de 2013, com base no Museu da República, no Museu da Maré e no Museu de Favela, e ampla participação de estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, artistas, militantes de movimentos sociais e colaboradores dos museus sociais. Durante três dias representantes e simpatizantes do MINOM estiveram reunidos e dedicados ao debate sobre a teoria e prática da Museologia Social ou sociomuseologia. O MINOM adotou como referência o tema da XXIII Conferência Geral do ICOM, realizada no período de 11 a 17 de agosto de 2013. Nesse sentido, a equação “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social” ganhou destaque e norteou os debates. A respeito do tema, o próprio MINOM, ao divulgar a sua Conferência, postou o seguinte reflexo:”429</p>

Nº 9	17
Referência	Portilho, A dos Santos 2017, 'MUSEUS EM FAVELA: MEMÓRIA E POLÍTICA', <i>II Seminário de Integração dos ...</i> , xn--conferencias-sbb.ufrj.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	<p>A proposta que submeto ao II SINTAE tem como objetivo apresentar as investigações que tenho realizado no curso de doutorado em História, Política e Bens Culturais que desenvolvo no CPDOC/FGV. O projeto “Relações entre governo e sociedade civil nos Complexos do Pavão – Pavãozinho – Cantagalo e da Maré: agenciamento e institucionalização da memória de favelas cariocas através da constituição de museus” tem como foco investigar a interação entre Estado e Sociedade Civil na execução de políticas públicas de resgate e divulgação da memória de favelas no Rio de Janeiro. Estes empreendimentos demandam o reconhecimento das favelas como parte da história e da memória nacionais e problematizo as estratégias utilizadas pelo Estado na institucionalização destas demandas. Estes museus são entendidos como espaços de atuação política e cultural dos agentes locais. Neste sentido, pretendo apresentar reflexões que relacionam a demanda por direito à memória e à</p>

	cultura à operação de instrumentos estabelecidos pelas políticas culturais, a partir dos dados que venho levantando em meu trabalho de campo
Palavras-chave	Memória. Museu. Favela. Estado. Política Cultural.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://xn--conferncias-sbb.ufrj.br/index.php/sintae/sintae2014/paper/viewPaper/1750">https://xn--conferncias-sbb.ufrj.br/index.php/sintae/sintae2014/paper/viewPaper/1750</a>
Observações	

Nº 10	18
Referência	Machado, M, & Soares, A 2018, 'Ativação e consumo digital no Museu de Favela',,, rubi.casaruibarbosa.gov.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo objetiva investigar o engajamento digital no Museu de Favela, na comunidade do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, no Rio de Janeiro. O campo conceitual é a Antropologia digital, compreendida na Inglaterra como subdisciplina da Antropologia por Horst e Miller (2012). Os autores salientam que o ativismo digital é um sistema de mediação cultural, associado às experiências culturais precedentes. A análise é também orientada por Geismar (2012), que define o digital no contexto dos museus, compreendendo-o como parte de uma longa história de seleção, classificação e representação da humanidade e da cultura material. O debate se desdobra para o estudo de como as memórias pessoais, coletivas e culturais são reeditadas na linguagem digital do Museu de Favela. Compreendemos que as cosmologias são singulares em cada contexto cultural específico, por isso investimos em um estudo de caso que reflita como a concepção de um museu social é partilhada e consumida nas redes e plataformas digitais.
Palavras-chave	Museu de Favela. Digital e museu. Ativismo digital.
Disciplina	Comunicação e Antropologia
Localização	<a href="http://www.rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/8994/1/Machado%3bSoares_Ativa%c3%a7%c3%a3oeconsumodigitalnoMuseudeFavela.pdf">http://www.rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/8994/1/Machado%3bSoares_Ativa%c3%a7%c3%a3oeconsumodigitalnoMuseudeFavela.pdf</a>
Observações	

Nº	19
Referência	Oliveira, ASF de 2018, 'Produção e consumo digital eo Museu de Favela: ampliando as vozes da periferia', <i>Signos do Consumo</i> ,, periodicos.usp.br
Tipologia documental	Resenha de Livro
Resumo	
Palavras-	

chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 11	20
Referência	Janeiro, ER de 'PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM UM MUSEU DE TERRITÓRIO: O CASO DO MUSEU DE FAVELA', <i>aninter.com.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O conceito de museu vem se transformando nos últimos tempos. Novos tipos de museu vêm surgindo, principalmente com o reconhecimento da chamada Nova Museologia. Neste contexto, se insere o Museu de Favela (MUF), ONG e museu comunitário e de território, localizado nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, no Rio de Janeiro. Este artigo visa apresentar os letramentos utilizados pelo MUF, expressos através do graffiti e do rap, a partir dos Novos Estudos de Letramento. Estes letramentos demonstram a identidade local e diante disso busca-se perceber em que medida a utilização deles se configura como uma vanguarda por parte do museu e que implicações ela pode trazer para uma instituição museal que em sua concepção original trabalha com o tripé conservar-preservar-restaurar. A metodologia utilizada engloba a pesquisa bibliográfica e a técnica da observação participante que foi realizada em período de trabalho na instituição.
Palavras-chave	Museu de Favela. Memória. Letramento
Disciplina	Memória Social
Localização	<a href="http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2016/19.%20RODRIGUES.pdf">http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2016/19.%20RODRIGUES.pdf</a>
Observações	“Neste contexto de mudanças na área museal, se insere o Museu de Favela (MUF), ONG e museu comunitário e de território (categorias nativas), localizado nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo na Zona Sul do Rio de Janeiro. Minha relação com este museu começa enquanto estudante de graduação do Curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde fui bolsista de extensão do Projeto Turismo no Museu de Favela (TURISMUF) no ano de 2010. O Circuito Casas-Tela, principal acervo do museu, mostrou-se como um objeto de estudo instigante, constituindo meu estudo de caso na monografia da graduação. Este é um circuito de graffiti, onde casas de moradores das comunidades têm suas fachadas grafitadas retratando as memórias, histórias e cultura local. Depois de formada, tive a oportunidade de retornar ao MUF em 2013. Fiz parte da equipe nomeada “Equipe PEDIMUF”. PEDIMUF é a sigla utilizada para Plano Estratégico e de Desenvolvimento Institucional do Museu de Favela. Este plano de duração de dois anos, com vistas a encerrar em 2015, tem como objetivo o treinamento e qualificação dos gestores e equipe do Museu de Favela, sendo eles em sua maioria moradores das comunidades Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. A Equipe PEDIMUF era composta inicialmente por profissionais de diversas áreas. Atuei como turismóloga na primeira fase do projeto (duração de quatro meses) que tinha por objetivo a Elaboração do Manual de Sistemas e Procedimentos de Gestão do MUF e meu principal objetivo era fazer a parte deste manual que correspondia ao turismo/visitas ao museu. Durante o processo de produção do manual, participei de diversas reuniões juntamente com a Equipe PEDIMUF, com os diretores do MUF, acompanhei diversas visitas de turistas,

	estudantes e pesquisadores ao museu, em especial ao seu principal circuito e acervo: o Circuito Casas-Tela."287-288
--	---

Nº 12	21
Referência	Joseph, GL 2012, 'Insight Favela: A Joint Project Between CAMOC and the Museu de Favela', <i>Museum international</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museology
Localização	<a href="https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1111/muse.12018?casa_token=GuU0Vb2qVeMAAAA%3AoVK2bXYVelfdiuGOW1PlmAl9IASyK-zwTpVDNSJw-kjbp6HyQf0MbulBN6WfXMeHtIPx9FJKf_H">https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1111/muse.12018?casa_token=GuU0Vb2qVeMAAAA%3AoVK2bXYVelfdiuGOW1PlmAl9IASyK-zwTpVDNSJw-kjbp6HyQf0MbulBN6WfXMeHtIPx9FJKf_H</a>
Observações	<p>"The official website of the ICOM International Committee for the Collections and Activities of Museums of Cities (CAMOC) states that the committee 'is a forum for people who work in or are interested in museums about cities, urban planners, historians, economists, architects or geographers, all of whom can share knowledge and experience, exchange ideas and explore partnerships across national boundaries. In short, CAMOC is about cities and the people who live in them' (CAMOC 2013a). CAMOC is interested in engaging with urban experimentation, innovative projects, data sharing and development indicators. Establishing innovative partnerships through international exchange with universities, programmes and related institutions that are equally interested in the destiny of the world's cities is central for CAMOC. The committee can therefore stimulate dialogue and cooperation among museums and offer them support for collecting, preserving and exhibiting archives related to the past, present and future of cities, reinforcing its identity and contributing to its development." 59</p> <p>The Insight Favela Museum/MUF Project (or simply Insight Favela) emerged as a CAMOC proposal for an ICOM Special Project to be carried out over two consecutive years, in collaboration with MUF, and with the participation of the Movement for a New Museology (MINOM), an affiliated organization of ICOM. The intention of the project was to conceive 'a special urban narrative-collecting activity for members of CAMOC, which could be turned into an experience to be shared with the most significant favela museums in Rio' (CAMOC 2013b). As a long-term goal, CAMOC aims to develop an online crowdsourcing resource, a collaborative online platform to gather and collect relevant information about urban narratives from different projects, museums and organisations around the world. Insight Favela was conceived as a first step and opportunity to create this online resource from a case study that could thereafter be of interest to many other organisations. The project was granted ICOM's approval and support and was structured as follows:" 59</p>

Nº 13	22
Referência	Coutinho, D, & Junior, NG 2018, 'Design ea Semiologia da Realidade na Representação da Favela: análise da exposição Mulheres Guerreiras do Museu de Favela do Rio de Janeiro', <i>Estudos em Design</i> , eed.emnuvens.com.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O presente artigo tem como objeto de estudo a análise da representação dos signos dos painéis da Exposição Mulheres Guerreiras, resultante de uma metodologia desenvolvida na pesquisa de mestrado "Design, Cultura Material, Artesanato e Memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro". A metodologia utilizou oficinas participativas com artesãs do Museu de Favela (MUF) localizado no Morro do Cantagalo, comunidade na Zona-Sul do Rio de Janeiro. O artigo apresenta a análise dos códigos da linguagem visual utilizados nas produções artesanais dos painéis a partir da Semiologia da Realidade, desenvolvida por Pasolini (1972), correlacionando com o conceito sociológico Muito Lugar, apresentado por Athayde e Meirelles (2014). Um paralelo entre as duas áreas é traçado por meio da análise e classificação dos painéis.
Palavras-chave	semiologia; design; artesanato; favela.
Disciplina	Design
Localização	<a href="https://www.eed.emnuvens.com.br/design/article/download/608/332">https://www.eed.emnuvens.com.br/design/article/download/608/332</a>
Observações	"O presente artigo trata da análise dos painéis desenvolvidos para exposição Mulheres Guerreiras. A exposição é um produto do Museu de Favela do Rio de Janeiro (MUF) e resulta de uma metodologia participativa desenvolvida na pesquisa de mestrado "Design, Cultura Material, Artesanato e Memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro1" por pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura da PUC-Rio – NIMESC/PUC-Rio e artesãs do MUF. O NIMESC é um grupo de pesquisa interdepartamental que integra o departamento de Psicologia da PUC-Rio e o Laboratório de Design de Histórias - Dhis do departamento de Artes e Design da PUC-Rio. A metodologia e descrição das oficinas estão relatadas nos artigos Design, Cultura Material, Artesanato e Memória: a metodologia do Design Participativo no Museu de Favela do Rio de Janeiro e no artigo Design2, e "Material Culture, Handcrafts, and Memory in The Favela Museum Of Rio de Janeiro3". A ONG Museu de Favela - MUF é uma organização não governamental de caráter comunitário, formada por moradores das comunidades do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho no Rio de Janeiro. A missão do MUF é preservar a memória da comunidade, promovendo a conexão entre os moradores e a cultura local. O museu apresenta diferentes ações, entre elas o Prêmio Mulheres Guerreiras, objeto de estudo desta pesquisa. O prêmio homenageia, por meio de uma exposição, mulheres, moradoras desta comunidade que tenham histórias de vidas marcadas pela luta, força e coragem. Este artigo visa a criação de dispositivos analíticos para essa exposição a partir de dois dispositivos teóricos: Semiologia da Realidade proposta por Pasolini (1972) e o conceito sociológico Muito Lugar, apresentado por Athayde e Meirelles (2014). Um paralelo entre os dois referenciais gera as categorias que serão usadas na análise sistematizada dos painéis"2

Nº14	23
Referência	Fagerlande, SMR 2016, 'Mobilidade e turismo em favelas cariocas', <i>Caderno Virtual de</i>

	<i>Turismo,, ivt.coppe.ufrj.br</i>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Esse trabalho está ligado a pesquisa sobre o turismo em favelas, que se iniciou no pós-doutorado e prossegue como uma das linhas de trabalho do programa de pós-graduação, e foi apresentado no Colóquio Turismo e Cidades, na UNIRIO, em junho de 2015. Ao se estudar a relação entre os novos equipamentos urbanos construídos no Complexo do Alemão e no Cantagalo Pavão Pavãozinho, que fazem parte de grandes obras ligadas aos eventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, a pesquisa vem destacando a importância desses equipamentos de mobilidade urbana para o desenvolvimento do turismo nessas favelas. O artigo foca na relação entre o teleférico construído no Complexo do Alemão, o elevador-mirante do Cantagalo Pavão Pavãozinho e o desenvolvimento dessas atividades nessas favelas, especialmente as mudanças urbanas que a presença de novos usos e equipamentos vem provocando. O trabalho tem início com o mapeamento de albergues, bares e restaurantes, além de projetos sociais e comunitários e de como a localização desses equipamentos ligados ao turismo nessas favelas tem se relacionado com as grandes obras em questão, e de como a favela tem se transformado nessa relação entre turismo e mobilidade urbana.
Palavras-chave	turismo, favelas, mobilidade.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/download/1223/453">http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/download/1223/453</a>
Observações	“A partir de dados coletados nas favelas, o estudo em andamento busca entender como as diversas formas de mobilidade tem influenciado o desenvolvimento das atividades turísticas nos dois conjuntos de favelas, pela localização de novos empreendimentos e pela maneira como os meios de transporte se relacionam com esses novos investimentos nas favelas. Através do mapeamento dessas atividades, busca-se entender as novas dinâmicas urbanas que ali estão ocorrendo, bastante relacionados ao turismo. Novos empreendimentos, como albergues, ou hostels como são preferencialmente chamados, se localizam ao lado de bares, restaurantes, e atividades como feiras de artesanato, apresentações de capoeira, samba ou arte de rua, como o grafite, além de projetos sociais relacionados à cultura e também por vezes voltados para geração de renda e atividades turísticas, traçando novos perfis do turismo nas favelas.” <sup>349</sup>

Nº15	24
Referência	Coutinho, D, Nojima, V, Junior, NG, & Langone, J 'Signos de um percurso: uma análise semiótica de artefatos artesanais do Museu de Favela', <i>pdf.blucher.com.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Este artigo apresenta uma análise semiótica de artefatos artesanais concebidos e prototipados por artesãs do Museu de Favela (MUF) em oficinas práticas e participativas em projeto de pesquisa intervenção. Trata-se de uma análise a partir de um grupo de dispositivos teóricos: as categorias fenomenológicas da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade desenvolvidas por Peirce no estudo da semiótica (2005) e

	os conceitos de Forma, Significado e Função examinados por Braida e Nojima (2014). Um paralelo entre os dois referenciais gera as categorias que serão usadas na análise sistematizada dos produtos. Os dados demonstram que diferentes signos locais da favela foram representados nos artefatos com objetivo de dar visibilidade a memória e à infraestrutura desses espaços.
Palavras-chave	semiótica, artesanato, signos, favela
Disciplina	Design
Localização	<a href="http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/3.0243.pdf">http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/3.0243.pdf</a>
Observações	<p>“Os objetos transmitem a diversidade de significados dos espaços e produzem uma comunicação que foge dos limites da linguagem verbal, somam-se a ela e ensinam ao leitor um entendimento de uma cultura de forma mais ampla. Uma caneta, por exemplo, tem a capacidade de transmitir diferentes informações sobre o contexto em que está inserida e de quem a utiliza. Esse ensinamento transmitido de forma inarticulada pela representação dos objetos e por meio dos signos, exemplifica a proposta do desenvolvimento dos artefatos confeccionados no Museu de Favela (MUF). A parceria com pesquisadores do Laboratório de Design de Histórias (Dhis) do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio buscou refletir sobre os signos da memória dos saberes e fazeres das comunidades envolvidas nos artefatos elaborados pelas artesãs do museu. O MUF é uma organização não governamental, formada por moradores das comunidades do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro. O museu trabalha pela valorização da memória cultural coletiva, a partir das memórias dos moradores e do patrimônio cultural local. Um de seus principais projetos é o Circuito Casas Tela, onde são utilizadas casas de alguns moradores como telas para a representação das memórias do conjunto de morros, dos seus moradores e das suas práticas socioculturais por meio do grafite. Os visitantes percorrem um percurso de 22 (vinte e duas) Casas Tela. Dentro deste contexto, se insere a produção dos artefatos artesanais que são expostos e comercializados no MUF como uma das formas de sustentabilidade do museu e das artesãs. A metodologia aplicada e a descrição das oficinas de geração dos artefatos podem ser consultadas no artigo “A criação de produtos locais em parceria com o Museu de Favela no Rio de Janeiro através da Metodologia de Percurso1”. Este artigo visa a compor um grupo de dispositivos analíticos para os artefatos desenvolvidos junto ao Circuito Casas Tela a partir dos seguintes dispositivos teóricos: as categorias fenomenológicas da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade da semiótica Peirceana, proposta por Peirce (2005) e os conceitos de Forma, Significado e Função analisados por Braida e Nojima (2014). Um paralelo entre os dois referenciais gera as categorias que serão usadas na análise sistematizada dos produtos.”1-2</p>

Nº16	25
Referência	Moraes, CM dos Santos 2011, 'Museu de Favela: pensando turismo e patrimônio no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo', oatd.org
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Esta dissertação versa sobre o Museu de Favela (MUF), organização não-governamental fundada em 2008 durante as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, na Zona Sul da



	cidade do Rio de Janeiro. As principais propostas do MUF são a patrimonialização da favela/seus elementos culturais, bem como o desenvolvimento turístico dessas favelas. A partir de um trabalho de campo, do tipo observação participante junto à diretoria do MUF, analiso a construção de sua proposta de turismo em oposição à favela da Rocinha, caso emblemático do turismo em favelas. Mostro a presença de duas ideias de turismo a propósito do caso estudado: o que chamo de turismo vilão, representado pelo contexto da Rocinha na visão dos promotores do MUF; e o que chamo de turismo solução, representado na mesma visão pelo turismo organizado pelos moradores para benefício da população local e solução dos problemas das favelas. Analiso ainda a proposta do MUF, sua organização como ONG e seus diretores. Por fim, focalizo o Museu de Favela e o Estado como atores sociais básicos envolvidos na questão analisada, mostrando como turismo e patrimônio aparecem como ferramentas para ambas as instituições, que guardam semelhanças e diferenças no que se refere a dois processos em andamento nas favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo: o processo de patrimonialização e o processo de turismização
Palavras-chave	Turismo; Patrimônio; Museu; Favela ; Tourism; Heritage; Museum; Slum; CIENCIAS SOCIAIS APLICADAS; Turismo Aspectos sociais Rio de Janeiro (RJ); Favelas Rio de Janeiro (RJ)
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="https://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C%3Awww.btd.uerj.br%5C%3A1880">https://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C%3Awww.btd.uerj.br%5C%3A1880</a>
Observações	

Nº17	26
Referência	Machado, M 2016, 'Imaginários sociais sobre as favelas cariocas: o turismo-cultural do museu de favela e seus modos de ativação digital', <i>Diálogo com a Economia Criativa</i> , dialogo.espm.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Esse artigo objetiva refletir sobre as representações sociais das favelas cariocas em registros midiáticos ao longo os últimos anos, o crescente movimento do Favela-tour e seus paradoxos, bem como as suas implicações conceituais. Em seguida reflete sobre as experiências do turismo cultural do Museu de Favela, com destaque para o processo de criação do hotsite Museu de Favela Tour como dispositivo que faz circular o capital cultural comunitário. Todas essas noções associam-se aos pressupostos teóricos da cultura material, como um campo da antropologia que estuda as correlações entre objetos e inventários socioculturais e avança para o estudo da sub-linha da pesquisa da antropologia digital, onde as relações entre sujeitos sociais e tecnologias são imaginadas como reelaborações da sociabilidade que precedem a essa tradição e se dispõem a revelar as contradições sociais já dispostas na cultura.
Palavras-chave	Favela-tour. Favela e imaginários sociais. Museu de Favela. Cultura material.
Disciplina	Comunicação e Antropologia
Localização	<a href="http://dialogo.espm.br/index.php/revistadcec-rj/article/download/36/37">http://dialogo.espm.br/index.php/revistadcec-rj/article/download/36/37</a>
Observações	“Esse artigo parte então da hipótese de que há forte demanda para o reality tour no Brasil e em diversas partes do mundo, adicionando a esse discurso a visão romântica do viajante que busca fugir das regras formais do turismo do mainstream e ir de encontro com experiências genuínas das culturas locais. As favelas cariocas, como

	<p>destinos turísticos, tornaram-se tendências e disputam o lugar de destino social com outras cidades globais. Contudo, esse trabalho vai salientar que as experiências de trabalho com o tema do turismo em favela pode variar muito. Se existem modelos de tours que se enquadram no princípio do “safári urbano” e capitalizam o discurso do adventure tour atravessando a cidade com turistas em jeeps caMUFlados e com guias com precários conhecimentos históricos e agenciados por empresas com nenhuma relação com a comunidade, outras experiências divergem desse modelo. Portanto, tomando o caso do Museu de Favela (MUF) do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho no Rio de Janeiro como referência, que está fundamentado no conceito de museologia social e das decisões comunitárias sobre legado e patrimônio cultural, a sua exposição permanente - Circuito Casas-Telas - onde obras de arte em forma de graffiti, instaladas em vinte casas de moradores, revelam as memórias sociais locais, das primeiras ocupações no morro, as histórias da imigração, das origens do samba e demais ritmos musicais, as variadas tradições religiosas e os desafios da superação da pobreza e da falta de suporte governamental. Esse circuito cultural é também turístico. E o projeto de compreensão do Circuito Casas-Tela como destino turístico cultural está na base das proposições estratégicas do Museu de Favela como modo de criar condições de sustentabilidade e auto-gestão comunitária, assim como ampliar a participação popular comunitária, formando guias para cumprir o roteiro. No contexto do MUF, o turismo é visto uma ação militante e um caminho para efetivação dos negócios criativos da comunidade, pois é um canal para mobilização da rede de empreendedores locais como artesãos, donos de bares, hostels e outros.”62-63</p>
--	---

Nº 18	27
Referência	Moraes, C 2010, 'Os Caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo', <i>Revista Intratextos</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O trabalho versa sobre a implementação do Projeto Turismo no Museu de Favela, em andamento no Complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. O projeto surge após a fundação da organização não-governamental Museu de Favela (MUF), constituída por moradores das comunidades, com o objetivo de valorização da memória coletiva. Para a promoção de visitas ao museu pensaram em aliar sua proposta ao Turismo, em função da localização das favelas e do interesse por turistas em visitá-las. Deste modo, foi elaborado em convenio com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) um curso de extensão em Turismologia para a comunidade capacitar-se para a organização de visitas e elaboração de roteiros nas favelas. Como turismóloga responsável pelo projeto, estou analisando, em trabalho de campo, a construção dos roteiros pelos alunos, as escolhas dos caminhos por onde vão passar os turistas, como eles imaginam a favela e o que eles querem mostrar. Nos caminhos do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo há muitas histórias, muitos conflitos. Tudo o que os moradores querem é serem vistos, serem lembrados, e estão encontrando no Turismo e no Museu de Favela esta oportunidade.
Palavras-chave	Turismo, Favelas, Museu, Políticas Públicas.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/407">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/407</a>

Observações	

Nº	28
Referência	MUSEU, DEF 2009, 'Segundo jornal informativo do Museu de Favela (InforMUF)', <i>Rio de Janeiro</i> ,
Tipologia documental	Notícia – Jornal do MUF
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	29
Referência	PINTO, RCS, SILVA, CEG, & LOUREIRO, KAS 2012, 'Circuito das Casas Tela–caminhos de vida no Museu de Favela', <i>Rio de Janeiro: Museu de Favela</i> ,
Tipologia documental	Livro
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	Arquitetura, Museologia
Localização	
Observações	“O tema central deste primeiro livro de memórias do Museu de Favela é o Circuito das Casas-Telas, a galeria piloto das exposições permanentes a céu aberto do museu territorial. A intensidade dos processos de sua instalação inspirou ao Colegiado de Diretores do Museu de Favela propor em 2010 o seu registro num livro, como produto de difusão do Projeto Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM/OEI.” <sup>18</sup>

Nº19	30
Referência	Coutinho, D da Silva 2016, 'Design, Cultura Material, Artesanato e Memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro', <a href="http://maxwell.vrac.puc-rio.br">maxwell.vrac.puc-rio.br</a>
Tipologia documental	Disseertação de Mestrado
Resumo	Esta dissertação propõe uma metodologia de análise da imagem em parceria com as artesãs da Rede do Museu de Favela do Rio de Janeiro (MUF) do material produzido e comercializado pela Rede. A pesquisa realiza oficinas colaborativas de criação da Exposição Mulheres Guerreiras 2013 com as artesãs do MUF realizando um diálogo com os conceitos de Memória, Cultura Material e Linguagem Pedagógica das Coisas do autor Pier Paolo Pasolini em conjunção com a metodologia do Design Participati-

	vo. Todas as etapas do processo foram construídas pelos moradores e pesquisadores envolvidos através das aulas expositivas e das oficinas práticas, nas quais é problematizada a ideia de uma identidade visual local. Os dados revelaram que a participação ativa dos moradores para construção de uma linguagem própria os transforma em potenciais multiplicadores dos fazeres locais, ressaltando os seus saberes da cultura material da comunidade envolvida.
Palavras-chave	Memória; Materialidade; Artesanato; Favela
Disciplina	Design
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28046/28046.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28046/28046.PDF</a>
Observações	<p>“A aspiração de uma pesquisa acadêmica sobre a produção cultural dos moradores de favelas surgiu no projeto final da Graduação em Design na PUCRio: O Inverso dos Estereótipos: a vivência do cotidiano social em uma comunidade chamada Rocinha que objetivou o registro, em um livro ilustrado e fotográfico: Um Olhar Sobre a Produção Cultural na Rocinha<sup>1</sup>, que mostra um pouco da cultura que circula na Rocinha e os aspectos do cotidiano dos moradores da comunidade. O objetivo foi mostrar à sociedade valores e aspectos culturais que ainda não tem visibilidade, mas são produzidos em um contexto de multiplicidade de experiências de cidadania e produção cultural. A possibilidade desta pesquisa foi devido à parceria do MUF (Museu de Favela do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho) com o NIMESC (Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura da PUC-Rio). O NIMESC é uma parceria do Dhis (Laboratório de Design de Histórias do departamento de Design da PUC-Rio) com o laboratório de Psicologia, da mesma instituição.”<sup>14</sup></p> <p>“Este trabalho visa contribuir para a valorização da memória social e coletiva destas comunidades, a partir do morador, de suas origens, histórias, memórias e valores. A possibilidade de trabalhar a materialização e representação da memória dos moradores é a forma de manter viva e preservar a memória e história dessas localidades. Neste sentido, utiliza-se os conceitos de Memória Individual, Memória Coletiva, Memória e Construção da Identidade dos autores Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Pierre Norra. A pesquisa utilizou de depoimentos e histórias de vida de mulheres, coletados para o projeto Mulheres Guerreiras, que residem nessas favelas, sendo os únicos registros de um passado não documentado. Essas histórias foram recolhidas pela equipe do departamento de Psicologia e documentadas na tese: "A escuta de memórias nos labirintos da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção" de autoria de Cíntia Carvalho (2015), também pesquisadora do NIMESC. Para Pasolini (1990), os objetos sociais revelam a cultura e o lugar que se ocupa na classe social. Segundo o autor, seria a Linguagem das Coisas, conceito que será apresentado no capítulo quatro. Daí a importância de que a cultura material da favela seja revelada nos produtos criados por seus moradores.”<sup>15-16</sup></p>

Nº 20	31
Referência	Ferreira, IR 2014, 'Admirável MUF novo: a ativação digital do museu de favela do pavão pavãozinho e do cantagalo', pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	O objetivo deste projeto prático é a descrição do processo de criação de um hot site

	e um site para o Museu de Favelas do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo (MUF), bem como a sugestão de um planejamento para a atuação do museu em diferentes redes sociais, a ser feita em conjunto com as peças elaboradas. Para o desenvolvimento deste projeto, realizado em parceria com o Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada (LUPA/UFRJ), investigamos a presença da cultura da convergência no Brasil, a questão da representação das favelas frente à concentração dos meios de comunicação no país e também o contexto do surgimento dos principais museus de favelas no Rio de Janeiro. Desta maneira, analisamos as possibilidades de participação dos diferentes públicos aos quais a instituição se destina no ambiente digital.
Palavras-chave	ativação digital, museus de favelas, cultura da convergência, cultura da participação, redes sociais
Disciplina	Comunicação
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/688">https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/688</a>
Observações	<p>“O Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada, o LUPA, é um projeto de extensão do curso de publicidade da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que funciona nos moldes de uma agência experimental, possibilitando aos alunos a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na universidade e oferecendo um retorno para a sociedade. O projeto se destina às demandas da própria UFRJ, às ONGs, aos movimentos sociais e cooperativas populares e também às ações de comunicação de cunho sócio-histórico.</p> <p>O posicionamento da Agência Experimental da ECO é o de atender ao setor institucional e marcar posição no vínculo com o terceiro setor. Para dar conta dessa orientação conceitual, definimos seis frentes de linhas de engajamentos socioculturais onde a agência atua: projetos que têm ênfase na comunicação de cunho sócio-ambiental; ações publicitárias para cooperativas populares que objetivam dar visibilidade para os serviços oferecidos; estratégias comunicativas que dão visibilidade para projetos institucionais; campanhas que fortalecem a imagem de movimentos sociais e Ongs; e ações de comunicação para sensibilização de resgate da Memória, portanto, de cunho sócio-histórico. (MACHADO, Mônica, et al., 2011, p. 67)</p> <p>Coordenado pelas professoras Beatriz Lagoa, Marta Pinheiro e Mônica Machado, o laboratório conta atualmente com seis bolsistas de extensão, que realizam as funções de atendimento, redação e direção de arte na agência. Além disso, o núcleo conta também com voluntários para alguns projetos, grupo no qual me insiro atualmente ao participar da elaboração da ativação digital do Museu de Favela do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho (MUF). Durante o ano de 2012, a professora Mônica Machado, uma das coordenadoras do LUPA, foi também professora do Projeto Rio Geração Consciente, coordenado pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social, com financiamento do Pronasci. Neste projeto, cujo objetivo era promover o debate do direito à comunicação, Mônica atuou nas favelas do Cantagalo, no Pavão, no Pavãozinho, em Manguinhos e na Maré, e lecionou no MUF, o que possibilitou que a instituição conhecesse o projeto do laboratório universitário. A partir deste contato inicial entre membros das instituições foi possível desenvolver uma relação de parceria que tem como compromisso a criação conjunta de uma política de comunicação para o fortalecimento da imagem do MUF, voltando-se tanto para os influenciadores externos, possíveis apoiadores nacionais e internacionais, como para o público interno, investindo na divulgação do MUF aos moradores do Canta-</p>

	galo, Pavão e Pavãozinho. Desde 2012, o LUPA desenvolve para o MUF diversas peças, como informativos, cartazes e folders. Os bolsistas de direção de arte do laboratório produziram duas edições da revista digital do MUF e estão em vias de completar a próxima. Também reformularam a identidade visual do MUF e criaram os layouts das peças em ambientes digitais, como a identidade visual do site e do hotsite deste projeto, e as capas do Twitter e do Facebook, que são as redes sociais atualmente utilizadas pelo Museu de Favela.”25-26

Nº21	32
Referência	Coutinho, D, Langone, J, & ... 2016, 'DESIGN, CULTURA MATERIAL, ARTESANATO E MEMÓRIA: A METODOLOGIA DO DESIGN PARTICIPATIVO NO MUSEU DE FAVELA DO RIO DE JANEIRO', <i>Blucher Design ...</i> , pdf.blucher.com.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Este artigo apresenta um resumo da dissertação de mestrado Design, Cultura Material, Artesanato e Memória defendida no Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio em abril de 2016. O objetivo geral da pesquisa é de criar uma metodologia, por meio da pesquisa-intervenção, que capacite às artesãs da Rede de artesanato do Museu de Favela do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho para análise da imagem no contexto do desenvolvimento de seus produtos. A pesquisa realizou oficinas colaborativas para criação da exposição do prêmio Mulheres Guerreiras com as artesãs do MUF realizando um diálogo com os conceitos de Pier Paolo Pasolini em conjunção com a metodologia do Design Participativo e os conceitos de Memória Individual e Coletiva de Maurice Halbwachs. As etapas do processo foram construídas pelos moradores e pesquisadores envolvidos através das aulas expositivas e das oficinas práticas. Os dados revelaram que a participação ativa dos moradores para construção de uma linguagem própria os transforma em potenciais multiplicadores dos fazeres locais, ressaltando os seus saberes da cultura material da comunidade envolvida
Palavras-chave	Memória, Design Participativo, Favela, Artesanato
Disciplina	Design
Localização	<a href="http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0077.pdf">http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0077.pdf</a>
Observações	“A possibilidade desta pesquisa foi devido à parceria do Museu de Favela do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho - MUF com o Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura da PUC-Rio – NIMESC/PUC-Rio. O NIMESC é um grupo de pesquisa interdepartamental do Laboratório de Design de Histórias do departamento de Design da PUC-Rio - LADEH com o laboratório de Psicologia da PUC-Rio. A natureza do tema em foco é a contribuição do Design como veículo de transformação dos processos de materialização da memória de um grupo de artesãs da Rede MUF do Museu de Favela do Rio de Janeiro - MUF, por meio da capacitação visual dos fazeres locais das comunidades do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho. Para tanto, para uma reflexão teórica, a pesquisa se apoia nos conceitos de de Linguagem Pedagógica das Coisas e Cultura Material do autor Pier Paolo Pasolini em conjunto com os conceitos de Memória Individual e Memória Coletiva do autor Maurice Halbwachs. A pesquisa utiliza-se de depoimentos e histórias de vida de mulheres, captados pela equipe de

	psicologia do NIMESC, para o projeto Mulheres Guerreiras, que será apresentado. A pesquisa contribui para uma melhor aproximação do design com o artesanato e recuperação da memória das comunidades envolvidas. O projeto colabora para interface da área do Design validando que o mesmo pode contribuir socialmente para o desenvolvimento de pessoas e locais. O objetivo geral é criar uma metodologia, por meio da pesquisa-intervenção, que capacite às artesãs da Rede MUF de artesanato para análise da imagem no contexto do desenvolvimento de seus produtos visando à sua integração no Museu de Favelas do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho. O produto inicial, nesse trabalho, é a Exposição do Prêmio Mulheres Guerreiras.”901
--	--

Nº	33
Referência	Leite, LP, & Vasconcellos, PJLD 2020, 'Cidade, patrimônio e favela no Rio de Janeiro', <i>Revista Maracanan</i> , e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº22	34
Referência	Silva, LA 2012, 'Museu e turismo: instrumentos de negociação de cidadania?: estudo de caso do Museu de Favela-MUF/Rio de Janeiro', repositorio.ufpe.br
Tipologia documental	
Resumo	Esse trabalho propõe uma discussão sobre o papel dos museus e da atividade turística como instrumentos de inclusão social de grupos até então marginalizados dos processos de representação, reconhecimento e reivindicação de seus “direitos culturais”. A partir da construção e uso do conceito de “cidadania cultural” nas Políticas Públicas de Cultura no Brasil, e da análise das atividades desenvolvidas pelo MUF – Museu de Favela junto à população dos morros do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho na cidade do Rio de Janeiro, este trabalho oferece alguns dados à discussão sobre os processos de musealização de memórias periféricas e inserção de localidades tidas como marginais aos roteiros de turismo. Transformando-se, efetivamente, em arenas de negociação de cidadania e direitos culturais, entendidos como espaços de direitos à participação, informação, fruição, reconhecimento, produção e visibilidade cultural.
Palavras-chave	Turismo. Museu. Cidadania. Favela.
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10206">https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10206</a>
Observações	“O segundo passo estava dado. Interessei-me por essa nova proposta museal e gos-

	<p>taria de vê-la acontecer na prática. Muitas foram as experiências que cogitei analisar, mas a escolha pelo MUF - Museu de Favela nos morros do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho na cidade do Rio de Janeiro, deu-se por agregar em um só projeto as experiências – museal e turística –, vivenciando na prática novos paradigmas para ambas as atividades. Acrescenta-se à isso o fato das favelas do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho estarem localizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, região nobre da cidade. Cantagalo refere-se aquela parte do morro que fica voltada para a praia de Ipanema<sup>2</sup>; já Pavão-Pavãozinho trata-se daquela face do morro que fica defronte à praia de Copacabana. Essa localização confere um caráter diferente à experiência, se comparada à outras iniciativas de museu em favela em outras regiões, como por exemplo, o museu da Maré, inserido no Complexo da Maré na Zona Norte do Rio de Janeiro.”<sup>13</sup></p>
--	--

Nº	35
Referência	AA, C 2003, 'Considerações finais', <i>Camarano AA, organizador. Muito além dos,,</i> biblio.eci.ufmg.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº2 3	36
Referência	FAVELAS, MDOSQE 2018, '... : ENTRE MÉTODO DE REGISTRO E MEDIAÇÃO NA EXPOSIÇÃO DOMÉSTICA, DA ESCRAVIDÃO À EXTINÇÃO DO MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS ...!', re-searchgate.net
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos tem a premissa de debater a história e as representações, identidades e culturas no Aglomerado Santa Lúcia, localizado em Belo Horizonte. Este artigo vai analisar a exposição Doméstica, da escravidão à extinção, por meio do storytelling, pelo viés do design e pelo método da história oral. A Mostra foi inaugurada no dia 27 de abril de 2013, ano que foi aprovada a conhecida PEC das Domésticas. Será evidenciada a importância da oralidade para a materialização do quartinho de empregada criado pelo Museu e pelas mulheres do Morro do Papagaio. Dessa forma, aborda-se a pesquisa qualitativa por meio de entrevista semiestruturada com o diretor e curador do Museu, padre Mauro da Silva, a fim



	de identificar as etapas de execução e evidenciar o uso da ferramenta para captação de memórias vivas até a finalização da Doméstica. O resultado do projeto expográfico permite conhecer diferentes pontos de vista de trabalhadoras e de seus filhos e netos por meio dos relatos registrados nas paredes do quarto. Conclui-se que o uso do storytelling para o desenvolvimento e mediação de exposições como a do Muquifu é essencial para manter vivo o processo ao qual um museu comunitário se propõe no território que ocupa.
Palavras-chave	memória viva; mediação; museu comunitário; Storytelling.
Disciplina	Ciência da Informação
Localização	<a href="https://www.researchgate.net/profile/Samanta_Coan/publication/328996313_Historia_Oral_entre_metodo_de_registro_e_mediacao_na_exposicao_Domestica_da_escravidao_a_extincao_do_Museu_dos_Quilombos_e_Favelas_Urbanos/links/5beeca8c4585150b2bbb0154/Historia-Oral-entre-metodo-de-registro-e-mediacao-na-exposicao-Domestica-da-escravidao-a-extincao-do-Museu-dos-Quilombos-e-Favelas-Urbanos.pdf">https://www.researchgate.net/profile/Samanta_Coan/publication/328996313_Historia_Oral_entre_metodo_de_registro_e_mediacao_na_exposicao_Domestica_da_escravidao_a_extincao_do_Museu_dos_Quilombos_e_Favelas_Urbanos/links/5beeca8c4585150b2bbb0154/Historia-Oral-entre-metodo-de-registro-e-mediacao-na-exposicao-Domestica-da-escravidao-a-extincao-do-Museu-dos-Quilombos-e-Favelas-Urbanos.pdf</a>
Observações	“O que vale mais são as histórias por detrás de cada objeto”, disse o coordenador e museólogo do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), José Augusto de Paula (2016). É aqui o ponto inicial da discussão deste artigo que, por meio de entrevista semiestruturada com o diretor e curador do Muquifu (SILVA, 2017) <sup>1</sup> e do clipping do museu, vai expor e analisar o desenvolvimento de uma das Mostras de longa duração. Busca-se trazer o debate acerca do método storytelling para mostrar o potencial de co-criação e mediação da exposição Doméstica, da escravidão à extinção promovida por um museu comunitário de favela e desenvolvida com parceiros, mulheres do Morro do Papagaio e gestores do espaço museal.” <sup>1</sup>

Nº24	37
Referência	Roberto, EMEL 2015, 'As" anti-cidades"?(Re) pensando turismo e património em territórios segregados: um estudo comparativo-museus de favela e as ilhas do Porto',,, repositorio-aberto.up.pt
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	O tema da dissertação é um desafio de reflexão, e pode ser considerado mesmo, um longo ensaio em torno do turismo como possível fator de inclusão de territórios altamente segregados. Favelas e ilhas, vistos por muitos, inclusivamente pelos próprios habitantes das suas respetivas cidades como autênticas anti-cidades ou cidades à parte , são conceitos que se discutem, e propõe-se abordar o caso das favelas no Brasil e das ilhas na Cidade do Porto, de forma comparativa, enquanto exemplos autênticos desta “segregação sócio-espacial”, partindo da perspetiva do turismo e do património enquanto vertentes de domínio sociocultural capazes valorizarem estes espaços. Neste contexto, o turismo, que tem ganho crescente importância no cenário internacional de preservação do património, aparece como elemento capaz de atribuir visibilidade a estes territórios, ao mesmo tempo que os chamados “no-

	vos patrimónios”, assim como os seus respectivos critérios de seleção e preservação, aparecem cada vez mais inseridos nas discussões acerca de desenvolvimento económico, sustentabilidade e turismo.
Palavras-chave	turismo, património, anti-cidades, ilhas, Porto
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84729/2/37326.pdf">https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84729/2/37326.pdf</a>
Observações	<p>“Procura-se, a partir da relação estabelecida entre o turismo e o património cultural, e no âmbito dos diversos projetos desenvolvidos em diversas áreas de estudo em torno das ilhas do Porto e das favelas do Rio de Janeiro, analisar o valor que se tem dado às dinâmicas e manifestações culturais específicas dentro de comunidades segregadas como as favelas e as ilhas, e, nomeadamente, em relação à questão do direito à cidade e o direito à habitação, que tem-se tornado uma questão fulcral abordada nos diversos projetos desenvolvidos em torno das ilhas do Porto. A ideia é, através da proposta de criação de um museu, de forma participativa e democrática, nas ilhas do Porto, avaliar até que ponto esta valorização pode contribuir para dar voz à identidade dos seus habitantes e das suas manifestações culturais e qual seria o contributo do turismo neste processo. Esta perspetiva baseia-se na ideia defendida por Michel Parent<sup>4</sup> de que o turismo representa “um processo de intercâmbio cultural, de „compreensão mútua entre os povos e o desenvolvimento e salvaguarda das suas culturas específicas” ” (citado por Leal, 2008: 21). Na mesma linha, Alfonso (2003: [5]) afirma que os turistas culturais procuram, ao “consumir aspectos do património de um determinado local [...], compreender tanto o lugar como aqueles que nele vivem ou viveram”<sup>5</sup> sendo nesta ótica que este estudo se baseia. Ou seja, a ideia de museu surge como “um espaço de colaboração e de aprendizagem, de criatividade, reflexividade e pensamento crítico” (Semedo e Ferreira, 2012: 2), não só do conceito de museu por si só, como também das diferentes dinâmicas e aspectos que integram uma determinada comunidade. No caso das ilhas, seria uma forma de abrirem os seus portões para o resto da cidade.”<sup>21</sup></p>

Nº	38
Referência	MUSEU, DEF 2009, 'Projeto Casas-Telas', Rio de Janeiro
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizado

Nº25	39
Referência	Machado, M 'Polymedia e culturas juvenis: estudo de caso em uma favela carioca', <i>Revista Z</i> , academia.edu
Tipologia	Artigo

documental	
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Comunicação e Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2htnsmp6">https://tinyurl.com/2htnsmp6</a>
Observações	<p>“Este artigo apresenta as reflexões centrais de minha pesquisa de pós-doutorado no Departamento de Antropologia Digital da University College London (UCL) e converge com a linha de pesquisa que venho trabalhando ao longo dos últimos anos e que é objeto de discussão do livro que publiquei em 2011: Consumo e politização: discursos publicitários e novos engajamentos juvenis, assim como mantém forte conexão com a linha de investigação adotada no Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada (LUPA), onde sou uma das coordenadoras, na Escola de Comunicação da UFRJ. Na proposição central desses estudos dialogamos sobre os usos sociais da publicidade e das novas tecnologias e suas relações com as culturas juvenis. E também em 2012, durante dez meses, como docente do projeto de extensão da UFRJ, Rio Geração Consciente, nas favelas da Maré, Cantagalo e Manguinhos trabalhei com os temas sobre sociedade de consumo e direitos e acessos. A proposta envolveu a coordenação geral da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social no Rio de Janeiro (Sedes), em parceira com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), o Ministério da Justiça e o Governo Federal. O projeto também teve apoio institucional da Escola de Comunicação da UFRJ, formalizado como um projeto de extensão da escola. Em função dessa parceria, lecionei durante esses meses, no ano de 2012, nos núcleos: Rede CCAP, em Manguinhos, no Imagens do Povo, do Observatório de Favelas da Maré e no Museu de Favela do Cantagalo. O compromisso assumido para minha disciplina foi o de sensibilizar os discentes nesses territórios para os diálogos acadêmicos em mídia, consumo e mediações socioculturais, bem como atuar na concepção e no planejamento de uma campanha institucional sobre o tema da sociedade de direitos, incluindo, nesse debate, o tema do direito ao consumo.”<sup>1</sup></p>

Nº	40
Referência	Abreu, R, & Chagas, M 2007, 'Museu da Favela da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social', ... : <i>Iphan, Departamento de Museus e Centros Culturais</i> ...
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	41
----	----

Referência	OMENA, T 2009, 'TURISMUF–Turismo no Museu de Favela', <i>Projeto Extensão. UNIRIO</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Projeto de Extensão - não localizado

Nº26	42
Referência	Chagas, M, & Cavulla, R 2017, 'Museu do Samba Carioca: samba, ginga e movimento', <i>Revista do Centro de Pesquisa e Formação</i> ,, <a href="http://seccsp.org.br">seccsp.org.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O texto que aqui se oferece sublinha a trajetória e o processo de construção do Museu do Samba a partir das experiências do Centro Cultural Cartola e, por esta vereda, descreve a articulação com o patrimônio cultural, apresenta as linhas gerais do dossiê responsável pela patrimonialização do samba carioca e, por fim, abre uma conversa com iniciativas que se identificam com a denominada museologia social. O diálogo com a imaginação museal de Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e Cartola, líder comunitária, atravessa todo texto e coloca em evidência o protagonismo que essa guardiã de memórias exerce no universo do samba contemporâneo
Palavras-chave	samba, museu, patrimônio cultural.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://www.seccsp.org.br/files/artigo/ed2c2c3a/8ac7/4675/aa15/99632431a5fc.pdf">https://www.seccsp.org.br/files/artigo/ed2c2c3a/8ac7/4675/aa15/99632431a5fc.pdf</a>
Observações	“O texto que aqui se oferece, dividido em três partes, sublinha a trajetória e o processo de construção do Museu do Samba a partir das experiências do Centro Cultural Cartola e, por esta vereda, descreve a articulação com o patrimônio cultural, apresenta as linhas gerais do dossiê responsável pela patrimonialização do samba carioca e, por fim, abre uma conversa com iniciativas que se identificam com a denominada Museologia Social. O diálogo com a imaginação museal <sup>3</sup> de Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e Cartola, líder comunitária e fundadora do Centro Cultural Cartola <sup>4</sup> , atravessa todo texto e coloca em evidência o protagonismo que essa guardiã de memórias <sup>5</sup> exerce no universo do samba contemporâneo. Dia após dia, ano após ano – o movimento do samba carioca O Centro Cultural Cartola foi reconhecido como Ponto de Cultura em 2004 e, por meio do projeto Orquestra de Violinos, iniciou uma trajetória de dedicação ao patrimônio cultural em sintonia com a arte. Ainda em 2004, o artista Mello Menezes, desenvolveu a sua logomarca, fazendo alusão às cores da Mangueira, à arte e à musicalidade do patrono da instituição:” <sup>90</sup>

Nº27	43
------	----

Referência	Szaniecki, B 2013, 'Sobre museus e monstros', <i>Na Borda</i> , academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Design, Comunicação Visual
Localização	
Observações	<p>Observações “Enquanto alguns nômades[xi] acompanhavam esse processos no front das remoções, nos últimos tempos eu vinha pesquisando a relação entre gentrificação da cidade e museificação da cultura no Rio de Janeiro. Para erguer museus gentrificam-se (a Aldeia Maracanã, por exemplo, é removida para abrigar um Museu Olímpico. Para quê? Para quem?) e, para remover ou legitimar a remoção, também erguem-se museus. O processo se revela gentrificação da sociedade e espetacularização da cidade[xii]. Nada contra museus, muito pelo contrário, os frequento com prazer. Certa vez, em visita ao Museu da Maré[xiii], encontrei esse mapa pintado no muro e indicando a existência de museus parceiros como o Museu de Favela, o Museu Sankofa, o Museu Vivo de São Bento em Duque de Caxias, o EcoMuseu Nega Vilma, o Museu do Horto. Que variedade de museus na cidade e em seus arredores! Mas... quem os conhece? São museus com diferentes visões e práticas, são museus com forte vínculo com as comunidades nas quais inserem atividades em parte relacionadas à identidade sociocultural e à memória mas que vem sendo ampliadas e renovadas: são memórias vivas. Contudo, eles têm pouca ou nenhuma visibilidade e essa invisibilidade me instiga a pesquisar o que os torna tão pouco “criativos” aos olhos do poder público. A perspectiva de grandes eventos abre o caminho para grandes obras – assim como os velhos e novos negócios com empreiteiras – supostamente necessárias para a “revitalização urbana” acompanhada de sua “ressignificação criativa” – como caminho para superar a perda de capital política para Brasília e de capital financeira para São Paulo e tudo isso no meio de um processo de decadência econômica e consequente degradação social – que se sustenta em grande parte na construção de grandes museus (MAR[xiv] e Museu do Amanhã[xv]), e todos eles com algum tipo de parceria com a Fundação Roberto Marinho.[xvi] Em contraponto ou complemento a esse projeto de “criativ-ação” – talvez menos elitista e excludente que outrora, mais perversamente includente, ou seja, que inclui na medida da submissão a um modelo – da arte e da cultura do Rio de Janeiro e que vem se expandindo através do conceito de economia criativa, eu vinha ressaltando a importância da rede de Pontos de Cultura que, em suas práticas se revelam muito próximas àquelas das favelas, ocupações, quilombos e aldeias urbanas onde, em alguns casos, eles se inserem. Daí, quando ponho em evidência a “parceria”, sempre definida em termos muito vagos, entre governos (federal, estadual e municipal) e a Fundação Roberto Marinho, quero apontar a relação delas com pelo menos três problemas que, por sua vez, estão interligados: o problema da sustentabilidade, o da visibilidade e o da espetacularização da cultura no Rio de Janeiro. Com relação ao primeiro: a economia criativa e seus museus que se beneficiam das leis de incentivo fiscal e se apresentam como parcerias público-privadas são vistos como sustentáveis enquanto os Pontos de Cultura beneficiários de editais públicos e as atividades culturais de favelas, ocupações, quilombos e aldeias urbanas são vistos como insustentáveis.”<sup>5</sup></p>

Nº28	44
Referência	Carvalho, C de Sousa 'Memórias da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção', <i>XIX Encontro Nacional da ABRAPSO</i> , academia.edu
Tipologia documental	Resumo Estendido
Resumo	Esta pesquisa-intervenção teve por objetivo analisar as questões metodológicas que atravessaram a produção conjunta de um trabalho desenvolvido pelo Museu de Favela (MUF) em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura (NIMESC/PUC-Rio), em torno das memórias das moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. Estas favelas, situadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, possuem pouco mais de cem anos de história e seus fundadores começaram, nos últimos anos, a morrer. Tal fato indicou a emergência de um trabalho de escavação das memórias locais empreendido pelas instituições supracitadas. Num contexto de extrema marginalização destas comunidades no discurso oficial da cidade maravilhosa, tornou-se imperioso produzir outras narrativas acerca destes territórios, através das vozes de seus moradores.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Não contém
Localização	<a href="http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1101">http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1101</a>
Observações	

Nº29	45
Referência	Rodrigues, FSF 2015, 'Registros de Memória em Arte Fugaz: o Graffiti das Casas-Tela do Museu de Favela (2010-2014)', repositorio-bc.unirio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Compreender as relações entre memória e graffiti no Museu de Favela (MUF), um museu comunitário e de território, um Ponto de Memória que pauta seu trabalho na Museologia Social, é o objetivo desta pesquisa. O MUF localiza-se nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, e um de seus principais acervos é o Circuito Casas-Tela, composto por pinturas em graffiti que utilizam paredes e muros das casas de moradores para registrar memórias, histórias e culturas locais. Que demandas surgem a partir da entrada do graffiti em um museu de território? O graffiti frequentemente é considerado como uma arte (manifestação) de caráter fugaz, porém ao ser incorporado à memória das Casas-Tela, ele sofreu processos de restauração. Ao ser restaurado o graffiti teria perdido sua originalidade? Ao fazer parte de um museu institucionalizado ele também deixaria de ser graffiti? Ao restaurar graffiti o MUF estaria quebrando paradigmas? O que determina a efemeridade desta arte? Em que medida o restauro do graffiti pode se configurar como uma valorização da arte e do próprio artista? Eis algumas das questões que permeiam esta pesquisa que se concentra na análise das implicações decorrentes da entrada do graffiti no MUF, especialmente no período contido entre

	2010 e 2014. Tudo indica que o restauro dos graffiti enquanto tema e problema teve seus “deslimites”, pois cada Casa-Tela foi restaurada de uma forma distinta. O que parece estar em jogo e presente no desejo de restauro das Casas-Tela, obras coletivas e vivas, é a preservação da informação, não importando se há ou não mudanças nas pinturas restauradas. Os desenhos devem preservar a capacidade de comunicar o conteúdo de memórias do museu. Todo esse processo sugere que o MUF tem buscado, com o graffiti e seu poder dialógico, o reconhecimento das memórias das favelas em que está inserido como parte integrante da cidade do Rio de Janeiro.
Palavras-chave	Museu de Favela. Memória Social. Graffiti. Casa-Tela. Museologia Social.
Disciplina	Memória Social
Localização	<a href="http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12127">http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12127</a>
Observações	<p>“Minha relação com o Museu de Favela (MUF), museu comunitário e de território1 , localizado nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, começou como estudante de graduação do Curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde fui bolsista de extensão do Projeto Turismo no Museu de Favela (TURISMUF) no ano de 2010. Este projeto visava capacitar a população local para atuar na atividade turística. O Circuito Casas-Tela2 , principal acervo do museu, mostrou-se como um objeto de estudo instigante, constituindo meu estudo de caso na monografia da graduação. Este é um circuito de graffiti, onde casas de moradores das comunidades têm suas fachadas grafitadas retratando as memórias, histórias e cultura local.</p> <p>Depois de formada, tive a oportunidade de retornar ao MUF em 2013. Durante três meses, de janeiro a março deste ano, trabalhei no Museu de Favela, que está situado em área de grande expressão turística. Lembro-me ainda hoje do dia da entrevista. Era janeiro de 2013 e eu estava muito ansiosa, aquela era uma grande oportunidade para mim. Oportunidade como turismóloga de trabalhar em algum projeto que realmente valesse a pena e fugisse ao que geralmente ocorre com os demais formados em Turismo que acabam trabalhando em agências de viagens e grandes redes hoteleiras. A oportunidade era ainda mais apreciada pelo fato de ser o MUF, um museu de território que possui um circuito de graffiti. Eu, como uma apaixonada por arte urbana, não poderia deixar de estar deslumbrada com aquela situação.”16-17</p>

Nº	46
Referência	Moraes, C 2011, 'Museu de Favela: Pensando turismo e patrimônio no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo',,, Dissertação.–Rio de Janeiro
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 25

Nº30	47
Referência	Baptista, J, & Boita, T 2017, 'Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil', <i>Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São ...</i> , <a href="http://sescsp.org.br">sescsp.org.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente artigo visa apresentar algumas reflexões sobre o lugar da memória de travestis, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais nos museus, patrimônios, monumentos e espaços de vocação museológica no Brasil. O estudo se inicia com algumas notas introdutórias que se esforçam em sintetizar aspectos conceituais, passando por um mapeamento breve do que de fato tem sido feito no Brasil em museus e espaços de memória relacionados à população LGBT, destacando-se a Revista Memória LGBT, até alcançar pequenas considerações finais. Trata-se, portanto, de uma proposta que procura articular memória, esquecimento, patrimônio e suas articulações com a questão LGBT
Palavras-chave	Memória. Esquecimento. Patrimônio. Comunidade LGBT. Museologia comunitária.
Disciplina	História e Antropologia
Localização	<a href="https://www.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf">https://www.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf</a>
Observações	“Em variadas edições, a Revista passou a publicar matérias sobre a memória, patrimônio e história LGBT no Brasil, além de promover exposições virtuais sobre variados temas interseccionados com classe e raça. Também passou a realizar projetos em comunidades, tal qual o projeto Memória LGBT no Museu de Favela, que revelou memórias subterrâneas da favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, contando com três edições especiais (e três exposições em revista), intituladas: Ser Lésbica na Favela, Ser Gay na Favela e Ser Trans na Favela. Além disso, o projeto promoveu o I Seminário Brasileiro de Memória, Museologia e Comunidade LGBT do Brasil, encontro que reuniu distintos profissionais de museus e de memória, bem como integrantes de movimentos sociais. Em conjunto, os resultados revelaram a imensa distância entre a realidade de pessoas LGBT que pertencem à classe média brasileira quando comparadas com as populações de baixa renda, indicando que a Museologia e a memória LGBT produzida no Brasil têm suas particularidades e necessitam estar associadas ao critério de classe e raça para estar melhor conectadas com a realidade nacional (REVISTA MEMÓRIA LGBT, 2013).”116-117

Nº31	48
Referência	Jorente, MJ vicentini 'ecoMuseus eM favelas: uM Modelo Brasileiro de iniciativa BottoM-uP ecoMuseuMs in sluMs: a Brazilian BottoM-uP initiative Model', <i>ler.letras.up.pt</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Este artigo tem como objetivo apresentar, descrever e discutir o primeiro museu comunitário ao ar livre concebido em uma favela no Rio de Janeiro, Brasil. Favela, como os brasileiros conhecem, é um termo cunhado no final dos anos 1800 usados para representar assentamentos irregulares. A noção que os estrangeiros que nunca visitaram uma comunidade de favela em sua maioria têm é ficcional e resultante do que é mostrado nos filmes: os filmes apresentam as favelas brasileiras



	como áreas pobres onde a criminalidade, a violência e a pobreza reinam. Esta representação, porém, é apenas uma face da realidade dessas comunidades e esta face tem mudado. Neste cenário, apresentamos um modelo de iniciativa bottom up, que transforma O Museu de Favela em uma experiência única. Favelas não são assentamentos exclusivos do Brasil e, portanto, esta experiência pode motivar outras comunidades internacionais com contexto semelhante a reproduzir um museu territorial vivo: a sua coleção e seus tesouros são os seus 20 mil habitantes e os seus estilos de vida, os narradores da desconhecida, mas importante, história do Rio de Janeiro. O novo paradigma emergente no qual o ecomuseu está constituído como um museu implica em uma profunda mudança de perspectiva, muda o objeto de estudo e de trabalho de acervos documentais contidos em museus tradicionais para a informação. Ele traz novas metodologias de pesquisa adequadas para o estudo da informação como um fenômeno social e humano.
Palavras-chave	Ecomuseu, Favela, Iniciativa Bottom-up
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13483.pdf">https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13483.pdf</a>
Observações	

Nº	49
Referência	Poets, D 2020, 'Curating against militarization: the politics of life in Rio de Janeiro's Museu da Maré', <i>Critical Military Studies</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	50
Referência	Godoy, C 2011, 'Museum Week in Rio, Museu De Favela', <i>The Rio Times</i> . Np,
Tipologia documental	Notícia de Jornal – The New York Times
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	51
Referência	RODRIGUES, FSF 'Registros de memória em arte fugaz: o grafitti das casas-tela do

	Museu de Favela (2010-2014). Rio de Janeiro, 2015, 264p', ... <i>Federal do Estado do Rio de ...</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 46

Nº	52
Referência	Bastos, T 2013, 'Museu de favela do Pavão–Pavãozinho-Cantagalo: sua relação com os moradores ea museologia social', Niteroi, RJ. Monografia ...
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizado

Nº	53
Referência	COUTINHO, D, & JR, NG GAMBA 'Design, Cultura Material, Artesanato e Memória no Museu de Favela do Rio de Janeiro. 2016. 182 f', ... <i>do Rio de Janeiro. Programa de ...</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 30

Nº32	54
Referência	Santos, MS dos 2011, 'Museus, liberalismo e indústria cultural', <i>Ciências Sociais Unisinos</i> , unisinos.br
Tipologia documental	Artigo

Resumo	O objetivo deste artigo é analisar as práticas culturais desenvolvidas pelos museus ao longo de diferentes períodos, procurando compreender as diferentes dimensões das instituições e as contradições inerentes a elas. Inicialmente, é destacado o papel social dos museus reforçando o imaginário nacional-popular na década de 1930, no período pós-guerra e ao longo da ditadura militar. Em seguida, são analisadas as adaptações dos museus às leis de mercado e o desenvolvimento de seu potencial econômico para cumprir funções de inclusão social e fortalecimento de identidades específicas. Questiona-se se as diferentes dimensões presentes nos museus podem coexistir ou se valores estéticos foram abandonados em função das adaptações ao mercado e à política.
Palavras-chave	<i>museus, política cultural, mercado, identidade, nação.</i>
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.01/618">http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.01/618</a>
Observações	

Nº 33	55
Referência	Baptista, J, & Boita, T 2019, '... COMUNITÁRIA E COMUNIDADES LGBT: DESAFIOS E METODOLOGIAS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM UNIVERSIDADES FEDERAIS E MUSEUS', <i>2 Sebramus,, sebramusrepositorio.unb.br</i>
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Partindo da análise quantitativa sobre o lugar da população LGBT na política extensionista brasileira, o presente estudo investiga o conceito de comunidade, museologia comunitária e comunidade LGBT. Para tal, avalia desafios que pesam na construção da memória LGBT no Brasil e de estratégias aplicadas ao longo de um conjunto de ações engendradas por integrantes do Grupo de Pesquisas Comunidades e Museologia Social (Comusas/CNPq/Ibram), em especial quando atuando no projeto de Extensão Comunidades FURG (Proext 2012/2013) e no projeto Memória LGBT no Museu de Favela (MUF-RJ). Em seguida, apresentam-se metodologias extensionistas aplicadas e desenvolvidas por integrantes de ambos os projetos. Ao fim, considera-se sobre a caracterização da museologia comunitária desenvolvida a partir da extensão universitária entre comunidades LGBT.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia, Museologia
Localização	<a href="http://sebramusrepositorio.unb.br/index.php/2Sebramus/2sebramus/paper/viewPaper/575">http://sebramusrepositorio.unb.br/index.php/2Sebramus/2sebramus/paper/viewPaper/575</a>
Observações	

Nº34	56
Referência	Silva, FD, & Carvalho, FC 2014, 'Turismo em favelas: o caso da comunidade Santa Marta, Rio de Janeiro', <i>Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e ...</i> ,
Tipologia	Artigo

documental	
Resumo	Este trabalho tem por objetivo analisar a produção da atividade turística na Favela Santa Marta, em Botafogo (Rio de Janeiro/RJ), que recebeu a primeira experiência das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), novo foco da política de segurança pública do município do Rio de Janeiro. No estudo de caso, apresentaremos a análise do desenvolvimento do turismo na favela Santa Marta após a implantação da UPP. A meta final é refletir sobre possíveis estratégias de planejamento, ligados à atividade turística e às políticas de segurança pública e seus efeitos neste território diferenciado.
Palavras-chave	Turismo; Segurança; Conflito; Favela.
Disciplina	Urbanismo
Localização	<a href="http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/SILVA.2014.1/5276">http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/SILVA.2014.1/5276</a>
Observações	

Nº35	57
Referência	Rodrigues, FSF 'OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO MUSEU DE FAVELA–RJ: REFLEXÕES SOBRE O TURISMO EM UM MUSEU DE TERRITÓRIO',
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O Museu de Favela (MUF) é uma ONG e um museu comunitário e de território que localiza-se nas favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, no Rio de Janeiro. Desde sua fundação, um de seus principais objetivos é o desenvolvimento turístico das comunidades. A partir de uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e observação participante, este artigo visa analisar a atividade turística desenvolvida pela instituição diante da ótica do pesquisador em campo. A observação participante foi realizada através de uma vivência interna com os membros da instituição, trabalhando no local como turismóloga no ano de 2013 e através do acompanhamento de visitas ao museu. No MUF adota-se o modelo de gestão turismo de base comunitária e sua segmentação de mercado é o turismo cultural. O museu atinge seu objetivo de apresentar as memórias da favela como parte integrante da história do Rio de Janeiro, mas o turismo na favela apresenta diversos questionamentos, tanto negativos como positivos.
Palavras-chave	museu; favela; turismo; memória; cultura
Disciplina	Turismo, Memória Social
Localização	<a href="http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/turismo?dd1=12812&amp;dd99=view&amp;dd98=pb">http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/turismo?dd1=12812&amp;dd99=view&amp;dd98=pb</a>
Observações	<p>“Atuei como turismóloga na instituição no ano de 2013 e pude perceber diversas questões relativas ao turismo, em especial, o turismo em favelas. A partir de uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e observação participante realizada através de uma vivência interna com os membros da instituição e em visitas ao museu, este artigo visa analisar a atividade turística desenvolvida pelo MUF a partir da visão do pesquisador em campo”. 32-33</p> <p>“Durante o processo de produção do manual, participei de diversas reuniões juntamente com a Equipe PEDIMUF, com os diretores do MUF, acompanhei diversas visitas de turistas, estudantes e pesquisadores ao museu, em especial ao seu principal circuito e acervo: o Circuito Casas-Tela. Ao atuar em atividades que concernem ao direito à memória e ao desenvolvimento local, o MUF alcançou rápido progresso e juntamente deste vieram às demandas. O museu é muito procurado por turistas e pesquisadores nacionais e internacionais, tem a necessidade de adquirir e expor acervos e de desen-</p>

	<p>volver redes de negócios locais. Diante da infinidade de possibilidades, os diretores do MUF perceberam que era preciso uma reestruturação do museu e qualificação dos profissionais que ali se encontram. Soma-se a isso o fato de que cada diretor não conseguia realizar as atividades de seu próprio cargo, pois todos faziam de tudo para que as atividades do museu ocorressem da melhor forma possível. Através da Chamada Pública 015/2012 – Apoio ao Desenvolvimento de Museus e Instituições Museológicas da Secretaria de Estado de Cultura, na qual o MUF foi contemplado com o projeto do Plano Estratégico e de Desenvolvimento Institucional – PEDIMUF, foi possível iniciar o processo de reestruturação da instituição e qualificação e treinamento de seus membros. Foi contratada então a Equipe PEDIMUF, que teria que reestruturar o museu, elaborando um novo organograma que constaria no Manual de Procedimentos Administrativos, juntamente com todos os procedimentos das diversas outras áreas: visitas, voluntariado, acervos, administração, dentre outras.”<sup>40</sup></p>
--	---

Nº	58
Referência	CULTURAL, BEMP, & BASTOS, TCDOS 'MUSEU DE FAVELA DO PAVÃO-PAVÃOZINHO-CANTAGALO',
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 52 – Não localizado

Nº36	59
Referência	Freitas, KA, & Siman, LM de Castro 2015, 'O MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS NO MOVIMENTO DA DEMOCRATIZAÇÃO DOS MUSEUS (Dossiê: Gestão, Educação e Patrimônio Cultural)', <i>e-hum</i> , revistas.unibh.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este texto discorre sobre o processo de democratização dos museus brasileiros, considerando os artigos 215 e 216 da Constituição Federal do Brasil de 1988, as políticas públicas voltadas para o setor museológico e o Movimento Internacional da Nova Museologia. Coloca em relevo alguns processos históricos que promoveram o deslocamento dos museus dedicados aos objetos para o museu dos diferentes sujeitos. Por fim apresenta a proposta museológica do Museu de Favelas e Quilombos Urbanos do Aglomerado Santa Lúcia região centro-sul de Belo Horizonte, Minas Gerais
Palavras-chave	Democratização - Nova Museologia - Educação
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/1521/pdf_1">https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/1521/pdf_1</a>
Observações	

Nº37	60
Referência	Magalhães, A 2013, 'O "legado" dos megaeventos esportivos. a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro', <i>Horizontes antropológicos</i> , journals.openedition.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo busca apresentar parte das reflexões realizadas em minha tese de doutorado, em que analiso os significados da reatualização de práticas e discursos sobre a "remoção" de favelas atualmente no Rio de Janeiro. Neste trabalho discutirei uma das dimensões constituintes do que chamo de "repertório da remoção": o "legado" que deixará a realização dos megaeventos esportivos que a cidade sediará (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016). As intervenções urbanísticas em curso vêm implicando alterações significativas nos fluxos e usos do espaço da cidade, provocando, inclusive, o deslocamento de moradores de algumas favelas. Esse processo tem sido traduzido pelas autoridades públicas envolvidas, bem como em relação a outras intervenções, como um "legado" permitido pela concretização desses megaeventos. Essa configuração representa uma inflexão importante na conformação do "problema favela" na atual conjuntura.
Palavras-chave	<i>favelas, legado, megaeventos, remoção.</i>
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="https://journals.openedition.org/horizontes/156">https://journals.openedition.org/horizontes/156</a>
Observações	

Nº38	61
Referência	Araújo, HMM 2017, 'Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades', <i>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências ...</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Entrelaçando memória, espaços educativos não formais e identidade, a análise da dimensão educativa do Museu da Maré, no Rio de Janeiro, revela a possibilidade de fortalecimento identitário de grupos populares através da valorização e da resignificação da história, bem como da construção das memórias locais. O Museu da Maré gera visões 'de nós e dos outros', estabelecendo um jogo sutil e constante entre identidades e alteridades em suas memórias construídas e em histórias narradas em um museu contra-hegemônico, segundo conceito de Boaventura de Souza Santos.
Palavras-chave	Museu da Maré; Espaços educativos não formais; Museologia social
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222017000300939&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222017000300939&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt</a>
Observações	"Museus comunitários e/ou ecomuseus – denominados por nós, na presente publicação, também de contra-hegemônicos – foram criados no Brasil a partir de 1983, mas só surgiram em 2006 no Rio de Janeiro, com o Museu da Maré. Selecionamos

	<p>este espaço como objeto de estudo, tendo em vista ter sido o primeiro museu de favela2 brasileiro pensado e construído por moradores e ex-moradores da área onde está localizado; em razão de possuir importância local, regional e nacional; por ser um exemplo para outros museus comunitários e ecomuseus; por localizar-se na cidade do Rio de Janeiro; e, na época de nossa pesquisa, por ser passível de investigação.</p> <p>O objetivo principal de nossa investigação foi analisar o Museu da Maré como um espaço de educação não formal, onde se dá o empoderamento de identidades locais, por meio da construção de memórias e de história local. Em paralelo, também estudamos o contexto histórico no qual museus comunitários e ecomuseus surgiram a partir dos anos 1980, bem como identificamos os motivos e as tensões que levam comunidades subalternizadas a criarem museus contra-hegemônicos e qual sua funcionalidade no território. Além disso, procuramos diferenciar os conceitos de museu comunitário e de ecomuseus.”940</p>
--	--

Nº39	62
Referência	Fagerlande, SMR 2018, 'Turismo em favelas: participação comunitária no Morro da Babilônia', cilitur.com.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O artigo é parte de pesquisa sobre turismo de base comunitária, mobilidade urbana e ambiente em favelas da zona sul do Rio de Janeiro, apresentando estudo de caso sobre a favela do Morro da Babilônia. O turismo em favelas teve maior destaque a partir de novas políticas públicas relacionadas aos grandes eventos esportivos ocorridos no Rio de Janeiro, como a Copa do Mundo 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Em meio a grandes investimentos em infraestrutura urbana e de uma política de segurança representada pela implantação das Unidades de Polícia Pacificadora a partir de 2008, as favelas passaram a ser parte de uma política de transformação da imagem do Rio de Janeiro, tendo o turismo como um dos elementos utilizados. O caso estudado mostra a relação entre ambiente, favela e turismo comunitário nessa favela, através da participação de cooperativa de moradores, a CoopBabilônia.
Palavras-chave	turismo em favelas, turismo de base comunitária, Rio de Janeiro, CoopBabilônia, ambiente.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://cilitur.com.br/cilitur/arquivos/tematica4/FAGERLANDE-S-M-R.pdf">https://cilitur.com.br/cilitur/arquivos/tematica4/FAGERLANDE-S-M-R.pdf</a>
Observações	“Esse artigo é parte de pesquisa em andamento sobre turismo de base comunitária, mobilidade urbana e ambiente em favelas do Rio de Janeiro, desenvolvido no Laboratório de Urbanismo e Meio Ambiente LAURBAM do Programa de Pósgraduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro PROURB FAU UFRJ. O estudo vem sendo realizado em cinco favelas da zona sul carioca: Babilônia e Chapéu Mangueira, Cantagalo Pavão Pavãozinho, Santa Marta, Vidigal e Rocinha. São comunidades com grande movimentação turística, seja em visitação ou em hospedagem, situadas em morros próximos a praias, com exceção de Santa Marta, e que tem a paisagem e a relação com os tradicionais bairros turísticos como um dos maiores motivos para o interesse reforçado em sua visitação. A pesquisa mapeou lugares de hospedagem, os albergues em geral cha-

	mados de hostels, praças, parques e trilhas ecológicas, e bares e restaurantes destinados aos turistas, além de buscar identificar as organizações não governamentais locais que trabalham com turismo, e também levantar quem são os guias locais.” <sup>1</sup>
--	---

Nº40	63
Referência	Araújo, HMM 2012, 'Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades', <i>Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica</i> ,
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	<p>A pesquisa entrelaça memória, espaços educativos não formais e identidade. O objetivo central é analisar a dimensão educativa do Museu da Maré no Rio de Janeiro e suas possibilidades de contribuição para o fortalecimento identitário de grupos populares através da valorização e ressignificação da história e da construção das memórias locais. Abordo o conceito, os pressupostos teóricos e desafios dos museus comunitários como espaços educativos não formais, enfocando como estudo de caso o Museu da Maré.</p> <p>Os museus comunitários e ecomuseus emergem no Rio de Janeiro com o Ecomuseu de Santa Cruz em 1983, porém ganham visibilidade com o Museu da Maré a partir de 2006, por ser este o primeiro museu de favela no Brasil criado pela própria comunidade.</p> <p>O quadro teórico baseou-se para o conceito de memória, principalmente em Paul Ricoeur, Jacques Le Goff e Beatriz Sarlo. Para o de identidade utilizamos Stuart Hall, Manuel Castells, Vera Maria Candau e Tomaz Tadeu da Silva. Para espaços educativos não formais privilegiei Maria Glória Gohn, Jaume Trilla e Elie Ganem. Por fim, para os conceitos da Nova Museologia, museu comunitário e ecomuseu me apoiei basicamente em Mário Chagas e Hugue de Varine.</p> <p>De inspiração etnográfica, meu caminho metodológico baseou-se na história oral. Na pesquisa de campo utilizou-se três tipos de aproximações ao objeto de estudo: observação de diferentes atividades desenvolvidas no Museu e de diversos ambientes da comunidade em geral, entrevistas semiestruturadas feitas aos pescadores da Maré e aos diretores e funcionários do Museu da Maré e análise dos Livros institucionais do Museu, a saber: o Livro de Assinaturas e o Livro de Depoimentos dos visitantes.</p> <p>Como uma das principais conclusões de minha pesquisa sobre a dimensão educativa do Museu da Maré posso afirmar que me deparei de fato com um Museu que tem significado para a região da Maré e dialoga com a cidade, o país e outros lugares, embora não represente totalmente todas as suas comunidades. No entanto, ele se fez comunitário, na medida em que foi criado e tem a participação cotidiana do movimento social e da comunidade local de seu entorno.</p> <p>Além disso, o fato do Museu da Maré apresentar uma linguagem museográfica que suscita referências da história local e permite que seus visitantes reflitam sobre as mesmas, se emocionem e construam memórias locais possibilitando através das mesmas um fortalecimento identitário, torna especialmente evidente e significativa sua dimensão educativa.</p> <p>Por fim, o Museu da Maré gera visões “de nós e dos outros” estabelecendo um jogo sutil e constante entre identidades e alteridades em suas memórias construídas e histórias narradas.</p>



Palavras-chave	Museu da Maré; museus comunitários; espaços educativos não formais; ecomuseus; Memória; Identidade; Nova Museologia.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21758/21758_1.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21758/21758_1.PDF</a>
Observações	

Nº	64
Referência	Abreu, R 2007, 'Tal antropologia, qual museu', <i>Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas ...</i> , revistas.usp.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	65
Referência	Nakano, N, & Jorente, MJ Vicentini 2013, 'A bottom up initiative model: Museu de Favela', <i>EM QUESTAO</i> , UNIV FEDERAL RIO GRANDE SUL ...
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 48

Nº41	66
Referência	Mantovani, MI 2014, 'Museus: Engajamento e colaboração', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Até pouco tempo atrás, planejar ações em um museu consistia em reunir conteúdos, objetos e acionar um volume significativo de informações e acervos a serem expostos à fruição pública, por meio de exposições, ações educativas, enfim, programas dirigidos a diferentes públicos. Nosso compromisso era trazer à luz acervos adormecidos em reservas técnicas, dispô-los de forma interessante, cumprindo um roteiro cronológico ou temático, adicionar-lhes um cabedal de informações históricas, científicas ou artísticas de relevância, e aguardar que nosso público apreendesse

	<p>todo o volume de dados que nós lhes impingíamos. Aos poucos, ondas de inquietação, de irreverência e de questionamento foram assolando o dia a dia dos museus e, de alguma forma, foram nos mostrando que os sentidos deveriam ser múltiplos, plurais. Os avanços dos estudos de público, o advento da internet e o alcance das mídias sociais, entre outras mudanças sociais e globais de relevância, revolveram o mundo dos museus de forma tão radical, que é imperativo que possamos refletir, flexibilizar e nos preparar para um novo tempo, que já chegou, em que o museu se transforma cada vez mais num espaço-fórum, num território de vivências, de experiências, de compartilhamentos e de inovação.</p> <p>O presente texto procura Levantar alguns aspectos do museu-fórum, do museu que se preocupa em pesquisar, em perguntar, em ouvir, em dialogar, em compartilhar, em buscar, em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais plural, mais digna, mais verdadeira e, portanto, inclusiva. Esta é a essência que deve guiar a ação museológica, comprometida com a realidade em que o museu atua, com a sociedade que lhe dá sentido, com as ações que a comunidade elege, com as práticas que ela reconhece como suas e que decide codificar e perenizar para o futuro.</p>
Palavras-chave	Compartilhamento; Participação; Colaboração; Inovação; Museologia;
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4530">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4530</a>
Observações	

Nº	67
Referência	Franco, MIM 2014, 'Museus: engajamento e colaboração', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , core.ac.uk
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 66

Nº42	68
Referência	Santos, PA Dos 2012, 'Museu da Maré: A Museum Full of Soul', <i>Curator: The Museum Journal</i> , Wiley Online Library
Tipologia documental	

Resumo	This article examines new developments taking place in Brazil, which shed light on ways museums can contribute to solving social problems in the twenty-first century. Museums bear the challenge of reinventing the logic of community engagement in increasingly unstable and unequal urban contexts. The Museu da Maré is the first museum to be established in a <i>favela</i> (slum) in Rio de Janeiro. It is a grassroots initiative that connects the memories of neighborhood participants with a philosophy of intense social activism. The article will explore how this museum seeks to organically adapt itself to the social demands of the <i>favela</i> inhabitants and other relevant stakeholders. Particularly interesting are the new ways in which the museum uses exhibitions and collections to foster a symbiotic relationship with the local community.
Palavras-chave	
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.2151-6952.2011.00118.x?casa_token=QrPEUbtFRpUAAAAA%3AKbGSU_fZUIIJLEXZccvgDee3vLUr5e1zj81fdT6WXFec90oO_zMETHH-328pjQLNJUR7QbYVoE6Qesl">https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.2151-6952.2011.00118.x?casa_token=QrPEUbtFRpUAAAAA%3AKbGSU_fZUIIJLEXZccvgDee3vLUr5e1zj81fdT6WXFec90oO_zMETHH-328pjQLNJUR7QbYVoE6Qesl</a>
Observações	<p>“The museum started to take shape in 2005, when CEASM was invited to present the work of the <i>Rede de Memórias</i> at a conference in Rio de Janeiro. During the conference the founders met the team from the Department of Museums, which is today the Brazilian Institute of Museums of the Ministry of Culture. It was the beginning of a partnership that led CEASM to organize two temporary exhibitions in existing museums and raised interest in the potential of museum technologies. During the Lula Government (2003–2010), a new program called <i>Cultura Viva</i> (Living Culture) was created in order to promote grassroots cultural initiatives throughout the country. According to Luiz Antônio de Oliveira, when CEASM applied for and won the program’s first call for proposals, the organizers had in mind creating a small room with objects donated by the community and collected for the exhibitions mentioned above.”<sup>26</sup></p> <p>“But the mobilization around the memory projects was already so intense that the funding served only to spark the creation of a much larger exhibition than originally planned. An old naval factory, located in the entrance of Maré—and already managed by CEASM—was chosen for the premises of the museum. On May 8, 2006, Museu da Maré opened its doors to the public. The museum inherited the work of the <i>Rede de Memórias da Maré</i>, and began adapting and investing in new activities, such as exhibitions and reminiscence sessions. The museum also hosted the Orozina Vieira Archives and the storytelling group Maré de Histórias.”<sup>26-27</sup></p>

Nº43	69
Referência	Simões, D 2017, 'Museus comunitários no Brasil: descolonizando o pensamento museológico', <i>RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos ...</i> , periódicos.clac.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre os museus de comunidade brasileiros, tratando esses como possíveis descolonizadores de um pensamento museológico. Com isso, busca-se fazer uma contextualização histórica sobre a constituição de um fazer museológico colonialista em contraste com a chamada Nova

	Museologia e os museus de comunidade. Dessa oposição procura-se conectar a Museologia às discussões das Ciências Sociais em três pontos: a crítica à construção da identidade nacional junto aos museus, a desconstrução dessa identidade a partir dos museus de comunidade e, com isso, a descolonização do pensamento museológico, e os pontos de influência da democracia participativa junto à prática da participação social desses novos modelos museológicos.
Palavras-chave	Descolonização; identidade; museus de comunidade; participação; representação.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/605/327">https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/605/327</a>
Observações	<p>“Com isso, esse artigo tem como objetivo apresentar a Museologia Social e buscar o debate entre essa e as Ciências Sociais, especificamente na prática museológica desenvolvida a partir dos museus de comunidade, tocando em três pontos: a crítica à construção da identidade nacional junto aos museus, a desconstrução dessa identidade a partir dos museus de comunidade e especificamente, os pontos de influência da democracia participativa junto à prática da participação social desses novos modelos museológicos.”<sup>2</sup></p> <p>“O Museu da Maré consiste apenas em um exemplo, ainda no Rio de Janeiro (talvez pela forte influência da museologia carioca) outros museus foram pensados e concretizados nessa perspectiva, um exemplo é o Museu de Favela (MUF) localizado nas comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, que consiste em uma galeria de artes a céu aberto, pensada e organizada por moradores dessas comunidades que através de grafites nos muros contam a história do local; mais uma vez, um processo reflexivo sobre sua própria história e cultura.</p> <p>Além desses, outros ainda, como o Museu Vivo de São Bento, Museu do Horto, Ecomuseu Nega Vilma, Ecomuseu Amigo do Rio Joana, Museu das Remoções, Museu do Taquaril, Museu Bispo do Rosário, Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, Ecomuseu do Cerrado, Ecomuseu da Amazônia, entre outros.”<sup>8</sup></p>

Nº	70
Referência	Santos, LM dos 2020, 'A Memória ea Experiência no Museu da Maré', <i>Cadernos de Pesquisa do CDHIS</i> , seer.ufu.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº44	71
Referência	Fagerlande, SMR 2017, 'A favela é um cenário: tematização e cenarização nas favelas cariocas', <i>Revista de Arquitectura (Bogotá)</i> ,

Tipologia documental	Artigo
Resumo	A partir da necessidade de mudar a imagem da cidade do Rio de Janeiro, ligada à realização de grandes eventos esportivos nela, em especial a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, novas políticas públicas relacionadas à segurança e a obras de mobilidade vêm sendo implantadas. Cabe ressaltar que as mudanças nas favelas, com as Unidades de Política Pacificadora (UPPs), são associadas a essas políticas públicas. Essa nova situação vem tendo forte influência em um novo processo ligado ao desenvolvimento nessas favelas: o turismo. Trata-se de atividade bastante utilizada para a geração de renda nas cidades, e a forma como esse turismo se desenvolve em favelas segue de maneira similar o processo de tematização e cenarização que vem ocorrendo nas cidades turísticas tradicionais
Palavras-chave	assentamentos humanos, favelas, paisagem urbana, turismo cultural.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://revistadearquitectura.ucatolica.edu.co/article/download/90/pdf%2002%20PT%20L">https://revistadearquitectura.ucatolica.edu.co/article/download/90/pdf%2002%20PT%20L</a>
Observações	<p>“Este artigo é parte de pesquisa “Turismo e cidade: tematização em favelas do Rio de Janeiro”, que vem sendo realizada no Laboratório de Urbanismo e Meio Ambiente (Laurbam) do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ProurbFAU-UFRJ) desde 2014.”<sup>7</sup></p> <p>“Dessa maneira, Gottdiener fala que a tematização passou a ocorrer em restaurantes, hotéis, shoppings centers e até museus, e isso passou a incluir as favelas. Esse processo engloba a tentativa de construção de cenários, como nos fala Silva (2004). Ainda é um processo que não se reproduz da mesma maneira que nas cidades turísticas; no entanto, pode ser percebida, em algumas favelas, a construção de cenários para o turismo, seja envolvendo painéis de grafite que contam suas histórias, como no caso do Museu de Favela do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho (Pinto, Silva e Loureiro, 2012) (Figura 2), seja no estímulo à construção de mirantes, muitas vezes com estátuas, como no caso do mirante Michael Jackson, na favela Santa Marta (Rodrigues, 2014).</p> <p>O MUF, mesmo diretamente ligado à preservação da identidade local, propõe uma visita em que haja uma interação com a comunidade local, mas que, ao fim dessa visita, seja apresentada alguma atração cultural local específica para o público turista, por exemplo, uma roda de samba na laje do museu. Esse uso de elementos locais não mais dentro do contexto da comunidade, mas sim como atração para os visitantes, é exatamente o que MacCannell (1999) chama de autenticidade encenada, algo que, embora relacionado com a tradição local, não é mais parte da vida diária dos moradores, e sim uma encenação. Turismo e imagem das cidades”<sup>9</sup></p>

Nº45	72
Referência	Menezes, PV '... e 28 de Junho de 2008 Quando a favela se torna museu: reflexões sobre os processos de patrimonialização e construção de uma favela carioca como destino ...', <i>ucs.br</i> ,

Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Visitar favelas já não é mais uma novidade. Desde o início da década de 1990, a favela carioca saiu das margens da cultura turística para tornar-se uma atração disputada pelos agentes promotores envolvidos. O caso paradigmático é a Rocinha, que recebe cerca de três mil turistas por mês. Os tours de favela no Rio, contudo, já não se restringem mais a essa localidade. Em 2005, foi inaugurado, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o "Museu a Céu Aberto do Morro da Providência" direcionado a atrair visitantes externos à localidade. Por meio de entrevistas em profundidade com informantes qualificados e observações de campo, tento resgatar o processo de transformação da favela em patrimônio e destino turístico, focalizando sobretudo as dificuldades de implementação do projeto devido ao contexto de violência gerado pelos constantes conflitos existentes na favela entre o tráfico local e a polícia.
Palavras-chave	turismo, patrimônio, políticas públicas, favela, violência
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="https://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt13-10.pdf">https://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt13-10.pdf</a>
Observações	

Nº46	73
Referência	FREITAS, KA DE 2016, 'AS FORÇAS CULTURAIS DO MUSEU DE QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS E O PODER DE RESSONÂNCIA NOS OBJETOS BIOGRÁFICOS', fae.uemg.br
Tipologia documental	Dissertação
Resumo	O Museu de Quilombos e Favelas Urbanos - Muquifu – surgiu em 2012 a partir de forças sociais e culturais mobilizadas no Morro do Papagaio nas décadas de 1990 e 2010 pela Juventude Unida da Barragem, pelos membros da Paróquia Nossa Senhora do Morro e por moradores engajados nas problemáticas do tempo presente. O Museu realiza exposições com temáticas relacionadas ao acervo de problemas da comunidade, organiza ações educativas e eventos culturais e, do mesmo modo, expõe objetos biográficos de moradores. Em nossa pesquisa, buscamos compreender a ressonância do seu acervo de objetos biográficos dentro, quanto fora do Aglomerado, assim como as forças culturais dos quais emergiram. Para conhecer a instituição utilizamos a observação participante, em seguida passamos para um estudo de caso quando lançamos questionários para estudantes; aconteceram conversas informais com moradores e participação das ações culturais do museu e da Paróquia Nossa Senhora do Morro, no museu participamos das demandas de trabalho, como recepção de grupos escolares; e por fim realizamos entrevistas orais com o objetivo de escutar as narrativas dos moradores sobre os objetos biográficos no Museu. Por meio da produção desses dados e em interlocução com a revisão bibliográfica do campo da educação e patrimônio e da museologia social pudemos compreender como as narrativas dos e, ao mesmo tempo nos objetos criam pontes entre as experiências de mundo daqueles que assinam/marcam o objeto e os visitantes -

	moradores e não moradores, compondo, assim, um fundamental encontro de alteridade entre eu e o outro. Assim os objetos biográficos afirmam o Muquifu na categoria de museus voltados para o poder da memória, pois possibilita a partilha do sensível, que exige a dimensão estética, ética e política de quem fala e de quem escuta.
Palavras-chave	Educação - Museologia social - Objetos biográficos – Narrativas - Memórias
Disciplina	Educação
Localização	<a href="http://mestrados.uemg.br/ppgeduc-producao/dissertacoes-ppgeduc/file/555-as-forcas-culturais-do-museu-de-quilombos-e-favelas-urbanos-e-o-poder-de-ressonancia-nos-objetos-biograficos">http://mestrados.uemg.br/ppgeduc-producao/dissertacoes-ppgeduc/file/555-as-forcas-culturais-do-museu-de-quilombos-e-favelas-urbanos-e-o-poder-de-ressonancia-nos-objetos-biograficos</a>
Observações	

Nº	74
Referência	Chagas, M 2007, 'Museu do Índio: uma instituição singular e um problema universal', <i>Antropologia e Patrimônio Cultural. Diálogos e ...</i> , brunovivas.com
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº47	75
Referência	Chagas, MS 2011, 'Museus, memórias e movimentos sociais', <i>Cadernos de sociomuseologia</i> ,,, revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Da modernidade ao mundo contemporâneo os museus são reconhecidos por seu poder de produzir metamorfoses de significados e funções, por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, que unem o sensível e o inteligível. Por isso mesmo cabe-lhes bem a metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654</a>
Observações	Essa referência consta também no MM.

Nº	76
Referência	Moraes, CM dos Santos 'IX Reunião de Antropologia do Mercosul',
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizado

Nº48	77
Referência	Silva, CRR da, & Peregrino, M da Costa 2014, 'Experiências de ações educativo--comunitárias no Museu da Maré', <i>Revista História Hoje,,</i> rhhj.anpuh.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O Museu da Maré, inaugurado em 8 de maio de 2006, nasceu do desejo dos moradores de preservação de suas memórias. O Museu é um espaço de encontro entre as diversas realidades existentes no espaço urbano do Rio de Janeiro, o que possibilita a constituição de identidades plurais, além de favorecer o fortalecimento dos vínculos comunitários entre os agentes sociais locais e destes com a cidade. As ações educativas realizadas pelo Museu perpassam os vários projetos desenvolvidos (exposição de longaduração, exposições temporárias, arquivo, reserva técnica, grupo de contadores de histórias, biblioteca infanto-juvenil, mulheres artesãs e oficinas culturais) e visam fortalecer os vínculos comunitários entre os moradores, colaborando com o trabalho de preservação e divulgação do patrimônio cultural e afetivo das comunidades da Maré. O artigo tem por objetivo refletir sobre esse conjunto de ações com base no trabalho de formação de jovens bolsistas no Museu.
Palavras-chave	favela; Maré; memória; museu; ações educativas.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/142/111">https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/142/111</a>
Observações	

Nº49	78
Referência	Fagerlande, SMR 2018, 'Grandes eventos esportivos: impactos nas favelas do Rio de Janeiro', <i>Bitácora Urbano Territorial,,</i> revistas.unal.edu.co
Tipologia documental	Artigo
Resumo	As favelas cariocas tem sido palco de recentes mudanças urbanas relacionadas às atividades turísticas, em especial ligadas aos grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. A visitação por brasileiros e estrangeiros sempre foi expressiva na cidade, e o aumento da movimentação nas favelas é um fato relevante. O presente artigo é parte de pesquisa



	que vem mapeando os impactos das obras de mobilidade urbana em favelas do Rio de Janeiro, das políticas de segurança através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) e seus reflexos no turismo e na imagem dessas áreas da cidade. O trabalho focou o estudo nas favelas na Zona Sul, de maior atividade turística. A pesquisa tem mapeado albergues, bares, restaurantes, parques e trilhas turísticas, buscando dados como suas localizações, quem são os empreendedores, de que maneira estão inseridos no turismo em favelas e a importância da participação comunitária e das políticas públicas no processo, buscando também entender se as transformações têm causado gentrificação nessas comunidades.
Palavras-chave	turismo em favelas, mobilidade urbana, albergues, grandes equipamentos urbanos.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://revistas.unal.edu.co/index.php/bitacora/article/view/70037">https://revistas.unal.edu.co/index.php/bitacora/article/view/70037</a>
Observações	

Nº50	79
Referência	Coan, S 'Experiência estética: um estudo de caso na exposição Doméstica, da escravidão à extinção do museu comunitário Muquifu', <i>pdf.blucher.com.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu) atua no centro-sul de Belo Horizonte, no Aglomerado Santa Lúcia, desde 2012. As exposições da instituição têm como objetivo a salvaguarda, pesquisa e divulgação das histórias e memórias das favelas, especialmente a do território que ocupa. Esse artigo pretende compreender a percepção estética de um perfil de público-visitante, o habitante (VARINE, 2005), a fim de identificar se o projeto expográfico de Doméstica, da escravidão à extinção – Uma antologia do quatinho de empregada no Brasil é percebida como objeto estético. As entrevistas semi-estruturadas permitiram a análise hermenêutica sobre como a ideia projetiva da exposição até a mediação informacional por meio da estética com a pessoa permite acesso a diferentes níveis de experiência estética (sensual, conceitual e contextual) trabalhados no campo do design (Folkman, 2013; 2015) e da filosofia (DUFRENNE, 1989; 2002). Abre-se também um diálogo entre o referencial teórico sobre experiência estética no design e a teoria da mediação e comunicação de exposição no campo da museologia. Os resultados evidenciam que existe o potencial de chegar no nível de experiência que possibilita a mudança de paradigmas e questionamentos nos entrevistados com a cenografia de um quarto de empregada.
Palavras-chave	design, exposição, museu comunitário, experiência estética
Disciplina	Design
Localização	<a href="http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/3.0303.pdf">http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/3.0303.pdf</a>
Observações	

Nº51	80
Refe-	Freire-Medeiros, B 2009, 'Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística'

rência	ca',,, books.google.com
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Turismo e Ciências Sociais
Localização	<a href="https://books.google.pt/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=44lDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PP1&amp;dq=museu+de+favela&amp;ots=eCbVkwnYto&amp;sig=ftRtyhQf938yZblwzg972eh-W4E&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q=museu%20de%20favela&amp;f=true">https://books.google.pt/books?hl=en&amp;lr=&amp;id=44lDwAAQBAJ&amp;oi=fnd&amp;pg=PP1&amp;dq=museu+de+favela&amp;ots=eCbVkwnYto&amp;sig=ftRtyhQf938yZblwzg972eh-W4E&amp;redir_esc=y#v=onepage&amp;q=museu%20de%20favela&amp;f=true</a>
Observações	<p>“Atualmente em fase de conclusão, este projeto teve como principal objetivo examinar o processo de elaboração, venda e consumo da favela como atração turística, focalizando, para isso, três aspectos principais:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li><b>1. o papel desempenhado por empresários, ONGs e agentes públicos no desenvolvimento do turismo nessas localidades;</b></li> <li><b>2. a opinião dos residentes sobre a presença dos visitantes e seu nível de engajamento nas atividades turísticas;</b></li> <li><b>3. as expectativas e impressões dos turistas sobre essa experiência.”<sup>11</sup></b></li> </ol>

Nº52	81
Referência	Leite, LP 2019, 'Museologia Social e novos atores no Rio de Janeiro', <i>Cadernos de Campo (São Paulo 1991)</i> ,, periodicos.usp.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente trabalho visa tecer relações entre as novas produções museais e museológicas presentes na cidade do Rio de Janeiro com discussões sobre patrimônios, memórias e museus. O estudo foi pautado na corrente teórica conhecida como Museologia Social ou Sociomuseologia. Também são analisadas as mudanças paradigmáticas que essa maneira de pensar e fazer museus traz para a área. Ademais, discutimos alguns projetos museais inovadores pautados nesses princípios, como o Museu de Favela Cantalo Pavão-Pavãozinho (MUF), e como a entrada de novos atores nas discussões sobre os patrimônios, os museus e as memórias abre a área para novos modos de pensar, fazer e conceituar esses campos, mostrando que há sempre uma disputa política e de poder nesses movimentos.
Palavras-chave	Museologia social, Museu de Favela, Patrimônio, Memória, Poder
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/153701">http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/153701</a>
Observações	“O presente trabalho <sup>1</sup> visa tecer relações entre as novas produções museais presentes na cidade do Rio de Janeiro com discussões sobre patrimônio e museus. Desta

	<p>forma, nos pautamos na área da Museologia Social e das mudanças paradigmáticas que essa maneira de pensar e fazer museus traz para a área. Ademais, discutimos alguns projetos museais inovadores como o Museu de Favela Cantagalo Pavão-Pavãozinho (MUF) e a entrada de novos atores nas discussões sobre o patrimônio, os museus e sobre o campo da memória. O artigo é um desdobramento dos estudos realizados por mim no doutorado e mescla a revisão bibliográfica com trabalhos de campo realizados no MUF no ano de 2017.”274</p> <p>“É possível notar que foram criados vários museus de favelas ou museus comunitários na cidade do Rio de Janeiro a partir dos anos 2000. Apontamos o Museu da Maré criado em 2006, o Museu de Favela em 2008, o Museu da Rocinha Sankofa em 2011, o Museu do Horto Florestal em 2010.”284</p>
--	---

Nº53	82
Referência	Alcântara, CM, & Godoy, R 2017, 'Os Museus Emanados da Periferia e suas Perspectivas para o Turismo Cultural: uma proposta da Amazônia urbana brasileira', <i>O Ideário Patrimonial</i> , academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo apresenta uma comunidade de Belém, Pará/Brasil e suas perspectivas para o turismo cultural através de seu museu comunitário, discutindo tal estratégia como mecanismo de reconhecimento e valorização da memória social. Por meio de pesquisa etnográfica no bairro da Terra Firme, periferia da capital paraense localizada na Amazônia brasileira, se propõe perceber as interações que se estabelecem nos espaços sociais a partir das escolhas patrimoniais dos moradores do bairro, dirigindo atenção para a relação das pessoas com sua cultura material e as diferentes formas de construção social da paisagem local para a concretização da atividade turística.
Palavras-chave	Museus Comunitários, Etnografia, Turismo Cultural, Patrimônio Cultural, Cultura Material
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://www.academia.edu/45596226/Godoy">https://www.academia.edu/45596226/Godoy</a>
Observações	“Quando falamos de museu comunitário nos referimos ao Ponto de Memória da Terra Firme (PMTF), parte de uma iniciativa criada em 2009 em resposta às novas demandas da museologia social no Brasil. O projeto intitulado Ponto de Memória reflete um movimento político brasileiro com o intuito de priorizar e ampliar ações voltadas para a consolidação da museologia social no país (2), tendo como frente institucional o órgão federal de regulação, gerência e fiscalização: o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) (MORAES, 2009, SILVA e PINHEIRO, 2013, AVELAR, 2015). O Programa Pontos de Memória, no primeiro estágio executado em 12 capitais (3) brasileiras, surge com a proposta de incentivar a criação e reconhecimento de novas iniciativas dentro de comunidades, que na maioria dos casos se mantêm a margem de políticas públicas sociais. Em linhas gerais a política dos Pontos de Memória retrata uma estratégia do estado para melhorar o bem-estar das comunidades urbanas que sofrem com as mazelas das grandes cidades devido ao abandono do poder público. Entretanto, quase uma década depois de sua criação, muitos problemas podem ser analisados em decorrência de sua implantação. Neste artigo, porém, nos propomos a apresentar um recorte específico: compreender escolhas conscientes e inconscientes de construção social do espaço no viés do turismo cultural.” 75-76

Nº54	83
Referência	Almendra, RS 2016, 'Museus, modernidade e colonialidade', <i>Cadernos de Pesquisa do CDHIS</i> , seer.ufu.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente artigo objetiva fazer uma breve reflexão sobre as instituições museológicas no contexto atual e os novos rumos tomados pelos museus nas últimas décadas a partir dos debates Pós-Coloniais, Decoloniais e da Museologia Social. Inicialmente, o trabalho apresenta a criação de museus na modernidade, comprometidos com a construção de identidades nacionais e narrativas históricas totalizantes para relatar a grandeza das nações, o que levou a um silenciamento de povos e culturas que se encontravam à margem de uma história imperialista hegemônica. A segunda parte mostra uma virada epistemológica que culminou no alargamento do conceito de museu, além do esforço de movimentos sociais e comunidades em garantir o seu direito à memória e a elaboração de suas narrativas históricas próprias.
Palavras-chave	Museus. Modernidade. Colonialidade. Memória. Comunidade.
Disciplina	História
Localização	<a href="http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/38971">http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/38971</a>
Observações	

Nº55	84
Referência	Leeds, A, & Cavalcanti, M 2018, 'Quanto vale uma favela', <i>Sociologia &amp; Antropologia</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo reúne e divulga pela primeira o texto da conferência inédita proferida em 1968 por Anthony Leeds no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, acompanhado de comentário de Mariana Cavalcanti. Nela, Leeds aborda de modo inovador o tema dos investimentos em infraestrutura e dos capitais que circulavam nas favelas cariocas ao criticar a visão então hegemônica da favela como um problema, discutindo essa alternativa de localidade de moradia a partir da agência dos trabalhadores urbanos e como um projeto de vida nas cidades diante de uma situação de profunda desigualdade. A vida cotidiana constitui o ponto de partida para Leeds construir um modelo de análise que dê conta dos processos pelos quais favela e cidade se coproduzem. O texto prefigura ainda debates posteriores do autor sobre o uso da etnografia multissituada e a desmistificação da teoria da marginalidade e da cultura da pobreza.
Palavras-chave	Anthony Leeds; favelas; trabalhadores urbanos; cultura da pobreza; antropologia urbana
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-38752018000300831&amp;script=sci_arttext">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-38752018000300831&amp;script=sci_arttext</a>

Observações	
-------------	--

Nº	85
Referência	Videla, MLZ 2009, 'Museu da Maré: memórias e (re) existências', <i>Horizontes Antropológicos</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Resenha de Vídeo
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº 56	86
Referência	Menezes, P 2008, 'Interseções entre novos sentidos de patrimônio, turismo e políticas públicas: Um estudo de caso sobre o Museu a céu aberto do Morro da Providência', <i>Unpublished MA Thesis. Rio de Janeiro, Instituto ...</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/33-encontro-anual-da-anpocs/gt-28/gt29-9/2097-pallomamenezes-intersecoes/file">http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/33-encontro-anual-da-anpocs/gt-28/gt29-9/2097-pallomamenezes-intersecoes/file</a>
Observações	<p>“Exatamente por carregar este título “de primeira favela carioca”<sup>1</sup>, a Providência foi escolhida pela Prefeitura para sediar o “primeiro” 2 museu de favela da cidade do Rio de Janeiro. Foi a partir da aposta na capacidade do lugar de disponibilizar ao mesmo tempo o generalizável (a Providência como “genérico de origem” das demais favelas cariocas) e a diferença (apreensível no contraste visual que a favela estabelece com o asfalto) que surgiu no início dos anos 2000 a idéia da Prefeitura do Rio de Janeiro de converter a Providência em um museu e em uma atração turística da cidade. A idéia não era fazer um prédio convencional e rotulá-lo como “museu da favela”, mas transformar a própria favela – ou, pelo menos, parte dela – em um museu.”<sup>1</sup></p> <p>“Visitar favelas cariocas já não é mais uma novidade para os turistas que chegam ao Rio de Janeiro atualmente. Desde o início da década de 1990 a favela carioca saiu das margens da cultura turística para tornar-se uma atração lucrativa para os agentes promotores envolvidos. Como aponta Freire-Medeiros, (2007), o caso paradigmático é, sem dúvida, a favela da Rocinha, que recebe cerca de três mil turistas por mês, levados por cerca de oito agências que ali atuam regularmente. Estudar o caso da Providência, contudo, é importante, pois, em contraste com o que ocorre na Rocinha, ali não é o capital privado o agente promotor do turismo, mas sim o próprio Poder Público. “Esta iniciativa”, sugere Freire-Medeiros (2006), “aponta para</p>

	uma experiência de 'patrimonialização' da favela diretamente vinculada à sua promoção como destino turístico". 1
--	--

Nº57	87
Referência	Vasconcellos, C de Mello, & ... 2018, 'A mediação comunitária colaborativa: novas perspectivas para educação em museus', <i>ETD-Educação ...</i> , periodicos.sbu.unicamp.br
Tipologia documental	Artigo.
Resumo	Nas últimas décadas os museus adotaram novas agendas e pautas, especialmente no diálogo com seu entorno e diferentes públicos. Nesse sentido, parcelas da sociedade em contextos de vulnerabilidade social vêm ganhando espaço no interior das instituições, redefinindo suas metas, planejamentos e prioridades. Este artigo reflete sobre o trabalho educativo desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo com um grupo de crianças da comunidade São Remo (favela com 12 mil habitantes, vizinha à Universidade) por meio da mediação comunitária colaborativa. Desde 2014 novas ações vêm sendo realizadas buscando, por um lado, diminuir as distâncias simbólicas e reais entre o Museu e sua vizinhança imediata e, por outro, ampliar o papel social, político e educativo da instituição
Palavras-chave	Museu .Educação em museus. Mediação comunitária colaborativa e Públicos inclusivos.
Disciplina	História e Arqueologia
Localização	<a href="https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8651713/18262">https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8651713/18262</a>
Observações	

Nº	88
Referência	Valladares, L do Prado 2016, 'A invenção da favela: do mito de origem a favela. com', books.google.com
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	É DE 2005

Nº58	89
Referência	Motta, A 'Direitos culturais e ações museais', <i>Comissão Editorial da Coleção Diferenças</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Não contém

Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	
Observações	<p>“No Brasil, os casos do Museu de Favela e do Museu da Maré, ambos no Rio de Janeiro, inaugurados em 2006, são exemplos de experiências que começam a dar maior visibilidade pública ao tema, tratando do problema das diferenças e das desigualdades nas periferias dos centros urbanos. É importante destacar que a organização destas e de outras experiências museais comunitárias se confunde com um novo momento de mobilização política dos movimentos sociais e das lutas das comunidades periféricas no país.</p> <p>O Museu de Favela (MUF) é um museu territorial, situado no complexo de favelas Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, entre os bairros de Ipanema e Copacabana, nos quais se encontra o maior polo hoteleiro do Rio de Janeiro. A proposta deste museu visa metaforizar o mundo das favelas cariocas como símbolo de resistência e de cidadania.</p> <p>A reivindicação de direitos culturais faz parte da agenda dos habitantes dessa comunidade que voluntariamente abraçaram um projeto e um modelo de gestão participativa de museu. Neste sentido, o MUF se converteu em poderosa ferramenta de denúncia das desigualdades sociais, fundamentando-se naquilo que Nancy Fraser (2005) chama de “gramática da diversidade”, o que tem permitido a seus habitantes lutar pelo reconhecimento e denunciar a privação e a violação de seus direitos. Deste modo, pode-se entender a concepção deste museu territorial, em particular, como um espaço de reivindicações sociais, com agenda política, que permite novas formas de produção de memórias, de recomposição de identidades coletivas e de demandas sociais.<sup>1</sup></p> <p>O principal atrativo do Museu de Favela (MUF) são suas casas. Suas fachadas são pintadas e decoradas com motivos diversos, sempre relacionados à história da comunidade em geral ou, em particular, à trajetória e às memórias de seus proprietários. Ao mesmo tempo em que cumprem a função de uso, as “casas-tela”, com suas fachadas pintadas, servem também para emoldurar histórias e memórias da comunidade através de grafites e de outras técnicas gráficas feitas por jovens da comunidade.<sup>2</sup></p> <p>Ao invés das coletas tradicionais de objetos (como utensílios, fotos, documentos etc.), às quais se atribui um valor histórico, a proposta do MUF é mobilizar a memória do tempo presente, motivando a comunidade a intervir, atuar, interagir e a se ver representada em ações culturais através de oficinas de pintura, de música, de gastronomia, de artesanato, entre outras atividades promovidas pelo MUF.” 272-273</p>

Nº59	90
Referência	Baptista, J, & Noita, T 2017, 'Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo',,, recil.grupolusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém

Disciplina	Antropologia, Museologia
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/8167">https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/8167</a>
Observações	<p>“Yonne é uma das 20 mil pessoas que moram no PPG. Essa favela, encravada em um maciço rochoso entre as praias mais caras do Brasil, tem entre seus aparelhos culturais o MUF, destacável museu comunitário do Brasil interessado na salvaguarda da memória local (SILVA; PINTO; LOUREIRO, 2012). Faltava, até então, incluir a comunidade LGBT do morro em seu conteúdo, conforme vinha indicando Sidney Tartaruga, diretor cultural da instituição. Com duração de seis meses, o projeto Memória LGBT no MUF realizou um conjunto de exposições comunitárias e publicações na Revista Memória LGBT, resultando em ações que promoveram e salvaguardaram no PPG a memória de pessoas como Yonne Karr. “Após tantos anos de apresentações no país”, diz Yonne ao agradecer os aplausos, “tive enfim a alegria de fazer um show em minha própria comunidade”.”<sup>31</sup></p> <p>“A partir dessas problemáticas, o presente artigo tem por objetivo apresentar instituições museológicas e iniciativas comunitárias mapeadas pelo projeto Memória LGBT nos países do norte, África, América Latina, Ásia e Oceania. Por meio de visitas técnicas, entrevistas não-diretivas (presenciais ou virtuais), pesquisa bibliográfica e em sites oficiais, além de publicações da Revista Memória LGBT, construiu-se um mapeamento das instituições que rompem modelos de opressão e esquecimento, ao mesmo tempo em que se evidencia o absoluto descompromisso das demais instituições de memória para com esta população. Longe de querer ser um mapeamento definitivo, apresentam-se, a seguir, museus e iniciativas comunitárias que se conectam a estas preocupações.”<sup>33</sup></p>

Nº60	91
Referência	Chagas, M 2010, 'A poética das casas museus dos heróis populares', <i>Mosaico</i> , bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Trabalhando com a categoria "casa museu", a partir da noção de uma poética do espaço, de Bachelard, o artigo propõe uma reflexão sobre as experiências de museus construídos em torno de figuras de heróis populares como Chico Mendes, Mestre Vitalino e Cora Coralina.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62790/61925">http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62790/61925</a>
Observações	

Nº61	92
Referência	Avelar, LF 2015, 'Museus comunitários no Brasil: o ponto de memória Museu do Taquaril', bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado Profissional



Resumo	O Museu do Taquaril, criado em 2010, é estudado como instituição museológica contemporânea, como museu comunitário, como iniciativa impulsionada pelo setor governamental por meio da Ação-Piloto do programa Pontos de Memória, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Com investigação realizada por meio de pesquisa documental e entrevistas, complementada por consulta a outras fontes, são descritos e analisados: o contexto de surgimento do Museu do Taquaril, etapas e processos de sua criação e de seu estabelecimento, desafios enfrentados e perspectivas para sua continuidade. O estudo é feito a partir de revisão de literatura sobre o desenvolvimento, a transformação e a diversificação dos museus no ocidente, observados como ferramentas utilizadas em processos sociais de construção de memórias e afirmação de identidades. São focalizados a chamada nova museologia e o surgimento em anos recentes de museus de cunho social, associados ao atendimento mais democrático de interesses da sociedade. É abordado o contexto nacional atual de implementação de políticas culturais inclusivas e de uma política pública nacional específica para o setor museal. Observa-se que a trajetória do Museu do Taquaril, iniciativa inserida nesse cenário, é impactada por agentes e circunstâncias do contexto interno da instituição e da comunidade local, assim como do contexto externo, especialmente a atuação do Ibram e o programa Pontos de Memória. Conclui-se que ainda há obstáculos a serem enfrentados pelo Museu do Taquaril para sua consolidação como museu comunitário.
Palavras-chave	Museu. Nova museologia. Novos museus. Museus comunitários. Políticas culturais brasileiras. Programa Pontos de Memória. Museu do Taquaril.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13691">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13691</a>
Observações	

Nº62	93
Referência	Spolon, APG 2015, 'Seminário Internacional Museu, Migrações e Identidades', <i>Rosa dos Ventos</i> , redalyc.org
Tipologia documental	Relato de Evento
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547035014.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547035014.pdf</a>
Observações	

Nº63	94
Referência	RODRIGUES, FDSF 'O REGISTRO DE MEMÓRIAS ATRAVÉS DO GRAFFITI NAS CASAS-TELA DO PAVÃO, PAVÃOZINHO E CANTAGALO', <i>aninter.com.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)

Resumo	O estudo busca compreender as relações entre memória e graffiti no Circuito das Casas-Tela das favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, localizadas na zona sul do Rio de Janeiro até julho de 2013. Que memória é essa? Como compreender a memória a partir do graffiti e quais relações culturais se estabelecem no Circuito das Casas-Tela? Casas-Tela são casas de moradores, que retratam as memórias e cultura local dessas comunidades através de pinturas nas quais se utiliza a técnica do graffiti, técnica esta que usa a parede/muros como suportes para a comunicação e no caso específico como suporte para registro de memórias. As Casas-Tela, verdadeiras obras de arte a céu aberto, fazem parte do acervo do Museu de Favela (MUF). Para concretizar o artigo, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre graffiti, levantamento histórico da instituição, especificamente do Circuito Casas-Tela e memória social e foram realizadas diversas visitas guiadas ao circuito estudado acompanhadas pelos mediadores culturais do MUF. Diante disto, fez-se uma contextualização da pesquisa teórica com as idas a campo, o que possibilitou algumas conclusões sobre o graffiti como ferramenta de registro e construção de memória e ferramenta de disputas culturais presentes no circuito na região analisada.
Palavras-chave	Memória. Graffiti. Favela. Museu.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="http://www.aninter.com.br/ANAIS%20II%20Coninter/artigos/505.pdf">http://www.aninter.com.br/ANAIS%20II%20Coninter/artigos/505.pdf</a>
Observações	

Nº64	95
Referência	Rego-Fagerlande, SM 2018, 'Grandes eventos esportivos no Rio de Janeiro: impactos nas favelas', <i>Bitácora Urbano Territorial</i> ,, <a href="http://scielo.org.co">scielo.org.co</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	As favelas cariocas tem sido palco de recentes mudanças urbanas relacionadas às atividades turísticas, em especial ligadas aos grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. A visitação por brasileiros e estrangeiros sempre foi expressiva na cidade, e o aumento da movimentação nas favelas é um fato relevante. O presente artigo é parte de pesquisa que vem mapeando os impactos das obras de mobilidade urbana em favelas do Rio de Janeiro, das políticas de segurança através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) e seus reflexos no turismo e na imagem dessas áreas da cidade. O trabalho focou o estudo nas favelas na Zona Sul, de maior atividade turística. A pesquisa tem mapeado albergues, bares, restaurantes, parques e trilhas turísticas, buscando dados como suas localizações, quem são os empreendedores, de que maneira estão inseridos no turismo em favelas e a importância da participação comunitária e das políticas públicas no processo, buscando também entender se as transformações têm causado gentrificação nessas comunidades.
Palavras-chave	turismo em favelas; mobilidade urbana; albergues; grandes equipamentos urbanos
Disciplina	<a href="http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0124-79132018000200143&amp;lng=en&amp;nrm=iso&amp;tlng=pt">http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0124-79132018000200143&amp;lng=en&amp;nrm=iso&amp;tlng=pt</a>
Localização	Arquitetura e Urbanismo
Observações	

Nº65	96
Referência	Moraes, CMS 2017, 'Favelas ecológicas: passado, presente e futuro da favela turística', bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	<p>As favelas do Rio de Janeiro foram historicamente elaboradas como desmatadoras, áreas de risco, lócus da pobreza e violência, problemas que acometem “a cidade maravilhosa”. Através da história, esses foram os significados impressos às favelas através de políticas públicas. No entanto, na contramão do que se podia esperar, seletas favelas foram descobertas pelos turistas, as vésperas da Eco 92, Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, sediada no Rio em 1992. Entre os anos 1990 e 2000, essas favelas se consolidaram como atrativos turísticos da cidade, concorrendo inclusive com Corcovado e Pão de Açúcar. As polêmicas visitas foram pauta de matérias jornalísticas e apelidadas como “safari da pobreza” ou “zoológico de pobres”. Nos anos 2000, o Estado passou a reconhecer essas áreas como atrativos e ainda a estimular a comercialização turística das favelas no contexto dos megaeventos, o que foi acompanhado por novas políticas de urbanização como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o Morar Carioca, e novas políticas de segurança pública como as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). A versão social desses projetos colocou o turismo em pauta. Consultores, analistas e técnicos foram contratados para realizar estudos de potencialidades e capacitações para moradores de favelas empreenderem, dentre outras áreas, no turismo, que se expandiu e atravessou as fronteiras da zona sul, chegando ao centro, zona norte e zona oeste da cidade, em menores proporções. Ao mesmo tempo que se espalhou, esse turismo especializou-se e diferenciou-se. O turista passou a encontrar as mais diversas experiências em favelas, desde a gastronomia local, museus, galeria de arte, albergues e hospedagens mais luxuosas, até às festas e a volta de seletos bailes funk, que passaram a reunir cariocas e turistas em espaços mais elitizados e caros. Algumas favelas passaram a ver nessa expansão / transformação um problema. A valorização econômica da favela passou a atingir aqueles que não conseguiam mais se manter neste local e acompanhar as mudanças. Apareceram os mais diversos movimentos de resistência, desde aqueles que vão contra o turismo em favelas, aos que querem fazer parte, mas a seu modo. Neste contexto, encontrei propostas de turismo de base comunitária que ganharam força no discurso local como alternativa ao turismo de massa, e propostas de ecoturismo, aliando elementos do turismo de base comunitária a preservação do meio ambiente. Assim, tendo como referencial teórico o Paradigma das Novas Mobilidades (Sheller e Urry, 2006, 2016) e o fenômeno da traveling favela (Freire-Medeiros, 2013) analisei as iniciativas de turismo de base comunitária e ecoturismo, buscando compreender suas origens e propostas de aliança entre turismo e meio ambiente. Para tanto, realizei uma etnografia multissituada, onde me movi pela expansão do turismo em favelas cariocas no contexto dos megaeventos. Ao longo das pesquisas, percebi que o turismo e as redes que mobiliza, colocaram em disputa novos significados para as favelas, e no, caso específico desta tese, a contestação da favela antiecológica. Assim, apresento os diversos discursos de representantes do Estado, consultores, analistas e empreendedores locais que mobilizados para ou pela expansão do turismo em favelas refletiram sobre passado, presente e o futuro das favelas</p>

Palavras-chave	Favelas; Turismo; Meio ambiente; Paradigma das Novas Mobilidades; Futuro.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18364">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18364</a>
Observações	

Nº66	97
Referência	Dias, A, & Cossio, G 'Imergir, identificar e empoderar: design social e as ações no Museu da Maré', <i>researchgate.net</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Este texto apresenta um projeto em design com abordagem participativa, de caráter social e comunitário. Trata-se da parceria estabelecida entre discentes do Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPDESDI/UERJ com o Museu da Maré, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo desta comunicação é contextualizar a fundamentação teórica e a metodologia empregada, com o relato sobre as atividades, realizadas em seis encontros presenciais no museu. Ao articular a abordagem do design social com a museologia social, as atividades proporcionaram o estabelecimento de um vínculo entre os estudantes e a equipe do museu, em vista da construção coletiva das soluções adequadas aos problemas elencados pelo grupo. Os encontros oportunizaram o levantamento das necessidades de projeto, a compreensão sobre a identidade local e, após duas rodadas de geração de alternativas, o desenvolvimento do material gráfico promocional e comunicacional do museu.
Palavras-chave	Cultura e sociedade. Design e sustentabilidade. Design social. Metodologia participativa. Museologia social.
Disciplina	Design
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2sx48j5b">https://tinyurl.com/2sx48j5b</a>
Observações	

Nº	98
Referência	MARQUES, RFM, MENDES, LA, & SAMPAIO, ML 'MUSEU E CIDADE: monumentalidade como instrumento de significação urbana',
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizado

Nº67	99
Referência	Bautès, N 2008, 'Que mais alem do espectáculo? Resiliência e desvios ao redor de

	um projeto de valorização de favela.',, hal.archives-ouvertes.fr
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este trabalho mobiliza duas dimensões da análise dos processos sociais que acompanham uma iniciativa municipal de valorização urbana no Morro da Providência, favela situada no Rio de Janeiro. A primeira tenta colocar em perspectiva o projeto de reurbanização de um espaço dentro desta favela. Esta iniciativa consiste em uma intervenção mediatizando a favela através da criação de um museu a céu aberto, materializado através de marcas patrimoniais e turísticas em um particular roteiro na favela. A segunda dimensão tenta caracterizar o nível e a natureza de apropriação deste projeto pelos moradores da favela e por indivíduos e grupos atuantes nesse espaço. Mais do que destacar a implicação dos moradores dentro do processo de mudança gerado pelo projeto, trata-se de caracterizar o modo de organização social que se estrutura ao seu redor, cujo objetivo é o de reforçar uma dinâmica, focalizada em uma mudança que acabou sendo principalmente arquitetônica, apesar do objetivo de produzir uma dinâmica "sustentável".
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00523339/document">https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00523339/document</a>
Observações	

Nº68	100
Referência	Zanardi, PP 2015, 'MUSEU ALUGADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO MUSEU DA MARÉ, RJ.',, repositorio.ufsc.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	Este trabalho é o resultado de uma pesquisa etnográfica no Museu da Maré localizado na Favela da Maré, Rio de Janeiro. Para compreendê-lo abordo suas diferentes frentes de atuação, a saber, os cursos, oficinas, e grupos que estão cotidianamente no espaço do museu; sua exposição dividida em tempos e a apropriação desta por parte do público que a visita; e, por fim, a produção de seu arquivo e reserva técnica.
Palavras-chave	Museu da Maré. Exposição. Usos. Arquivo. Etnografia.
Disciplina	Ciências Sociais
Localização	<a href="https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132889">https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132889</a>
Observações	

Nº69	101
Referência	Zamora, MHRN 2015, 'A escuta de memórias nos labirintos da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção',, maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Tese de Doutorado

Resumo	Esta pesquisa-intervenção teve por objetivo analisar as questões metodológicas que atravessaram a produção conjunta de um trabalho desenvolvido pelo Museu de Favela (MUF) em parceria com o NIMESC/PUCRio, em torno das memórias das moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. Partindo do diálogo com autores que se afiliam a uma perspectiva sócio-histórica e crítica da cultura, buscamos realizar um trabalho colaborativo, por meio de uma pesquisa feita com o outro. Deste modo, acompanhamos o Prêmio Mulheres Guerreiras, uma atividade anual realizada pelo MUF, cujo objetivo é homenagear mulheres que possuem um valor social para a favela. Observamos as entrevistas de memória realizadas pelo museu com as candidatas de 2012 e, a partir dessas observações, implementamos junto ao MUF uma Formação das Escutadoras de Memória no ano de 2013. Para participar desta formação, foram convidadas moradoras das favelas citadas, cujo objetivo foi sensibilizá-las em relação à importância da memória coletiva no fortalecimento da identidade social de uma comunidade, fomentando com isso o desejo de escuta e o (re)conhecimento das histórias de vida. Foram discutidos ainda aspectos metodológicos que atravessam uma entrevista de memória, bem como os modos de dar materialidade às histórias escutadas. As memórias coletivas que se destacaram a partir das entrevistas realizadas pelas participantes da formação foram aquelas relacionadas às experiências vividas ao longo da constituição da comunidade, em meio à precária infraestrutura da favela. Destacaram-se ainda as memórias traumáticas ligadas à violência, bem como aquelas referentes à experiência de ser mãe de favela. Esta pesquisa nos mostrou que o trabalho de escuta de memórias pode se beneficiar de estratégias menos diretas, ou seja, que priorizem o tipo de interação mais próxima a uma conversa, cujo vínculo esteja baseado na empatia, em detrimento de uma entrevista com um roteiro pré-estabelecido.
Palavras-chave	Memória coletiva; metodologia; favela; identidade social; mulheres.
Disciplina	Psicologia Clínica
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26524/26524.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26524/26524.PDF</a>
Observações	

Nº70	102
Referência	Almeida, AF de 2014, 'Entre o "museu de pobre" e o "museu informação": novos arranjos museológicos na cidade do Rio de Janeiro', <i>Revista Confluências Culturais</i> , periodicos.univille.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Pensando em espaços urbanos, patrimônios e novas perspectivas museológicas, o presente trabalho tem como objetivo adentrar o universo de uma velha sábia negra, Tia Dodô, e por meio de sua subjetividade e sua construção identitária entender a produção de novos espaços alegóricos enquanto museus na contemporaneidade. Tangenciando a história oral, vamos refletir, com base na tríade memória, espaço e patrimônio, como Tia Dodô, jogando com o poder simbólico, conseguiu negociar e recepcionar a transformação de sua casa no Museu Tia Dodô, espaço museológico numa favela na zona portuária do Rio de Janeiro.
Palavras-chave	espaço urbano; museu; poder; patrimônio.
Disciplina	História

Localização	<a href="https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5113082.pdf">https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5113082.pdf</a>
Observações	“Tia Dodô do Morro da Providência é a primeira porta-bandeira da escola de samba Portela , e vamos imergir em seu universo pela via do samba por intermédio de sua casa, mais especificamente dos seus objetos, já que sua casa está em processo de transformação para abrigar o Museu Tia Dodô, primeiro espaço numa favela do centro da cidade do Rio de Janeiro onde uma casa é transformada em museu. Diferentemente de outras configurações consideradas espaços de exposição e arte nos galpões da Favela da Maré ou no Museu de Favela do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, que são espaços ligados a ONGs e ao terceiro setor, o Museu Tia Dodô faz parte de uma das ações do Projeto Porto Maravilha. Este goza de iniciativa público-privada, tendo na CDURP sua gestora pública e na parceria com a Concessionária Porto Novo seu alicerce privado para a realização das obras em curso.” <sup>97</sup>

Nº71	103
Referência	Lopes, PVL 2011, 'Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos', ... em Antropologia Social)–Museu ...
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Esta dissertação trata da articulação entre sexualidades e modos de construção de si de jovens não-heterossexuais moradores de uma favela carioca. A partir de um longo período de trabalho de campo, alguns dispositivos acionados por esses sujeitos nessa elaboração de si são identificados e remetidos a uma configuração onde “ser favelado” ou “não-heterossexual” não constituem experiências englobantes, grandes definidores do self dos mesmos. Desse modo, além de incorporar aquelas características sociais e comportamentais dos interlocutores dessa pesquisa, também será conferida especial atenção às suas dinâmicas familiares, outras relativas a circulação dentro e fora da favela, como também a participação em projetos sociais . Além disso, a partir de uma experiência pioneira em termos do desenvolvimento de uma ação coletiva na favela organizada a partir de identidades sexuais, apreende-se como esses temas são produzidos e articulados na emergência de um sujeito político específico.
Palavras-chave	LGBT, Juventude, Favela, Construção de si, Maré
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://dlc.library.columbia.edu/catalog/ldpd:504865/bytestreams/content/content?filename=Paulo+Victor+Leite+Lopes.pdf">https://dlc.library.columbia.edu/catalog/ldpd:504865/bytestreams/content/content?filename=Paulo+Victor+Leite+Lopes.pdf</a>
Observações	

Nº72	104
Referência	Nunes, FAP 2017, 'Galeria dos Contrabandistas: musealização e preservação de um espaço de transgressão',,, repositorio.ul.pt
Tipologia documental	
Resumo	A Galeria dos Contrabandistas é um projeto de arte urbana que pretende revitalizar

	<p>o Beco dos Contrabandistas, em Lisboa. Propõe-se a musealização deste antigo espaço de transgressão com o objetivo de preservar tanto a memória, a cultura e o modo de vida dos seus moradores como o património edificado e os espaços públicos. Prevê-se também a realização de acções culturais e artísticas no território em estudo. Destas actividades constam a criação de residenciais artísticas e de conhecimento, intervenções artísticas e artes performativas, recitais de poesia, concertos de música, festivais de teatro e cinema, etc.</p> <p>A segunda fase da Galeria dos Contrabandistas dá início a um projeto científico, educativo, social e artístico mais alargado. A constituição de um centro de arte e investigação dedicado ao estudo da transgressão estará na base desta nova etapa e com ele o desenvolvimento e implementação de residenciais do conhecimento e da arte.</p> <p>Pretende-se que estas residenciais proporcionem uma vivência territorial durante um espaço de tempo mais ou menos alargado, assim como uma experiência multicultural e de partilha multidisciplinar desenvolvendo sinergias de investigação e de criação artística.</p> <p>A metodologia consistiu na realização de estudos de contextualização histórica do território em questão utilizando para isso estudos olisiponenses, monografias históricas, cartografias, depoimentos, entrevistas com método da história oral. Outra dimensão foi a comparação de experiências similares de musealização de espaços públicos, a destacar o Museu de Favela – MUF/Brasil e Moledo Acontece/Portugal. A bibliografia consultada permitiu a actualização dos principais conceitos discutidos no âmbito deste projeto: musealização, identidade, memória, património e transgressão.</p>
Palavras-chave	Musealização, património, memória, identidade, transgressão, arte urbana.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33842/2/ULFBA_TES_1078.pdf">https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33842/2/ULFBA_TES_1078.pdf</a>
Observações	

Nº73	105
Referência	Moutinho, M 2015, 'DECLARAÇÃO MINOM-RIO DE JANEIRO 2013', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Declaração MINOM Rio 2013
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/5231/3371">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/download/5231/3371</a>
Observações	<p>“XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), realizada no Rio de Janeiro, Museu da República, Museu da Maré e Museu de Favela*.</p> <p>Em defesa de uma Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas</p>



	<p>pelos seres e agentes portadores de memória, consideramos a importância de:</p> <p>A) Reafirmar os princípios anunciados nas declarações de Santiago do Chile, 1972, e Quebec, 1984;</p> <p>B) Quebrar hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias.</p> <p>C) Compreender os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas;</p> <p>D) Dar relevo à atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais. Todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas;</p> <p>E) Reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios “jeitos” de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo que lhes convém;</p> <p>F) Colocar em destaque a compreensão de que a museologia social consiste num exercício político que pode ser assumido por qualquer museu, independente de sua tipologia.” 145-146</p>
--	---

Nº74	106
Referência	Borré, ACJMB, & ... 2019, 'Maré de Histórias: A contação de histórias como forma de perpetuação da memória nas favelas da Maré', <i>Revista Grafia-Cuaderno ...</i> , revistas.fuac.edu.co
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo apresenta a narração de histórias como uma forma de preservar a memória dos grupos sociais. Neste caso, a memória baseia-se num livro produzido através dos residentes do Complexo da Maré; do grupo de teatro Maré de Histórias; e do Museu da Maré, este último servindo como local para recriar e refazer histórias de vida e as suas décadas de história. Será feita referência, especificamente, à história intitulada “casamento na Palafita”, encontrada no “Livro de Contos e Lendas da Maré”, desenvolvido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, representado pelo Projecto de Teatro e baseado na história do povo da Maré.
Palavras-chave	Memória; CEASM; Museu da Maré; Maré de Histórias; Casamento na Palafita.
Disciplina	Turismo e Museologia
Localização	<a href="http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/view/813">http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/view/813</a>
Observações	

Nº75	107
Referência	OLIVEIRA, TR DE 'Conservação e Memória: O Conjunto de Fichas Cadastrais de Moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda do Museu da Maré', <i>pantheon.ufrj.br</i> ,
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	O presente trabalho objetiva desenvolver ações norteadoras para a Conservação do

	<p>“Conjunto de Fichas Cadastrais de Moradores do Centro de Habitação Provisória Nova Holanda”, que serviram como registro de moradores removidos de favelas localizadas em áreas valorizadas da cidade para conjuntos habitacionais provisórios, geralmente distantes do Centro, o maior de todos foi construído na Maré, batizado de Nova Holanda, na década de 1960 durante o governo de Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara que tinha como política a repressão e a erradicação das favelas. Estas fichas são parte integrante do Arquivo Dona Orosina Vieira, acervo institucional do Museu da Maré inaugurado em 2006, reconhecido por ser localizado em uma favela e criado a partir da iniciativa de seus moradores. Ele narra o surgimento do bairro Maré, território periférico localizado às margens da Baía de Guanabara, próximo ao campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As ações formuladas baseiam-se em conceitos de teóricos da área de Conservação-Restauração, tendo em mente a missão do Maré da Maré, de preservação e divulgação de seu acervo, valorizando as narrativas de seus moradores, que por muito tempo foram omitidas pelos discursos historiográficos dominantes e pelas organizações oficiais de memória. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa contamos com o apoio do Laboratório de Pesquisa e Estudos de Obras Sobre Papel, do Curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes (EBA)/UFRJ e realizamos como procedimentos metodológicos: o levantamento bibliográfico sobre a temática abordada, o registro fotográfico de seu estado atual, catalogação, um de seus exemplares foi selecionado para a realização de exame organoléptico, mapeamento de danos e também foi desenvolvida uma ficha de diagnóstico. As fichas foram contabilizadas em um total de 2915, um banco de dados foi criado visando o armazenamento de suas informações e a redução de sua manipulação e elaboramos um gráfico com as localidades que aparecem nelas com maior frequência.</p>
Palavras-chave	Conservação-Restauração, Museu da Maré, ADOV, Nova Holanda, Memória.
Disciplina	Conservação e Restauração
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9214/1/TROliveira.pdf">https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9214/1/TROliveira.pdf</a>
Observações	

Nº	108
Referência	Spolon, APG 2015, 'Relato de Evento-Seminário Internacional Museu, Migrações e Identidades Event reporting-Museum, Migration and Identities International Seminar', <i>ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade</i> , ucs.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 93

Nº76	109
Referência	Carvalho, FC 2013, 'ST3-1163 O TURISMO COMUNITÁRIO NA FAVELA SANTA MARTA: PERSPECTIVAS SOBRE O PROGRAMA RIO TOP TOUR NO CONTEXTO EUFÓRICO

	DO RIO ...', <i>Anais ENANPUR</i> , anais.anpur.org.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	A atividade turística nas favelas cariocas tem se tornado cada vez mais abrangente e significativa, acompanhando um movimento globalizado de intensificação do consumo turístico de “produtos” diferenciados e exóticos. Embora seja ainda um tema controverso, estes locais tem atraído recentemente investimentos cada vez maiores por parte do poder público e da iniciativa privada, voltados a projetos de urbanização e estruturação turística. A presente abordagem pretende relacionar estas relevantes discussões que já vem sendo realizadas com a recente inserção do conceito de Turismo Comunitário neste contexto, por meio do programa Rio Top Tour; e suas possibilidades de aplicação à prática turística de algumas favelas do Rio de Janeiro. Como estudo de caso, pretende analisar a atuação do referido programa na Favela Santa Marta (Botafogo – RJ), à luz das recentes transformações proporcionadas pela nova política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, baseada nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's), em um contexto de grandes incentivos ao turismo e a projetos de renovação urbana.
Palavras-chave	Turismo Comunitário; Favela Santa Marta; Rio Top Tour.
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/235">http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/235</a>
Observações	

Nº77	110
Referência	Segala, L 'Museu experimental urbano e estratégias de reconhecimento social', <i>Defining museums of the 21 st century: plural</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://tinyurl.com/cnj99che">https://tinyurl.com/cnj99che</a>
Observações	“Na Rocinha, desde 2007, disputavam-se projetos vinculados a programas de políticas públicas de Cultura, especialmente aqueles apresentados pelo governo federal e estadual através dos editais de Pontos de Cultura e pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) interessado em uma nova museologia de interesse social, nos sentidos e usos de museus comunitários urbanos, mais especificamente aqueles em favelas e em bairros populares. Não há tempo aqui para analisar os investimentos atualizados por essas políticas mas sublinhar que suas múltiplas propostas em jogo, na Rocinha, mobilizaram e/ou “profissionalizaram” com remuneração temporária – “biscates nos editais”, enquanto trabalhadores intermitentes da cultura ou articuladores socioculturais – segmentos da população local, no mais das vezes de jovens universitários ou já formados, responsáveis por projetos no lugar, em parceria com instituições supra-locais: ONGs, universidades, igrejas, outras agências do Estado. O grupo que, de forma mais permanente produz o Museu reúne ainda alguns moradores considerados antigos, com experiência e relevância nas iniciativas comunitárias. Estabelece-se

	assim um sentido simbólico de continuidade, para além das fricções entre classes de idade e entre lógicas verticais e horizontais de transmissão e de inovação, que autentica o movimento.” <sup>93</sup>
--	---

Nº78	111
Referência	Silva, HS da, & Laercio, M de Oliveira 2011, 'Turismo em Favelas: A Contribuição do Poder Público em Nova Brasília e no Morro da Providência', <i>Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e ...</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O objetivo deste artigo é mostrar intervenções urbanísticas promovidas pelo governo, com a finalidade de promoção de atividades turísticas para duas favelas no Rio de Janeiro: Morro da Providência e Nova Brasília. A primeira está localizada na área central da cidade, e a outra, na periferia. A metodologia desta pesquisa foi baseada na bibliografia existente sobre as duas comunidades, incluindo os registros fotográficos das favelas, bem como a história e as características urbanas. Foi realizada uma pesquisa em arquivos, para encontrar os projetos de urbanismo, bem como visitas nas duas favelas. O Morro da Providência foi considerado um museu, pela sua importância histórica. As ruas estreitas da favela foram transformadas em caminhos marcados, onde os turistas podem caminhar, contemplar a paisagem e a vista da área central da cidade. Em Nova Brasília, o principal objetivo foi criar novos edifícios para atividades culturais. Foi construído um cinema 3D que atrai mais pessoas em cada tempo.
Palavras-chave	favela, turismo, urbanização.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/6049/4358">http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/6049/4358</a>
Observações	“Este trabalho tem como principal objetivo mostrar iniciativas do poder público para estimular atividades culturais, incluindo o turismo em duas comunidades do Rio de Janeiro: Morro da Providência e Nova Brasília, esta localizada no Complexo do Alemão. Esse recorte se deve ao fato de as duas comunidades terem sido objeto recente de intervenções públicas de grande escala, que propiciaram equipamentos voltados para o turismo e cultura.” <sup>3</sup>

Nº	112
Referência	Cândido, MM Duarte 2013, 'Museus (Memória+ Criatividade= Mudança Social)', <a href="http://www.icomrio2013.org.br">www. icomrio2013. org. br,</a> , <a href="http://orbi.uliege.be">orbi.uliege.be</a>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não se enquadra nas tipologias

Nº79	113
Referência	Chagas, M, Santos, PAD, & Glas, T 2012, 'Sociomuseology in movement: MINOM Rio declaration', <i>Museum international</i> , Taylor & Francis
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/2mhpyx3s">https://tinyurl.com/2mhpyx3s</a>
Observações	<p>Este artigo também aparece nos dados do MM (Ver Ficha 92).</p> <p>“It was in this climate that the 15th International Conference of the International Movement for a New Museology (MINOM) took place, from 8 to 10 August, 2013. Held at the Republic Museum, Museu da Mare and Favela Museum, it was attended by some 60 students, teachers, researchers, technicians, artists, social activists and collaborators in social museums from five countries and 17 Brazilian cities. This conference explored some of the changing meanings of socially committed museology in contemporary Brazil that we wish to share in this article because we believe that they represent a unique, cutting-edge development in museology.”<sup>99</sup></p> <p>“The MINOM conference helped call attention to the emergence of new stakeholders and independent initiatives, not in the sense that they are isolated—on the contrary, such social actions emerge in broad networks—but in the sense that they no longer respond to top-down policies, testifying instead to the freedom of community members to contribute more personally to the museum’s position”<sup>101</sup></p>

Nº80	114
Referência	Leite, PP 2015, 'A Museologia Social e os movimentos sociais no Brasil', <a href="http://recil.grupolusofona.pt">recil.grupolusofona.pt</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo tem como objectivo analisar a relação entre a museologia social e os movimentos sociais no Brasil. Procuramos analisar a emergência reflexão da função Social dos Museus como um processo que conduz a um movimento de renovação na museologia que lhe permite adequar-se aos processos de transformação e inovação social. A análise de alguns casos nos museus de favela no rio de Janeiro, que surgem no âmbito de políticas públicas culturais demonstra que os processos museológicos podem constituir-se laboratórios de ação social. Estes museus são espaços de encontro das comunidades com as suas memórias, com os recursos dos seus territórios e permitem a emergência da produção de novas narrativas museológicas
Palavras-chave	Museologia Social, Inovação Social, Pontos de Memória, Encontro, Transição,
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/5924/1/artigoETNICEX_v2.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/5924/1/artigoETNICEX_v2.pdf</a>
Observações	“A análise da produção de inovação social é uma forma de analisar e entender os

	<p>ritmos da mudança social. Olhar para a produção de inovação social, mais especificamente para as formas de produção de inovação na museologia social é procurar respostas para entendes de que forma os processos museológicos se estão a justar e a acompanhar os ritmos de transformação das sociedades”<sup>5</sup></p> <p>“A democracia representativa permitia o exercício desse compromisso entre a tradição e a modernidade. De uma certa forma, assumiu-se como forma de regulação global, gerindo a mudança entre equilíbrios de poderes. Ora nestes novos movimentos sociais podemos observar que eles também transportam uma contestação direta às formas de exercício do poder global, através da proposta de novas formas de exercício do poder democrático. De alguma forma estes movimentos estão a reinventar a prática da discussão democrática e o exercício e a experimentação de novas formas de democracia. Estão a reinventar a democracia participativa. E dizemos reinventar porque estes movimentos estão também a encontrar novas formas de exercitarem patrimónios e heranças que foram sendo esquecidos pelas práticas hegemónicas.”<sup>8</sup></p> <p>“Todavia é necessário ter em atenção que o governos Brasileiro, na última dezena e meia de anos tem vindo a efectuar fortes investimentos em políticas públicas, quer no campo social quer no campo da cultura. Ao contrário do acontece nos países do norte, afectados por uma forte cris económica que leva o Estado a retirar-se dos processos d financiamento das políticas sociais públicas, o continente Sul americano, produtor de matéria primas em abundância, os Estado assume-se como o principal agente de transformação social, mercês de fortes investimentos públicos. No caso do Brasil, em particular, associado à exportação e matérias-primas para o mercado global junta-se ainda uma pujante agricultura, também para exportação que beneficia o estado com elevado superavit. O excedente orçamental foi aplicado pelos governos populares em ampliar a rede pública de saúde, educação e cultura. Um esforço que permitiu, por exemplo que cerca de 40 milhões de brasileiros saíssem da pobrezaiii No caso do sector cultural, as políticas públicas adoptadas pelo Ministro Gilberto Gil, para além de beneficiarem de orçamentos generosos também beneficiaram uma a estratégia de procura de resultados.”<sup>11-12</sup></p>
--	---

Nº81	115
Referência	Kaseker, DP 2017, 'Museu, território, desenvolvimento: diretrizes do processo de musealização na gestão do patrimônio de Itapeva (SP)',,, teses.usp.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	O escopo da pesquisa é formular diretrizes para o processo de musealização na gestão do patrimônio cultural, a partir de uma visão que integra os conceitos de museu, território e desenvolvimento, embasado no viés da interdisciplinaridade e no princípio da interação participativa. Com base na trajetória do museu de território, desde quando surgiu no final do XIX, abrindo caminho para o ecomuseu, na década de 1970, criado sob a égide da Nova Museologia, serão abordadas as diversas modalidades que esta tipologia assume e o seu enraizamento na sociedade contemporânea. No Brasil de hoje, segmentos sociais marginalizados, alguns deles praticamente invisíveis?, estão reinventando o conceito de ecomuseu. São concebidos como rea-

	ção à desterritorialização. Surgem nas favelas e nos bairros periféricos das regiões metropolitanas, no interior do país e em aldeias indígenas. Estão atrelados às lutas pela cidadania, pela terra, pelo direito de minorias, pelo reconhecimento das culturas marginais. Como estudo de caso, as diretrizes metodológicas da musealização territorial serão desenvolvidas visando sua aplicação no município de Itapeva (SP). Nesse sentido, a pesquisa se enquadra em um dos objetivos estratégicos do ProjPar, que é o da valorização e instrumentalização das comunidades com relação às possibilidades de reverter o quadro de desconhecimento e consequente subutilização de seu patrimônio cultural em benefício do desenvolvimento local, atendo-se ao princípio da sustentabilidade
Palavras-chave	Desenvolvimento Gestão Musealização Patrimônio Território
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-09022015-115653/publico/DavidsonREVISADA.pdf">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-09022015-115653/publico/DavidsonREVISADA.pdf</a>
Observações	

Nº82	116
Referência	Leite, PP 2014, 'Movimientos sociales y nueva museología: La innovación brasileña', <i>Etnicex: revista de estudios etnográficos</i> , dialnet.unirioja.es
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O artigo tem como objectivo analisar a relação entre a museologia social e os movimentos sociais no Brasil. Procuramos analisar a emergência reexão da função Social dos Museus como um processo que conduz a um movimento de renovação na museologia que lhe permite adequar-se aos processos de transformação e inovação social. A análise de alguns casos nos museus de favela no rio de Janeiro, que surgem no âmbito de políticas públicas culturais demonstra que os processos museológicos podem constituir-se laboratórios de ação social. Estes museus são espaços de encontro das comunidades com as suas memórias, com os recursos dos seus territórios e permitem a emergência da produção de novas narrativas museológicas.
Palavras-chave	Museologia Social, Inovação Social, Pontos de Memória, Encontro, Transição
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5226097">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5226097</a>
Observações	

Nº	117
Referência	Silva, A, & Silva, CEG da 2012, 'Rap do MUF: um museu com hino', ... <i>das casas-tela, caminhos de vida no museu de favela</i> ,
Tipologia	Capítulo de Livro

documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver livro nos meus arquivos.

Nº	118
Referência	MENEZES, PV 2008, 'Quando a favela se torna museu: reflexões sobre os processos de patrimonialização e construção de uma favela carioca como destino turístico', <i>Anais do V Seminário de Pesquisa em Turismo do ...</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 72

Nº	119
Referência	Cocco, G, Mendes, A, & Szaniecki, B 2012, 'Devir mundo da favela e devir favela do mundo', <i>Le monde Diplomatique Brasil</i> , academia.edu
Tipologia documental	Le Monde Diplomatique
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº83	120
Referência	REIS, GA 'O TERRITÓRIO COMO ESTRATÉGIA DE MEMÓRIA: MUSEUS DE TERRITÓRIO', <i>enanpege2019.anpege.ggf.br</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Ao observarmos políticas de memória e patrimônio e os projetos culturais a elas relacionados, pode-se perceber o crescimento nos debates para novas propostas, impulsionadas principalmente por grupos subalternizados. A questão se torna, assim, cada vez mais polí-



	<p>tica, a partir das tensões entre os diferentes agentes e instituições e isso tem se intensificado também nas práticas museais. Durante muito tempo, esse caráter político dos museus esteve muito associado a formações de comunidades imaginadas, na construção de narrativas oficiais do Estado-Nação. Nos últimos anos, porém, essa prática tem sido apropriada por diferentes grupos como estratégia de mudança social e, dessa forma, o patrimônio pode ser apontado como um recurso político. Porém, é necessário criar estratégias para que esse patrimônio não seja perdido pela coletividade. Dessa forma, os museus de território surgem como uma resposta aos museus tradicionais, baseando-se na musealização de um território, com ênfase dada às relações culturais e sociais homem/território, enquanto estratégia de administração da memória e instrumento de desenvolvimento social, a partir de um esforço de preservação, na tentativa de manter a informação contida no objeto e seu significado. No Brasil, alguns segmentos de grupos subalternizados estão presentes nesse conceito de museu, muitas vezes como reação à desterritorialização. Esses locais surgem nas favelas, bairros periféricos das regiões metropolitanas, no interior, aldeias indígenas ou em demais áreas com a presença desses grupos. Eles estão ligados a lutas pela cidadania, pelo direito de minorias, pelo reconhecimento de culturas marginais. O presente trabalho pretende, portanto, compreender o território como uma estratégia de memória no Rio de Janeiro, em uma nova percepção, a partir dos dois museus de território mais recentes na cidade, em dois casos: o Museu da História e Cultura Afro-Brasileira e o Museu das Remoções, localizados em contextos territoriais diferentes na cidade do Rio de Janeiro. Há uma significativa diferença entre os dois museus que permite-nos a comparação. Enquanto um se constitui a partir de mobilizações contra a ação do Estado, o outro tem no Estado seu articulador e promotor: apesar dos dois construírem uma narrativa sobre sujeitos subalternizados, seus pontos de partida são diferentes. Com a comparação desses dois museus, buscamos contribuir com a discussão sobre as disputas territoriais nas referências de memória na cidade e a relação entre grupos subalternizados, Estado e território, relacionados ao patrimônio. As reflexões teóricas e empíricas que serão apresentadas nesse artigo encontram-se relacionadas com a pesquisa em andamento de mestrado em Organização e Gestão do Território pela UFRJ.</p>
Palavras-chave	Museu de território; Memória; Narrativa.
Disciplina	Geografia
Localização	<a href="https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562628262_ARQUIVO_GabrielleAlvesReis_OTerritoriocomoEstrategiasdeMemoria-MuseusdeTerritorio.pdf">https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562628262_ARQUIVO_GabrielleAlvesReis_OTerritoriocomoEstrategiasdeMemoria-MuseusdeTerritorio.pdf</a>
Observações	

Nº	121
Referência	Zaluar, A, & Alvito, M 1998, 'Um século de favela',, books.google.com
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	

Observações	
-------------	--

Nº	122
Referência	Oiticica, H, & Filho, C Oiticica 2011, 'Museu é o mundo',, pt.museuberardo.pt
Tipologia documental	Informativo – Resenha
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº84	123
Referência	Corrêa, RMC 'Memória constituinte e movimento social: lições de um museu popular', <i>revista.estudoshumanos.com</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente ensaio articula filosofia política com alguns elementos de antropologia extraídos de pesquisa de campo com agentes de mobilização social e mais especificamente com a reapropriação pelos movimentos sociais de uma antiga tecnologia de poder, o museu. O resultado não é tanto uma sociologia museológica mas uma ciência política das formas de mobilização social populares na atualidade.
Palavras-chave	Museu Popular, Mobilização Social
Disciplina	Ciência Política
Localização	<a href="http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2010/11/270-101.pdf">http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2010/11/270-101.pdf</a>
Observações	

Nº	124
Referência	Peregrino, M 2016, 'Museu das Remoções é inaugurado na Vila Autódromo',, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipologia documental	Notícia de Jornal
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	125
Referência	Ferreira, VA, & Magalhães, R 2005, 'Obesidade e pobreza: o aparente paradoxo. Um estudo com mulheres da Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil', <i>Cadernos de Saúde Pública</i> , SciELO Public Health
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº85	126
Referência	Possamai, ZR 2010, 'Museu na cidade: um agente de mudança social e desenvolvimento', <i>MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO</i> , academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	
Observações	“No contexto das grandes cidades, especialmente no caso brasileiro, os ecomuseus e museus comunitários emergem nas zonas periféricas, originadas a partir de processos de valorização de áreas consideradas nobres que acarretam, conseqüentemente, o afastamento das populações pobres para áreas distantes dos centros históricos ou das áreas de grandes investimentos turísticos. Surgem, assim, tentando responder aos problemas de desterritorialização de populações - processo de remoção das favelas do Rio de Janeiro e sua transferência para a Zona Oeste – Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (PRIOSTI, 2000); ao estigma sofrido pelas populações que habitam os grandes complexos de favelas - Museu da Maré; a ausência de laços de pertencimento com o lugar, advinda da transitoriedade das populações urbanas – Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, entre outros.” <sup>37</sup>

Nº86	127
Referência	Abreu, R 2012, 'Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais', <i>Ilha Revista de Antropologia</i> , periodicos.ufsc.br

Tipologia documental	Artigo
Resumo	O ensaio focaliza o tema do patrimônio e dos museus no contexto do Ocidente moderno, chamando a atenção para o fato de que a centralidade da noção de patrimônio que se afirmou durante os séculos XIX e XX caminhou lado a lado com o paradigma oculocêntrico da sociedade moderna: o sentido da visualidade terá a primazia sobre os demais. A ação patrimonial teve como marca fundamental a noção de que o objeto da preservação e da restauração não seria nunca um objeto total, mas uma seleção limitada e intencional. Ao selecionar um aspecto de memórias múltiplas e polissêmicas e ao concentrar os esforços para iluminar esse único aspecto, o movimento de patrimonialização seria também um movimento de apagamento. Desse modo, o artigo chama a atenção para o fato de que, como ruínas, os bens tombados ocultam também diversas ocupações e usos sociais. Com base na metáfora do flâneur e na proposta de recuperação da noção de experiência com base num novo colecionismo, a autora propõe uma metodologia de pesquisa (a etnografia dos percursos) para estudar os museus do Estado do Rio de Janeiro como ruínas
Palavras-chave	Patrimônio. Memórias. Ruínas. Etnografia dos percursos.
Disciplina	Antropologia e Museologia
Localização	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/26316">https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/26316</a>
Observações	

Nº87	128
Referência	Bogado, D 2017, 'Museu das Remoções da Vila Autódromo: Resistência criativa à construção da cidade neoliberal',,, Edições Universitárias Lusófonas
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O planejamento da cidade neoliberal que se consolida com a realização de megaeventos carrega dentre as suas implicações a redução do habitar ao habitat (Lefebvre, 2008). Levanta-se como hipótese neste trabalho que a proposta de sociedade que vem sendo modelada para residir na cidade neoliberal estrutura-se sobre o conceito do habitat. O empreendedorismo urbano (Harvey, 1996) é o fenômeno que sugere que a gestão da cidade se estabeleça nos moldes de uma gestão empresarial, alterando com isso, a condução da política urbana, que passa a submeter a reconfiguração territorial aos processos de valorização do capital de forma mais direta e acentuada. Destaca-se a dominação espacial, ferramenta necessária para adaptação do espaço à obtenção de lucro (Santos, 2011, Lefebvre 2001, Winnicott, 1975). No contexto de preparação/realização dos megaeventos no Rio de Janeiro a prefeitura removeu aproximadamente 22.059 famílias, dentre as quais anunciava a comunidade Vila Autódromo, caso de estudo deste trabalho. A permanência da comunidade culminou na construção do Museu das Remoções, fruto da luta da população frente à destruição levada a cabo pelo poder público. A aproximação da comunidade ocorreu através da observação participante (WHYTE,1943), ou da participação observante (WACQUANT, 2000). A autora deste trabalho é atora na pesquisa-ação (TRIPP, 2005) uma vez que é pesquisadora e ativista, tendo coordenado o projeto de exten-

	são que construiu com a comunidade o Museu das Remoções.
Palavras-chave	Museu das Remoções, Remoções, Resistência, Vila Autódromo, Olimpíadas.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/8166/1/5947-49-18546-1-10-20170711.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/8166/1/5947-49-18546-1-10-20170711.pdf</a>
Observações	

Nº88	129
Referência	MAIMON, DC, & AFONSO, C 2015, 'R. Economia Criativa enquanto tecnologia social: um estudo de Caso da favela da mangueira, Rio de Janeiro', <i>Porto Alegre: ALTEC</i> ,, <a href="http://altec2015.nitec.co">altec2015.nitec.co</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O conceito de economia criativa no Brasil procura convergir a perspectiva da produção econômica aos aspectos culturais e simbólicos presentes na sociedade brasileira e que potencialmente promovem desenvolvimento econômico e social. A literatura inglesa e americana que versa sobre o tema aponta como características das chamadas “classes criativas” e “cidades criativas” a presença de capital humano e físico para que se promovam atividades destes setores da economia. No entanto, aspectos de capital social e criatividade apontam uma nova perspectiva para se pensar a economia criativa em territórios populares, onde há reduzido acesso à infra-estruturas formais. A pesquisa "Territórios criativos e inclusão produtiva: um estudo de caso na Mangueira, Rio de Janeiro" (MinC/CNPq, 2014) identificou especificidades nas relações produtivas, desde a geração, difusão e uso de conhecimentos gerenciais em atividades da chamada economia criativa (Maimon et al, 2015). Este artigo então revisa as análises desta pesquisa colocando luz sobre a capacidade empreendedora no campo da cultura e do desenvolvimento de tecnologias sociais em territórios populares, provocando práticas de inovação social. O trabalho se divide em quatro partes. Na primeira se analisa as principais abordagens da economia criativa e da inovação social. Na segunda parte são enfatizados os aspectos metodológicos da pesquisa e a análise dos resultados obtidos. Por fim, são delineadas as considerações finais acerca do estudo, as limitações e as sugestões para pesquisas futuras.
Palavras-chave	Economia Criativa, Inovação Social, Favelas, comunidade de baixa renda
Disciplina	Economia
Localização	<a href="http://altec2015.nitec.co/altec/papers/823.pdf">http://altec2015.nitec.co/altec/papers/823.pdf</a>
Observações	

Nº89	130
Referência	Costa, K, Delambre, D, & ... 2014, 'Ecomuseu Nega Vilma: patrimônio cultural no pico do Santa Marta', <i>Revista Cadernos do ...</i> , <a href="http://bell.unochapeco.edu.br">bell.unochapeco.edu.br</a>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O Ecomuseu Nega Vilma dialoga com múltiplos atores e autores

	sociais. O seu nome carrega a densidade de uma memória resistente que não está presente nos museus nacionais do país; traz as marcas de uma mulher brasileira, negra, pobre e moradora de uma favela; traz perguntas que remetem às estruturas hegemônicas de poder do país, às discriminações, à história cultural que vem da denominada “periferia” e que depois ganha “centralidade”.
Palavras-chave	Ecomuseu. Nega Vilma. Santa Marta. Museologia Social. Patrimônio Cultural.
Disciplina	Produção Cultural e Teologia
Localização	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2612">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2612</a>
Observações	

Nº90	131
Referência	Abreu, R, & Oliveira, RA 'Museus, narrativas e memória coletiva no Rio de Janeiro', <i>Museus e Atores Sociais: Perspectivas ...</i> , researchgate.net
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/3axp7ma8">https://tinyurl.com/3axp7ma8</a>
Observações	<p>“A Antropologia manteve desde seus primórdios forte relação com o campo dos museus seja como área de conhecimento no contexto das instituições museais de cunho enciclopédico, seja criando instituições museais articuladas com a prática etnográfica; ou ainda construindo um olhar particular sobre os museus no contemporâneo. Cada um desses movimentos expressa um certo tipo de inserção do antropólogo nas práticas da disciplina, bem como revela momentos singulares no cruzamento da história da antropologia e da história dos museus. Num primeiro movimento, temos uma vertente evolucionista e positivista da Antropologia, onde a coleta de objetos e sua conservação nos museus expressavam a constituição de acervos documentais de confiabilidade para as pesquisas; num segundo movimento, temos a criação e a institucionalização dos chamados “museus etnográficos” - consagrados modelos que associavam o estudo das particularidades culturais à preservação de objetos coletados durante a pesquisa de campo. Num terceiro movimento, os antropólogos passaram a se interessar por etnografar os museus como sintomas de práticas sociais e espaços de poder conjugados a regimes de valor que convertem artefatos em bens consagrados (lógicas colecionistas); expressões culturais e modos de fazer em “bens patrimoniais”; rituais em performances públicas; pessoas em “representantes” e “porta-vozes” de etnias e comunidades. Ressalta-se ainda que em tempos de intensos fluxos de informações globais, os museus e suas múltiplas expressões museais são considerados como “lugares” valorativos nos processos étnicos e sociais de construção da diferença. Valorativos não apenas no sentido de resgatar representações do passado, reificando o processo de violência simbólica quando grupos e sujeitos sociais foram enquadrados em escalas hierárquicas do menos ao mais evoluído, do menos ao mais verdadeiro, do menos ao mais civilizado: classifica-</p>

	<p>ções inerentes à própria história de constituição dos museus colada ao narcisismo do Ocidente. Hoje, é preciso descolecionar como sugere Nestor Cancline, desconstruindo esse lugar do museu enquanto categoria sociológica de pensamento e de uso político. Uma Antropologia dos Museus é aquela que coloca sob suspeita os processos museais, seus acervos e de modo especial suas exposições procurando descrever as representações e as teorias subjacentes que presidiram o ato de colecionar, de documentar e de expor que os museus consagraram ao longo dos séculos. Produzir novas interpretações em conjunto com os produtores das referências culturais de seu grupo na perspectiva de uma partilha de espaços e tempos sociais; repensar as questões éticas de exibição e publicação impressa ou fonográfica; tudo isso se apresenta como uma tarefa ética e prioritária aos antropólogos e seus campos museais. O livro <i>Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas</i>, que apresentamos, segue um fluxo de publicação relacionado ao Comitê de Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia. Dessa maneira, no ano de 2007, a ABA publicou <i>Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos</i> organizado por Manuel F. Lima Filho, Cornélia Eckert e Jane Beltrão, e no ano de 2012, Izabela Tamasso e Manuel F. Lima Filho organizaram o livro <i>Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos</i> também com o selo da ABA. Desejamos que agora publicando este livro, fruto do Seminário Internacional “dos ‘museus etnográficos’ às etnografias dos museus: o lugar da Antropologia na contemporaneidade” realizado entre os dias 02 a 04 de agosto de 2016 na 29ª RBA na cidade de Natal, e organizado por Julie Cavicnag (UFRN), Manuel Ferreira Lima Filho (UFG/ ABA), Regina Abreu (UNIRIO) e Renato Athias (UFPE/ABA), possamos estimular os novos profissionais em Antropologia ABA a eleger o tema dos museus no foco das análises antropológicas. Acreditamos que a iniciativa desta publicação é da maior relevância ao reunir material reflexivo e, certamente, também por proporcionar muita inspiração para aqueles que, exercitando o ofício do antropólogo, focalizam os museus seja como inventariantes e formadores de coleções, como educadores, como agentes de políticas públicas patrimoniais, ou como pesquisadores, mas, sobretudo, como cidadãos antenados com um tema que se impõe como uma das agendas para o século XXI.” 7-9</p>
--	---

Nº	132
Referência	VIEIRA, ACP 2006, 'Da memória ao museu: a experiência da favela da Maré. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Rio de Janeiro', <i>Anais... Rio de Janeiro: Anpuh</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	133
Referência	Almeida, SS de 'O ENCONTRO DE DOIS PROJETOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: O

	MUSEU E OS APRENDIZES. THE CONNECTION BETWEEN TWO NON-FORMAL ...', <i>site.mast.br</i> ,
Tipologia documental	Resumo Estendido
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	134
Referência	Vianna, CMS de Vasconcelos 2014, 'PRÁTICAS CULTURAIS EM MUSEUS: EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE EJA?', <i>Revista Teias</i> ,, e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não foi possível abrir o arquivo

Nº91	135
Referência	Jesus, CGN de 2018, 'Museu da Cultura PUC-SP: Patrimônio Cultural, História e Memória, olhares distintos a partir da Nova Museologia', <i>Projeto História: Revista do Programa de Estudos ...</i> , revistas.pucsp.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O intuito de tal artigo é apresentar o resultado de um projeto que visou reestruturar o Museu da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Para tanto, julgou-se necessário dialogar com as iniciativas da Nova Museologia, especificamente com a museologia social e os conceitos de museu de território e de museus comunitários, os quais apontaram que o envolvimento da comunidade universitária, sua relação com preservação do patrimônio cultural e com a História e a Memória da PUC-SP seriam vitais para o bom desenvolvimento do projeto.
Palavras-chave	História e Memória da PUC-SP; Nova Museologia; Patrimônio Cultural.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/35792/25127">https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/35792/25127</a>
Observações	"Por isso, acredita-se que o potencial de um museu é subestimado por parte das Universidades que, ainda, se prendem à visão museológica tradicional, distante dos objetivos acadêmicos apoiados em pesquisa, educação e extensão. Por outro lado,



	pautado em novas tendências epistemológicas das ciências humanas, fica mais que comprovado por iniciativas como do novo projeto do Museu da Cultura, que tal espaço pode contribuir para dinamizar os principais objetivos de instituições de ensino superior, envolvendo a participação da comunidade acadêmica em atividades de (re)valorização do espaço social e das memórias de que fazem parte, possibilitando o desenvolvimento cognitivo e prático do saber, por meio de pesquisas e da produção de conhecimento, além de ampliar o gosto pela preservação do patrimônio cultural.”41-42
--	--

Nº92	136
Referência	Silva, D Bogado Correa Da 2017, "' Museu das remoções" potencia de resistencia creativa y efectiva como respuesta sociocultural a Río de Janeiro en mega eventos.', idus.us.es
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	This thesis examines the construction of the Evictions Museum in Vila Autódromo, which took place amidst the rise of various civil rights movements in Rio de Janeiro, Brazil. It was a response to the introduction of a form of city management called 'urban entrepreneurship' (Harvey, 1996), which prompted a steady loss of civil rights in the city. The Evictions Museum is then just one of many manifestations of the fight for the right to the city, as well as for the right to housing, which occurred as a result of this new form of administration. The effects of this change were felt the strongest between 2009 and 2016 when the city was preparing for hosting a series of international mega- events. During this period, Eduardo Paes was the mayor of Rio de Janeiro. The socio-spatial transformations that took place in the years leading up to the 2014 World Cup and the 2016 Olympics were influenced by the interests of the global market, which corresponds with the construction of a neoliberal city (guided by the principles of the aforementioned urban entrepreneurship). This development, shaped by the prominent role of business interests in urban management, mirrors larger changes in the global economy, which has international financial capital at the heart of its operations. This model is characterized by speed and the authority given to corporate interests, implemented and incorporated through public policy. This dynamic can also be seen in the execution of territorial restructuring through PPPs (public-private partnerships). These transformations also mean that urban policies develop "with the backing of triumphant consumerism in an era characterized by the hegemony of thought and neoliberal management practices" (Rolnik, 2016: 262).The strategy used to accomplish 'urban entrepreneurship' (or the neoliberalisation of cities) had already been employed in various US cities and in Barcelona. When applied in the context of Rio de Janeiro this manifests itself as privatisation of public space, and change of socio-cultural profiles of residents living in certain areas of the city (gentrification) through large-scale urban projects. In order for this to happen, the state presents itself as legislatively flexible and executive authoritative in attending private interests, to the detriment of collective demands. Thus, increased socio-spatial segregation is the primary consequence of these urban- administrative transformations. However, other material and symbolic socio-urban developments can also be seen in the city (Lefebvre, 2001), which have been met with resistance Vila Autódromo is a space situated between capital interests and the fight for the right to the city. The Evictions Museum was born from the creative fight which took place in this favela in the West Zone of Rio de Janeiro. As a

	product of the resistance, the Museum expresses the local social movement's capacity to prevent the complete fulfillment of state interests favoring the real estate industry. It also ensured permanent residence for 20 families, despite the city government's plan to evict the entire community. As such, the Evictions Museum was a product of Vila Autódromo's resistance and presents an example to the rest of the world of how civil rights can be won through the fight of a community and its network of supporters. The Evictions Museum demonstrates the power of creative and insurgent resistance to hegemonic issues (Miraftab, 2004, 2009). It helps support the hypothesis that everyday socio-spatial practices in favelas can inspire people to mobilize persistently and efficiently against the construction of a neoliberal state. Solidarity and affectivity are links formed through residing in a place (Lefebvre, 2001).
Palavras-chave	Museu das Remoções, Evictions, resistance, Vila Autódromo, Olympic Games
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://idus.us.es/handle/11441/70915">https://idus.us.es/handle/11441/70915</a>
Observações	

Nº93	138
Referência	Reginensi, C, & Bautès, N 2013, '... no Morro da Providência: Desafios das Interações Sociais e Espaciais no Jogo Formal/Informal/Courses and Crossings in the Favela Morro da Providência ...', <i>Libertas</i> ,, periodicos.ufjf.br
Tipologia documental	
Resumo	Esta contribuição propõe uma reflexão em torno do campo de pesquisa, cujas realidades em movimento são abordadas a partir de diferentes posturas disciplinares – antropologia e geografia – e de distintos momentos da construção do objeto em foco. Ao longo de oito anos de encontros e de travessias efetuadas pelos autores individualmente, ou em conjunto, na favela do Morro da Providência no Rio de Janeiro, pretendemos apresentar as evoluções das nossas preocupações que refletem uma transformação dos olhares dos observadores, assim como as mudanças sociopolíticas enfrentadas pelos atores, sejam moradores, instituições públicas ou representantes de movimentos sociais. Essa abordagem permite forjar uma ferramenta metodológica capaz de capturar as mudanças e as transformações do cotidiano urbano e, de maneira mais abrangente, para estudo das diferentes modalidades de apropriação do espaço.
Palavras-chave	Percurso. Jogos de poder. Interação social e Espacial. Favela. Morro da Providência.
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18268/9509">https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18268/9509</a>
Observações	

Nº	139
Referência	Sanches, T 2020, 'O MUSEU DAS REMOÇÕES SOMOS NÓS-Cotidiano e memórias na (e da) Vila Autódromo', <i>Periferia</i> ,, e-publicacoes.uerj.br

Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	140
Referência	MARIA, A 2012, 'Museu a céu aberto vive e cresce na favela', <i>Rio de Janeiro</i> ,
Tipologia documental	Notícia de Jornal
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	141
Referência	REZENDE, C 2017, 'Dinheiro de obra em favela foi para o Museu do Amanhã', <i>O Estado de São Paulo</i> ,
Tipologia documental	Notícia de Jornal
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	142
Referência	Freire-Medeiros, B 'A FAVELA QUE SE VÊ E QUE SE VENDE Reflexões e polêmicas em torno de um', <i>REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS</i> ,, edisciplinas.usp.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	

Disciplina	
Localização	
Observações	2007

Nº	143
Referência	Venâncio, TL, & Portilho, ADS 2020, 'O LUGAR DA FAVELA COMO PATRIMÔNIO NO MUNICÍPIO DE MIRACEMA/RJ', <i>Periferia</i> ,, e-publicacoes.uerj.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	144
Referência	Valladares, L 2000, 'A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais',, SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	145
Referência	Lima, A, Araújo, F, Madureira, JL, Martins, M, Gondim, R, & ... 2020, 'Radar Covid-19: favelas: edição 03',, arca.fiocruz.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº94	146
Referência	Soares, BB 2019, 'MUSEUS, PATRIMÔNIOS E EXPERIÊNCIA CRIADORA: ENSAIO SO-

	BRE AS BASES DA MUSEOLOGIA EXPERIMENTAL', academia.edu
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://tinyurl.com/9hphyc3v">https://tinyurl.com/9hphyc3v</a>
Observações	<p>“Em países como o Brasil, ou mesmo na França, sobrevivem hoje algumas práticas comunitárias realizadas por museus em pequenos municípios ou nos subúrbios (nas favelas ou no banlieue), que se configuram como experimentais na medida em que apresentam discursos reivindicativos e alternativos sobre o patrimônio, e fazem da ausência de recursos um meio de buscar alternativas museográficas na experimentação. Esses museus atualmente fazem uso de termos e métodos ligados à já antiga “Nova Museologia”, ganhando com frequência o título de “ecomuseus” ou de “museus sociais”. Para exemplificar tal tendência contemporânea inspirada nas correntes experimentais, evocamos os casos do Écomusée de Fresnes, no banlieue sul de Paris, e do Museu das Remoções, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, dos quais trataremos brevemente buscando esboçar um possível modelo teórico-prático com base em traços comuns aos museus experimentais do presente.”<sup>218</sup></p> <p>“b) Museu das Remoções, Brasil: Em um contexto distinto, mas também evocando ideias que se referem ao pensamento da Nova Museologia ou Museologia Social, como é mais comumente referida no Brasil, o Museu das Remoções foi criado em 2016, na Vila Autódromo, onde vive, desde os anos 1970, uma comunidade de baixa renda localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, às margens da Lagoa de Jacarepaguá, onde originalmente havia uma colônia de pescadores. Num contexto de vulnerabilidade social provocada pelo processo de urbanização que visava construir o Parque Olímpico para as Olimpíadas de 2016, a criação de um “museu social” representou, para a Associação de Moradores da Vila Autódromo, um instrumento de reivindicações sociais e resistência política diante da ameaça das remoções. Entre os anos de 2009 e 2015, mais de 700 famílias foram desabrigadas para que acontecesse a construção do Parque Olímpico na região que abarca o território onde está localizada a Vila. Entretanto, ao longo de um processo intenso de negociações e luta pelo direito à permanência e barganha por parte dos agentes do Estado para a desocupação do espaço habitado, um grupo de vinte famílias, decide resistir, e dessa resistência nasce o Museu das Remoções. Dos escombros da antiga Vila como a conheciam, esses moradores ergueram a sua resistência, que vem até o presente se configurando por meio da mobilização política aliada à musealização do território e da memória que nele sobrevive.”<sup>220</sup></p>

Nº95	147
Referência	Raposo, O 2015, 'LABORATÓRIO DE CIDADANIA: Criatividade e resistência nas favelas da Maré', <i>CIDADES, Comunidades e Territórios</i> , scielo.mec.pt
Tipologia documental	Artigo

Resumo	As favelas da Maré destacam-se no Rio de Janeiro pelo grande número de ONG a oferecer atividades artístico-culturais para a juventude. Este contexto foi fundamental para a emergência de um dos mais influentes grupos de break dance da cidade, cuja habilidade e dedicação o autonomizou de professores e instituições formais. O uso do estilo para transpor as fronteiras fixadas por diferentes quadrilhas do tráfico de drogas é exemplar do modo criativo como os dançarinos resistem à violência e reclamam a liberdade de ir e vir entre as favelas da Maré, uma estratégia que está a ser reproduzida por outras culturas juvenis.
Palavras-chave	Juventude; Hip-hop; Favela; Etnografia; Cidadania; Criatividade
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S2182-30302015000200007&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=es">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S2182-30302015000200007&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=es</a>
Observações	

Nº96	148
Referência	Thiesen, I 2009, 'Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento', <i>MAST Colloquia-Vol. 11</i> , livroaberto.ibict.br
Tipologia documental	Capítulo – Caderno Temático
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Ciência da Informação
Localização	<a href="https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf#page=62">https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf#page=62</a>
Observações	“Aqui procuraremos abordar o tema proposto a partir das condições de possibilidade da informação, da memória, do conhecimento se instituírem e das suas relações com o espaço institucional de museus, arquivos e bibliotecas, no pressuposto de que cada era tem seu regime de verdade e impõe as regras de constituição dos saberes e dos poderes que lhe são respectivos. Entretanto, entendemos que nenhum saber se institui sem que antes tenha circulado em diferentes instâncias da sociedade, o que significa dizer que a verdade e as regras que ela estabelece são resultantes de formações sociais. O pensamento precede a forma. Não temos aqui o objetivo de elaborar uma narrativa histórica que estaria fora de nosso alcance. No decorrer deste trabalho faremos algumas distinções conceituais na aproximação do tema da memória com o espaço onde ela se reproduz e se ancora, mas também procuraremos apontar a seletividade que perpassa esse movimento ao longo do tempo, quando o conhecimento produzido deixa vestígios que são apropriados no sentido de integrarem coleções, fundos e acervos dignos de nele figurarem enquanto escolhas, relíquias, preciosidades e representarem as sociedades que os produziram, mesmo que em fragmentos. Elementos da memória coletiva e da história, em sua materialidade, tais documentos num sentido mais amplo constituem superfícies de inscrição de informações, testemunhos do passado, prova ou expressão da verdade e do poder. Entre o presente e o passado determinados elementos ou suportes da memória coletiva nos permitem compreender e recompor o passado.”64

Nº97	149
------	-----

Referência	Santos, M Sepúlveda dos 2011, 'Museus, liberalismo e indústria cultural.', <i>Ciências Sociais Unisinos</i> ,, search.ebscohost.com
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O objetivo deste artigo é analisar as práticas culturais desenvolvidas pelos museus ao longo de diferentes períodos, procurando compreender as diferentes dimensões das instituições e as contradições inerentes a elas. Inicialmente, é destacado o papel social dos museus reforçando o imaginário nacional-popular na década de 1930, no período pós-guerra e ao longo da ditadura militar. Em seguida, são analisadas as adaptações dos museus às leis de mercado e o desenvolvimento de seu potencial econômico para cumprir funções de inclusão social e fortalecimento de identidades específicas. Questiona-se se as diferentes dimensões presentes nos museus podem coexistir ou se valores estéticos foram abandonados em função das adaptações ao mercado e à política.
Palavras-chave	museus, política cultural, mercado, identidade, nação.
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/download/csu.2011.47.3.01/618">http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/download/csu.2011.47.3.01/618</a>
Observações	Ver Ficha

Nº	150
Referência	Pinto, R 2012, 'de CS, Silva, CEG da e Loureiro, KAS (orgs.)(2012)', ... <i>Casas-Tela, caminhos de vida no museu de Favela</i> ,
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	VER O LIVRO. TENHO UMA CÓPIA.

Nº98	151
Referência	Chagas, V 2011, 'Capítulo III-A FÚRIA (multimídias: TV Maré e Museu da Maré)', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> ,, revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Capítulo de dissertação publicado em periódico científico.
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História, Memória Social, Comunicação
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2662">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2662</a>

Observações	<p>“No instante em que decidi incorporar à minha pesquisa o caso da TV Maré, eu o fiz por duas questões que me chamaram a atenção. A primeira era que a tevê de certa forma foi uma precursora do Museu da Maré, já que o grupo que a produzia era coordenado por algumas das lideranças comunitárias que hoje encabeçam a Rede Memória do Ceasm, e que articularam a criação do museu. A segunda motivação foi o fato de que a pesquisa sobre o material audiovisual possivelmente me proporcionaria uma discussão rica em aspectos que os jornais impressos ou mesmo as rádios não eram capazes de suscitar.”166</p> <p>1. “UM JORNAL PRÁ LANÇAR UMA MENSAGEM TEM QUE DIZER A VERDADE VONTADE DE TODOS EM UMA SÓ RAMAGEM”[1]</p> <p>Sem um jornal, um impresso de qualquer gênero, você jamais poderá unir uma comunidade [Ben Kingsley, no papel de Mahatma Gandhi, em filme de 1982]</p> <p>Editado de modo artesanal, a partir de um original em estêncil, impresso em mimeógrafo e fotocopiado, o jornal comunitário União da Maré circulou em doze edições de periodicidade irregular[2], entre janeiro de 1980 e dezembro de 1982, pela área da Maré, Bonsucesso, Ramos e adjacências, bairros do Rio de Janeiro. Com um objetivo editorial claro, o jornal enfatizava as virtudes do associativismo e do deliberativismo no meio comunitário, e lutava contra a cooptação de lideranças nas associações de moradores pelo poder público, acima de tudo, apresentando uma apaixonada defesa da transparência nas atuações do Governo Federal na favela. Tomei conhecimento de sua existência ainda antes de minha primeira visita ao Museu da Maré, quando buscava informações suplementares para o projeto que então subscrevia ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, ao qual hoje estou vinculado. Conversando com Carlinhos por telefone, combinamos que ele me remeteria um trecho da recém-aprovada dissertação de sua esposa, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, no mestrado profissional do mesmo programa. Foi o que ele fez, na esperança de que o trecho que ele havia me enviado pudesse ser útil nas minhas aspirações de estudar os meios de comunicação da Maré” (Aparentemente trata-se de resumo).</p>
-------------	---

Nº99	152
Referência	Meirelles, R, & Athayde, C 2016, 'Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira',,, books.google.com
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Publicidade
Localização	<a href="https://play.google.com/books/reader?id=9_C5AwAAQBAJ&amp;hl=pt&amp;pg=GBS.ZZ0">https://play.google.com/books/reader?id=9_C5AwAAQBAJ&amp;hl=pt&amp;pg=GBS.ZZ0</a>
Observações	“A ideia de criar um instituto de pesquisa especializado em favela surgiu no dia em que nos conhecemos, em uma sala da Rádio Beat98. Foi “amor à primeira vista”. Eva e Irene, madrinhas queridas, nosso muito obrigado. Vocês, antes de todo mundo, acreditaram no potencial de juntas técnicas de pesquisa e vida real para mostrar



	para o mundo o potencial oculto das favelas brasileiras. Quem nos conhece sabe que realizar uma pesquisa nacional, treinar pesquisadores de dentro da favela para fazer entrevistas e analisar os dados e criar o Data Favela não seria suficiente. O que nos more é mostrar para o mundo a realidade e as oportunidades (para as empresas e para os moradores) presentes nas milhares de favelas do Brasil.”1-2
--	---

Nº	153
Referência	Etnologia, M de Arqueologia 1995, 'Crônica do Museu-1994', <i>Revista do Museu de Arqueologia e ...</i> , revistas.usp.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	154
Referência	Morais, SS 2016, 'SANSONE, Livio (Org.). A política do intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2012. 352 p.', <i>Horizontes Antropológicos</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Resenha de Livro
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832016000100435&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832016000100435&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt</a>
Observações	

Nº100	155
Referência	Viana, RA 2014, 'Antropologia, desenvolvimento e favelas: a atuação de Anthony Leeds na década de 1960', arca.fiocruz.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Esta dissertação analisa a atuação do antropólogo Anthony Leeds durante a década de 1960, com ênfase nas pesquisas por ele realizadas em favelas do Rio de Janeiro. Seguindo a metodologia dos círculos concêntricos proposta por Stocking Jr, são abordados o contexto social e político dos EUA entre as décadas de 1940 e 1960, com destaque para as relações entre a antropologia e a Guerra Fria; o debate sobre

	desenvolvimento econômico nas agências internacionais e na pesquisa em ciências sociais travados nessa época; as discussões acerca das características do trabalho etnográfico que se fazia no período e o contexto histórico, social e político em torno das favelas e da questão habitacional no Rio de Janeiro. A dissertação busca entender as influências teórica e metodológica vindas desde o período da graduação até o doutoramento de Anthony Leeds na Universidade de Columbia, no qual se verifica a importância da perspectiva neoevolucionista, além de outras tradições presentes em sua formação. Após abordar os trabalhos realizados pelo antropólogo em agências internacionais, bem como sua atuação em instituições de pesquisa e ensino no Brasil, a dissertação enfatiza o caráter dialógico de sua etnografia através da análise das notas de campo registradas pelo antropólogo na favela do Jacarezinho.
Palavras-chave	Antropologia Áreas de Pobreza Brasil
Disciplina	História das Ciências
Localização	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciict/18694/2/187.pdf">https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciict/18694/2/187.pdf</a>
Observações	

Nº 101	156
Referência	Cavulla, RS 2015, 'Centro Cultural Cartola: da Imaginação Museal ao Museu Samba Carioca',,, repositorio-bc.unirio.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	<a href="http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11930/Disserta%C3%A7%C3%A3oRondellyCavullaFINAL.pdf?sequence=1">http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11930/Disserta%C3%A7%C3%A3oRondellyCavullaFINAL.pdf?sequence=1</a>
Observações	Não foi localizado, Site indisponível

Nº	157
Referência	Primo, JS 2016, 'Museus Locais: Fronteiras Reais e Imaginária',,, re-cil.grupolusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O nosso enfoque será para sinalizar uma possível compreensão do que representa o museu da e na contemporaneidade. Quer se trate de museus tradicionais, quer se trate de museus locais que se reconhecem no cerne da Sociomuseologia, encontraremos sempre a ideia de patrimonialização, de cenarização, de teatralização, de apresentação pública de bens culturais, de processos educativos mais ou menos formais. Encontraremos também a socialização das referências de património e

	memória coletiva, no contexto do território de grupos sociais determinados, que dão forma à lógica própria dos museus entendidos e assumidos como narradores
Palavras-chave	Sociomuseologia; teatralização; memória coletiva.
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/7711/1/5489-1-17590-1-10-20160626.pdf">https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/7711/1/5489-1-17590-1-10-20160626.pdf</a>
Observações	

Nº102	158
Referência	Brum, M, Benmergui, L, & Gonçalves, RS 2020, 'FAVELAS E PERIFERIAS URBANAS: aspectos do cotidiano popular', <i>Periferia,, e-publicacoes.uerj.br</i>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	159
Referência	Silva, MM da, & Soares, RC 2019, '“ENCONTRO FAVELA-UNIVERSIDADE CAMINHOS, ENCONTROS E INTERSEÇÕES” –EXPERIÊNCIA DE PARCERIA INSTITUCIONAL E APROXIMAÇÕES COM ...', <i>VII SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO ...,, conferencias.ufrj.br</i>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Sem internet

Nº103	160
Referência	Knauss, P 2009, 'Arte pública e direito à cidade: o encontro da arte com as favelas no Rio de Janeiro contemporâneo', <i>Revista Tempo e Argumento,, redalyc.org</i>
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O trabalho tem como objeto de estudo as imagens urbanas no campo da arte pública. O estudo caracteriza como a escultura cívica de lógica monumental perdeu relevância diante das transformações sociais do Brasil contemporâneo. De modo geral, é possível dizer que a luta pelo direito à cidade redefiniu o papel das imagens urbanas. Nos dias atuais, a arte pública na cidade participa da afirmação de identidades

	urbanas, de poderes locais e de forças comunitárias. Nesse contexto arte e 'favela' se encontraram na cidade do Rio de Janeiro.
Palavras-chave	imagens urbanas; arte e escultura Pública; cidade e comunidades urbanas
Disciplina	História
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/3381/338130370003.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/3381/338130370003.pdf</a>
Observações	

Nº104	161
Referência	Rodrigues, ILS 2019, 'Reflexões sobre o processo de construção de uma feira de ciências na perspectiva freireana em uma favela do Rio de Janeiro', arca.fiocruz.br
Tipologia documental	Especialização (Monografia)
Resumo	Esse trabalho se constrói a partir de uma constatação, segundo a pesquisa do OMCC&T de 2015 (Costa et al, 2017): museus e centros de ciência e tecnologia não alcançam suficientemente as populações preta e pobre. Em vista dessa constatação, veio a pergunta: como chegar a essas pessoas? Não pretendendo responder a essa pergunta com um apanhado de possibilidades e estratégias, focamos na elaboração de uma metodologia de construção de uma feira de ciências, ou atividade semelhante, em uma favela a partir do referencial freireano. Para tanto, apresentamos um pequeno histórico da educação em ciências, seguido de uma defesa da educação em uma perspectiva integral, trazendo perspectivas e modelos de divulgação e popularização das ciências. Também apresentamos o pensamento pedagógico freireano, como uma referência para a construção da feira de ciências na favela, trazendo um diálogo com esse pensamento e os modelos de divulgação e popularização das ciências e, por fim, apresentamos relatos de uma experiência em andamento.
Palavras-chave	Divulgação e Popularização das Ciências Paulo Freire Feira de Ciências
Disciplina	Divulgação e Popularização da Ciência
Localização	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42943">https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42943</a>
Observações	

Nº105	162
Referência	Carvalho, C de Sousa, & Jobim, S 2018, 'Escutadoras de memória: a experiência de aprender fazendo', <i>Revista Brasileira de Educação de Jovens e ...</i> ,
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O objetivo deste artigo é apresentar uma pesquisa intervenção tendo como campo de atuação uma iniciativa interinstitucional de educação popular. Caracterizado como "Formação das Escutadoras de Memória", foram realizados estudos teórico-práticos acerca dos modos de escuta das histórias de vida dos moradores das favelas. Parte do diálogo com autores que se afiliam à perspectiva sócio-histórica e crítica da cultura, tais como Walter Benjamin, Ecléa Bosi e Mikhail Bakhtin, esta pesquisa surgiu com a intenção de ampliar o acervo do Museu de Favela (MUF). Para tan-

	to, foi necessário oferecer uma formação teórico-prática para formar um pequeno grupo de moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, situada na cidade do Rio de Janeiro, para a realização de entrevistas de memória. A proposta foi realizar uma pesquisa intervenção de caráter ético-político-afetivo, e desenvolver com as participantes deste trabalho estratégias metodológicas que visaram sensibilizá-las para a importância das histórias de vida para o fortalecimento da identidade de uma comunidade. A pesquisa em pauta permitiu denunciar o enfraquecimento dos laços sociais e os efeitos subjetivos do isolamento, possibilitando reafirmar o valor da experiência comunal na tarefa existencial de criar sentidos para a vida.
Palavras-chave	Memória, História, Narrativa., Escuta, Educação Popular.
Disciplina	Psicologia
Localização	<a href="https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/4414">https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/4414</a>
Observações	“ No ano de 2011, foi criado o Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura (Nimesc/PUC-Rio), a partir de duas pesquisas que se debruçaram acerca da temática da memória <sup>3</sup> . Constitui-se em grupo de estudos, pesquisa e extensão que integra os Departamentos de Psicologia e Artes & Design. Este núcleo possui como objetivo articular estudos e pesquisas em memória social e coletiva. Para tanto, tem como foco auxiliar o desenvolvimento de projetos sociais e culturais de comunidades que valorizem as histórias de vida, buscando formar pessoas que tenham o desejo de trabalhar com memória. Ainda nesse mesmo ano, surgiu a possibilidade de estabelecimento de uma parceria do Nimesc com o Museu de Favela (MUF). De acordo com o site da instituição, o MUF é uma organização não governamental de caráter comunitário, fundada em 2008 por lideranças culturais moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, situadas na área nobre da cidade do Rio de Janeiro/RJ (Zona Sul). A proposta do território-museu é criar estratégias de valorização da memória dos moradores destas favelas, inventariando suas histórias, com o intuito de dar materialidade às narrativas e permitir uma maior visibilidade destas histórias de vida. O MUF, portanto, busca consolidar um território que se transforma em um museu “a céu aberto”, cujo conteúdo a ser divulgado é a própria favela e sua cultura, constituindo um polo de memória que possa ser também gerador de renda para os moradores (...)” 165-166

Nº106	163
Referência	Silva, MC da, & Bruno, MCO 'COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS', <i>MUSEOLOGIA E SUAS INTERFACES CRÍTICAS</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo de Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disci-	Museologia

plina	
Localização	<a href="https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/239341/3/2019%20E-BOOK%20REDE%20MUSEOLOGIA.pdf">https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/239341/3/2019%20E-BOOK%20REDE%20MUSEOLOGIA.pdf</a>
Observações	<p>“Na sequência, ampliando as discussões sobre este tema, o texto de autoria de Maurício Cândido e Maria Cristina Bruno, apresenta o GT Coleções e Museus Universitários e a criação da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários que tem como proposta o desenvolvimento de uma plataforma eletrônica que reunirá dados de todas as regiões do país. Apresentam também as contribuições dos trabalhos no âmbito do GT, que demonstram a variedade de experiências desenvolvidas nas universidades.”</p> <p>“Os propósitos do Grupo de Trabalho intitulado ‘Coleções e Museus Universitários’, dentro do III Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), estão estruturados tanto na busca como na evidência das pesquisas que envolvem o patrimônio museológico universitário. Trata-se da criação de um espaço de discussões relacionadas aos aspectos da salvaguarda, pesquisa e comunicação de coleções inseridas no contexto do ensino superior – orientado pelo conceito estrutural de ensino, pesquisa e extensão universitária. Nesse sentido, o objetivo principal desse GT esteve baseado na importância em identificar e trocar experiências entre as diferentes realidades que abrangem as coleções e museus universitários brasileiros e, a partir daí, estimular o intercâmbio de experiências profissionais museológicas. A partir dos diferentes trabalhos submetidos, aprovados e apresentados dentro do III Sebramus, realizado na Cidade de Belém, entre os dias 20 e 24 de novembro de 2017, os coordenadores do GT dedicado às Coleções e Museus Universitários puderam reafirmar a importância da implantação da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, criada com o objetivo de valorizar a preservação e divulgação do valioso patrimônio museológico universitário. Isso decorre da quantidade, qualidade e diversidade dos trabalhos submetidos, aprovados e apresentados, tanto em pôsteres como em apresentações orais. No mesmo sentido, é possível afirmar que os objetivos da proposta do GT ‘Coleções e Museus Universitários’ foram atingidos, uma vez que foram compartilhadas experiências e estabelecida uma rede de relacionamentos que visa o diálogo e a troca de experiências acadêmicas relacionadas aos processos museológicos inerentes ao entendimento e reconhecimento do fenômeno museal existente dentro das universidades.”65-66</p>

Nº	164
Referência	Harayama, RM 2016, 'MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Gente, 2014. 167 p.', <i>Horizontes Antropológicos</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 152

Nº	165
Referência	Planeta, GP o 'PACO-PET–PARADA DE COLETA DE GARRAFA PET',

Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Fora do Escopo

Nº107	166
Referência	Ferraz, NS 2016, 'Mapeamento das favelas cariocas: do vazio cartográfico ao espetáculo da integração', <i>IV Encontro da Anparq,, anparq.org.br</i>
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	A consolidação da área favelizada do Rio de Janeiro está no cerne de incontáveis decisões políticas. Apesar disso, a favela ainda hoje não é representada na cartografia oficial da mesma forma que os demais espaços da cidade, e essa diferença em relação à dita "cidade formal" pode ser facilmente notada no Direito, nos mapas e em diversas outras representações sociais. Estas representações legitimam e apoiam determinadas ações, como as amplas remoções empreendidas recentemente pelo poder público no contexto de preparação da cidade para megaeventos esportivos. Contraditoriamente, nas mesmas regiões onde ocorrem as remoções (o cinturão olímpico <sup>1</sup> ), percebemos nos últimos seis anos um crescente interesse dos poderes público e privado em inserir as favelas nos mapas. A partir de 2007, após o Rio se candidatar à sede dos Jogos Olímpicos de 2016, foram criados cerca de 16 projetos de mapeamento de favela, sendo a maioria conduzida de forma participativa. Para entender esta aparente virada de interesse relativa à representação das favelas nos mapas, desenvolvemos uma pesquisa histórica. Cruzamos os dados dos mapas cariocas (em plantas cadastrais, mosaicos aerofotográficos, decretos, projetos etc), especialmente da região da favela do Cantagalo, com o contexto histórico de lutas pela permanência no território e os direitos adquiridos paulatinamente por seus moradores. Nosso objetivo é pôr à mostra, visual e criticamente, a gradual conversão de uma parcela das favelas do Rio de Janeiro de espaços opacos em espaços luminosos <sup>2</sup> (Santos, 1996). Percebemos que os mapeamentos participativos digitais de favelas do Rio podem, de fato, resultar em meios de integração e inclusão, como prometem seus propositores. Todavia, contribuem para a criação de novas formas de segregação e exclusão, as quais merecem ser debatidas. Com isso, percebemos que não há novidade nesta afirmativa, uma vez que apenas dá seguimento a uma longa (e histórica) relação de exceção entre Estado e favela.
Palavras-chave	Favela. Mapeamento. História do Rio de Janeiro.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2043/S43-04-FERRAZ,%20N.pdf">http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2043/S43-04-FERRAZ,%20N.pdf</a>
Observações	

Nº108	167
Referência	Oliveira, DR 2015, 'Sustentabilidade transdisciplinar-inteira como sociomuseologia. A tensão na urbanização/remoção na favela de Santa Marta, Rio de Janeiro', museologia-portugal.net
Tipologia documental	Tese de Doutorado
Resumo	A pesquisa analisa o processo de Urbanização/Remoção na favela de Santa Marta, Botafogo, Rio de Janeiro, a partir da 'Sustentabilidade Transdisciplinar-Inteira (STII)' em diálogo com a Sociomuseologia. Construímos o referencial, mostrando a 'tensão criativa de sentido' na História Oral, Memória, Ecomuseologia e Nova Museologia. Essa abordagem teórica foi importante porque a urbanização/remoção revelou semelhante tensão na relação entre a comunidade local e governo. Os moradores reivindicavam participação e preservação da identidade, construída na relação com o significado do território. Com um laudo de área de risco, o governo propunha um modelo de urbanização vigente na cidade, que incluía a remoção dos moradores de um local histórico da favela. Portanto, na primeira parte, pesquisamos os contextos de tensão em História Oral, Memória, Ecomuseologia e Nova Museologia. Assim construímos a 'Sustentabilidade Transdisciplinar-Inteira'. Na segunda parte, apresentamos os testemunhos dos moradores e os argumentos do governo sobre a urbanização/remoção. No final, mostramos como a participação poderia ser uma nova forma de construção equitativa da cidade que uniria os interesses da comunidade local e os objetivos do governo. Na favela Santa Marta, o ecomuseu poderia exercer importante papel para participação comunitária no processo de urbanização. A sustentabilidade transdisciplinar-Inteira revelaria sempre a tensão entre as partes e as lideranças locais trabalhariam para que o desenvolvimento não se torne violência contra a dignidade, o patrimônio, as heranças culturais e a memória.
Palavras-chave	'Sustentabilidade Transdisciplinar-Inteira', Sociomuseologia, Nova Museologia Urbanização/Remoção, Favela Santa Marta
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/21305285-delambre_ramos_de_oliveira.pdf">http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/21305285-delambre_ramos_de_oliveira.pdf</a>
Observações	

Nº109	168
Referência	Vianna, CMS de Vasconcelos 'Professores de educação de jovens e adultos e museus: percepções, usos e desusos', <i>academia.edu</i> ,
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Como os sentidos além escolarização vêm abastecendo e expandindo o horizonte conceitual da educação de jovens e adultos ao longo dos últimos 20 anos, esta vem sendo compreendida não apenas pela ótica das funções reparadora e equalizadora, mas também qualificadora.



	De abordagem quali-quantitativa, a investigação dedicou-se a capturar concepções e percepções sobre museus de 18 professores de educação de jovens e adultos em seis escolas públicas do município do Rio de Janeiro; conhecer os usos que fazem desses espaços com seus alunos; assim como identificá-los como praticantes culturais em suas trajetórias pessoais — com ou sem intencionalidade pedagógica — de fruição e lazer. Para isto, valeu-se de diferentes procedimentos metodológicos, entre os quais questionários semiestruturados com professores e alunos e entrevistas de aprofundamento com sete professores, além de abrir espaço online, por meio de um questionário, para que 126 museus da cidade pudessem informar parte da experiência com o público jovem e adulto da EJA, e possibilidades de atendimento a ele destinado. Em uma concepção ampla e não hierárquica de cultura, e na perspectiva do aprender por toda a vida, problematizou condições de acessibilidade de professores e alunos de EJA a museus, tendo como horizonte conceitual a cidadania cultural. Travou diálogos sobre museus e sujeitos da EJA, cada um visto em sua potência de invenção, em processos recursivos e interativos possíveis de realizarem inaugurações e (re)leituras mútuas, tanto entre instituições como entre pessoas e grupos, em processo de enriquecimento cultural. Em qualquer contexto, os direitos culturais encontram-se em campos de disputa: não é simples em uma metrópole conjugar direito à produção cultural, direito de acesso à cultura, direito à memória sem abrir espaço para pensar outra cidade possível, na qual todos os sujeitos usufruam experiências de autonomia, que subvertam lógicas de espaço tempo, para potencializar, em redes, repertórios socioculturais, em perspectiva dialógica e de recursividade, visando à dignidade humana.
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos. Educação e Museus. Formação Continuada de Professores. Espaços Educativos e Museus. Aprendizagens ao Longo da Vida
Disciplina	Educação
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53447024/dissertacao_mestrado.pdf?1497013767=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DProfessores_de_educacao_de_jovens_e_adul.pdf&amp;Expires=1609932725&amp;Signature=ewzFCnVutt1X6ucPkyVx7SOxLLVpHX5w5bdq0BB0mirAllJwJ3z~q7VIZq16a-orl6QRi0aBfdiWgmVl8eKvJq8B23ztY-76GrXDDFEix8AxQgzpy6z~KbvWQ47DMdmog24GOa43NPWP7bobEmfHqNRUEHLrgU2MOKjPA7F-NonQAohpzMHV85trt~JkD-eflhe4iG~wwBLGjeFPZ7Q4AbTuazRY7Eh6ueN-pvlfMgXTxDVR4Ztbd9wyJq2bz2Ot2HyFx~9lbhwx1ELJ6Z9gmLgfXnwLDAer~1k5XjDUeyhpZO2dAGiJWQyHmTBM6TEwGsVUHxf966ny15fLOK--ZQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53447024/dissertacao_mestrado.pdf?1497013767=&amp;response-content-disposition=inline%3B+filename%3DProfessores_de_educacao_de_jovens_e_adul.pdf&amp;Expires=1609932725&amp;Signature=ewzFCnVutt1X6ucPkyVx7SOxLLVpHX5w5bdq0BB0mirAllJwJ3z~q7VIZq16a-orl6QRi0aBfdiWgmVl8eKvJq8B23ztY-76GrXDDFEix8AxQgzpy6z~KbvWQ47DMdmog24GOa43NPWP7bobEmfHqNRUEHLrgU2MOKjPA7F-NonQAohpzMHV85trt~JkD-eflhe4iG~wwBLGjeFPZ7Q4AbTuazRY7Eh6ueN-pvlfMgXTxDVR4Ztbd9wyJq2bz2Ot2HyFx~9lbhwx1ELJ6Z9gmLgfXnwLDAer~1k5XjDUeyhpZO2dAGiJWQyHmTBM6TEwGsVUHxf966ny15fLOK--ZQ_&amp;Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA</a>
Observações	

Nº110	169
Referência	El-Khoury, NA 2015, 'Favela dá samba?: Um estudo sobre as representações da favela no carnaval carioca',, bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Para o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro em 2014, o

	Grêmio Recreativo e Escola de Samba (G.R.E.S) São Clemente escolheu o enredo 'favela'. A presente dissertação analisa a escolha e o desenvolvimento desse tema pela escola, problematizando as representações da favela apresentadas no desfile e as ideias e negociações mantidas entre os membros da escola na preparação do mesmo. Mais especificamente, o trabalho procura enfrentar o desafio de pensar a favela apresentada pela G.R.E.S. São Clemente a partir dos 'dogmas' consolidados em torno da favela, conforme argumenta Lícia Valladares (2005), e contrapondo o esperado luxo de um desfile de uma Escola de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro com a simplicidade composta por todas as supostas 'faltas' que a favela possui.
Palavras-chave	<u>Carnaval</u> , <u>Escolas de samba</u> , <u>Representações sociais</u> , <u>Ritual</u> , <u>Ciências sociais</u> , <u>Favelas</u>
Disciplina	História
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/14217">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/14217</a>
Observações	

Nº	170
Referência	Moraes, CM dos Santos 'UM TOUR PELA EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS DA FAVELA TURÍSTICA',
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Não localizado

Nº111	171
Referência	Castro, DC 2012, 'Um desejo de eu [não] viver sem me notar: o museu como instituição pedagógica emancipatória',,, bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	Os museus são organizações que se encontram em crise e a museologia procura redefini-los a partir de sua função social democratizante por meio da cultura. Eles deixam para trás a noção de templos e coleções de objetos para assumirem um papel que modifica a sociedade e a própria estrutura das cidades, sem uma teoria que contemple esse novo papel. Suplantar as contradições existentes é o novo objetivo social dessas organizações e sua forma de ser e agir é a principal motivação deste ensaio que tem como objetivo final analisar como os museus contemporâneos podem se constituir em um local privilegiado para a práxis libertadora por meio de seu caráter pedagógico. Acreditamos que assim os museus contemporâneos podem ser 'alguém' com quem a sociedade pode contar em seu processo emancipatório. Para isso o papel dessas organizações deve se transformar, assumindo um viés democrático em lugar de privilegiar questões econômicas e se constituindo em espaço privilegiado para educação libertadora. Para isso faz-se uma adaptação do método pedagógico de Paulo Freire para os museus, destacando quatro momentos principais: desvelamento do

	conhecimento de si e da sua realidade pelas exposições e pesquisas; crítica acerca do conhecimento desvelado; transformação do objeto em sujeito / práxis; exposição da denúncia ou do anúncio de um mundo melhor. Acredita-se que esse processo, fortemente embasado na crítica e mediado pelo amor possa delimitar o museu em seu novo papel como espaço privilegiado onde acontece parte do processo emancipatório. No entanto, os museus contemporâneos podem se constituir em um local privilegiado para a práxis libertadora por meio de seu potencial pedagógico se essas organizações mais do que aplicarem um método libertador se reformularem completamente.
Palavras-chave	emancipação, museu, pedagogia.
Disciplina	História
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9911">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9911</a>
Observações	

Nº112	172
Referência	Queiroz, MS 2015, 'Museologia',,, repositorio.unb.br
Tipologia documental	Livro
Resumo	O primeiro, <i>Museologia</i> , reflete o desejo de aproximação dos leitores a esta área de conhecimento, difundida pelo seu principal veículo de comunicação – o Museu – que, contraditoriamente, está distante da maioria da população, que deixa de usar e de se apropriar das ferramentas culturais que envolvem o campo dos museus e da museologia. O segundo volume, <i>Museus</i> , apresenta um panorama nacional e internacional da formação dos museus, sendo o de Alexandria o mais representativo de que se tem registro. O terceiro volume, <i>Coleções</i> , aborda a formação de coleções e apaixonados por elas, os colecionadores, além de algumas curiosidades sobre o tema. O quarto, <i>Museus de Ciência e Tecnologia</i> , chama-nos a atenção para o fato de serem instituições que visam a divulgação de conhecimentos específicos de algumas ciências exatas e/ou da natureza – como biologia, física, química, matemática, geologia, astronomia, entre outras – e/ou de áreas da tecnologia e, por fim o quinto volume, <i>Conservação de Bens Culturais</i> está voltado à preservação de objetos dos museus. Todos os volumes estão relacionados ao campo dos museus e da museologia como forma de divulgar a importância da preservação da nossa história e memória cultural.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://repositorio.unb.br/handle/10482/20181">https://repositorio.unb.br/handle/10482/20181</a>
Observações	

Nº113	173
Referência	Vaz, LF 2010, 'Um território híbrido na Maré, RJ. Novo território cultural', <i>seminário internacional políticas culturais</i> ,
Tipologia documental	

mental	
Resumo	O presente texto analisa a transformação, em tempos de globalização, de uma região no Rio de Janeiro, composta de uma pequena área industrial e uma grande área de favelas. Nas suas franjas verifica-se o surgimento de um novo território: um território de resistência, híbrido de moradia, trabalho e cultura. A ênfase do trabalho recai sobre os processos de formação e de transformação dos espaços arquitetônicos e urbanos, que se constituem em lugares e territórios, assim como sobre a relação entre a cultura emergente e a cidade existente. A partir de uma contextualização do objeto, apresenta-se um pequeno histórico do referido território, e as ações culturais que o transformam. Seguem-se análises, questionamentos e reflexões que entrelaçam o objeto, seus principais agentes e os processos que engendram. Por ser um estudo transdisciplinar, a sua base teórica e conceitual provém de autores de diversos campos do conhecimento. Trabalhamos inicialmente com o conceito de hibridação, apoiados em CANCLINI N. (1999 e 2008), que analisa as mesclas, reconversões e reabilitações que ocorrem em tempos de globalização, recusando a fixação em disciplinas isoladas e conceitos rígidos, e privilegiando as premissas de heterogeneidade e de hibridação. Recorremos ainda aos conceitos de espaços opacos, formulados por SANTOS M. (1994) e de espaços de resistência formulados por HOLSTON J. (1996), associando-os às manifestações culturais enquanto formas de resistência a forças de exclusão social.
Palavras-chave	Ação cultural; favela; resistência.
Disciplina	Arquitetura e Urbanismo
Localização	<a href="https://s1p.livrozilla.com/store/data/001609676.pdf?key=af5c54960ca3080778bb998c5dc5d5097&amp;r=1&amp;fn=1609676.pdf&amp;t=1609932256396&amp;p=86400">https://s1p.livrozilla.com/store/data/001609676.pdf?key=af5c54960ca3080778bb998c5dc5d5097&amp;r=1&amp;fn=1609676.pdf&amp;t=1609932256396&amp;p=86400</a>
Observações	

Nº	174
Referência	Oliveira, T 2020, 'Museologia Social: em rede, em movimento, em coletivo ea experiência do Museu Vivo do São Bento', <i>Cadernos de Sociomuseologia</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº	175
Referência	Planeta, GP o 'CASSIANO ANDRADE–ARTISTA DO PRESENTE CONECTADO COM O FUTURO SUSTENTÁVEL', <i>golparaoplaneta.wordpress.com</i> ,
Tipologia	

documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº114	176
Referência	Tommasi, ML de 2016, 'Jovens produtores culturais de favela', <i>Linhas Críticas</i> , redalyc.org
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Neste artigo, analiso o material coletado no âmbito de uma pesquisa de caráter etnográfico que desenvolvo desde 2010 no Rio de Janeiro, no contexto da qual realizei algumas entrevistas temáticas com jovens produtores culturais moradores de favelas. Ouvindo seus depoimentos, observando suas práticas, procuro compreender as especificidades dessas atividades, as qualidades requeridas para exercê-las e os entraves encontrados. Situo minhas indagações no contexto da centralidade assumida pelo campo da cultura como um recurso, no âmbito das intervenções de requalificação urbana e das transformações ocorridas no mundo do trabalho. As favelas, historicamente consideradas territórios da pobreza e da violência, hoje são celebradas como territórios das oportunidades.
Palavras-chave	Juventude. Empreendedorismo. Favela. Arte e cultura
Disciplina	Sociologia
Localização	<a href="https://www.redalyc.org/pdf/1935/193549427004.pdf">https://www.redalyc.org/pdf/1935/193549427004.pdf</a>
Observações	

Nº115	177
Referência	AUSUBEL, D 'museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação', <i>EDUCAÇÃO PATRI-MONIAL educação, memórias e ...</i> , academia.edu
Tipologia documental	Capítulo – Caderno Temático
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Museologia e Ciências Sociais
Localização	<a href="https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34213834/Caderno_Tematico_03_-_FINAL.pdf?1405495596=&amp;response-content-">https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34213834/Caderno_Tematico_03_-_FINAL.pdf?1405495596=&amp;response-content-</a>

	dispositi- on=inline%3B+filename%3DCaderno_Tematico_de_Educacao_Patrimonial.pdf&Expires=16 09937059&Signature=gtwW~CHRmMohyf5vB7qy3- B82eZKDoYYLGigf2WH5MSovkWWUDLa7egJbMR-f634aukkQMdjp2pPIXUocl4q- nwPA6yliBQAY4wWV5O3wqSIBQRf4yRI7Dc3mt8dJrtKYkuE2xhGpnUPi3m~5GMenXwnBPTs zrJz8grvMhHWcdw9FFCrWdwpY6ufyW75Dg9J4s-zaizmDB-TXjnGJsS- 78GsFU1w~Sez7bc2eJPlugAokVQ~cHI~J7YGJqQne-q~FreAikomgNkH- OvKA9gC0tkCK4T4CKb165vZ~9FY6UKHrezxiQVg5pjyCKOZY5iMM66MSEMDDWXbCb6qBHT MyA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=15
Observações	“I Em 2002, o projeto Rede Memória do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) publicou um conjunto de cartões postais com fotografias acompanhadas de depoimentos de antigos moradores da favela. Imagens e palavras impressas no papel passaram a compor uma narrativa toda especial, capaz de articular no mesmo episódio a tensão entre o singular e o universal; capaz de evidenciar a fazeção da ponte que liga o humano localizado e banhado pela maré cultural e a humanidade inflamada e sensível. Num dos cartões postais, um dos comoventes depoimentos de um dos moradores das antigas palafitas está assim apresentado: “Quando eu mudei para lá, tinha que atravessá mesmo era por dentro d’água... Os outros tinha ponte, os outros tinha tudo, mas eu ainda não. Tinha mudado de pouco. Aí eu fui fazê a ponte.” Essa narrativa poética, que combina o lírico e o épico num mesmo drama, explicita a tensão humana implicada na construção cultural de um patrimônio pessoal e a necessidade de construção de pontes. Se, por um ângulo, a ponte (material e espiritual) pode ser compreendida como patrimônio, por outro o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como ponte entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes. A compreensão do patrimônio como ponte pressupõe a dilatação da noção de patrimônio.” <sup>27</sup>

Nº	178
Referência	Freire-Medeiros, B 2006, 'Favela as City Patrimony? Reflections and controversies about two museums', <i>ESTUDOS HISTORICOS</i> , ... , 190, 14 ANDAR, RIO DE JANEIRO ...
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº116	179
Referência	Cavalcanti, M 2009, 'Do barraco à casa: tempo, espaço e valor (es) em uma favela consolidada', <i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i> , SciELO Brasil
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo constitui uma análise etnográfica do fenômeno da consolidação de favelas no Rio de Janeiro contemporâneo, concebido aqui como resultado da justaposi-

	ção de dois processos sócio-históricos aparentemente contraditórios: (1) a substituição, pelo Estado, de programas de remoção por programas de urbanização, que deu origem um <i>boom</i> na construção civil, e à mercantilização sem precedentes do espaço das favelas; (2) a apropriação do espaço da favela pelo tráfico de drogas, que (re)produz e reforça as fronteiras físicas, sociais e simbólicas entre a favela e o dito "asfalto". Esse contexto é aqui explorado a partir de uma concepção da casa como fato social total: a passagem do barraco de estuque à casa de alvenaria (convertida cada vez mais em "fortaleza") torna legível a maneira pela qual o espaço da favela, e sobretudo da casa, constitui-se como processo, projeto de futuro e instância produtora de valores - tanto monetários como subjetivos.
Palavras-chave	Favelas; Espaço urbano; Moradia; Valor; Etnografia
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000100005&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000100005&amp;script=sci_arttext&amp;tlng=pt</a>
Observações	

Nº117	180
Referência	Chagas, M, Primo, J, Storino, C, & ... 2018, 'A museologia ea construção de sua dimensão social: olhares e caminhos', <i>Cadernos de ...</i> , revistas.ulusofona.pt
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<p>Olhar para a museologia, de modo especial, para a denominada museologia social ou sociomuseologia, conversando com ideias e noções que podem ser consideradas óbvias, mas que, talvez, examinadas por outro ângulo, tenham algo de novo a oferecer, faz parte dos objetivos do presente texto. Além disso, é pertinente perguntar: o óbvio é óbvio para quem? Não raro, aquilo que parece óbvio para determinados grupos de especialistas, pode não ser óbvio para uma grande maioria de pessoas. É neste sentido que peregrinando pela obviedade, afirma-se que a museologia social ou sociomuseologia não surgiu do nada e também não é o resultado de intelectuais iluminados que retiraram de si mesmos, de suas essências a luz museal ou museística que haveria de iluminar o mundo; ao contrário, surgiu de amplos debates e embates, de um acúmulo de tensões, críticas, enfrentamentos, vivências, reflexões e práticas que impactaram a museologia e os museus que do século XIX, projetaram-se no século XX, sem que seus paradigmas tivessem sido submetidos a uma análise crítica.</p> <p>Em outros termos: a museologia social ou sociomuseologia não é o resultado de uma construção teórica que quer, a todo custo, de cima para baixo, enquadrar os museus e as diferentes formas de pensar e praticar a museologia aos seus ditames técnicos, científicos, artísticos e filosóficos; ao contrário, trata-se de uma construção que resulta de um contexto histórico específico, que não tem e não quer ter um caráter normativo e que apresenta respostas singulares para problemas também singulares e que, sobretudo, assume explicitamente compromissos políticos e poéticos.</p>

Palavras-chave	Museologia; museologia social; sociomuseologia; educação; memória; função social do museu.
Disciplina	Museologia, Ciências Sociais
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6364</a>
Observações	

Nº	181
Referência	Chagas, M 2013, 'Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação', <i>Revista Eletrônica do Iphan. Dossiê Educação ...</i> , reep.fflch.usp.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	Ver Ficha 177

Nº118	182
Referência	BöSEnBErG, SMEG 2014, 'empresA nA FAVeLA: polítICAS públicAS e deSAFioS', bibliotecadigital.fgv.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	Desde o seu surgimento, as favelas no Rio de Janeiro foram, ao longo dos anos, foco de diferentes políticas públicas desenvolvidas pelos governantes. Primeiramente a ênfase dessas políticas foi pautada na questão da remoção das favelas, pois eram consideradas verdadeiras aberrações que necessitavam ser erradicadas. Com o passar dos anos nota-se uma grande mudança. O discurso de valorização da urbanização das favelas ganha força e o remocionismo parece ficar um pouco esquecido. Entretanto, a partir do ano de 2009, vemos que a agenda pública passa a dar grande ênfase ao fomento do empreendedorismo nas favelas, já que este é visto como um importante fator de geração de riquezas e combate da pobreza. Para isso, foram criados diferentes projetos por parte do poder público e da iniciativa privada que visam fomentar a iniciativa empreendedora nas favelas. Entretanto, como será exposto através de algumas entrevistas que foram realizadas com empreendedoras da favela do Cantagalo, estes projetos apresentam algumas barreiras e desafios que precisam ser vencidos para que possam servir à finalidade para a qual foram criados e para que sejam mais efetivos.
Palavras-chave	Políticas públicas de urbanização e remoção. Valorização do empreendedorismo em favelas. Projetos de fomento do empreendedorismo desenvolvidos por entes públicos e privados. Favela do Cantagalo. Mulheres em Rede. Desafios a serem vencidos.
Disciplina	Direito
Localização	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/12681">https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/12681</a>



Observações	

Nº	183
Referência	Angelo, JR, Leandro, BBS, & Perissé, ARS 2020, 'Boletim socioepidemiológico da Covid na favelas: análise da frequência, incidência, mortalidade e letalidade por COVID-19 em favelas cariocas',,, arca.fiocruz.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº119	184
Referência	Cunha, NV, & Mello, MAS 2011, 'Novos conflitos na cidade: a UPP eo processo de urbanização na favela',,, memoriadasolimpiadas.rb.gov.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo discute alguns efeitos das Unidades de Polícia Pacificadora, implantadas em distintas favelas do Rio de Janeiro, sobre o cotidiano de seus moradores. A partir de trabalho de campo realizado na favela Santa Marta, buscamos evidenciar os conflitos gerados pela regularização urbanística e pela substituição gradativa de práticas informais de acesso a serviços e suas implicações sobre o processo de formalização e reconhecimento de um endereço na cidade. Pretende-se, assim, associar a dimensão das identidades e das representações sociais às políticas públicas de segurança e à reestruturação urbana em curso.
Palavras-chave	favela, segurança pública, conflitos, processos de urbanização
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/26">http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/26</a>
Observações	

Nº120	185
Referência	Brito, MV de, & Silva, JS da 'Museu e construção de identidade territorial. O caso do Museu da Maré.', <i>encontro2010.rj.anpuh.org</i> ,
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Esta pesquisa visa estudar as proposições que ao longo do tempo foram construídas e estão presentes dentro do quadro de signos e significados no Museu da Maré, ele foi

	escolhido porque oferece uma trajetória única em termos do discurso clássico do patrimônio. Assim, o objetivo principal é analisar a construção da identidade territorial e de compreender como o espaço é representado dentro do museu.
Palavras-chave	Patrimônio, museu, identidade
Disciplina	História e Geografia
Localização	<a href="http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276735897_ARQUIVO_Anpuhmelhorado.pdf">http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276735897_ARQUIVO_Anpuhmelhorado.pdf</a>
Observações	

Nº121	186
Referência	CARVALHO, CS, & PINTO, R 2016, 'de CS; JOBIM e SOUSA, S', <i>Museu de Favela: Histórias de vida e memória social ...</i> ,
Tipologia documental	Livro
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Psicologia
Localização	<a href="http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook/historias_de_vida_e_memoria_social/cap01/cap01-part02.html">http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook/historias_de_vida_e_memoria_social/cap01/cap01-part02.html</a>
Observações	<p>“1.1 Conhecendo a história da parceria MUF – NIMESC/PUC-Rio</p> <p>Com o intuito de apoiar o desejo de memória dos habitantes do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho, surge, em 2011, uma parceria do MUF com o Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura - NIMESC. Este núcleo de estudos, pesquisa e extensão integra os departamentos de Psicologia e Artes &amp; Design da PUC-Rio. O objetivo desta parceria é apoiar a formação de recursos humanos e desenvolver estratégias de ação para a valorização da diversidade cultural das histórias de vida dos habitantes destas favelas.</p> <p>A parceria MUF/NIMESC surgiu a partir de ação conjunta na realização do Prêmio Mulheres Guerreiras.04 Esta é uma atividade do calendário de eventos do Museu de Favela, que, a cada ano, homenageia as mulheres que possuem um valor social para a favela, mulheres que têm histórias de luta e superação, verdadeiras guardiãs das memórias do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho. Os depoimentos que compõem este material pertencem às mulheres guerreiras de 2013</p> <p>1.2 Como surgiu o Núcleo de Formação de Escutadoras de Memória?</p> <p>Em 2012, o NIMESC acompanhou o trabalho do MUF, registrando em fotos e vídeos todo o processo de seleção das mulheres guerreiras. Neste momento, a intenção era conhecer os modos de registro das histórias de vida desenvolvidos pelos pesquisadores de memória do Museu de Favela. A partir desta troca de experiências entre os pesquisadores do MUF e do NIMESC, em 2013, surgiu a proposta de se desenvolver um curso de formação para sensibilizar a escuta de pessoas interessadas em</p>

	<p>ouvir histórias de vida. Ou seja, formar pessoas capazes de ouvir com atenção as memórias da favela, a partir dos relatos de seus moradores. A habilidade fundamental a ser desenvolvida ao longo desta formação é aprender a escutar, além de valorizar as histórias de vida de pessoas comuns. A sabedoria de quem escuta os acontecimentos da vida cotidiana é levar em conta a verdade de que todo e qualquer acontecimento, independente de ser grande ou pequeno, é igualmente importante para a criação de uma história coletiva. Nada deve ficar perdido para a história. Com base neste pensamento, criou-se o Núcleo de Formação de Escutadoras de Memória. O termo escutador veio desses encontros, e o utilizamos no feminino – escutadoras – porque, na ocasião, todas as participantes eram mulheres. Ao longo de seis meses, o Núcleo se reuniu quinzenalmente com um grupo formado por moradoras das favelas do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo, para criar estratégias de ação, referentes aos modos de escuta e de registro das histórias orais dos seus moradores.</p> <p>Se existem narradores é porque há quem escute suas memórias. Narrar para não esquecer, ouvir para se encontrar com o outro e consigo mesmo. Qualquer história faz parte de uma rede ainda maior de narrativas que se cruzam no grande tempo.<sup>05</sup> Nossa intenção é incentivar o diálogo entre as gerações, para criar as condições de transmissão da memória no futuro.<sup>06</sup>”2 (e-book)</p>
--	---

Nº	187
Referência	Maia, AM 2020, 'Kátia da Costa Bezerra. Postcards from Rio: favelas and the contested geographies of citizenship. New York, NY: Fordham University Press, 2017.', <i>Brasil/Brazil</i> , seer.ufrgs.br
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº122	188
Referência	Guimaraens, C, Amora, AA, & Gazzaneo, LM 2012, 'O patrimônio museal e os novos lugares de memória', repositorio.uam.es
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Os estudos buscam ampliar a definição dos indicadores referentes à qualidade dos espaços e formas de gestão patrimonial, demonstrando que a arquitetura de museus e centros culturais integra diretamente a cultura à manutenção das comunidades em seus bairros e favelas. Entre as ações que, hoje em dia, envolvem a promoção de produtos de arte e cultura, destacam-se em primeiro lugar, os museus de comunidades,

	de etnia e os ecomuseus. Por outro lado, o estudo observa que a modernização das áreas centrais e a adequação de edifícios históricos, aos quais se atribui uma função cultural, ainda estão a absorver e consolidar grande parte da infraestrutura que impulsiona a imagem e democratiza a vida dos centros das cidades.
Palavras-chave	Cidades, lugares de memória, Rio de Janeiro.
Disciplina	Arquitetura de Museus
Localização	<a href="https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11594/57540_9.pdf?sequence=1">https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11594/57540_9.pdf?sequence=1</a>
Observações	

Nº123	189
Referência	Barretto, M 2008, 'Os museus ea autenticidade no turismo', <i>Itinerarium</i> ,, seer.unirio.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Uma das questões que mais têm sido debatidas durante a segunda metade do século pela antropologia em relação ao turismo, é a da autenticidade. Em nome desta muitos operadores turísticos seja organismos oficiais ou empresas privadas pretendem que as populações autóctones permaneçam congeladas no tempo, o que as impede de usufruir os benefícios de integração ao processo civilizatório que hipoteticamente o turismo traz. Os museus tem provado ser, em várias partes do mundo, veículos adequados para mostrar o passado fielmente recriado e as culturas fielmente retratadas aos turistas que assim o desejam, permitindo que a sociedade visitada se insira na sociedade globalizada. Ao mesmo tempo, os turistas passaram a ser importantes do ponto de vista da arrecadação, provocando um ciclo de melhoria dos museus que reverte em benefícios para a própria sociedade local e a expectativa de visitaçao turística têm estimulado o investimento privado na criação e revitalização de museus
Palavras-chave	Turismo, Cultura, Museus, Autenticidade.
Disciplina	Educação
Localização	<a href="http://seer.unirio.br/index.php/itinerarium/article/view/135">http://seer.unirio.br/index.php/itinerarium/article/view/135</a>
Observações	

Nº124	190
Referência	Ramos, LG 2014, 'Mergulho no MAR: um estudo reportagem sobre o Museu de Arte do Rio: a relevância sociocultural de um museu temático da cidade do Rio de Janeiro',, pantheon.ufrj.br
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	O presente projeto, realizado em formato de estudo-reportagem, sem pretensões teóricas, tem como objetivo documentar, por meio de pesquisas, observação presencial, comparações e entrevistas, um novo espaço museal no âmbito cultural carioca: o Museu de Arte do Rio, MAR. Com o aporte de imagens e descrição do objeto, a finalidade é evidenciar as modificações, tanto positivas quanto negativas, que o

	espaço museológico oferece em seu ambiente local. Para fins de contextualização, é apresentada uma breve concepção de museus na sociedade moderna e contemporânea, culminando na criação do Museu de Arte do Rio. Sendo assim, este trabalho busca analisar o MAR a partir de variados pontos de vista, desde sua gestão interna até a imagem em processo de consolidação na mídia brasileira. Visa, por fim, pensar uma análise crítica e construtiva que possa guiar novos projetos culturais e museológicos com a intenção de contribuir para a sociedade carioca de maneira homogênea e plural em todas as classes sociais.
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	Jornalismo
Localização	<a href="https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4390">https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4390</a>
Observações	

Nº125	191
Referência	Leme, FBP 2017, 'O cotidiano da Favela Nova Holanda como reflexão para um projeto plural de cidade', maxwell.vrac.puc-rio.br
Tipologia documental	Dissertação de Mestrado
Resumo	A pesquisa tem o objetivo de apresentar diferentes representações sobre o espaço comum do Rio de Janeiro, discutindo, assim, a importância de uma visão plural sobre a cidade. Para apontar tal questão, parte-se de representações da Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, construídas pelo olhar de três moradores através de fotografias sobre o cotidiano local. Ao intercalar o conteúdo de tais imagens, de entrevistas com os fotógrafos e do pensamento teórico de autores como Henri Lefebvre, entre outros, propõe-se discutir formas de se "fazer"/pensar o espaço urbano carioca distintas da proposta pela lógica hegemônica, responsável pela construção do Rio de Janeiro como palco de megaeventos, no período entre 2009 e 2016. A lógica de construção da cidade como mercadoria (própria do período em questão) contribuiu para a segregação e controle dos espaços que não se inseriam na concepção do que era desejado para a imagem da "Cidade Maravilhosa". Ao contrário da homogeneidade que se pretende impor, a diversidade é inerente ao espaço urbano. A partir de tal cenário, o projeto procura debater a importância das intervenções e vivências cotidianas existentes na escala das ruas para a construção de outras visões/projetos de cidade, mais inclusivos e plurais. Partindo do entendimento de que representações construídas sobre o espaço teriam tanta importância em sua produção quanto as relações sociais em si, pretende-se expor dinâmicas do espaço e os olhares distintos sobre o cotidiano vivido na cidade a partir da visão de quem o habita.
Palavras-chave	Favela Nova Holanda; Direito à cidade; representação; cotidiano; fotografia
Disciplina	Arquitetura
Localização	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33875/33875.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33875/33875.PDF</a>
Observações	

Nº126	192
Referência	Rodrigues, FSF 2013, 'PENSANDO O GRAFFITI COMO ATRATIVO TURÍSTICO: O OLHAR

	DO GRAFITEIRO EO CASO DO CIRCUITO CASAS-TELA EM PAVÃO, PAVÃOZINHO E ...', <i>Itinerarium</i> ,, seer.unirio.br
Tipologia documental	Artigo
Resumo	O presente estudo buscou investigar as relações entre <i>graffiti</i> e turismo, demonstrando que esta manifestação urbana é um potencial atrativo turístico. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre a história do <i>graffiti</i> , entrevistas com grafiteiros e um estudo de caso nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro no ano de 2011. A prática do <i>graffiti</i> foi descriminalizada no Brasil no ano de 2011 através da Lei nº 12.408. Esta lei é um estímulo à prática, o que possibilita ainda mais as ações de grafiteiros. O <i>graffiti</i> muitas vezes revitaliza locais abandonados, tornando-os mais agradáveis e percebe-se uma maior aceitação da população em geral. Ele vem entrando nas galerias de arte e museus e adquirindo patamar de arte, é uma arte atual, uma arte democrática, pois mesmo entrando nesses locais, sua origem é a rua. O <i>graffiti</i> já vem sendo incorporado a roteiros turísticos e isso é demonstrado em alguns casos, em especial no estudo de caso desta pesquisa, as Casas-Tela das favelas supracitadas. Se entendido como arte, o <i>graffiti</i> pode se adequar no segmento do Turismo Cultural.
Palavras-chave	Turismo Cultural; <i>Graffiti</i> ; Casas-Tela.
Disciplina	Turismo
Localização	<a href="http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium/article/view/3332/2814">http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium/article/view/3332/2814</a>
Observações	

Nº127	193
Referência	Delambre, D 2015, 'A declaração minom rio 2013–tratado “sustentável” e “provocativo” no início do século XXI', Edições Universitárias Lusófonas
Tipologia documental	Artigo
Resumo	Este artigo dialoga com alguns aspectos da <i>Declaração MINOM Rio 2013</i> . O Texto mostra a importância dessa <i>Declaração</i> no contexto do início do século XXI. A proposta prática do documento possibilita sua utilização em outras áreas do conhecimento e outros segmentos da sociedade. Por isso, o artigo aborda duas virtudes da <i>Declaração</i> : o questionamento das hierarquias estabelecidas e a presença de uma hermenêutica da transdisciplinaridade. Por fim, o artigo conclui com a pergunta sobre a sobrevivência desses novos movimentos comunitários. Por isso, propõe a metodologia dos <i>Negócios Sócio-Sustentáveis WTS</i> .
Palavras-chave	Declaração MINOM Rio 2013, Hierarquias, Transdisciplinaridade e Negócios Sócio-Sustentáveis WTS
Disciplina	Museologia
Localização	<a href="https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5227">https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5227</a>
Observações	

Nº	194
Referência	Bina, ED 'INVESTIMENTO FINANCEIRO EM MUSEUS: EXPERIÊNCIA BRASILEIRA', <i>icom-</i>

	<i>portugal.org,</i>
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº128	195
Referência	Queiroz, ALR 2017, 'Memória no Complexo da Maré-RJ: o Museu da Maré eo Arquivo Dona Orosina Vieira', Niterói
Tipologia documental	TCC de Graduação
Resumo	O presente trabalho objetiva discutir a função social do arquivo no que tange a memória sobre as favelas do Rio de Janeiro. Nesta perspectiva, investigou-se iniciativas de memória no Complexo da Maré, localizado na Zona Norte da cidade. Para tanto, desenvolveu-se estudo de caso do Arquivo Dona Orosina Vieira, em funcionamento no Museu da Maré. Como aporte teórico-metodológico, recorreu-se a revisão bibliográfica de autores da Arquivologia e de áreas correlatas e à pesquisa de campo, para entender o contexto de criação do Arquivo Dona Orosina Vieira e suas práticas enquanto iniciativa autônoma. Este estudo de caso incluiu entrevista com o pioneiro da iniciativa e com a arquivista do Arquivo Dona Orosina Vieira
Palavras-chave	Arquivo. Memória. Complexo da Maré. Museu da Maré. Arquivo Dona Orosina Vieira
Disciplina	Ciência da Informação
Localização	<a href="https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2716/1/QUEIROZ%2c%20Ana.pdf">https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2716/1/QUEIROZ%2c%20Ana.pdf</a>
Observações	

Nº129	196
Referência	Henriques, R, & Dodebei, V 2011, 'Os museus e os novos patrimônios', <i>Anais do,</i> , eeh2010.anpuh-rs.org.br
Tipologia documental	Comunicação, apresentação, paper (Anais de Evento)
Resumo	Não contém
Palavras-chave	Não contém
Disciplina	História
Localização	<a href="http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/14/1308051879_ARQUIVO_anpuh_rosali_vera_revisado.pdf">http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/14/1308051879_ARQUIVO_anpuh_rosali_vera_revisado.pdf</a>
Observa-	"No presente artigo discutimos a evolução do conceito de patrimônio, a patrimoniali-

ções	zação dos objetos através de processos museológicos e a configuração dos novos patrimônios dos museus. Nosso objetivo é traçar um histórico sobre a patrimonialização e a musealização do patrimônio, abordando alguns autores que trabalharam o tema. Em seguida, discutiremos como a evolução da tecnologia trouxe um novo desafio para as instituições museais: a preservação do patrimônio digital. Questões como digitalização e virtualização são abordadas no âmbito da preservação dos bens culturais, com menor ênfase à passagem dos patrimônios para o ambiente virtual e maior preocupação com as questões relativas à seleção no mundo virtual os objetos a serem patrimonializados.” <sup>1</sup>
------	---

Nº130	197
Referência	Vásquez, GE, & Andrade, RGN 2016, 'Aventureiros: proposta alternativa de educação para a cidadania com crianças de uma favela carioca', <i>Comunicación</i> , dialnet.unirioja.es
Tipologia documental	Artigo
Resumo	<i>Aventureiros</i> foi um programa de educação para a cidadania desenvolvido com crianças da favela da Mangueira, no Rio de Janeiro, a partir da adaptação do ECRO (Esquema Conceitual, Referencial e Operativo) criado por Enrique Pichon-Rivière. O texto aborda o arcabouço teórico do programa e as estratégias comunicacionais de educação experiencial que o configuraram como uma pesquisa-ação participativa (PAR), executada no quadro do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Palavras-chave	Cidadania, Pesquisa- Ação Participativa (PAP), ECRO, Educação Experiencial, Comunicação.
Disciplina	Comunicação e Psicologia
Localização	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5802728">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5802728</a>
Observações	“No presente artigo propomo-nos abordar o embasamento teórico, a estruturação metodológica (especificamente o seu viés comunicacional) e os resultados de um programa de educação para a cidadania com crianças de uma favela do Rio de Janeiro, no quadro da pesquisa de mestrado em Psicologia Social do comunicador colombiano Georgie Echeverri, sob a supervisão da Dra. Regina Glória Nunes Andrade, professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenadora do grupo CNPq de Pesquisas Participativas em Comunidades. O programa, denominado <i>Aventureiros</i> , estruturou-se a partir do enfoque da pesquisa-ação participativa (isto é, a possibilidade do pesquisador se envolver ativamente com os participantes na abordagem e resolução de um problema cotidiano) e se realizou no Centro Cultural Cartola, hoje Museu do Samba (Zona Norte do Rio de Janeiro), no período compreendido entre maio de 2014 e novembro de 2015.” <sup>46</sup>

Nº131	198
Referência	Motta, E 2019, 'Resistência aos números: a favela como realidade (in) quantificável', <i>Mana</i> , SciELO Brasil



Tipologia documental	Artigo
Resumo	Os grandes números, as estatísticas estatais, são produzidos ao longo de uma extensa cadeia de transformações na qual se criam entidades de um tipo particular: as realidades estatísticas. O texto analisa uma realidade específica, a <i>favela</i> , a partir de diferentes resistências à sua quantificação. Mostro que estas não interditam a produção dos números, mas, pelo contrário, são mobilizadoras, participando da criação do acordo necessário para que se produzam entidades consideradas reais. Também demonstro, no caso das favelas, a relação entre os dois sentidos da normalidade em jogo nas estatísticas: aquilo que é recorrente e o que é desejável e saudável.
Palavras-chave	Censo; Estatística; Quantificação; Casa; Aglomerado subnormal; Favela
Disciplina	Antropologia
Localização	<a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132019000100072&amp;script=sci_arttext">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132019000100072&amp;script=sci_arttext</a>
Observações	

Nº	199
Referência	Ferreira, VA, & Magalhães, R 2006, 'O corpo cúmplice da vida: considerações a partir dos depoimentos de mulheres obesas de uma favela carioca', <i>Ciência &amp; Saúde Coletiva</i> , SciELO Public Health
Tipologia documental	
Resumo	
Palavras-chave	
Disciplina	
Localização	
Observações	

Nº132	200
Referência	Machado, M 2018, 'A teoria da antropologia digital para as humanidades digitais', <i>Revista Z Cultural. UFRJ</i> , academia.edu
Tipologia documental	
Resumo	Este artigo visa discutir o conceito de antropologia digital na tradição inglesa com ênfase no diálogo com a noção de humanidades digitais. As proposições conceituais da antropologia para a cultura digital investem no vínculo entre as relações socioculturais e os usos de plataformas, dispositivos midiáticos e aplicativos digitais contemporâneos (Miller, 2011; Miller & Horst, 2012; Miller & Sinanan, 2014; Costa, 2016; Machado, 2017; Venkatraman, 2017). A base dos estudos é a de compreender as sociabilidades digitais como fenômenos tão autênticos como os demais campos de mediação anteriores, a exemplo da comunicação face a face. Cabe ainda enfatizar os princípios da dialética nos usos sociais da tecnologia, revelando as tensões entre o local e o global, os universalismos e particularismos, as contradições entre os efeitos

	positivos e negativos nos usos sociais da tecnologia na vida social dos grupos culturais. Cabe ainda reetir sobre a noção de theory of attainment, compreendendo como certas experiências culturais precedentes tendem a inuenciar no modo como as culturas atuam na apropriação e produção de sentido de dispositivos tecnológicos contemporâneos ainda que usos criativos se instituem
Palavras-chave	Antropologia digital, Humanidades digitais, mediações e cultura digital.
Disciplina	Antropologia e Comunicação
Localização	<a href="http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-teoria-da-antropologia-digital-para-as-humanidades-digita">http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-teoria-da-antropologia-digital-para-as-humanidades-digita</a> <a href="#">is/</a>
Observações	